PROJETO

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA SAÚDE
PÚBLICA NO BRASIL:
A TRAJETÓRIA DE SÉRGIO AROUCA

Relatório de Atividades
Sérgio Arouca
1976 - 1988

Rio de Janeiro, setembro de 2005

Projeto: PRODOC 914 BRA 2000 – UNESCO

PROJETO
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL:
A TRAJETÓRIA DE SÉRGIO AROUCA

Coordenação:

PPGMS - Programa de Pós-Graduação em Memória Social - UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Financiamento:

DECIT – Departamento de Ciência e Tecnologia – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Ministério da Saúde

Projeto:

PRODOC 914 BRA 2000 – UNESCO

Instituição Signatária:

FIOTEC – Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde

Apoio:

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

Coordenadores:

Profa Dra Regina Abreu (UNIRIO)

Prof. Dr. Guilherme Franco Netto (Ministério da Saúde)

Consultores:

Profª Drª Anamaria Testa Tambellini (UFRJ)

Dr. Ary de Carvalho Miranda (FIOCRUZ)

Pesquisadores:

Helena Rego Monteiro

Fabrcio Pereira da Silva

Fotografia de Cena:

Helena Rego Monteiro

Fotografia de Vídeo:

Pedro Sol de Abreu Nunes

Edição do Vídeo:

Daniel Bona

Pedro Sol de Abreu Nunes

Estagiários:

Carlos Augusto Ferreira Figueira

Marta Joyce dos Anjos Ferreira

Este relatório foi produzido no contexto da cooperação UNESCO/DECIT-MS, Projeto 914BRA2000 Decit PRODOC. As opiniões aqui expressas são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a visão da UNESCO sobre o assunto.

Sumário

Apresentação.....	4
A longa transição para a democracia (1974-1989).....	6
Arouca (1976-1988): concretização da utopia nos limites do real.....	20
Perfis dos Entrevistados.....	41
Transcrição das Entrevistas	
Entrevista Coletiva na casa de Anamaria Testa Tambellini.....	44
Alberto Pellegrini Filho.....	54
Sérgio Góes.....	57
Maria do Carmo Leal.....	58
Maria Luiza Testa Tambellini.....	60
Elizabeth Moreira dos Santos.....	62
Maria Élide Bortoletto.....	64
Marília Bernardes Marques.....	65
José Gomes Temporão.....	70
Sarah Escorel.....	81
Sônia Fleury.....	99
Luís Fernando Ferreira.....	114
Carlos Morel.....	120
Célia Almeida.....	134
Mário Hamilton.....	147
Rivaldo Venâncio da Cunha (Sergipe).....	159
Luiz Antônio Santini.....	177
Paulo Gadelha.....	192
Francisco Campos.....	206
Nelson Rodrigues.....	217
Arlindo Fábio Gómez de Sousa e Christina Tavares.....	227
Reinaldo Guimarães.....	243
Ary Carvalho de Miranda.....	252
Sebastião Loureiro.....	268
Paulo Marchiori Buss.....	272
Cronologia de Sérgio Arouca.....	273

Apresentação

Este relatório contém todo o material produzido pela equipe do Projeto Memória Sérgio Arouca sobre a trajetória de Sérgio Arouca durante o período de 1976 a 1988. Traz, inicialmente, um texto dividido em dois tópicos: a primeira parte trata dos aspectos políticos e sociais que norteavam a vida brasileira naquele período (“Brasil, 1974-1989: da distensão à redemocratização”), e a segunda trata do PCB (“PCB: a grande crise, 1974-1989”). Traz ainda outro texto sobre a trajetória de Arouca (“Arouca, 1976-1988: concretização da utopia nos limites do real”). O relatório segue com uma lista com os perfis dos entrevistados que têm relação com esse período da trajetória de Arouca, seguida das transcrições das referidas entrevistas. Por fim, segue em anexo uma cronologia da trajetória de Sérgio Arouca.

Textos sobre a trajetória de Sérgio Arouca (1976-1988)

A seguir, apresentamos dois textos sobre o período de 1976 a 1988. O primeiro está dividido em dois tópicos: a primeira parte trata dos aspectos políticos e sociais que norteavam a vida brasileira (“Brasil, 1974-1989: da distensão à redemocratização”), e a segunda do PCB (“PCB: a grande crise, 1974-1989”). O segundo texto apresenta a trajetória de Arouca no período (“Arouca, 1976-1988: concretização da utopia nos limites do real”).

A longa transição para a democracia (1974-1989)

Brasil (1974-1989): da distensão à redemocratização

Depois de anos de “cerrada” repressão, a segunda metade dos anos 1970 pareceu finalmente prometer dias melhores aos democratas. Já em 1974, ao iniciar seu governo, Ernesto Geisel (o novo ditador) afirmou que a “abertura” ocorreria, mas de forma “lenta, gradual e segura”. Parecia haver de fato um interesse de mudanças por parte do grupo no poder, mas certamente a “abertura” projetada por eles não era a mesma que andava pelas cabeças e pelas bocas dos opositores de todo o tipo – militantes partidários, sindicais, comunitários, religiosos, de movimentos de minorias políticas, entre outros. Alguns destes movimentos e partidos atravessaram toda a ditadura organizados – mesmo que de forma residual. Outros, apenas naquele momento de leve distensão iniciaram sua reconstrução – mas nunca da mesma maneira que no pré-1964 (já que as condições haviam se modificado profundamente).

O “projeto” do regime era de uma “abertura” pelo alto, motivada em boa parte pela consciência das transformações na sociedade brasileira e na conjuntura internacional (a crise econômica mundial e as pressões protagonizadas pelo Governo de Jimmy Carter nos EUA), e da necessidade de autopreservação. Tratava-se praticamente de uma institucionalização do regime:

Os regimes ditatoriais modernizadores e não fascistas – de que são exemplos “clássicos”, entre outros, o Brasil pós-64 e a Espanha franquista em seu segundo período – apresentam uma contradição fundamental: desencadeiam forças que, a médio prazo, não podem mais controlar, ou, em palavras mais precisas, desenvolvem os pressupostos de uma sociedade civil que, progressivamente, escapa à sua tutela.¹

Na sociedade civil circulavam os mais diversos projetos de redemocratização, muitos deles próximos aos interesses do regime. Alguns, no entanto, buscavam uma radicalização do processo, e estes de uma forma ou de outra se fizeram ouvir no longo e tortuoso caminho da redemocratização. A Abertura de fato ocorreria, mas não exatamente da maneira proposta pela ditadura. Há que se diferenciar o *projeto* de

¹ COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 1992, pág. 50.

“abertura” do *processo* que acabaria se dando. A Abertura foi “resultante de um duplo processo: de um lado, conflitos internos ao regime e, de outro, a pressão da sociedade civil.”² Havia no interior da ditadura diversos grupos interessados na radicalização da ditadura. Convencionou-se chamar a esses de “duros”. Hoje sabemos que a distinção muito usada entre “moderados” e “duros” muitas vezes encobre uma real compreensão da dinâmica interna do regime. Em muitos momentos essa clivagem não era clara, se modificando caso a caso: o “moderado” de ontem era o “duro” de amanhã, bem como muitos eram “duros” para algumas questões, e “moderados” para outras. O fato é que “a clássica divisão entre linha dura e moderados não dá conta da diversidade de clivagens que configuravam os diversos grupos militares.”³ Porém, no período analisado, houve o interesse de muitos integrantes do regime em liberalizá-lo, e para isso necessitavam desmontar o aparato repressivo. Nesse movimento, configurou-se de fato uma divisão no seio do regime⁴. O desejo de “abertura” por parte do regime era para valer:

*O projeto de abertura, assim elaborado, deveria claramente comportar garantias básicas para o regime: evitar o retorno de pessoas, instituições e partidos anteriores a 1964; proceder-se em um longo tempo – seu caráter lento –, de mais ou menos dez anos, o que implicaria a escolha ainda segura do sucessor do próprio Geisel e a incorporação a uma nova constituição – que não deveria de maneira alguma ser fruto de uma constituinte – das chamadas salvaguardas do regime, as medidas necessárias para manter no futuro uma determinada ordem, sem o recurso à quebra da constitucionalidade (...) o projeto de abertura representava uma volta ao Estado de Direito, a reconstitucionalização do regime, mas não exatamente a redemocratização do país.*⁵

Cada vez mais as oposições utilizavam-se dos espaços que o regime oferecia. O partido de oposição consentido pelo regime, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), progressivamente ganhava um real conteúdo oposicionista, enquanto crescia

² ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada – as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000, pág. 118.

³ FICO, Carlos. *Além do golpe*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pág. 81.

⁴ Que teve um momento decisivo na demissão do general Ednardo D’Ávila, comandante do II Exército, pelas mortes do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho (ambos militantes do PCB), em 1976.

⁵ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano – vol. 4, o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, págs. 262-263.

eleitoralmente – sempre com o importante apoio dos pecebistas (vários deputados eleitos pelo MDB tinham algum tipo de ligação com o PCB⁶). As eleições de 1974, e especialmente de 1978, foram marcos do avanço oposicionista. A votação contrária ao regime (simbolizado na Aliança Renovadora Nacional – ARENA) se deveu em parte à desaceleração do “milagre econômico” – em pouco tempo ele se reverteria em recessão profunda. Mas houve também um real aumento da consciência acerca da validade da luta democrática, nas brechas existentes – em detrimento da luta armada desmantelada pela ditadura. Assim, levantavam-se outras bandeiras de luta, como a da anistia dos presos e exilados políticos. Ao mesmo tempo, surgiram os primeiros sinais de vida nos movimentos sindical e estudantil desde 1968. Por sua vez, o Governo Geisel, calcado num projeto nacionalista autoritário (que, além de levar adiante uma política externa relativamente independente, investiu significativamente na pesquisa tecnológica), oscilou no campo político até o fim entre movimentos de distensão e iniciativas repressivas – mas ao fim entregou ao seu sucessor em 1979, João Figueiredo, um país um pouco mais próximo da democratização (talvez mais do que ambos gostariam).

A virada dos anos 1970 para os 1980 trouxe novos ares. A oposição vinha de uma expressiva vitória nas eleições parlamentares de novembro de 1978. O Movimento pela Anistia avançava, ganhando as ruas. O movimento mostrou sua face com grande vigor. O AI-5 expirou no último dia de 1978, por decisão do próprio governo. “Assim, com o ano novo, em 1979 o país reingressou no Estado de direito – ainda precário porque apoiado em uma Constituição imposta, a de 1967, em uma emenda constitucional espúria, arrancada, sob ameaça, em 1969, e em toda uma constelação de leis e decretos que formavam, como se chamou desde então, um verdadeiro *entulho autoritário*.”⁷ Não se pode dizer que a ditadura estivesse encerrada naquele momento, mas ela certamente se veria limitada a partir de então. No entanto, o regime seguiria tomando iniciativas que visassem manter a transição sob seu controle, como a reforma partidária que extinguiu o bipartidarismo em 1979. Ela visivelmente visou a divisão das oposições, unificadas artificialmente no MDB, enquanto os governistas permaneciam unidos, agora no Partido Democrático Social (PDS, sucessor da ARENA). Mas nos anos seguintes, o agora PMDB seguiu como eixo central da oposição, frustrando em parte os planos da ditadura.

⁶ Como Modesto da Silveira, Roberto Freire, Fernando Sant’ana, Marcelo Cerqueira e outros. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes et al. (orgs.), *Vozes da oposição*, Rio de Janeiro: Grafiline, 2001.

⁷ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, pág. 69.

No campo social, esse período foi marcado pela retomada em novas bases das lutas sindicais, especialmente dos setores industriais do ABC paulista, onde emergiu a liderança de Luís Inácio da Silva, o “Lula”. A nova geração progressista do sindicalismo ficaria conhecida como “novo sindicalismo”, “supostamente caracterizado por práticas que indicariam sua novidade na recente história sindical brasileira”⁸, tais como:

*origem e centro no setor moderno da economia, autonomia diante dos partidos e do Estado, organização voltada à base e ímpeto reivindicativo direcionado para o interesse dos trabalhadores. Mais do que representar uma etapa do processo organizativo e de luta dos trabalhadores em nosso país, este sindicalismo seria uma ruptura com as práticas estabelecidas no passado. Não um passado genérico, mas principalmente aquele do período 1945-1964.*⁹

Em princípios dos anos 1980, acabaram se configurando

dois blocos (...). De um lado, os chamados sindicalistas “autênticos”, reunidos em torno dos sindicalistas metalúrgicos do ABC, agregando sindicalistas de diversas categorias e partes do país, os quais, com os grupos integrantes das chamadas Oposições Sindicais¹⁰, compunham o autodenominado bloco “combativo”. (...) De outro, a Unidade Sindical, que agrupava lideranças tradicionais no interior do movimento sindical (muitas delas vinculadas ao setor conservador do sindicalismo, denominado “pelego”¹¹), e os militantes de setores da esquerda dita “tradicional”, tais como o PCB, o PC do B e o MR-8. Estes dois blocos seriam as bases de sustentação dos organismos intersindicais de cúpula que seriam criados ao longo do processo¹².

⁸ SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit., pág. 289.

⁹ Ibid., nota 9, pág. 309.

¹⁰ Organizadas por militantes (em geral oriundos da “esquerda revolucionária” e dos setores progressistas da Igreja Católica) contrárias à estrutura sindical oficial. Atuavam basicamente a partir das comissões de fábrica.

¹¹ Sindicalistas que dominaram o movimento sindical em seus anos de refluxo. Vale lembrar que a maioria dos militantes do “novo sindicalismo” iniciou suas carreiras em direções sindicais comandadas por essas lideranças.

¹² SANTANA, Marco Aurélio. Op. cit., pág. 290.

O primeiro bloco acabaria levando adiante a idéia de formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), concretizada em 1983; o segundo, julgando que ainda era cedo para a formação da central única intersindical, a princípio manteve organizada a Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat), acenando ainda com a possibilidade de unificação dos dois setores, para somente em 1986 fundar a Central Geral dos Trabalhadores (CGT). Os dois blocos se afastavam em boa parte pela maneira como concebiam o combate à ditadura e a transição democrática. Os “combativos” defendiam a organização dos trabalhadores e a defesa de suas demandas como o *centro* da luta pela superação da ditadura (basicamente as posições petistas). Já a *Unidade Sindical* buscava

*evitar enfrentamentos diretos com o regime, conquistar o apoio de amplos setores da sociedade, trabalhando firmemente no sentido de enfraquecer o regime militar e garantir a continuidade do processo de transição, ainda que isto pudesse significar uma certa redução do ímpeto dos movimentos reivindicativos dos trabalhadores [basicamente as posições pecebistas traduzidas no lema “lutar para negociar, negociar para mudar”] (...) o bloco combativo considerava a estratégia da Unidade Sindical como negociata, conciliadora e reformista. A Unidade Sindical, por sua vez, avaliava a estratégia do outro setor como sendo esquerdista e desestabilizadora.*¹³

Outra novidade da política brasileira naquele período seria o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT), fundado em 1980 – que viveria desde então “às turras” com o PCB. Fruto de um original encontro entre o “novo sindicalismo”, setores progressistas da Igreja Católica (integrantes das comunidades eclesiais de base – CEB’s), grupos oriundos da “esquerda revolucionária” e dos movimentos sociais, o PT adquiriu desde o princípio um caráter frentista e uma forma peculiar de compreender sua própria origem e destinação: “um partido que nasce da consciência que os trabalhadores conquistaram após muitas décadas de servirem de massa de manobra dos políticos da burguesia e de terem ouvido cantilenas de pretensos partidos de vanguarda da classe operária.”¹⁴ Um partido que se via como original, o primeiro oriundo da classe

¹³ Ibid., pág. 291.

¹⁴ “Discurso de Luiz Inácio Lula da Silva na 1ª Convenção Nacional do Partido dos Trabalhadores”. In: *Partido dos Trabalhadores – resoluções de encontros e congressos (1979-1998)*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, pág. 107.

operária, portanto afeito a interferências externas e alianças, que pretendia desenvolver sua *teoria* e encontrar seu caminho “no dia-a-dia”, na medida das necessidades práticas.

Nos anos 1980, a força da sociedade civil visivelmente suplantou o “projeto” de institucionalização do regime e mesmo o processo de Abertura vivenciado até então, impondo-lhe uma mudança *substantiva*: a partir de então a *redemocratização* estaria na ordem-do-dia. O regime perdeu o controle do processo, que passou a ser dividido (e disputado) entre as elites econômicas e políticas de um lado, e as forças populares e suas organizações políticas de outro. A correlação entre essas forças determinaria a profundidade da democracia a ser construída, o caráter do regime que substituiria a ditadura à deriva¹⁵. Continuavam a circular as mais diversas concepções acerca da democracia, mas logo surgiu um fator que unificou os setores populares. Uma campanha de massas como nunca se viu, centrada em uma singela exigência (que simbolizava todos os anseios reprimidos ao longo dos últimos anos): o voto direto para presidente já a partir da sucessão do Governo Figueiredo – que terminaria em 1985. A campanha das *Diretas Já* simbolizou o ápice da iniciativa da sociedade civil, “representava um rompimento radical com a *abertura limitada e pactuada* que o regime vinha implantando e levaria, através da eleição de um presidente pelo voto direto, com uma Constituinte, a uma ruptura constitucional extremamente desfavorável para as forças que implantaram a ditadura militar no país.”¹⁶

Em fevereiro de 1983 iniciou-se a campanha, realizada em apoio à emenda constitucional apresentada ao Congresso Nacional pelo deputado federal Dante de Oliveira (PMDB). Logo a direção nacional do PMDB, capitaneada por Ulisses Guimarães, lançou uma campanha nacional, baseada em comícios cada vez maiores pelas mais importantes cidades do país – comícios que logo receberam crescente apoio da sociedade civil organizada (de sindicatos, movimentos de minorias políticas, associações de moradores, igrejas), além da incisiva participação de outros partidos, como o PT. No final de 1983 e início de 1984 se assistiu às maiores manifestações populares do país até então, culminando nos comícios do Rio de Janeiro (10 de abril de 1984, 500 mil pessoas) e de São Paulo (16 de abril de 1984, 1 milhão de pessoas). Mas apesar do apoio popular, a emenda ficou a 22 votos da aprovação, em 25 de abril de

¹⁵ Isso não significa que o governo não influísse mais naquele processo. Além do poder de atração exercido por qualquer governo, vale lembrar que tratava-se ainda de um *regime de exceção* – algo afirmado através de “decretos-lei” e “estados de emergência” até seus últimos dias.

¹⁶ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op. cit., pág. 273.

1984. A partir dali a mobilização popular refluíu, e o caminho se abriu para a negociação a “portas fechadas”.

A iniciativa passou rapidamente das ruas para os gabinetes. No refluxo do movimento pelas diretas, organizou-se uma frente política visando superar o regime dentro das regras impostas por ele, ou seja, elegendo através do voto indireto no Colégio Eleitoral um candidato ligado às forças democráticas. Formou-se a Aliança Democrática entre o PMDB e a dissidência do PDS (Frente Liberal, que mais tarde formou o PFL), em torno da candidatura de Tancredo Neves (tradicional político moderado do PMDB, então governador de Minas Gerais) para presidente e José Sarney (senador maranhense recém-saído do PDS) para vice-presidente. Era a tradução da “transição pactuada”:

[o cientista político] Guillermo O’Donnell distingue (...) duas formas clássicas de transição: uma, rápida, com forte ruptura com o autoritarismo vigente, denominada transição por colapso; outra, lenta e gradual, segura para as forças até então no poder, fruto de acordo entre os setores conservadores no poder e as forças moderadas na oposição. Este seria denominado transição pactuada. O primeiro tipo ocorreu na Grécia, Argentina e Bolívia. O segundo tipo (...) deu-se na Espanha, Chile e Brasil.¹⁷

A chapa Tancredo-Sarney (que contava com o apoio do PCB) saiu vitoriosa da eleição indireta de 15 de janeiro de 1985, derrotando o candidato do PDS Paulo Maluf e inaugurando o período que passou a ser conhecido – por vontade especialmente de seus artífices – como “Nova República”. Para se fazer justiça à mobilização popular pela eleição direta para presidente, deve-se salientar que, “embora derrotado em seus propósitos imediatos, o extraordinário movimento pelas diretas-já foi fator decisivo na vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, impedindo assim a projetada reprodução do regime através de um governo semicivil.”¹⁸ No entanto, uma dessas fatalidades que também interferem nos rumos da História impediria a posse de Tancredo, que deveria ocorrer em 15 de março do mesmo ano, por motivos de saúde – vindo a falecer em 21 de abril. Assim, Sarney assumiu em seu lugar, mantendo o ministério escolhido por Tancredo e prometendo prosseguir com a redemocratização política, o que de fato ocorreu. Ainda em 1985, terminou a censura aos órgãos de

¹⁷ LINZ, Juan e STEPAN, Alfred. *A transição e a consolidação da democracia*. Petrópolis: Paz e Terra, 1999, pág. 115 e segs.

¹⁸ COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e socialismo*, op. cit., pág. 52.

imprensa e às manifestações artísticas, e foram legalizados os dois partidos comunistas – PCB e PC do B.

O Governo Sarney foi marcado pelo avanço da redemocratização política, mas também pela reiterada (e tradicional) imposição de limites a quaisquer anseios de democratização social – além dos sucessivos fracassos no campo econômico. Em 1986, elegeu-se a tão ansiada Constituinte, mas com caráter apenas de Congresso Constituinte. Porém, a nova Carta (promulgada em 1988), apesar dessa limitação, foi sem dúvida a mais democrática já produzida no Brasil. Por fim, ocorreu em 1989 a primeira eleição direta para presidente da República desde 1960 – considerada aqui o marco final da redemocratização.

A transição democrática chegou ao final confirmando sua dimensão conservadora. Pode-se recorrer aqui a Carlos Nelson Coutinho, que apontou a redemocratização brasileira como uma “transição fraca”. Havia um “risco contido nessa forma de transição relativamente ‘negociada’. Nela se verifica sempre (...) a combinação de processos ‘pelo alto’ e de processos provenientes ‘de baixo’; e, decerto, é o predomínio de uns ou de outros o que determina o resultado final”¹⁹. Como naquela transição predominaram as forças do “alto”, ela “implicava certamente uma ruptura com a ditadura implantada em 1964, mas não com os traços autoritários e excludentes que caracterizam aquele modo tradicional de se fazer política no Brasil”²⁰.

O governo de transição de Sarney, se não podia ser classificado como continuador do regime anterior (já que de fato fez avançar a institucionalidade democrática, cooperando para a consolidação de um Estado de direito democrático),

*esteve repleto desses elementos arcaicos (...): reforçou o presidencialismo imperial, manteve a tutela militar, recorreu abertamente ao populismo na época do Plano Cruzado, valeu-se amplamente do clientelismo, humilhou os partidos, buscou criminalizar a oposição popular (...), tudo fez para esvaziar a Constituinte (...), não promoveu nenhuma alteração substantiva no bloco das classes no poder, conservando intocado o peso político do latifúndio e do grande capital, sobretudo do capital bancário.*²¹

¹⁹ Id.

²⁰ Ibid., pág. 53.

²¹ Ibid., pág. 54.

A consolidação da alternativa conservadora se deu com a vitória nas eleições de 1989 de Fernando Collor – que simbolizou para milhões de eleitores equivocadamente o “novo”, o jovem pretensamente “caçador de marajás” e divorciado da “velha classe política”. Collor seduzia eleitores frustrados com a “Nova República” e decepcionados com a “classe política”, ao mesmo tempo em que era legítimo representante exatamente das forças conservadoras envolvidas com aquele estado de coisas. A vitória de Collor sobre Lula (então a única opção progressista viável) simbolizou a derrota naquele momento de uma alternativa democrática de massas ao regime conservador.

PCB: a grande crise (1974-1989)

No período entre 1974 e 1989, o PCB perdeu definitivamente seu papel hegemônico no campo das esquerdas para uma nova agremiação (o PT) e assistiu à erosão de suas bases sindicais. São os anos da “grande crise” do PCB, que praticamente acabaram com o partido. Os anos 1970 foram especialmente difíceis para o PCB. Se antes o partido sofreu uma verdadeira “sangria” de seus quadros para as organizações da “esquerda armada”, a partir de 1974 se tornou (desmanteladas aquelas organizações) o alvo preferencial do aparelho repressivo. O princípio do complexo processo de Abertura, a partir do Governo Geisel, coincide com um aumento da perseguição aos pecebistas (parecendo interessar ao regime o enfraquecimento do partido para a garantia de um maior controle sobre a pretendida distensão). No momento em que o movimento oposicionista deu mostras de que poderia enfrentar a ditadura através de meios legais (nas eleições legislativas de 1974), o PCB

foi fortemente golpeado. Nove membros do Comitê Central foram assassinados pelos órgãos policiais. Uma parte da direção foi para o exterior e o jornal oficial Voz Operária passou a ser editado fora do Brasil. Mas, a despeito das investidas da ditadura contra o PCB, os pecebistas, coerentes com a linha definida pelo VI Congresso, insistiam na manutenção da Frente Democrática para derrotar o regime e, através do caminho institucional legal, restabelecer a ordem democrática no país²².

²² PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, pág. 210.

Apesar de todas as dificuldades, muitos pecebistas acreditavam que este era seu principal trunfo. Já outros não pensavam dessa forma, e a diversidade de concepções ficaria clara no exílio, tornando-se pública e irreversível na volta dos exilados com a Anistia.

O fim do AI-5 e a decretação da Anistia em 1979 abriram novos espaços para a atuação do PCB e permitiram a volta dos dirigentes pecebistas exilados na Europa, além de inúmeros militantes. No entanto, deve-se recordar que os pecebistas eram obrigados ainda a conviver com a ilegalidade e a repressão (ainda que numa intensidade baixa se comparada aos anos anteriores), tendo dificuldades em reorganizar suas bases fortemente desarticuladas nos anos anteriores. A partir desse momento, se iniciou a atuação pública dos autodenominados “renovadores” – boa parte dos intelectuais de renome do partido, que exigiam a democratização das instâncias partidárias e o “arejamento” do ideário comunista pela concepção da “democracia como valor universal” (título de importante artigo publicado por Carlos Nelson Coutinho em 1979²³). Também dos chamados “prestistas”, agrupados em torno de Luiz Carlos Prestes, que lutavam pelo “resgate do caráter revolucionário” pecebista e por uma postura de enfrentamento aberto em relação à ditadura.

Travou-se então uma das disputas internas mais difíceis da história do partido, que foi “resolvida” (se é que o termo pode ser empregado) da maneira tradicional entre os pecebistas. Afastadas ou isoladas as dissidências entre 1980 e 1983, a maioria da direção partidária manteve (com pequenas apropriações das propostas de ambos os grupos em disputa) até os momentos decisivos da redemocratização a linha política já consagrada nos anos anteriores: superação processual e pacífica da ditadura através da formação de uma ampla frente democrática intraclassista e atuação nos espaços legais oferecidos pelo regime. A virada dos anos 1970 para os 1980, e os primeiros anos desta década, indicavam que a política proposta rendia frutos. A Abertura seguia adiante, apesar de alguns percalços. A luta contra a ditadura avançava da forma que os pecebistas propunham. Eles não conseguiam, porém, traduzir aquele momento favorável à sua política em fortalecimento orgânico e influência social. Pelo contrário: perdiam progressivamente seu espaço entre os setores progressistas organizados da sociedade e no próprio campo das esquerdas.

²³ Esse artigo foi publicado em COUTINHO, Carlos Nelson, *A democracia como valor universal – notas sobre a questão democrática no Brasil*, São Paulo: LECH, 1980.

A esse respeito, é necessário comentar o surgimento no período de “setores modernos” do sindicalismo, responsáveis pela retomada do movimento sindical progressista nos últimos anos da década de 1970 – e também sua relação com o PCB. Os atores dessas lutas eram trabalhadores organizados dos setores de ponta do capitalismo brasileiro, concentrados em grande parte na Região do ABC paulista. Esses novos setores sustentaram a fundação do PT, obtendo o apoio de setores da intelectualidade progressista e da “esquerda revolucionária”, extremamente críticos ao PCB. O PT logo se definiu como uma alternativa “à esquerda” dos pecebistas, assumindo um papel oposicionista mais radical, avesso ao diálogo e ao aproveitamento das “brechas” oferecidas pelo regime – criticando o “reformismo” da linha pecebista.

No meio sindical, as diferenças também se acentuaram. Desde as greves do final dos anos 1970, o PCB criticava o pretense “radicalismo” e “voluntarismo” do “novo sindicalismo”, enquanto este associava os pecebistas ao sindicalismo pré-1964, para eles “pelego” e “reformista”. Tais posições acabaram levando os setores sindicais de PT e PCB para caminhos opostos, contribuindo para a formação de duas centrais sindicais: os petistas apoiaram decisivamente a fundação da CUT em 1983, enquanto os pecebistas, por razões táticas, escolheram permanecer atrelados a setores conservadores do movimento sindical e participar da fundação da CGT em 1986. Aos pecebistas (que além de tudo fincavam raízes em setores mais “antigos” ou “tradicionais” da classe operária brasileira) pareceu mais seguro disputar espaço com os conservadores e fazer valer suas posições, tentando (sem conseguir) hegemonizar a CGT. A alternativa a isso seria conviver com os setores mais “combativos”, que controlavam a CUT e possuíam, em relação ao PCB, a vantagem de um discurso igualmente progressista, mas calcado numa inserção já consolidada nos setores sindicais sobre os quais a CUT tinha ascendência. De qualquer forma, a ilusão da possibilidade de hegemonia pecebista na CGT levou o partido a atuar por vários anos numa central sindical dividida e progressivamente enfraquecida, enquanto a CUT (hegemonizada pelo PT) atravessou a década de 1980 em constante crescimento²⁴.

O PCB seguiu nos primeiros anos da década de 1980 no seu “delicado equilíbrio” entre atuação institucional e luta de massas, entre o enfrentamento ao regime e o temor a um retrocesso na transição democrática. Tal linha de atuação ficou clara nos

²⁴ A respeito desse tema, cf. SANTANA, Marco Aurélio, *Homens Partidos*, São Paulo: Boitempo, Rio de Janeiro: Unirio, 2001.

momentos centrais da redemocratização, entre 1984 e 1985. Nos primeiros meses da campanha pelas *Diretas Já* para presidente, uma ausência sentida foi a do PCB. O partido sempre havia defendido a proposta da Assembléia Constituinte – e mesmo após aderir à campanha, reafirmaria a centralidade dessa proposta, à qual subordinava a luta pelas eleições diretas em todos os níveis. Além disso, é razoável supor que, lidando com suas lutas internas e retomando sua campanha pela legalidade, o partido estivesse num momento de certa paralisia decisória e excessivo temor em relação à possibilidade de um retrocesso na transição democrática “motivado” pelas manifestações populares. Qualquer que tenha sido o motivo, o fato é que o PCB demorou a prestar apoio e a participar efetivamente do movimento, engajando-se apenas quando percebeu sua irreversibilidade.

Com a derrota da proposta das eleições diretas para presidente, o partido afirmou não ter preconceito em relação à negociação. Com o crescente deslocamento da “luta” para a “negociação”, a opção mais viável passava a ser apoiar uma candidatura única de oposição no Colégio Eleitoral que se aproximava – o que o PCB fez sem titubear, seguindo sua divisa de “lutar para negociar, negociar para mudar”. Formada a Aliança Democrática, o PCB prestou apoio imediato à candidatura Tancredo/Sarney, vitoriosa na votação indireta. Com o dramático adoecimento e falecimento de Tancredo, o partido seguiu apoiando o novo governo em seus primeiros anos, passando para a oposição apenas em 1988. Esses posicionamentos mostram que a maioria dos pecebistas não compreendeu em toda a sua extensão naquele momento o caráter conservador da transição brasileira, “pelo alto” (ver argumentação de Carlos Nelson Coutinho no ponto anterior “Da distensão à redemocratização”).

No entanto, malgrado o caráter conservador do novo regime, se completaria o longo processo de redemocratização, com o qual os pecebistas haviam contribuído com sua política de “frente democrática”. Política que o partido, superado o regime ditatorial, manteve ao longo do que considerou um “período de transição” (até a promulgação da Constituição em 1988), e que, assim como não vinha dando frutos mais práticos ao PCB nos últimos anos de autoritarismo, menos ainda os deu nos tempos da “Nova República”. O autodenominado “artífice” da nova ordem decaía, enquanto o (ao menos na aparência) partido anti-sistêmico consolidava-se. O PT aparecia na nova fase democrática como o núcleo principal da oposição de esquerda, e o único em condições de apresentar uma alternativa progressista viável ao novo regime.

O período analisado aqui de forma sucinta pode ser considerado como o da “grande crise” do PCB. Ao longo daqueles anos, o partido foi perdendo progressivamente espaço nas esquerdas e nos movimentos sociais, enquanto ascendiam o PT e a CUT. Com a legalidade em 1985, os pecebistas foram obrigados a amargar ínfimos resultados eleitorais. Tiveram que conviver com crises internas que custaram esporádicas vitórias e com a crise que acometia o “mundo socialista” e o pensamento marxista em geral. A derrocada do chamado “socialismo real” (traduzida na queda dos regimes do Leste Europeu em 1989 e no esfacelamento da URSS em 1991) seria o golpe final para o partido. Optou-se majoritariamente em 1992 pela transformação do PCB em uma nova agremiação, o Partido Popular Socialista (PPS) – equilibrado entre referências a uma “nova esquerda” e a “herança” (devidamente selecionada) de um rico passado. Enquanto isso, um grande número de pecebistas decidiu seguir sua militância (ou reinventá-la) numa gama de outras organizações, enquanto alguns buscam até os dias de hoje “reconstruir o PCB”. No entanto, se o PCB encerrou suas atividades em janeiro de 1992, pode-se afirmar que os principais movimentos para a compreensão de sua crise final (à exceção da derrocada do “socialismo real”) podem ser encontrados no período entre 1974 e 1989. Quando as propostas pecebistas para a redemocratização em parte foram vitoriosas, o partido encontrou sua maior crise e praticamente se esgotou.

Para tentar compreender esse aparente paradoxo, pode-se argumentar que a persistência de concepções e práticas não adaptadas à nova realidade brasileira seria a principal causa da crise final do PCB. Nesse contexto, houve uma clara incompreensão da política democrática, fazendo com que se mantivesse uma concepção *tática* da democracia (segundo a qual ela apenas ofereceria *melhores condições* para a luta pelo socialismo), e não *estratégica* (compreensão da democracia como o *caminho* para o socialismo). A isso se juntaram as dificuldades pecebistas em lidar com a transição negociada da forma como ela se deu: uma transição “fraca”, com predominância dos interesses conservadores. O partido, com sua política e suas bases até certo ponto diluídas no PMDB, demorou muito a apoiar as *Diretas Já*, apoiou corretamente a solução do Colégio Eleitoral e a Aliança Democrática, mas ficou subordinada àquele projeto sem maior independência, e depois disso também ao Governo Sarney. Já o PT e a CUT, assumindo posição radicalmente oposta à forma como se deu a transição e à “Nova República”, se viabilizaram enquanto forças hegemônicas, respectivamente, nas esquerdas e no movimento sindical progressista. Por fim, um outro fator importante foi a crise do “socialismo real”, que reforçou e legitimou tendências e posições já presentes

no PCB. Ela seria importante especialmente nos últimos momentos de sua trajetória, quando serviu de justificativa e inspiração para atos mais determinados no sentido da extinção do partido.

Bibliografia:

- ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada – as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2000.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista (1920/1964)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____ . *A democracia como valor universal – notas sobre a questão democrática no Brasil*. São Paulo: LECH, 1980.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano – vol. 4, o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Marieta de Moraes et al. (orgs.). *Vozes da oposição*. Rio de Janeiro: Graflin, 2001.
- FICO, Carlos. *Além do golpe*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LINZ, Juan e STEPAN, Alfred. *A transição e a consolidação da democracia*. Petrópolis: Paz e Terra, 1999.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- *Partido dos Trabalhadores – resoluções de encontros e congressos (1979-1998)*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- SANTANA, Marco Aurélio. *Homens Partidos*. São Paulo: Boitempo, Rio de Janeiro: Unirio, 2001.

Arouca (1976-1988): concretização da utopia nos limites do real

Chegada ao Rio de Janeiro: consolidação como referência na Medicina Social

Após o complexo processo que pode ser visto como uma “cassação branca” de Arouca e seu grupo na Unicamp em 1975 (ver *Arouca em Campinas*), a FIOCRUZ se colocou como alternativa para aqueles pesquisadores. Apesar de estarem num período repressivo (particularmente para os comunistas do PCB), Arouca, Anamaria e seus colegas e alunos conseguiram vislumbrar diferentes possibilidades de reinserção no campo de pesquisas. O seguinte relato de Anamaria recupera, para além da objetividade da opção pelo Rio de Janeiro e pela ENSP, o elemento de subjetividade presente na escolha:

Nós queríamos ir para São Paulo, primeiro, nós não queríamos sair de Campinas. Nós resistíamos ao máximo. Nós tínhamos um grupo lá (...) nós tínhamos um projeto lá, tá? Segundo, nós queríamos ir para São Paulo, mas São Paulo não tinha condições objetivas. O Dr. Guilherme e a Cecília Donangelo, que não pode ser esquecida, porque a nossa coisa de ir para São Paulo tinha muito a ver com a nossa identidade com a cabeça da Cecília Donangelo. Só que não houve condições objetivas de ir para lá. Durante algum tempo nós “pererecamos”. Nós viemos aqui não porque era o Rio de Janeiro e nem a ENSP, era o Instituto de Medicina Social [da UERJ] que politicamente para a gente, abriu um espaço que nós éramos companheiros. Era um sonho o Instituto de Medicina Social... (...) Tinham algumas ofertas antes, no tabuleiro. Uma das ofertas era Brasília, Prof. Frederico Simões Barbosa, nunca vou me esquecer disso. (...) Nós fomos... O Arouca ainda fazia uma assessoria “pro” Ministério. Ele me chamou, vamos lá... Nós fomos, discutimos, mas a gente ficou assustado com a proximidade ali... Da ditadura. (...) Então na verdade a gente quando viu isso, a opção maior era o Rio de Janeiro. Mas nós percebemos, logo que chegamos aqui no Rio, que também o Instituto de Medicina Social não nos ofereceria objetivamente uma possibilidade concreta. Isso foi uma coisa que ficou muito clara apesar das relações de maior fraternidade que nós tínhamos com o Instituto de Medicina Social. Mas também era um lugar que já estava ocupado, digamos assim, e isso nós discutimos estrategicamente porque a entrada da gente no Instituto nesse momento pode desequilibrar um projeto, uma possibilidade que já estava se dando lá e que nós achamos que isso não seria justo nem para o Instituto e nem para nós²⁵.

Na verdade o fator que parece explicar a opção pela ENSP está no Programa de Estudos Sócio-Econômicos em Saúde (PESES). Inspirado por dirigentes da OPAS como Juan César Garcia e desenvolvido pela FINEP (que tinha Sérgio Góes coordenando a área de saúde) como forma de apoiar e desenvolver pesquisas no campo da Medicina Social, seria implementado na ENSP junto com seu “primo rico” Programa de Estudos e Pesquisas Populacionais e Epidemiológicas (PEPPE). Os dois programas receberiam um grande financiamento na época, e aquilo configurava-se como uma grande possibilidade de ampliar os limites de atuação do “grupo” e implementar novas

²⁵ Anamaria Tambellini, Entrevista Coletiva na casa de Anamaria Tambellini, Rio de Janeiro, pág. 48.

idéias na Medicina Social. Razões suficientes para a opção pela ENSP, apesar da decadência da instituição imposta pela ditadura:

A ENSP não era nada, era uma coisa largada, não valia nada. Era uma coisa em decadência, na verdade. Eu e Eduardo [Costa] “juntamos”, (...) eu acho que eram 30 milhões de cruzeiros (...) e o Eduardo fez um grande projeto de epidemiologia onde também tinha um projeto de hipertensão, o Luís Fernando entrou nisso, o Mariani acabou entrando nisso. Era o projeto maior, o PEPPE, e tinha um projeto menor que era o PESES (...). Então era o seguinte: precisava de alguém de dentro da escola, não tinha ninguém, não tinha ninguém! Então como é que o Arouca fez isso... (...) Eu nunca na minha vida tinha ouvido falar em Antônio Sérgio Arouca, eu quero deixar isso claro! Eu não tinha a menor idéia do que era o movimento preventivista! Eu não era do mesmo agrupamento, mas era uma pessoa de esquerda. Quer dizer, naquela época nós éramos mais generosos! Nós confiávamos cegamente no que os nossos companheiros diziam. Isso é uma mudança que nós todos sentimos. Aí eles têm essa pessoa. Aí veio um dia, Sérgio Arouca e Anamaria, foram para o apartamento do Arlindo. Foi aí que veio o Arouca, com ele... Várias outras pessoas.²⁶

Arouca e vários de seus agora “seguidores” iniciaram seu trabalho no PESES (e por tabela na ENSP) em 1976: “O grupo de Campinas quase que se translada por inteiro pro Rio pra trabalhar nesses programas. No PESES o maior projeto de investigação (...) tentava retomar a idéia da tese do Arouca (...): por que tinha se estabelecido a Medicina Preventiva da forma que se estabeleceu na América Latina. (...) chamado *Investigação Nacional sobre o Ensino da Medicina Preventiva*, era de certa maneira a prova de campo se essa tese do Arouca era correta.”²⁷ Arouca se torna coordenador do PESES, e no final do processo coordenador de ambos os projetos: PESES/PEPPE. Uma característica interessante do projeto foi sua capacidade de atrair e consolidar um grupo multidisciplinar, no qual conviviam economistas, sociólogos e antropólogos com os sanitaristas.

Quando o projeto já estava perto de se encerrar, Arouca fez concurso para a ENSP em 1978, para a vaga de professor titular de Planejamento. Instalado definitivamente na FIOCRUZ, o nome de Arouca em breve seria indissociável da instituição – o que não teria ocorrido se não tivesse sido “expulso” de Campinas, ou se não tivesse sido convidado para coordenar o PESES. Ali sua atuação transbordaria o campo do estudo e da atuação política na área da saúde, tornando-se relevante para amplos setores da população.

Um passo importante nesse caminho foi a decisão de Arouca de que não queria mais pesquisar. Provavelmente uma decisão difícil, já que até então sua vida profissional tinha sido voltada para a pesquisa acadêmica – ainda que ele sempre

²⁶ Sérgio Góes, 12/11/2004, Rio de Janeiro (RJ), pág. 47.

²⁷ Francisco Campos, 19/05/2005 em Brasília (DF), pág. 214.

buscasse combiná-la com a dimensão política. Nesse momento (e até o fim de sua vida) a balança pendeu para a atuação política. Se antes Arouca pesquisava levando em conta a dimensão política, agora fazia definitivamente política na área de saúde: “Ele coordenava o PESES, mas aí resolveu fazer política e cada dia tinha menos tesão na área acadêmica (...) Um dia ele me chamou e disse: ‘Eu não quero mais fazer pesquisa, eu não gosto mais disso, eu vou fazer política’, aí eu disse assim: ‘Mas como, Arouca?! Nós temos aí um dinheirão, isso é uma coisa raríssima, e depois que você consegue montar um programa fantástico desses... aí você não quer mais!’, ele disse: ‘Não quero!’”²⁸

Arouca seguiu coordenando o PESES, mas não participou diretamente de mais nenhuma pesquisa, nem escreveu mais. A partir de então toda sua energia se voltou para o “fazer política”, seu pensamento seria expresso diretamente, pela ação. Começava a se configurar o Arouca “líder”, “expressão de um projeto”. Um fator importante nessa caminhada foi a implementação de uma organização que seria fundamental para a divulgação dos novos projetos progressistas que surgiam no campo da Medicina Social: o Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (CEBES, fundado em 1976).

Fundação do CEBES: construção dos espaços possíveis

O projeto do CEBES de estudar e formular alternativas no campo da saúde é em parte compreensível se voltarmos o olhar para a atuação do PCB naquele período: uma política de conquista progressiva da democratização por meio de reformas e aproveitando-se das brechas oferecidas pelo regime (ver o texto *1974-1979*). Apesar do CEBES não ser um braço do PCB na área da saúde ou uma iniciativa determinada pelo partido (alguns pecebistas da “velha guarda” na área da saúde inclusive viam com desconfiança suas idéias), ele era *hegemonizado* por militantes do PCB, e atuava no quadro da política democrática proposta pelo partido: “quando todo mundo estava querendo fazer a revolução na área da saúde, nós encaramos fazer a reforma porque essa era a perspectiva do Partido Comunista”²⁹. Clara visão de uma militante do partido. Deve-se tomar sempre o cuidado de não confundir as atividades do CEBES com as do PCB, já que ele agregava uma gama imensa de pessoas que não tinha relação com o partido ou que integravam outras organizações, mas que se identificavam com as suas

²⁸ Sônia Fleury, 14/04/2005, Rio de Janeiro, pág. 104.

²⁹ Id.

propostas. O CEBES tinha um grande número de militantes do PCB e sua atuação (não por coincidência) ia no sentido da política defendida pelo partido, mas não havia qualquer relação formal ou orgânica. O CEBES inclusive integraria, junto aos movimentos de residentes, às oposições médicas e setores acadêmicos, um grande movimento reformador naquele campo, que mais tarde deu origem ao que se convencionou chamar o “partido sanitário” – na verdade um grupo extremamente heterogêneo de pessoas, unificado apenas por uma certa concepção comum de saúde e pela proposição de transformações na atenção pública à saúde.

A gênese do CEBES (organizado por núcleos em diversos estados) se deu em 1976, sendo lançado oficialmente numa reunião da SBPC realizada em Brasília, por iniciativa especialmente do grupo de São Paulo no qual David Capistrano começava a se destacar (mas também com participação de Arouca):

O Sérgio me deu um depoimento de que uma das motivações era que eles tinham desenvolvido uma série de trabalhos levados pra SBPC que se realizou em Brasília em julho de 1976. Quando chegou lá a comissão organizadora teve muitas dificuldades em classificar aqueles trabalhos. Então não era Saúde típica, não era Ciências Sociais, então era uma abrangência, e eles acabaram sendo separados em vários grupos, e na assembléia final da SBPC eles acharam que tinham que organizar alguma entidade que agregasse aquele conjunto de experiências e de conhecimento. Experiências e conhecimentos que já vinham sendo desenvolvidos a cerca de 10 anos a partir de uma releitura da Saúde e dos problemas de Saúde, uma releitura de base marxista, e a Saúde deixava de ser vista como objeto biológico, não era vista também como objeto ecológico (que na Ecologia era uma visão muito restrita também, que você tinha o “hóspede”, o “agente” e o “hospedeiro” numa triangulação pra provocar uma doença), e passava a ser vista como um objeto político, incorporando as Ciências Sociais na sua análise e a ação política na busca de transformação do setor saúde. Então o que eu chamei de “reviravolta na saúde”, que foi construído nos departamentos de Medicina Preventiva, envolve essa nova abordagem do setor saúde e do conceito de saúde também, e a transformação do objeto em prática política. O CEBES foi criado com esses dois objetivos: conseguir juntar as pessoas que estavam fazendo estudos, pesquisas e pensando dessa outra forma, e ao mesmo tempo que ele tivesse uma ação política, uma intervenção política no sistema de saúde (...). Ele nasce com uma plataforma de democratização como fundamental. Era o primeiro slogan dele: “democracia e saúde”, depois virou “saúde é democracia”. Com uma proposta de que tinha que transformar o sistema de saúde, unificando a Previdência com o Ministério da Saúde.³⁰

A plataforma “democracia e saúde” mostra a inserção do CEBES num processo de ascenso do campo democrático, demonstrado pelo fortalecimento na sociedade civil de iniciativas como o Movimento pela Anistia, o surgimento de novas forças do movimento sindical, etc. Em seus primeiros anos o objetivo citado por Sarah Escorel de discutir e divulgar idéias (em especial através da revista *Saúde em Debate*) acabaria se sobrepondo ao de atuar politicamente – até pelas condições oferecidas pela conjuntura. Mas no final dos anos 1970 o CEBES já encontrava canais para expressar politicamente as primeiras idéias (ainda incipientes) da “reforma sanitária”. Por sinal, é nesse

³⁰ Sarah Escorel, 14/04/2005, Rio de Janeiro, pág. 83.

momento que a direção do CEBES passa do grupo de São Paulo para o Rio de Janeiro, e Arouca é escolhido seu presidente (em 1979). Os canais políticos democráticos do país se ampliavam, o CEBES podia atuar mais claramente, e Arouca abandonava de vez sua produção acadêmica. Nesse sentido, acredito que tenha pesado mais a mudança conjuntural no processo de redemocratização brasileiro, e não a troca de grupos dirigentes, para o crescimento das atividades políticas do CEBES apontado no seguinte depoimento:

se nós olharmos um pouco retrospectivamente o grupo de São Paulo, o David que era do PCB, foi fundamental na criação do CEBES e na estruturação da revista *Saúde em Debate* que foi e ainda é um veículo central na disseminação de todas essas idéias da reforma sanitária. Mas eu diria que o grupo do Rio de Janeiro (o Arouca não nasceu no Rio de Janeiro, mas foi incorporado, assimilado digamos assim, pelo Rio de Janeiro) foi central na construção do CEBES enquanto ator político dentro do processo de reforma sanitária, quer dizer, foi aqui no Rio que o CEBES transcendeu a visão do centro de estudos pra veiculação de idéias através de uma revista e de realização de debates para o centro de estudos que colocou a questão da saúde e democracia como eixo político do movimento de reforma.³¹

O CEBES em si era uma iniciativa de construção de espaços de discussão e atuação política, no sentido da construção de novos espaços. Junto a isso, se aproveitava das brechas existentes, seguindo ao menos em espírito a política pecebista – tachada de “reformista” por muitos. Mas foram os “reformistas” que começaram a conceber uma nova política para a área de saúde, factível ainda dentro dos limites do capitalismo: uma “reforma sanitária”. Um passo fundamental na gênese desse projeto foi

o I Simpósio Nacional sobre Política de Saúde, da Câmara dos Deputados. Esse Simpósio foi promovido por estímulo de pessoas do CEBES, que moravam em Brasília, e que começaram a ter uma atuação junto aos parlamentares “autênticos” do MDB. Eles tinham sido eleitos em 1978, era um grupo relativamente pequeno, e alguns deles gostaram da idéia e decidiram promover em 1979 o simpósio com o objetivo de discutir o sistema de saúde. (...) Teve uma série de grupos de trabalho, de discussão, e o CEBES leva um documento que se chama *Pela Democratização da Saúde*, que foi adotado como documento do simpósio. Foi lido pelo Sérgio (o Sérgio como presidente do CEBES) e foi adotado como documento do simpósio. Claro que tem o relatório final, mas o documento do CEBES passou a ser o documento oficial do simpósio. E foi um divisor de águas. Ali ficou claro que havia um movimento na área de saúde, nitidamente contra-hegemônico, que tinha uma outra forma de pensar, que era minoritário sem dúvida nenhuma, mas ele apareceu na arena setorial com uma proposta.³²

Esse documento, referência fundamental no campo da reforma sanitária, seria a base para as discussões nos anos seguintes, e muito de seu conteúdo seria incorporado ao texto final do Sistema Único de Saúde incluído na Constituição de 1988. Ele não foi escrito por Arouca nem produzido exatamente pelo CEBES, mas por “Hésio Cordeiro,

³¹ Temporão, 14/04/2005, Rio de Janeiro, pág. 73.

³² Sarah Escorel, op. cit., págs. 98-99.

Reinaldo Guimarães e o cientista político José Luis Fiori. Esse documento foi elaborado no IMS e foi apresentado e discutido em algumas reuniões do CEBES. Ele era um documento tão interessante, ele expressava de maneira tão consistente, inteligente o estado da arte do debate político do momento que ele foi incorporado pelo CEBES.”³³

Esse simpósio marcou o surgimento do corpo de idéias conhecido como “reforma sanitária”, e também do papel do CEBES enquanto articulador importante do “movimento”. Foi o momento em que Arouca (que já era importante em seu campo de conhecimento por conta de sua tese, sua atividade em Campinas e do PESES), se tornou uma referência *política* nacional daquele movimento, e para isso a atuação do CEBES contribuiu fortemente. Nesse período, ocorria uma mudança também em sua vida pessoal. Arouca, que acabou se separando de Anamaria Tambellini após o longo e tortuoso processo de ida para o Rio de Janeiro, conheceu Sarah Escorel e se casou com ela em poucos meses, no início de 1979. Mas logo vida pessoal, profissional e política se encontrariam mais uma vez (como seria comum em toda a trajetória de Arouca, e da maioria dos militantes políticos do período). Arouca receberia um convite que acabou indo ao encontro de vários de seus anseios: “no mandato do Sérgio, ele fica pouquíssimo, porque o Juan César Garcia vem ao Brasil e pergunta se ele não quer ser assessor pela OPS do Ministério da Saúde da Nicarágua – tinha acontecido a Revolução Sandinista em julho de 1979. Aí o Sérgio vai se licenciar da presidência do CEBES”³⁴.

Ida para a Nicarágua: o militante internacionalista

Arouca e sua nova esposa decidiram rapidamente a favor do convite. Retrospectivamente, Sarah Escorel aponta o que teria motivado ela e Arouca naquela decisão:

Tem que pensar o seguinte: várias coisas foram favoráveis à ida dele. Claro, convite vindo do Juan César era convite vindo de uma pessoa que ele admirava muito. (...) O representante da OPAS na Nicarágua era o Miguel Marquez, um grande companheiro do Juan César Garcia dentro da OPAS (...) Ele estava lá e estava juntando um grupo que era composto basicamente de exilados. (...) Também tinha disso dele vir a constituir uma equipe, e o Sérgio tinha tido uma trajetória latino-americana, conhecendo várias pessoas e participando daquilo que depois ia ser conhecida como ALAMES (Associação Latino-Americana de Medicina Social). Ele tinha várias ligações com os mexicanos, equatorianos, argentinos, chilenos, em torno da Medicina Social. Então isso também contava. E eu acho que outras duas coisas tiveram peso significativo. Ele não estava satisfeito com o que estava fazendo aqui. (...) Ele era professor titular, concursado, da Escola Nacional de Saúde Pública, no Departamento de Administração e Planejamento em

³³ Temporão, op. cit., pág. 75.

³⁴ Sarah Escorel, op. cit., págs. 92-93.

Saúde. Quem era chefe era a senhora Elza Paim, que ficava falando: “olha, agora tá na hora de você assumir o Departamento.” Esse negócio de trabalho burocrático não era muito com ele não... E ele dizia: “não, vamos ver...” O PESES tinha acabado. Não tinha nenhum grande projeto. (...) Então era um período que ele não tinha assim um trabalho que ele achasse muito interessante. Eu acho que isso foi um outro fator que fez ele assinar. E eu acho que o último fator que também pesou: nós éramos recém-casados e eu *adorei* a idéia! (...) quando veio essa proposta, sei lá, tinha menos de um ano que a gente estava vivendo junto, não tínhamos filhos. O Sérgio tinha o Pedro, mas que morava com a Ana. Eu achei aquela idéia ótima! Ia viver um processo revolucionário, único e me encantei com aquilo! Dei muita, muita força pra que ele aceitasse. A proposta veio em fevereiro, talvez final de janeiro, o Sérgio acabou aceitando, talvez em abril, fizemos toda a papelada, e final de junho, início de julho, estávamos desembarcando na Nicarágua³⁵.

Assim, cerca de um ano após a vitória dos comunistas da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na longa guerra civil travada contra a ditadura de Anastasio Somoza, Arouca e Sarah desembarcaram em Manágua para o que parece ter sido uma rica experiência de dois anos. Pelos poucos relatos que se tem, é razoável supor que Arouca tenha chegado ao país num período de grande desorganização do aparelho de Estado recentemente conquistado, no qual os novos governantes não sabiam bem como transformar suas propostas em atuação governamental efetiva. Sarah Escorel afirma que Arouca ficou sem grandes funções num primeiro momento:

O trabalho do Sérgio foi assessorar o Ministério da Saúde. Mas o Ministério da Saúde também não sabia em que queria ser assessorado. Tinha uma equipe cubana forte, mas um mundaréu de coisas pra ser feito, e ele foi pra Divisão de Planejamento. (...) nesses primeiros seis meses era uma assessoria aqui, uma ajuda ali, mas não tinha um rumo. Não tinha projeto, justamente porque o Ministério da Saúde não tinha um projeto. (...) Então a preocupação dele [Arouca] nesse início era de formação. (...) Depois houve uma mudança de ministro e entrou uma socióloga chamada Lea Guido, que foi quando o Ministério da Saúde conseguiu ter um pouco mais de norte. Então nessa ocasião o Sérgio trabalhou muito fazendo o Plano Nacional de Saúde da Nicarágua. Aquilo que antes tinham sido pequenos espasmos havia ajudado a fazer um diagnóstico, e com o diagnóstico então ele começou a assessorar – porque ele era assessor, não tinha poder – a Divisão de Planejamento na elaboração do Plano Nacional de Saúde [em 1981]³⁶.

Como Sarah aponta, Arouca buscou a princípio colaborar com a formação de quadros na área da saúde (especialmente em planejamento). Por isso enviou alguns funcionários do Ministério da Saúde daquele país para realizar cursos na ENSP. Após esse primeiro período e com a implementação de uma concepção (tradicional no planejamento governamental socialista) baseada em planos de metas, esteve engajado basicamente na elaboração e implementação do Plano na área da Saúde.

Arouca conviveu na Nicarágua com uma revolução recentemente vitoriosa e sentindo dificuldades para governar em meio à falta de quadros daquele país (submetido a décadas de ditadura) e ao princípio das atividades contra-revolucionárias (dos chamados *contras*) apoiadas pelos EUA. Além disso, um grande amigo de Arouca que

³⁵ Ibid., pág. 93.

³⁶ Ibid., pág. 95.

passou um mês com ele para ajudá-lo, Mário Hamilton, chamou atenção em seu depoimento para os problemas relacionados à própria FSLN, extremamente centralizada e militarizada, que estava transferindo esses traços para o Estado. O entrevistado afirmou que sua atividade na Nicarágua (e também a de Arouca) foram no sentido de buscar descentralizar o atendimento de saúde, fortalecendo a “ponta” do atendimento em detrimento da burocracia estatal e do poder do partido. Haveria semelhanças entre essa atividade na Nicarágua e a concepção posteriormente aplicada ao SUS brasileiro?

Para além do trabalho, os escassos depoimentos sobre esse período da vida de Arouca apontam para uma vida amena e tranqüila naquele país (diferente do que alguns poderiam supor, tratando-se de um país que havia enfrentado anos de guerra civil e agora vivia os primeiros momentos de implantação do socialismo). Segundo o relato de Sarah, os dois viviam numa bela casa, comiam muito bem, iam a shows e peças de teatro, e lá tiveram sua primeira filha, Lara: “Não tivemos que pagar um preço pelo nosso internacionalismo. Vivíamos comodamente, nos alimentávamos bem, tivemos nossa filha lá – e pudemos colaborar também, embora houvesse uma certa resistência do pessoal local de que ‘esse povo vem de fora pra querer ensinar o que a gente tem que fazer, quando quem conquistou a revolução fomos nós’.”³⁷ Na verdade, começavam a surgir os primeiros sinais dos momentos extremamente difíceis que aquele processo revolucionário iria vivenciar em breve, com a atividade interna dos *contras*, ameaças de invasão, racionamento de alimentos e dificuldades econômicas. Sarah e Arouca ainda estavam na Nicarágua quando o açúcar começou a ser racionado, e assistiram a uma ameaça de invasão norte-americana ao limítrofe El Salvador. O relato a seguir é bem interessante:

Teve uma ocasião também em que ficou eminente que eles iam invadir El Salvador, então disseram que iam evacuar todos os funcionários internacionais. Nós fomos contatados pelas Nações Unidas, que estavam responsáveis pelos funcionários internacionais, recebemos uma série de instruções, e nós tínhamos que dizer se gostaríamos de fazer parte da evacuação. E o Sérgio disse que, evacuado, ele *jamais!!* Quando eu comuniquei isso aos meus pais (nós já tínhamos uma criança, bebê, a Lara tinha 1 mês, 1 mês e meio), eles ficaram *apavorados*, de como naquela situação o Sérgio se recusava a ser evacuado. E ele dizia: “pra mim evacuação é só fezes, eu não sou evacuado de lugar nenhum, eu fico aqui!” Mas não teve invasão, não fomos ameaçados, não sentimos nenhuma vez problemas de segurança.³⁸

Depois de dois anos na Nicarágua, Arouca e Sarah decidiram voltar ao Brasil. Para além das dificuldades burocráticas do contrato com a OPAS (que só podia ser

³⁷ Ibid., pág. 97.

³⁸ Id.

assinado para períodos muito curtos, o que trazia grande instabilidade), parece que pesou mais na decisão não a possibilidade de piora na situação da Nicarágua, mas de melhora no Brasil:

as coisas aqui no Brasil estavam mudando em 1982, tinha as primeiras eleições pra governador em novembro de 1982. Era como se naquele momento se tivesse conseguido fazer alguma coisa, essa coisa do Plano, estava em desenvolvimento um programa de atenção primária (...), também ligado à Divisão de Planejamento, juntava planejamento com serviços de saúde. Eu me senti numa certa encruzilhada naquele momento: ou a gente ficava pra ficar *mesmo*, e aí perdia de perspectiva a idéia de voltar; ou a gente voltava naquela hora, porque senão nós íamos perder o “bonde da história” *aqui*, onde as coisas estavam mudando. Essa coisa do contrato da OPAS também teve interferência porque era muito chata. Você não podia ficar. E eles não tinham feito uma renovação de 11 meses. Então a gente achou que era a hora de voltar.³⁹

Volta da Nicarágua, redemocratização no Brasil: o movimento sanitário como alternativa

Arouca, ao voltar ao Brasil e a seu cargo na FIOCRUZ, encontraria o processo de redemocratização e o “movimento sanitário” em um novo patamar. Com a eleição direta para governadores em 1982 (com visível superioridade das oposições), havia maiores espaços para a atividade institucional, e a grande maioria dos defensores da “reforma sanitária” soube aproveitar o novo contexto: o que antes era discussão em órgãos da sociedade civil como o CEBES e no máximo projetos experimentais implantados em cidades do interior (como Montes Claros, Paulínea e Londrina, alguns ligados a administrações da oposição), agora passava a ação governamental em vários estados – havendo até mesmo a ampliação de espaços no governo federal, em especial no INAMPS. Nesse momento, às portas da redemocratização, surgiu a principal fissura no movimento, que envolvia a muitos mas que pode ser sintetizada nas diferenças entre Arouca e seu antigo companheiro David Capistrano. Era um enfrentamento que parecia ser um misto de disputa de concepções acerca da atuação na área da saúde e de diferenças no PCB. Por um lado, David parece ter defendido uma concepção naquele momento mais ligada à atividade nos movimentos sociais, e crítica à utilização dos espaços estatais, enquanto Arouca defendeu o oposto. Quanto às disputas no PCB, David liderou uma ala mais “radical” dos chamados “renovadores” ou “eurocomunistas”, enquanto Arouca permaneceu fiel à concepção majoritária no partido, negociadora em relação à transição democrática e acrítica quanto às

³⁹ Ibid., pág. 96.

experiências do “socialismo real” (ver o texto *1974-1989*). Anamaria apresenta o que parece ser uma análise interessante do processo:

a coisa não se deu no plano pessoal, se deu no plano político. Inclusive até 1979 essa diferença não era visível, ela já começava a ser discutida logo que nós chegamos no Rio em 1976, 1977 principalmente, que eram discussões que a gente tinha com o Werneck Vianna, com esse Aluizio Teixeira que é o atual reitor da UFRJ. Que era um grupo que discutia os rumos do PCB e os rumos da luta. O Werneck tinha uma nítida inclinação pra se filiar a uma idéia difundida pelo eurocomunismo e que o David de certa maneira... o David de certa maneira, não que ele concordasse integralmente e tal, mas ele tinha, manifestava uma certa... ele fazia uma discussão no sentido de que aquilo devia ser discutido, a gente devia entender aquela questão e possivelmente talvez tivesse que ter uma mudança no partido naquele rumo, ou seja, que não era possível mais suportar um PCB naquele momento da maneira que ele era. E o Arouca sempre foi muito reticente, o Arouca sempre foi muito ortodoxo desse ponto de vista. O Arouca sempre foi um militante do PCB e quando houve PPS... o Arouca tinha muita dificuldade de discutir essa questão e se recusava. (...) quando começa a se discutir a possibilidade do PT e que se começa a discutir, o David se manifesta como uma possibilidade concreta que depois ele assume. Então a partir desse momento não é que eles tenham brigado, mas na reunião... (...) isso que eu lembro, porque eu estava um pouco afastada do convívio, mas numa reunião da ABRASCO, da ALAMES em que a ABRASCO era a representante no Brasil, em Ouro Preto houve uma mesa... (...) Em 84, 85, por aí. É antes da VIII Conferência. Teve uma mesa em que houve um confronto. Eu lembro que estava um salão cheio e a coisa começou... como se uma bolsa que estivesse ali e ela explodiu. Isso causou um mal estar...⁴⁰

Apesar da dissidência, o projeto de “reforma sanitária” seguiu amadurecendo, e pode-se dizer que foi vitorioso na redemocratização. Não só aqueles militantes contribuíram com o processo de redemocratização, como a maneira como ele se deu os favoreceu. Trata-se de um claro caso de afinidades eletivas: a transição para a democracia, com todas as suas limitações e contradições (seu caráter elitista), abriu espaço aos quadros de esquerda que, mesmo reconhecendo alguns de seus pontos negativos, estavam abertos a atuar naquela nova conjuntura (havia mesmo se aproveitado das brechas anteriores oferecidas ainda na ditadura). Assim, com a emergência da “Nova República”, novos espaços se abriam – mas naturalmente só poderiam ser ocupados por quem os quisesse preencher e tivesse condições para tanto. Os defensores da “reforma sanitária” não somente aceitavam ocupá-los e possuíam a experiência necessária, como haviam sido durante o longo processo de transição os únicos a terem

um projeto político construído, que nós tivemos que negociar, e isso nos deu um recurso de poder enorme porque nenhum outro grupo da sociedade, nem mesmo os que eram contra a gente tinham um projeto. Nós tínhamos um projeto pronto, acabado e testado. Nós tínhamos essa solidez. Isso nos deu capacidade de colocar na Constituição algo para além das nossas forças reais. Depois pra implementar foi outro problema [risos], mas, naquele momento a gente até brincou dizendo: “o projeto é esse!”. Aí a gente foi fundo mesmo. Nós conseguimos uma articulação, já tínhamos uma articulação no Congresso, o trabalho lá dos simpósios de saúde no Congresso, depois teve o trabalho com o Eleotério... [no INAMPS] Enfim,

⁴⁰ Anamaria Tambellini, durante entrevista de José Rubem, 28/04/2005 em Campinas (SP), cf. *Relatório Sérgio Arouca em Campinas (1967-1975)*, pág. 39.

nós fomos testando vários quadros e a gente não rejeitou o reformismo, basicamente foi uma opção política: não rejeitar o reformismo. (...) Eu acho que de vez em quando a gente agregava tanto que podia acabar perdendo o rumo. Eu acho que a gente só não se perdeu porque a gente tinha um projeto muito claro, tinha uma direção muito clara, então dava pra você fazer alianças.⁴¹

Sara Escorel aponta a mudança de nível vivida pelo movimento, que agora surgia não como uma força minoritária contra-hegemônica, mas como um interlocutor respeitável:

Quando vem a transição democrática, na eleição do Tancredo, o movimento sanitário já vai aparecer, mas numa outra situação: já como experiência de dentro dos aparelhos de Estado, a proposta delineada com mais nitidez, e os seus inimigos apresentam propostas que são extremamente parciais e corporativas (...) O movimento sanitário aparece com uma proposta que tinha por objetivo defender os interesses da população brasileira. Aí já é uma outra situação, aí ele já se faz presente na arena com uma outra categoria, outra participação: ele passa a ser um interlocutor.⁴²

A “conquista do Castelo” (e do aparato estatal)

Mais que um interlocutor, o movimento da “reforma sanitária” tornou-se o principal ator no campo da saúde naquele momento, e o seu projeto o mais poderoso porque entre todas as alternativas era o mais trabalhado e desenvolvido. Tal poder simbólico se traduziu em novos espaços materiais de ocupação do Estado – agora a nível nacional. É nesse sentido que se pode compreender a nomeação de Arouca como presidente da FIOCRUZ. Montou-se na instituição um grande movimento de apoio a seu nome (referendado pelo PCB e pelo PMDB), que se traduziu em pressão ao ministro da Saúde pela nomeação em detrimento de vários outros nomes:

surge o nome do Arouca no PMDB do Rio de Janeiro, para ser presidente da FIOCRUZ (...). No momento que começa o movimento no PMDB Rio, nós começamos a nos articular, o nosso grupo. Eu acho até que não era um grupo que poderia ser tachado de esquerda, na época era, mas era um grupo que começa a questão do partido sanitário que também já existia, mas ele fica em evidência. Aí um articula para cá, o Arlindo fica de coordenador da campanha e “chovia” de telegrama no gabinete do [ministro da Saúde Carlos] Sant’ana pedindo a nomeação do Arouca, aí regredia. A gente sabia que o Guillarda estava lá no Diário Oficial tentando impedir a nomeação do Arouca. Ele ia para o Diário Oficial... Quando dizia assim: “já chegou no D.O, o Palácio já mandou para lá, Sarney não vai admitir”, aí ele ia. No meio daquele sofrimento, o PMDB recuava o apoio. Então a gente vivia naquela corda bamba... (...) Não lembro se foi em novembro que começou, passamos o Natal na articulação, (...) aí chama [o Sant’ana] e Sarney fala: “me disseram que é comunista, o que eu faço?” “Ele é comunista, o senhor não vai ter surpresa, não vou mentir, ele é comunista mesmo, filiado, mas vai montar uma FIOCRUZ competente.”⁴³

Arouca se colocava naquele momento como representante de um grupo no interior da FIOCRUZ voltado para a recuperação da instituição, que atuava mais ou

⁴¹ Sônia Fleury, op. cit., pág. 108.

⁴² Sarah Escorel, op. cit., pág. 99.

⁴³ Christina Tavares, 28/06/2005, Rio de Janeiro, pág. 233.

menos organizadamente há alguns anos. Um grupo que tinha melhores relações com os setores de ensino e da saúde pública da instituição do que com os relacionados à pesquisa básica propriamente dita:

O Arouca naquele tempo andava assim com aquela calça *jeans* rasgada, todo desleixado, uma cabeleira grande... Mas eu simpatizei muito com o Arouca, desde o primeiro momento. Aí decidi me engajar com toda a força na campanha dele, e fui muito criticado pelos meus pares, porque eu era da área de pesquisa mais básica. O pessoal me dizia assim: “você tá sendo um traidor! Botar um cara de saúde pública como presidente da FIOCRUZ?” Eu dizia: “olha, a FIOCRUZ sempre esteve muito perto da área de saúde pública, eu acho que ela se afastou recentemente, ficando mais na área de pesquisa.” Mas nisso me telefonam de Brasília, me telefonam de várias partes do Brasil me contestando, porque eu tava apoiando o Arouca. E na realidade, dessa área básica duas pessoas apoiaram o Arouca fortemente: o Luís Fernando Reis e eu. Outros apoiaram um pouco, como o Galvão, mas a maioria ficou indiferente ou com uma expectativa negativa. Ao contrário da área de saúde pública que marchou quase que toda com o Arouca.⁴⁴

Esse princípio de divisão seria revertido ao longo do mandato de Arouca, conquistado depois de meses de pressão política de dentro e de fora da instituição e muita negociação. Era o início do que ficou conhecido como a “tomada do Castelo” (referência ao prédio da sede da instituição, em forma de castelo de inspiração mourisca):

depois de quase dois meses de negociação, pressão pra um lado, pressão pro outro, veio a notícia da nomeação. (...) E aí foi então o começo da tomada de posse do Castelo... O início da tomada da posse, porque até o dia da posse o então presidente [Guillardo] (...) e a equipe dele não facilitaram em nada a posse. No dia teve que se invadir o Castelo praticamente. Pra cerimônia de posse a gente não teve a infraestrutura da FIOCRUZ, os carros, praticamente nada.⁴⁵

Foi o princípio de uma administração que marcou a instituição, por introduzir várias inovações na forma de gestão, na estrutura física e de poder. Deve-se chamar atenção ao fato de que, uma vez mais, Arouca reuniu em torno de si um grupo político que geriu a FIOCRUZ junto a ele, compensando sua comentada falta de aptidão executiva, colaborando para a concepção e implementação de idéias simples e marcantes que transformaram a instituição: “ele sempre seria essa liderança que foi em qualquer lugar que ele estivesse. Agora naquele momento da presidência da FIOCRUZ, se ele não tivesse aqueles parceiros que ele tinha mais próximos que eram Arlindo, Luiz Fernando, Morel, Hermínia, sabe? Teria sido devagar. Ele marcava coisas assim inacreditáveis e desaparecia. O ministro ligava e ele: ‘ministro, vou ter que arrancar o sisó.’ Na história do Arouca ele arrancou 26 sisos.”⁴⁶

⁴⁴ Carlos Morel, 15/04/2005, Rio de Janeiro, págs. 122-123.

⁴⁵ Ibid., pág. 123.

⁴⁶ Christina Tavares, op. cit., pág. 242.

A primeira idéia posta em prática, que marcou a gestão como progressista dali em diante e serviu, como foi dito por muitos, para “reconciliar a FIOCRUZ com seu passado”, foi a reintegração dos pesquisadores cassados da instituição no princípio dos anos 1970:

o Arouca falava com o Carlos Sant’ana: “tem que chamar os nossos ‘cassadinhos’, tem que botar os nossos velhinhos pra dentro de novo.” Ele dizia assim: “Arouca, vamos com calma, a gente acabou de sair da ditadura, o pessoal ainda não tá tão tranquilo.” E ainda tinha aqui dentro o então coronel do SNI, mas depois eu conto... Em 1986 veio a crise do dengue, e foi a FIOCRUZ que detectou que tinha dengue batendo na porta do Brasil. (...) Quando a epidemia tava na porta e, à exceção da FIOCRUZ, todo mundo tava despreparado, o pessoal não sabia onde ficar, não sabia clínica, nunca mais havia tido... Mais uma vez o Sant’ana chamou ele: “o que a gente faz com isso?” Pensamos, e o Arouca falou assim: “ministro, precisamos de 30 vagas, 15 de nível superior e 15 de nível médio, pra reequipar os nossos laboratórios.” Porque as vagas todas estavam congeladas... Aí o ministro deu as 30 vagas. O Arouca chamou a gente assim: “vamos botar os nossos ‘cassadinhos’ nessas vagas?” [risos] Respondemos: “vamos botar”. “Vou falar com o ministro então”. “Não, rapaz, bota primeiro e depois você fala...” [risos] Aí ele pensou, pensou, e foi falar com o ministro: “ministro, nós vamos fazer uma grande solenidade na FIOCRUZ, essas vagas são importantes, e gostaria da sua presença.” “Ah, pois não, quando?” “Dia tal...” “Tá bom!” “Ministro, tem uma coisa, a gente vai aproveitar e dar posse aos cassados na solenidade.” “Como assim Arouca?! As vagas não eram pra dengue?!” [risos] “Era, ministro, mas se não puder colocar esse pessoal, a FIOCRUZ não vai poder remover essa chaga, vai ter sempre um negócio...” O ministro ficou muito reticente. O Sant’ana gostava do Arouca, mas ficou assim muito preocupado. Porque veja: tinha saído a anistia, mas não significava que você podia reintegrar as pessoas, era um processo complicado. Aí o Arouca falava: “vamos transformar isso num grande ato político, a gente chama o presidente da Câmara dos Deputados, o ministro da Ciência e Tecnologia...” E vieram: veio o Renato Archer, o Ulisses Guimarães... Então aquilo foi uma cerimônia maravilhosa, que deu uma repercussão fantástica! Então acho que naquele momento houve um reencontro da FIOCRUZ com o passado dela, que havia sido enegrecido em 70 com o negócio da cassação.⁴⁷

No que seria uma marca de sua gestão e de sua atuação política como um todo, Arouca encontrava uma brecha para levar adiante, de maneira às vezes enviesada, suas propostas. Mas ao mesmo tempo se tratava de uma lógica, ainda que sutil, carregada de uma certa dose de coragem e despreocupação: “Qual foi a lógica dele para a reintegração dos cassados? Ele disse o seguinte: ‘vamos fazer, vamos fazer e pronto’. E a gente: ‘Arouca, mas como...’ e ele dizia: ‘eu boto eles pra dentro e eu quero ver quem bota eles pra fora.’”⁴⁸

A administração de Arouca foi marcada, como já foi dito, por inovações em três áreas: estrutura física, forma de gestão e estrutura de poder. Em relação à primeira, pode-se destacar a criação da Casa de Oswaldo Cruz (voltada principalmente para o estudo da história da ciência no Brasil e para a memória da instituição), de um Politécnico voltado para o ensino médio, e o fortalecimento da Farmanguinhos. Buscou-se investir também na pesquisa básica, o que permitiu o desenvolvimento de uma nova

⁴⁷ Carlos Morel, op. cit., págs. 126-127.

⁴⁸ Arlindo, 28/06/2005, Rio de Janeiro, pág. 242.

tecnologia para exame de AIDS e o isolamento pela primeira vez do vírus no Brasil. Momentos como esse foram muito bem aproveitados para a divulgação política da gestão, utilizados como forma de exigir maiores recursos, e como construção da imagem pública de Arouca – potencializando o que poderia ser visto como suas características positivas e esmaecendo suas possíveis falhas.

Quanto à forma de gestão, buscou-se abandonar o modelo de administrações anteriores centralizadas em poucas pessoas, descentralizando-se as decisões, buscando-se ouvir setores mais amplos da instituição: “fora da constituição física, a mudança do modelo, da lógica de operação da organização, essa foi a coisa mais importante que fez Arouca. Porque construir, qualquer um pode construir uma biblioteca, o problema é como mudar a lógica política interna de uma organização.”⁴⁹

A modificação da forma de administrar a FIOCRUZ logo se ampliou para o desejo (ou necessidade) de se modificar a própria estrutura de poder da instituição – modificações que gerem seu funcionamento até os dias de hoje. Nesse sentido, a idéia do congresso interno (ainda que não legalizado por nenhum estatuto ou pelo governo federal, mas legitimado pela comunidade da instituição) foi a mais marcante e de conseqüências mais profundas. O processo (que inclusive passaria a eleger as direções seguintes) foi concebido da seguinte forma:

não era um mecanismo de assembléia, tinha regras; não era um mecanismo autoritário, porque era baseado em delegados eleitos; era um mecanismo onde as unidades maiores elegeriam mais delegados. (...) Dali saíam não decisões, porque o ministro não queria às vezes, mas saíam recomendações que a gente aceitava. Isso foi assim... Por exemplo, foi nesse primeiro congresso interno que se decidiu a criação do Conselho Deliberativo da FIOCRUZ, que até hoje é o órgão interno máximo da FIOCRUZ. É composto pelos presidentes das unidades, por um representante da associação dos funcionários (tem que falar também da criação da ASFOC, que foi o Arouca que fez), de modo que o congresso interno foi a grande virada do Arouca pra implantar aqui uma gestão democrática sem ser irresponsável – e que foi se aperfeiçoando.⁵⁰

Independente das concepções democráticas, é possível compreender o congresso interno também como uma forma de relegitimar o grupo de Arouca, que estaria começando a se desgastar por uma certa falta de experiência administrativa. Quem fala disso é Paulo Gadelha, que colaborou diretamente com a gestão de Arouca:

o congresso foi pensado no momento em que a gestão do Arouca estava começando a ter sinais de perda de coesão interna. (...) O Arouca tem o primeiro momento que ele chega com aquela grande renovação. O processo de escolha tinha resistência, era complicado. Mas, tem o primeiro momento que era apoteótico!

⁴⁹ Mário Hamilton, 15/04/2005, Rio de Janeiro, pág. 156.

⁵⁰ Carlos Morel, op. cit., pág. 129.

Depois, as dificuldades gerenciais eram enormes. Estava herdando a instituição extremamente centralizada, uma instituição em que, na verdade, o presidente tinha todo o poder para constituir e instituir unidades. Você não tinha nenhuma instância, obviamente, de cunho democrático, e você tinha uma instituição lenta. E você tinha também, eu acho, ainda pouca experiência de gestão do grupo que chegou. Apesar de toda passagem por outras instâncias... (...) Aquilo ali começou a criar processos, e aqueles processos muito desorganizados, é quase um assembleísmo. Todo mundo chegava, todo mundo discutia tudo, e era muito criativo, muita coisa surgia, mas você tinha muito pouca eficácia gerencial. E isso começou a se refletir também em algumas coisas na ponta lá. (...) quando saímos daquele congresso, a gente saiu com todo o norte desenhado.⁵¹

“Norte” seguido até o final da administração de Arouca (e em grande parte mantido nas seguintes) e construído democraticamente. A importância da FIOCRUZ e o sucesso da gestão seriam dois dos principais fatores que guindaram Arouca a um papel de personalidade pública – o que o levaria em breve a ampliar sua atuação política, ultrapassando os muros do campo da saúde pública. Antes disso, no entanto, o espaço conquistado na FIOCRUZ colocou Arouca definitivamente como liderança incontestada do movimento pela “reforma sanitária”, permitindo a ele que ocupasse o papel principal nos dois momentos decisivos daquele movimento: a VIII Conferência Nacional de Saúde e a atuação durante os debates do Congresso Constituinte. Eram os momentos decisivos na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS).

O SUS como “utopia possível”: VIII Conferência e Constituinte

Arouca, até então referência em seu campo ou no máximo uma de suas lideranças, tornava-se *a* liderança:

O momento em que ele talvez assumiu realmente uma liderança no setor foi quando ele foi nomeado presidente da FIOCRUZ. Ele já era um nome de referência, mas eu acho que ele não chegava a ser *a* liderança. Mas no momento em que ele assumiu a presidência da FIOCRUZ, e logo depois a presidência da Comissão Organizadora da VIII Conferência (e trabalhou previamente na conferência todo o processo da Constituinte, o trabalho de preparação de propostas e de material), então ele assumiu o papel de liderança incontestada que ele carregou galhardamente até o final da vida, embora... A impressão que dava nas conversas é que ao mesmo tempo em que ele gostava de ser reconhecido, ele tinha um certo recato de ser considerado um ícone. Mas eu penso que ele gostava, e exercia essa liderança de forma muito positiva, principalmente pela agregação de gente.⁵²

A partir de seu papel no movimento e de seu cargo, Arouca pôde assumir a presidência de todo o processo da VIII Conferência Nacional de Saúde (1986), que por opção da Comissão Organizadora e pelo estágio das lutas no setor foi organizada pela primeira vez com uma estrutura mais ampla e descentralizada, baseada em incontáveis

⁵¹ Paulo Gadelha, 16/04/2005, Rio de Janeiro, pág. 200.

⁵² Sylvain Levy, 20/05/2005 em Brasília (DF), cf. *Relatório Sérgio Arouca (1989-2003)*, págs. 83-84.

encontros regionais realizados ao longo de um ano. Dessa forma, foi o processo congressual mais democrático realizado até então no setor, e dele emergiu (extremamente legitimado pela representatividade e abertura da Conferência) o projeto de universalização da saúde e do papel estatal em sua promoção, que seria aprovado no Congresso Constituinte e integrado à Constituição de 1988. A opção pela democracia se mostrou mais uma vez acertada:

ele organiza a oitava de forma que podia ser um desastre absoluto, se não funcionasse bem, ou podia ser o que foi, que nos deu uma base popular que nós deu uma solidez pra emplacar na Constituição o que a gente queria. Por quê? Porque era uma temeridade você acreditar que em um ano você fosse colocar a sociedade toda ligada na área de saúde discutindo desde as bases, tirando delegados e depois, que isso iria para uma assembléia que tinha sei lá... 3000 pessoas... aquela conferência que nós nunca tínhamos organizado com 5000 pessoas... é que alguns eram delegados e outros não... e imaginar que isso podia dar certo era uma situação de altíssimo risco. (...) E a gente fizesse alguma coisa que tivesse tecnocratas, intelectuais, mais não sei o quê, a gente podia garantir que era um movimento sanitário, mas quando abre e aí vem o sindicalismo, vem o movimento popular, aí era perda nossa de controle. Isso é também a cabeça do Arouca de arriscar tudo nisso que ele sempre acreditou que era a democracia. Ele dizia: "vamos pro pau! Vamos botar o bloco na rua e vamos ver se isso funciona!" E funcionou⁵³.

A conferência trabalhou, aprovou e especialmente legitimou as propostas desenvolvidas nos últimos anos pelo "movimento sanitário". O movimento, que havia se somado à luta pela democracia, atingia seu ápice no momento de redemocratização, apresentando o projeto mais maduro e representativo naquele momento. Esse acúmulo de forças (sempre apontando para a democracia) permitiu que naquele momento as propostas do movimento se tornassem vitoriosas. Arouca, que como presidente da Conferência assumiu o papel de "condutor" do processo, naquele momento posicionou-se como representante do movimento, não como o militante partidário. O relato seguinte aponta para as resistências no interior do PCB ao projeto de descentralização da saúde, afastado da concepção "soviética" mais tradicional (à qual o partido ainda se ligava):

Todo o processo de construção da VIII Conferência, por exemplo, teve como eixo político a questão dos estados. A Comissão Nacional de Reforma Sanitária viajou por todos os estados. Viajou para vários dos principais municípios. E começou a reforçar a idéia da municipalização como uma estratégia de construção do Sistema Único de Saúde. Essa não era a tese principal no interior do Partido. E o Arouca foi muito pressionado politicamente no interior do Partido para se contrapor a essa tese da municipalização. Porque ela era uma tese menos controlável, menos bolchevique. Mas ela politicamente, estrategicamente (...) era o caminho correto, embora o cânone do pensamento marxista, "soviético" da época, não indicasse esse caminho.⁵⁴

⁵³ Sônia Fleury, op. cit., pág. 111.

⁵⁴ Luiz Antônio Santini, 16/04/2005 Rio de Janeiro, pág. 182.

Essa passagem é interessante porque mostra a novidade da proposta de municipalização para o pensamento de esquerda mais tradicional, e (por que não?) para a sociedade brasileira como um todo. A maneira como a luta do movimento sanitário se deu, partindo de experiências locais na academia e em prefeituras oposicionistas, certamente contribuiu para a configuração posterior da proposta do SUS, mas, para além disso, parece ter havido uma genuína (e acertada) convicção de que a opção pela descentralização seria mais funcional e democrática.

Anos de debates e disputas por uma nova política de saúde (e pela definição de como seria essa proposta) desembocaram na VIII Conferência, e finalmente foram traduzidas no texto constitucional. O “movimento sanitário” foi um dos setores da sociedade civil que mais contribuíram com o Congresso Constituinte e, pelo grau de legitimação que ele havia conquistado (e pela incapacidade dos representantes de outros interesses em construir alternativas tão sólidas), suas propostas deram origem ao capítulo de Saúde da Constituição e ao SUS. A saúde era definida como direito do *cidadão* – e não mais do *contribuinte*. Separava-se definitivamente da Previdência, e como direito básico da cidadania deveria ser garantido pelo Estado. Este tinha (e tem) por obrigação prover os recursos para a manutenção de um sistema gratuito de saúde, descentralizado e que deveria ser gerido com a participação popular. Apontava-se para a integração da saúde com a questão social, buscando concebê-la de forma ampla (integrada ao saneamento, ao trabalho, à economia). Arouca mais uma vez esteve representando o movimento, dessa vez no plenário do Congresso como defensor daquela proposta de texto – um dos poucos representantes da sociedade civil que pôde defender propostas em plenário. Colaborando para a criação do SUS, Arouca estava concretizando, ainda que dentro de limitações, parte da utopia de uma sociedade mais justa que acalentou desde a juventude.

Concluiu-se dessa forma um ciclo, do qual Arouca participou em todas as suas etapas:

Esses três momentos que eu estou dizendo: esse momento inicial da construção da Medicina Social (construção mais acadêmica); o posterior que é a de colocar isso no governo, construir essa proposta conjunta que foi o Hésio na Previdência, o Arouca na FIOCRUZ, o Eleotério na Secretaria Geral; e até esse momento posterior, mais político. Eu acho que a gente fez uma coisa no Brasil muito importante. (...) estou cada vez mais convencido de que essa obra que nós fizemos no Brasil de construir esse SUS da forma como foi feito é uma coisa que ninguém fez no mundo. Eu acho que a quem isso mais se deve é ao Arouca. Em termos de obra de engenharia social que a gente tem no mundo, provavelmente a gente não tem nenhuma do tamanho dessa.⁵⁵

⁵⁵ Francisco Campos, 19/05/2005 em Brasília (DF), págs. 217-218.

Próximo da conclusão desse processo, Arouca já havia se tornado referência para a sociedade daquele movimento vitorioso. Ainda como presidente da FIOCRUZ e acompanhando a luta pela transformação das propostas da VIII Conferência em lei na Constituinte, Arouca recebeu o convite para assumir a Secretaria da Saúde do Estado do Rio de Janeiro, no governo recém-eleito (1986) de Moreira Franco (PMDB). Seria sua primeira oportunidade de colocar em prática sua concepção de saúde pública.

Arouca na Secretaria Estadual de Saúde: dificuldades da experiência prática

O PCB apoiou a candidatura de Moreira Franco (bem como da grande maioria dos vitoriosos candidatos a governador do PMDB) e buscou ocupar espaços no governo, mas não há dúvida de que Arouca foi convidado muito mais como personalidade pública do que como membro do partido. Mas, paradoxalmente, seria mais um passo fundamental na aproximação de Arouca com a política partidária, eleitoral propriamente dita – movimento que se completaria mais tarde com suas candidaturas a vice-presidente da República e a deputado federal (ver *Trajetória de Arouca, 1989-2003*).

Arouca acumulou a direção da FIOCRUZ com a Secretaria, mas esta última, de lógica muito mais “absorvente”, o levou na prática a se manter afastado da instituição no período em que esteve no governo estadual (até 1988):

Mais ou menos um ano depois que o Arouca tomou posse [na FIOCRUZ], a popularidade dele tava muito lá em cima, quando o Moreira Franco chegou aqui ao governo, chamou ele pra ser secretário de Saúde. E o Arouca era gozado, disse: “não, imagina, não vou aceitar nunca isso!” E a gente saía tranquilo. No outro dia tava o Arouca como secretário de Saúde do Moreira! A gente dizia: “mas como?” “Não, eu vou lá num dia, no outro venho aqui...” Ele brigava muito com a imprensa porque ela achava que ele ia ter dois salários. Mas não, o salário dele era da FIOCRUZ, lá ele não ia ganhar nada. Mas acontece o seguinte: durante um ano, o Arouca vinha aqui (quando vinha) nas segundas-feiras de manhã, pra ter uma reunião nossa (dos três vices) com ele. Depois ele não podia vir, porque a saúde do Rio de Janeiro já era complicada naquela época. E aí durante um ano ficamos eu, Arlindo e Luiz Fernando fazendo tudo, só com a benção à distância do nosso Arouca. Você não substitui um presidente...⁵⁶

Arouca não demorou muito a perceber as dificuldades da atuação governamental, e as limitações do governo que estava integrando:

teve uma reunião da Executiva da qual ele participou, depois de seis meses nós fizemos um balanço das relações com o governo, da nossa participação com o governo, já estavam tendo atritos, dentro da direção, tentativa de cooptação de quadros pelo Moreira Franco, aquele processo político de tensionamento se

⁵⁶ Carlos Morel, op. cit., pág. 128.

acirrando, o que é normal. O Arouca foi na reunião da Executiva falar da situação que estava lá. E ele fez um comentário que me marcou muito: “eu imaginava que sabia o que é o problema de saúde pública no Brasil, agora eu estou chegando a conclusão de que sabia muito, mas não sabia o suficiente; porque não há política de saúde pública que tenha condições de sucesso sem considerar o problema da emergência, porque ali é que está o centro da saúde; tem que conseguir formular uma política capaz de resolver o problema da emergência, tem a linha de ‘desospitalizar’ a saúde, a linha da medicina preventiva, mas não dá pra ignorar o problema da emergência porque a crise estoura ali, e um gestor, pra ser eficiente, não sobrevive sem tratar desse problema.”⁵⁷

Para além da riqueza da experiência que estava vivenciando, Arouca pôde levar adiante algumas propostas interessantes, como a obrigatoriedade de implantação do teste de HIV em banco de sangue (o primeiro governo estadual a abordar essa questão) e o combate ao comércio de sangue; ou o combate à dengue, no qual demonstrou sua concepção diferenciada da relação do Estado com a cidadania:

a gente tinha claro que não estava tendo epidemia em 87 (claro que os índices do *Aedes Aegypti* tinham diminuído) porque tinha a barreira imunitária. Por que? Em 86 tinha sido muito grande. Em algumas regiões do estado não tinham tantos susceptíveis pra poder se infectar. Mas a gente dizia (até por uma questão política) que a ação do governo estava impedindo que não houvesse epidemia de novo. Aí de vez em quando ele dizia: “não esquece de falar da barreira imunitária”. E eu: “não, vamos falar que a gente tá controlando o mosquito”, naquele maniqueísmo danado... Mas ele extremamente honesto. Ele falava: “os índices estão reduzidos, a nossa ação está tendo efeito, o povo está participando desse processo de destruição dos criadouros domésticos, mas também a questão da barreira imunitária está funcionando pra impedir que haja uma nova epidemia”. E foi o embrião dos agentes comunitários de saúde. Paralelamente, nós contratamos mil duzentos e alguma coisa de mata-mosquitos.⁵⁸

Apesar disso, as dificuldades foram muito mais fortes. As pressões recebidas na FIOCRUZ, o desgaste do e no governo, o desinteresse de Moreira Franco em defender a aplicação de um projeto de saúde progressista (“mudanças de rumos, de pessoas, influir na estrutura que ele tinha lá, mexer naquela estrutura, ele acabou não aceitando isso, acabou preferindo sair, foi um alívio pessoal pra ele do ponto de vista de ter que deixar aquela situação da Secretaria”⁵⁹), entre outros fatores, levaram Arouca a abandonar o governo e continuar se dedicando apenas à presidência da FIOCRUZ:

a saída dele da Secretaria de Saúde foi um alívio pra ele, por conta das pressões internas que havia na FIOCRUZ (que não queriam ele na Secretaria, porque “ele não estava se dedicando, abandonou a Fundação”, aquela coisa), mas um alívio pessoal, porque ele achou que fosse mais fácil mudar a saúde. Isso que você tava falando, o processo organizacional todo, pensou que fosse mais fácil! Ia lá e mudava, era o sonhador, visionário... Então quando ele viu que não era aquilo, que o buraco era mais embaixo, que não tinha recursos... (...) A impressão que eu tive quando ele voltou pra Fundação foi: “pô, me livrei, achei que ia dar certo, não deu, que bom que eu tô de volta!”⁶⁰

⁵⁷ Luiz Carlos Azedo, 19/05/2005 em Brasília (DF), cf. *Relatório Sérgio Arouca (1989-2003)*, pág. 40.

⁵⁸ Rivaldo Venâncio da Cunha (Sergipe), 16/04/2005 Rio de Janeiro (RJ), págs. 170-171.

⁵⁹ Luiz Antonio Santini, op. cit., pág. 191.

⁶⁰ Rivaldo Venâncio da Cunha (Sergipe), na entrevista de Luiz Antônio Santini, op. cit., pág. 190.

No entanto, a permanência de Arouca na FIOCRUZ estava com os dias contados. No delicado equilíbrio entre a atuação na área da saúde e a atuação político-partidária, a balança em breve iria pender para a segunda⁶¹.

⁶¹ Não que Arouca tenha concebido as duas como atividades díspares em algum momento de sua vida – sempre encarou sua atuação (mesmo sua produção acadêmica) como política.

Entrevistas relacionadas à trajetória de Arouca entre 1976 e 1988

A seguir apresentamos uma lista com os perfis dos entrevistados relacionados com o período da trajetória de Arouca entre 1976 e 1988, e em seguida as transcrições das referidas entrevistas.

Perfis dos entrevistados

Entrevista Coletiva na Casa de Anamaria Testa Tambellini (12/11/2004)

Maria Luiza Testa Tambellini

Irmã de Anamaria, cunhada de Arouca, professora do curso de serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ).

Maria Élide Bortoletto

Pesquisadora aposentada pela FIOCRUZ.

Maria do Carmo Leal

Pesquisadora titular do departamento de epidemiologia da ENSP-FIOCRUZ.

Elizabeth Moreira dos Santos

Pesquisadora titular do departamento de endemias Samuel Pessoa da Ensp.

Alberto Pellegrini Filho

Integrante do PESES/PEPPE. Coordenador de pesquisa da OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde), sendo este um órgão pertencente a ONU.

Marília Bernardes Marques

Aluna e colega de Arouca em Campinas, o acompanhou para o Rio de Janeiro.

Ary Carvalho de Miranda

Vice-presidente da FIOCRUZ na gestão de Arouca e agora.

Sérgio Góes

Coordenador do PESES/PEPPE junto com Arouca.

Entrevistas na FIOCRUZ (14 e 15/04/2005)

José Gomes Temporão

Conheceu Arouca na Ensp e o acompanhou durante sua vida profissional. Médico e doutor em saúde pública, foi militante do PCB, membro fundador do Cebes, secretário executivo do Inamps (Sarney), subsecretário de Estado de Saúde do Rio de Janeiro (Brizola, 2º mandato), diretor do Instituto Vital Brasil (Brizola), subsecretário de Saúde do Município do Rio de Janeiro (César Maia), vice-presidente do CEBES, diretor do Instituto Nacional do Câncer (Lula), interventor do Ministério da Saúde no Hospital da Lagoa (Lula).

Sarah Escorel

Médica sanitária, Doutora em Sociologia, pesquisadora Titular da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), presidente do CEBES, segunda esposa do Arouca e mãe de Nina, Lara e Luna.

Sônia Fleury

Psicóloga e mestre em sociologia, professora da Fundação Getúlio Vargas, membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, consultora do Bird. Foi militante do PCB e fundadora do CEBES. Grande teórica da Reforma Sanitária, seu livro “Ciências Sociais em Saúde na América Latina” é uma referência na área. Organizou o livro comemorativo de 21 anos de CEBES “Saúde e democracia a luta do CEBES”.

Luís Fernando Ferreira

Colega e companheiro do Arouca durante todo o período da Fiocruz, médico da área de parasitologia, foi vice-presidente de pesquisa da Fiocruz e presidente da instituição.

Carlos Morel

Colega e companheiro do Arouca durante todo o período da Fiocruz, foi vice-presidente da Fiocruz, e sucedeu Arouca na presidência da instituição.

Célia Almeida

Médica, foi aluna do Arouca e veio de Campinas junto com ele.

Mário Hamilton

Grande amigo e conselheiro do Arouca, argentino e exilado político durante a ditadura de 1976 a 1983. Esteve com Arouca na Nicarágua. Especialista em planejamento em saúde.

Rivaldo Venâncio da Cunha (Sergipe)

Na Fiocruz foi um assessor especial do Arouca. Coordenador da comissão estadual de combate ao dengue na Secretaria Estadual de Saúde.

Luis Antônio Santini

Militante do PCB, mais ligado ao Hésio, pessoal do Inamps, assessor especial do Arouca na SES/RJ.

Paulo Gadelha

Militante do PC do B e depois do PT. Criou a Casa de Oswaldo Cruz. Diretor do Museu da Saúde.

Entrevistas em Brasília (19 e 20/05/2005)

Francisco Campos

Médico, diretor do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva / FM / UFMG.

Nelson Rodrigues

Acompanhou a trajetória de Arouca desde Campinas. Diretor de Articulação Inter e Intra-setorial para a Gestão Participativa, da Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde.

Entrevistas na FIOCRUZ (28/06/2005)

Christina Tavares

Assessora de imprensa de Arouca durante 18 anos.

Arlindo Fábio Gómez de Sousa

Estava na Fiocruz quando Arouca chegou, e foi vice-presidente na sua gestão.

Reinaldo Guimarães

Médico e mestre em Medicina Social. Foi militante do PCB, membro fundador do Cebes e fundador do IMS. Responsável pela área da saúde no CNPq. Foi diretor do Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde (Lula). Vice-presidente de Pesquisa da Fiocruz.

Entrevista realizada por Anamaria Tambelini em março de 2005

Sebastião Loureiro

Professor da Universidade Federal da Bahia, conheceu Arouca quando foi fazer a residência em Medicina Preventiva na USP/Ribeirão Preto nos anos 1960.

(FIOCRUZ, 26/08/2005)

Paulo Buss

Médico e militante do movimento sanitário desde os anos 1970, é funcionário da FIOCRUZ desde 1976. Lá conheceu Arouca, e preside a instituição desde 2001.

***Entrevista Coletiva na casa de Anamaria Testa Tambellini
(Rio de Janeiro - 12.11.2004)***

Guilherme: [exposição do projeto da pesquisa]

Regina: [apresentação da equipe e da metodologia a ser utilizada na pesquisa]

Ana: eu vim para cá em 1975⁶². O Arouca não veio nessa época, ele estava em Brasília fazendo uma assessoria. Foi quando o Herzog⁶³ foi preso. Foi tudo preparado pelo Davizinho para que eu, o Arouca e o Pedro saíssemos imediatamente. O Arouca deve ter ficado maluco sem saber para onde tinha ido a família dele. A vinda do Arouca foi no fim de 76. A gente não tinha onde ficar, foi terrível. Realmente foi no ano de 76 que aconteceu a abertura aqui no Rio de Janeiro tanto da Saúde Pública como do pessoal da UERJ.

Reinaldo: A minha sensação é que antes da vinda, eu me recordo de ter me encontrado com você e com o Sérgio no Instituto de Medicina Social, deve ter sido no início de 75... final de 74.

José: Eu acho que o problema aqui não é porque saiu de Campinas, mas porque veio para o Rio de Janeiro. O que eu sei é que havia uma aliança política em torno do Arouca quando ele estava em Campinas no apogeu então, se você perder essa referência Campinas, Londrina e Rio de Janeiro. Eu vim conhecer Paulínia e Dr. Guilherme⁶⁴ com Arouca vindo para o Rio. Quer dizer foi aí que eu vim conhecer o movimento da Medicina Social. Quer dizer, para entender o contexto, é necessário conhecer o Arouca potência em Campinas.

Guilherme: Então vamos lá, o que é que dá esse contexto?

Reinaldo: Olha, eu queria falar uma coisa... Porque o Rio de Janeiro? Acho que tem duas coisas que são decisivas nesse contexto. Uma delas foi claramente a ação de uma figura que tem que estar na raiz disso que era um dirigente da Organização Pan-Americana da Saúde que é Juan César García. Bem, naquela época, o Juan estava muito ligado a essa questão da saúde brasileira e no Rio de Janeiro, quer dizer, embora o Juan César tenha viajado a São Paulo, ele acabou decidindo que o Rio de Janeiro era o alvo e aí tinha o Instituto de Medicina Social e a Escola de Saúde Pública e durante muitos e muitos anos foram os dois principais pólos de saúde coletiva. Por outro lado, tinha também o pólo modernizador da potência regional do General Geisel e aí Serginho depois pode falar porque ele estava na FINEP e que foi absolutamente essencial para essas coisas. Porque então o Rio de Janeiro? Porque o Rio de Janeiro era claramente o pólo irradiador do novo pensamento sanitário brasileiro.

José: Do ponto de vista sanitário você tinha uma coalizão da renovação da saúde pública continental que passava por Campinas, com o Arouca potente, Arouca ainda

⁶² Sérgio Arouca vem para o Rio de Janeiro em 1976. Anamaria Tambellini e seu filho Pedro vêm antes, em 1975, com a ajuda de David Capistrano.

⁶³ Vladimir Herzog, jornalista torturado e morto em 1975 nas dependências do DOPS.

⁶⁴ Guilherme Rodrigues da Silva (USP).

tinha governabilidade em Campinas e o Dr. Guilherme tinha governabilidade sobre a medicina dele e você (referindo-se a Reinaldo), Ésio e Nina tinham governabilidade sobre o instituto [Instituto de Medicina Social da UERJ]. Então quer dizer, precedendo essa ligação tinha uma aliança reformista que me trouxe. Você (referindo-se a Reinaldo) me importou da Inglaterra por causa dessa aliança reformista. Você quando me mandou à Campinas conhecer Paulínia foi por conta dessa aliança reformista e mais ainda por causa de Nina Pereira Nunes. Foi lá que eu conheci Marília Bernardes Marques. Então você vê, tinha uma aliança para refazer o pensamento sanitário que foi o fundamento de todo o movimento da reforma sanitária brasileira. E aí o Pelé (referindo-se ao Pellegrini⁶⁵) pode falar um pouco mais sobre isso para a gente.

Ana: Só queria dar um depoimento que não se pode esquecer. Eu queria dizer que houve uma generosidade do Rio de Janeiro em nos receber. Isso não significa que nós não fomos em outros lugares, mas o lugar que se abriu para a gente foi o Rio de Janeiro. O lugar de se dar a possibilidade de encontro entre essas pessoas foi aqui.

Reinaldo: Mas o Rio de Janeiro não foi generoso à toa. Até haver uma certa articulação, isso foi um problema. Isso que você está chamando de aliança de renovação do pensamento sanitário da América Latina foi muito combatido porque por outro lado você tinha a FINEP. Quer dizer nos anos de chumbo, estavam matando o Vladimir Herzog, e a FINEP enchendo de dinheiro em cima da saúde pública brasileira.

Guilherme: O que conseguiu fazer a gente, num processo ferrenho de ditadura, transformar o pequeno espaço do Rio num projeto nacional, foi uma militância política de esquerda extremamente vigorosa mesmo na resistência e que pôde estar presente nas instituições e “segurar um pouco a onda”, particularmente no campo universitário, mas como é que foi isso? O que é que conseguiu dar para a gente essa possibilidade de abrir um espaço no Rio?

José: Ele não abriu no Rio, ele traz com ele, é diferente. Eu acho que o Pelé (referindo-se ao Pellegrini) podia falar um pouquinho sobre isso com a gente.

Ary: Eu quero localizar melhor essa conjuntura que o Reinaldo já disse porque no contexto geral prevalecia o projeto de desenvolvimento nacionalista de aparente contradição como o Reinaldo já localizou. Quer dizer, você tinha o Herzog, assassinatos políticos, tortura e etc., e ao mesmo tempo o investimento numa área crítica que é o campo da saúde pública, mas é entender isso dentro do próprio projeto nacionalista do governo militar quer dizer a área da educação se fortaleceu nesse período. Você teve o fortalecimento da escola pública quando o Passarinho⁶⁶ foi ministro, quer dizer, isso era uma bandeira nossa. Então tem uma aparente contradição dentro desse projeto que localiza talvez melhor isso tudo também.

Pellegrini: Bem, eu acho que o período de final dos 60 até a vinda para o Rio de Janeiro também é um período importante de ser analisado. Não só o momento específico de 75, 76, porque foi aí que houve a gestação de todo um projeto que no Rio veio a ter dimensão nacional. Tem um movimento das preventivas que remonta Ribeirão e depois tem umas preventivas mais modernas que inclusive fazem a crítica a Ribeirão que eram as de São Paulo, a da Bahia. É engraçado que toda essa visão de

⁶⁵ Alberto Pellegrini: colega da faculdade de Medicina e era do PCB.

⁶⁶ Ministro Jarbas Passarinho: Ministro da Educação no Governo Geisel.

saúde, sociedade, etc isso vem através do ensino médico então nos anos 70 essa questão preventiva está muito ligada ao ensino médico, da mudança do currículo, já fazia a crítica clara daquele médico isolado na atitude preventivista que era o projeto da preventiva anterior. Mas tinha toda uma crítica do ensino médico de se criarem espaços de prática e aí vem a Medicina Comunitária que em Campinas também se testa de várias formas e isso é um movimento que Campinas tem um papel importante, mas outras preventivas também têm no desenvolvimento da Medicina Comunitária, mas tem também essa coisa internacional do García [Juan César García] que também vem da vertente do ensino médico acho que o livro mais importante do García nesse momento é justamente o livro em que ele faz a crítica às escolas médicas e propõe a criação de alguns pólos de inovação como os Chorchinilco no México e o Instituto de Medicina Social aqui no Rio. Então isso tudo vai permitindo a gestação desse projeto que aqui no Rio vai assumindo uma nova dimensão.

Regina: Mas aí o Arouca já tinha todo um projeto...

José: Mas aí, eu acho que é necessário compreender que a tese une todas essas questões. Eu acho que aí é que entra a questão de um projeto de reforma sanitária brasileira porque é o que nos mantinha unidos e que existe até hoje apesar de alguns quererem trair em troca de outras coisas menores que não estão em questão, mas... Enfim, esse é o modelo que serve de solo fértil. Aí que eu acho que a gente tem que ir para a frase do Reinaldo.

Ana: Eu acho que essa visão de que o Arouca tinha um projeto... O Arouca era um tipo de pessoa... Eu não estou discutindo, podia até ter gente que sabia mais do que ele, mas o Arouca tinha uma qualidade de falar o que os outros entendiam e o que os outros queriam dizer com uma propriedade incrível. Ele sabia de alguma forma, ele encarnou o projeto coletivo. Não é isso de que o Arouca tinha um projeto, era o coletivo que tinha o projeto e o Arouca fez um trabalho que só uma pessoa extraordinariamente bem dotada intelectualmente e tremendamente sensível como o Arouca era, era capaz de fazer aquilo. Além de tudo era uma pessoa que tinha uma abertura para o afeto coletivo muito grande. Então essa característica do Arouca, o irmão dele vai lhe dizer, ele tinha desde juvenzinho e ele levou essa característica talvez até morrer, não sei, mas no que eu acompanhei do Arouca ele sempre teve essa coisa. O que o Arouca fez foi representar, encarnar o projeto de um coletivo. Eu acho que o traço mais distintivo do Arouca é o traço da militância. O Arouca era militante desde os 15 anos de idade e foi assim até o fim da vida dele e ele não esmorecia. Eu acho isso admirável. Todos os outros problemas do Arouca foram sobrepujados em nome de um trabalho em coletividade. Eu acho que dizer que ele tinha um projeto é uma injustiça a ele, ele preferia dizer que nós tínhamos um projeto.

Sérgio: Eu vou fazer uma coisa um pouco diferente do Reinaldo que está fazendo meio que uma História Social para fazer mais uma História das Mentalidades. Nada contra, mas é engraçada essa contradição que o Reinaldo falou. Quer dizer, de um lado você tem o Geisel em plena ditadura colocando um dinheiro negro na área social, era muito dinheiro! E um dos canais básicos era a FINEP. E como é que isso aconteceu: eu entrei na FINEP por um caso por que em 69 eu fui professor da ENSP. Quando eu apresentei meu currículo para trabalhar na FINEP viram que eu tinha uma experiência em saúde e economia, isso ninguém tinha naquela época e fui para lá para montar uma área de desenvolvimento social dentro da FINEP e a gente dentro dessa área, “pô” vocês

se lembram, a FINEP financiou o Instituto de Medicina Social, financiou o EMOP em Pernambuco, financiou o Nise da Silveira, aqui no Centro financiou o Pedro II, financiou o INAM, financiou o SEME, financiou uma fortuna! Era muito dinheiro que “rolava”! Eu não sei quem, mas eu acho que o maluco era eu com o Eduardo Costa, não me lembro, eu disse vamos fazer um programa na escola de saúde pública porque a escola de saúde pública não é o que era o Instituto de Medicina Social, não existia um baluarte organizado de esquerda dentro da ENSP, não, e dentro da Fundação, é claro que existiam pessoas, mas não era como no Instituto de Medicina Social. A ENSP não era nada, era uma coisa largada, não valia nada. Era uma coisa em decadência, na verdade. Eu e Eduardo “juntamos”, eu não me lembro bem da sigla, mas eu acho que eram 30 milhões de cruzeiros, merrecas, sei lá qual era a moeda da época, e o Eduardo fez um grande projeto de epidemiologia onde também tinha um projeto de hipertensão, o Luís Fernando entrou nisso, o Mariani acabou entrando nisso. Era o projeto maior, o PEPPE, e tinha um projeto menor que era o PESES, que era o Programa de Estudos Sócio-econômicos de Saúde, e o PEPPE, Programa de Estudos e Pesquisas Populacionais Epidemiológicas. Então o Eduardo queria montar e não tinha, aí eu chamei o Arlindo. Aí o Arlindo, eu me lembro como se fosse hoje, eu cheguei para o Arlindo⁶⁷ e disse olha tem 30 milhões aqui aí ele disse não, não é verdade tem 300 milhões porque o Ministério da Saúde... Não sei que lá... Bem, o que eu sei é que o Arlindo não quis participar disso... Sei lá acho que ele achou que era pouco (risos), não sei... Só sei que ele foi chamado e não quis participar disso. Eu não sei, mas eu acho que o Arlindo não quis participar porque o projeto dele não tinha nada haver com isso, não sei... Eu acho que ele tinha boas razões... Acho melhor perguntar isso para ele. Então era o seguinte: precisava de alguém de dentro da escola, não tinha ninguém, não tinha ninguém! Então como é que o Arouca fez isso... Vai me desculpar, mas aí não tinha nenhuma articulação política ou conexão latino-americana, “tá” entendido? (risos) Para o Arouca vir para cá! O Arouca veio para cá da seguinte maneira: Eu conheci e fui muito amigo da Liana Maria Audeliano, que vocês conhecem, que trabalhava em Campinas, amicíssima, a Liana morava na mesma fazenda que o Caniço, lá em Paulínia. Caniço que era uma figura maravilhosa, foi um dos inspiradores do tropicalismo, “by the way”, era um baiano amigo de Dedé e Caetano e ele era o tropicalismo em pessoa. Ele era médico, também trabalhava em Campinas e tinha sido professor na Bahia. Eu falei para o Caniço: Eu tenho uma pessoa para você. Eu nunca na minha vida tinha ouvido falar em Antônio Sérgio Arouca, eu quero deixar isso claro! Eu não tinha a menor idéia do que era o movimento preventivista! Eu não era do mesmo grupamento, mas era uma pessoa de esquerda. Quer dizer, naquela época nós éramos mais generosos! Nós confiávamos cegamente no que os nossos companheiros diziam. Isso é uma mudança que nós todos sentimos. Aí eles têm essa pessoa. Aí veio um dia, Sérgio Arouca e Anamaria, foram para o apartamento do Arlindo. Aí, foi aí que veio o Arouca, com ele... Várias outras pessoas.

José: Você não é amigo do Olavo de Carvalho, é? Então nem tudo é assim, não é? A História dos detalhes ela tem um pano de fundo que a tece. O que eu “tô” querendo dizer é que você não pode desprezar um conjunto de conseqüências para reduzir a vida do Arouca numa crônica de costumes...

⁶⁷ Arlindo: atual diretor do Canal Saúde da FIOCRUZ.

Ana: Ô Noronha (referindo-se ao José), eu acho que você não está entendendo que a gente não tinha o Rio de Janeiro como primeira opção. A nossa primeira opção era São Paulo...

José: “Tá” bem! Mas você tinha o campo bem limitado. Você não podia pensar em Pernambuco, no Amazonas... Uma coisa é você dizer que um dia pela manhã você se levantou, foi caminhar pela praia e chegou no Rio...

Ana: Calma, também não é assim. Nós queríamos ir para São Paulo, primeiro, nós não queríamos sair de Campinas. Nós resistíamos ao máximo. Nós tínhamos um grupo lá. Todos em discussão porque nós tínhamos um projeto lá, “tá”!

Reinaldo: O grupo era vinculado ao “Partidão” naquele momento?

Ana: A maioria era.

José: Isso tudo pesa! É só para entender como é que essa coisa funciona...

Ana: Segundo, nós queríamos ir para São Paulo, mas São Paulo não tinha condições objetivas. O Dr. Guilherme e a Cecília Donangelo, que não pode ser esquecida, porque a nossa coisa de ir para São Paulo tinha muito haver com a nossa identidade com a cabeça da Cecília Donangelo. Só que não houve condições objetivas de ir para lá. Durante algum tempo nós “pererecamos”. Nós viemos aqui porque não era o Rio de Janeiro e nem a ENSP, era o Instituto de Medicina Social que politicamente para a gente, abriu um espaço que nós éramos companheiros. Era aquilo... Era um sonho o Instituto de Medicina Social...

José: Eu quero dizer é o seguinte: eu não quero recusar de Foucault as mesquinhas da História, mas eu quero dizer que há um macro movimento da História que faz as mesquinhas crescerem. Não podemos reduzir a História a História de costumes e a pequenos detalhes...

Ana: Calma, deixa eu contar tudo...

Reinaldo: Eu acho que esse depoimento da Ana... Queríamos ir para São Paulo, mas, não havia condições objetivas então a fruta gostosa era o Instituto de Medicina Social para mim é absolutamente claro, quer dizer, é... O Instituto de Medicina Social de certa maneira era anti-USP. A USP era aquela coisa pesada, “tá” entendendo? Aquela coisa jalecosa... Competente sem dúvida nenhuma, mas para entrar ali, Dr. Guilherme já estava tomando porrada até não agüentar mais, “tá” entendendo?

Ana: E a Cecília também...

Reinaldo: O Dr. Guilherme... Um mulato, baiano e comunista... E a Cecília apesar de branca era comunista...

Ana: E não era médica, era socióloga... (referindo-se a Cecília)

Reinaldo: Então Dr. Guilherme já estava levando cacetada de tudo quanto era lado, já estava com todas as dificuldades... Eu não sei se ele já era titular naquela época...

Ana: Já!

Reinaldo: Então o que é que era o Instituto de Medicina Social? É oposto disso. Primeiro era um grupo pequeno, absolutamente novo, independente da Faculdade de Medicina, mas que tinha um vínculo seminal com uma liderança católica, liberal, progressista que era o Dr. Américo Piquet Carneiro, quer dizer, e Nelson Moraes que estava chegando, que ali era pragmático. E dirigido efetivamente por dois jovens comunistas que era a Nina Pereira Nunes, que sempre teve a maior parte da visão política daquilo tudo; Ésio Cordeiro que era um bom estudante, um bom profissional, um cara centrado, tudo aquilo que a Nina tinha de descentrado ele tinha de centrado, direitinho... Que era a tetéia do Dr. Piquet, “tá” certo? E com o apoio internacional do Juan César García. Isso...

José: Foi dirigido pelo Mário Chagas também...

Reinaldo: Não... O Mário Chagas veio um pouquinho depois...

José: Sim, mas eu “tô” querendo dizer que tem uma trajetória cumulativa...

Reinaldo: Então para mim é isso. Fica absolutamente claro porque aquilo era a tetéia. Era a possibilidade, “né”?... O rabo da baleia ou a cabeça da sardinha... Mesmo que não houvesse questão política nenhuma envolvida, a USP... É o rabo da baleia...

José: Até hoje...

Ana: “Peraí”, tem uma coisa antes... Tinham algumas ofertas antes, no tabuleiro. Uma das ofertas era Brasília, Prof. Frederico Simões Barbosa, nunca vou me esquecer disso. Nós fomos... O Arouca ainda fazia uma assessoria “pro” Ministério. Ele me chamou vamos lá... Porque era Eduardo Quertes, do INAM, que tinha uma ligação com vocês também, e ele, o baiano como chamavam o... Duarte... José Duarte... Eram três pessoas em Brasília que vieram nos oferecer, lembra Pelé? (referindo-se ao Pellegrini) Nós fomos, discutimos, mas a gente ficou assustado com a proximidade ali... Da ditadura.

Pellegrini: Brasília ainda tinha uma outra possibilidade que era a criação do PESES com apoio do Juan César García que propõe a criação do PESES na OPS. O PESES era o Programa de Pesquisa de Recursos Humanos e Saúde. Então acabou se criando um núcleo coordenado pelo Arouca.

Ana: Então na verdade a gente quando viu isso, a opção maior era o Rio de Janeiro. Mas nós percebemos, logo que chegamos aqui no Rio, que também o Instituto de Medicina Social não tinha nos oferecer objetivamente uma possibilidade concreta. Isso foi uma coisa que ficou muito clara embora as relações de maior fraternidade que nós tínhamos com o Instituto de Medicina Social. Mas também era um lugar que já estava ocupado, digamos assim, e isso nós discutimos estrategicamente porque a entrada da gente no Instituto nesse momento pode desequilibrar um projeto, uma possibilidade

que já estava se dando lá e que nós achamos que isso não seria justo nem para o Instituto e nem para nós.

Reinaldo: É isso que casa com o depoimento do Sérgio.

Ana: Agora vai, continua Sérgio.

Sérgio: Onde é que eu estava mesmo? Até me perdi... Me deixa fazer a minha História Factual porque eu não estou me metendo na tua História Social (fala ao José em decorrência da intervenção dele durante seu depoimento). Pois então, o PESES foi montado basicamente por pessoas que vieram de Campinas e do Museu de Antropologia que eram Isabel Pitaluga, a Ana Clara, a Tatiana e o Braga que era economista. Ainda veio uma segunda leva com o Joaquim, a Marília, o Caniço...

Ana: Esse projeto abriu possibilidade para nossos ex-residentes, antigos residentes, todos eles saíram juntos. Ainda tinha o Maia, o Eduardo, a Elizabeth Moreira, o Joaquim, a Rosely, o José Augusto e o Davizinho...

Elizabeth: O Davizinho ficou um tempão escondido na minha casa em 75, logo depois que ele saiu da cadeia. Eu me lembro disso porque em dezembro eu dava plantão dia sim e dia não. Eu era sozinha entre os residentes que tinham vindo para o Rio de Janeiro e o medo de cair na mão da polícia...

Reinaldo: Só um instantinho. Tem uma cena que não me sai da memória e eu acho que está dentro desse contexto. Lá no Instituto de Medicina Social tinha um bar, em frente, chamado de Bar Botafogo. Botafogo porque um dos donos do bar era torcedor do Botafogo, eram todos portugueses, e um dia, almoçando... O David foi preso na Barão de Mesquita... E o David foi solto, ninguém sabia... Ele foi andando da Barão de Mesquita até a UERJ... E eu me lembro que naquela época o David já estava gorducho... Era 75... E o que não me sai da memória era ver aquele homem magro, magro... 25, 30 quilos mais magro... Esquelético... Aí eu fiquei olhando o David, que foi meu contemporâneo de Praia Vermelha, meu e do Noronha (referindo-se ao José), não é? E eu não reconheci o David e foi uma cena do David completamente pirado. Enfim, um pouco do clima daquela época...

Guilherme: Bem, se nós pudéssemos, num depoimento, caracterizar de forma bem específica essa transição, essa coisa do contato com a UERJ e da coisa da FIOCRUZ, ajudaria a gente a estar montando esse quebra-cabeça...

Reinaldo: Bem, mas eu acho que isso a Ana já colocou. Porque que não ficou na UERJ...

Guilherme: Não. Eu digo de ação concreta nessas questões...

José: Eu acho que o Guilherme tem razão nessas coisas Reinaldo porque você e o Sérgio... Não deixaram limitado... Que a questão do PESES/PEPPE. Por que o PESES/PEPPE é criado? É isso que vai abrir o espaço, com o Arouca e com o Eduardo, para que a Escola de Saúde Pública rompa com seu passado e não precise recuperá-lo. Quer dizer, o Arouca no PESES e o Eduardo na epidemiologia vão marcar a ruptura com a velha epidemiologia e com as velhas Ciências Sociais. O problema é porque que

a FIOCRUZ, de inícios são simples meras relações afetivas mais a FIOCRUZ era uma instituição poderosa... (?).

Maria: O problema é qual é o projeto que dá esse apoio a FIOCRUZ...

Reinaldo: Eu acho que era dinheiro demais; tinha uma ligação do Sérgio com a ENSP; mas o essencial era que Dr. Pelúcio... que Fábio Celso de Macedo Soares, que era diretor à época...

Sérgio: E Fábio Erberton, que foi também importante nisso...

Reinaldo: Então, havia dinheiro. Era tanto dinheiro que um chefe de Departamento negociava um projeto...

Sérgio: Mas tem o outro lado, a Fundação nesse momento... É do Ministro Reis Veloso... É amigo do Vinícius... E põe o Vinícius na Fundação coberto de dinheiro. Quer dizer, você vai recuperar essa Fundação. O que a busca do Governo Geisel, deletar o passado. Quer dizer, a grande Fundação de pesquisa vai renascer de novo. Ou seja, enche aquilo de dinheiro...

José: Acho que é necessário registrar isso. Não se tratava de buscar o Kora e sim, o Arouca. Entendeu? O Vinícius, como o Sérgio “tá” dizendo, como qualquer outro epistêmico da época ou qualquer crônica de costumes não estava interessado no Kora, nem num assistente nem num amigo meu direto como o Válber, ninguém “tava” interessado num projeto de Brasil, num projeto de nação e o Arouca tinha um projeto de Brasil.

Maria: Eu queria comentar só uma coisa. Eu acho que havia também um projeto nacionalista, como colocou ali o Ary, em que era importante que a FIOCRUZ fosse responsável por toda a produção de vacinas. O que era considerado uma questão de Estado. Isso foi muito importante. O Vinícius foi pra lá talvez porque isso fosse muito claro para os militares àquela época. Entendeu? Era uma questão de segurança nacional...

José: Sim, mas ele preferiu um imunólogo...

Maria: Não. Mas a questão da vacina era muito importante por causa da meningite. A conjuntura da meningite em 74 que mostrou a fragilidade do país. A FIOCRUZ iria produzir as vacinas que iriam proteger a população. Isso dentro do projeto nacionalista da dependência.

Sérgio: E uma das coisas que fez o PESES e o PEPPE irem até o fim é que eram um programa conjunto. Não era um programa só da Fundação porque tinha a FINEP do lado de lá. Ninguém era tarado de brigar com a FINEP. “Pô”, o Eduardo Costa que era da Fundação Oswaldo Cruz comeu o pão que o diabo amassou. Ele não tinha a sopa que eu tinha, que o Arouca tinha... Que todos nós tínhamos porque não éramos da Fundação. Era um programa que era pago, sei lá como ele era pago... Mas não eram funcionários, então também não vamos pensar que era uma coisa mole, não vamos pensar nisso, não!

Ary: Só pra fazer um parêntese nessa questão que o Noronha colocou. Eu na época não “tava” lá não. Eu era estudante de Medicina. Mas eu acho que a hegemonia sobre o aparelho do Estado não era tão absoluta assim. Acho que o Arouca entra, e entra por uma coisa fortuita como o Sérgio “tá” colocando mesmo. Eu acho que você tem brechas no aparelho de Estado como essas que permitem essas coisas.

Sérgio: É claro, ué? Não era uma coisa tranqüila, sem controle, sem contradições, “pô”. Eu me lembro... De um grande atrito, lembra... Eles queriam tirar a gente da ENSP e jogar a gente lá no pavilhão de cursos lá atrás. Eu me lembro do Guillard...

Ana: Eu me lembro que nós estávamos trabalhando no projeto de meningite e de repente acabou o projeto, lembra? O projeto foi cortado. Não tinha mais projeto.

José: Acho que o Elio Gaspari mostra bem isso nos livros dele. Há um recrudescimento da repressão... A vigilância política aumentou muito, não é? Isso foi no movimento de 78 em que a gente fez o concurso e depois o SNI não deu licença pra gente ser contratado.

Pellegrini: Essa convivência do PESES com a FIOCRUZ e em particular com a ENSP. Por outro lado eu acho que foi uma estratégia muito interessante essa da FINEP de financiar um projeto por um tempo e depois obrigar de uma maneira que a FIOCRUZ assumisse o apoio. É a lógica do apoio institucional. Para depois a coisa se consolidar. Então no primeiro momento havia como que um certo pacto de tolerância. Então esse grupo meio esquisito... Ninguém pediu ficha do SNI pra nós, bom, pode ser que alguns de nós tivessem tido algum problema. Mas no momento da transição, em que acaba o PESES/PEPPE e a FIOCRUZ tem que assumir, aí aparecem uma série de contradições interessantes. Por um lado muitas pessoas foram incorporadas pela ENSP e isso gerou uma certa modernização da ENSP de alguma maneira o PESES que era uma coisa lá no 10º andar, a convivência era meio separada, parecia um enclave...

Elizabeth: A gente era conhecido como os intelectuais de Campinas. Eu me lembro da Drª Elza Paim discutindo um relatório que a gente fez, dizendo que não sabia que intelectual também tinha senso prático.

Sérgio: Mas isso era a coalizão da ENSP que existia. O PEPE era mais integrado a escola era praticamente só epidemiologia E no PESES você tinha o curso de economia e saúde. A Tereza Oliveira veio depois.

Cunhada: Eu acho que é isso que está sendo falado aqui, agora, é a contribuição mais importante que tem pra saber o porque do Arouca e o porque que surgiu esse movimento todo. Foi a diferença da intelectualidade, não é mais aquela medicina, não é mais só médico. Tanto é que a tese do Arouca é sobre quem. É sobre Foucault, sobre um ou outro conceito que não é o médico mais. Ele começa a incorporar outras coisas que novamente ele encarna e representa, e é porta-voz.

Sérgio: O lugar de Foucault aqui no Brasil era no instituto, no IMS, o PESES não foi moderno neste sentido.

Reinaldo: Curioso que era o IMS, mas o IMS que tratou de Foucault ele foi uma espécie de um implante, na verdade foi produto de dois quadros, duas lideranças, um foi Roberto Cabral de Melo Machado que era Pernambucano e Jurandir Pedro Costa, em 76 foi aí que Foucault... O Roberto foi pra lá pelo mesmo motivo que Sérgio e Ana assuntaram por lá. Mas isso porque, porque era um campo anti a instituição: aberto, cabeça aberta pra você trabalhar, tinha dinheiro...Tinha a FINEP. Por que foi a FINEP que também apoiou pesadamente também o projeto de Roberto Machado. Então Foucault entrou assim no instituto de medicina social, esse é até um outro problema, uma questão que tem a ver com a trajetória da saúde pública, mas não diretamente a ver com o Arouca já que esta a questão que não foi bem resolvida. Nós que tínhamos uma tradição. Quer dizer, o Projeto este que o Noronha falava, Campinas, Ribeirão Preto, embora não colocasse com clareza isso, a tradição era: Estado, era Socialismo, era Robert Carr, e o Foucault veio pra botar tudo isso pra baixo. Na esquerda a gente continuou achando bacana aquilo, mas achou também Foucault bacana. Isso é uma questão teórica e política que o movimento sanitário brasileiro jamais conseguiu resolver adequadamente. Quem lembrou dessa questão só pra fazer referência foi o José Luís Fiori, faz uns dois ou três anos, no aniversário do instituto de Medicina Social.

Mas isso é uma questão real, Foucault entrou no IMS como um implante extremamente produtivo, importantíssima a pesquisa do Roberto Machado, fantástica. Ésio e Nina, não tiveram praticamente nada a ver com isso.

Elizabeth: Eu só queria lembrar também que o Foucault entrou na Medicina brigando com dois autores, Talcott Parsons e Merton, os funcionalistas. Isso foi antes ainda em 72.

Reinaldo: Mas deixa eu te dizer, isso não seria com uma tradução digamos de esquerda... porque o nosso inimigo de classe era Talcott Parsons e Merton, colocar Foucault brigando com essa gente era cômodo para o Foucault. Foucault briga é com o Estado, com o Socialismo, com o projeto coletivo.

(As pessoas se despedem e comentam que compreenderam o projeto...)

Reinaldo: eu quero que vocês recuperem. Lembrando que vocês moravam na Barão da Torre... Eu me lembro de uma festa, na verdade foi na Nascimento Silva, foi na casa da Hortência ali teve uma festa que pra mim é memorável, primeiro porque é o momento em que Chico Buarque tava lançando “Que será, que será”. Isso eu me lembro que toca a noite inteira. E outra porque teve um cara que dançou com você, lá do instituto que dançando com você (referindo-se a Ana) chegou ao clímax.

Regina: [Propõe que se façam os depoimentos].

Depoimento de Alberto Pellegrini Filho
(Rio de Janeiro - 12.11.2004)

Eu me formei em medicina em 68 em São Paulo e fui a Campinas em 71 e incorporei lá o departamento de neurologia de Campinas em 71. E depois de chegar o Arouca me chama. Porque um amigo comum de São Paulo que se chama Moisés Goldbaum havia mandado um bilheteinho pro Sérgio dizendo, tem uma pessoa aí que eu gostaria que você conhecesse. Então o Arouca me chama pra conversar e me convida pra uns grupos de discussão que havia a noite lá na faculdade de medicina. O diretor da faculdade de medicina era José Aristodemo Pinotti, que já foi secretário de saúde de São Paulo. E esse era o diretor da faculdade, e o grupo era basicamente de pessoas da preventiva, outros não eram. Tinha o pessoal da pediatria, mais pra discutir o que chamavam faculdades inovadas e o novo ensino médico. Passava pela idéia de reestruturar o ensino médico. Tem até um artigo publicado, na revista da OPS. Um dos produtos desse trabalho. Era um grupo que se reunia à noite e tinha muito essa coisa de reestruturar o currículo e também de buscar novas formas de prática. Essa era toda a proposta de trabalho da Paulínia, de medicina comunitária... como trabalho nos bairros de Campinas, não é... onde eu me envolvo mais diretamente.

Bom, a minha trajetória... eu trabalhava no departamento de neurologia, trabalhava no departamento de farmacologia, aonde eu fiz a minha tese de doutoramento, e trabalhava com o pessoal da preventiva, através desses grupos de discussão etc. E depois quando se cria o laboratório de educação médica que é uma coisa muito interessante, porque é também um projeto com muitos recursos, não é? Eu me lembro que se conseguiam prédios pra esse laboratório com vários equipamentos e apoiado pela OPS também. E depois fazendo parte do departamento de preventiva também.

Esse laboratório de educação médica era um laboratório pra discutir questões de educação médica e se discutir essas formas de prática nos bairros de Campinas, Paulínia etc. Pessoalmente eu tinha essa tripla inserção, neurologia, farmacologia e medicina preventiva.

Por isso é um momento interessante esse prévio a vinda para o Rio de Janeiro, que eu acho que é o momento que tem uma gestação não só do projeto mais conceitual, mas também do projeto político, aí. De gerar um projeto sanitário a partir das escolas de medicina. E eu acho que a vinda pro Rio amplia isso, o grupo passa a ter uma projeção nacional, porque se vincula mais internacionalmente e mesmo nacionalmente etc. Mas eu... bem, chega uma hora em que eu fico numa encruzilhada, eu também tinha a questão da perseguição política. Em algum momento, todos tínhamos que sair da Campinas inclusive eu, mas a minha situação pessoal não era tão crítica digamos, como de algumas pessoas da preventiva.

Eu poderia talvez até ter optado ficar em Campinas, porque a minha situação no departamento de farmacologia vai se aprofundando, o chefe do departamento de farmacologia queria que eu ficasse por lá. Me arranhou até um estágio na Alemanha pra que eu no futuro ficasse lá mesmo no departamento. E aí eu tive que optar entre o estágio na Alemanha pra farmacologia ou ir pro Rio. E nesta época estava se consolidando o PESES. Eu opto, claro por me juntar ao grupo, né? E venho no PESES, coordenar um dos projetos do PESES que era o projeto de medicina comunitária. Isso era interessante no PESES, porque era uma época em que muito de nós médicos nos travestíamos de sociólogos, de antropólogos, de economistas falávamos de todas essas coisas. O PESES não, o PESES faz uma coisa mais avançada que é buscar atrair e consolidar um grupo multidisciplinar, aonde realmente você tinha a convivência de

economistas, sociólogos, antropólogos etc. E bem... eu coordenava um dos projetos e haviam outros projetos e tal. Quando o PESES... aí a questão da transição do PESES pra FIOCRUZ que é interessante. Quando o PESES termina, uma cláusula da coisa com a FINEP era que a FIOCRUZ ou a ENSP deveriam incorporar o grupo, mas isso não acontece. Algumas pessoas é que são incorporadas. E isso é importante porque de uma maneira reforça muito a escola e a escola passa a ter um novo perfil, parte em função da conjuntura da conjuntura mais geral, mas também em função da incorporação dessas novas pessoas, mas não todas.

Nesse momento aí sim se perda a ficha da SNI, eu faço um concurso aceitam a minha inscrição mais no momento de assumir, não me deixam por causa da ficha da SNI, o mesmo acontece com o Reinaldo. O Reinaldo fez esse concurso junto comigo em uma das categorias.

Ana: Eu lembro que teve até um movimento, uma reação, mas não tinha como.

Alberto: Vão ser incorporadas muitas das pessoas do PESES, entram pra escola por essa via. Eu não consegui. Eu fiquei meio solto, em trabalhos eventuais sempre com o problema da ficha da SNI e esse especo da OPS foi o único que não me pediu a ficha da SNI eu fiquei 20 lá e tô voltando agora.

Acho que é por aí. Minha relação com o Arouca?

Bem tem essas três dimensões que o Guilherme falou no começo, tem uma dimensão de abrir a minha cabeça pra pensar as questões da medicina e sociedade e claro que também ele me apresenta o Juan César García.

O Arouca tem essa característica meio que de acreditar nas pessoas. Então ele acreditava na pessoa e apoiava mesmo e a mim me apoiou muito, nos projetos com a Kellogg's havia uma bolsa e... várias bolsas. E o Arouca conseguiu que eu ganhasse a bolsa, aí eu fui pra os Estado Unidos, fiquei na OPS 4 meses e fiquei um tempo também com Ivan Ilich no México, quando ele tava elaborando o livro Nêmesis, então eu passei um mês lá com ele e depois uns três ou quatro meses na OPS. E depois claro, fiz o contato com Juan César Garcia, que foi muito importante pra mim ao longo desses anos. Tive várias oportunidades de contato com a OPS, antes mesmo de entrar como funcionário, por causa do Juan César Garcia.

Mas o Arouca me abriu, sei lá, primeiro essa oportunidade teórica de repensar a saúde e viabilizar nossa trajetória, tinha um lado de opção política, muito a ver com isso, abrir a minha possibilidade de retomar uma prática política que vinha desde o movimento estudantil, tinha muito também a questão de acreditar no grupo, no projeto, movimento, tinha essa dimensão afetiva, pessoal. O Arouca, acima de tudo era muito amigo.

E é uma coisa interessante, porque mesmo todos esses anos fora, eu passei muitos anos fora. Parecia que a gente tinha se encontrado no dia anterior, era uma certa irmandade mesmo, parecia que estava sempre junto. Então acho que a minha relação com o Arouca tem mesmo essas três dimensões que você falou: o Arouca político, o Arouca liderança... bom, eu passei em Brasília e o Arouca vinha sempre com essas propostas... você estando em Brasília tem que trabalhar com o Congresso. Tem que aproveitar essa proximidade com o Congresso. Foi então o Arouca que de alguma maneira me deu um empurra... tem que ter alguém que depois leva.

Eu trabalho com os deputados. Aquele seminário sobre saúde e trabalho que a Ana participou, e vários outros seminários sobre política nacional na saúde, que a comissão de saúde na câmara fez, né? De alguma maneira o Arouca impulsionava, tinha

essas idéias, dava o estímulo. Era realmente uma liderança. E isso muito carregado de afeto, de amizade.

Ana: Isso que acontecia com ele era uma coisa que acontecia com todo mundo, nós nos sentíamos muito irmanados, muito solidário. Como que uma comunicação especial entre a gente. O Arouca era a liderança do grupo, mas qualquer um em qualquer lugar tinha a possibilidade de falar olha aqui!!! Eu pensei... e aí o Arouca vinha e de certa maneira era o primeiro a ser notificado, vamos dizer da idéia, e de uma certa maneira ele ajudava na discussão e o grupo apoiava. Isso era uma coisa notável, era uma coisa muito gostosa, porque a gente apesar de ter vindo de outro lugar se sentia muito seguro.

Regina: Ele veio de Campinas também?

Pellegrini: Não eu vim de São Paulo. Eu vim pra cá em 71, aliás, eu conheci a Ana grávida do Pedro.

Eu acho essa coisa muito interessante, pois apesar da gente ser muito duro e ter essa coisa muito dura, que tinha que se cuidar muito. A gente encontrou pessoas aqui e a gente se irmanou, porque a gente logo que reconheceu... Não é que tinha um plano de ficar. A ENSP foi o último lugar que a gente queria ficar, e o Serginho quando fala isso ele tem razão.

Nós ficamos na ENSP porque tinha um movimento de estender a mão, solidário. E isso pode falar quem quiser. Eu sei onde bati e onde doía, eu acho que pode perguntar para as outras pessoas, pode ser que elas pensem diferente. Mas isso foi verdadeiro.

O Caniço teve um papel fundamental nisso. O Caniço era um baiano, não sei se José, Raimundo... esqueci o nome dele.

Guilherme: Esse depoimento do Sérgio Góes é interessante, porque eu acho que junta Ana, essa coisa da intelectualidade daquela época, com a possibilidade da cultura emergente desse Brasil. Na verdade o que vocês disseram aqui, juntou com a Tropicália e aí deu certo.

Ana: Não a gente vivia essa coisa toda, de uma maneira maluca. Pra você ver... quando o Caetano vai dar um show em Franca, vai parar dentro da minha casa. Agora eu acho também que a Marília era uma grande pediatra ela trabalhava com neonatologia.

Depoimento Sérgio Góes
(Rio de Janeiro - 12.11.2004)

Sérgio: eu queria insistir muito, quer dizer... foi colocado aqui o Arouca como uma liderança, um amigo e o Arouca como um político. E eu quero enfatizar muito o Arouca como amigo.

Regina: Comentando sobre o barulho...

Sérgio: Meu nome é Sérgio Góes de Paula e conheci o Arouca na origem do PESES –PEPPE...

Eu quero chamar atenção pra um lado, que independe da capacidade do Arouca de juntar idéias... eu não sei se ele gostava de mim tanto quanto parecia, porque ele demonstrava um afeto imenso por todo mundo. E talvez isso fosse uma das melhores coisas do Arouca, a capacidade dele sentar e conversar com todo mundo. Ele era absolutamente encantador... não havia como resistir ao Arouca não tenham dúvida.

Não é à toa que tem essa galera toda se mobilizando, pra enfim... dizer isso. Tudo que a gente ta aqui dizendo é que nós gostávamos muito do Arouca. Isso é o mais importante eu acho.

Outro ponto que eu quero falar... que na verdade não se contrapõe a esse é de uma pessoa importantíssima que foi o Caniço. Pra mim é quem trouxe... quem foi a pessoa ponte entre eu e o Arouca. Ele tá na origem do tropicalismo, e não é exagero o que eu estou falando. Na medida que eu era muito amigo de Dedé e de Caetano... eu acho que ele era uma figura ímpar, bem parecido com o Arouca, na medida que também tinha enorme afeto.

O estudo a questão preventiva, acho que o Duca pode falar melhor do que eu já que conhecia o Caniço desde criancinha. Ele também era uma pessoa de uma enorme generosidade, um ótimo coração.

O que eu quero dizer é que essa história social se concretiza em fatos, o que eu quero dizer é que ela não está ligada a conceitos. A história se realiza, ela se faz através das pessoas, o que eu acho que é característica mais importante é que o Arouca... os dois eram muito parecidos numa coisa que a Ana apontou de saída...

Um fato que não era meu mais era daquele grupo era que nós éramos muito mais generosos. Entendeu. Éramos nós contra a ditadura e isso já nos bastava. Tudo isso já bastava para dar uma liga, mas para fazer o que acabou sendo o PESES e o PEPPE foi a presidência do Arouca na FIOCRUZ. Era necessário ter uma pessoa com aquelas qualidades: uma imensa capacidade de liderança, um imenso afeto por todos nós, a capacidade de abrigar todos nós, de juntar aquele monte de gente do PC do B, do não sei lá mais o quê. Bem eu não sei se aquele pessoal todo que veio de Campinas era do mesmo grupo político, mas o daqui eu sei que não era. Ele era capaz de fazer com que todos nós trabalhássemos juntos... Entende. Todos nós aqui ainda temos um imenso afeto um pelo outro, nós que vivemos aquela época... Eu tenho consciência que a gente fez parte de um grupo que revolucionou... É isso... (Sérgio se emociona e Ana Tambellini afirma que “dá até vontade de bater palma”. Depois do depoimento, Sérgio se despede de todos e vai embora).

Depoimento de Maria do Carmo Leal
(Rio de Janeiro - 12.11.2004)

Meu nome é Maria do Carmo Leal. Eu sou médica. Eu me formei em Medicina na Universidade Federal da Bahia e acho que o que interessa aqui é como foi o encontro com o Arouca e o que foi aquela coisa na FIOCRUZ a partir da chegada desse grupo de São Paulo.

Eu vim fazer a residência na UERJ, que era um centro muito importante dessa área da Medicina Social e eu já na faculdade era interessada por essas questões, já era monitora do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal da Bahia. E tinha um professor muito importante lá chamado Sebastião Loureiro com quem Caniço trabalhava. Caniço era meu professor na faculdade muito embora Caniço não fosse muito mais velho acho que ele tinha uns 5 ou 6 ou 7 anos, não mais do que isso, do que eu. Ele foi meu professor e tivemos uma enorme amizade desde aquela época. Era um tipo de gente que ficava amigo dos alunos, não fazia diferença. E isso fazia assim... as pessoas se apaixonarem por ele. Eu gostava muito dele. Então eu vim aqui para o Rio para fazer a residência na UERJ. Fiz a residência no primeiro semestre e na verdade na época a UERJ estava passando por uma fase de grande investimento no mestrado da UERJ, era 1976. Então a residência já não era tão importante naquele momento já não havia um grande investimento na residência. A residência não era muito boa, efetivamente. O mestrado da Medicina Social era algo que atraía todo mundo, mas eu cheguei digamos atrasada. A residência havia perdido muita importância e muito investimento naquela época e o curso não foi bom no primeiro semestre. Então eu acabei pedindo para eles me deixassem fazer o curso na Escola Nacional de Saúde Pública, que havia começado no segundo semestre. Quando eu “tô” lá fazendo as minhas aulas e tal, lá pelo final do ano, e eu encontro nos corredores da Escola de Saúde Pública o Caniço. Eu tomei um susto enorme porque havia anos que ele tinha saído da Bahia e eu também não sabia por onde ele andava, eu tinha perdido ele... Aí ele me disse o que “que” você está fazendo aqui? Eu disse que estava estudando aí eu perguntei e você? Ele me disse “tô” trabalhando. Ele me disse: Você vai trabalhar comigo. Assim eu entrei no grupo do Arouca e no grupo que estava chegando de São Paulo, do qual o Caniço fazia parte. Eu entrei e foi assim uma coisa impressionante... O meu depoimento é de uma pessoa que conheceu esse grupo do Rio e que foi uma coisa deslumbrante pra mim porque era um mundo de coisas que eu nunca tinha visto, era um mundo de idéias e de sonhos, entendeu, com os quais eu compartilhava, mas que talvez eu não tinha... Certamente não tinha... Formulados como esse grupo já tinha de uma experiência assim... Mas bem consolidado nessa área de saúde pública e pra mim foi uma abertura de um mundo novo de trabalho que já era uma decisão minha trabalhar nesse campo da saúde pública, mas foi assim um redirecionamento, uma abertura de fronteiras, foi uma coisa assim fantástica... E eu então me incorporei no trabalho do PESES porque o Caniço condenava o estudo dos departamentos de Medicina Preventiva e aí viajamos pelo Brasil todo e foi uma oportunidade também para eu conhecer o país que eu nunca tinha viajado tanto, tanto pro Norte, pro Nordeste... Foi um aprendizado, uma acumulação de conhecimento naquele ano que eu nunca mais tive na minha vida, foi uma coisa impressionante... E, além disso, essa relação com esse grupo, sob a liderança do Arouca, que era uma pessoa especialíssima, era uma coisa muito gostosa porque a gente era... Eu era uma desconhecida, era uma aluna, que me incorporei, mas logo fui adotada como se fizesse parte da turma porque não havia diferença, era muita festa, a gente fazia muita festa e a gente se encontrava todo o fim de semana e tinha dança e

tinha festa e tinha alegria... Criou-se um grupo, um espírito de corpo entre nós... Era uma coisa tão maravilhosa que a gente trabalhava e brincava e se divertia juntos. Igual também nunca mais. Por isso a FIOCRUZ tem hoje coisas muitas boas que são heranças dessa construção. Mas essa coisa das festas nunca mais teve igual, isso foi uma coisa que se perdeu, era uma coisa maravilhosa, uma coisa muito grande... Acho que o espírito que reinava naquele encontro, naquele grupo do PESES, e depois do PEPPE também, eu acho que deu um tom de relacionamento institucional na FIOCRUZ que eu acho que é o segredo porque hoje a FIOCRUZ é a instituição que ela é. É por isso que a FIOCRUZ é uma instituição que não pára de crescer. Há uma competição acadêmica, é claro, mas não uma coisa destrutiva de achar que você cresce quando derruba o outro, isso não existe. Eu acho que isso, portanto, foi fruto daquela experiência, digamos assim, que renovou a FIOCRUZ e também renovou a ENSP e, como falou o Sérgio Góes, depois da ENSP para a FIOCRUZ porque o Arouca foi presidente da FIOCRUZ. Eu acho que se instalou uma nova forma de lidar com as pessoas e com as competições estabelecidas lá dentro e que é extremamente saudável e que faz a gente crescer sem derrubar o outro. Isso é uma coisa maravilhosa. Acho que ficou dessa experiência. É isso que eu queria falar que eu acho que é o melhor que a FIOCRUZ tem hoje.

Depoimento de Maria Luíza Testa Tambellini
(Rio de Janeiro - 12.11.2004)

Meu nome é Maria Luíza Tambellini, eu sou irmã da Ana, portanto, cunhada do Arouca. Eu conheci o Arouca quando ele se casou com a Ana em Ribeirão Preto, cidade onde funcionava o Instituto de Medicina Social. O tempo em que eu estive mais próximo do Arouca, que eu pude mais falar com ele, saber coisas dele, foi quando eu fui pra Campinas e eu tinha acabado de fazer um curso de Medicina Social, em Ribeirão Preto, e o meu curso todo tinha sido em cima do Parsons ou então do pensamento religioso e aí eu vou pra Campinas e começo a me confraternizar com pessoas que tinham outro jeito de pensar a questão social. Aí eu comecei a ler uns livros. Esse legado de pensar o contrário da ordem vigente eu aprendi com a Ana e com o Arouca. Acho que é importante porque hoje eu sou professora do Departamento de Serviço Social da UERJ e esse curso também é um curso que se contrapõe aos outros cursos que tem de Serviço Social tradicional, que ainda não “tá” dentro disso aí, e eu só queria falar assim o quanto o Arouca me ensinou a ser livre e democrática e pensar solto dentro dessa coisa que essa gente toda “tá” falando aí e falar de dois momentos dele que me impressionaram muito, entre muitos outros que me marcaram, mas esses me marcaram muito. Isso foi na época de chumbo, eu não era do Partido Comunista, ele e a Ana eram, eu era solidária ao pertencimento deles. Eu era discreta, eu era confiável, digamos assim. E um dia, a coisa “tava” muito preta, foi na época que o Herzog morreu, eu fui pra Campinas queimar a “Voz Operária” [talvez um jornal, um veículo de comunicação] com o Arouca e aquela sensação de medo eu nunca tinha passado porque era uma ingenuidade nossa pensar que naquela casa tava saindo fumaça por algum lugar e as pessoas não fossem pensar que estava acontecendo alguma coisa. Isso me assombrou muito, mas também me deu muita coragem porque a gente saiu ileso. A outra coisa se refere à Fundação Oswaldo Cruz quando no primeiro momento da administração do Arouca ele repõe tudo que a ditadura e a direita tomou da FIOCRUZ, portanto, uma série de intelectuais que haviam sido perseguidos e expulsos da FIOCRUZ e o primeiro ato dele é fazer a retomada dessas pessoas para a Fundação Oswaldo Cruz. Essa cena me emocionou muito e eu posso dizer que ele foi um cunhadão muito legal comigo e eu hoje acho que ele ainda é.

Ana: Eu acho que eu ainda tinha que falar uma coisa aí. A Maria Luíza desde a época... Eu fui estudar, em Ribeirão, Medicina, e eu cheguei antes de entrar na faculdade e eu já era do Partido Comunista, já conhecia o Arouca no partido e nos últimos anos do curso secundário. A Maria Luíza foi logo depois para estudar. Nós nascemos em uma cidadezinha muito pequenininha, perto de Ribeirão, e ela foi pra lá. A partir de então a nossa vida tem corrido muito ao lado da dela de tal maneira que um tempo depois, quando a gente foi pra Campinas, a Maria Luíza também foi pra Campinas. A Maria Luíza conhece o Arouca muito bem. Ela conheceu o Arouca muito de perto a vida dele em momentos muito diferentes, entendeu, o tempo que nós passamos em Campinas, depois uns quatro meses depois que a gente veio pro Rio, ela também veio pra cá. De certa maneira a Maria Luíza é uma irmã muito solidária e ela sempre colocou essa forma muito carinhosa de se relacionar com o Arouca e ela é uma pessoa de extrema confiança a quem nós entregávamos o filho na ocasião que a coisa ficava muito complicada e que nós tínhamos que sair as pressas então ela é que tomava conta do Pedro. Ela é uma pessoa... Eu a partir de determinado momento em que eu me

separei do Arouca ela ainda continuou sendo amiga dele. Então ela é uma pessoa que... Não sei se ela fica muito emocionada e não consegue falar... É uma pessoa que foi uma pessoa muito importante na vida do Arouca também.

Depoimento de Elizabeth Moreira dos Santos (Rio de Janeiro - 12.11.2004)

Meu nome é Elizabeth Moreira dos Santos. Eu me formei na Unb em 74 e a Unb era uma dessas escolas em que os experimentos sobre o ensino médico “tava” ocorrendo. Quer dizer, era um curso diferenciado, experimental e por conta dessas modificações que eram propostas um grupo de estudantes começou a se organizar não só por falta de mudanças no ensino médico, mas porque esse espaço era um espaço que o movimento estudantil tinha pra trabalhar o mínimo de organização. Então quando eu terminei a faculdade, até antes de terminar a faculdade, eu procurei buscar alguns locais que eu pudesse fazer residência porque na Unb ainda não tinha residência em Saúde Comunitária porque foi criada um ano depois, em 75, exatamente quando eu saí até porque o Dr. Frederico Simões, que era diretor da faculdade, ele me aconselhou a sair de Brasília e ir buscar formação na área de Medicina Preventiva. Então eu comecei a ver algumas residências, vim ao Rio, fui a USP, conversei com o Ricardo naquela época e cheguei em Campinas sem conhecer ninguém e cheguei nesse departamento exatamente nesse prédio que foi criado, que era esse laboratório de educação médica e a única pessoa que “tava” de tarde lá era o Arouca. Ele “tava” sentado numa mesa. Eu cheguei a gente começou a conversar. Ele me disse: Qualquer lugar que você quiser fazer residência, com uma carta do Aluizio Prata [talvez seja o “Pratinha”], que era então um dos coordenadores da Universidade de Brasília, você consegue residência. Eu ainda brinquei com ele quando eu disse pra ele que eu então não ia fazer residência em lugar nenhum porque ele jamais me daria uma carta de recomendação. Aí, a partir desse contato, fui fazer residência em Campinas, fiz a seleção para a turma de 76. Nós começamos a residência, eu participei de uma série dessas atividades que o Pellegrini descreveu. Além das atividades regulares da residência eu, por opção, participava desses grupos que trabalhavam nas comunidades a noite e etc. Bom, teve a crise e a gente veio para o Rio de Janeiro. Quer dizer, o Chico Gordo e o Eduardo Frizi, a Rosely, que era uma R2, e eu, fazer o curso básico de Saúde Pública que era essa primeira turma de seis meses com a bolsa da UNICAMP porque o departamento praticamente fechou. Então não tinha condição da residência continuar. Os R2 que eram o Zé Rubem, o Zé Augusto, o David, a Rosely também era R2, eles ficaram lá. Bom, quando eu fiz o curso básico aqui... No fim do curso eu decidi ficar aqui no Rio e fiz a seleção para o mestrado da UERJ em 76, eu fiz um ano de disciplinas lá e essa minha briga com o Reinaldo vem desde aquela época porque eu saí do mestrado porque toda a discussão era muito centrada exatamente na abordagem do Ivan Ilich e eu tinha... Apesar de ter uma visão sempre muito crítica da Medicina, eu sempre gostei muito da clínica médica, então, por conta de toda essa discussão no período eu fui convidada a participar... A gente tinha sido convidado a participar desde os encontros dentro do ECEM, o primeiro trabalho que a gente apresentou no ECEM que “tava” Gastão, Luís Cecílio... No ECEM de Curitiba, em 72... A gente apresentou um trabalho chamado “Medicina Comunitária: Saúde na Mão do Povo”, imagina! (risos). Então nessa... Voltando em Campinas, a experiência da residência lá foi muito importante. De certa forma ela marcava uma experiência que eu tinha tido no curso médico em Sobradinho, em Planaltina que colocava a prática para uma reflexão e uma reflexão instrumentada exatamente na multidisciplinaridade e a residência em Campinas foi um momento em que havia uma abordagem crítica das Ciências Sociais na Saúde. Foi nesse momento que eu tive maior contato com o pensamento crítico do Arouca e de certa forma, isso é até uma coisa muito interessante porque dentro da própria residência tinha até algumas... Porque

embora a gente sempre fale que havia um corpo no grupo, que de fato foi construído com muito afeto, muitos podrezinhos também porque eram muitos desafetos, uma coisa muito humana de todos nós, na residência sempre teve uma caracterização muito sutil dos “arouquetes” e das “anetes” ou dos “anetes” [referindo-se a corrente ideológica defendida por Arouca e Ana Tambellini]. Quer dizer, tinha gente que se identificava mais como filhos teóricos de um, de outro, não era nada oposto, mas sempre havia... Eu de certa forma me identificava mais com o pensamento crítico da Ana e muito das discussões que ainda continuaram na residência e que continuaram nessa transição da residência para cá, porque de certa forma a gente participou desse processo como estudante e como amigo porque o Arouca, acho que de uma forma muito clara, ao longo desse processo, as relações que foram se estabelecendo... O Sérgio também chamou a atenção para isso... Foram relações que extrapolavam as relações formais de professores e alunos e mesmo de companheiros políticos. Quer dizer, a gente criou laços de solidariedade que não são laços que só tem o lado da alegria porque a gente passou realmente alguns momentos muito difíceis juntos. Bom, então vindo aqui para o Rio, eu continuei o meu mestrado no IMS e trabalhar no PESES em cima do estudo da Medicina Preventiva no Brasil com o Caniço que era o coordenador da pesquisa e essa pesquisa, na realidade, era a parte empírica da tese do Arouca e muita inspirada, muito discutida com o García [Juan César García], que veio várias vezes ao Brasil nesse período e que também era uma das pessoas que pensava no ensino da preventiva. Uma coisa interessante é que essas discussões nem sempre se davam no ambiente institucional, muitas vezes elas iam parar nos botequins, que era uma tradição típica do Arouca e... Quer dizer... Ocorriam ali entre os copos de caipirinha, com bastante delírio e uma coisa que Maria Luíza [irmã de Anamaria] falou e que sempre me chamou a atenção, que era uma característica dele, que era essas capacidades de ter liberdade pra pensar e a capacidade de integrar o conhecimento de várias áreas num pensamento estratégico e político de ação. Uma das coisas que eu sempre dizia pra ele era que, pra mim, Campinas era um raio, um trovão que sintetiza aquela sensação de que existe a possibilidade de ouvir depois. Existe a possibilidade de uma coisa nova que continua apesar daquele momento de susto. Isso foi até a dedicatória da minha tese de mestrado que eu fiz a ele, quando eu dei um exemplar dizendo que por incrível que pareça os acidentes de intoxicação dos trabalhadores de abacaxi da Paraíba (risos), quer dizer eu hoje “tô” na AIDS, e quando as pessoas me perguntam como é que foi essa transição eu sempre digo: Com esse grupo eu aprendi a estudar o trabalho e aprendi que o trabalho ele também é um dado presente da produção da cultura e queria dizer que eu aprendi a pensar... Hoje eu trabalho na área de avaliação e ainda continuo com esse processo que eu aprendi com o grupo que pra aprender é preciso pensar as formas através das quais a gente produz, seja aquilo que nos dá a sobrevivência, mas principalmente aquilo que nos faz querer continuar vivendo e querer “tá” aqui discutindo e contribuindo para que a memória dessa pessoa fique presente de uma forma viva num momento tão complicado como esse que a gente vive no mundo, no Brasil, de fazer alguma coisa nova para todos nós.

Depoimento de Maria Élide Bortolletto
(Rio de Janeiro - 12.11.2004)

Meu nome é Maria Élide Bortolletto. Sou mais conhecida como Maria, aqui no Rio de Janeiro, apelido muito carinhoso, e sou formada em administração de empresas em Piracicaba. Fui pra Campinas no início dos anos 70. Em 71 eu conheci todo esse grupo do Arouca, Anamaria, Marília, Pellegrini, Maria Luíza, enfim. Eu trabalhava no Alubanco do estado de São Paulo e em especial com os professores da UNICAMP e em 77 ainda estava lá em Campinas e praticamente o grupo todo já estava aqui no Rio e já tinha sido formalizado esse convênio da FINEP... Eu me lembro naquela época que o Arouca estava assim...Meio apavorado por todo o dinheiro que representava aquele convênio não é, um convênio de cinco anos que para a FIOCRUZ era quase um segundo orçamento. Então ele me pediu pra vim pro Rio de Janeiro e como a maioria das pessoas já falou aqui o Arouca é uma pessoa muito carismática e ele consegue ti convencer, ti inspirava uma confiança muito grande e eu pedi demissão depois de sete anos trabalhando lá no banco, e vim para o Rio de Janeiro sem contrato nem nada. Me lembro que eu só fui contratada em janeiro de 78 depois de muita luta e, nesse ponto, eu posso falar o quanto era difícil trabalhar na FIOCRUZ naquela época. A FIOCRUZ era uma instituição fortemente centralizada que tinha um superintendente de administração que era uma pessoa que mandava no dinheiro da FIOCRUZ. Nem mesmo o diretor da Escola Saúde Pública, das poucas unidades que tinha a FIOCRUZ naquela época, tinha conhecimento do recurso que a instituição tinha, então pra comprar qualquer coisa não se sabia se comprava ou não porque não se tinha nenhum conhecimento dessa peça orçamentária e o Arouca estava com essa fortuna, como ele falava na época, para ele poder administrar e então eu vim pra cá e o que eu posso dizer do Arouca é que ele foi uma pessoa muito amiga minha lá em Campinas. Eu participava ali do grupo do Arouca não como uma pessoa da UNICAMP, mas como amigo e freqüentava demais a casa dele, a casa da Anamaria, vi o Pedro nascer e a confiança que o Arouca deposita na gente. Realmente era uma coisa assim que surpreendia, acho que o Pellegrini até já falou nisso que... Ele acredita em você, dá a carta branca pra você trabalhar e obviamente deixava você se virar. Você vinha com um problema ali e você tinha que se virar pra poder resolver. Então eu acho que foi muito gratificante eu ter trabalhado pra ele, esses 26 anos que eu trabalho na FIOCRUZ eu devo muito a confiança que ele depositou em mim durante todo esse tempo, não foi só naquela época em que eu vim aqui pro Rio. Depois quando foi presidente da FIOCRUZ ele que conseguiu implantar um projeto de informação para a FIOCRUZ. Ele me chamou, me obrigou, essa é a palavra correta, eu não queria de jeito nenhum, ele me obrigou a aceitar dando um prazo de seis meses pra eu dar um retorno se eu continuaria ou não. Ele acreditou mais em mim do que eu mesma nessa capacidade de trabalho da gente. Era uma pessoa carismática, de uma meiguice, carinhoso, sempre com uma cara muito boa e eu acho que foi muito bom conviver com ele, com o Arouca, é o que eu tenho a dizer sobre ele.

Depoimento de Marília Bernardes Marques
(Rio de Janeiro - 12.11.2004)

Eu sou Marília Bernardes Marques. Eu sou médica formada em Campinas. Eu cheguei em Campinas em 1964. Cheguei antes do Arouca, portanto. Na verdade eu fui para a segunda turma da faculdade de Medicina. Não existia nem a UNICAMP ainda. O Arouca chegou, estou estava no terceiro ano. Ele era dois anos mais velho que eu. Ele chegou solteiro, pra trabalhar na Medicina Preventiva e eu, nessa época, não era uma pessoa muito interessada nos estudos. Na verdade eu era uma pessoa bem boêmia. Nos três primeiros anos de faculdade eu fui uma pessoa que... Por várias razões... A primeira foi porque eu não queria ter ido estudar Medicina lá em Campinas, eu queria ter ficado em São Paulo, como de fato quase fiquei. Por um deslize, uma infelicidade, em uma das provas acabei indo pra Campinas. Eu não queria, eu não tinha planejado ir pra lá. Eu sei lá, eu acho que isso teve um peso nessa história porque eu já tinha uma vontade muito grande em lidar com as coisas da música, do teatro, naqueles tempos de muita criação artística, então eu sei lá... Nesses primeiros três anos eu bebia, não tinha nada de drogas, a não ser o álcool, o cigarro... A gente fazia seresta, fazia serenata, descobríamos a bossa-nova, o teatro opinião... Eu convivía com o Plínio Marcos, com o Augusto Boal, com Nara Leão... Foi um tempo assim na minha vida, morando em república, pouco me interessava, muito menos me interessava por Medicina Preventiva, não é? Me lembro que uma vez o Miguel Tobar, Profº Miguel Tobar, diretor do departamento de Medicina Preventiva, ele chegou pra mim e perguntou o que eu achava de Medicina Preventiva e eu “tava” lá distraída e disse “Ah! Eu acho muito bom Medicina Preventiva, eu acho ótimo”. A turma toda caiu numa gargalhada só porque ele “tava” perguntando o meu conceito (riso)... E era totalmente... Mas era boa aluna: estudava, passava, virava a noite... Aí o Arouca chegou pra ser assistente desse departamento que “tava” começando, tudo era começo lá, e com seus 24, por aí, 25 anos, feinho, me lembro dele feinho, assim sem barba, magrinho, careca... Mas ele foi aparecendo ali como uma liderança muito forte sobre os estudantes e nessa época ele morava em república, mesmo sendo um professor, ele foi morar com os meus colegas que eram uns loucos. Ele escolhia uns caras assim que eram completamente loucos. Tinha o Xarope, que era o José Clementino Neto que era um doido, uma figura, uma peça, né? Ele com aquele cigarrinho, aquele cabelinho assim... Era uma figura, uma coisa... E o Arouca com aquele camarada e outras figuras absolutamente doidas moravam naquela república horrorosa... Mas eu sei que ele foi virando uma liderança muito interessante junto aos alunos... Os alunos adoravam o Arouca, as turmas que vinham chegando... O Arouca dizia que nós tínhamos que botar o aluno pesquisando... Ele surge, já de cara, desde Ribeirão e agora naquele começo de Campinas já como um professor que começa a mudar, a ganhar destaque. Naquele período, um ou dois anos depois, a Ana veio e acabaram se casando, aí nós já éramos mais próximos como amigos. A Ana chegou, se incorporou naquela vida de muita festa, muita alegria que havia no Rio, também havia em Campinas apesar da situação política muito negra naqueles anos 60, não é? Havia muita festa. Nós éramos jovens e... Então, nós fomos nos acostumando com aquela vida de cantar, de comer bem, de passar a noite e beber, beber, beber... Enfim... E cantávamos, íamos para aquelas churrascarias onde tinha uns palquinhos... Eu pegava no microfone e cantava, o Arouca ficava lá... Adorava (risos)... Eu sei que aquilo era muito gostoso. Enfim, pra mim aquele período de faculdade pra mim era difícil... Porque eu não tinha aquela história de militância... É difícil porque cada um teria que fazer a sua biografia porque eram trajetórias diferentes, mas o Arouca dizia que eu era mais comunista do que muito comunista. Eu me lembro que ele dizia aquilo pra várias

peças, não era só pra mim não... Ele já dizia isso desde o quinto, sexto ano, quando eu já me voltava para a pediatria, aí eu já “tava” levando a sério a Medicina e continuei levando a sério a Medicina e fiz residência, fiz três anos de residência, fui do primeiro grupo de residentes da UNICAMP e eles já estavam com projetos no departamento de Medicina Preventiva voltados pros bairros inicialmente, ainda não se falava em Medicina Comunitária ainda, eram projetos em bairros... Não era Preventiva ainda... Era o que se dizia: Uma mudança do enfoque do modelo de ensino tradicional e sempre perseguindo isso... Uma faculdade de Medicina inovada, inovadora... Mas eu era da minha pediatria e me incorporei com uma certa autonomia, mas o Arouca... Eu me lembro quando eu fiz três anos de residência. Eu fui fazer um quarto ano, seria equivalente a um mestrado... Realmente eu tinha um grande interesse especializado dentro da própria pediatria. Ele foi assim... sugerindo livros, livros para eu... Eu me lembro que ele, com aquela letrinha miúda, escreveu várias referências que eram Marta Honeck para ler e entender materialismo histórico e por aí vai. Vários livros... Porque aqui no Brasil não tinha nada disso, não tinha o que ler, era tudo proibido, bastava ter a capa vermelha para ser proibido então não tinha editora, não tinha nada... Então nós, estudantes de Medicina, tínhamos que frequentar as bibliotecas, nós dependíamos das bibliotecas mesmo. Então quando eu fui para Montevidéu em busca da especialização comecei a comprar livros e ler. Para mim é difícil avaliar quando é que surge essa... Para mim o Arouca teve um peso importante com ele se voltando pra esse projeto de mudança dentro do ensino médico Tanto é que a minha tese de doutorado resultou desse período de trabalho porque eu adquiri a consciência também de que não adiantava você trabalhar mais concentrado no hospital porque as consequências estavam se dando de uma maneira muito forte, uma determinação social muito forte embora esses conceitos de determinação social ainda não eram ainda... Ainda estavam fazendo, eu estava estudando para fazer a tese, o Arouca também... E eu nesse serviço de puericultura ainda recebia os residentes da preventiva e aí tinha gente como David Capistrano, um médico residente lá da puericultura de Paulínia. Ali existiam jovens muito vaidosos... Eu como médica era muito segura, eu brigava com os professores, tinha enfrentamentos sérios lá, em cima dos casos, na maneira de conduzir, mas a gente acabou sendo muito próximo. O Zé Rubem Alcântara, o Zé Augusto, que hoje trabalha com os medicamentos... Mas o David Capistrano, particularmente, foi uma pessoa muito... E nesse período da vinda do Arouca ou recebido pelo Arouca, não sei muito bem como estava essa coisa no político, mas era uma coisa política, disso eu sabia... Aquele meu trabalho foi interessante porque naqueles anos que eles vieram para São Paulo naqueles anos fazer cursos de especialização, o Arouca, a Anamaria... O Arouca veio pra São Paulo para a faculdade de Saúde Pública, tiveram um convívio também com o Dr. Walter Lezer, que na época era um secretário de saúde importante, com uma visão que vinha da preventiva, não é? E o David Capistrano... Eles... Voltaram com essa coisa do CEBES, voltaram com essa coisa do CEBES e o CEBES logo saí em uma revista. No número um da revista, o David Capistrano já tinha defendido essa coisa da tese, e ele me pediu pra fazer um artigo sobre aquela tese pra ele publicar no número um daquela revista. Era um trabalho referente ao que a gente tinha feito na puericultura. Eu fiquei tentada. Fiquei comovida e falei: “Que bom que você gostou!”. Fiquei muito comovida por ele ter pedido pra eu escrever para o número um daquela revista, “tá” lá... Mas eu jamais tive uma militância, assim uma coisa... Eu sempre tive um pensamento muito caótico. Eu acho que eu sempre fui pra lá, fui pra cá, fui pra ali, estudar um tema aqui, estudar um tema ali... Mas eu nunca deixei a pediatria, mas o fato é que... Isso me aproximou do Arouca, da Ana, eu acho que nós tínhamos uma afinidade, uma paixão verdadeira... Esses anos todos... Já são quase 40 anos. Eu não envelheci, é claro há

sinais físicos, é claro... Mas o que me deixa triste é pensar que o Arouca foi tão cedo. Quando o pessoal aí falou que ele era uma pessoa que impulsionava todo mundo... É impressionante realmente. Às vezes me perguntam: “você vai a FIOCRUZ?” Aí eu digo: “eu vou fazer o quê na FIOCRUZ?” Não tenho mais o que fazer na FIOCRUZ porque a presença do Arouca, lá, era aquela coisa: “Marília, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo”, sempre tendo idéias e eu também sempre cheia de idéias... Foi um período interessante da FIOCRUZ, instituição a qual eu devo muito da minha vida profissional. Eu tenho um profundo respeito embora as relações fossem complicadas... Vir pra cá... Porque o Arouca tinha essa mania de querer empurrar as pessoas... Pra começar ele queria que eu fosse secretário de saúde em Campinas. Um dia aquele maluco chegou lá, eu naquela minha vida de pediatra, trabalhando lá em Botafogo, no Bairro de Botafogo [na cidade de Campinas], ele chega lá e diz: Você vai ser secretária de saúde de Campinas porque não sei quem perdeu e outro ganhou do MDB, sei lá... Mas ô Arouca, eu não quero ser secretária de saúde! Não tenho o menor talento pra isso! Não quis mesmo! E... Mais tarde fez porque fez pra eu vir pro Rio de Janeiro tentar concursos. E eu lá com Pinotti, José Aristodemo Pinotti que foi meu orientador da minha tese, mas na prática quem foi mesmo foi Arouca e Anamaria... Mas o Arouca queria que eu fizesse concurso para o planejamento, eu disse, eu tenho horror ao planejamento! Não entendo nada! Aí ele falou é só você chegar lá... E era uma ditadura... Um concurso seriíssimo com um rigor acadêmico como eu jamais vi de novo naquela instituição... O fato é que ele disse: Você tem que chegar lá e falar das coisas que você sabe que você fez em Paulínia, da sua tese, que isso é que era planejamento e que o resto é conversa fiada! Mas eu tinha ficado insegura é claro! Estudei o material que ele me deu, é claro, mas eu tinha horror àquele negócio de planejamento. Eu nem me lembro que raio de planejamento era aquele naquela época, mas eu sei que foi interessante. Ele sempre empurrando você... Aí acabou que eu tive que fazer concurso com um cara que anos depois reapareceu querendo me processar... Sei lá... Uma coisa muito complicada. Foi um concurso muito difícil muito honesto... A gente conseguiu fazer um concurso sem espécie alguma de ingerência política. Porque eu era uma pessoa altamente qualificada mesmo. Com quatro anos de doutorado eu vinha pra uma instituição que ninguém tinha doutorado... E o Arouca que foi responsável por essa história... E eu acabei caindo lá no Departamento de Administração e Planejamento, pra dar aula de saúde... Então eu e Paulo Buss, Paulo Buss começou como auxiliar de ensino, por um outro caminho. Ele não tinha nada a ver com o Arouca, não. Mas a gente se deu muito bem, naquele começo... Enfim, teve o período da pós-graduação, mas não vale a pena porque o Arouca “tava” na Nicarágua. Eu acho que um período importante, que aí a gente fez um trabalho intelectual pra valer, que mais forte foi o trabalho na ENSP, foi bolado na FIOCRUZ na fase presidência porque aí foi quando a gente entrou na discussão do processo de redemocratização. Nós começamos a fazer toda uma discussão política, de saúde, ligada à política de ciência e tecnologia, isso realmente foi uma coisa pioneiríssima. Foi trabalho que durou... Aliás, nem passou pela área institucional de planejamento, na qual eu fracassei redondamente porque o Arouca mais uma vez insistiu para que eu fosse superintendente de planejamento da FIOCRUZ e eu, sempre com aquele meu velho problema com o planejamento... Não dava... Mas até hoje eu acho que aquele esquema de planejamento não poderia dar certo... O que valia mesmo eram as discussões de política e eu nós pudemos reunir intelectuais de muito alto nível, gente muito interessante do governo, gente do tipo de Aluizio Teixeira, os ciclos dos seminários que a gente fez... A primeira discussão nossa era de que tipo de política tecnológica pra que tipo de política saúde. Então era um barato esse trabalho. O trabalho foi todo gravado, até hoje é referência, a gente cita e recorre a isso até hoje. Foi o

período do Plano Cruzado, pra vocês verem como isso já vai lá pra trás. Mas foi uma coisa decisiva até pra formação de quadros, por exemplo, Carlos Gadelha, que depois veio a ser superintendente de planejamento, trabalha com política industrial e saúde até hoje. Então isso foi tudo incorporado naquela época. Então nos trouxemos o Jacques Marcovitch, da USP, trouxemos o Tauí, da UFRJ... Meu Deus é difícil lembrar quem nós não trouxemos da intelectualidade de todos os institutos de economia industrial quanto da UNICAMP, não é? E foi aí que a gente fez uma discussão institucional muito séria. Foi a primeira vez que alguém leva empresário pra dentro da FIOCRUZ. Nós fizemos a primeira reunião seria com Marcos Maresguia, o falecido Maresguia, com as lideranças empresariais. O Penúcio nem sonhava existir naquela época, só muito depois é que ele foi pra lá... Na época ainda ficou um tempão aquele Dr. Paulo Barragar como diretor de farmaco. O Arouca dizia que aquilo era uma padaria de fazer sulfato ferroso também era uma coisa horrorosa aquele galpão lá... Eu acho que nós conseguimos fazer uma discussão do ponto de vista estratégico que eu acho que levou a coisa para um plano muito bom. Eu acho que foram duas décadas de crescimento sem parar de Farmanguinhos. Eu não sei como está hoje nesse governo. Mas realmente foi uma fase de desenvolvimento muito grande. Isso não teve muito haver com essa fase do Arouca comunista... A gente sempre esteve junto nisso, sempre estivemos juntos nessa coisa mesmo lá em Campinas, dentro da minha casa teve gente que ficou lá. Quando a Anamaria ainda estava lá ela foi com o Arouca pra minha casa. Eu fiz a minha casa num período difícil. A guerra “tava” na rua... Tupamaros... O exército invadia hospitais... Um período terrível... Colegas meus foram colocados num calabouço... Terrível. E eles foram pra lá fazer uma reunião só de comunistas e eu morava sozinha. Foi uma coisa muito corajosa. Eu sempre tive muita coragem.

É difícil falar, mas eu acho que no caso do Arouca. Eu acho que não preciso falar, eu acho que quem teve um grande afeto por ele, é porque a gente sempre teve muito o que trocar, nesse plano do afetivo da admiração mútua.

Arouca foi uma importantíssima referência, né? Eu acho que a opinião dele era importante, assim como a da Anamaria é importante. Eles me ajudaram muito naquela fase de juventude, a minha fase de médica. Mas eu acho que depois eu segui um caminho meio meu mesmo. Até por uma questão de personalidade eu sou assim mesmo, mas... quer dizer. Eu sinto uma coisa... eu não quis ter um último encontro com o Arouca que foi em Brasília, eu tava por lá porque também trabalhei por lá, com Eleutério também – que eu acho que era uma pessoa importante – o Arouca tinha uma verdadeira adoração pelo Eleutério e vice-versa. Mas, essa última reunião não houve, porque ele me convidou pra sair a noite lá em Brasília, ele já tava nesse cargo último aí, que nem sei que secretaria era. Ele tava lá, e eu tava no CGE, aí eu fui lá, e quando eu olhei o Arouca, bati meu olho de médica nele vi que ele não tava bem... Ele falou: Vamos sair a noite... vamos conversar, bater um papo. Eu acho que ele tava querendo alguma coisa de mim, sabe?!? Pra alguma função alguma coisa. Porque ele tava lá naquela coisa, ou isso ou ele queria me dizer que não tava bem... o fato é que eu não senti vontade de ir, eu pensei... não quero ouvir nada hoje que o Arouca possa me dizer, e ponto acabou aí.

Aí quando eu voltei a ver o Arouca lamentavelmente... eu vim de São Paulo, eu já estava morando lá e ele já estava no hospital. Aí quando eu o vi ele já estava... eu não sabia que ela estava aquele estado. Foi um choque, mas eu me segurei, ainda deu pra dar um beijo nele, um abraço, ali eu me despedi dele, foi bom... eu sei lá... são coisas as vezes que ficam no coração da gente, o sentimento da gente. Mas eu só tenho recordações boas do Arouca, assim como eu tenho da Cecília Donangelo também, que pra mim também foi uma pessoa importante.

Pra mim durante muito tempo foi uma coisa meio indissociável aquele período dos anos 70, Sérgio Arouca... o grupo de Campinas na verdade, Cecília Donangelo.

E depois quando eu fui coordenadora da pós-graduação, eu fiz questão de convidar... foi a primeira vez que a Cecília Donangelo veio pro Rio de Janeiro dar aula em uma pós-graduação, e nós ficamos amigas mesmo... muito, muito amigas... e foi uma amizade que durou assim... um pouco mais de um ano. Uma coisa impressionante o quão intensa que foi. Ela tinha um casamento infeliz e ela desabafava tudo comigo... e morreu... aquela morte trágica da Cecília Donangelo, moça. Com 41 anos.

Mas como intelectual uma coisa que me marcou muito foi essa passagem, pra uma pessoa de influência o marxismo. Tanto que eu tenho as obras completas... tenho tudo de Marx, tudo de Gramsci, quero reler Gramsci. Isso eu não perdi, sabe... isso eu acho que foi o Arouca que me atraiu pra isso. Mas não fui nenhuma militante, foi mesmo à leitura, o estudo. E depois à medida que eu fui amadurecendo fui uma pessoa que gostava muito de ler, passei minha vida lendo, lendo, lendo.

É isso o Arouca... eu me lembro dele sempre querendo me botar em cargos, o Eleutério também, queriam que eu assumisse, na época que ele foi secretário executivo do Carlos Santana... que eu assumisse a secretaria de ciência e tecnologia do ministério da saúde foi outra coisa que eu disse não vou, não quero isso. Mas eu me lembro dele sempre querendo me puxar pra essa coisa de mais visibilidade na política... mas eu sempre preferindo fazer um caminho meu mesmo.

Eu trabalhei em Brasília, trabalhei... e ele ficou um pouco magoado com isso. Mesmo quando ele já tava trabalhando em anos 90 mesmo... 95, 96, 97... eu tava lá, e eu representava a ABRASCO na área de ciência e tecnologia e aí passei a trabalhar no ministério com o Doutor Adib Jatene, com o doutor José Carlos Seixas... ministro Seixas. O Arouca tava lá como deputado federal e ele ficava muito assim como que enciumado com essa história... e ele dizia assim: “você não tem que ficar no ministério da saúde, ali é uma bagunça, uma coisa horrorosa, uma confusão”.

É que ele tende desqualificar, quando quer te atrair, ele queria que eu ficasse lá trabalhando no Congresso, mas eu não quis... eu acabei ficando lá mesmo fazendo o trabalho que eu acabei fazendo. Mas ele sempre, nós todos, quarenta anos, sempre muito... o Pellegrini, mesmo em Washington. A gente o conheceu lá naquela Santa Casa de Campinas, quando ele veio ser professor de neurologia. A Maria Luiza era assistente social lá na Santa Casa e morávamos juntas, lá na república. Nós éramos quatro moças, nós três residentes e Maria Luiza. A gente sempre teve uma vida pessoal afetiva... e a gente nunca se separou, a gente também nunca brigou.

Então é isso...

***Depoimento de José Gomes Temporão
(Rio de Janeiro - 14.04.2005)***

E: Vamos começar a falar dizendo o seu nome, seu cargo hoje e de seu envolvimento com o Arouca e com o movimento da reforma sanitária.

T: Sou José Gomes Temporão, sou medico, me formei na UFRJ e já antes da conclusão do meu curso de medicina já estava envolvido com estas discussões da redemocratização do país e da própria situação da saúde. Naquela época ainda na faculdade tem um caso pitoresco, quando nós organizamos a semana de debates científicos da UFRJ. E nós tínhamos ouvido falar de um medico Sérgio Arouca lá de Campinas em São Paulo que tava com umas idéias interessantes, umas idéias novas e aí nós o convidamos para fazer uma conferencia. E aí a Anamaria Tambelini também fez uma conferencia. O interessante é que a conferencia foi um sucesso total. Aquela figura magra, já meio calva, mas muito cabeludo como é o estilo do cabelo do Arouca. No final o pessoal comentou puxa que fantástico realmente o cara é um gênio e aí a gente tentava tirar um pouquinho mais, “olha realmente não deu para entender muito do que ele falou, mas deve ser muito importante”. Claro o Arouca trazia toda uma visão do campo das ciências sociais aplicada ao campo da saúde que pra os estudantes de medicina do segundo ano e do terceiro ano ainda era uma coisa muito abstrata.

E: Temporão, que época foi isso?

T: Isso foi 74, 75, por aí.

E: Início do processo de discussão da redemocratização, da distensão...

T: Já há um movimento na sociedade, um meio estudantil muito forte, questionando a ditadura. A UFRJ sempre foi tradicionalmente um espaço de vanguarda de mobilização, os estudantes de medicina sempre marcaram a historia em termos de resistência, defesa de idéias libertarias, e naquela época não era diferente. Bom depois eu fiz o curso de saúde publica aqui na escola nacional de saúde publica, já estimulado por essas idéias, me formei e aí em 79 eu fiz um curso de especialização em planejamento de saúde, onde o Arouca era o coordenador do curso e foi meu professor durante todo esse curso e aí já tava tudo misturado, eu militava na mesma base política dele no partido comunista brasileiro, trabalhava com ele no CEBES, era aluno dele na escola e ao final do curso ele me indicou para ser contratado como docente e eu sou professor da escola desde aquela época. Depois eu fiz a minha carreira acadêmica na própria escola, fiz mestrado na Fiocruz, fiz doutorado no Instituto de Medicina Social e hoje eu estou dirigindo o Instituto Nacional do Câncer.

E: Você fez uma colocação que uma das novidades que o Sergio Arouca trazia era essa relação das ciências sociais na saúde. Você podia falar um pouquinho disso?

T: Para falar da reforma sanitária brasileira, depende do corte que você dá, né? A gente poderia começar nos anos 50 com os sanitaristas desenvolvimentistas como o Mario Magalhães e outros, mas sem duvida a historia moderna da reforma sanitária brasileira está marcadamente vinculada à luta pela redemocratização no Brasil e o surgimento do

movimento sanitaria, que mais tarde vai virar o partido sanitaria, aliás, semana passada teve uma nova reunião do partido sanitaria.

E: Um partido?

T: É chamado de partido sanitaria, mas na realidade é um movimento, o Arouca teve uma marca importante nisso, depois a gente vai falar um pouquinho disso. Mas essa coisa da reforma sanitaria que começa nessa nova fase nos anos 70 ela tem a Sarah Escorel no livro dela *Reviravolta da Saúde* detalhou bem, contou bem essa historia que tem três vertentes principais. Tem o movimento que surge dentro da academia, e aí o trabalho de muitos intelectuais e muitos professores foi importante, quer dizer você começa a trazer conceitos da antropologia, da sociologia, da ciência política para o campo da saúde. Começa-se a desenvolver uma serie de linhas de pesquisas dentro do departamento da medicina preventiva das universidades, essa é uma linha. E Arouca quando defende sua tese de doutoramento dele o dilema preventivista esse trabalho esta totalmente imbuído desse novo olhar, desse novo debruçar sobre a saúde e a medicina. Uma outra vertente é a vertente dos movimentos sociais e aí principalmente uma serie de movimentos que começam nos anos 70 ligados à igreja, ligados a movimentos sindicais, seja de profissionais de saúde, seja de trabalhadores, em que a saúde começa a aparecer na agenda desses movimentos como uma categoria central. E a terceira é o que nós chamamos de um conjunto de experiências praticas já trazendo algumas idéias seja da organização mundial da saúde através da atenção primaria em saúde e de participação comunitaria. São marcantes as participações nas prefeituras de Londrina, de Niterói e de Campinas, que começavam a aplicar algumas dessas idéias na pratica da organização dos serviços de saúde. Quer dizer, essas três vertentes, digamos assim, são as bases teóricas, conceitual e política da reforma sanitaria. E aí o CEBES (Centro Brasileiro de Estudos de Saúde) foi criado em 1976 em São Paulo. O interessante é que ele surge em São Paulo pelas mãos de David Capistrano Filho e José Rubem de Alcântara Bonfim e muito como a necessidade da construção de um veículo para a disseminação dessas novas idéias que não existia. Você tinha as revistas tradicionais das sociedades medicas, que simplesmente não eram um espaço adequado para isso. Por isso se criou a revista *Saúde em Debate*, se criou o centro para viabilizar a edição da revista *Saúde em Debate* e também de alguns livros. O livro de Samuel Pessoa e depois ainda teve uma linha de livros muito grande inclusive com o livro do Giovanni Berlinguer com o livro *Medicina e Política*. Giovanni Berlinguer esteve no Rio de Janeiro a convite do CEBES, um senador do Partido Comunista Italiano, em plena ditadura esteve aqui, fez lançamento publico do livro quer dizer uma coisa importante. Então o CEBES surge aí e eu diria que se nós olharmos um pouco retrospectivamente o grupo de São Paulo, o David que era do Partido Comunista Brasileiro, foi fundamental na criação do CEBES e na estruturação da revista *Saúde em Debate* que foi e ainda é um veículo central na disseminação de todas essas idéias da reforma sanitaria. Mas eu diria que o grupo do Rio de Janeiro, o Arouca não nasceu no Rio de Janeiro, mas foi incorporado, assimilado digamos assim pelo Rio de Janeiro, o grupo do Rio de Janeiro foi central na construção do CEBES enquanto ator político dentro do processo de reforma sanitaria, quer dizer, foi aqui no Rio que o CEBES transcendeu a visão do centro de estudos pra veiculação de idéias através de uma revista e de realização de debates para o centro de estudos que colocou a questão da saúde e democracia como eixo político do movimento de reforma. Não só de reforma do setor de saúde, mas de reforma de toda a sociedade, no fundo no fundo essa questão da reforma sanitaria tem até uma polêmica, teve uma polêmica dos anos 80, eu acho que ela está latente e quem

sabe talvez a crise aqui do Rio de Janeiro bem recente, ela talvez expresse um pouco esse conflito que é uma certa discussão sobre até onde o SUS, a construção do SUS, ela é a reforma sanitária ou não. Arouca dizia que a reforma sanitária era um processo civilizatório, ou seja, na verdade a reforma sanitária seria um processo que questionaria as próprias bases de estruturação da sociedade capitalista de certa forma. Ou seja, ela transcenderia em muito o espaço mais restrito de atuação do sistema de saúde. A reforma sanitária se derrama para as outras áreas para outros espectros da realidade social e política que não estão contidos dentro do SUS. Esse foi um debate que Gastão Wagner, Sônia Fleury, e muitos outros realizaram através da revista *Saúde em Debate* nos anos 80 e que de certa forma isso se perdeu um pouco, eu não sei, mas se Arouca estivesse aqui hoje, aliás, Arouca foi secretário do César Maia em 2001 e eu era subsecretário dele, e nós tivemos um enfrentamento com o César Maia que no início já mostrou que aquilo não ia dar certo. E o resultado tá aqui, o diagnóstico que nós fizemos lá, o resultado está agora. Eu acho que é quando ele (Arouca) falou da reforma da reforma ela é mais urgente agora do que nunca. É inevitável não é? Você já tem aí, você tem a 8ª Conferência Nacional da Saúde em 86, a Constituição em 88, você tem a Lei do SUS em 90, 91, nós já estamos aí... é um sistema adolescente, um adolescente rebelde, mas que de certa forma por trás da rebeldia aparente ele se, como é que vou dizer, ele se estabilizou, se aburguesou um pouquinho, então eu acho que está na hora de, de fato repensar. Na semana passada a Fiocruz convocou uma reunião do partido sanitário. O que é o partido sanitário? Então nos anos 80 surgiu essa denominação, que era na verdade um movimento suprapartidário que o CEBES, era de certa forma nuclear desse processo, mas que congregava intelectuais, sindicalistas, estudantes, de todo o campo da saúde na defesa dos princípios da reforma sanitária e do SUS. Então o partido sanitário tava meio enferrujado e na semana passada tivemos uma reunião. O interessante é que foi divulgada até na rádio CBN “a Fiocruz convoca uma reunião do partido sanitário” e o partido sanitário conseguiu juntar 340 pessoas aqui na Fiocruz para discutir a crise da saúde no Rio de Janeiro. Então Arouca tá vivo, né? Tá acompanhando esse processo todo.

E: As bandeiras, as palavras de ordem da época, estavam muito ligadas a uma reforma dentro do Estado, quer dizer, a idéia de que a saúde é um direito de todos e que o Estado deve assumir este papel é isso, é por aí?

T: Esse era um dos pontos centrais, né? O estado como espaço fundamental no provimento dos serviços de saúde. Outro aspecto importante é o vínculo extremamente estreito entre as condições de construção da vida material e social e a saúde, ou seja, a relação entre as condições sociais de vida de trabalho e a saúde.

E: Aí que entrava as ciências sociais, pesquisa em ciências sociais?

T: Exatamente.

E: Para melhorar as condições de vida do cidadão, né?

T: É isso aí. De outro lado era o recorte específico de construção do sistema em si, do modelo do controle social, participação do cidadão, da descentralização, da ampliação da atenção básica, do questionamento do modelo centrado no hospital, chamado modelo “hospitalocêntrico”. Do questionamento da sofisticação guiada muito mais por interesses do mercado, da indústria, da publicidade no sentido amplo. Um autor que na

época a gente usou muito foi o Boltanski que falava da questão da medicalização da vida cotidiana. Então a medicina transformando todos os espaços sociais, todos os espaços do viver em espaços de intervenção médica. A infância saudável passa a ser objeto da medicina, a adolescência passa a ser objeto da medicina, a velhice passa a ser objeto da medicina, ou seja, muitos dos espaços do viver passam a ser objetos de intervenção tecnológica da medicina. Ivan Illich foi um que publicou um livro nos anos 70, *Nêmesis Médica*, que questionava a medicina enquanto técnica, enquanto processo real. Ele era um pensador libertário totalmente fora dos padrões e esse livro teve um grande impacto naquele momento embora ele fosse um livro que questionava a medicina enquanto ciência. Ele dizia que a grande revolução da medicina foi a invenção do sabão ou a mudança da dieta da batata incorporando proteínas. Ele negava uma coisa que não se pode negar que foi o grande avanço da ciência que está representada hoje pelo medicamento, vacinas, transplantes. Mas o Ivan Illich foi um polemizador que teve um impacto grande na Escola Nacional de Saúde Pública e no Instituto de Medicina Social. Agora uma coisa que eu acho importante falar voltando um pouco para essa coisa do Arouca no CEBES é o seguinte, o CEBES surge em São Paulo e o David era o grande nome, e o CEBES vem para o Rio e aconteceu uma coisa muito importante em 1979 que foi o primeiro simpósio de saúde da Câmara dos Deputados, ou seja, os deputados do MDB, os deputados mais comprometidos com essas idéias, o Paulo Dantas é um que eu me lembro, organizam um simpósio que foi um simpósio bastante participativo, tinha 200 ou 300 pessoas em Brasília. Eu tava lá participando e o Arouca era o presidente do CEBES e o Arouca estava levando um documento, o interessante deste documento é que ele se chamava *Democracia e Saúde* e o mais interessante deste documento é que ele não foi escrito pelo Arouca e nem pelo CEBES exatamente. Esse documento foi escrito por Hésio Cordeiro, Reinaldo Guimarães e o cientista político José Luis Fiori. Esse documento foi elaborado no IMS e foi apresentado e discutido em algumas reuniões do CEBES. Ele era um documento tão interessante, ele expressava de maneira tão consistente, inteligente o estado da arte do debate político do momento que ele foi incorporado pelo CEBES. Eu não sei nem se o nome original era esse, mas no CEBES ele virou *Democracia e Saúde*. O CEBES era um espaço de luta política que questionava a ditadura, mas através do processo de construção de democracia mudar a saúde também. Tinha essas duas faces, né? E o Arouca então leva esse documento para o simpósio e apresenta o documento dentro do simpósio e a apresentação do Arouca foi tão impactante não só pelo conteúdo do documento, mas pelo Arouca. Era essa a característica do Arouca, não só essa empatia, mas essa coisa vibrante e apaixonante que ele ganhava as pessoas no processo de discussão de apresentação de uma proposta, de defesa de um ideal. Então por unanimidade esse documento passa a fazer parte do relatório final. Na verdade a gente pode dizer que o relatório final do simpósio da Câmara foi o documento do CEBES. Qual a importância disso? É que se nós pegarmos esse documento hoje praticamente tudo, a grande maioria dos princípios aprovados na 8ª Conferência Internacional de Saúde sete anos depois, já estavam ali. O papel do Estado; a questão da participação social; o questionamento da medicalização e do hospital; a necessidade da construção de um modelo diferenciado; a questão da democracia; as condições de trabalho dos trabalhadores; da relação inequívoca entre condições sociais de vida e saúde... Estava tudo ali. Então eu acho que esse documento, esse episódio, I Simpósio foi um momento importante não só da vida do CEBES, de fortalecimento do CEBES, mas acho que ali o Arouca aparece num espaço muito distinto do espaço sindical, do espaço sanitário, né... num parlamento ainda amordaçado pela ditadura, limitado. Acho que ali ele aparece com essa liderança política que depois ele de fato passa a ser o grande líder do CEBES, até que em 80 ele

vai pra Nicarágua, depois ele volta em 82, mas aí já é outra história. Depois em 83 parte dos sanitaristas do movimento da reforma sanitária já não estavam mais, digamos assim, apenas na oposição, muitos deles já estavam dentro do aparelho de Estado tentando fazer mudanças por dentro. É o que você vai encontrar em muitos documentos do CEBES, da construção de contra políticas. E aí tem toda uma discussão do papel do intelectual orgânico... e aí já surge uma primeira cisão do movimento da reforma sanitária que é de um lado que questionam a entrada no aparelho de Estado, numa tentativa de reformar por dentro o Estado. E os que defendiam... digamos assim, manter a pureza do movimento social, do movimento político junto às bases, da sociedade, dos movimentos sociais. Então esse momento foi muito importante.

E: Essa divisão tem a ver com a polêmica do Arouca com o David Capistrano? Entrevistando a Ana Tambellini, ela fala de uma polêmica entre os dois em um determinado momento.

T: Essa crítica vinha mais de São Paulo. Gastão Wagner que era aluno de David e até pouco tempo atrás era Secretário Executivo do Ministério da Saúde. Houve toda uma discussão. Eu vivi isso muito dentro porque eu era um desses quadros que na época estava no INAMPS em 83. Nós estávamos começando a construir o que veio a ser em 85 na nova república as ações integradas de saúde que na verdade são o embrião do SUS. Então tinha toda uma discussão se as ações integradas eram instrumentos de transformação ou se na realidade era uma cominação do estado, de um grupo de intelectuais ou de militantes do movimento sanitário. Essa foi uma polêmica muito presente na época. Na realidade hoje grande parte dos profissionais que naqueles anos, inclusive os que criticavam, estão no aparelho de estado ou estão trabalhando na secretaria de saúde ou trabalharam no Ministério da Saúde ou estão na FIOCRUZ... essa polêmica eu diria que está superada, mas naquela época foi uma polêmica importante.

E: Quer dizer, a impressão que eu tenho... () Eu fico pensando assim ouvindo você que esse grupo, quer dizer, ele tinha uma relação de coletivo. Quando você pensa nas carreiras, são todos médicos, o Arouca é um médico, você... mas as pessoas não estão pensando nessas carreiras de uma forma individual, eles estão pensando nas carreiras enquanto lugares estratégicos para fazer, para implantar um projeto coletivo. Quer dizer, é isso?

T: É isso. Eu sou um exemplo típico disso. A construção da minha carreira profissional está totalmente dirigida para produções políticas, escolhas políticas. Nós todos vivemos isso naquela época. E tem uma coisa importante aí que é... éramos médicos, éramos sociólogos, éramos enfermeiros. O CEBES então virou ali no centro do Rio de Janeiro, no prédio do Sindicato dos Médicos onde ficava uma pequena sala que a diretoria do CEBES ocupava. Então todas as segundas-feiras nesse período de 77, 78 e 79, toda segunda-feira de noite nós íamos pra lá e tinham as reuniões. Estavam a Sônia Fleury, o Éric Rosas, o Eleutério Rodrigues Neto que é um companheiro maravilhoso que está fora desse processo já a algum tempo, Mário Galpós, Paulo Amarante, enfim, dezenas... a Isabel Pitaluga que já faleceu, Luís Tenório que hoje é subsecretário de Saúde de Niterói, Felix Rosemberg. Toda segunda-feira nós estávamos lá. Aliás, a gente terminava sempre na segunda-feira no Amarelinho ou num bar que tinha ali perto. E no amarelinho essas discussões terminavam sempre às quatro horas da manhã, cinco da manhã. E o CEBES na realidade era um espaço pluripartidário, suprapartidário, você tinha pessoas de todas as tendências, mas ia esquerda, mais à direita, mas havia uma

ligação nesse início muito forte entre o Partido Comunista Brasileiro e o CEBES. Na realidade a base onde eu militava e onde participava Arouca, Eleotério, Éric, Sônia Fleury e outros companheiros eram a base do CEBES. Na realidade era uma base da área da saúde... Havia outras bases do setor saúde do Rio de Janeiro, uma base mais ligada ao movimento sindical e outros tipos de organização, mas essa base do CEBES era na realidade um espaço onde nós estávamos pensando a política no CEBES. Então muito do que o CEBES implementava, executava enquanto projeto era muito construído, discutido no Partido Comunista, na base do Partido Comunista. Essa é uma história que ainda deve ser contada. Vamos ver se algum estudante de Ciência Política ou de Saúde Pública aí se interessa pra contar essa história que é uma história importante. Alguns desses atores importantes já se foram, mas acho que sobraram algumas pessoas que poderão contar um pouco mais disso. Isso é muito marcante na vida de todos nós. Quer dizer, havia um vínculo partidário e, portanto um projeto de sociedade por trás que de certa forma dirigia. Nós todos sabemos que naquele momento o Partido Comunista defendia a redemocratização da saúde a partir de um processo político por dentro do Estado, a partir da mobilização da sociedade e a partir inclusive da militância nos partidos legais que existiam na época e havia visões na esquerda críticas desse processo.

E: Você está falando ainda da ditadura?

T: Da ditadura, nós estamos ali na ditadura e depois entra Figueiredo... então essa é uma marca extremamente importante. Aí o Arouca ele surge como uma liderança natural. Intelectual no primeiro momento, sem dúvida, porque o trabalho que ele escreveu é um trabalho brilhante... mas até mais do que intelectual, o Arouca passou pra nós sempre uma certa sensação de que a última coisa que ele escreveu... é como se ele tivesse esgotado todo o fôlego de produção acadêmica na tese de doutorado dele... depois ele foi fazer política, política dentro da saúde e aí acabou virando deputado, presidente da FIOCRUZ. Mas não só essa coisa intelectual, mas a grande capacidade dele de juntar pessoas junto a ele, trazer pessoas pra junto dele. E esse magnetismo que ele tinha, essa luz que ele tinha de na polêmica resolver conflitos. Eu me lembro nas reuniões do CEBES e sabe aquelas discussões intermináveis que várias tendências políticas embananam tudo e você no meio daquele tiroteio. E eu ficava pensando assim do funda da minha alma: *o Arouca vai resolver esse assunto*. Às vezes o Arouca chegava atrasado, não estava lá, daqui a pouco chegava o Arouca, estava calado, aquele conflito rolava: *esse troço não vai terminar bem*. O Arouca jogava assim, era incrível porque ele resolvia tudo. Pronto estava resolvíamos pro Amarelinho beber []. Então essa capacidade dele de trabalhar com conflito... isso é uma qualidade rara, quando você está em uma discussão extremamente tensa e você está defendendo teses, muitas vezes teses de um partido que está por trás ou de movimento sociais que estão por trás, você pegar do conflito que junta, do desigual o que nos coloca no mesmo processo. O Arouca a vida toda dele ele teve essa capacidade. E isso é incrível, isso é um dom de você estar juntando diferenças em cima de um projeto consistente, de dar uma direcionalidade. O Arouca no CEBES deu essa direcionalidade. Ele virou na verdade um grande líder, uma grande liderança. Havia outras lideranças, Hésio Cordeiro era uma grande liderança... o Mário Magalhães, o Carlos Gentile de Melo que era uma grande liderança, muito amigo do Arouca, mas era um outro olhar, ele era um médico auditor crítico de um pedaço do sistema de saúde, ele era um crítico do modelo de pagamento. E em cima disso ele ficou famosíssimo no Brasil inteiro. Ele era um grande cebiano, entusiasta. Mas o Arouca, sem dúvida se diferenciava nesse contexto. E ali eu era um recém-

formado que caiu nesse processo político vindo muito pelo partido, pela minha militância. Eu tive privilégio de conviver com ele nesse período. Foi um período absolutamente inesquecível e muito importante pra que hoje a gente tenha uma Constituição muita avançada e... a gente tem um sistema de saúde com todas dificuldades que está aí...

E: Quer dizer, desse movimento de vocês, da reforma sanitária, quais foram as principais conquistas desse movimento que vem desde a época da ditadura e atravessa esse período de redemocratização e vai e chega na reforma... do SUS. Quais foram as grandes conquistas e o papel do Arouca também nisso?

[momento de emoção do entrevistado]

T: Eu acho que a primeira grande conquista é via parlamentar, foi a gente ter conseguido, a partir da 8ª Conferência que foi o grande marco e o Arouca foi o grande líder da 8ª. E aí o Eleotério teve um papel importantíssimo, porque logo depois da 8ª o Eleotério tinha criado o Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva na UNB. E ali foi o espaço... nós começamos a construir propostas de redação para o capítulo de saúde da Constituição. O Arouca foi fundamental nisso, mas o Eleotério circulava muito bem entre os parlamentares. Então eu acho que o grande avanço foi que hoje a gente tem escrito na Constituição uma série de direitos fundamentais pra população e para a sociedade. Então tem um viés parlamentar. Eu e a Sarah Escorel organizamos um livro que é basicamente a tese de doutorado do Eleotério que ele nunca defendeu, não conseguiu defender, que conta essa história do Parlamento, como é que foi a construção do capítulo de saúde da constituição que foi muito interessante. Outro grande avanço é obviamente, foi a construção... e aí é interessante, na contramão das tendências mundiais. Quer dizer, os anos 80, início dos anos 90, foi exatamente o questionamento do papel do estado como provedor de serviços de saúde. Na Inglaterra, em todos os países, na realidade era um mercado como grande solução para essa questão. Aqui no Brasil nós tivemos o governo Collor e já no governo do Fernando Henrique Cardoso a proposta da reforma do Estado que aponta um pouco pra isso, a necessidade de uma certa flexibilização do desenho institucional e que... que defende a flexibilização, defende a equidade, defende o estado como o grande provedor dos serviços, com controle social, com qualidade é um fenômeno, é alguma coisa importante. Claro que vivendo todas as restrições financeiras, aí já entro um pouco nos problemas, eu acho que o SUS hoje tem um grande problema estrutural que é o subfinanciamento. Quer dizer, o Brasil hoje é um dos países da América Latina que menos gasta em saúde, nós estamos gastando muito menos que Chile, que Argentina, que Venezuela, que Colômbia. Sem falar no Canadá, Estados Unidos e Inglaterra. Nós temos um problema em relação ao próprio desenho, a organização do sistema de saúde. Como é que você transita de um modelo extremamente tecnificado, intensivo em tecnologia de ponta. Então hoje no Brasil a gente vive o seguinte paradoxo, se você tiver a necessidade de um transplante de fígado ou de um transplante de medula óssea, se a gente abstrair a questão da fila... mas do ponto de vista tecnológico o sistema único de saúde tem condições de fazer esse transplante, operar essa pessoa sem problema nenhum. Se você precisar hoje aqui no Rio de Janeiro de fazer uma ultra-sonografia ou um procedimento de média ou de baixa complexidade você não tem acesso. Tem uma explicação aí que é um pouco a pressão política de grupos sociais muito bem organizados dentro do estado demandando recursos. Um exemplo típico é todo movimento em relação a AIDS. Quer dizer, a AIDS conseguiu ter um orçamento dentro do ministério muito grande, tem um forte

movimento social organizado. Outras patologias, outros pacientes não tão bem organizados sofrem um pouco disso. O Arouca falava muito nisso. Quando nós estávamos na prefeitura com o César Maia ele falava: *nós temos que construir um novo modelo, esse modelo está falido*. Ele usava muito essa palavra: *esse modelo que não dá conta ao mesmo da patologia, mas que não dá conta da singularidade de cada cidadão, que não dá conta do sofrimento e que não dá conta de olhar pras condições sociais em que essas doenças se desenvolvem... é um sistema que não nos interessa*. Daí a necessidade da reforma da reforma. Da humanização que hoje é uma coisa interessante. Lá no INCA, por exemplo, nós estamos trabalhando com essa questão. Nós estamos proibindo utilizar a palavra triagem lá no INCA. Eu até falo muito: triagem me lembra muito você trabalhar com gado, com animais. Você não tria pessoas, você acolhe pessoas. E as pessoas têm que ser acolhidas na sua fragilidade, nas suas singularidades, nas suas diferenças e por uma equipe de profissionais de saúde. Hoje aqui no Rio de Janeiro o que você encontra são agente de segurança recebendo as pessoas. Então essa questão da humanização é uma marca importante nessas mudanças. Agora, às vezes nós mesmos somos muito críticos sobre isso que nós construímos, que ajudamos a construir. Um país pra construir um sistema de saúde com essa, digamos assim, tão utópico quanto esse não faz isso em dez anos, em quinze anos, nem vinte anos, isso é um trabalho pra muitas gerações. Eu acho que nós avançamos muito e precisamos avançar muito mais.

E: Tem até um trechinho aqui que a gente tirou da entrevista do Pasquim que ele fala exatamente isso: *esse modelo está falido, porque nós conseguimos todo um arcabouço legal e democrático de reformar o estado, mas o conteúdo dele continuou sendo da medicalização da vida, continuou sendo um conteúdo não da saúde, mas da doença, continua sendo o conteúdo do hospital e não do atendimento básico na família...*

T: É exatamente o projeto que nós apresentamos ao prefeito no início de 2001 e que foi engavetado, nós saímos e o resultado é essa crise dramática aqui no Rio de Janeiro. Eu acho que essas palavras do Arouca sintetizam com muita clareza a maioria dos nós, das mudanças que a gente tem que fazer dentro do sistema único de saúde. Está tudo aí.

E: Eu acho muito interessante pensar, quer dizer, essa geração que o Arouca... eu acho que você é mais novo que o Arouca... { }

T: Sou. Nós tínhamos uma diferença de dez anos.

E: E que é uma geração que vive o enfrentamento da ditadura e consegue construir uma possibilidade de resistência dentro desse campo da saúde, da luta dentro da saúde. Quer dizer, o que a gente tem lido aí das formulações do Arouca que ele diz que quando ele encontra o campo da medicina ele começa a pensar como é que ele podia fazer política e medicina. Ele não queria bater chapa de dia no hospital e de noite fazer reunião do partido. Ele queria juntar essas duas coisas. E eu acho isso muito interessante porque enfim, eu sou professora da universidade e a gente vê que muitas vezes o que está havendo hoje não é exatamente isso. É uma corrida pela carreira, quer dizer, uma busca muito individualizada. As universidades hoje estão muito despolitizadas, você não tem mais esses movimentos que congreguem os estudantes. Você estava falando aí que quando você começou você era um estudante e tal e caiu ali, ouviu o Arouca falando e outros e de algum modo você foi acolhido dentro do partido, dentro desse grupo e foram construindo uma história muito coletiva. Então eu queria que você falasse um pouquinho de como é que você vê esse modelo que vocês construíram que não é só um

modelo para a saúde, mas eu acho que é um modelo de cidadão, de atuação, de construção profissional e política, quer dizer, se esse modelo de algum modo ele está se difundindo. Você acha que esse grupo ele funciona como um grupo, se isso tem desdobramentos, possibilidades de desdobramentos assim em outras gerações. Um dos sentidos desse nosso trabalho é esse. É fazer um trabalho para as novas gerações, pra que as novas gerações vejam pessoas que de certo modo são pessoas que a gente tem como exemplo.

T: Você falou melhor do que eu falaria, mas eu vou dizer o seguinte, tem uma questão aí central que a gente não pode... a gente tem que encarar de frente pra compreender esse processo todo. Essa geração ou essas gerações que estavam ali compartilhando aquele momento, elas estavam dentro de uma ditadura lutando por uma democracia. Isso aí foi absolutamente marcante. Hoje a realidade é totalmente distinta. E nós percebemos ali já por 85, 86 logo depois da oitava e teve a Constituinte... ali a gente já começava a perceber um refluxo. Quer dizer, os novos quadros que entravam na faculdade de medicina ou de ciências sociais ou de enfermagem ou de serviço social já olhavam essa coisa um pouco diferente. Eu diria que hoje nós já temos uma segunda geração do partido sanitário que é a geração, por exemplo, municipalista. Eu acho que houve uma aposta muito radical na questão da municipalização a todo e qualquer preço que trouxe problemas também estruturais de questionamento pro setor. E na realidade a gente viveu de lá pra cá uma reforma neoliberal pesadíssima, o estado foi praticamente quebrado. Os valores que a sociedade hoje mais preza são os valores da competição, do dinheiro, a questão da solidariedade se perdeu. Eu acho que isso impacta as novas gerações. Eu tenho quatro filhos e eu percebo isso em casa. Hoje essa nova turma que está saindo da faculdade de medicina eu afirmaria que a porcentagem das pessoas que estão se dedicando a saúde pública ou a pesquisa em saúde é residual. As pessoas estão se dirigindo mais, por exemplo, a segmentos da medicina mais intensivos a tecnologia, que dá um retorno financeiro melhor. Transplante, diagnóstico por imagem, manipulações laboratoriais. Quer dizer, quanto mais sofisticado mais restrito o mercado, melhor colocação. Houve um fenômeno interessante também ali nos anos 90 que foi um pouco o crescimento das chamadas práticas alternativas ou terapias não tradicionais, acupuntura, homeopatia, fitoterapia, mas eu acho que isso tem muito a ver com o mercado. O mercado abriu muita possibilidade e muitos jovens médicos acabaram indo pra homeopatia, pra acupuntura, pra fitoterapia, mas totalmente desligados dessa discussão política da reforma sanitária. Quer dizer, muito mais aí olhando criticamente pra medicina por dentro, quer dizer, a questão da alopatia como uma abordagem limitada no enfrentamento da doença. Aí eu olho pra outras... claro, de um certo ponto de vista aí você está atuando digamos assim, você está questionando o *status quo* da medicina de fato, mas numa limitação que fica dentro da medicina em si, não transborda pra outras áreas como é tipicamente a questão da reforma sanitária. Então eu vejo com preocupação, agora por um outro lado nesse período que vai dos anos 70 até o final dos anos 90 nós tivemos uma capacidade (a FIOCRUZ foi central nisso) impressionante de formar milhares de técnicos sanitaristas e multiprofissional dentro do SUS, da defesa do SUS e trabalhando no SUS. Hoje você teve um crescimento muito grande no número dos funcionários das prefeituras. Grande parte desse impacto foi causada pelo fato das prefeituras assumirem um papel que antes não tinham que é o da gestão dos serviços de saúde através da gestão plena. Você tem trabalhando hoje praticamente em todos os municípios com mais de 50 mil habitantes um sanitarista ou alguém que fez um curso na USP ou que fez em Minas Gerais. Quer dizer, a estruturação dos chamados núcleos de saúde coletiva em todo o Brasil foi uma construção do movimento da reforma

sanitária como um espaço de pesquisa, de atualização, de formação... a própria manutenção da publicação da revista “Saúde em Debate”, o próprio papel da FIOCRUZ como um paradigma dessa racionalidade questionadora, inovadora... eu acho que isso é um capital humano e político inquestionável. Mas eu fico um pouco preocupado com as novas tendências e conversando com as novas gerações que estão agora na faculdade... lá no INCA a gente recebe residentes pra trabalhar com câncer e é impressionante porque as pessoas vão pra lá pra trabalhar: *como é que eu faço uma cirurgia melhor, como é que eu uso uma tecnologia médica que saiu publicado...* mas as pessoas não estão preocupadas de como é que eu escuto o paciente com câncer, como é que eu acolho. Será que eu estou tratando de fato dessa pessoa apenas abrindo o abdômen e retirando uma massa ou será que pra tratar essa pessoa, a coisa é muito mais complexa e eu tenho que me preparar pra poder até suportar do ponto de vista psicológico, emocional situações muito graves e muito dramáticas que envolvem o paciente e sua família. A gente tenta introduzir essa discussão que é a discussão da humanização, mas é muito difícil. As pessoas estão trancadas atrás de uma couraça: *não eu quero saber... esse medicamento novo que lançaram no congresso no ano passado, como é que a gente vai ter acesso a ele. Essa nova técnica cirúrgica...* Se nós entendermos a universidade como Gramsci diz, como um espaço de reprodução do intelectual orgânico que reproduz o capitalismo, que reproduz a sociedade, na realidade nós fomos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora. Quer dizer, de certa forma construindo contra-políticas e questionando a sociedade da maneira como ela está. E a tendência da sociedade é formar intelectuais pra manter o status co. Eu acho que hoje a possibilidade de que esse profissional migre pro partido sanitário são hoje menores do que nos anos 80 e nos anos 90.

E: Eu me lembrei agora que você falou que teve uns casos pra contar dessa história aí com o Arouca...

T: O primeiro eu já contei que foi aquela coisa que o pessoal bateu palma de pé, mas não tinha entendido praticamente nada do que ele tinha falado. O Arouca depois dali, a medida que ele foi entrando no processo político, ele era uma pessoa que transitava com uma facilidade incrível do erudito ao popular digamos assim. Quer dizer, a capacidade de comunicação numa mesa com cientistas pra discutir um tema totalmente abstrato e ele levantar numa assembléia no sindicato dos médicos e virar o jogo, ele fazia isso com uma capacidade incrível. Mas tinha outras histórias como a história de que em 1978 foi a primeira assembléia do CEBES em São Paulo pra aprovar o primeiro estatuto que ia definir como é que o CEBES ia funcionar. E eu, ele e o Éric fomos a São Paulo e tivemos que ir de ônibus, porque naquela época o CEBES não tinha dinheiro e ninguém tinha dinheiro. O Arouca era um homem absolutamente esquecido, ele esquecia as coisas em todos os lugares. Ele era capaz de sair de casa com um sapato de uma cor, um amarelo e um vermelho e não estar nem aí. Teve até um lance muito engraçado, ele estava em Genebra uma vez. Estava um frio do cão e ele estava lá na Organização Mundial da Saúde e ele estava no rol do hotel, encontrou uns amigos, estava batendo papo, aí pegou aquele casaco e saiu a pé porque iam pegar um ônibus. E as pessoas que estavam com ele: *você está elegante Arouca*. E ele: *obrigado*. Daqui a pouco, uns quinze minutos de caminhada ele olhou, não era o casaco dele, era o casaco de uma senhora que estava desesperada no hotel. Era francês, devia ter comprado em Paris... [] Então tinham uns lances, porque ele era uma figura muito interessante e de um senso de humor fantástico.

E: Pra mim eu acho que está bom. Não sei se alguém...

T: Depois que eu saí do partido eu fiquei sem nenhuma filiação partidária, depois eu me filiei ao PDT, depois me desfiliei. Agora eu estou no... estou no partido sanitarista, digamos assim.

[apresentação da equipe de pesquisa – Guilherme, Helena, Marcos]

T: Eu publiquei um livro que foi minha tese de mestrado em 84 eu acho. Vale a pena dar uma olhada. É sobre propaganda de medicamentos. Chama-se “Propagandas de medicamentos e o mito da saúde”. Era aquilo que eu estava falando, de como a medicina vai construindo espaços de cuidar onde eles são absolutamente desnecessários, onde o problema muitas vezes é psicológico, é social, é da família, enfim, é do trabalho. Isso é complicadíssimo. Na realidade esse é um processo cultural. Esse trabalho é interessantíssimo.

[apresentação dos outros membros da equipe – Pedro e Bruno]

E: A nossa idéia é construir um banco de dados que cubra essa história do Arouca...{ }

T: Tem mais uma coisa que eu queria falar. É a praticamente inexistência de fotos, de registro fotográfico e de gravação do que aconteceu naquela época. Isso é absolutamente compreendido porque ninguém gostava de ser fotografado nem gravado naquele momento. Quer dizer, a gente militava num partido da clandestinidade, volta e meia recebíamos algumas ameaças, algumas situações um pouco estranhas. Isso é uma coisa que eu estava até procurando em casa se eu achava algum registro, alguma coisa. Eu tenho uma foto do Arouca no aniversário do meu primeiro filho. Uma situação totalmente fora. Mas assim registro fotográfico das reuniões do CEBES, dessa primeira assembléia, dos simpósios de política da Câmara, desconhece-se.

E: Nós estivemos em Ribeirão Preto e eu observava um certo constrangimento daquelas pessoas que viveram aquela barra pesada da ditadura, que foram presas, torturadas, havia um certo incômodo. Acho que isso ainda permanece no imaginário.

T: Isso é uma pena, porque a gente perdeu... eu me lembro das reuniões do CEBES, durante quatro, cinco anos, nunca se tirou nenhuma fotografia, nunca. Se alguém aparecesse com alguma máquina fotográfica já ia ser olhado: *esse cara deve ser...*

E: Nós observamos em Ribeirão Preto que o Arouca escrevia no jornal do grêmio. Então nós procuramos, mas aí a moça falou assim: todo esse período desapareceu, não tem nada lá. Quer dizer, provavelmente por causa da repressão as pessoas mesmo se livraram do material. Então está ótimo.

Depoimento de Sarah Escorel (Rio de Janeiro - 14.04.2005)

Assuntos abordados: fundação do CEBES; tese de Arouca e gênese do movimento sanitário; relação pessoal com Arouca; primeiros anos do CEBES; ida para a Nicarágua: motivos da ida; atividades de Arouca na Nicarágua, condições de vida, experiências; razões do retorno ao Brasil; ambiente encontrado no Brasil em 1982; CEBES e o movimento sanitário durante a redemocratização; I Simpósio Nacional sobre Políticas de Saúde da Câmara dos Deputados; participação de Arouca no primeiro Governo Brizola.

Fita 1 – Lado A

Sarah Escorel: Meu nome é Sarah Escorel, sou médica sanitária, fiz o Mestrado em Saúde Pública e o Doutorado em Sociologia pela Unb. Sou pesquisadora titular da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz, e sou presidente do CEBES na minha segunda gestão: de 2000 a 2003 e agora de 2003 a 2006.

Regina: Hoje a gente vai conversar sobre o CEBES (Centro Brasileiro de Estudos de Saúde). O CEBES foi criado em 1976. Você poderia falar um pouquinho como se deu essa criação, essa idéia do CEBES, que grupo estava envolvido nisso?

Sarah Escorel: Eu posso falar da criação do CEBES a partir da minha dissertação de mestrado, que originou um livro intitulado *Reviravolta na Saúde*, onde tudo está apontado com muito mais detalhes do que eu vou ser capaz de lembrar agora. Mas não porque eu tenha participado: em 76 eu era uma estudante de Medicina. O CEBES foi criado a partir da iniciativa de um grupo de médicos que estavam fazendo o curso de Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da USP – muitos deles eram originários do projeto de Campinas, onde o Sérgio estava, no Departamento de Medicina Preventiva. Ele foi chamado pelo Zeferino Vaz pra ir pra Campinas na época da criação da UNICAMP. Muitos dos que estavam fazendo esse curso tinham feito estágio, ou mesmo residência, na UNICAMP com o Sérgio, com a Anamaria e outras pessoas que estavam lá. O Sérgio me deu um depoimento de que uma das motivações era que eles tinham desenvolvido uma série de trabalhos levados pra SBPC que se realizou em Brasília em julho de 1976. Quando chegou lá a comissão organizadora teve muitas dificuldades em classificar aqueles trabalhos. Então não era Saúde típica, não era Ciências Sociais, então era uma abrangência, e eles acabaram sendo separados em vários grupos, e na assembléia final da SBPC eles acharam que tinham que organizar alguma entidade que agregasse aquele conjunto de experiências e de conhecimento. Experiências e conhecimentos que já vinham sendo desenvolvidos a cerca de 10 anos a partir de uma releitura da Saúde e dos problemas de Saúde, uma releitura de base marxista, e a Saúde deixava de ser vista como objeto biológico, não era vista também como objeto ecológico (que na Ecologia era uma visão muito restrita também, que você tinha o “hóspede”, o “agente” e o “hospedeiro” numa triangulação pra provocar uma doença), e passava a ser vista como um objeto político, incorporando as Ciências Sociais na sua análise e a ação política na busca de transformação do setor saúde. Então o que eu chamei de “reviravolta na saúde”, que foi construído nos departamentos de

Medicina Preventiva, envolve essa nova abordagem do setor saúde e do conceito de saúde também, e a transformação do objeto em prática política. O CEBES foi criado com esses dois objetivos: conseguir juntar as pessoas que estavam fazendo estudos, pesquisas e pensando dessa outra forma, e ao mesmo tempo em que ele teve uma ação política, uma intervenção política no sistema de saúde – coisa que as outras correntes de pensamento na área da saúde não faziam, as ações políticas estavam mais ligadas a movimentos corporativos, numa época em que a ditadura estava terrível. Embora no Governo Geisel já houvesse uma certa distensão, havia um cerceamento importante do pensamento acadêmico.

Regina: Você falou que havia uma inspiração marxista. Haviam alguns autores que o pessoal do CEBES lia que influenciavam o pensamento deles, entre eles alguns latino-americanos. O CEBES tem relação com pensadores latino-americanos?

Sarah Escorel: O grosso dessas pessoas que fundaram o CEBES era do Partido Comunista Brasileiro, o Partidão, que estava na clandestinidade. Então a fonte de inspiração era marxista mesmo, Marx mais do que Lênin, marxista. Tinha vários pensadores que eles liam, principalmente a partir de uma bibliografia que o Juan Cesar Garcia, que era funcionário da OPAS... Eu não sei se ele era do Partido Comunista Argentino, mas ele era um comunista, sem dúvida nenhuma. Ele tinha feito um trabalho muito grande de divulgar as Ciências Sociais para vários núcleos na América Latina. Ele era um funcionário de um organismo internacional, e o que ele fazia (fora o trabalho burocrático dele dentro da OPAS) era justamente estimular esses núcleos da América Latina com muita bibliografia que aqui não existia, que não era publicada, e em outros lugares também. Nós estávamos numa época em que a corrente mais forte de pensamento dentro do marxismo era o estruturalismo. Então aí era Poulantzas, era Althusser, era aquele “tijolo”, aquele negócio assim, uma linguagem difícilíssima! Eu fui em 77 pra São Paulo pra SBPC. Era uma SBPC que ia acontecer no Norte ou Nordeste e não pôde, foi transferida pra São Paulo, em que a conferência do Fernando Henrique virou um comício, teve que sair do auditório, foi pros jardins, um acontecimento! Naquela época tinha um trem húngaro que levava 5 horas pra São Paulo, eu fui pra lá, procurei o grupo de saúde, e assisti à conferência do Sérgio e da Anamaria a respeito do primeiro artigo que foi publicado na *Saúde em Debate* número 1 – que estava relacionado a toda a crítica à Medicina Preventiva. Eu ouvi durante 3 horas, não entendi “bulhufas”, voltei 5 horas de trem lendo aquele artigo que até hoje eu tenho guardado, e eu tenho dúvidas se eu entenderia ainda hoje. Uma linguagem tão hermética... O estruturalismo tem isso mesmo, uma linguagem tão dura, tão difícil, tão vazia de gente... [risos] Eu acho que o estruturalismo foi a corrente de pensamento que mais marcou eles naquele início.

Regina: Você não conhecia o Sérgio?

Sarah Escorel: Não.

[interrupção para ajeitar o microfone de lapela]

Regina: Quer dizer que você foi pra SBPC, viu que tinha lá a palestra do Sérgio Arouca...

Sarah Escorel: De saúde... Não conhecia o CEBES, não sabia de nada disso... E tinha mais uma pessoa que eu não me lembro quem era. Não me lembro nem se a Ana falou, mas dele eu me lembro com certeza, com aqueles óculos estranhíssimos que ele usava – fixou a imagem dele.

Regina: Foi a primeira vez que você o viu?

Sarah Escorel: Foi.

Regina: Você está dizendo que havia uma crítica muito grande à Medicina Preventiva. Que crítica é essa, em que consistia essa Medicina Preventiva? Medicina Preventiva é uma coisa, Sanitária é outra, Social também...

Sarah Escorel: Alguns autores importantes consideram que há um marco nessa história da nova abordagem de saúde, que foi dada pela tese de doutorado do Sérgio (o *Dilema Preventivista*), onde ele faz toda uma análise crítica justamente da medicina preventiva, do movimento preventivista; e pela tese da Cecília Donangelo em que ela faz uma análise do trabalho médico. Então o Jairnilson Paim considera que ali tem um corte: em 1975, com essas duas teses, se inaugura um novo campo disciplinar, que era chamado primeiro de Medicina Social e depois de Saúde Coletiva – que até veio a dar esse nome diferente dos outros países da América Latina, é uma coisa única em termos do panorama internacional, um novo campo disciplinar chamado Saúde Coletiva. Essa crítica (que a tese do Sérgio trabalhou profundamente) era, vendo o movimento que já surgia desde o...

[interrupção para ajeitar o microfone de lapela]

Sarah Escorel: Então o que ele analisa é que desde os anos 60 começaram a surgir nos EUA uma série de movimentos a que primeiro se chamou de Medicina Comunitária, e que estavam voltados para comunidades pobres e negras. Depois começou a ter uma penetração nas faculdades de Medicina como uma reação ao custo crescente da ação médica, dizendo que teria que mudar a atitude do médico em relação ao seu paciente, que dessa forma não só seria mais efetivo como também diminuiria os custos. Essa forma seria dando ênfase à prevenção das doenças e não mais à cura. Sinteticamente falando... a tese dele é muito mais profunda, foi publicada *post mortem*, a Anamaria conseguiu organizar, até com uma série de capítulos de outros autores fazendo comentários, é muito interessante ler... O que ele analisa são as bases institucionais em que esse movimento preventivista surge nos EUA, quais são os conceitos chave da saúde como um objeto biológico, e como era a ênfase dada na inculcação nos médicos de uma nova prática de atenção à saúde. Então a crítica que ele faz é que a saúde não pode ser vista como objeto biológico, mas social. Dentro da sociedade, portanto de natureza política, objeto da luta política numa sociedade de classes. Não era uma questão de inculcar um pensamento novo no médico, mas de transformar o sistema de saúde.

Guilherme: Nesse contexto, nessa proposição nova, pelo menos a aplicação de uma proposição nova, que papel o Sérgio cumpriu em termos de estar trazendo essas questões, você vê o Sérgio com qual destaque?

Sarah Escorel: Eu não fazia parte do CEBES nesse início...

Regina: Só pra entender a cronologia: você era aluna da faculdade, foi pra SBPC, teve a primeira...

Sarah Escorel: Aluna da Faculdade de Medicina da UFRJ, aqui no Fundão.

Regina: E você tinha contato com algum partido político?

Sarah Escorel: Não.

Regina: Então você vai lá e tem esse primeiro encontro com o Arouca...

Sarah Escorel: Eu era do movimento estudantil, sempre fui uma pessoa com atuação, mas todas as vezes que quiseram me levar pra um partido (o primeiro que tentou foi o PC do B, não foi nem o Partidão), eu fugia, não queria. Depois tive experiências partidárias que comprovaram que eu fazia muito bem! [risos] Então eu era uma militante com uma certa independência.

Regina: Você participou...

Sarah Escorel: Eu fui de curiosidade!

Regina: Você se formou quando?

Sarah Escorel: Eu me formei em 77, fiz o primeiro ano de residência em Doenças Infecciosas e Parasitárias lá mesmo no Fundão, e no final do primeiro ano eu estava muito decepcionada com a minha escolha, porque eu estava cuidando de criança que estava com marcapasso em função de uma miocardite diftérica. O Departamento de Medicina Preventiva da faculdade era muito ruim! O que era bom era a DIP (Doenças Infecciosas e Parasitárias). Então eu não tinha essa escolha de fazer Medicina Preventiva, que acho que era a escolha do meu coração, porque o departamento era ruim. Então eu fui fazer DIP, mas eu não era o que eu queria, então eu saí no final de 78, só fiz um ano de residência, eram dois anos, e comecei a procurar alternativas. Uma amiga me contou que tinha um projeto em Vitória de Santo Antão (PE), que estava procurando gente, e que a pessoa que estava encaminhando os currículos era uma pessoa chamada Sérgio Arouca aqui na Escola Nacional de Saúde Pública. Eu já tinha vindo conversar na Escola Nacional de Saúde Pública com o Eduardo Costa (que tinham me indicado, tinha uma carreira de sanitarista)...

Guilherme: Isso estava acontecendo no PESES/PEPPE?

Sarah Escorel: Estava. O PEPPE coordenado pelo Eduardo Costa e o PESES coordenado pelo Sérgio Arouca e pelo Sérgio Góes. Eu vim trazer o currículo, e foi assim que eu conheci o Sérgio, foi assim que eu casei com o Sérgio.

Guilherme: Depois daquele encontro de São Paulo.

Sarah Escorel: Mas aquele encontro eu assisti, ele nem tomou conhecimento...

[interrupção para ajeitar o microfone de lapela]

Sarah Escorel: Lá em São Paulo, eu estava somente na frente daquela figura, quando eu vim aqui pra entregar um currículo, foi aí que eu o *conheci*. Mesmo assim eu fui pra Recife tentar esse trabalho no interior de Pernambuco, que eu não consegui. Inclusive porque a recomendação vinha do Sérgio, ou seja, havia uma resistência em aceitar pessoas que ele indicasse, e também porque eu não era de lá – duas coisas que fizeram com que eu não fosse aceita. Quando eu voltei já casada com ele, já sentindo que a gente ia viver junto, é que eu entrei pro curso de Saúde Pública. Ele foi meu professor quando eu já era casada com ele, aqui na ENSP, no curso de Especialização em Saúde Pública.

Regina: Você estava contando ali que você foi levar o currículo e ele te convidou pra jantar... [risos]

Sarah Escorel: Aí eu vou contar o romance... Isso é outro dia, não é? Vou voltar pro CEBES... [gargalhadas] O Guilherme deu uma risada meio “haaan”, meio amarelinha... [gargalhadas]

Regina: Não, fique à vontade... Eu acho também que as coisas não estão dissociadas, você conheceu o Sérgio e começou um trabalho profissional, de carreira médica, e ao mesmo tempo tiveram um envolvimento, casaram, então as coisas estão interligadas. Eu queria que você falasse desse período pra entender a *sua* participação no CEBES.

Sarah Escorel: Nesse momento que nós estamos falando eu não tive participação nenhuma no CEBES. Como eu disse no início, isso que eu sei do CEBES nesse período é em função da minha dissertação de mestrado, que eu fiz uma pesquisa a esse respeito. Então respondendo à pergunta do Guilherme, do papel que eu acho que o CEBES teve: o CEBES conseguiu aglutinar um conjunto de pessoas em torno de algumas idéias-força, e de uma proposta política. E mesmo que boa parte fosse do Partidão, conseguiu ser amplo o suficiente pra não ser uma entidade partidarizada. A gente sabia: “é hegemonia do Partidão”. Mas entrava gente, participava gente, mais do que isso, as pessoas se identificavam com aquela proposta, pessoas que não se identificavam com a proposta do Partidão. Então quando chegava no âmbito setorial, tinha uma amplitude, uma abrangência maior que no âmbito partidário. Mesmo dentro do partido (eu soube por outros depoimentos) era uma discussão muito difícil levar setorial de saúde. Tinha o Isnard Teixeira, que era a pessoa responsável pela setorial de saúde, que tinha um pensamento muito diferente desse grupo liderado pelo Sérgio. Eu acho que o CEBES teve... Apesar de ter sido criado com a revista *Saúde em Debate* e uma manifestação junto com a Associação Nacional de Médicos Residentes (que tinha feito um grande congresso em Olinda em 77). Eles então fizeram o Dia Nacional de Luta Pela Saúde, e em vários lugares do Brasil o Dia, e foram divulgadas a proposta e a revista. Então surgiu um veículo que juntava pessoas que escreviam, que tinham mais ou menos a mesma abordagem (embora naquele início a coisa estivesse pouco costurada, eram pessoas que estavam pensando de maneira diferente), e ao mesmo tempo tinha havido uma ação política que tinha trazido pessoas. Eu acho que esse foi o grande papel do CEBES, a pedra fundamental do que a gente chama “movimento sanitário”, ou “movimento da reforma sanitária”, ou “movimento pela democratização da saúde”. Ele nasce com uma plataforma de democratização como fundamental. Era o primeiro slogan dele: “democracia e saúde”, depois virou “saúde é democracia”. Com uma proposta de que tinha que transformar o sistema de saúde, unificando a Previdência com o

Ministério da Saúde. No primeiro número da revista já aparece a expressão “reforma sanitária”, embora como categoria mesmo ela só viesse a ficar mais clara na VIII Conferência, dez anos depois. O CEBES também teve um papel como espaço para movimentos que estavam surgindo e não tinham onde se reunir. Começavam no CEBES e depois eles mesmos se independizavam, ou criavam sua própria plataforma. Isso aconteceu com o movimento de mulheres. Mesmo os movimentos de renovação médica encontraram no CEBES uma certa acolhida depois, se constituiu como um movimento à parte, próprio, com questões específicas, mas também teve muita influência do CEBES na amplitude da análise que os sindicalistas faziam naquela ocasião, porque não eram pessoas que tinham uma plataforma única e exclusivamente corporativa, eram pessoas que tinham como plataforma o direito à saúde, uma análise do sistema nacional de saúde não com a questão somente salarial. Eu acho que teve essa influência.

Regina: Por trás da discussão da saúde tinha a discussão de modelo de sociedade.

Guilherme: Eu acho que nisso que a Sarah tá falando tem uma coisa muito interessante, que, tendo em vista esse papel que o CEBES teve, ele consegue reaglutinar militantes da fase pré-ditadura, que a III Conferência Nacional de Saúde (a última realizada antes do golpe) foi um marco também no sentido de discutir essa questão de democracia e saúde. Alguns conceitos até de organização institucional, de descentralização, extremamente avançados. Você tem figuras interessantes dessa época que voltam a se identificar com o movimento sanitário, um eixo aglutinador nesse sentido, então eu acho que isso é muito importante.

A impressão que eu estou tendo é que houve uma série de confluências nesse caminho que se cristalizou no sucesso, no destaque que o próprio Arouca teve no movimento sanitário. Tem essas questões todas e *n* atores, no entanto foi ele que teve um papel, uma liderança. A gente já esteve fazendo entrevistas em Ribeirão Preto, e foi muito interessante porque o momento do golpe foi muito dramático. Eles eram um grupo bem estruturado, bem organizado, uma formação política e cultural. O golpe meio que desmontou o sonho... Eles falaram assim: “a gente ficou na praça onde eles souberam do golpe...”, e a gente estava entrevistando eles naquela praça. E um dos conhecidos dele (o Villalobos) deu uma entrevista muito interessante fala assim que de certa forma o Arouca teve sabedoria de entender que o golpe não era temporário, era um processo de reestruturação do Estado e da própria sociedade brasileira que expressava isso, e caminhos novos teriam que ser inventados e descobertos. A sensação que eu tenho da coisa da busca de caminhos, é que ele conseguiu entender que fazer uma política setorial em que os conceitos básicos, centrais de transformação da sociedade pudessem ser agregados seria interessante. Então o Villalobos não acompanhou o Arouca por toda a sua trajetória, mas a imagem que ele fez eu achei muito interessante, que ele fala: “é, o Arouca estava certo naquela época. Que ele já dizia que não ia dar certo a gente fazer resistência a todo custo a tudo, a gente tinha que inventar caminhos...” É interessante ouvir isso de você, porque meio que capta...

Fita 1 – Lado B

Sarah Escorel: Quando a gente conta a história, ela fica mais linear do que ela foi de verdade. Eu tenho dado ênfase à entidade, ao CEBES, não ao Sérgio. Não estou querendo de jeito nenhum desconhecer a importância do papel dele, mas não era só ele. Era um conjunto de pessoas. Claro, ele era a liderança, não só porque ele tinha um estofamento intelectual enorme, ele tinha estudado muito mesmo (na tese de doutorado dele o

principal autor é o Foucault, ele faz a “arqueologia” do movimento preventivista, ele mexe nas entranhas, nos conceitos, ele tinha uma bagagem importantíssima), mas ele era aquela figura carismática! Gente com o mesmo estofa que ele não exerceu a liderança que ele exerceu porque não tinha o carisma dele. E ele era uma pessoa muito agregadora. Era difícil ele tirar alguém de cena, ou querer que alguém não participasse. Acho que aconteceram pouquíssimas vezes em que ele não gostava de alguma pessoa – em princípio ele gostava da pessoa, encontrava alguma afinidade, conquistava facilmente a pessoa com quem ele tava conversando, era bem-humoradíssimo... Era um gaiato, né? Ele ria de si mesmo, só fazia bobagem, ria das próprias bobagens... Então era uma pessoa boa de se estar. Ele tinha essas características pessoais que cativavam as pessoas. Politicamente, ele cometeu inúmeros erros na vida! Horríveis erros! Partidariamente, horrorosos erros, de análise, mas a gente guarda mais os acertos... Ele fez discursos assim que realmente... Eu me lembro do que ele fez no Congresso de Saúde Coletiva na Bahia em 2000, que ele começou falando que tinha jogado o *i ching* pra saber o que ele deveria falar naquela palestra, aí ele faz toda uma palestra analisando o enagrama de cima, o de baixo, e sai com uma coisa assim... Eram mil pessoas naquele auditório, e quando ele acabou nós nos levantamos e ovacionamos! E queriam interromper, vinha uma mocinha e entregava pro presidente da mesa um papel dizendo que o tempo tinha acabado, era o Guilherme Rodrigues da Silva, e ele nem olhava aquilo! Porque era uma coisa fascinante, como ele tinha, do jogo do *i ching* (que ele deve ter feito mesmo, porque ele não ia inventar aquilo), saído com uma plataforma de luta política pro movimento da reforma sanitária em 2000. Ele era fabuloso! Realmente genial, não tenho a menor dúvida, mas muita bobagem ele fez também [risos]. Eu tenho muita preocupação que a gente não endeuse os homens também, e muita coisa que eu estava falando era em relação ao CEBES. Eu acho que a gente tem que pensar na conjuntura. O CEBES é criado, os primeiros três anos do CEBES (76 a 79), seu marco inicial, é um período em que a sociedade brasileira começa a se remexer depois do Golpe: em 77 a gente vai ter greve de médicos residentes, novas greves, as do ABC, o movimento contra a carestia, as Comunidades Eclesiais de Base, já começa o Geisel a botar a sua Missão Portella pra ver se vai fazer a sua “abertura lenta, gradual e segura” (ele conversa com a ABI, a OAB), a OAB lança a *Carta aos Brasileiros*, quer dizer, a sociedade está se mexendo... Eu não sei se foi um *insight*, ou se foi um princípio de realidade, o fato de continuar com uma idéia de uma revolução, de uma “tomada ao castelo” nem de uma transformação radical da sociedade, e que uma ação por dentro do setor saúde poderia trazer grandes conquistas. Isso eu não sei. O que eu sei é que ele começa a fazer isso no Projeto Paulínia, de discutir com os próprios pacientes e com a própria comunidade, ver alternativas políticas e ligar com outros projetos que estavam acontecendo. Aí tem a Unb sendo criada também, o projeto de Sobradinho e Planaltina; tinha o projeto de Minas Gerais, do Internato Rural, que depois vai dar no projeto de Montes Claros. E dentro da área de saúde tem um movimento, que são as SESAC’s (Semanas de Saúde Comunitária), em que as pessoas podiam discutir, fazer análise da sociedade com uma franqueza, com determinadas categorias, que nem a UNE (que estava na clandestinidade) podia fazer, nem os partidos políticos, nem os articulistas publicavam em nenhum jornal. Então você podia ter a impressão chegando na SESAC de que a revolução estava em curso e que a vitória era certa, porque as discussões eram acaloradíssimas, as análises eram aprofundadas, e o setor saúde não era uma coisa de pessoas especializadas (enfermeiros, técnicos), a saúde era a vida das pessoas, da sociedade, ultrapassando em muito até o próprio conceito de bem estar físico e mental da Organização Mundial de Saúde, porque tinha uma determinação social da doença que era analisada. Então eu acho que houve uma confluência de vários movimentos num

determinado contexto particular da sociedade. Em 72, se o CEBES tivesse sido criado em pleno Governo Médici, teria dado com os burros n'água certamente... Tem também a crise da Previdência mostrando todo dia em jornal filas e filas de gente morrendo – então mostrando ali que o jeito que tinha sido dado não era um bom jeito, as coisas não estavam indo bem, não só não atendiam todo mundo como os próprios trabalhadores formais não recebiam atendimento. Acho que tudo isso favorece a expansão desse movimento.

Regina: A impressão que eu tenho ouvindo vocês é que é um projeto mais amplo, o Temporão falou que militantes do movimento sindical, como o próprio Lula, reclamavam plano de saúde pra categoria! E o que eu acho que é novo no CEBES, nesse movimento da reforma sanitária, é pensar uma mudança da sociedade dentro do Estado, o Estado possibilitando a universalização dos direitos. O Temporão falou uma coisa interessante, que era um projeto civilizatório num certo sentido.

Sarah Escorel: Isso é uma frase do Sérgio que fala que a reforma sanitária é um projeto civilizatório. Você tem que entender que isso é agora, não era naquele tempo! Era um projeto social, sem dúvida nenhuma, político, amplo, mas não tinha a abrangência que teve depois. Isso foi construído. E se a gente tem os *founding fathers* também do movimento, essas coisas não estavam todas na cabeça, ninguém era o “iluminado”... Essas coisas foram sendo construídas e, com o passar do tempo, com a própria luta do movimento, enfrentando determinadas conjunturas, é que certos objetos de análise foram incorporados, certas pesquisas foram feitas, lutas políticas foram travadas – não porque se tivesse pensado desde o início que elas tivessem que ser travadas. No início se tem um esboço. Esse esboço estava tão correto nessa direção, que ele continua até hoje sendo o nosso marco, fazendo parte dos nossos princípios.

Guilherme: Voltando de novo ao CEBES, eu acho que tem essa visão também de ter formulado uma tese avançada no entendimento de que o determinante da saúde era as relações sociais, o CEBES ajudou de certa forma a formar um movimento político em torno disso. Poderia ter ficado na tese só. Não tinha nenhuma obrigação de cumprir esse outro papel que você está falando, da construção quase que cotidiana.

Regina: Um outro aspecto muito forte é que é um projeto coletivo inclusive em termos da construção das carreiras... Você estava falando da sua carreira de médica, a impressão que eu tenho é que, ao ingressar no CEBES, você encontra um lugar mais coletivo pra discutir, pra refletir. Então não é mais o indivíduo construindo sua carreira profissional sozinho, mas ele está referenciado num projeto mais coletivo.

Sarah Escorel: Nessas SESAC's eram apresentados muitos desses projetos coletivos que estavam pipocando, e os estudantes de Medicina que participavam acabavam fazendo a residência nesses projetos. Então eles funcionavam como um aglutinador. Eu peguei um depoimento muito interessante do Francisco Campos, de Minas, que dizia que “as SESAC's eram um evento tão único, que acontecia nas Semanas Santas, que a gente chamava esses figurões e eles passavam a semana inteira com a gente”. Agora você vai, faz a sua fala de 15 minutos e sai. Mas então ficavam todos, Hésio Cordeiro, Cecília Donangelo, Sérgio Arouca, então as pessoas iam. As pesquisas que eram feitas aqui no PESES eram levadas pra serem apresentadas, principalmente pros estudantes de Medicina. Tinha muito isso, a carreira que mais participava era Medicina, hoje em dia não é assim, você têm várias outras. Mas também no sindicato estava se renovando, o

movimento de renovação médica estava acontecendo. Depois teve o movimento de renovação dos conselhos de medicina – uma briga que chegou até à Associação Médica brasileira. A academia também estava incorporando quadros, pesquisando novos objetos, estava cada vez mais sólido esse campo disciplinar que vai ser chamado de saúde coletiva. Então tudo isso está acontecendo nesse período.

Eu acho que teve uma outra percepção que foi importante, e que foi objeto de discussão bastante acalorada naquele início (76 a 79, há muito tempo atrás), que era a coisa do papel do Estado. Se entrar no Estado, assumir alguma função num órgão governamental era se corromper completamente, fazer o jogo da ditadura, ou se era a possibilidade de por dentro do aparelho de Estado tentar iniciar uma transformação. Então isso era uma briga acalorada, tinham várias... E aí a gente pode dizer que a linha partidária era muito forte, porque o Partidão era favorável a essa entrada no aparelho de Estado. Já o PC do B e outros movimentos, trotskistas como o MEP, eram contrários. Essa linha de entrar no aparelho de Estado se revelou a mais correta, porque a briga foi travada por dentro, e muitas coisas que depois foram feitas, que conseguiram ser viabilizadas, foram porque pessoas ligadas a esse movimento eram contratadas como técnicas, pelo seu currículo, sua capacidade técnica, mas conseguiam dentro dessas instituições às vezes promover pequenas mudanças – mas alguma mudança de rumo da política. Que aí a gente vai ver isso no período posterior, a partir da crise da Previdência e do plano do CONASP, e o surgimento das Ações Integradas de Saúde. Então essa foi a primeira atuação por dentro do aparelho de Estado de pessoas vinculadas a esse movimento sanitário – que nem tinha essa percepção assim de ser um movimento, mas as pessoas se identificavam com os discursos, se identificavam com as plataformas. Então chegavam nos lugares e se reconheciam como fazendo parte de um mesmo projeto sem ter recebido nenhuma carteirinha, sem que nunca tivessem tido uma organização partidária. Por isso eu brigo muito quando chamam de “partido sanitário”, que é uma alcunha que foi dada até numa discussão de uma maneira pejorativa, porque via a intervenção de pessoas assim muito organizadas: “ah, isso parece partido sanitário”. Não é, é um movimento, porque não tinha essa organização partidária, e, no entanto, diversas vezes (e até bem recentemente em determinadas situações) essas pessoas conseguem se articular em torno de idéias e propostas que são desse movimento.

Regina: Mas ao mesmo tempo tem uma articulação desse movimento com o Partido Comunista...

Sarah Escorel: De pessoas do movimento que são do Partido Comunista. O Partido Comunista nunca disse ao CEBES o que ele tinha que fazer.

Guilherme: O Partido Comunista assumiu plenamente as teses do CEBES...

Sarah Escorel: Essa era a briga que eles tinham dentro da setorial de saúde. Que continuou, porque se tinha dentro do Partidão essa visão de que movimento ecológico, movimento setorial, movimento das mulheres é puro diletantismo. Tem que se concentrar na transformação das bases materiais da sociedade e no fim da exploração e da dominação... Ainda estamos numa época em que era briga... não era nem frações de classes, era burguesia contra proletariado. A sociedade não respondia mais a esse esquema analítico, mas esse era o esquema analítico do Partidão, ele era muito “duro”! Tem que pensar que as luzes do eurocomunismo, Gramsci vai chegar em 80, 81, 82. O Berlinguer veio ao Brasil em 78, talvez tenha sido um pouco antes... Eu me lembro

(porque eu já era casada com o Sérgio, não participava mas obviamente eu sabia das coisas que aconteciam) que a discussão com os “euros” estava acontecendo em 80.

Regina: Guilherme, seria bom ela falar um pouquinho da história da Nicarágua.

Sarah Escorel: Mas vai deixar o CEBES aí?

Regina: Mas a ida pra Nicarágua não tem uma articulação?

Guilherme: Sempre tem, mas a Nicarágua aparece mais em função de um movimento mais da OPAS.

Sarah Escorel: Ele era presidente do CEBES quando foi chamado pra Nicarágua, eu falo até aí e depois vocês vêem o que fazem, tá bom? É um depoimento que tem que ter muito mais horas dado a bagagem de conhecimento que eu tenho... [risos]

Regina: É verdade. A gente até pensou: “a Sarah tem tantas coisas, tantos aspectos...” Por isso que a gente pensou em fazer essa parte familiar, junto com as meninas...

[Regina e Guilherme conversam sobre o caminho que a entrevista deve seguir a partir dali]

Sarah Escorel: Nesses primeiros anos, de 76 até 79, os presidentes do CEBES foram de São Paulo, o CEBES estava localizado principalmente em São Paulo. Foram constituídos núcleos do CEBES em outros lugares. Às vezes o núcleo era uma pessoa só, que recebia a revista, fazia alguma atividade, ficava sendo a pessoa pra fazer as assinaturas... Em outros não. Em outros eram lugares onde as pessoas se juntavam pra discutir, pra ter uma atividade mais de centro de estudos mesmo. Em 79, o Sérgio foi eleito presidente, e aí o CEBES nacional veio pro Rio de Janeiro, onde ele morava, e tinha sede no Sindicato dos Médicos, na Avenida Churchill, onde tinham sede todos os movimentos de oposição do setor saúde: os médicos residentes se reuniam lá, a AMERJ (que chamava AMEG, Associação Médica da Guanabara, que eram aqueles velhinhos comunistas, como o Mário Vítor de Assis Pacheco), os próprios movimentos de oposição (depois eles conquistaram o sindicato), oposição ao Conselho, tudo acontecia lá na Avenida Churchill. O CEBES também fazia suas reuniões lá às segundas-feiras, e parecia que o melhor chamariz era que depois acabava no Amarelinho, todos iam beber chope no Amarelinho, embora houvessem alguns que discutissem que deviam beber chope no Vermelinho, devido à coloração ideológica dos participantes. E aí ficavam bebendo chope o resto da noite. A revista tinha sido publicada em São Paulo e tinha o apoio da Oboré – até hoje a pessoa responsável, o Serjão, está aí no movimento, está envolvido com as rádios comunitárias, e ele tinha essa editora que estava muito ligada ao DIEESE e a todos os movimentos sindicais de oposição (surge a oposição sindical). Foram até o número 5, se não me engano... Acho que até um pouco mais, eram 4 números por ano. Quando ela vem pro Rio, começa a haver uma certa dificuldade nessa organização – e o Sérgio como presidente deve ter ajudado a desorganização. Ele era muito desorganizado! Então a revista assume um novo formato, outra cara, já não é aquele papel pardo de embrulho (papel reciclado, nem se falava em papel reciclado naquela época), ela assume um novo feitio e começa a ter uma certa descontinuidade, não consegue publicar os 4 números por ano. Mas no mandato do Sérgio, ele fica pouquíssimo, porque o Juan Cesar Garcia vem ao Brasil e pergunta se ele não quer ser

assessor pela OPS do Ministério da Saúde da Nicarágua – tinha acontecido a Revolução Sandinista em julho de 79. Aí o Sérgio vai se licenciar da presidência do CEBES e, se não me engano, o Eleotério que era o vice-presidente vai assumir. O Temporão também fazia parte dessa chapa, a Liliane, mulher do Temporão também fazia parte dessa chapa... Talvez ela estivesse no núcleo do Rio, porque no Rio tinha o nacional e o núcleo do Rio, então eu não tenho certeza... Agora eu conto o que? Nicarágua ou CEBES? [gargalhadas]

Regina: Não sei, porque eu tô muito curiosa pra saber essa coisa da Nicarágua. É incrível, porque de repente vai pra uma coisa totalmente...

Sarah Escorel: Tem que pensar o seguinte: várias coisas foram favoráveis à ida dele. Claro, convite vindo do Juan Cesar era convite vindo de uma pessoa que ele admirava muito. No início, quando ele conheceu o Juan Cesar, ele brigou, saiu no maior pau com o Juan Cesar, em Campinas ainda! Depois eles foram se conhecendo e se gostaram muito! Isso era uma coisa importante. O representante da OPAS na Nicarágua era o Miguel Marquez, um grande companheiro do Juan Cesar Garcia dentro da OPAS, num movimento mais político, de difusão de idéias, um marxista também, ele é equatoriano. Pessoas assim fisicamente muito diferentes, mas uma duplinha muito persistente, muito disciplinada, muito organizada nessa coisa da difusão das idéias, de transformação da abordagem. Ele estava lá e estava juntando um grupo que era composto basicamente de exilados. Então tinha o Tabaré Gonzalez (que é muito amigo do atual presidente, que também se chama Tabaré, Tabaré Vasquez do Uruguai, que acabou de ser eleito), um outro argentino que era estatístico, e os cubanos que estavam lá mesmo porque estavam dando apoio. Também tinha disso dele vir a constituir uma equipe, e o Sérgio tinha tido uma trajetória latino-americana, conhecendo várias pessoas e participando daquilo que depois ia ser conhecida como ALAMES (Associação Latino-Americana de Medicina Social). Ele tinha várias ligações com os mexicanos, equatorianos, argentinos, chilenos, em torno da Medicina Social. Então isso também contava. E eu acho que outras duas coisas tiveram peso significativo. Ele não estava satisfeito com o que estava fazendo aqui. Tinha chegado num momento em que estava meio assim, sabe... uma certa...

Guilherme: Além do CEBES, o que ele fazia?

Sarah Escorel: Ele era professor titular, concursado, da Escola Nacional de Saúde Pública, no Departamento de Administração e Planejamento em Saúde. Quem era chefe era a senhora Elza Paim, que ficava falando: “olha, agora tá na hora de você assumir o Departamento.” Esse negócio de trabalho burocrático não era muito com ele não... E ele dizia: “não, vamos ver...” O PESES tinha acabado. Não tinha nenhum grande projeto. Ele dava aulas, tinha a coisa da Pós-graduação, que o Mestrado tava indo, mas ainda era muito incipiente, se pensou em abrir o Doutorado, mas isso foi só depois que a gente voltou da Nicarágua... Então era um período que ele não tinha assim um trabalho que ele achasse muito interessante. Eu acho que isso foi um outro fator que fez ele assinar. E eu acho que o último fator que também pesou: nós éramos recém-casados e eu *adorei* a idéia! Eu queria muito ir pra Moçambique na ocasião, que estava passando por um processo revolucionário. Apesar de ter vivido a minha vida como filha de diplomata muito mais na América Latina, não conheço nada da África, sempre tive aquela coisa de “vou à África”...

Fita 2 – Lado A

Sarah Escorel: ... um campo de atuação que teria me deixado muito mais satisfeita do que o que eu exerci propriamente, e quando veio essa proposta, sei lá, tinha menos de um ano que a gente estava vivendo junto, não tínhamos filhos. O Sérgio tinha o Pedro, mas que morava com a Ana. Eu achei aquela idéia ótima! Ia viver um processo revolucionário, único e me encantei com aquilo! Dei muita, muita força pra que ele aceitasse. A proposta veio em fevereiro, talvez final de janeiro, o Sérgio acabou aceitando, talvez em abril, fizemos toda a papelada, e final de junho, início de julho, estávamos desembarcando na Nicarágua, eu crente que íamos ser recebidos com tapete vermelho, “estava chegando o Sérgio Arouca”, e não deram a menor pelota, esqueceram de mandar o jipe pegar a gente, foi aquela chegada assim cheio de mala, aquela confusão... [interrupção]

Isso foi em 1980. Nós chegamos lá pra assistir na praça o primeiro aniversário da Revolução Sandinista. Uma *multidão*! O Fidel Castro foi! Eu me lembro que a gente escutava no rádio o locutor anunciando que o avião tinha finalmente descido: “o avião caminha inexoravelmente para o aeroporto, onde desembarcará o comandante...” Eu adorei aquele “inexoravelmente”! [risos] E também tudo muito militarizado. Eu talvez agora possa ter até uma certa crítica, mas na época eu não tinha crítica nenhuma, achava que aquilo eram os soldados do povo, a milícia do povo, que o povo tinha sido finalmente libertado. A gente ainda escutava tiros de noite. A gente tinha chegado num momento em que tinha saído um conjunto de pessoas, mas não havia problema de abastecimento. Então quem tinha dinheiro ia no mercado e comprava o que tinha. Tinha um restaurante maravilhoso que só tinha lagosta... Ah! Como a gente gostava de lá... [risos] *Lopes Sorini*. Era assim. Todo mundo dizia: “coitadinhos, tão sofrendo na Nicarágua...” A gente dizia: “quem tá sofrendo?! Estamos comendo lagosta!” Então a gente estava no “bem bom”.

O trabalho do Sérgio foi assessorar o Ministério da Saúde. Mas o Ministério da Saúde também não sabia em que queria ser assessorado. Tinha uma equipe cubana forte, mas um mundaréu de coisas pra ser feito, e ele foi pra Divisão de Planejamento. O diretor da Divisão de Planejamento era um rapaz, médico recém formado, militante, que não tinha a menor idéia do que era planejamento, não tinha nenhuma formação em saúde coletiva, tinha sido posto no lugar porque precisava ser ocupado o lugar. A área de epidemiologia era tecnicamente mais forte (como costuma acontecer nesse campo, que tem uma base técnica mais sólida, mais tradicional, lá tinham pessoas que estavam lidando com epidemias, como a malária), e tinha a parte de serviços que era caótica. Porque Manágua tinha tido um terremoto em 1972 que tinha destruído a parte central da cidade e... assim como estava, assim ficou, os escombros. Você via como se o terremoto tivesse acontecido semana passada, as ruínas daquele pedaço todo, tudo aquilo que caiu. E mais pro fundo, perto do lago, tinha o Teatro Ruben Darío, um teatro muito bom, onde tinha vários espetáculos – a gente viu o Balet Cubano, a Mercedes Sosa, peças nicaragüenses, balets... Mas ao fundo, se via aquelas ruínas todas. Em 79, eles vivem o final de uma guerra civil na qual eles contabilizaram cem mil mortos. A Nicarágua tinha sido o último palco... A Nicarágua é muito pequenininha, ela é gordinha, mas ela é baixinha. A Costa Atlântica com a Costa Pacífica realmente não se encontram. Na Costa Atlântica são grupos étnicos (os *miskitos*) indígenas e africanos (uma mistura)... E a junção não era por estrada, era por rio. E nós saímos da cidade uma vez e levamos seis horas pra chegar do porto mais central até a Costa Atlântica, pra visitar. Mas Masaya, onde tinha uma universidade e tinha tido um grande movimento revolucionário ficava a

uma hora, uma hora e meia, tinha um vulcão, todo mundo que ia nos visitar nós levávamos pra visitar o vulcão. Então a cidade de Manágua era muito estranha, porque tinha partes destruídas... Uma pobreza, uma pobreza que a gente não consegue ter idéia! “Sertão nordestino” em algumas áreas. Em outras áreas se vivia bem, em casas muito boas, a gente ficou numa casa muito boa! E a Revolução há um ano no poder. Então falando dos serviços de saúde: os serviços de saúde na parte pública e a seguridade social (a previdência social) eram de uma precariedade enorme! Nos primeiros seis meses, nós morávamos num hotel, um hotel que tinha uns chalezinhos. E nesses primeiros seis meses, era uma assessoria aqui, uma ajuda ali, mas não tinha um rumo. Não tinha projeto, justamente porque o Ministério da Saúde não tinha um projeto. Ele então começou a mandar pessoas de lá pra estudarem aqui. E o Larry Vado, que era esse diretor de planejamento, foi o primeiro que veio, passou também por Salvador, e voltou outro! Era um revolucionário sandinista e voltou cheio de fitinha do Senhor do Bonfim, sandália de couro, camisa cheia de cor... Que figura, né?! [gargalhadas] Mas ele não conseguiu formar o Larry não. Depois veio uma outra pessoa, uma pessoa muito mais sólida, o Guillermo Gonzalo...

Guilherme: Que casou com a Carmem...

Sarah: Que casou com a Carmem Teixeira. E a Carmem foi pra lá. Então a preocupação dele nesse início era de formação. Uma coisa que ele ajudou a organizar logo no início foi um seminário, em que se procurou resgatar (um pouco como o próprio CEBES) a história do serviço de saúde, fazer um pouco um diagnóstico do que estava acontecendo – e dá-lhe de ler, e dá-lhe de ler... Tinha muita publicação dos sandinistas, além do famoso *Editorial Progreso* que editou a obra completa de Lênin, todos os livros marxistas, então a gente começou a ler muito sobre a Nicarágua. Depois houve uma mudança de ministro e entrou uma socióloga chamada Lea Guido, que foi quando o Ministério da Saúde conseguiu ter um pouco mais de norte. Então nessa ocasião o Sérgio trabalhou muito fazendo o Plano Nacional de Saúde da Nicarágua. Aquilo que antes tinham sido pequenos espasmos havia ajudado a fazer um diagnóstico, e com o diagnóstico então ele começou a assessorar – porque ele era assessor, não tinha poder – a Divisão de Planejamento na elaboração do Plano Nacional de Saúde de 1980. Foi apresentado num grande seminário, com várias partes, inclusive uma parte de avaliação, eu participei disso também. Mas era o Ministério da Saúde, com a presença da ministra o dia *inteiro* nesse seminário. Foi o grande trabalho que ele fez naquele ano, e depois em 1981 foi acompanhar a implantação desse plano. Eu acho que, teoricamente, o Sérgio fez na Nicarágua um trabalho que está perdido, a menos que seja possível localizá-lo nos papéis que estão no sítio dele. Foi um trabalho sensacional intitulado *Epidemiologia da Agressão*, relacionado com a agressão norte-americana em El Salvador e na Nicarágua no Governo Reagan. Era o início de um trabalho sobre epidemiologia da violência, mas em termos macros, em termos das políticas internacionais. O que estava acontecendo com o germe da revolução sandinista e as possibilidades de transformação que estavam postas por causa da agressão dos EUA. Esse é um trabalho sensacional, nunca foi publicado, pouquíssimas pessoas leram, e eu acho que ele se perdeu. E era um avanço teórico, era uma análise na qual ele tinha avançado teoricamente. Muito bom. Ele ainda escrevia naquela época. Porque depois de um tempo ele parou de escrever. Aí ele só falava. A gente pegava o que ele falava, gravava e via a transcrição.

Guilherme: Nem lia muito... Depois. Não escrevia nem lia.

Sarah: É, depois. Dependendo do assunto. Se ele se interessava por *tai chi chuan*, ele comprava todos os livros de *tai chi chuan*. Quando ele decidiu que ia ter um cachorro fila, ele comprou todos os livros sobre fila brasileiro. Era a maneira que ele tinha, ele saía comprando toda a bibliografia... Ele decidiu que ia cozinhar: comprou dezenas e dezenas de livros de receita. Então ele ficava vendo as receitas. Era esse o sistema dele. Depois eu não sei mais o que ele lia... Mas não escrevia mais.

Então nós chegamos em julho de 1980, teve esse semestre que foi de diagnóstico, eu falei que o Plano Nacional de Saúde era de 1980, não era, era de 1981, foi elaborado ao longo de 1981 e implementado. Nós ficamos lá até setembro de 1982. Um outro acontecimento que foi importante que teve antes da gente vir embora foi o II Encontro Latino-americano de Medicina Social. O primeiro tinha acontecido no Equador, em Cuenca, e o segundo foi lá, porque ele estava lá e conseguiu o espaço, e a Nicarágua era o chamariz desse conjunto de pessoas.

Os contratos da OPAS eram de 11 meses pra não criar estabilidade. Então quando chegou em 1981... E tinha que sair do país. Então o Sérgio veio ao Brasil, e eu fiquei lá. Eu já estava grávida da Lara, nossa filha mais velha, que é nicaragüense. Quando chegou de novo a renovação em 1982 já foi uma coisa um pouco mais complicada, a OPAS não queria mais renovar. Nós fomos pra Espanha, porque os meus pais moravam na Espanha, e nós fomos pra lá. Ficamos muito tempo esperando o contrato ser renovado. Aí começou também que as coisas aqui no Brasil estavam mudando em 1982, tinha as primeiras eleições pra governador em novembro de 1982. Era como se naquele momento se tivesse conseguido fazer alguma coisa, essa coisa do Plano, estava em desenvolvimento um programa de atenção primária com a coordenação do Roberto Capote (que era um cubano), também ligado à Divisão de Planejamento, juntava planejamento com serviços de saúde. Eu me senti numa certa encruzilhada naquele momento: ou a gente ficava pra ficar *mesmo*, e aí perdia de perspectiva a idéia de voltar; ou a gente voltava naquela hora, porque senão nós íamos perder o “bonde da história” *aqui*, onde as coisas estavam mudando. Essa coisa do contrato da OPAS também teve interferência porque era muito chata. Você não podia ficar. E eles não tinham feito uma renovação de 11 meses. Então a gente achou que era a hora de voltar. O Encontro Latino-americano foi feito em setembro e logo depois a gente veio embora.

Guilherme: Da Espanha vocês voltaram pra Nicarágua?

Sarah: Voltamos pra Nicarágua, e aí teve esse Encontro Latino-americano. Nesse momento, em 1982, as coisas já tinham mudado muito. No início a gente morava em hotel (nesse que tinha uns chalezinhos tão simpáticos, mas claro que era muito caro). Por volta dos 6 meses que a gente estava lá deu vontade de voltar. Talvez porque não havia uma direção do trabalho a ser feito. E eu fazia trabalho voluntário pro Ministério da Saúde, eles não me pagavam, mas não sabiam muito bem também o que fazer comigo. Me botavam num lugar, depois botavam em outro, sabe assim? Então eu também não estava lá com nenhum projeto. Então pra ter ido lá conhecer o país, conhecer a História, quando deu 6 meses a gente teve uma certa dúvida. Aí as coisas depois se ajustaram, a gente saiu desse hotel, e como várias pessoas tinham saído da Nicarágua – assim como tinha acontecido com Cuba só que em proporções muito menores, não teve a fuga de médicos que teve em Cuba, mas a burguesia saiu também, uma parte, mas muitos ficaram, inclusive porque ajudavam os *contras*, como eram chamados os contra-revolucionários. Então tinha várias casas pra alugar, e nós

alugamos uma casa *ótima!* [risos] Aí aquela coisa: “coitadinhos, moram na Nicarágua...” Morávamos numa casa muito boa, com jardim, com frutas, cachorro, era muito bom. [pausa] Por que eu estou falando isso? Estava falando já da volta. O que eu ia dizer é o seguinte: nesse momento não tinha nenhum problema de desabastecimento. Quando chegou em 1982 começou a ter problemas de desabastecimento, porque aí já eram 3 anos da revolução com os EUA boicotando. Teve uma ocasião também em que ficou eminente que eles iam invadir El Salvador, então disseram que iam evacuar todos os funcionários internacionais. Nós fomos contatados pelas Nações Unidas, que estavam responsáveis pelos funcionários internacionais, recebemos uma série de instruções, e nós tínhamos que dizer se gostaríamos de fazer parte da evacuação. E o Sérgio disse que, evacuado, ele *jamaís!!* Quando eu comuniquei isso aos meus pais (nós já tínhamos uma criança, bebê, a Lara tinha 1 mês, 1 mês e meio), eles ficaram *apavorados*, de como naquela situação o Sérgio se recusava a ser evacuado. E ele dizia: “pra mim evacuação é só fezes, eu não sou evacuado de lugar nenhum, eu fico aqui!” Mas não teve invasão, não fomos ameaçados, não sentimos nenhuma vez problemas de segurança.

Parte do corpo técnico que era nicaragüense foi amigo, e teve uma pessoa que ficou muito amiga dele que era o Carlos Lopez, eles nos receberam bem, mas era um grupo muito restrito de nicaragüenses. Nós tínhamos mais contato com os internacionalistas, sejam eles funcionários internacionais ou pessoas que tinham ido voluntariamente ajudar – e aí de todas as nacionalidades, costarriquenses, mexicanos, esse era o grupo social no qual a gente vivia. No final muita gente já tinha ido embora, e começou a ter a tarjeta pra pegar açúcar, que foi a primeira coisa que começou a faltar no armazém. Depois eu não voltei lá, o Sérgio voltou, e ele falou que a situação tinha ficado muito mais difícil, com a movimentação dos *contras*. O que eu quero dizer com isso é que nós pegamos um período muito bom, em todos os sentidos. Não tivemos que pagar um preço pelo nosso internacionalismo. Vivíamos comodamente, nos alimentávamos bem, tivemos nossa filha lá – e pudemos colaborar também, embora houvesse uma certa resistência do pessoal local de que “esse povo vem de fora pra querer ensinar o que a gente tem que fazer, quando quem conquistou a revolução fomos nós”. Isso existia. Então nós não tínhamos acesso, por exemplo, aos Comitês de Defesa Sandinista, que eram os comitês de bairro – onde nós poderíamos conhecer muito melhor os problemas da população. Nós tínhamos acesso a determinado grupo técnico, ou senão a moça que trabalhava lá em casa, quando a gente ia no mercado, mas nós não tínhamos uma turma nicaragüense nem pudemos participar das entidades de base da revolução nicaragüense, a gente acompanhava pelo jornal, a gente lia o que os representantes sandinistas escreviam...

Regina: Mas aí como foi essa volta ao Brasil?

Sarah: Nós voltamos em setembro, as eleições foram em novembro. Quando nós chegamos os companheiros todos estavam na campanha do Miro Teixeira: eram os famosos “luas pretas”. PMDB chaguista. Nós acompanhávamos, nós fazíamos assinaturas de revistas brasileiras, então a gente via que a primeira candidata que ia ganhar era a Sandra Cavalcanti, e quando nós chegamos era o Miro. E depois foi o Brizola. No PT era o Vladimir Palmeira o candidato, acho que não teve nem 1%...

Regina: Aí quando vocês chegaram vocês retomaram o CEBES? Você retomou o seu trabalho?

Sarah: Eu não participava do CEBES. Eu tava grávida da Nina, a Lara era muito pequena, e eu decidi fazer o concurso pro Mestrado. Fui chamada pra trabalhar na Secretaria Municipal de Saúde. Então eu ia fazer o Mestrado, vinha, dava de mamar, ia pra Secretaria Municipal de Saúde, o CEBES não entrava na minha agenda! O Sérgio voltou a ir todas as segundas-feiras às reuniões, e isso em 1983, o CEBES tava numa fase baixa. O que estava pegando mais fogo, o que estava mais movimentado era essa parte da Previdência, porque tinha tido a tentativa de fazer um projeto chamado Previ-Saúde, que foi a tentativa de juntar a Previdência com a Saúde, esse projeto tinha dado com os burros n'água. Depois tinha tido a crise na Previdência, e o plano do CONAF, onde estavam companheiros nossos que ficaram na Previdência e começaram a partir do plano do CONAF a tentar fortalecer o setor público – estratégia que ficou conhecida como “estratégias integradas de saúde”.

Fita 3 – Lado A

Sarah Escorel: Então esse era um assunto que tava mobilizando mais. E o CEBES tava sem publicar a algum tempo, eu não sei aonde tava a diretoria, assim de cabeça eu não sei. Mas em 84 (quer dizer, um ano e meio depois) o CEBES vai voltar a se movimentar em torno de uma proposta na transição democrática pro setor saúde. Não só promover como participar de um conjunto de seminários, construindo uma plataforma que, quando veio a ter a eleição do Tancredo, fez com que o movimento sanitário fosse o único a ter uma plataforma pro setor organizada. Tanto que conseguiu participar e levar essa proposta pra COPAG, que era a Comissão de Plano de Governo do Tancredo Neves, depois da eleição indireta dele. Quer dizer, quando a gente voltou as reuniões do CEBES aconteciam, acho que as revistas estavam sofrendo alguma descontinuidade. Porque tem que ver o seguinte: o CEBES nunca teve estrutura financeira, não teve no início, não teve no meio, não tem agora. O que os associados pagam não dá pra cobrir a publicação das revistas. Então sempre dependeu de convênios, ou de apoios pra poder ter essa regularidade da revista. Naquele momento eles deviam estar passando por alguma dessas crises porque a revista sofreu uma certa descontinuidade. Quando a gente estava na Nicarágua, a diretoria que estava conseguiu publicar várias revistas – isso eu me lembro. E são revistas bem diferentes, no formato, inclusive com artigos sobre Cuba. Na volta eu não me lembro, eu acho que aí teve um intervalo em relação às publicações.

Eu não falei uma coisa muito importante, que marca o final do primeiro período do CEBES, que foi o I Simpósio Nacional sobre Política de Saúde, da Câmara dos Deputados. Esse Simpósio foi promovido por estímulo de pessoas do CEBES, que moravam em Brasília, e que começaram a ter uma atuação junto aos parlamentares “autênticos” do MDB. Eles tinham sido eleitos em 78, era um grupo relativamente pequeno, e alguns deles gostaram da idéia e decidiram promover em 79 o simpósio com o objetivo de discutir o sistema de saúde. Teve a conferência magna feita pelo Mário Magalhães, que foi um sanitarista que conduziu a III Conferência Nacional de Saúde, uma pessoa que não era do Partidão, mas era próximo, muito ligado ao Isnard. O irmão dele era do Partidão. E ele era uma pessoa muito excêntrica talvez pra poder ser do Partidão, muito indisciplinado, não aceitaria a vida partidária... Teve uma série de grupos de trabalho, de discussão, e o CEBES leva um documento que se chama *Pela Democratização da Saúde*, que foi adotado como documento do simpósio. Foi lido pelo Sérgio (o Sérgio como presidente do CEBES) e foi adotado como documento do simpósio. Claro que tem o relatório final, mas o documento do CEBES passou a ser o documento oficial do simpósio. E foi um divisor de águas. Ali ficou claro que havia um

movimento na área de saúde, nitidamente contra hegemônico, que tinha uma outra forma de pensar, que era minoritário sem dúvida nenhuma, mas ele apareceu na arena setorial com uma proposta. Quando vem a transição democrática, na eleição do Tancredo, o movimento sanitário já vai aparecer, mas numa outra situação: já como experiência de dentro dos aparelhos de Estado, a proposta delineada com mais nitidez, e os seus inimigos apresentam propostas que são extremamente parciais e corporativas – como a ABRAMG (Associação Brasileira de Medicina de Grupos) e principalmente a FBH (Federação Brasileira de Hospitais), que eram os setores que mais lucravam com a privatização da saúde. As propostas deles eram extremamente restritas àquilo de dizia a seus interesses. O movimento sanitário aparece com uma proposta que tinha por objetivo defender os interesses da população brasileira. Aí já é uma outra situação, aí ele já se faz presente na arena com uma outra categoria, outra participação: ele passa a ser um interlocutor. Tanto que conseguimos com que representantes do movimento sanitário fossem indicados para cargos importantíssimos: o Sérgio como presidente da FIOCRUZ e o Hésio Cordeiro como presidente do INAMPS, nada mais nada menos – onde ele encontrou um escritório da FBH montado, dentro do INAMPS...

Guilherme: Uma passagem que faz parte desse período que você falou foi a participação do Arouca no primeiro Governo Brizola, porque ele ajudou, chegou a ser um assessor (se eu não me engano) do Eduardo Costa. Fala um pouquinho disso...

Sarah Escorel: Foi, ele foi. O Eduardo Costa chamou o Sérgio pra ser assessor e deu pra ele a incumbência de organizar o que seria a “seção estadual da reforma sanitária”. Eles foram eleitos em 82 e tomam posse em 15 de março (naquela época era uma data civilizada, não é 1º de janeiro como agora que é completamente incivilizada) de 83. Esse convite não foi de imediato, mas deve ter sido no segundo semestre – pra essa Comissão Estadual da Reforma Sanitária (você vê que já aparece esse termo da “reforma sanitária”, não tinha tido VIII Conferência ainda), que pretendia juntar representantes de vários segmentos. Mas não tinha (como agora tem em todos esses conselhos) uma idéia de que tinha que ter uma proporcionalidade, nem ficou muito claro qual era a função, o objetivo daquela comissão. A idéia era fazer propostas, ser consultivo em relação a determinadas propostas do governo, ao mesmo tempo em que pudesse fazer proposições. O Governo Brizola não...

Guilherme: Um pré Conselho Estadual de Saúde...

Sarah Escorel: É. No entanto convivia com uma outra instância que estava criada que era a CIS (Comissão Interinstitucional de Saúde), formada pelo secretário estadual de Saúde (o Eduardo Costa), o superintendente regional do INAMPS (que era o Nildo Aguiar), o delegado do Ministério da Saúde (que eu não me lembro quem era), e o secretário municipal de Saúde da cidade do Rio de Janeiro também tinha assento, mas não tinha poder deliberativo. A CIS juntava o Ministério da Saúde, a Previdência e a Secretaria Estadual – e era justamente pra promover a articulação da política de saúde e financiar o setor público de uma maneira articulada. Era uma briga de foice, porque quem tinha o poder de fato era o superintendente do INAMPS. E o Nildo era um publicista, era uma pessoa que queria fortalecer o setor público, tinha experiência no INCA, tinha uma trajetória dentro do setor público, não era um representante dos interesses privados. Mas tinha sua maneira de fazer as coisas. E o Eduardo Costa também tinha a sua maneira de fazer as coisas, e não queria que no território dele, estadual, o outro viesse a mandar. Mas o outro era quem tinha dinheiro. A decisão era

por consenso, ou seja, não tinha decisão. Até você pode pensar que a criação da Comissão Estadual da Reforma Sanitária fosse uma estratégia do Eduardo Costa de se contrapor a CIS. Acontece que a Comissão Estadual não mexia com dinheiro, então a política não era decidida ali. E o Governo Brizola teve como característica (pelo menos é a minha análise) que o Brizola não escutava nem os seus secretários, muito menos uma Comissão Estadual da Reforma Sanitária. Ele escutava, e parcialmente, o Darcy Ribeiro – e não escutava mais ninguém. Foi um desastre administrativo aquele governo. O segundo Governo Brizola foi um desastre administrativo e político, mas o primeiro foi um sucesso politicamente, mas administrativamente foi um desastre – acho que ele também não tinha nenhuma vocação. Então aquela comissão não deu em nada! Durou talvez uns oito meses, talvez no papel tenha até continuado, mas ela não era foco: “ah, lá está acontecendo alguma coisa que vai poder mudar, aqui no Rio de Janeiro as coisas vão poder ser diferentes”... Você participou?

Guilherme: Eu era estudante, nessa época...

Sarah Escorel: Você viu que ele arrumou um jeito de dizer que é bem mais novo que eu... [risos]

Guilherme: Então eu vivia lá, participava... E também lá em Niterói existia uma mobilização muito grande por parte dos estudantes que optaram pela saúde pública em função da atenção primária à saúde. (...) Por isso diversas vezes eu estive lá. Agora eu tenho uma curiosidade, voltando um pouco à época da Nicarágua, que a primeira reunião que eu participei na casa de vocês lá em Santa Teresa (foi junto com o Ary e o Arouca num sábado de manhã), eu lembro que o Arouca comentou que tinha uma cadeira de balanço lá que tinha sido do Sandino, que ele ganhou. Então, se for verdade, é pra você comentar...

Sarah Escorel: Quando nós alugamos a casa, tinha alguns móveis, entre os quais quatro cadeiras de balanço. Nós não tínhamos móveis. A casa ficou inteiramente desmobilada. Nós dormíamos num colchão no chão, e tinha essa mesinha (que era uma mesa de centro) e as quatro cadeiras que eram a nossa sala de estar. Um sofá velho eu peguei e forrei, eu mesma costurei, botei lá um pano e ele virou umas almofadas no chão. Era isso que tinha a casa... Acho que tinha uma mesa na cozinha. Ah! Tinha uma mesa na sala de jantar, mas era da casa, entendeu? Mas quando nós viemos embora, eu fiquei com vontade de trazer. E o Sérgio dizia: “ah, não! As cadeiras nem são tão lindas assim.” Era puro apego afetivo. São confortáveis, mas não eram lindas. “Mas vão ser as cadeiras mais caras do mundo!” Porque tinha que transportar, trazer aquilo de volta. Mas eu insisti, e trouxe. Depois quando a gente separou, ele não quis levar quase nada, mas ele quis levar uma das cadeiras de balanço, eu fiquei com uma e ele ficou com a outra. Mas não tinha sido do Sandino, claro que não! [risos] As histórias dele...

[Regina e Guilherme discutem acerca da possibilidade de realizar uma próxima entrevista com Sarah, devido à falta de tempo para a continuação da entrevista]

Depoimento de Sônia Fleury (Rio de Janeiro - 14.04.2005)

Fita 1 – Lado A

Sônia: Meu nome é Sônia Fleury. Sou professora e pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas e me aposentei aqui como pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz onde eu criei um núcleo de pesquisa na área das políticas de saúde, que é a área em que eu trabalho. Eu trabalhei aqui em meados da década de 70 a convite do Arouca que eu vim parar aqui. Eu conheci o Arouca quando eu fiz psicologia e depois eu fiz um mestrado em Sociologia e de Medicina Social e depois eu fiz o doutorado em Ciência Política. Na época em que eu fazia Sociologia eu fiz uns cursos e acabei me encantando pela Medicina Social na UERJ e o Arouca foi convidado, ele estava vindo de Campinas para cá e foi convidado para dar uma palestra. Ele falou sobre a tese dele e eu tinha uma leitura muito sólida do “Capital” e eu discordei bastante dele na aula e foi muito interessante porque em geral os intelectuais ficam muito chateados quando você os contesta publicamente e o Arouca me chamou para trabalhar com ele dizendo: “Porque você não vem trabalhar com a gente!” E eu vim aqui no dia que eles estavam começando a trabalhar com o PESES aqui na escola, um programa de Pesquisa de Estudos Sócio-Econômicos em Saúde, eu vim, mas a proposta que eu tinha, e era como estagiário, ela... não dava porque eu precisava ganhar dinheiro e era pouquíssimo, era uma bolsa de estagiário... e por outro caminho completamente diferente eu vim trabalhar com ele nesse mesmo lugar porque eu me candidatei a uma vaga na FINEP, e pagava bem porque era uma estatal (risos), e na FINEP eu fui trabalhar com o Sérgio Góes, que era uma contra-parte no programa do PESES, ou seja, o PESES era um programa conjunto da Fiocruz com a Fiotec para desenvolver essa área científica que era de saúde coletiva. Então eu acabei vindo para trabalhar e para ajudar. Aí eu trabalhei como pesquisadora e, ao mesmo tempo, como apoio na coordenação que os dois faziam. Então eu fui trabalhar com ele. E nesse trabalho eu fui trabalhar na pesquisa que ele coordenava porque além do Sérgio coordenar o programa como um todo, de estudo sócio-econômico, que era também um programa epidemiológico, mas eu trabalhei no sócio-econômico, que era aqui na Escola de Saúde Pública... eram vários núcleos de pesquisa e isso tinha a ver... aí veio a genialidade do Arouca, eu acho, porque... e o Sérgio Góes também que apoiou e participou e que era muito inovador também... então era a genialidade de trazer uma visão de saúde que compreendia uma multidisciplinalidade que até aquele momento não existia. Então nós tínhamos núcleos que trabalhavam com a área de política, e esse grupo era o Arouca mesmo quem coordenava, a pesquisa que nós depois acabamos chamando de complexo médico-previdenciário; tinha uma outra que era na área de saúde comunitária, que envolvia mais antropólogos e tudo isso; tinha na área de História, enfim, eram médicos... tinha uma área de economia da saúde, que era o Sérgio Góes quem coordenava... Então hoje o desenho que a gente tem de saúde coletiva foi desenhado ali e tinha muito haver com a tese do Arouca. A tese do Arouca abria essas várias possibilidades, esses vários caminhos na discussão da saúde. Então, na Economia, na Antropologia, na História...

Regina: Então, o que vocês levantavam exatamente nessas pesquisas? Quais eram os levantamentos? Eram pesquisas centradas no país?

Sônia: Eram pesquisas centradas no país, no sistema de saúde, por exemplo, havia uma pesquisa, e dessa eu posso falar melhor porque eu trabalhei, nós estudamos a Medicina Previdenciária e o sistema previdenciário, como que a área de saúde entra na previdência e prepondera sobre o próprio Ministério da Saúde, subordinando todas as práticas a uma prática curativa reabilitadora e tudo mais. Nós começamos a estudar as formas de repasse de recursos no setor privado, a articulação de público e privado nessa história. Era um programa que era inovador inclusive pelo fato não só da abrangência temática, dos objetos e da reflexão sobre o Brasil. É dessa época toda uma produção dos anos 70 em Campinas, em São Paulo, aqui, de refletir sobre o Brasil. Nós tínhamos passado na ditadura um tempo grande sem poder falar muito isso. A produção anterior era uma produção muito teórica. Era o Florestan Fernandes, você tinha o Fernando Henrique, tinha uma discussão de teoria social. Nos anos 70, essa teoria foi uma teoria aplicada para entender o Brasil, para olhar o Brasil.

Guilherme: Como é que você explica o próprio governo tá...

Sônia: Quer dizer, essa era uma outra coisa que eu estava querendo falar. Era o fato de que isso se dava no governo militar e que incentivava esse tipo coisa, né? Apoiou isso que nenhum governo hoje apoiaria. São as contradições. Acho que a inovação era também aceitar que o governo militar também tinha as suas contradições e que era possível trabalhar dentro dessas contradições. Coisa que a esquerda também não aceitava antes. E nem pensava. Não só o papel do Arouca, até porque aí eu acho até que mais que o próprio Sérgio Góes, porque aí quem mais abriu esse espaço na FINEP ou para a saúde foi o Sérgio Góes. Naquele momento na FINEP que havia uma parte de apoio ao desenvolvimento científico, mas havia um núcleo intelectual de elaboração de um pensamento sobre Brasil na FINEP onde estavam a Conceição Tavares, o Castro, o Lessa não passou por lá... mas enfim, vários intelectuais de esquerda que foram chamados a pensar o Brasil de dentro da própria FINEP, como centro de estudo. Então lá tinha esse grupo de Estudos Sociais que o Sérgio Góes coordenava e veio a fazer essa ponte pra cá. Havia contradições. Os militares nossos, regimentos militares de latino-americanos, eles continuaram o projeto desenvolvimentista de Vargas, eles romperam com o projeto populista, mas não com o modelo econômico e com o papel do Estado. Então, para eles, desenvolver sem essas tecnologias... é por isso que eu acho que o grande boom da pós-graduação foi nessa época, a Capes, tudo isso foi fomentado pelos militares que no nosso caso sempre nos deram importância. O CNPq surge com os militares querendo dominar a Física nos anos 50 e a FINEP já nos anos 70 com esse outro projeto de fazer uma massa crítica intelectual que desse suporte, que era um projeto de valorizar a pós-graduação. Havia contradição até mesmo de pessoas, por exemplo, era o Doutor Pelúcio, que era o dirigente. O Doutor Pelúcio era um cara que era muito próximo da esquerda. Os militares o aceitavam como uma pessoa capaz ali dentro, e ele nos aceitava como um pensamento crítico ali dentro. Era um jogo. É claro que ali dentro ocorria muita repressão. Por exemplo, nessa época aqui a esquerda era muito difícil de lhe dar. A gente percebeu que a repressão começou a olhar esse programa e começou a prestar a atenção no que nós estávamos fazendo e isso me ocorreu assim numa situação estranha porque eu estava lá na sala e entrou um carinha, quando o meu chefe não estava, entrou e disse que era estudante e que estava fazendo uma pesquisa que não sei o que... e que queria os dados da pesquisa que o Pellegrini coordenava que era de saúde comunitária porque o nome comunitário já era coisa de comunista. Então ele disse que queria os dados aí eu achei que algo não batia. Ele tinha cara de muito pobre pra ser estudante de Medicina. Então eu disse: “Tudo bem! Eu vou falar com o meu chefe”. E liguei pra aqui e disse: “Olha, a polícia esteve aqui

procurando por vocês”. Some todo mundo, desaparece o Pellegrini porque baixou aqui. Passados alguns dias... tinha essa área e tinha a área em que se colocava o dinheiro, o financiamento do projeto. Então eu estava na sala, com esse outro cara que eu não tinha a menor intimidade, e o outro chefe correspondente ao meu da área de financiamento do projeto, e entra o mesmo carinha. Entra, e diz que era estudante, agora de outra faculdade, e que precisava ler esse projeto e o outro cara disse pra mim: “Passa logo todos os relatórios pra ele!”. Aí eu disse: “Bom... eu posso falar sozinha com você!”. Aí ele disse: “Tá bom!”. Aí ele pediu pro cara sair e eu não sabia se esse meu outro chefe era da polícia também. Naquela época ninguém sabia quem era quem. Agora é arriscar ou eu estou perdida. Aí eu disse: “Esse cara é da polícia”. Aí ele disse: “É!”. Aí eu falei: “Então você fica aqui comigo”. Aí entrou o cara, ele disse assim: “Você é dessa universidade então você manda uma carta do Chefe do seu Departamento, que manda pro Diretor, que manda pra não sei lá onde, que manda pro seu Reitor, aí o seu Reitor é beneficiário aqui da FINEP e chegará aqui e então nós entregaremos”. É claro que o carinha notou que a gente estava enrolando (risos). Aí ele pediu pra eu sair, o diretor disse então: “ela não sai!”, aí o cara puxou a carteira do exército e disse que estava fazendo uma investigação. Eu estava tremendo, não sabia se eu entrava debaixo da mesa... (risos). Aí esse cara, que era supostamente nosso inimigo ali dentro da instituição, disse: “Poxa! Você devia ter falado logo que era do exército, que estava fazendo uma investigação porque nós todos somos do Estado, você é do Estado, eu sou do Estado, você entende como é esse negócio de burocracia! E falou a mesma coisa... você manda pro cara de serviço da informação, que manda pra outro, que manda pra outro... e aí tudo bem. E o cara foi embora feliz da vida! (risos). Isso quer dizer que havia perseguições, mas havia contradições. Mas isso aconteceu e o cara nunca conseguiu, ele não conseguiu acionar todo esse esquema de chegar e pedir isso. Mas quando chegamos aqui, nós viemos e fizemos uma reunião e dissemos: “Olha! A polícia e o exército estão em cima e não dá pra gente bobear na história. Então, vamos limpar esses relatórios e fazer sem classe operária”. E aí a gente teve que trocar toda aquela terminologia que poderia nos colocar em cana, comprometer o projeto... e aí nós fizemos uma discussão e perdemos nessa votação porque o purismo científico não podia colocar trabalhadores, tinha que colocar operários porque o conceito era completamente diferente de trabalhadores... então... nós perdemos e o Arouca aceitou a perda mas eu e o Sérgio Góes, que não era otário e nem nada e trabalhávamos no governo, mudamos tudo depois, escondido (risos). Nós perdemos, mas também a gente não era otário. Bom, isso é pra dizer o clima que era...

Regina: E qual era a articulação desse grupo com o Instituto de Medicina Social da UERJ?

Sônia: Olha! Grande parte dos pesquisadores tinha vindo do Instituto como alunos. Nós fomos alunos no Instituto. Então no meu grupo estava o Roberto Passos, eu... O Instituto foi quem começou a formar quadros nessa área então quando se criou isso precisava de gente e veio gente de vários lugares, mas uma parte era de ex-alunos do Instituto de Medicina Social. Acho que aquilo foi pra assentar as bases da saúde coletiva, de compreender... ainda no Instituto a gente fazia uma discussão muito teórica, era comum nos apropriarmos das categorias marxistas para entender o processo saúde-doença e tudo mais. O que o PESES contribuiu foi em entender o Brasil. Isso tudo como é que funciona no Brasil e daí saíram livros que estão aí até hoje, né? Um livro meu com o Jairo que fala da Previdência Social é até hoje um best-seller na Previdência, é livro base de concurso, não sei que mais e tal... Nós éramos meros estagiários. Agora o

Arouca nessa história... tinha aquelas coisas do Arouca, né! Ele coordenava, mas aí ele resolveu fazer política e cada dia ele tinha menos tesão na área acadêmica, ele montou aquilo tudo... um dia ele chegou, me chamou e me disse: “Eu não quero mais fazer pesquisa, eu não gosto mais disso, eu vou fazer política”, aí eu disse assim: “Mas como Arouca! Nós temos aí um dinheirão, isso é uma coisa raríssima, e depois que você consegue montar um programa fantástico desses... aí você não quer mais!”, ele disse então: “Não quero!”, aí nós falamos: “Então... bom... o que é que a gente faz: devolve o dinheiro, fala que nós somos um fracasso...”, e isso era um atestado de fracasso do PESES e do PEPPE. O problema não era do outro programa era ele ali, especialmente na pesquisa que ele coordenava que era essa do o complexo médico-previdenciário, que era essa pesquisa que eu trabalhava. No resto, a coordenação ali pra fazer uma política nacional nessa área, ele topava. Ele não topava era ficar discutindo aquele negócio da cadeia porque ele já estava cheio daquilo que ele já estava cheio daquilo. Nisso o Arouca era grande ele tinha dito que não ia fazer, e não ia fazer. Então nós, que éramos um bando de jovens, todos estagiários, eu, o Jairo, a Cristina Posses, tinha ainda mais dois que trabalhavam com a gente... então nós dissemos que tudo bem, que a gente ia fazer, e nós fizemos. O livro é um livro clássico da área da saúde e nós o fizemos... nós éramos estudantes do Mestrado e fizemos a pesquisa sozinhos. Sem o Arouca.

Guilherme: Uma pergunta. Ao mesmo tempo em que tem essa possibilidade nacional e por dentro do aparelho do Estado, existe também a iniciativa localizada particularmente no Juan César Garcia de estimular a Medicina Social pela América Latina. Como é que você vê essa relação, como é que isso acontece aí. Até porque a nossa saúde coletiva acabou ficando um pouco diferenciada do resto. Acredito que tenha sido em muito por causa da contribuição do trabalho de vocês, mas como é que você vê essa aproximação?

Sônia: Eu acho que o Juan César foi muito importante pra toda a América Latina. Eu participei de encontros com ele, ele incentivou a relação entre os pesquisadores na América Latina, o que não existia. Esse ajuntamento latino-americano veio pela mão dele, e que apoiava cada centro, cada grupo e tudo mais. Mas acho que a diferença nossa para eles foram duas: uma, o acercamento da realidade, nós procuramos entender a realidade. Por quê? Porque havia uma perspectiva político-partidária que era de fazer uma transformação nessa realidade, enquanto que os colegas latino-americanos até nos acusavam de reformistas. Agora estão todos aí fazendo a reforma em todo o lugar, no México e tal, mas retardadamente porque desde aquela época dos anos 70, quando todo mundo estava querendo fazer a revolução na área da saúde, nós encaramos fazer a reforma porque essa era a perspectiva do Partido Comunista. Eu acho que a apropriação da categoria do marxismo, a análise dela aplicada a saúde coletiva, a própria construção desse campo da saúde coletiva para o Juan César Garcia e para os nossos companheiros da América Latina era muito uma análise de compreender essa realidade e no nosso caso era mais particularmente de tentar interferir nessa realidade. Nisso eu acho que tinha a perspectiva reformista do Partido Comunista que já tinha feito a opção não-revolucionária, ou seja, reformista pela democracia já nos congressos dos anos 60 e tudo mais, não é? Isso marcou profundamente na trajetória nossa que era de tentar interferir na realidade. Agora, esse interferir na realidade se fazia muito no campo acadêmico ainda, e na construção de redes poderosas que foram sendo construídas em vários locais. Nisso o Arouca era o maior especialista. Eu acho que o Arouca foi a primeira pessoa a trabalhar com o múltiplo, plural e descentrado, que é hoje o conceito de rede. A gente estava aqui, a gente tinha o Márcio em Londrina. O Márcio era o nosso

cara em Londrina e aí tinha o Saraiva que estava lá no Norte de Minas, então nós saíamos daqui e apoiávamos e pessoal do Norte de Minas e depois tinha o Mário da Posse que estava em Niterói. Enfim, onde ganhava o PMDB, começava a reforma política de alguma maneira e a gente dava o suporte. Tanto através de incentivar a produção nas universidades, quanto nas políticas de saúde, na prática política, isso tinha muito do jeito do Arouca de trabalhar, de agregar...

Regina: E qual a contribuição do Arouca nessa passagem da Medicina Preventiva para a Medicina Social, quer dizer, essa crítica a Medicina Preventiva e construção desse campo da Medicina Social?

Sônia: Eu acho que quando ele faz a tese dele sobre o dilema preventivista ele mostra que a prevenção era prisioneira de uma visão extremamente limitada, individualista e não coletiva da saúde e que não era capaz de aprender os próprios determinantes do processo de adoecer e de tudo o mais. Então o Arouca introduz a discussão sobre o capital monopolista e como esse capital começa a entrar na área de saúde violentamente e que era uma novidade enorme. Não existia economia da saúde até aquele momento. Então, entender isso em parte do processo de acumulação era alguma coisa que estava completamente fora do pensamento da saúde preventiva, não tem nada haver. Então aí ele rompe com esse invólucro individual e até sanitário para pensar isso como parte do capital. Acho que é aí que ele abre um campo fenomenal de trabalho.

Regina: E as pesquisas da FINEP vão colaborar nesse sentido...

Sônia: Nesse sentido... porque ele abre um raio grande. Tinha por exemplo... ele era muito cuidadoso com a questão da escola médica e da medicina comunitária e tudo isso. Então vem o Chico Gordo lá de Minas pra fazer toda essa parte das escolas médicas. Tinha uma pesquisa de escola médica. A de saúde comunitária, projetos inovadores começavam a se desenvolver junto às comunidades pobres. O nosso vem pra entender a política de prestação de serviços da saúde. Havia outra da economia da saúde. Isso tudo vinha desse leito que era a tese do Arouca. Agora, o livro saiu e no qual a Ana nos pediu, aos seguidores dele, que cada um de nós escrevêssemos sobre um capítulo que ela achava que nós tivéssemos dado continuidade a isso e eu escrevi sobre esse capítulo final da tensão ao capital, e outros... várias pessoas escreveram sobre... porque de alguma forma ela entendeu, e com razão, que a gente levou aquilo adiante como parte desse projeto coletivo.

Regina: E é nesse momento que vai surgindo dentro desse movimento o movimento da reforma sanitária. Quando é que surge esse movimento?

Sônia: Isso tem haver com a história do CEBES...

Guilherme: São duas questões na verdade. Primeiro que também na medida em que a gente vai pegando esses depoimentos vai ficando claro a inquietação do Arouca porque ao mesmo tempo em que ele tinha paciência pra fazer as articulações, coisa e tal, ele mesmo tinha a sua própria inquietação. Parece-me que tem alguma coisa por detrás desse movimento dele de deixar vocês, vamos dizer assim, órfãos pra seguir um outro viés, um outro caminho que ele imaginava. Então, eu queria que você explorasse isso...

Sônia: É estranho, né? O cara vem e produz uma obra tão forte e de grande impacto na área acadêmica e depois “eu não quero mais fazer isso!”, e chega com a cara mais limpa do mundo e diz: “eu não quero mais. Eu não vou fazer mais!”. Nunca mais escreveu nada. Eu me lembro que as coisas que assim... orelha de livro meu que era o Arouca quem escrevia... era eu quem escrevia... eu dizia que eu psicografei o Arouca ou então que o Arouca teria dito isso e acabou. Ele não tinha paciência pra isso. O que é que era? Era do ponto de vista pessoal... eu não sei o quê que era! Não sei. Acho que aí ele começou a formular um projeto político porque era muito mais tentador. Ele nunca deixou de estar na produção de conhecimento porque gerir essa instituição era gerir uma produção de conhecimento com escola de saúde pública e tudo isso. Mas como gestor como político. Não como um acadêmico que fica ali escrevendo. Foi um choque pra nós, acredito que pra ele também. Ele custou a si dar conta de que não queria mais fazer aquilo. Agora, eu não sei qual era a dele, eu não sou capaz de identificar...

Guilherme: É porque ele tinha uma capacidade de abrir espaços e depois ele mesmo, pessoalmente, fazia a ruptura...

Sônia: Exatamente...

Guilherme: Por exemplo, ele como deputado, eu vivi isso, disse isso pelo menos três vezes de que ele como deputado ele se sentia quase que enjaulado, era a expressão que ele usava. Foi lá, conquistou esse espaço, fez a primeira e mais forte emenda constitucional popular que existe e... é interessante isso...

Sônia: Eu acho que aqui na Fiocruz ele foi talvez menos angustiado, como gestor da Fiocruz e que ele fazia como enorme prazer. Ele juntava o conhecimento, com a interferência política, com tudo... mas você sentia em certos momentos que ele não estava agüentando. Tinha uma angústia, ele não estava agüentando essa chatice (risos). Ele era muito anárquico pra ficar agüentando essas chatices. Ele não fazia nada porque tinha que fazer, ou ele fazia porque tinha paixão ou então ele não fazia, apesar de ter jurado que ia fazer e tal... Teve uma vez que foi assim: O CEBES era a base legal do Partido Comunista. Nós éramos da base do CEBES do Partido Comunista, base de intelectuais da saúde e tinha a base do sindicato, tinha a base dos médicos e tinha a nossa que nós não éramos médicos, éramos intelectuais. Igual ao Arouca. E nós fazíamos a política oficialmente no CEBES. Lá nós fazíamos revistas, fazia isso, fazia aquilo... e o CEBES, é claro, não era reconhecido como um ator político na cena brasileira. Nós fazíamos e a única pessoa respeitada que passava perto da gente, que militava conosco, era o Dr. Gentile. Uma vez o Arouca é chamado pela primeira vez para discutir políticas de saúde com o Ministro. Eu não me lembro quem era. Depoimento do Arouca é ruim porque nós bebemos tanto junto com o Arouca que ninguém mais conecta coisa com coisa nenhuma, os neurônios não funcionam mais (risos). Não sei quem era o Ministro. Eu sei é que ele chamou o Arouca pra ir lá. Então, nós passamos um mês discutindo isso com a base do Partido e depois no CEBES se tinha que ir ou não tinha que ir, se ia ser cooptado ou se não ia e... aí o Arouca, eu e outros defendíamos que tinha que ir e dizendo que ele não estava indo como personalidade e que ele ia como representação do CEBES, marcando uma posição de que aquele grupo estava entrando na cena política e não ele, como uma personalidade exótica. Enfim, nós conseguimos convencer as pessoas de dentro do Partido que eram contra, conseguimos no CEBES após uma longa discussão e a reunião do CEBES era na segunda-feira, então, o Arouca ia acho que numa sexta-feira... Nós estávamos

ansiosíssimos pra chegar segunda-feira pra saber o que tinha acontecido na bendita reunião. Aí, o Arouca chega lá e gente perguntou o quê que tinha acontecido e ele disse: “eu não fui”, “como não foi na reunião?”. Aí ele disse: “eu não fui porque eu sonhei com o capeta! Quando eu sonho com o capeta não pode ser coisa boa!” (risos). Aí eu disse que era por isso que nesse país não tem revolução, porque um sonha com o capeta e rompe todo um contrato feito dentro do Partido, e na base, e tudo mais... (risos) O Arouca era isso e ninguém era capaz de achar que ele estava errado, vai ver ia dar alguma merda!

Regina: Quer dizer, foi uma intuição...

Sônia: É. Mas ele colocava isso politicamente. Um grande líder nosso! Era assim que a gente fazia política.

Regina: E você é, é... quer dizer, a gente tá falando aí da formulação desse campo da Memória Social quais eram assim, quer dizer, vocês foram assim construindo, inclusive a partir dessas pesquisas, de estudo, então, enfim, vocês vão construindo propostas, vão se modificando também no tempo, né? Mas nesse período assim, né, inicial de formação desse campo, de intervenção na sociedade, né, quer dizer, quais eram as principais propostas que vocês tinham, né, quer dizer, essa reforma do Estado, a reforma da previdência... como é que é...

Sônia: A unificação do sistema de saúde começa muito no início das nossas preocupações. Era inviável reforma se a saúde ficava dentro da previdência social porque a previdência tinha como único objetivo recuperar o trabalhador pra ele voltar para o trabalho. Ela não cuida de saúde, ela cuida de recuperar doença. Se nós quiséssemos um sistema de saúde tinha que sair dali. Fora o quê, era uma área completamente impenetrável a sociedade, as discussões políticas, tecnocrata, corrupta, uma série de coisas. Então, essa idéia de construir um sistema, e que esse sistema fosse voltado para a produção da saúde e não só para a recuperação da doença e que isso tinha haver com as formas de pagamento, com as formas de financiamento, com as formas de organização, isso foi muito interessante porque... eu acho que isso que foi o pulo do gato que outros grupos não deram. Quer dizer, nós não estávamos só discutindo a reprodução ampliada do capital, nós estávamos discutindo assim: “aqui funciona assim porque o cara paga mais pela cesariana do que pelo parto normal então induz a fazer a cesariana”. Você entrava num concreto e sabia qual era a medida para isso. A idéia da participação vinha dessa discussão da Medicina Comunitária, da experiência que o Arouca tinha tido lá em Paulínia, então eles já tinham essa idéia. E nós já tínhamos um laboratório que eram as prefeituras do MDB. Quando ganhou Niterói e algumas outras, começa-se a ter esses grupos que eram vinculados a gente, ao pensamento, a tentar exercitar isso e nós começamos a ver que dava certo, que não era uma doideira.

Fita 1 – Lado B

Sônia: Esse livro “Saúde e Democracia” é de quando o CEBES fez 20 anos e a gente fez esse livro pra comemorar. O quê que eu tento mostrar nesse livro, que a plataforma que nós fizemos para o CEBES no final dos anos 70, que o primeiro documento do CEBES... acho que foi em 79... teve a comissão da Câmara, foi o primeiro simpósio de saúde na Câmara... a gente levou o documento. Esse documento

parcialmente escrito pelo Reinaldo, que redige bem, lá em casa, aquela coisa escrita a não sei quantas mãos... a gente levou esse documento pra lá. Se você comparar esse documento que está nos editais da revista do CEBES com o que está na Constituição, a diferença foi muito pouca. Foi quase dez anos antes e nós tínhamos um projeto político construído, que nós tivemos que negociar, e isso nos deu um recurso de poder enorme porque nenhum outro grupo da sociedade, nem mesmo os que eram contra a gente tinham um projeto. Nós tínhamos um projeto pronto, acabado e testado. Nós tínhamos essa solidez. Isso nos deu capacidade de colocar na Constituição algo para além das nossas forças reais. Depois pra implementar foi outro problema (risos), mas naquele momento a gente até brincou dizendo: “o projeto é esse!”. Aí a gente foi fundo mesmo. Nós conseguimos uma articulação, já tínhamos uma articulação no Congresso, o trabalho lá dos simpósios de saúde no Congresso, depois teve o trabalho com o Eleutério... enfim, nós fomos testando vários quadros e a gente não rejeitou o reformismo, basicamente foi uma opção política: “não rejeitar o reformismo”. Se fosse preciso que o Eleutério fosse pra Previdência Social, porque eles querem que a gente só racionalize e diminua o custo daquela história. Isso porque havia essas contradições, o modelo previdenciário ele era inviável depois de um certo tempo, ele não tinha nenhuma racionalidade. Então, ao chamar a saúde coletiva pra racionalizar, nós podíamos ter recusado, mas não, foram os melhores quadros pra lá, para racionalizar, porque o governo precisava e, ao racionalizar, introduzir elementos estruturantes de um novo modelo que era... só dava pra racionalizar se a gente parasse de comprar serviços do setor privado o tempo inteiro, porque não tinha fundo, e começar a comprar pra Secretaria de Saúde que estavam ociosas e abandonadas porque o Ministério estava acabando. Então você começa a integrar a previdência e a saúde, do Ministério da Saúde, na realidade. Isso era um elemento estruturante de um novo modelo. Mas nós não fomos para estruturar um novo modelo, nós fomos chamados para fazer a racionalização. E o pessoal foi. Então, esse tipo de amplitude para fazer as alianças com muita certeza do projeto e muita abertura e flexibilidade para negociar esse projeto e fazer alianças com pessoas que... outros poderiam ter até ficado desconfiados aí é que depois uns até nos ajudaram.

Regina: E o Arouca teve um papel importante nisso...

Sônia: Ah! Sempre. Porque essa era a linha que ele imprimia e não só ele, mas eu acho que ele muito. Por exemplo, teve uma vez nessa esquerda latino-americana internacional da saúde que se reunia de vez em quando e tal... era a ALAMES... teve um encontro ainda no final dos anos 70, um encontro em Roma porque lá tinha o Berlinguer, que era importantíssimo para a reforma sanitária. Então eles fizeram um encontro importantíssimo lá nessa internacional de esquerda da área da saúde, e um médico deputado brasileiro da Arena descobre que tem essa reunião e vai pra lá... estava ali passeando de férias, foi fazer não sei o quê e estava lá... e quando as pessoas descobrem que era um médico do partido dos militares, resolveram proibir. Quer dizer, era uma reunião pra proibir a entrada dele lá e foi interessantíssimo porque todos os brasileiros foram a favor e todos os estrangeiros foram contra a presença do cara lá e os brasileiros disseram assim: “se ele não puder entrar aqui a gente se retira!”. Você imagina, nós aqui sendo todos perseguidos, torturados e a gente lá querendo que o cara participasse porque ele era da área da saúde. Esse cara, o Ubaldo lá da Bahia, que depois foi muito importante na reforma sanitária, ou seja, a gente o ganhou ali, nessa história. Eu acho que de vez em quando a gente agregava tanto que podia acabar

perdendo o rumo. Eu acho que a gente só não se perdeu porque a gente tinha um projeto muito claro, tinha uma direção muito clara, não dava pra você fazer alianças.

Regina: Eu queria fazer uma pergunta pegando essa questão das conquistas da Medicina Social e tudo... eu queria pegar também a questão dos impasses principalmente quando você está falando essa questão das implementações, a partir desse momento em que se coloca algo muito novo na Constituição brasileira... mas como é que é implementar isso?

Sônia: Olha só! Nós falamos do movimento sanitário, mas têm uma outra coisa além do movimento sanitário que os nossos críticos chamaram jocosamente de Partido Sanitário que é uma outra história. É um movimento mais amplo, mais solto que tem haver com o CEBES... o CEBES... em assumir conhecimento, de produzir conhecimento, de divulgar conhecimento era o caminho da gente chegar nos órgãos e tudo o mais. Mas tinha o Partido Sanitário que era muito mais ligado ao Partido Comunista, neste sentido, e que era mais orgânico, embora nem todo mundo que estava ali fosse comunista. O quê que aconteceu? Aconteceu o seguinte: quando o Arouca criou o PESES aqui, nós fomos chamando pessoas de todos os lugares e uma parte veio pelas mãos do Arouca, a Célia, que tinha trabalhado com ele, a outra parte o Sérgio Góes chamou, que era a Tatiana, que era antropóloga, e cada um foi indicando pessoas da sua confiança pra trabalhar como pesquisadores e tudo isso. Aí houve uma reivindicação corporativa nossa daqui que tinha que assinar a carteira, na época a gente era chamado de bóia-fria porque não tinha a carteira assinada. Conseguimos fazer então com que a Fiocruz assinasse as carteiras. E qual foi a nossa surpresa quando começaram a voltar as fichas do SNI. Não tinha ninguém, nem um bibliotecário, nenhuma secretária, que não tivesse ficha suja e nós não sabíamos... a gente depois até pensou em fazer um bolão com a aquilo ali, mas a gente viu que era de mau gosto (risos)... a gente não conseguia imaginar que não tinha uma pessoa ali que não fosse de esquerda porque na época a gente era clandestino. Por exemplo: eu fui um dia designada pelo Partido para fazer um contato com o Arouca, para perguntar se ele não queria entrar para o Partido Comunista. Imagina! O Arouca era comunista desde criancinha! (risos). Só que ele era, mas a gente não falava, a gente fingia que não sabia! Então fui eu pro Leme tomar um chope com ele, quase que eu morro de medo, pra poder levar essa conversa. Isso é pra mostrar que nós não sabíamos quem era o cara que trabalhava com a gente. Ele tanto podia ser o cara que estava trabalhando pro SNI, como podia ser um companheiro nosso do Partido.

Regina: E como é que foi essa conversa... deve ter sido hilária!

Sônia: Ah! Foi hilária! Porque ele me disse assim: “Mas qual Partido Comunista? Eu vou me embora agora, eu acho melhor!” (risos). E aí tinha as divisões... era pra entender que eu estava tentando cooptá-lo para um Partido, e era o Partidão mesmo (risos)... enfim, quando começou a ter esse tipo de problema, você tem a situação que era a seguinte: sanitarista não pode trabalhar a não ser no Estado, não tem emprego privado pra sanitarista. Então, tinha duas possibilidades: ou a gente segurava essas pessoas ou essas pessoas tinham que se exilar. Você pode ver! Não tem exilado, nessa época, em saúde. Teve o pessoal do Massacre de Manguinhos, que depois de um tempo o Arouca foi resgatar isso, mas foram exilados antes dos anos 60, no Golpe, depois dos anos 70, quando a repressão foi altíssima não houve exilados. Por quê? Porque o Arouca convocou uma reunião, que aí surge o Partido Sanitário... convocou

uma reunião com pessoas que tinham papéis institucionais importantes na área da saúde. Essa reunião foi na casa dele, naquele apartamentozinho que ele morava lá na Praça do Jóquei... era tão complicado que para a reunião entravam de dois em dois de dez em dez minutos se não a polícia podia entrar junto. Sentados no chão ali e tava o Doutor Guilherme, tava o Arouca, tava o Ésio, tava eu... enfim... tava o Fiori... um bando de gente que foi convocado pra quê? Pra saber como nós íamos fazer frente a repressão para que as pessoas pudessem se manter no Brasil, sem se exilar. No dia seguinte a reunião teve que se mudar pra minha casa porque se não a polícia desconfiava (risos). Ficamos dois dias tendo essa reunião e aí se tomou uma definição: todo mundo que está em algum posto importante deveria contratar essas pessoas. Então teve gente como o Eric que ficou morando assim... não sei aonde, dois meses aqui, dois meses em São Paulo, Montes Claros... então se tem alguém que tem uma posição institucional, contrata esses companheiros... o Pellegrini também ficou... mas ninguém se exilou. Então a gente pôde manter as pessoas aqui. Então, essa organicidade, não é só teórica, ela tem uma base material, concreta... era preciso manter essas pessoas aqui, mesmo que o Governo não as empregasse nós as empregariamos, e a gente conseguiu. Isso foi idéia do Arouca, liderança exclusiva do Arouca na montagem disso, e claro, nós fizemos essas reuniões, do Partido Sanitário, e elas ocorreram durante toda essa reforma. Primeiro, clandestinamente, depois, quando já tinha liberado e nós já tínhamos nos tornado lideranças oficiais, eu tava na Vice-Presidência da ABRASCO, Sebastião era Presidente... aí passou a fase hoteleira, nós passamos a fazer todas as reuniões nos grandes hotéis do Rio de Janeiro. Essas reuniões eram momentos de rearticulação do projeto, de rever as alianças, de discutir entre a gente, de lavar roupa suja, de brigar intensamente, até certo ponto... teve um dia que a grande tensão se deu quando o Ésio, estando na Previdência Social e o Arouca, aqui na Fiocruz, que era a disputa entre esses dois. Então o Ésio, a cabeça dele passa a raciocinar com a lógica da própria previdência, da instituição, e o Arouca com a outra. Então, os nossos grandes ídolos naquele momento se enfrentam com seus projetos conjuntamente distintos... e foi muito difícil porque foi quando a gente quase racha como grupo. A ABRASCO tentou costurar, mas estava muito difícil então nós fizemos uma reunião, que foi no Hotel Novo Mundo, e num dado momento começou uma tensão muito grande, alguém falou assim: “eu acho que o importante é que a gente tenha clareza e adesão ao projeto”, que era o projeto da reforma, “o demais vai nos dividir mas isso é cultural”. Isso continuou e as demais falas acabaram sendo nesse sentido, de adesão ao projeto embora as diferenças tivessem fazendo com que um quase matasse o outro. Aí, num dado momento alguém perguntou assim: “mas então qual é o nosso projeto?”, aí o Arouca disse assim: “Aí não... aí não, senão a gente vai rachar de vez!” (risos). Ou seja, num determinado momento a gente teve a clareza que nós não podíamos mais discutir isso, se a gente discutir a gente racha. Então foi o projeto e pronto, acabou! Agora vamos jantar, vamos tomar uma cerveja e acabou por aqui! (risos). Então era um cara genial nesse sentido da oportunidade política de saber até onde a política podia ser feita e com a maior honestidade dizer que se nós formos, além disso, nós rachamos, nós não podemos ir mais.

Guilherme: Eu acho que tem aí... esse momento... muito... forte... que foi a ascensão da tese não só como um projeto conceitualmente e politicamente costurado mas que ele se torna possível de prática e eu acho que foi em muito graças a influência da oitava conferência naquela conjuntura política. Eu queria que a senhora falasse um pouco disso.

Sônia: Eu acho que... talvez a gente vinha com esse trabalho, a gente tinha um projeto claro, a gente tinha disseminação nacional mas ainda muito na elite acadêmica quando se convoca a oitava, e o Arouca organiza a oitava, ele organiza a oitava de forma que podia ser um desastre absoluto, se não funcionasse bem, ou podia ser o que foi, que nos deu uma base popular que nós deu uma solidez pra emplacar na Constituição o que a gente queria. Por quê? Porque era uma temeridade você acreditar que em ano você fosse colocar a sociedade toda ligada na área de saúde discutindo desde as bases, tirando delegados e depois, que isso iria para uma assembléia que tinha sei lá... 3000 pessoas... aquela conferência que nós nunca tínhamos organizado com 5000 pessoas... é que alguns eram delegados e outros não... e imaginar que isso podia dar certo era uma situação de altíssimo risco. Claro que nós pusemos, como no movimento sanitário, todas as nossas forças nisso. A gente se empenhou ao máximo nisso. A gente tava na ABRASCO nessa época e nós entramos completa e totalmente nisso... escrevemos o documento básico que dava o direito universal a saúde que foi a “bibliazinha” que rolou o Brasil inteiro, desde lá de baixo que o pessoal veio discutindo isso, colocando... e saímos, como caixeiro viajante, participando de tudo que era assembléia no Brasil inteiro, falando, conversando... eu me lembro que eu cheguei em Recife pra discutir o meu tema, que era mais a questão da cidadania que era um tema teórico, complexo, e metade daquele povo não tinha dente... você tinha que mudar o discurso, tinha que adapta-lo porque a gente não podia discutir do ponto de vista teórico mas colocar a teoria dentro de noções que podiam ser apropriadas por aquela população, e a gente conseguia. Isso exigia uma capacidade da gente de ser orgânico, um intelectual orgânico, e não só um mero intelectual. Isso foi, então, uma situação de alto risco em colocar aquilo daquela maneira, e com essa amplitude, com essa dimensão, com essa participação enorme de setores da sociedade que nós não podíamos garantir que estivessem com a gente. Isso porque antes disso era coisa de tecnocrata. E a gente fizesse alguma coisa que tivesse tecnocratas, intelectuais, mais não sei o quê, a gente podia garantir que era um movimento sanitário, mas quando abre e aí vem o sindicalismo, vem o movimento popular, aí era perda nossa de controle. Isso é também a cabeça do Arouca de arriscar tudo nisso que ele sempre acreditou que era a democracia. Ele dizia: “vamos pro pau! Vamos botar o bloco na rua e vamos ver se isso funciona!” E funcionou, e foi difícil porque o governo já no final, bem perto da conferência, a gente tava sentindo que o governo tava querendo desprestigiar porque aquilo tinha chegado a um ponto que ninguém controlava. O Arouca passa a ser mais importante que o Ministro, por outro lado o Arouca não podia falar as coisas que a gente queria que ele falasse porque ele não podia ser contra o governo já que ele estava ali em função do governo. Então, na noite anterior a minha fala... e nós saímos, eu e a direção da ABRASCO pra discutir o que é que eu ia falar, e falavam pra eu falar uma coisa mais conceitual e eu queria era falar de política e eu disse mais, disse que eu ia bater no Arouca e por quê? Porque o Arouca não podia falar, ele não pode falar, mas eu posso falar. Os caras diziam que eu não podia fazer isso e pediam pra eu não bater e eu dizia: claro que eu vou bater porque era o projeto político que estava em jogo agora. Então, quando eu falo, eu faço uma crítica ao Arouca e o Arouca compreendia isso perfeitamente. Meus companheiros tiveram muito temor disso do que foi a reação dele. É claro que alguém tinha que fazer aquele discurso, com aquela ênfase já que ele estava amordaçado e segurando aquela coisa toda então não podia ser ele, fui lá eu. Então, eu fiz um discurso muito mais politizado pra isso, pra suprir... então é isso, a gente conseguia fazer essa dobradinha... foram os meus 15 minutos de glória, como diz o Paulo Buss! (risos). Eu fiquei muito emocionada por falar o discurso que a massa queria ouvir, o discurso político adequado. Foi muito impressionante aquele povo todo se

levantando pra me aplaudir. Era meio doideira isso, mas naquele momento a gente fica pensando assim: “Ah! é o amigo, a gente vai ficar batendo, vai fazer um discurso que pode estar puxando o tapete dele ou é o projeto que está em jogo não é mais o amigo”, e nessas coisas tinham tantos anos de confiança, de luta em conjunto, e tal... que eu não tinha o menor temor.

Regina: Deixa-me só avançar, porque essa conversa não tem muito uma cronologia, mas o que me impressionou um pouco nessa entrevista do Pasquim, uma das últimas que o Arouca dá, ele tava muito preocupado com as questões na contemporaneidade que esse projeto tava vivendo. Então ele diz assim: “Esse modelo está falido. Por quê? Porque nós conseguimos todo um arcabouço legal e democrático de reformar o Estado, mas o conteúdo dele continua sendo a medicalização da vida, continua sendo não o conteúdo da saúde, mas da doença, continua sendo o conteúdo do hospital, e não do atendimento básico a família. O centro do modelo do SUS está absolutamente equivocados. Acho que ninguém está satisfeito com esse modelo que está aí. Então chega um certo momento que nós temos que fazer a reforma da reforma. Nós fizemos a reforma sanitária que criou o SUS, mas o núcleo dele desumanizado, medicalizado está errado”. Então eu queria que você comentasse-se um pouquinho isso. Como é que o Arouca hoje estaria vivendo essa situação do SUS atualmente?

Sônia: Bem eu acho que essa preocupação dele é comum a todos nós. Na verdade, nós avançamos muito no sentido da universalização, eu acho que sim, do ponto de vista de introdução da saúde como algo de direito e essas questões eu acho que são um avanço. Por exemplo, a pessoa ir fazer um boletim de ocorrência na polícia porque não foi atendido no hospital. Antigamente você morria na porta do hospital e pronto, você não tinha direito, você não era previdenciário. Então é uma transformação enorme nesse sentido. A população acha hoje que tem direito. Mas direito a quê? Direito a ir pra um hospital e ser atendido em um hospital, ou seja, nós acabamos fazendo o modelo que nós combatíamos, nós conseguimos estende-lo até onde ele não chegava, mas não conseguimos transformar o modelo. Não conseguimos por questões variadas. Eu acho que por um componente muito forte no setor de saúde, na organização do setor de saúde, é a tecnologia médica dos insumos e tudo o mais, que são poderosíssimos e nunca estiveram ao nosso alcance, ou seja, na correlação de forças que nós estabelecemos com os fornecedores privados de serviço nós não conseguimos subordina-lo. Na Constituinte, por exemplo, nós não conseguimos nada sobre medicamentos, nós não conseguimos colocar a saúde do trabalhador, nós perdemos coisas muito importantes. Por quê? Porque os atores políticos ou as multinacionais produtoras dos insumos e das tecnologias nunca se enfrentaram, nunca precisaram disso. Então são setores poderosos que nós não tínhamos a condição de enfrentar. Então nós estamos presos a essa lógica curativa contra a qual nós nos insurgimos. As experiências de saúde na família, de médico na família,... apontam para uma lição, mas elas tem sido marginais para uma população marginal, elas não tem sido para uma reflexão do modelo. O Davizinho tentou isso em São Paulo, mas nós temos perdido todas nesse sentido. Então... nós conseguimos muito no setor de democratização da saúde, ela deu um modelo novo para o Estado, um modelo de pacto federativo novo. Então desse ponto de vista ela é absolutamente inovadora. Hoje o SUS, que é da área de segurança pública, é uma cópia do SUS, o da assistência social é uma cópia do SUS, com perda porque é o modelo do pacto federativo entre as instâncias governamentais, mas não com a abertura para a participação social no Estado. Nós ainda mantemos essas

duas coisas juntas, mas... então ele avançou nisso, avançou na institucionalidade mas do ponto de vista da transformação do modelo de atenção não foi capaz.

Regina: É. Toda essa crescente medicalização da vida... quer dizer, o surgimento de novas doenças, de novas doenças que até ampliasse para um público cada vez maior, quer dizer, que começa a ter toda essa coisa da Síndrome do Pânico, é Toque, é não sei mais o quê... que fomenta toda uma indústria de medicamentos...

Sônia: Mas por outro lado nós desmedicalizamos, não desmedicalizar, mas nós desinternamos na área de saúde mental, uma transformação fantástica que a gente fez na área de saúde mental com a desospitalização e até mesmo o bom uso da medicalização porque se também não tivesse desenvolvido essas drogas nós não podíamos controlar os malucos do lado de fora (risos). A droga não é ruim, o ruim é ter isso como modelo único porque ela não é um modelo de promoção da saúde, ela é um modelo de tratamento da doença. Eu acho que tem outras questões que o Arouca não levantou aí, e que eu tenho levantado, porque eu acho que a reforma ela procurou como uma tática se insular e se proteger de tal forma que hoje a gente fala só pra gente. Perdemos a capacidade política que nós tivemos de fazer, por exemplo, nós fizemos o modelo constitucional das políticas sociais, isso veio da saúde, ou seja, quando está lá o modelo da seguridade social, o desenho dos sistemas é o desenho que veio da saúde, o modelo da seguridade social não é porque a saúde era contra, por insulamento. Já tinha essa perspectiva. Eu briguei com o Eleutério o tempo inteiro lá nessa história porque ele era contra a seguridade social porque ele achava que podiam criar um “ministerião” e podiam acabar com o Ministério da Saúde. Então a saúde sempre tentou se proteger, porque o fundo da saúde, que é um dinheiro separado que a prefeitura não pode meter a mão... e criou uma normatização, uma ânsia normativa, que hoje tem vez que nem eu consigo seguir as conversas porque eles falam com tanto jargão que se você não tiver bem... agora não falam com a sociedade, e essa capacidade de gerar um campo novo que é o campo das políticas sociais, que não existia, ele veio desse movimento porque esse movimento era um movimento contra hegemônico que avançava muito além do setorial e hoje não é assim, a saúde é cada vez mais setorial, cada vez mais insulada falando para si mesma e com uma incapacidade enorme, por exemplo, de ter uma presença política marcante. Eu falei isso na OPAS, na semana passada, no Encontro de Gestores da América Latina, “não adianta nós ficarmos confirmados com aquela lei que a gente conseguiu em 2000 e ter o dinheiro garantido pra saúde porque o Palocci mete a mão no saneamento. O quê que nós vamos fazer com o dinheiro da saúde que anuncia que vai curar um povo que ficou doente por falta de saneamento básico?” Então não dá. Se nós não fizermos política no sentido amplo a reforma está fadada a ficar dando remédio e nós perdemos essa capacidade, essa articulação. Mas eu acho que há movimentos nesse sentido, começando pelo mesmo caminho. Eu acho que a gente está retomando o simpósio de saúde na Câmara, que foi o caminho que a gente trilhou pra reforma e de repente alguém disse “tá na hora de começar de novo!” E começar a fazer política no sentido grande.

Fita 2 – Lado A

Guilherme: Sônia fala um pouquinho de como era esse seu convívio com o Arouca no cotidiano.

Sônia: O Arouca sempre foi uma pessoa muito bagunçada. Ele era assim... um cotidiano bagunçado e afetivo. Ele era um sedutor 24 horas por dia. Todos os que ficavam em volta dele ficavam apaixonados, homens e mulheres. Todo mundo era apaixonado por ele e esse estilo dele de fazer as coisas sempre muito informal, muito gregário, muito pessoal. Ele não vivia sem ter um bando em torno dele. Eram pessoas que ele misturava tudo... a afetividade, o trabalho... era tudo misturado ali. Então saíamos daqui, íamos para um restaurante, aí tomávamos não sei quantas caipirinhas, vodka, whisky... aí a gente foi complementando com a capacidade financeira (risos). Era sempre isso, era muita bebida, muita conversa e muita discussão, mas muito afeto, muito amor... quer dizer, era uma pessoa muito amorosa e muito capaz de amar. Bagunçado. Sempre bagunçado. Nós sempre falávamos “pô! Que sapato horroroso!”. Não tem jeito, ele era esculachado. O dia que eu fui lá pra me despedir dele porque ele estava pra morrer... era uma bagunça o lugar que ele estava com uns cachorros... e aí eu disse que ele ia morrer da mesma maneira que ele sempre viveu, numa bagunça, numa confusão, com um monte de gente entrando e saindo. Quando ele saía, ia todo mundo louco atrás dele, inclusive as pessoas que conheceram ele perto da hora da morte e que começaram a fazer terapias com ele... todos amavam aquela pessoa. E não era um... apesar do brilhantismo do Arouca, ele não nos fascinava só porque era um intelectual que ficava falando, era o lado humano do Arouca que fascinava a gente. Todo mundo se sentia completamente à vontade, sentia que ele não era melhor que ninguém e, no entanto era fantástico porque nos agregava, nos juntava, e tinha esse brilhantismo todo. Não era esse tipo de intelectual exibido que enche a paciência e que tem até seguidores. Não era isso, era o homem apaixonado e apaixonante que nos fazia estar próximos. Nessa sala uma vez o Ministro ia chegar e ele comeu um sanduíche apressadamente... aí, de repente alguém abriu a porta, porque aqui tudo funcionava meio desorganizadamente, e o pessoal tava achando que Ministro tava entrando aqui pela porta da sala e nós estávamos na sala fazendo política, eu e o Sebastião estávamos falando sobre a ABRASCO, e ele e o Ary estavam comendo o sanduíche e enfiavam dentro da gaveta... aí eu disse “mas nem precisa esconder o sanduíche porque você tá cheio de maionese na barba!” (risos)... aí entra o Ministro... e aquela maionese na barba! (risos). Quer dizer, era um pouco essa bagunça, esse negócio de ser um ser humano completamente normal, próximo, que você pegava aquela alma... era um negócio assim que fascinava. E nos colocava sempre perto de pessoas muito diferentes, ele não tinha as restrições que eu tenho na hora de fazer política, eu sou muito menos flexível... e o Arouca tinha pessoas que ele gostava, confiava e ele achava que era aquela pessoa mesmo que depois ele ficasse decepcionado e tal... ele continuava fiel a fidelidade das pessoas. Não era taxativo, não era crítico, não era... ele gostava da pessoa. Ele gostava do jeito normal (risos)... que fazia coisa errada, que fazia amor... acho que era isso que ele gostava nas pessoas.

Regina: E pra você como é que era ser assim da Sociologia no meio de tanto médico?

Sônia: Olha... aqui no PESES tinha muita gente que não era sociólogo mas a gente não se estranhava não porque eu nunca me senti da Sociologia. Na verdade eu vim da Psicologia, que é uma área da saúde de alguma forma. A Sociologia que eu aprendi no IUPERJ era chatíssima, a Ciência Política era pior ainda, todas elas muito chatas. Eu resolvi ir pro Instituto de Medicina Social pra estudar um pouco de marxismo porque pelo menos lá eles ensinavam isso que era o único ramo da Sociologia que ainda me interessava, e aqui todo mundo era marxista. Então a conversa era de um pra outro, de

outro pra um, era isso que nos juntava, não fazia a menor diferença... nunca fez na minha formação. Eu agora, por exemplo, estou lá no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Lula e na semana passada eu apresentei uma moção que é uma moção para um novo modelo de governança na área macro-econômica propondo uma nova composição pro Conselho Monetário Nacional, enfim, toda essa coisa... e aí a economista da Fundação Getúlio Vargas... eu não tenho nenhuma afinidade disciplinar com ele... isso pra mim não faz a menor diferença... pode me chamar do que quiser, eu tenho o meu caminho e... éramos bastante interdisciplinares, o que nos unia era essa coisa... mas esse pessoal também sabia muito pouco de Medicina...

Guilherme: Era um pessoal mais de planejamento...

Sônia: Eram grandes gestores, mas como médicos...

Regina: Enfim, eu acho que tá bom, né?

***Depoimento de Luís Fernando Ferreira
(Rio de Janeiro - 15.04.2005)***

Fita 1 – Lado A

Luís: Meu nome é Luís Fernando Ferreira. Eu sou no momento Pesquisador Emérito da Fundação Oswaldo Cruz, Diretor da Escola de Saúde Pública, fui Vice-Presidente com Sérgio Arouca e depois fui Presidente da Fundação. A minha ligação com Manguinhos é muito antiga, eu tinha um tio-avô que ele tinha estudado aqui em Manguinhos e em 1907 ele defendeu uma tese sobre a estrutura da Célula Nervosa. Em 1907 isso era novidade. Ele me trazia aqui... eu era garoto e sempre fui apaixonado por isso aqui tanto que quando eu entrei aqui pra fazer Medicina eu queria me dedicar as Cadeiras Básicas, nunca quis ter um consultório, ou abrir uma clínica, ou coisas desse tipo... uma das coisas que marcaram a minha vida foi a figura de Eduardo Marques, que me contava as histórias de Oswaldo Cruz, e um livro que na época tinha uma marca forte na minha geração que era o “Caçadores de Micróbios” de Paul Depris [?] que contava a história do Pasteur, do Bohr, desses grandes pesquisadores... daí a minha ligação com a Fundação Oswaldo Cruz e mais ainda, com o Instituto Oswaldo Cruz, porque na época não era Fundação era o Instituto que fazia as coisas que hoje a Fundação faz. Quando eu entrei na Escola de Medicina eu já tinha uma definição de vida, eu queria trabalhar em laboratório, pesquisa básica, e o primeiro lugar que eu fui trabalhar foi na Cadeira de Medicina Tropical que tinha sido de Carlos Chagas e que funcionava no Hospital São Francisco de Assis, era no pavilhão que era cercada por uma área de baixa prostituição por todos os lados... ali era a classe bem conhecida zona do mangue... eu trabalhei lá por um tempo e vim aqui em Manguinhos e fiz curso com Herman Leite, com Souza Lopes, que eram minha ligação com as Cadeiras Básicas da Entomologia até que, em 66, o Edmar Terra Bloy [?] me convidou pra vim pra Escola de Saúde Pública para organizar o Departamento de Ciências Biológicas e ser o Professor Titular de Parasitologia. Nessa época a Escola Nacional de Saúde Pública era a Fundação de Ensino Especializado em Saúde Pública, era separada do IOC [Instituto Oswaldo Cruz] depois pouco a pouco é que foi se agregando as coisas pra dar nessa Fundação Oswaldo Cruz que é hoje. Na realidade o que a Fundação faz hoje é o que o Instituto fazia na época de Oswaldo Cruz. Era a parte de vacina, soro, medicamentos, saúde pública... ali se faziam trabalhos de saúde pública afinal de contas, o Oswaldo Cruz ficou conhecido como Sanitarista além da parte de Pesquisa Básica.

Regina: Você ta falando daquele livro caçador de micróbios...

Luís: É. Aquele livro me marcou muito. Eu queria ser um caçador de micróbios (risos). Hoje em dia os caçadores de micróbios deram lugar aos manipuladores de genes... mas naquela época, e eu tô falando de uns 50 anos atrás...

Regina: Quer dizer, a importância desse tipo de pesquisa na área de sanitário...

Luís: Era a área de pesquisa básica, pesquisa de Medicina... era por aí que estava andando Pasteur, Bohr... os pioneiros que criam a era bacteriológica que isso me marcou, me entusiasmou...

Regina: É. Porque muitas vezes a maior parte das pessoas não tem noção da importância dessas pesquisas básicas, né? Quer dizer, uma pessoa que estuda micróbios, parasitologia, né? Quer dizer, como nós estamos fazendo um trabalho pras novas gerações eu acho que esse é um ponto muito importante mesmo, né?

Luís: Aí eu me dediquei a Parasitologia na Escola de Saúde Pública pra ser Professor de Parasitologia e organizar o Departamento, que organizei com o Herman, que hoje está lá na Virologia no IAC, com Sérgio Coutinho, e tantos outros... era um grupo e fizemos esse trabalho... isso em 66. Era época da ditadura.

Regina: Quer dizer que na época da ditadura a Fiocruz funcionava como centro de pesquisa importante... a pesquisa básica funcionava...

Luís: Funcionava! Durante essa época veio pra dirigir a Fundação Oswaldo Cruz o Doutor Vinícius Fonseca e ele fez realmente uma grande reforma, uma atualização de salários e de recursos... Vinícius Fonseca foi bastante importante pro desenvolvimento e pra essa integração das diferentes unidades da Fiocruz. Aí eu não me lembro da data, mas enfim... quando veio o programa PESES – PEPPE foi então que Sérgio Arouca veio pra Escola de Saúde Pública e daí ficamos muito amigos, muito...

Regina: Eu acho que essa época é 66 porque é quando ele vem de Campinas e ele faz a prova aqui pra Escola de Saúde Pública. Quer dizer, 10 anos depois da sua vinda, né... você veio em 56...

Luís: É. Aí nós ficamos muito amigos, ele depois veio a ser presidente da Fundação Oswaldo Cruz...

Regina: Ô...Luís Fernando! me explica como é que se deu esse processo, né... porque a gente tava conversando com o Arlindo, né, e ele contou assim um pouco assim como o Sérgio chegou, fez a prova, virou professor... mas como é que foi essa passagem dele de Professor para Presidente da Fiocruz. Porque ele foi escolhido?

Luís: Não... ele veio primeiro pro programa PEPPE – PESES e trabalhou no Programa PEPPE – PESES... depois abriu o concurso para Professor Titular de Planejamento, ele já estava aqui... aí ele fez esse concurso e ganhou o lugar de Professor Titular de Planejamento da Escola de Saúde Pública... e depois quando veio a abertura política, ele foi chamado para Presidente da Fundação.

Regina: Mas foi chamado pra ser Presidente da Fundação por um movimento interno, né, de pesquisadores aqui da Fiocruz que achavam que ele deveria ser Presidente, não?

Luís: Não...

Guilherme: Esse processo do Arouca não foi um processo linear. O que houve foi uma abertura política...

Luís: Houve uma abertura política e o Sarney distribuiu os cargos de Ministro, de coisa, e distribuiu também esses cargos. É claro que teve apoio, todo mundo gostou, etc... mas não havia eleição nessa época.

Regina: Pois é... eu tô querendo entender... é a gente sabe que esse período é o início do período de abertura, quer dizer, um período que nós estamos ainda no final da ditadura...

Luís: Não era ditadura, não! Já era Sarney.

Regina: Ah! Já tinha acabado, né... então, quer dizer, esses cargos eram cargos de confiança do Ministro da Saúde...

Luís: É! Nunca houve eleição aqui. Quem assumia o cargo era escolhido. É o Arouca quem institucionaliza isso.

Regina: Mas porque o Arouca?

Luís: Por razões políticas. O que pesou aí não era o renome era a questão política. Arouca era do PC e o PC teve a indicação desse cargo. Então foi assim... veio a distribuição, os Partidos receberam Ministérios, foi feita uma articulação e o Partido recebeu a indicação desse coisa... e também porque foi Arouca... que teve todo o apoio interno.

Guilherme: E a sua relação pessoal com o Arouca, como é que era? A gente sabe que o Arouca assim que chegou a presidência ti chamou pra trabalhar com ele. Acho que você podia explorar um pouco isso.

Luís: Nós éramos um grupo de amigos, eu acho que é isso. Nós éramos muito amigos e ele me chamou, eu acho que é isso. Eu acho que ele pensou que eu podia ser bom pra fazer a Vice-Presidência de Ensino da Fundação Oswaldo Cruz... e já tinha sido Diretor da Escola, e depois... era um clima muito afetivo... Arlindo, Arlindo era um irmão... a gente estava habituado a sair pra almoçar junto, pra tomar caipirinha, pra falar bobagem... essa coisa toda e daí fomos pra lá pra ser Vice-Presidente... a Aline também foi e o Morel foi Vice-Presidente de Pesquisa nessa época.

Regina: E aí nessa época, quer dizer, no período dessa época que o senhor foi Vice-Presidente é que vai... assim... o senhor se lembra de alguma coisa? Porque nessa época vocês tiveram assim várias idéias interessantes... então faça das suas idéias, das suas idéias criativas...

Luís: As idéias que venceram, que se concretizaram foi a Casa de Oswaldo Cruz e o Politécnico que eram idéias que surgiam na mesa de bar. O Arlindo tinha uns desenhos, umas coisas, daquele papel que punha em cima da mesa do bar e ele desenhava e escrevia na época... eu não sei se ele ainda tem isso...

Guilherme: Fala um pouquinho dessas tuas idéias: Casa de Oswaldo Cruz e o Politécnico.

Luís: A Casa de Oswaldo Cruz era uma idéia pra se criar uma Memória da instituição. Agente falava isso com Ernani Braga, que era Diretor da Escola e foi também Vice-Presidente nesse período e... depois quando Arouca assumiu a Presidência teve como a Casa de Oswaldo Cruz e aí a primeira idéia que eu tive aí foi de trazer

imediatamente o Gadelha. O Gadelha já era conhecido da gente e então eu levei... e começou tudo assim... eu acho que tudo tem que começar no real concreto, não tem que ficar discutindo no papel, tendo idéias... porque acaba que não sai nada. Aí tinha a minha sala, onde hoje é a sala do Gadelha no Castelo... então eu tinha uma mesa lá e o Gadelha sentou na mesa e a filha do Mário, então começaram a trabalhar e tal... isso aqui era um laboratório do Doutor Rostam [?], aí eu fiquei encarregado de tentar convencer o Doutor Rostam [?] a sair daqui. Estava tudo sujo, uma confusão danada,...

Regina: Então o projeto da Casa era um centro de Memória da Fundação Oswaldo Cruz, é isso?

Luís: É. Isso o Gadelha foi fazendo depois, as nossas idéias eram apenas que a gente fizesse alguma coisa que fizesse a história da Casa. A história era muito abandonada. Existe um artigo que o Doutor Aragão publicou sobre Manguinhos do começo, Manguinhos dos anos 80, que era muito interessante... quando eu fiz com o Cora e com o Doutor Lobato um volume dos 100 anos da Fundação Instituto Oswaldo Cruz... na realidade, concretamente, quem fazia 100 anos era o Instituto. O que é curioso, acho que é porque não tem uma lógica, foi se dando... é que você recompôs na Fundação o Instituto do tempo do Oswaldo Cruz, porque o Instituto do tempo do Oswaldo Cruz fazia saúde pública, fazia vacina, soro, na Biomanguinhos, na Farmanguinhos... aqui nós tínhamos algumas pessoas que escreviam essa história mas não tinha uma coisa institucionalizada, organizada, e a idéia foi organizar a Memória e isso quem fez foi o Gadelha...

Regina: Era um projeto vencedor... um projeto vencedor, né? E o Politécnico, fala um pouquinho do Politécnico!

Luís: O Politécnico foi a mesma coisa. A gente teve a idéia geral. Aí eu contei essa história...

Regina: E qual era o objetivo?

Luís: O objetivo era abrir... porque o Politécnico tinha duas coisas principais: primeiro, você abrir um ensino secundário de bom nível para os primeiros das redondezas que não tinham condição de pagar num Colégio São Bento... e que a gente pudesse fazer esse garoto fazer um bom curso pra depois entrar na faculdade e tocar a vida... e ainda o programa de vocação científica que eu parti da minha vivência. Como eu tinha essa vivência de vim aqui, de ver essas coisas...

Regina: Quer dizer, você vinha aqui desde pequeno. Conta de novo essa história porque ficou ruim a gravação.

Luís: Eu já contei. Eu vinha aqui porque eu tinha um parente, Eduardo Marques, que fez uma tese aqui em 1907. Ele era muito meu amigo e eu garoto vinha aqui nos laboratórios nessa coisa toda... então o programa de vocação científica era uma idéia de abrir pra outras pessoas que não tinham ligações familiares... pra despertar vocações.

Guilherme: Mas tem a questão do nome...

Luís: Joaquim Venâncio?! Joaquim Venâncio era uma das pessoas mais curiosas que eu já conheci na história de Manguinhos. Eu escrevi um negócio sobre Joaquim Venâncio num discurso que eu fiz lá quando foi inauguração de alguma coisa qualquer. Joaquim Venâncio era semi-analfabeto e era ligado à família do Chagas, ele havia sido criado na fazenda da mãe do velho Carlos Chagas. Então eram laços familiares que funcionavam aí.

Regina: Esses laços familiares, esses laços de amizade funcionavam...

Luís: É. Então nessa época Joaquim Venâncio vem e vai trabalhar com o Doutor Lutz. Doutor Lutz era o oposto. Era o homem que tinha estudado na Suíça, mas era brasileiro. Era um sujeito mal-humorado, ranheta... mas pra mim era o grande cientista de Manguinhos... a Casa de Oswaldo Cruz está publicando a obra completa de Adolfo Lutz... e o Joaquim Venâncio vai trabalhar com Adolfo Lutz, e o Adolfo Lutz começa a ver o que o Joaquim era inteligente... e aí a Berta, filha do Adolfo falou pra que o pai ensinasse a ele porque ele aprenderia. Quando o Joaquim Venâncio morreu, ele publicou coisas com o Doutor Lutz... ele fazia um diagnóstico de uma espécie de sapo pelo cochar... o Doutor Lutz ainda era o modelo naturalista, Doutor Lutz via tudo, sabia tudo de Botânica, de Latim, sabia Grego, sabia Medicina... são várias histórias do Joaquim Venâncio com o Adolfo Lutz.

Regina: Já que o senhor tá contando essas histórias pitorescas, como é que era essa sua amizade com o Arouca?

Luís: Nós éramos muito amigos. Não sei se eu posso contar (risos)... eu estava loucamente apaixonado por uma jovem. Aí essa jovem foi arranjar um emprego em Santa Catarina. Aí eu me encontrei com o Arouca naquele negócio do Tancredo Neves, tava todo mundo na cidade... era a eleição do Tancredo... tava todo mundo na Cinelândia... eu tava triste, ele sabe disso... aí encontrei o Arouca, ele tava todo contente com as crianças... eu disse pro Arouca que eu estava triste com isso... aí ele disse: “eu contrato ela então”, ela precisava de bolsa... aí ele disse: “você é meu irmão então eu contrato!”. Isso era amizade.

Regina: E ele contratou a moça?

Luís: Não precisou... ela arranjou outras vias... durou 10 anos e depois acabou, como sempre (risos)... era uma pessoa muito inclusiva. Quando o Arouca foi Presidente, e eu Vice, o Arouca era incapaz de pedir aquilo que ele achava que seria insuportável pra você fazer!

Fita 1 – Lado B

Luís: É por isso que eu fiquei muitos anos como Vice-Presidente de Arouca porque eu fazia o que eu queira, o que eu gostava e ele não me pedia pra fazer coisas que eu não gostava. Ele sabia que não ia me fazer bem...

Regina: Quer dizer, ele aproveitava o melhor de cada um...

Luís: O melhor de cada um... ele tinha essa qualidade, cada um tinha o seu campo e cada um se sentia bem em estar na sua natureza. Eu sempre quis fazer esse tipo de trabalho na ciência básica porque eu sempre achei que você tem que fazer o que você gosta. Os meus netos quando vinham perguntar se tinha mercado de trabalho e eu dizia que eu não queria saber de nada disso porque o importante é gostar daquilo porque com certeza você vai gostar e vai fazer bem. É por isso que eu me aposentei, mas continuo vindo pra cá todos os dias encher o saco de todo mundo.

Regina: Quer dizer, o senhor é meio que um pesquisador emérito...

Luís: É. Eu continuo com o meu programa de pesquisa em paleoparasitologia.

Regina: Como é que é isso... paleoparasitologia?

Luís: Isso foi uma das coisas que eu inventei. Quando o arqueólogo faz uma escavação ele encontra ponta de flecha, encontra desenho na parede, não é isso? Mas encontra também fezes desidratadas. Esse, então, é um tipo de material no qual você pode estudar os parasitas que viviam naquela época, naquela população, etc...

Regina: Quer dizer, você estuda os parasitas do Egito Antigo?

Luís: Não! Daqui mesmo. Mas do Egito também pode, até porque já foi estudado.

Regina: Muito interessante isso... voltando um pouco eu queria que o senhor fizesse, quer dizer, o senhor foi Vice do Arouca por muitos anos, eu queria saber no que é que a gestão do Arouca contribuiu para o avanço da ciência, da pesquisa básica,...

Luís: Contribuiu muito. Olha, ele reabriu o Departamento de Farmacologia que trouxe o Moussatché praí; abriu outros setores de pesquisa e incentivou muito, e muito... Arouca foi muito importante. Pena que ele morreu cedo.

Regina: E aí Guilherme...

Guilherme: Acho que tá bom.

Depoimento de Carlos Morel (Rio de Janeiro - 15.04.2005)

Fita 1 – Lado A

Morel: Meu nome é Carlos Morel, nome completo Carlos Médicis Morel, sou natural de Recife, Pernambuco, onde me formei em Medicina. Fiz minha pós-graduação em Biofísica aqui no Rio de Janeiro, na UFRJ (quando os cursos eram ainda na Praia Vermelha). Minha tese de doutorado foi feita na Suíça, defendida aqui no Rio de Janeiro (já no Fundão). Fui professor da Universidade de Brasília de 68 a 78, quando vim pra FIOCRUZ pra chefiar o departamento que seria criado de Bioquímica e Biologia Molecular. Na FIOCRUZ fui pesquisador, chefe de departamento, diretor do IOC, vice-presidente de pesquisa, presidente da FIOCRUZ, e em 98 fui para Genebra, para a Organização Mundial de Saúde, onde durante 5 anos e 5 meses fui diretor do Programa de Doenças Tropicais. Em 2004 voltei à FIOCRUZ, onde estou atualmente coordenando o projeto do Centro de Desenvolvimento Tecnológico da FIOCRUZ, na gestão já do Paulo Buss – que foi um dos grandes vice-presidentes na minha gestão.

Regina: E nessa trajetória toda, como se deu seu conhecimento com o Sérgio Arouca?

Morel: Eu não conhecia o Arouca até vir aqui pra FIOCRUZ. Tive com ele por breves instantes quando, um dia, nós dois como recém-chegados à FIOCRUZ tivemos com o então presidente da Fundação, Vinícius da Fonseca, mas não tinha o menor contato com o Arouca. Quando se começou a pensar na sucessão da FIOCRUZ durante a democratização do país, muitos nomes foram aparecendo. Aparecia uma pessoa do CNPq, um nome interno, a continuação do então presidente... começaram a falar pra mim mas nenhum nome que dizia alguma coisa. Um dia me telefonaram da Escola Nacional de Saúde Pública, não lembro direito quem me telefonou. Eu estava envolvido com o pessoal da Escola no que então a gente chamava Associação de Docentes, Pesquisadores e Tecnólogos da FIOCRUZ, com uma sigla horrível: ADPTFOC (risos). Na associação nós chegamos inclusive a fazer uma homenagem aos cassados, em 79, quando eu fui o orador principal. Até então eu não conhecia bem o Arouca, a gente se encontrava muito pouco. Quando, nesse processo de escolha de um nome, me telefonaram pensando no Sérgio Arouca, eu disse: “opa! Essa indicação é diferente das outras”. Não o conhecia de perto, mas sabia da abrangência intelectual e da liderança dele. Então começamos a reunir um grupo pequeno para estudar essa possibilidade. O Arouca naquele tempo andava assim com aquela calça *jeans* rasgada, todo desleixado, uma cabeleira grande... Mas eu simpatizei muito com o Arouca, desde o primeiro momento. Aí decidi me engajar com toda a força na campanha dele, e fui muito criticado pelos meus pares, porque eu era da área de pesquisa mais básica. O pessoal me dizia assim: “você tá sendo um traidor! Botar um cara de saúde pública como presidente da FIOCRUZ?” Eu dizia: “olha, a FIOCRUZ sempre esteve muito perto da área de saúde pública, eu acho que ela se afastou recentemente, ficando mais na área de pesquisa”. Mas nisso me telefonam de Brasília, me telefonam de várias partes do Brasil me contestando, porque eu tava apoiando o Arouca. E na realidade, dessa área básica duas pessoas apoiaram o Arouca fortemente: o Luís Fernando Reis e eu. Outros apoiaram um pouco, como o Galvão, mas a maioria ficou indiferente ou com uma expectativa negativa. Ao contrário da área de saúde pública que marchou praticamente quase que toda com o Arouca.

Nesse processo da campanha eu fui me aproximando muito do Arouca, porque a gente tinha uma identidade profissional muito grande. Não foi fácil a nomeação dele, teve muita oposição, especialmente do então presidente Martins Alves. Quando o pessoal resolveu então apoiar o Arouca, o Guillardito resolveu fazer pressão pra continuar. Pra entender aquele momento, você tem que ver o seguinte: 85 foi a redemocratização, mas era um momento muito frágil. O Tancredo não tinha tomado posse, estava no hospital depois morreu. O Sarney tinha sido da ARENA. As pessoas estavam assim pisando em ovos. E o Arouca (todo mundo sabia) era comunista, do PCB. Tinha-se muita dúvida, se um governo assim que tinha recém tomado posse, num país que tinha acabado de entrar na democracia, se o governo iria ou não apoiar o Arouca. Eu soube depois pelo então ministro Carlos Santana que quando ele foi falar com o Sarney: “presidente, a FIOCRUZ tem dois candidatos a presidente, o atual presidente e o Sérgio Arouca. Eu quero ser honesto com o senhor. O Doutor Guillardito foi ex-reitor na Paraíba, é um homem que dirigiu a instituição por 6 anos, é uma pessoa correta, de bem, e tal... O outro, não quero fazer nenhum segredo, é uma pessoa do Partido Comunista.” E o Sarney perguntou: “qual é o seu candidato?” E ele disse: “o Sérgio Arouca”. Foi nomeado, não foi nada por debaixo dos panos, mas até chegar a nomeação teve uma luta grande. Nós fomos a Brasília várias vezes, tivemos uma reunião com o Carlos Santana. Eu mandei um telegrama individual, porque eu achei que como eu era o único da área de pesquisa básica, se eu colocasse meu nome no meio de um manifesto não iria parecer uma coisa da pesquisa básica. E aí, depois de quase dois meses de negociação, pressão pra um lado, pressão pro outro, veio a notícia da nomeação. Tem uma foto histórica lá na ENSP, quando ele recebeu a notícia, uma foto muito bonita, vocês podiam botar no livro. E aí foi então o começo da tomada de posse do Castelo... O início da tomada da posse, porque até o dia da posse o então presidente (que depois de alguns anos agiu corretamente, depois que tudo passou), mas o então presidente e a equipe dele não facilitaram em nada a posse. No dia teve que se invadir o Castelo praticamente. Pra cerimônia de posse a gente não teve a infra-estrutura da FIOCRUZ, os carros, praticamente nada. A minha missão foi trazer pra posse pessoas que nos estimassem... O Carlos Chagas Filho era muito próximo de mim (que eu tinha feito a tese lá na Biofísica), então eu fiquei com a missão de telefonar pra ele e fazer com que ele viesse à posse pra legitimá-la. Ele veio, e daí começou uma amizade muito grande com o Gadelha também, que hoje é muito próximo do Carlos Chagas. Aconteceu a posse, e o Arouca me convidou pra ser o orador antes dele, representando a comunidade da FIOCRUZ. Muito legal. E aí ele me nomeou vice-presidente de pesquisa e eu tinha sido eleito também diretor do IOC. Eu acumulei as duas coisas, o cargo no IOC e a vice-presidência de pesquisa – que depois até a gente desmembrou, quem é diretor de unidade não pode ser vice-presidente e vice-versa.

Na vice-presidência era o Luiz Fernando, o Arlindo e eu – e o Ary chefe de gabinete. Esse era o dia-a-dia. Um pouco depois veio o Mário Hamilton como um gestor. Esse era o pessoal assim formalmente mais próximo, mas o Arouca trabalhava sempre com muita gente em volta. Até, em alguns momentos, quem era institucionalmente da presidência ficava achatado com tanta gente em volta... Mas esse era o estilo do Arouca e não tinha jeito. E aí nesse processo, nesses quatro anos, a gente se aproximou muito. Porque (como eu falei) como eu era na estrutura da presidência a única pessoa que tinha vindo da área de pesquisa básica, era a ponte preferencial pra toda essa área. Então quando o Arouca ia a um centro regional a gente ia junto... E eram os melhores momentos pra pedir alguma coisa ao Arouca. A gente ia daqui a Recife, com o Arouca tomando seu uísquezinho no avião, e antes de aterrissar a gente dizia: “Arouca, precisamos disso, disso e disso.” Ele concordava com praticamente tudo. Foi

uma experiência de lado a lado muito rica. Eu aprendi muito de saúde pública e ele aprendeu muito de biologia molecular.

Guilherme: Do ponto de vista das questões que estavam colocadas assim pras ciências básicas, nesse contexto da chegada do Arouca à presidência da FIOCRUZ... No que se avançou? O que se mexeu, como você acha que essa conjuntura abriu horizontes?

Morel: Eu acho que a visão do Arouca da importância da saúde pública, e a importância que ele foi dando cada vez mais ao investimento nas áreas de ciência e tecnologia, seria vamos dizer assim quase que uma volta da FIOCRUZ aos seus melhores momentos históricos, em que ao invés de uma dicotomia de pesquisa pra um lado e saúde pro outro, havia uma sinergia entre essas duas coisas. Na origem da Fundação (origem remota, início do século XX) era tudo junto, nos primeiros 40 anos, até a década de 40. Quando a FIOCRUZ foi criada, Oswaldo Cruz foi convidado pra colocar aqui uma fábrica de vacinas. E ele disse (tendo o modelo de Pasteur na cabeça): “não, isso não é suficiente, a instituição tem que trabalhar em ensino, pesquisa, saúde.” Tanto que ele foi diretor do então Instituto Oswaldo Cruz e diretor de saúde pública, que era o equivalente a ministro da Saúde hoje em dia. O Arouca viu que era prejudicial que ficassem duas coisas separadas. Teve também, logo no começo, uma oportunidade histórica, que foi a questão da AIDS. Uns dois meses depois que a gente tomou posse, o Santana veio aqui num sábado e “colocou uma faca na garganta da gente”: “Vocês vão ter que me ajudar numa coisa. A questão da AIDS tá ficando complicada, a gente teria que fazer diagnóstico disso, exame de sangue, custa 8 dólares e a gente não tem dinheiro pra pagar. O que a FIOCRUZ pode fazer pra nos ajudar?” Foi interessante, uma agenda que veio devido a uma prioridade sanitária. Nesse momento, o Galvão... O Bernardo Galvão tinha chegado aqui em 78 também, a gente chegou com um mês de diferença, ele veio pra dirigir o Departamento de Imunologia. Então eu falei com ele: “o que a gente pode fazer pra ajudar nesse negócio do diagnóstico da AIDS?” A gente conversou muito, e o Galvão disse: “a gente precisa ter o vírus, um estoque”. Tinha vindo aqui pra virologia o Hélio Gelli Pereira, que já faleceu. O Gelli é brasileiro, mas viveu 40 anos na Inglaterra, tinha duplo passaporte, a mulher dele era inglesa, os dois trabalhavam em virologia. Então falamos com o Hélio, e ele através da esposa conseguiu uma linhagem de amostras infectadas com o vírus da AIDS em laboratório que poderiam ser cultivadas. Em um, dois meses o Galvão conseguiu desenvolver um teste de imunofluorescência – um teste muito simples, mas que pra ser feito precisava de um microscópio de imunofluorescência. Fomos ao ministro e falamos: “a gente tem uma certa tecnologia, como a gente chama, não é uma *rocket science*, é um negócio mais ou menos “feijão com arroz”, mas se o senhor quiser fazer isso precisa colocar pelo menos um microscópio de imunofluorescência em cada banco de sangue oficial e treinar uma pessoa pra fazer isso.” O ministro topou, deu os recursos, e dois meses depois vários laboratórios oficiais tinham uma pessoa treinada, um microscópio de imunofluorescência e o Galvão preparava as lâminas, pegava o sangue e via se aquele sangue... Então foi uma demonstração boa pelo lado da saúde pública e pelo lado da legitimação do Arouca como um dirigente que podia resolver demandas de saúde pública.

Regina: Uma junção de pesquisa básica e saúde pública.

Morel: Isso mesmo, foi assim o primeiro exemplo de que a pesquisa básica, além de fazer a busca do conhecimento, também poderia fazer um avanço na questão de ferramentas da saúde pública.

Guilherme: Nessa época esse exame se incorporou ao protocolo básico de diagnóstico da AIDS.

Morel: Nem tinha o ELISA ainda, lembre-se que a AIDS foi descoberta em 81, em 81 chegaram aqui os primeiros comunicados, eu estava lá no laboratório, no departamento quando chegou o primeiro comunicado da OMS: “uma nova doença apareceu, tomem providências pra tentar diagnosticar os casos.” Em 85 tinham acabado de sair os primeiros testes, que eram 8 dólares cada um. Você imagina. Então isso foi uma coisa interessante, a gente ter feito isso. E a coisa continuou, porque um ano depois a FIOCRUZ isolou o primeiro vírus da AIDS brasileiro, isolado de um paciente. Isso foi manchete em todos os jornais, você deve se lembrar, foi considerado um grande feito da FIOCRUZ, e o Arouca brilhantemente aproveitou isso pra fazer a campanha salarial da FIOCRUZ e conseguiu um aumento de 20% nos salários. Foi entronizado aqui como rei pelos funcionários. Então ele fez essa junção, conquistas em saúde pública e pesquisa básica, usando isso (o Arouca tinha imagens muito boas) pra falar com o ministro: “ministro, eu tenho um funcionário que está segurando um vidro de vacina que vale dois milhões de dólares. Aquele funcionário não pode dar de comer aos filhos dele.” Quando a gente chegou aqui, a diferença entre o maior e o menor salário era de mais de 40 vezes! Tinha grau de desnutrição aguda entre os funcionários. Uma das primeiras coisas que o Arouca falou com o ministro foi pra eliminar as seis classes mais baixas e passar pra cima: “eu não posso trabalhar com essa demanda com gente passando fome.” Ele começou também a arrumar a questão da dignidade do funcionário, mostrando como a ciência e tecnologia, antes de ser uma inimiga da saúde pública, podia ser uma conquista. Então ele abriu muito a perspectiva da sociedade de conhecimento.

Guilherme: E esse grupo resistente? Eles foram percebendo, ou continuaram resistindo?

Morel: Acho que, aos poucos, o Arouca foi conseguindo mais apoio, eu diria mais empatia popular, do pessoal mais da base, do pessoal mais humilde, e alguns focos de resistência que permaneceram até o fim (e permanecem até hoje) muito mais de uma elite de pesquisadores que (eles têm lá seus argumentos) dizem que a pesquisa pela pesquisa algum dia vai gerar resultados aproveitáveis. Isso é um dilema que não existe só aqui no Brasil, isso é uma consequência (eu diria) da Segunda Guerra Mundial, quando foi feito para o então presidente dos EUA um relatório por um americano que estava num cargo de mando, chamado Vander Bush (nada a ver com o Bush atual), um relatório de 45 cujo título era “Ciência, uma terra sem fronteiras”, onde ele dizia (resultado da guerra para os EUA) que bastava fazer pesquisa básica que o resto vinha automaticamente. Se você colocasse dinheiro em pesquisa básica, o desenvolvimento econômico viria quase que como consequência... Tanto que ele chamava a pesquisa básica de “dínamo remoto do desenvolvimento”. Hoje a gente sabe claramente que não tem nada a ver com isso. Mas isso influenciou praticamente todo o mundo ocidental, inclusive o Brasil. O CNPq até bem pouco tempo era uma área de “pesquisa básica balcão”. E aí está a diferença entre Brasil e Coréia, por exemplo: o Brasil ficou um grande produtor científico descolado da política industrial, e a Coréia passou a gente assim... Em 80 a Coréia estava atrás da gente em ciência e em tecnologia, hoje está na nossa frente em ciência e em tecnologia. Em ciência um pouco, em tecnologia muitas vezes mais.

Regina: Quer dizer então que essa gestão do Arouca estava preocupada com a pesquisa básica, com a tecnologia, mas articulada ao movimento contemporâneo, às questões sociais, inclusive a humanização do próprio local de trabalho. Então aí eu queria fazer uma pergunta, porque foi nesse momento que ocorre a reintegração dos cassados – um momento importante dessa trajetória. Então eu queria que você falasse qual é a dimensão política e social, aqui pra FIOCRUZ...

Morel: Mais do que pra FIOCRUZ. Foi uma história interessante, que eu acompanhei bem de perto até pela posição de vice-presidente. Os cassados foram integrados na área básica, então é como se eu tivesse uma certa ponte com isso. No meu discurso no dia em que o Arouca tomou posse, eu já falava que isso era uma chaga aberta – que devia ser fechada. Ao mesmo tempo o Arouca falava com o Carlos Santana: “tem que chamar os nossos ‘cassadinhos’, tem que botar os nossos velhinhos pra dentro de novo.” Ele dizia assim: “Arouca, vamos com calma, a gente acabou de sair da ditadura, o pessoal ainda não tá tão tranquilo.” E ainda tinha aqui dentro o então coronel do SNI, mas depois eu conto... Em 86 veio a crise do dengue, e foi a FIOCRUZ que detectou que tinha dengue batendo na porta do Brasil. Não tinha mais epidemia de dengue desde a década de 40. E um dia começou aquelas filas de pessoas com “gripe”... O Hermann Schatzmayr olhou praquilo ali e falou: “isso não é gripe, é dengue.” E a gente então chamou atenção do governo que tinha epidemia de dengue. Eu dizia às vezes que o Arouca tinha uns santos, uns fantasmas protegendo ele... Uns três meses antes dessa epidemia de dengue, chegou uma moça (a Rita) dizendo: “Morel, tem um curso sobre dengue em Cuba” (ou não Venezuela, não me lembro bem), “eu gostaria de fazer um curso sobre diagnóstico de dengue. Acho que isso é importante.” E eu não tinha dinheiro no IOC, tava com o caixa baixo, e eu fui falar com o Arouca: “olha, tem oferta aqui desse curso, eu acho que a gente tem que mandar essa moça pra esse curso. Imagina se tem uma epidemia de dengue e a gente tá despreparado?” Aí o Arouca raspou o fundo do tacho e mandamos. E a Rita voltou com todo o material, o soro, já pra fazer o diagnóstico. E foi ela que fez o diagnóstico quando bateu epidemia de dengue aqui.

Regina: Ele tinha umas intuições...

Morel: É, além de intuição, ele sabia onde tinha oportunidades que ele não poderia desperdiçar. Era oportunidade que poderia virar uma ameaça se ele não pegasse. Agora, ele ouvia umas pessoas mais do que outras, mas eu diria que naquele momento ele ouvia as pessoas que tinha que ouvir mesmo. A questão do tino político... Quando ele falava com os repórteres, o pessoal falava assim: “mas presidente Arouca, qual é o segredo pra administrar a FIOCRUZ?” E ele disse uma frase que até hoje eu me lembro: “confiar nos nossos pesquisadores.” E isso saiu em todas as televisões. Então o pessoal de pesquisa aqui ouvia: “pô, esse cara tá falando em confiar na gente...” Também era a mensagem dele de ir conquistando e unificando. Quando a epidemia tava na porta e, à exceção da FIOCRUZ, todo mundo tava despreparado, o pessoal não sabia onde ficar, não sabia clínica, nunca mais havia tido... Mais uma vez o Santana chamou ele: “o que a gente faz com isso?” Pensamos, e o Arouca falou assim: “ministro, precisamos de 30 vagas, 15 de nível superior e 15 de nível médio, pra reequipar os nossos laboratórios.” Porque as vagas todas estavam congeladas... Aí o ministro deu as 30 vagas. O Arouca chamou a gente assim: “vamos botar os nossos ‘cassadinhos’ nessas vagas?” [risos] Respondemos: “vamos botar”. “Vou falar com o ministro então”. “Não, rapaz, bota primeiro e depois você fala...” [risos] Aí ele pensou, pensou, e foi falar com o ministro:

“ministro, nós vamos fazer uma grande solenidade na FIOCRUZ, essas vagas são importantes, e gostaria da sua presença.” “Ah, pois não, quando?” “Dia tal...” “Tá bom!” “Ministro, tem uma coisa, a gente vai aproveitar e dar posse aos cassados na solenidade.” “Como assim Arouca?! As vagas não eram pra dengue?!” [risos] “Era, ministro, mas se não puder colocar esse pessoal, a FIOCRUZ não vai poder remover essa chaga, vai ter sempre um negócio...” O ministro ficou muito reticente. O Santana gostava do Arouca, mas ficou assim muito preocupado. Porque veja: tinha saído a anistia, mas não significava que você podia reintegrar as pessoas, era um processo complicado. Aí o Arouca falava: “vamos transformar isso num grande ato político, a gente chama o presidente da Câmara dos Deputados, o ministro da Ciência e Tecnologia...” E vieram: veio o Renato Archer, o Ulisses Guimarães... Então aquilo foi uma cerimônia maravilhosa, que deu uma repercussão fantástica! Então acho que naquele momento houve um reencontro da FIOCRUZ com o passado dela, que havia sido enegrecido em 70 com o negócio da cassação. Além da cassação, foi feito depois... [emocionado] Eu me emociono muito fácil, o Arouca dizia...

Houve um reencontro ali, porque em 70 a FIOCRUZ chegou ao fundo do poço. Mas logo depois, mais ou menos em 75, foi feita a reformulação da Fundação, ela virou FIOCRUZ, e foram colocados assim sem se perguntar a ninguém a Escola de Saúde Pública, o INCQS... Eram unidades que não eram daqui. Aqui era o Instituto Oswaldo Cruz, que estava decadente. Então você teve a cassação, depois jogaram aqui um monte de coisa sem preparação, sem nenhum plano estratégico, sem uma visão, sem nada. Esse era um pouco o quadro que ainda tinha em 85: era um aglomerado de ilhas, o Instituto Oswaldo Cruz achando que tinha sido invadido e conspurcado pelos outros. E o negócio da cassação fez com que muita gente dissesse que ideologicamente estava errado vir pra FIOCRUZ. Quando eu saí de Brasília pra vir pra cá, eu recebi cartas de colegas meus de esquerda aborrecidos porque eu estava apoiando a ditadura militar, vindo pra FIOCRUZ. Eu pensei: “eu vou brigar com uma série de pessoas.” Eu dizia: “olha, eu confio que você possa lutar contra isso, eu acho que isso não vai ficar assim, a gente pode contribuir pra essa instituição voltar a ser alguma coisa.” A entrada do Arouca foi essa oportunidade, e a volta dos cassados foi quase assim: “tá vendo? Eu não disse que a gente ia refazer essa história?” Então teve um significado múltiplo.

Guilherme: A reintegração dos cassados mostrou a diferença com a gestão anterior.

Morel: Totalmente. Vinha mostrando, mas isso foi assim uma demonstração cabal, visual, multimídia (porque teve televisão e saiu em todas as primeiras páginas dos jornais), e gente que nunca mais tinha entrado aqui, como o Herman Lent que tinha escrito o *Massacre de Manguinhos*, estava aqui, na primeira fila, sendo reintegrado. Então foi uma experiência única. E naquele momento a gente achou que ninguém mais tinha que fazer discurso, que quem tinha que fazer discurso era o Arouca. Então ele que fez o discurso naquela cerimônia, e aquilo ali foi realmente um *turning point*. E um apaziguamento, porque sempre tinha gente que achava que não se devia ajudar a FIOCRUZ porque ela tinha expulsado os seus cientistas. Quando eles vieram... A gente sabia que eles não seriam mais assim uns luminares da ciência. Um ou outro sim, o Herman Lent, o Haity Moussatche... Mas os outros tinham sido obrigados a ter clínica privada, a sair da ciência. Mas a gente disse assim: “não tem discriminação nenhuma, tem que botar todos aqui dentro de novo, porque o que está em jogo não é trazer luminares da ciência, a gente vai trazer *depois* desses cassados, as primeiras vagas são deles, pras outras a gente vai buscar gente boa. Eram dez cassados e quinze vagas. Depois o Arouca foi conseguindo mais, o prestígio foi crescendo. O Santana saiu um

ano depois, aí foi fogo... E o Arouca aceitou ser secretário de Saúde do Rio de Janeiro, e deixou a presidência por um ano nas mãos dos vice-presidentes. Mais ou menos um ano depois que o Arouca tomou posse, a popularidade dele tava muito lá em cima, quando o Moreira Franco chegou aqui ao governo, chamou ele pra ser secretário de Saúde. E o Arouca era gozado, disse: “não, imagina, não vou aceitar nunca isso!” E a gente saía tranquilo. No outro dia tava o Arouca como secretário de Saúde do Moreira! A gente dizia: “mas como?” “Não, eu vou lá num dia, no outro venho aqui...” Ele brigava muito com a imprensa porque ela achava que ele ia ter dois salários. Mas não, o salário dele era da FIOCRUZ, lá ele não ia ganhar nada. Mas acontece o seguinte: durante um ano, o Arouca vinha aqui (quando vinha) nas segundas-feiras de manhã, pra ter uma reunião nossa (dos três vices) com ele. Depois ele não podia vir, porque a saúde do Rio de Janeiro já era complicada naquela época. E aí durante um ano ficamos eu, Arlindo e Luiz Fernando fazendo tudo, só com a benção à distância do nosso Arouca. Você não substitui um presidente...

Fita 1 – Lado B

Morel: [explicando a saída do Arouca da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro] Era muito difícil acumular isso. Eu acho também que as relações dele com o Moreira não eram assim as melhores possíveis.

Guilherme: O ministro que entrou depois do Carlos Santana também pegou pesado...

Morel: Pegou pesado. Tiveram três depois do Carlos Santana, mas o pior foi aquele, do Paraná, qual era o nome? Depois até nós o chamamos, mais pra frente, pra inauguração da biblioteca. Mas ele chegou a avisar que ia demitir o Arouca. Teve vários candidatos, como o Professor Veronese de São Paulo, que começava a colocar no jornal: “Ah, a FIOCRUZ está muito fraca cientificamente! A imunologia e a biologia não faz nada!” Cada vez que tinha uma crítica dessas na área de pesquisa básica, eu que tinha que chegar e resolver tudo... Então eu fazia levantamento dos trabalhos científicos, chamava os jornalistas... Olha, era assim no dia-a-dia. Porque quando o santo protetor do Arouca saiu do ministério, as aves de rapina todas queriam pegar a FIOCRUZ. A gente não tinha estatuto naquele tempo, era nomeação direta do ministro, aliás, do presidente... E foi isso que salvou a gente. Quando a crise avançava muito, os nossos amigos salvavam a gente, o Carlos Chagas Filho ligava pro Sarney, eles eram bons amigos, e o Chagas: “presidente, não mexa com os meninos da FIOCRUZ não que eles estão fazendo um bom serviço”. Aí os ministros ficavam furiosos, porque chegavam no Sarney pra demitir e ele dizia não. Ficávamos presos por um fio... Um parêntese interessante: o Arouca no meio das crises largava tudo e ia jogar sinuca, ia pra Estação Laranjeiras lá em cima jogar sinuca. “A casa tá pegando fogo!” “Amanhã eu penso nisso!” Ia jogar sinuca, se concentrava na sinuca... E a gente ficava aqui completamente alucinado com telefonema do Ministério... Mas ele tinha uma certa razão: chegava no dia seguinte refrescado e pronto pra sair do labirinto. Uma vez, no auge dessa crise, ele foi lá, chamado pelo ministro, e o ministro ia demiti-lo. O Arouca chamou toda a imprensa pra ir com ele, e quando ele entrou a imprensa toda ficou ali fora. Ele tinha uma lábia ótima, e virou o jogo com o ministro. Aí chamou o ministro pra ir até a porta: “estão aqui os nossos colegas da imprensa, o senhor não quer dar uma entrevista sobre como estão as relações

do Ministério com a FIOCRUZ?” Então o ministro não teve outra saída a não ser: “não, os rapazes estão fazendo um bom trabalho!”

Ele tinha assim uma visão uma estatura política...

Regina: Esse período, Morel, da gestão do Arouca, foi decisivo em que medida aqui na FIOCRUZ?

Morel: Olha, totalmente! A gente não falou ainda da reorganização do espaço interno com a gestão democrática. Pra vocês verem qual é a diferença... e eu acho que essa foi a maior virada que o Arouca fez aqui: fez com que a FIOCRUZ permanecesse até hoje num bom caminho. Na gestão anterior ao Arouca, do Guillard, as decisões eram tomadas pelo que eles chamavam de “núcleo central de decisões”. Eu sempre chamo atenção pra essa nomenclatura: “núcleo” já é central, “central” é mais central ainda, de “decisões” é onde as decisões são tomadas. E quem era o “núcleo central de decisões”? Era o presidente, os três vice-presidentes nomeados pelo presidente e o chefe de gabinete nomeado pelo presidente. Era o presidente que tomava as decisões, e isso foi assim durante todo o tempo. Era o esquema das instituições durante a ditadura. Nas universidades, os reitores eram escolhidos, mas dentro de uma lista assim... A gente sabe quais foram os reitores que tiveram nesse período. A gente então começou a discutir qual seria a nova forma de gestão, seguramente não seria o “núcleo central de decisões”, mas você tem que arrumar a casa, então não poderia ser uma assembleia geral, que tinha também o risco do “assembleísmo”. Democracia é difícil, e muita gente tomou o caminho errado. Teve momentos perigosos. Por exemplo, na universidade entrava como reitor o Horácio [Macedo, na UFRJ], e não sou eu que dizia isso, isso é voz corrente, o critério de entrada na universidade era ser membro do Partido Comunista. O Horácio era do PC, inclusive quando houve a separação entre PPS e PC o Horácio ficou com o outro lado, e a universidade, segundo as pessoas que estavam lá, era dominada por um partido político. E eu me lembro que começou essa pressão aqui também. Eu sou vice-presidente, mas eu fui muito forte com o Arouca, e disse: “olha, isso aqui não é a célula de nenhum partido. Da mesma maneira que na ditadura você só entrava aqui se tivesse o crivo do SNI, eu não quero que agora pra entrar aqui você tenha que ter o crivo do PC, ou de qualquer outro partido. Eu acho que aqui a gente tem que ser saúde pública e ciência.” E ele nunca se afastou disso. Mas a gente tinha aquela coisa: “como é que a gente vai organizar esse meio de campo?” Naquele momento tinha também, por exemplo, ocorrido uma eleição na Universidade de Brasília em que um vigilante tinha sido candidato a reitor, e não ganhou por pouco, porque ele teve muito voto. Toda a massa de funcionários mais amorfa, o “baixo clero”, vamos dizer assim, tinha votado nesse camarada. A gente dizia: “Arouca, a gente não pode ter aqui um sistema desse, que coloque a gente na dependência de convencer as pessoas a não votar num “baixo clero” desse. A gente pensou muito, e aí entrou mais uma vez a intuição de gênio do Arouca, de organizar um congresso interno. Quer dizer, não era um mecanismo de assembleia, tinha regras; não era um mecanismo autoritário, porque era baseado em delegados eleitos; era um mecanismo onde as unidades maiores elegeriam mais delegados. E aí o Mário Hamilton (que vocês vão entrevistar) foi uma figura também importante em definir a estrutura do congresso interno. Não se pode ter consenso, tomar decisões estratégicas, numa assembleia em que você não sabe quem tá e quem não tá. Então a idéia foi organizar algo em que as grandes decisões fossem emanadas de um congresso interno onde todos participassem proporcionalmente ao tamanho das unidades: unidade maior teria mais delegados e unidade menor menos. Foi um mecanismo que foi se aperfeiçoando aos poucos. O primeiro congresso interno teve

(eu não diria um viés autoritário) uma salvaguarda que talvez estivesse um pouco exagerada: tinha que ser dois terços dos delegados de nível superior e um terço de nível médio. Então esse primeiro congresso foi bem sucedido, mas a gente perdeu muito tempo discutindo isso. Os funcionários de nível médio só se levantavam pra dizer que não eram inferiores, blábláblá... Um debate que tomou muito tempo, e que a gente resolveu mais pra frente, como eu vou contar depois. Mas de qualquer maneira, foi também uma virada, levou de um “núcleo central de decisões” a um mecanismo mais democrático, mas também responsável. Por que? Ele só se reunia depois de um processo de seis meses. Primeiro, a presidência fazia um plano estratégico e enviava pras unidades. As unidades debatiam, debatiam, debatiam e aquilo voltava pra presidência que fazia uma colagem de todas as sugestões e aí sim mandava pro congresso interno onde cada pessoa (inclusive o presidente) tinha um voto só. Dali saíam não decisões, porque o ministro não queria às vezes, mas saía recomendações que a gente aceitava. Isso foi assim... Por exemplo, foi nesse primeiro congresso interno que se decidiu a criação do Conselho Deliberativo da FIOCRUZ, que até hoje é o órgão interno máximo da FIOCRUZ. É composto pelos presidentes das unidades, por um representante da associação dos funcionários (tem que falar também da criação da ASFOC, que foi o Arouca que fez), de modo que o congresso interno foi a grande virada do Arouca pra implantar aqui uma gestão democrática sem ser irresponsável – e que foi se aperfeiçoando. Por exemplo, quando eu virei presidente depois, a questão do um terço e dois terços foi abolida da seguinte maneira: a participação é livre, todo mundo tem um voto igual, não tem um terço e dois terços, mas na escolha de delegados nenhuma unidade pode vir com uma representação que seja de mais de dois terços, seja de funcionários de nível superior, seja de funcionários de nível médio. O balanço ideal é 50%, mas não interessa, não era a gente que ia decidir. O que a gente não queria era representação só de nível superior ou só de nível médio, então deixamos aberto. O pessoal dizia assim: “você tá louco! Vai vir todo mundo com representação de dois terços de nível médio!” Eu falei: “eu pago pra ver, garanto que não! Na escolha de delegados, não é possível que o pessoal de nível médio convença todo mundo de que eles são os melhores! Deixa a coisa correr!” E olha, quando a gente teve que corrigir, foi porque teve mais de nível superior. Então no segundo congresso interno não teve mais esse problema. A delegação foi como veio das unidades, acho que nenhum caso precisou de correção, tava dentro dessa... 50%, 60%. Então isso tornou o congresso interno um mecanismo muito bom. A gente lutou muito, com o Arouca, nas outras gestões, pelo estatuto, que só foi assinado pelo Governo Lula, 16 anos depois de estar pronto. Isso fez com que todo aquele mecanismo que a gente começou a moldar na década de 80 é o mecanismo que a FIOCRUZ tem. Que eu acho particularmente que já tem que começar a ser repensado, em particular a questão das unidades produtivas...

Guilherme: Mas pelo menos a regra democrática tá lá...

Morel: Tá lá! Nada é estático, o Arouca me falava, na verdade é a dialética, não é? Não tem nada pronto, preparado e arrumado pro resto da vida. Aquele mecanismo foi muito importante no sentido de preservar a instituição de intervenção política. Tinha gente querendo colocar deputado, dizia assim: “ah, o meu primo é vereador por Bonsucesso, então por que não ele como presidente da FIOCRUZ?” Já imaginou?! Então o mecanismo de congresso interno para a eleição da presidência foi para protegê-la, agora, dava um trabalho... Eu lembro quando eu fui presidente, o Bresser era ministro, o Jatene era ministro da Saúde... Pra gente convencer o pessoal a aceitar eleição de diretor de unidade, não foi fácil. O Bresser queria impedir, eu tive uma reunião com os dois, o

Bresser, e o Jatene abrindo a reunião assim: “pois é, ministro, na instituição os meninos elegem todo mundo, será possível?!” Quer dizer, quando você pega dois ministros da estatura do Bresser e do Jatene, e começam a introdução da conversa assim, desqualificando... [pausa]

A gente sempre dizia o seguinte: “veja, a eleição na FIOCRUZ não é como a de Brasília em que quase ganhou um vigilante. A primeira coisa é que os candidatos mandam os currículos e só aqueles que são considerados currículos capazes, suficientes pra dirigir a Fundação é que vão ao teste das urnas. Precisamos das duas coisas: de alguém que seja cientificamente capaz, mas isso é necessário, mas não é suficiente. Além de ser necessário um bom perfil científico (em qualquer área, seja saúde pública, seja pesquisa básica), tem que ter também um jogo de comando, tem que ter liderança. Numa instituição com oito mil pessoas, que tá sempre em greve por causa dos salários, e a gente não consegue conversar com a massa, não vai dar certo.” Os caras aceitaram isso: “ah, então tem esse filtro?” “Claro, a gente não é irresponsável! Primeiro a gente seleciona os caras que poderiam ser, depois você abre a eleição, os caras durante dois explicam o que querem fazer da Fundação.” Era muito saudável! Eu lembro que os candidatos a presidente percorriam todos os cantos. Por exemplo, eu descobri a questão das péssimas condições de trabalho dos motoristas da FIOCRUZ. Você entrava lá, os caras não tinham onde dormir, num chiqueiro, comiam gambá, ficavam de noite caçando gambá pra comer porque não tinham... E a gente então, nesse processo de ir visitando tudo, quando chegava na presidência resolvia esse negócio.

Regina: Esse processo inclusivo, por exemplo, a gente conversando com o Arlindo, ele colocou, por exemplo, o problema das abelhas, que o Arouca falou assim...

Morel: “Vamos fazer um apiário!”

Regina: Pois é, “temos um problema, então vamos resolver!” Como você resolve na sua casa, você tem que ir incluindo, dando soluções.

Morel: Não era só pensar “vamos fazer um apiário”. Ele tinha uma série de soluções... Se tinha uma solução grande, ele já ia atrás. Quando não tinha ele dizia: “gente, vamos pensar grande? O que a gente pode fazer além desse feijão com arroz que está aí?” Ele sempre tinha essa coisa: “vamos pensar grande?” Com isso de vez em quando surgiam idéias que pareciam muito loucas, mas ele não visava o dia seguinte, ele visava uma construção a longo prazo. Então foi uma experiência muito boa...

Regina: A gente falou sobre a reintegração dos cassados como um momento forte dessa gestão, e eu queria entrar num outro momento dessa trajetória do Arouca, que é a VIII Conferência de Saúde. Porque aí me parece que essa idéia do Arouca de incluir a população, não só incluir aqui dentro os funcionários, mas pensar a saúde de uma forma inclusiva.

Morel: Eu acho que esse foi um momento mágico, do qual eu até participei menos, por uma razão muito simples: por ser vice-presidente dessa área de pesquisa básica, nesse momento esse DDR (esse programa lá na Suíça do qual depois eu virei diretor) estava num processo de reformulação. Eu fiquei praticamente responsável, não só pela FIOCRUZ, mas pelo Brasil, de participar dessa rearrumação lá em Genebra. Uma das coisas interessantes foi que, quando fizeram uma análise das instituições no mundo todo que mais recebiam dinheiro da OMS, a FIOCRUZ saiu em primeiro lugar. Era a

instituição que mais recebia créditos por conta da aproximação que a gente fez com a OMS. Então eu participei perifericamente porque eu tava cuidando lá da pesquisa básica. Mas é evidente que estive nas reuniões, tive participação, e aquilo foi um momento de grandeza total da FIOCRUZ, porque a Conferência, além de ser um recorte completamente diferente, inclusivo, 5 mil pessoas naquele auditório lá em Brasília, desde representação das comunidades indígenas... Tudo, tinha de tudo. Eu acho que só o Arouca poderia comandar aquele grande circo. Mas mais do que isso: eu acho que foi naquele momento da Conferência que se plasmou muita coisa do SUS, se plasmou a Constituição do Brasil. O capítulo de Saúde da Constituição foi praticamente escrito na FIOCRUZ, legitimado pela Conferência e incorporado pelo Congresso. E aí a coisa mais interessante que eu vejo depois foi a eleição do Arouca pra deputado, pois lá como deputado ele pôde lutar e fazer muita coisa que tinha sido discutida na FIOCRUZ. Quando eu fui presidente, uma das coisas que a gente não podia fazer era contratar estrangeiro. O Arouca no Congresso, Junto com o Ministério de Ciência e Tecnologia, a gente redigiu e propôs uma lei, que foi aprovada lá, depois regulamentada conjuntamente, e hoje em dia você pode contratar estrangeiros, quando antes não podia. Então a VIII Conferência deu aquela abrangência, levou à estruturação do SUS e da Constituição do Brasil, e depois deu ao Arouca uma plataforma de eleição. Fez a junção, que era a junção de Oswaldo Cruz. Oswaldo Cruz era um ministro, tinha um poder político, e tinha o poder da FIOCRUZ. O Arouca teve o poder político da FIOCRUZ e depois teve o poder político como deputado federal. E mais uma vez surpreendeu a gente aqui mais uma vez em 89 se candidatando a vice-presidente da República. Eu tava de férias lá em Recife, e leio no jornal: “doutor Roberto Freire e doutor Sérgio Arouca são candidatos”. Ligo: “Arouca, que loucura é essa, cara, tu vai deixar a FIOCRUZ?!” “Imagina, isso é coisa de jornal...” Claro que deixou e foi candidato... [risos] Foi aquela zorra!

Regina: É aí que a gente tem a sensação que realmente vai se constituindo um projeto coletivo – e o Arouca se vendo como um gestor desse projeto, como um representante. Então ele concorre como deputado pra fazer idéias que esse coletivo estava construindo. Não é uma carreira própria, solo...

Morel: Não, inclusive me disse assim: “eu acho que o meu papel na FIOCRUZ já tá pronto, já fiz. Vocês têm toda as condições de continuar com isso.” Houve momentos complicados, como a eleição do Collor, quando quase foi tudo por água abaixo. Quase... Eu acho que a gente foi salva assim por milagres. Tem uma coisa interessante de contar: quando o Collor foi eleito, e o Alcení veio aqui, tinha aquela lista de presidenciáveis, tinha havido o processo interno, então era o Akira o primeiro da lista, o Arlindo o segundo e eu o terceiro. Então o Alcení veio aqui, um dia de manhã, chamou a gente aqui e falou: “qualquer brasileiro pode ser presidente da FIOCRUZ, menos vocês três. Nós não aceitamos candidatos eleitos.” Tava com a minha carta no bolso, que eu era vice-presidente e tava só esperando o negócio: “tudo bem, volto pro meu canto”. E aí quiseram colocar uma pessoa de fora. O Alcení tentou fazer uma jogada baixa: num sábado de manhã, ele veio aqui com a imprensa e foi visitar o atual IPEC (o Evandro Chagas). E veio com a imprensa porque tinha saído no jornal que a FIOCRUZ estava em greve. Veio com a imprensa pra mostrar como a FIOCRUZ tratava mal os doentes. Então chegou ele com uns trinta repórteres, sem avisar a ninguém, o que era no mínimo uma descortesia, e entra lá no Evandro Chagas. E aí a gente diz que o “São Oswaldo Cruz” protege a FIOCRUZ. Tava de plantão naquele dia uma enfermeira de ascendência germânica, uma senhora alta, loura, forte, e quando entra aquele grupo lá ela: “ei, que

história é essa?! Aí os homens falam: “é o ministro da Saúde.” Não me interessa!!! Aqui ninguém entra sem avental, sem nada, pra fora, vão botar uma roupa decente!!!” Aí todo mundo, vestem o ministro, botam avental no ministro, e ele começa a conversar com os pacientes: “o que você acha desse hospital?” E todos os médicos tavam presentes, 7 horas, 8 horas da manhã. Então ele começa a falar com os pacientes. Chega perto de uma senhora lá: “o que a senhora acha desse hospital?!” “Os meninos são tão carinhosos com a gente...” [risos] Foi assim... Então quando o ministro sai, a imprensa ali: “então, ministro, o que o senhor achou?” “É, o hospital... está bem!” E se mandou. Quer dizer, aí ficou sem argumento.

Guilherme: O Alcení Guerra era moleque...

Morel: Era moleque. Complicado, sabe? Agora, eu não estava aqui nessa época, estava viajando. Mas logo depois ele veio à Fundação e se reuniu com o pessoal da Escola de Saúde Pública. Nesse momento eu não estava, estava fora do país, em viagem curta. Diz o pessoal que foi vaiado, mas entrou, falou com o auditório lotado, “é isso é isso mesmo”, e saiu. Quer dizer, ele também não era uma pessoa de ficar fazendo nos bastidores, fazia abertamente. Mas era o estilo Collor! Mas aí depois de muita briga ele não viu nenhuma razão técnica forte pra uma intervenção e acomodou-se a coisa colocando o Hermann Schatzmayr, que era uma pessoa em que eles confiavam, a gente também, ficou o Hermann Schatzmayr. Mas foi interessante que naquele momento (vocês entrevistaram o Luís Fernando há pouco, não é?) ficou meio sem presidente, porque ele não aceitou os candidatos, não tinha presidente, o Akira saiu, então o que a gente fez um dia? Comunicamos, assim: “comunicamos a Vossa Senhoria que está respondendo pela presidência o Doutor Luís Fernando Ferreira da Silva”. O Luís Fernando nunca foi nomeado, foi nomeado pelo CD interno, eles não contestaram, e o Luís Fernando ficou até o Hermann ser nomeado. Eu acho que é o primeiro, único e último presidente nomeado internamente. Eles tiveram que engolir porque não tinha outro. Mas foi o momento mais difícil, naquele momento a Fundação poderia ter ido pro brejo de novo.

Regina: Agora você estava colocando alguma coisa sobre o “São Oswaldo Cruz”, eu acho que tem um outro santo se juntando que é o “São Arouca”. Como é que você vê daqui pra frente, sem o Arouca?

Morel: Olha, o pior que a gente poderia fazer é transformar o Arouca numa entidade religiosa. Eu acho que o Arouca foi o grande construtor disso, e ele mesmo gostaria que a construção ficasse madura, autônoma, seguindo os princípios básicos, com atores renováveis. Daqui a 50 anos ninguém da gente vai estar aqui, e ele foi um semeador, o responsável. E eu acho que aconteceu um pouco disso. Quando o Arouca faleceu, eu tava em Genebra, e quando eu voltei da viagem, abri a *internet* e tava lá a morte do Arouca. Era meio tarde, eu me sentei e escrevi na hora uma carta pra ele, que foi publicada no *site* – acho que tá lá até hoje. Porque ele esteve lá em janeiro (morreu em agosto), ele esteve em janeiro [de 2003] em Genebra como representante do Brasil na OMS, e eu tinha sido também. Então a gente saía muito junto, eu, ele, o Noronha... Eu participei com o Arouca de negociações para a escolha do novo diretor-geral da OMS. Foi até uma coisa muito interessante. O Arouca recebeu um convite pra almoçar com um dos candidatos, o Julio Frank, do México. O Arouca foi lá com uma grande equipe do Ministério, da Missão Permanente do Brasil em Genebra, que era o pessoal que participava da Assembléia Mundial de Saúde, e do conselho que elegeu o diretor da

OMS. Quando o Arouca recebeu esse convite, me chamou: “olha, o negócio é o seguinte, eu vou ter que almoçar com o Julio Frank, você tá aqui em Genebra, o Julio Frank foi de Genebra, em vez de levar o pessoal do Itamaraty ou da FIOCRUZ que não estão tão por dentro, eu queria que você fosse comigo. Almoçamos nós três juntos.” Quer dizer, a gente tava ainda muito próximo... Nesse período a gente já sabia que ele tava doente. Saímos um dia pra almoçar com o (?) e pedimos um vinho branco, e eu disse: “aí, rapaz, você não pode beber, não é?” “Não, esse *drink* eu tenho que tomar, com vocês eu vou tomar!” E foi ótimo, porque a gente o viu naquele momento em que ele tava ainda muito lúcido, ele estava no Ministério, numa das secretarias, e tava ainda com aquela inteligência brilhante. E muito honesto... No almoço com o Julio Frank ele disse claramente: “Julio, você não é o candidato do Brasil, você seguramente será o terceiro na linha nossa, porque o primeiro é o Pascal Mocumbi.” Pascal Mocumbi, que era o candidato do Brasil, tinha sido o primeiro-ministro de Moçambique. Que a gente estava ajudando na candidatura, no domingo a gente foi lá ajudar na candidatura, mas ele não conseguiu. Mas então o Arouca tinha essa diplomacia, mas que não era uma diplomacia enganosa. Ele dizia: “as razões são essas, a gente adora você, mas a geopolítica faz com que a gente tenha a África como primeira opção.” E saímos todos bem. Foi legal porque, quando eu fui pra Genebra, foi no primeiro momento em que esse Julio Frank foi também (ele atualmente é o ministro da Saúde do México). Então foi ótimo, e foi um dos últimos momentos do Arouca, em janeiro, quando ele ainda estava nesse espaço. Pouco depois ele caiu doente mesmo e saiu do Ministério. Então foi uma coisa que a gente também ficou muito contente: essa foi a última oportunidade dele ter um papel internacional, nesse conselho da OMS.

Regina: Foi ótimo. Não sei se você tem alguma coisa a mais que gostaria de falar.

Morel: Eu acho que tem umas coisas a mais. Eu acho que é importante o lado mais leve. O Arouca sempre foi... não digo irreverente, mas nunca deu importância praquelas críticas mais bobas. Eu me lembro que quando foi o primeiro aniversário dele como presidente, o pessoal fez uma grande festa aqui. E era uma época que tava com toda a oposição, aí no dia seguinte: “agora, com a gestão Arouca, o Castelo foi conspurcado, as mulatas saracoteando no aniversário do Arouca.” [risos] Então saiu toda uma reportagem como se o Arouca tivesse feito de um espaço público um espaço privado, não diria que chegou a uma orgia, mas havia insinuações assim de que as “mulatas saracoteando”, e tal. E o Arouca: “isso passa, bobagem.” Mas essa aproximação dele com os funcionários, ele tratava todo mundo como um irmão. E as pessoas adoram ele. Ele não tinha vergonha disso, ele não fazia aquele jogo de cena: “eu não posso fazer isso porque a imprensa vai falar. Não tô fazendo nada de errado então vou fazer mesmo e pronto.” Eu acho que isso era um negócio interessante.

Ele falava muito da epidemiologia da violência. No começo epidemiologia era sobre doenças infecciosas. Era uma noção que, se bem que era falada no exterior, aqui se falava muito pouco. E ele fazia, epidemiologia da violência armada, de trânsito... Mas principalmente de violência armada: a gente teve que resolver aqui coisas de colombianos que estavam sendo ameaçados de morte, e acho que até hoje acontece. Teve casos da gente ter que trazer no dia seguinte (arranjar um contrato), porque estavam ameaçados de morte na Colômbia. E o Arouca sempre estava muito presente na epidemiologia da violência, violência política, assassinato em massa de jornalistas na Colômbia, essa visão é muito dele. Então o Arouca tinha esse lado de pegar uma questão que era tratada ou como questão de polícia ou como questão social, e tratar como uma questão técnica, científica, de saúde pública. A violência você pode medir,

mensurar, tratar as causas, propor soluções, tem toda uma equipe no mundo todo que estuda epidemiologia da violência, na OMS você tem um departamento todo: violência contra a mulher, no trânsito, armada... E o Arouca na Nicarágua, com toda aquela luta, ele estava lá pela OPAS, ele pegou isso e transformou num arcabouço teórico interessante.

Uma coisa importante também foi a tese do Arouca, que foi publicada pela FIOCRUZ. Essa tese foi também aparentemente um ponto de virada nessa área. Pra mim não foi tanto porque eu não entrava nessa área, mas todas as referências que eu ouvi foram da tremenda importância... O Arouca nunca foi um cara de publicar muito, acho que ele publicou a tese e nunca mais escreveu coisa nenhuma. Mas quando ele estava como pesquisador, o que ele publicou ficou – como essa tese.

***Depoimento de Célia Almeida
(Rio de Janeiro - 15.04.2005)***

LEGENDAS

E – Entrevistadores

C – Célia Almeida

() Silêncio do(s) participante(s)

{ } Interrupção na fala do participante para expor algo a mais

... Uma pausa para continuar a falar (pensamento para responder)

(...) palavra ou frase inaudível

[] Risos e falas simultâneas

Palavras em *itálico* – Narração de falas de outras pessoas pelo participante ou até mesmo fala do próprio participante em conversas com outras pessoas narradas por ele em sua fala

E: Eu acho que um aspecto interessante, Célia, do teu depoimento é que você foi aluna do Arouca, então eu acho que seria um depoimento interessante falar assim como era esse Arouca professor, essa relação de professor aluno, que eu acho que não teve ninguém que a gente entrevistou que...

E: Até agora não.

E: eu acho que seria um lado diferente, mas enfim, você também fique a vontade pra falar.

C: Vocês também vão me pedindo, o que vocês querem explorar.

E: O importante é que a gente não está endeusando e centrando no Arouca como uma coisa isolada; é ele no contexto sempre que é o que ele esteve, eu acho que ele trabalhou muito com a contemporaneidade dele, capacidade de mobilização, de fazer história, política e tal.

E: Eu acho que você poderia se apresentar, e depois a gente continua.

C: Eu sou a Célia Almeida, pesquisadora titular da Escola Nacional de Saúde Pública aqui dessa Fundação, e trabalho com a área de políticas de saúde e orientação de serviço de saúde e atualmente também eu estou assessorando a presidência da Fiocruz na área de pesquisa.

E: Você é médica, não é?

C: Sou médica, fiz, tenho especialização em Pediatria, fiz residência em Pediatria e depois eu fiz mestrado em medicina social na UERJ aqui no Rio de Janeiro quando eu me transferi aqui pro Rio de Janeiro e depois fiz doutorado em Saúde Pública na própria Escola Nacional de Saúde Pública. Na verdade eu tenho uma trajetória que mistura períodos trabalhando no Ministério, com serviços na área executiva e períodos na academia.

E: E você veio de Campinas, foi isso?

C: Na realidade eu sou de São Paulo, sou de Santos e fui fazer minha faculdade de medicina em Campinas.

E: E foi quando que você veio pro Rio?

C: Bom, foi depois de formada, na realidade um processo longo, eu me formei em Campinas, fiz residência médica em Campinas e depois me transferi pra Brasília (na verdade não por vontade própria, acompanhando marido que foi fazer residência em Brasília) e coincidiu também com o período de crise do projeto que vinha sendo desenvolvido na área de pública em Paulínia, etc, a também com a saída do Arouca e de várias outras pessoas que trabalhavam nesse projeto e foram pra Brasília, de Brasília...

E: Quer dizer, só pra pegar esse gancho, quer dizer, você chegou a trabalhar com Arouca em Paulínia nesse projeto?

C: Como residente, porque Paulínia era um Centro de Saúde vinculado à Faculdade de Ciências Médicas, na realidade Arouca foi meu professor na Faculdade de Medicina acho que desde o meu segundo ano da faculdade, desde o início; foi quando ele foi pra Campinas também praticamente recém formado, pouco tempo de formado e eu estava começando meu curso de medicina e ele foi ser professor do Departamento de Medicina Preventiva, naquela época a chefia era do Tobar e embora digamos que a linha do departamento era uma linha de saúde pública mais tradicional a chegada do Arouca e de alguns outros profissionais na verdade deu uma revitalizada nessa área, e posteriormente a vinculação, ou seja, incorporação na realidade foi um convite de (...) com o Centro de Saúde de Paulínia ampliou da parte da estratégia inclusive daquela época, inclusive já com o quarto movimento sanitário que não tinha ainda essa denominação e a cara, digamos assim, mas já era um pouco o percurso que caminhava por aí... nós como residentes, ou como, aliás eu comecei a trabalhar no Centro de Saúde de Paulínia antes até como (no meu 6º ano) como internato, porque naquela época você podia escolher no 6º ano se você já queria ir pra uma especialidade, ou se você queria fazer um percurso pelas clínicas básicas, enfim, naquela época existia essa alternativa, e eu nessa época não sabia o que queria fazer da minha vida como médica, resistia um pouco à especialização precoce então eu optei pelas clínicas básicas e quando eu estava na Pediatria eu optei também por trabalhar no Centro de Saúde de Paulínia, então eu trabalhei lá como estudante, estagiária e como residente, eu fiz dois anos de residência de Pediatria na própria Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

E: E como é que era o Arouca professor, como foi essa experiência aí?

C: O Arouca professor era uma pessoa muito interessante, ele na realidade desde que eu o conheci ele era uma pessoa sempre que se colocava e se destacava aonde ele chegava, talvez por uma... não por uma atitude... como eu diria, prepotente de chegar aparecendo, ao contrário, ele era uma pessoa muito doce, mas ele tinha uma forma de conduzir as discussões em classe, aliás era uma característica dele, ele conseguia tratar de questões bastante complexas de uma forma muito... eu diria simples, ele conseguia se fazer entender e a Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, ela tem uma história também de inovação em várias áreas do ensino, na época não era só a Saúde Pública que estava, ou a Medicina Preventiva que estava em discussão mas também em outras áreas como a própria Clínica Médica, eu acho que eu tenho sorte em de ter feito essa

faculdade, eu considero que apesar de eu ter passado pra saúde pública ou área de política, sei lá como chamar hoje, área de pesquisa, eu mantenho uma formação básica muito sólida e as aulas do Sérgio eram muito interessantes nesse sentido, eu me considero uma pessoa curiosa, uma pessoa interessada, então apesar de eu ter um vínculo muito forte com a clínica e com... digamos com as outras disciplinas, as outras matérias, eu ia bastante bem em todas elas, todas a problemática que a partir, não só do Sérgio, mas eu acho que a entrada dele no departamento introduz com mais força uma nova forma, uma forma diferente de ver a questão da Saúde Pública.

E: Por que ele trazia as questões que ele abordou na tese dele, Ciências Sociais...

C: Nessa época ele estava ainda começando doutorado se eu não me engano, ou por outra, eu acho que ele estava fazendo mestrado depois que ele foi fazer doutorado, na realidade quando ele estava fazendo a tese de (...) eu já estava do meio para o final do curso, mas eu acho que o que trás pra discussão de uma forma importante eram as questões sociais e políticas vinculadas a questão da Saúde, algo que eu não diria que era completamente novo no departamento, seria injusto até com o Sr. Tobar que era quem naquela época coordenava o departamento, mas eu diria que tem um olhar especificamente social e político pra questão da saúde que pra mim era bastante novo.

E: Isso a gente está falando do início de 70, ou antes?

C: Olha, eu entrei na faculdade em setenta... 68 exatamente, não em 67, exatamente um ano antes da confusão maior e sai, me formei em 72 mais dois anos de residência, 74, foi, eu sai de Campinas em 75, eu estou falando de 68, 69, 70, mais ou menos nesse período eu não sei te dizer exatamente, eu tenho impressão que foi em 68 que ele foi pra Campinas, eu não tenho essa data assim, mas em termos de memória pela conjuntura, pela...

E: Quer dizer, o Arouca foi assim um professor que te marcou, quer dizer que você o conheceu dando aula, como professor e aí te marcou essa proposta de medicina...

C: Marcou, e por outro lado também como ele era uma pessoa muito afável, eu também eu rapidamente desenvolvi uma relação muito próxima de amizade mesmo, não só com ele, mas com várias outras pessoas que trabalhavam, que eram do departamento (...), do departamento de medicina preventiva.

E: E quando é que você vem aqui para o Rio, pra trabalhar aqui na Fiocruz?

C: Pois é, foi um percurso mais longo, eu estou te falando que eu fui primeiro pra Brasília, acompanhando marido, não tinha trabalho, fiz uma passagem rápida pela UNB, como pediatra que não deu certo, que na época o chefe de departamento que era Márcio Lisboa que me havia convidado ele foi demitido sumariamente pelo reitor, então, ainda na época da ditadura, e eu acabei indo trabalhar no Ministério da Saúde por um acaso, um acaso do destino, na realidade meu marido estava fazendo residência no Sara Kubitschek, não o que vocês conhecem agora, mas o Sara Kubitschek inicial e fazia pediatria, e eu estava meio deprimida em Brasília porque eu havia deixado um percurso que eu tinha perspectiva de continuar na Universidade em Campinas, e fazer o 3º ano de residência, ficar por dentro da universidade, ou seja, nesse momento essa era um pouco o meu objetivo que eu deslumbrava pra mim e essa coisa da vida pessoal desviou

completamente e além do que meu marido ganhava um bolsa de residente que era ridícula, a gente não conseguia se manter, com isso, e eu conheci no Sara Kubitschek quando estava lá internado como paciente Eduardo Piertes, que foi uma pessoa importante também na reestruturação do IPEA, Secretaria de Planejamento na época, nessa época estava se reestruturando e revendo, o PRONAN – Programa Nacional de Educação e Nutrição, tinha alguns outros programas novos sendo elaborados, e estava se estabelecendo convênios de cooperação com o Ministério da Saúde, isso era 1975, quando nós já estávamos num período da distensão, então esses convênios de cooperação com o Ministério pra permitir, era uma forma de triangulação mas a idéia era contratar através desses convênios quadros novos, seja pra esses novos programas do próprio IPEA, seja pra área de saúde pública, então eu conheci o Eduardo porque na minha depressão eu ia acompanhar o meu marido nos plantões e ele dava plantão dia sim dia não no hospital e eu conheci o Eduardo ()
Foi ele que me falou que havia um concurso interno, na realidade...

E: Do Ministério?

C: Desse convênio IPEA/Ministério e a comissão era formada por pessoas do IPEA e Ministério e foi ele que me convenceu a apresentar o currículo, na minha cabeça não tinha nada a ver com Ministério, minha formação não era própria pra isso, minha experiência em saúde pública estava restrita ao Centro de Saúde de Paulínia mas concretamente ele me convenceu que valia a pena, e de fato eu fui à entrevista e na comissão estava uma pessoa, Antônio Carlos (...) que era do Ministério da Saúde na época coordenador da região Amazônica que se interessou pelo meu currículo e me chamou para uma segunda entrevista, aí no Ministério da Saúde, e na realidade foi até engraçado porque eu fui lá conversar com ele e ele me deu o Plano de Saúde da Amazônia pra dar uma olhada e voltar no dia seguinte, com apreciação, e eu até discuti um pouco com o Eduardo sobre disso, as minhas observações, e no dia seguinte quando eu voltei ele disse que eu estava contratada.

E: Aí você veio logo pra Fiocruz?

C: Não, depois eu trabalhei no Ministério durante todo o ano, comecei acho que em maio, no segundo semestre (...), depois eu fui trabalhar na Paraíba, também num programa... eu coordenava mas esse programa estava vinculado a Unidade Federal da Paraíba mas era um Programa que envolvia o Ministério da Saúde, (...) e a Paraíba.

E: E nesse período você de certa forma manteve o contato com Arouca?

C: Na formação de recursos humanos. Não, nós mantivemos contato o tempo inteiro, porque quando eu estava em Brasília, trabalhando na Secretaria Geral do Ministério da Saúde foi a época em que Arouca e outras pessoas tiveram que sair de lá, foi na época que o Secretário Geral era o Seixas, e várias pessoas foram trabalhar no Ministério inclusive Arouca, então esse tempo todo a gente estava em contato, principalmente por (...) nós já éramos amigos, então por um tempo ele esteve no Ministério da Saúde mas logo depois ele se transferiu para o Rio de Janeiro, por causa do (...) mas eu ainda fui pra Paraíba, mais antes de eu ir pra Paraíba eu havia me inscrito e sido aprovada pro mestrado na UFRJ, Instituto de Medicina Social...

E: Na UERJ?

C: Perdão, na UFRJ não, na UERJ, Instituto de Medicina Social, mas eu adiei isso por um ano, acho que foram dois anos quase, porque eu aceitei esse trabalho na Paraíba.

E: Naquela época podia (...).

C: Na realidade eu não era, na realidade eu nunca fui cargo do Ministério.

E: Não, eu digo se pode trancar o mestrado.

C: Era possível, naquele momento era.

E: Porque hoje em dia.

C: É, hoje não é mais, pois é, é verdade. Mas isso também me permitiu que esse Programa é um programa que trabalhou na área de (...) bastante interessante integrar várias Secretarias de outros Estados, entrar na linha da integração do Serviço Social.

E: Aí você foi se apaixonando pela saúde pública do país.

C: Não, aí eu já tinha mudado de especialidade, sem querer eu já mudado de especialidade, e no início do Ministério foi muito doloroso, muito difícil, seria mentira dizer que não doeu; realmente ficar sentado numa mesa envolvida com papéis era um desespero. Agora, por outro lado eu tive muita sorte, principalmente uma médica clínica, eu era uma médica, mas por um lado eu tive muita sorte porque por acaso e, aliás, é até interessante esse relato – depois vocês vêem o que querem aproveitar – porque eu conhecia nas minhas andanças na área de pediatria, nos Congressos de Médico-residência em torno da discussão da medicina social, já vinha envolvida com essa história, assim como eu conhecia o Antônio Márcio Lisboa que era o diretor (...) por esse recurso e quando eu fui pra Brasília que encontrei com ele, ele disse “venha pra cá, eu já havia lhe convidados algumas vezes”, eu disse não e tal, eu também havia conhecido o João Yunes nesse percurso e quando eu fui trabalhar no Ministério foi muito interessante que quando eu fui trabalhar na Embaixada tinha duas mesas, e ele disse: “você senta nessa mesa por esses tempos enquanto eu arrumo outro lugar porque eu tenho um colega de sala que está viajando e quando ele chegar a gente vê”.

E: Quem era o seu colega de sala?

C: Foi muito engraçado, um belo dia João Yunes aparece na porta e olha pra mim e fala: “oi, oi, tudo bem?” E eu viro pra ele e falo assim: “o que você está fazendo aqui?” E ele fala: “o que você está fazendo aí na minha mesa?”, então aí eu contei pra ele o que eu estava fazendo, ele falou: “que região Amazônica que nada, você vai vir trabalhar comigo!” (...) então foi todo um percurso que doloroso por um lado porque eu estava sendo forçada a deixar a área clínica mas profundamente seduzida por uma área nova que não conhecia e num momento político interessante então, e aí também as pessoas foram me puxando para coisas que me pareciam mais próximas, foi quando eu comecei aprender o que era planejamento de saúde, e isso foi importante na minha formação, antes de... na área de saúde pública completamente antes da teoria eu tive uma experiência prática, porque é um salto grande de um Centro de Saúde...

E: Célia, para a Fiocruz você veio...

C: Pra Fiocruz eu vim porque depois da Paraíba eu então tive uns meses em que eu fui passear na Europa, quis largar tudo e depois eu fui resgatada pelo pessoal – na realidade eu recebi um ultimato do pessoal – do IMS, “ou vem ou desiste” e eu vim, pra fazer, foi quando eu vim para o Rio de Janeiro e aí eu estava trabalhando também, fui incorporada como presidente da equipe de pesquisa, mas tudo muito precário, digamos, eu trabalhava um pouco com a (...) também, mas sempre projetos de coisas pontuais, nessa época também trabalhava como pesquisadora fazendo mestrado e ela saiu de pesquisadora, uma equipe de pesquisa que era coordenada pelo Ézio Cordeiro, várias pessoas mais saídas na casa há mais tempo, na mesma linha do projeto da (...) e aí o projeto da (...) fez um concurso interno mas que depois fosse muito segundo o (...) fiz concurso público e isso foi muito importante que nos permitiu depois validá-lo como no caso o concurso público e eu concorri há um dos lugares e fui aprovada, na verdade eu concorri a dois.

E: Aí fisicamente você volta a se ligar no (...) de onde parou.

C: Sim, a gente nunca se desligou pra dizer a verdade, mas aí institucionalmente nós passamos a trabalhar na mesma instituição apesar de que eu continuei na realidade, no início, na juventude foi de meio tempo, todo mundo disse que era uma bobagem, mas como eu tinha um compromisso com a UERJ eu não quis deixar o compromisso pra lá, foi uma segunda bobagem porque depois teve um concurso lá que (...) até o Arouca assumir.

E: Ah, é?

C: É, apesar de eu trabalhar, mas aí eu fiquei mais fisicamente (...) eu trabalhava aqui, trabalhava na (...) a partir daí a gente nunca mais deixou de trabalhar junto (...).

E: E aí desse percurso aqui na Fiocruz, no seu ponto de vista em que essa gestão do Arouca, por essa entrada dele como presidente, queria saber quantos anos que ele ficou aí na presidência, o que esse período, essa gestão do Arouca contribuiu pra todo esse projeto que você vem acompanhando desde lá de trás, da implantação, de uma nova visão dentro da Saúde Pública, da Medicina Social, como é que você vê?

C: Eu acho que essa inovação, essa mudança inovadora ela é anterior, ela é quando ele entra na (...) e obviamente sempre assim, eu acho que Arouca é uma liderança complicada, a capacidade dele com a política, de ouvir, de articular pessoas, (...) sempre foi uma marca, então eu acho que a entrada dele na Ensp em tudo que tem organizado, a partir do então foi visto, foi revistado, que foi mudado, foi muito importante pro processo brasileiro, eu diria que a Previdência (...) ela é consequência desse percurso anterior que obviamente aí já estava muito mais amplo, e já extrapolava muito antes do adicional, aquela coisa da articulação do movimento sanitário e movimento nacional, mas... aí você está perguntando mais do ponto de vista institucional.

E: É, eu estou perguntando o que essa gestão mudou...

C: Essa gestão na presidência?

E: É, na previdência, porque eu acho que antes na Ensp eu acho que é importante marcar isso, teve uma mudança fundamental, crucial na escola das nossas vidas, que a gente não teria conseguido... política, a política de colocar as agentes que eu digo movimentam. Colocar o Arouca na presidência da Fiocruz se nós não tivéssemos já a reestruturação que tivemos na Ensp, porque antes mesmo desse período enfrentamento da Ensp é um perigo talvez porque a única unidade da Prefeitura que freqüentava o tempo inteiro com a presidência, inclusive com vários eventos, por exemplo, de a presidência querer interferir na “geografia” dos cursos da Ensp, o próprio concurso do Arouca que deu entrada na Ensp foi um militar, uma coisa muito significativa esse processo, todo o enfrentamento com os antigos, alguns se incorporaram com movimento, outros se afastaram, isso foi algo fundamental, e do ponto de vista dessa conquista, eu acho que antes até da conquista teve a montagem institucional política do projeto, do projeto e da força política pra se conseguir se resgatar e por outro lado também as unidades da Fiocruz eram muito isoladas, por isso tenha perdido o seu lugar de importância e destaque na saúde brasileira e também internamente as unidades hoje também ainda se conversa um pouco menos do que desejaria, mas naquela época não existia sequer havia comunicação, eu durante muitos anos na (...) mas não tinha idéia.

E: Eu (...) nesse período prevaleceu a pavimentação do próprio (...) havia feito de pesquisa, ensino e tecnologia estava muito vago, e ele fala que a produção científica é tomada do ensino hoje.

C: Na Ensp isso começou a mudar, é uma das coisas importantes do processo da própria Ensp que vai permitir esse salto qualitativo pro exterior, que toda produção científica e do centro de pesquisa e de conhecimento que vai subsidiar o próprio projeto de reforma sanitária e a formação...

Fita 1 – Lado B

E: Célia, então nessa época que você está falando da gestação (...) na verdade existia vamos dizer assim um tripé; o movimento do PCB em si, desse grupo da saúde, tinha a questão do CEBES que era outro espaço e o trabalho institucional, você tinha...

C: Eu vejo a coisa de outra forma, de uma forma um pouco mais global, na realidade você já tinha nessa época bastante estruturado no meio (...) um movimento dos profissionais de saúde, alguns dos quais eram vinculados a (...) de informações político partidárias, o mundo não era um só, no terceiro campeonato nós já tínhamos realmente alianças muito variadas, e isso foi o impossível que permitiu força política e o (...) na verdade foram construções que foram criadas em função desse critério, é como parte eu diria que a institucionalização foram às âncoras do próprio governo.

E: O que você acha que explica assim pra existir esse momento?

C: Esse momento eu acho que...

E: Tem a ver com a própria (...) da saúde.

C: Eu acho que tem a ver, ele tem um vínculo muito forte com o (...) coisas que ficaram (...) também tem a ver com o próprio processo de transição política brasileira e de toda uma oposição muito clara ao modelo de assistência à saúde (...); privatizador, vitalício,

etc., etc., então tem essa marca de uma forma... e portanto ele foi um movimento essencialmente militante e pra construir força política, pra construir um projeto alternativo ele fez uma produção de conhecimento boa, que a idéia da construção (...) do coletivo e toda a produção assim tipo que vem de crítica; a modelo que (...) no Brasil (...) isso não é novo momento que ela tinha, (...) mas profissionais de saúde no México que fiz amizade e fizeram um movimento nas perspectivas de interferir de forma esquisita na mudança qualitativa importante na área de saúde, a diferença dos brasileiros é que eles partiam de (...) diante da nossa atitude.

E: O que marca de forma muito... esse confronto?

C: A diferença entre os dois movimentos é isso que a gente trabalha, (...) é exatamente que dois grupos de profissionais partem de premissas, políticas ideológicas e concepções completamente polares, ou eu diria localizado pra esquerda de porte viés socialista, etc, e o lado de cá num âmbito de uma concepção mais liberal em saúde, e isso é muito interessante porque isso vai condicionar não só a própria proposta de forma que (...) então eu vejo isso como um processo histórico bastante amplo, e tem a ver com a dinâmica específica de cada país e mais tarde (...).

E: Quer dizer, a luta da saúde se confundia também com a luta contra a ditadura, também tem esse aspecto, né?

C: Ela tinha essa marca muito forte, era quase que a luta setorial, a contribuição setorial contra a (...).

E: Agora talvez o grupo da saúde tenha tido essa capacidade de se organizar de uma forma qualitativamente diferente de outros grupos profissionais que também estavam ou outros grupos que estavam gritando...

E: Mas tem a ver com o que a senhora fez em casa ontem. Pode-se construir um projeto de formação real, e pouco movimento (...) na verdade ficou muito na questão teórica, conceitual, que por uma questão de descuido, ganho desse momento se tudo é um projeto de transformação...

E: É, de intervenção na realidade.

C: É, eu tenho uma visão um pouco diferente, eu acho que aqui sim teve uma importância fundamental a oposição de estatura e mais do que tudo o processo de transição, porque essa oposição já vinha desde meados de 70 e na realidade o que vai possibilitar a viabilização do projeto da senadora a Nova República, é o processo que vem sendo construído num período de abertura e tal, mas o que viabiliza concretamente é a condição política da transição. Agora, eu diria que os processos de reforma latino-americana, eles tem outra forma, eles estão muito mais (...) a maioria dos outros países, eles são médicos, eu estou falando mais é uma característica completamente diferente, porque eles (...), mas o processo de reforma setorial na maioria dos países da América Latina está vinculado diretamente ao processo de ajuste e isso são os mais tardios, com exceção do Chile que tem uma vanguarda e por conta da própria ditadura.

E: Mas de qualquer modo você acha que todos os grupo que se uniram contra a ditadura, não sei se eram todos esses grupos que tinham um projeto como esse projeto que vai sendo concluído de uma reforma sanitária, quer dizer partido sanitário.

C: No Brasil o movimento da saúde, dessa mudança na saúde tem esse vínculo muito forte, uma oposição de ditadura que vai marcar inclusive a própria trajetória.

E: Que é um marco muito grande, porque nenhum outro setor fez isso, quer dizer, setor da Educação muito (...), eu tenho medo inclusive de (...).

C: Eu diria, por exemplo, movimento feminista é um movimento pela trajetória paralela importante, e vai se juntar, vai ter um ponto de contato com o movimento sanitário em momentos cruciais, mas é uma trajetória também muito interessante que está estritamente veiculada segundo não é lutando pelas suas áreas específicas (...) e também veiculada à atenção.

E: Mas você tem muitos movimentos como o Guilherme está colocando, quer dizer, movimento da legião da educação que quando consegue a queda da ditadura esses movimentos se dispersam, ou se fragmentam, se estilhaçam, e o que me chama atenção nesse (...) como acha que após a ditadura ele consegue firmar dando um projeto que é congregador, que é agregador, novo e que vai redimensionando essas lutas que eram lutas essencialmente políticas mais amplas, por lutas assim até específicas, de mudanças específicas, mas que conseguem afirmar para novos patamares dentro da...

E: Tem sim uma ligação completa, eu sou contemporâneo desse processo desde a faculdade, e até hoje não teve um dia que não teve um aborto, não tinha (...) era cesárea, organizar as senhas, enfim, fazer grupos específicos, é muito realizador em tudo, e também tem uma coisa que eu acho que devem sim, questões concretas como o (...) comentou hoje pela manhã, quando... da AIDS, “como pega?” e entra pelo corredor “esse expande”, esse tem uma capacidade de resposta enorme, o fenômeno da AIDS de alguma forma ele é um pouco...

C: Pois é, mas aí é o outro exemplo que eu ia dar, além do movimento da AIDS é um pouco posterior, mas ele também tem um pouco essa característica (...) por um lado ele luta pela questão de direitos e por mudanças institucionais específicas, na área da função, agora eu vejo um pouco diferente essas trajetórias ao longo do tempo, pegando esses três movimentos, por exemplo, porque se você vai tratar também de aprofundar e estudar um pouquinho insistentemente, fazendo uma discussão sobre os informes da saúde social naquele tipo, então você vê que, por exemplo, eu acho que vocês têm sem sombra de dúvida a área de saúde dentro da área de política social foi a que mais avançou, e de fato se constituiu, se conseguiu construir um processo de reforma, de mudança e numa política de Estado, ainda que eu ache importante fazer ressalva embora seja uma política de Estado sempre tem Estados submetidos a sua implementação (...) e isso não é algo menor, ao contrário, tem sido algo muito importante e que tem contado obstáculos formidáveis para a implementação do sistema de saúde tal como tem saído. Agora, eu vejo uma diferença de forma diferente eu diria que o movimento sanitário desarticulou, ele montou as alianças, ele fez alianças partidárias no início da eleição de Arouca (...) projetos estratégicos essa coisa da (...) partidária é uma versão dele muito (...) mais eu diria que nos anos 90, talvez porque os profissionais vinculados mais diretamente ao movimento sanitário passaram pra cargos do governo e apesar deles

continuar muito ativos e diversificar em diversos tipos de atividades, que aí eu diria de (...) toda a alteração do poder público (...) tá bom, isso não ocorreu com o movimento das mulheres nem com o grupo GLS, ao contrário, aí juntou mulheres, gays, lésbicas, GLS e etc, e eu acho que não só, eles mantiveram alguma estratégia coisa que por um lado luta pelos direitos, mas também a luta pela intervenção, a intervenção concreta, e isso eu acho que permitiu um fortalecimento maior dessas duas áreas dentro do próprio SUS, agora num primeiro momento acabou-se o institucional do curso, esses programas não entraram, não foram reestruturados na estrutura do SUS, eles continuaram com o programa vertical, e, aliás, continuam até hoje. Só que houve todo um processo e com ganhos até, eu diria, mais positivos, ainda que em áreas específicas, tanto na área de saúde da mulher como na área de AIDS, e aí a gente conhece, vocês conhecem também até a presidente do SEMEG...

E: E de qualquer forma eu acho que, vamos dizer com um processo em modelo de ser retratado na concepção que foi apresentado, eu me lembro que eu estava no Estado do Rio, me lembro que foi no final do ano no começo de novembro, e o espaço, por exemplo, que o programa estava montado foi criado para a sociedade falar era o único grupo que entrava e saía do gabinete do Secretário (...) e não tinha jeito, tinha que receber.

C: Isso mesmo, você está confirmando o que eu estou falando, quer dizer, você está identificando o que eu estou comentando, o mesmo aconteceu com o movimento de mulheres que continuava extremamente ativo; são parlamentos, criam comissões, introduzindo revitalizaram as comissões específicas dentro do Conselho Nacional de Saúde, ou seja, eles se mantiveram e eu sinto que em certa medida o movimento sanitário não tem juízo, tem um certo recurso; tanto é que de final dos anos 90 pra cá tem todo um esforço pras nossas representativas (...) no sentido de retomar essa discussão.

E: Aí eu acho também Célia que tem a ver isso com a crítica que (...) que é a questão de que o SUS está com um modelo precisa pensar (...).

C: Olha só, eu te digo... eu não acho ainda que o SUS encontre um modelo (...) na realidade qualquer proposta de política de reforma ela é idealizada, ela é formulada mas quando ela sai do papel e vai pra implementação ela vai sofrer modificações, principalmente porque você vai mexer com *status quo*, você vai mexer com atores constitucionalizados, consolidados, e isso não é um processo, isso quer dizer que requer acompanhamento, avaliações são necessárias e permanentes, agora, o que eu quero dizer é que eu acho importante enfatizar nesse processo que no caso da implementação de Furnas a gente teve obstáculos de governo, que tem a ver com atores, por isso que eu passo essa diferenciação um mero caso da política de estado mas a implementação dela tem estado de forma importante surpreendido as políticas de governo. E com obstáculos enormes, seja ele do próprio financiamento, seja em nível de implementação do próprio modelo. À parte os diferentes projetos de luta o tempo inteiro de cunho do correio institucional da própria implementação, então eu não diria que o modelo em si tem que ser repensado, têm que ser repensados os mecanismos de implementação dele, isso sim, tem que ser repensado a questão do financiamento é um problema de encaminhamento, tem que afetar os mecanismos do incentivo, tem que pensar a própria estruturação, qual é o eixo...

E: Agora, tem um ponto assim que eu você estava conversando aí sobre Arouca, a gente tem visto uma recorrência nesse depoimento é que o Arouca tinha muito essa preocupação com o social, quer dizer, com passar as propostas do movimento social, pra incorporar, incluir, na idéia da 8ª conferência foi isso, vamos discutir com os usuários, vamos fazer, ontem tinha alguém que eu já não me lembro mais que estava colocando que “é preciso que o cidadão saiba que é um absurdo ele não ter atendimento, isso ele tem que chegar e reclamar, reivindicar, que não é só chegar e não tem e ficar passivo”, então eu acho que essa consciência, quer dizer, que a população passa a ter a partir de uma movimentação, de um debate, de um esclarecimento, quer dizer, eu acho que a gente passa isso se tratando de Brasil você tem uma sociedade que sempre se acostumou muito, a população se acostumou com aquele estado que ou dá tudo ou tira tudo, mas assim que é uma coisa inacessível, “ah, o Estado fez ou não fez, atendeu ou não atendeu”, então esse fortalecimento da sociedade civil, desses movimentos, essa capacidade de reivindicar, ir lá, brigar, de fazer, sei lá, talvez a sua fala esteja provocando um pouco nesse sentido, eu que está me fazendo pensar um pouco nessa direção, será que... quer dizer, não é uma coisa tanto a nível do Estado, a nível do governo mas a nível da sociedade civil de deter capacidade também de interferir nesse processo, de...

C: Na verdade você está colocando uma coisa crucial, que ela está na origem do movimento sanitário, na própria formulação do conselho de saúde preventiva que procurava não só uma visão política e social da saúde, mas também a questão da consciência sanitária de como parte desse processo e obviamente o vínculo com a sociedade civil não é só arrumação ambiental, manipuladora, ao contrário, a conservação da força política vem de uma defesa que não está restrita aos profissionais (...) do Brasil, isso inclusive se traduziu numa própria divisão dentro do próprio governo sanitário, onde havia grupos que defendiam mais a ocupação, o (...) de status que vem trabalhando nessa área (...) e outros que defendiam que esse percurso era melhor através de (...) na realidade eu acho que são estratégias que são complementares, eu acho que a grande contribuição que o Arouca que fez exposição política desse processo é que não era só uma valorização do sistema, ele conseguia ver com muita clareza que essas duas estratégias eram importantes e complementares, coisa que não era muito clara nos grupos que defendiam uma ou outra estratégia, e isso se traduziu também de forma muito clara marcando um pouco o processo institucional na própria condição da fundação (...) e toda mudança pela democratização do processo interno decisório de montar (...) toda a reestruturação institucional também foi feita nessa perspectiva. Você não consegue mudanças substantivas na sociedade e tudo numa área tão carente como a área social se você não tem um apoio, se você não constrói com outra política de controle, agora eu diria que isso que foi digamos bastante mobilizador (...) agora eu diria que na realidade o compromisso da sociedade civil (...) dos usuários, cidadãos, são as pessoas pelas quais o movimento falava, pelas quais o movimento lutou; eles de fato nunca foram claros, eu acho, é que essas pessoas viam nesse sistema (...) e isso cada vez mais eu acho que é mais complicado, então isso é algo que era alvo de discussão antes e depois, como fazemos para que as pessoas, a população defenda os seus direitos, e aí tem uma outra e aí eu estou trabalhando com essas duas junções que são complementares elas são indissociáveis porque por outro lado o direito à saúde é de salvar e de se materializar pro indivíduo, para o cidadão a hora que ele precisa do serviço de saúde, não adianta você ficar discutindo, discursando: “ah, é hospital docente que é voltado á assistência médica”, claro, tudo isso é muito importante, agora, se você não viabiliza, se não tem conflito, se isso não se materializa no cotidiano de vida das

pessoas, essas pessoas não vão apoiar, entendeu e essa é uma questão permanente, como fazer que a população apóie? E só terminando, eu acho que esse processo também que tem haver com essa substituição que passa (...) e a forma de implementação política, tem haver com o processo como o SUS foi implementado, onde a atualidade sim foi institucionalizada, e hoje em dia os próprios atores como nós – eu me polio o tempo inteiro – principalmente porque eu não (...) único pra mim é tudo está aí incorporando, é um sistema misto sim, mas articulado, integrado, etc, mas hoje colegas meus o tempo inteiro, o Secretário do SUS é o (...) ou então aqueles financiados do resto privado, essa autoridade está incorporada no próprio discurso dos profissionais, inclusive da vigilância sanitária, imagine da população que é obrigada no cotidiano a enfrentar essa dificuldade, então por isso que eu digo que nesse caso eu estou em dúvida, eu acho que a questão do modelo é fundamental, que a gente observa na América Latina é que os modelos de reforma foram profundamente segmentadores, e eu acho até que mais se introduziram segmentações mais perversas ainda em segmentações de teses existentes. Eu não diria que isso acontece (...) continuando sim com segmentações, mas eu diria que são segmentações totalmente diferentes, nosso temos hoje porque nós tínhamos (...), nós tínhamos ganhado poder do INAMPS, então o modelo é fundamental agora é preciso, o modelo só não basta. A implementação desse modelo, a forma como ele é implementado, é fundamental.

E: Seria uma última questão mais ligada assim... já que você foi chegando pro contemporâneo, que é: o Arouca no final da vida dele ele deu uma entrevista no Pasquim (não sei se você lembra dessa entrevista) que ele fala, foi uma entrevista muito emblemática, me parece assim que ele fala umas coisas assim, joga pro futuro, eu acho que ele já estava doente e tal, então ele joga umas questões e ele comenta que era preciso fazer reforma da reforma, e o (...) me chamou muito atenção, é assim: “bem, nós queríamos a universalização dos direitos, mas até que ponto a gente também caiu no problema que é de medicalização da vida, que dizer, de você aumentar, ampliar essa medicalização da vida e aí você continua na questão da doença e não da saúde”, então não sei, você poderia comentar um pouco...

C: Eu acho que essa é uma questão social, porque por outro lado não é porque há casos de sistemas no serviço de saúde se organizem contra a (...) médica como nós os conhecemos hoje basicamente não serve pra passar, então a assistência médica foi sim um eixo estruturante do sistema de saúde no centro do (...) e, aliás, eu acho que é inclusive o principal problema que vai facilitar com a crise do meado de 70 e depois toda a discussão critica mais geral do (...) com o diagnóstico que eu fiz, que vai comentar as reformas, subsidiar os processos da mesma forma a partir dos anos 90 está baseado num diagnóstico que eu acho que é correto de identificação de vários problemas existentes no sistema de saúde condicionado por esse eixo estruturante, então eu não tenho dúvida que de fato é preciso mudar isso, agora como fazê-lo é que é uma grande discussão, permanente e cada vez mais na área de saúde preventiva (...) como você quiser chamar, e que também nos modelos de reformas neoconservadoras, como chamam, ou contemporânea, porque eles são oriundos dessa agenda mais recente, não só, eles são conservadores não só porque tem uma referência neoliberal, eles são conservadores porque eles mantêm (...) e pior ainda, que são da promoção de prevenção, e das doenças... da saúde pública que foi mais negligenciada além do que, que se discute cada vez mais também assistência médica que ela é cara, (...) vem sendo colocada cada vez mais e faz parte desse processo como fora da cesta de benefícios sociais, da rede de benefícios sociais da política social, aonde eu incluo a política de saúde e restaria como

bem público as medidas de prevenção, quer dizer, essa divisão é acentuada inclusive nos processos mais contemporâneos de (...) então isso não só é uma questão fundamental como é fundamental também como que você enfrenta isso num processo de mudanças de eixos estruturais do sistema, isso é assim, que por outro lado não dá pra você dizer: “não, a função básica era resolver (...)”, isso não é verdade, muitas vezes hoje em dia você não prescinde, ao contrário, você não prescinde da tecnologia, pouco inclusive pra uma boa prevenção, uma boa atenção básica, o que você sim pode fazer é diminuir muito, e criar de uma forma importante o que você manda para as tecnologias mais caras, isso sim, mas você tem que estruturar um nível básico que realmente permita essa mudança de paradigmas, e aí é uma mudança muito mais complexa que pressupõe mudanças de práticas, processos de trabalho no serviço, formação básica dos profissionais, não adianta só a conjugação, então na realidade e a construção da consciência sanitária no profissional e eu acho que a gente conseguiu construir uma consciência sanitária nova nos profissionais durante o processo (...) de reforma e tal, hoje em dia eu tenho as minhas dúvidas, apesar da gente continuar muito ativamente trabalhando nessa área, e por outro lado a consciência social sanitária na população hoje em dia ela é muito mais complexa, você tem uma mídia massacrante.

E: A indústria farmacêutica...

E: E não pode deixar de estar entrando no (...).

C: São diversas dimensões, quer dizer, o Sérgio tem razão, a reforma da reforma no meu ver, e acho que isso como eu entendi até o fim da vida não pressupõe um questionamento (...), mas pressupõe um questionamento nessa linha, quer dizer, da forma como ele vem sendo creditado, e quais são os eixos estruturantes... mais do que é que está estruturando e direcionando uma reforma, quer dizer, eu acho que (...) conjunturas e tal e os diversos atores fundamentais desse processo...

Depoimento de Mário Hamilton (Rio de Janeiro - 15.04.2005)

Vídeo 1

Mário: Eu quando cheguei aqui trabalhei primeiro em... Eu vim no ano de 75, fazer uma consultoria para a OPAS, que foi onde começou minha grande relação com o Arouca. Estava preparando minha saída da Argentina por razões políticas, a crônica do golpe anunciado estava marcada no fim de 75. Vim aqui, para sair em 76, e de fato saí da Argentina em 76 e voltei para o Brasil. João Yunnes, que era secretário de Paulo Almeida Machado, estava em Buenos Aires, que era amigo pessoal, falou: “Mário, com um golpe você está fodido! Eu te consigo uma consultoria, venha para o Brasil.” Então eu vim para o Brasil. Arouca também estava “exilado” em Campinas, a repressão foi apanhar ele em Campinas e ele foi para Brasília, trabalhar no PEPPE, um projeto de Carlyle, da OPAS. Assim começou nossa relação com Arouca. Depois desse período de quase três meses, dois estranhos exilados morando em Brasília... Tínhamos uma razão pessoal muito forte: estávamos no exílio, sem família, um exílio interno e um exílio externo que não chegava a ser exílio ainda, mas era quase premonitório... Então começamos a bater papo, a nos encontrarmos. E o mais divertido da história, era um lugar onde se juntavam prostitutas, Estalão (?), uma churrascaria perto de vários hotéis. Então quase todas as noites íamos ali comer alguma coisa e bater papo. Esses papos passavam por (eu era peronista) peronismo, populismo, marxismo, toda a discussão política atual, depois teoria, ideologia e prática da saúde pública – e a respeito da vida pessoal. Arouca ria, porque chegávamos, estava cheio de prostitutas, nós sentávamos num cantinho e começávamos a beber cerveja, comer lingüicinha, uma pizza horrenda, e batíamos papo horas e horas e horas, e altas horas da manhã saíamos andando, pegávamos um táxi e íamos dormir. Na quarta ou quinta vez, o Arouca diz: “Mário, a prostituta está falando, ‘aí vem o careca cabeludo com o gringo louro, as duas bichinhas...’” [risos] Porque não passávamos bola para nenhuma das prostitutas, sentávamos, discutíamos, horas e horas e horas. Aí eu fui para a Argentina, voltei para o Brasil, e fui trabalhar em Montes Claros, com o Chicão. Montes Claros era um projeto que estava parado há alguns anos, tinha um grupo jovem bem politizado, mas com pouca capacidade técnica de operar, um pouco confuso com o volume grande de operação. Em três meses montamos o projeto em Montes Claros. Meu papel qual foi? Tinha uma grande experiência de programação e planejamento, sabia fazer a relação entre a concepção política e a prática, e o que se deve levar para a prática. Aí teve um seminário em Belo Horizonte dois meses depois de eu chegar em Montes Claros...

Guilherme: Isso você está falando de que ano, Mário?

Mário: Ano 76. Aí Arouca vai a esse seminário, e se apresenta em Montes Claros. Voltamos a retomar a parceria com Arouca. Eu estava indicado para ser consultor da OPAS, tinha um carimbo no passaporte de que era funcionário, para não estar renovando meu passaporte a cada três meses de estadia no Brasil. Mas o governo argentino, apesar de eu estar aqui, não estar trabalhando no governo, recusou a minha contratação no Brasil. Fiquei sem emprego!

Guilherme: Você não pôde ser contratado pela OPAS?

Mário: Não pude ser contratado pela OPAS porque fez uma tratção política para não contratar o Dr. Mário Hamílton. Tinha um diretor, um mexicano conservador, de direita, e me recusaram o contrato. Atrapalharam muito a minha vida. Retornando a Montes Claros... Existiam projetos no Brasil de participação popular, de unir atenção médica à saúde coletiva, Montes Claros tinha essa perspectiva.

Guilherme: Montes Claros foi com o PIAS?

Mário: Montes Claros foi antes, foi com um antecessor do PIAS. Isso dava uma grande crise com o ministro. Eu morava em Brasília na casa do João Yunnes (uma *hermosa* figura, secretário de Paulo de Almeida Machado), estávamos questionando, porque ele queria fazer no PIAS a interiorização de epidemiologia e prevenção. E eu falava que não podia ser epidemiologia e prevenção, e sim o conjunto da atenção à saúde, com informação e participação. Então Montes Claros gerou e se impôs, apesar das críticas do próprio governo, fazendo uma coisa que depois Arouca (entrando na cabeça de Arouca)... Montes Claros era um projeto de planejamento familiar, e nós mudamos o projeto, com verba da USAID, dos EUA, o transformamos num projeto de atenção à saúde, expansão da atenção primária. Aí recomeça minha parceria com Arouca. Posso começar a ficar contando histórias, porque tem a ver com um companheiro de vinte e cinco anos. Quero *intentar*, nas histórias que eu conto, ver a cabeça de Arouca, essa grande capacidade teórica que tinha Arouca de *conceptualizar*. Não só do ponto de vista teórico, conceitualização pura, mas no sentido de ver práticas, práticas que pareciam de pouca importância, mas dessas práticas desenvolver teoria e *conceptualizar* algum projeto diferente, alguma novidade a partir de uma prática que ninguém notava como importante. Essa era a cabeça de Arouca – a capacidade que ele tinha de examinar uma coisa pontual e a partir disso gerar uma questão política mais geral, e uma questão pontual mais geral. Me lembro que Mário Testa, uma grande figura argentina, latino-americana, da teoria da saúde pública, dizia: “como eu queria ter a cabeça desse cara, que vê uma coisa pontual e consegue pensar o conjunto!” Isso era uma grande coisa de Arouca! A segunda coisa era a capacidade de liderança de Arouca, muito particular pela própria capacidade que ele tinha... E que tinha uma capacidade também de agitação e propaganda impressionante. Ele dizia: “meu lugar dentro do Partidão é de agitação e propaganda, em outro lugar é de estudo, no Partidão eu faço agitação e propaganda.” Tinha uma capacidade de expressão, uma veemência, em termos pessoais o que chamava atenção era a paixão: sem tesão e sem paixão não acontece nada. Tesão, naquela época (76) estava em moda “tesão”.

Regina: Sem tesão não há solução.” Roberto Freire...

Mário: “Sem tesão não tem solução”, exatamente. O “tesão” era a palavra de Arouca. Outra coisa era a característica afetiva, o prazer da vida, o prazer da comida, de curtir os amigos, *el afecto*. Uma outra coisa da liderança dele era... Arouca não era um cara das ações repetitivas e burocráticas. A gestão dele na Fundação Oswaldo Cruz era “criar e ousar”, “vamos ser criativos e ousados”, tinha que mudar.

Regina: Na entrevista do *Pasquim*, uma das últimas dele, ele disse que “tem que alucinar”.

Mário: Alucinar. Ousar e alucinar. Alucinar era um pouco mais enlouquecido, o Arouca dos últimos anos. Unida outra coisa à relação afetiva, que era o humor. Ele não podia

trabalhar com gente que não tivesse humor, que não quisesse gozar da vida, ter prazeres. A relação com Arouca passa por essas três facetas. Mas por que então essa parceria nossa passa por uma coisa como Batman e Robin? Porque tinha essa capacidade de pensar, a partir da teorização, como se passar à prática concreta, com os espaços possíveis de execução. Vamos dizer, era um complemento: a capacidade teórica de Arouca, e a minha capacidade de juntar teoria e prática. Eu aprendi com Arouca teoria... Quase que me formei teoricamente com Arouca, eu tinha tido uma formação teórico-prática, digamos, da vida real. E Arouca aprendeu alguma coisa também da prática, da relação com *la* prática. Essa parceria durou vinte e cinco anos. Trabalhamos juntos em Montes Claros, era um projeto, digamos, de esquerda da saúde pública. Chegavam estudantes de outras partes do país pensando que nós estaríamos agitando bandeiras vermelhas e gritando “*revolución* ou morte!” E era um projeto que fazia burocratizar, dentro dos espaços possíveis de atuação do país, e dependia da “democratização” de Geisel. Mas Arouca tinha a capacidade de agitação e propaganda. Chegava em reuniões de estudantes, de residentes, ele agitava o projeto, os estudantes pensavam que o projeto era realidade de transformação revolucionária. Outra era juntar Montes Claros com Márcio de Almeida em Londrina, e com Mário del Pozo em Niterói. Era juntar, ampliar espaços, para que isso tomasse uma dimensão nacional.

Regina: Ontem a Sônia Fleury estava comentando que muito antes de se começar a se falar em “rede”, “trabalhar em rede”, o Arouca já trabalhava em rede, já tinha essa noção...

Mário: Essa noção de ir montando coisas que, a partir de uma coisa localizada, ele imediatamente pensava como expandir fazendo valer a pena, como transformá-la numa coisa que fosse uma agitação nacional, ou para conseguir consenso nacional. Aí a partir dessa experiência... Eu trabalhava no PAPES, tinha tempo *libre*, era um projeto de contemplar Montes Claros, e tinha uma grande relação de trabalho com ele que estava no PESES no Rio. Trabalhamos juntos em muitas coisas. E uma faceta também de Arouca, com a repressão na Argentina, é que a gente devia montar um mecanismo de solidariedade com os exilados, um esquema de solidariedade, 10% do salário, até conseguir um emprego. Não existia emprego, não existia atendimento médico, não existia Nações Unidas aqui, o Cáritas Internacional tinha poucas possibilidades. O papel de Arouca era conseguir emprego em Campinas, Ribeirão Preto, São Paulo... Ligava: “Arouca, chegou um médico, onde entra?” “Em tal lugar.” E outra pessoa de grande solidariedade (as pessoas se esquecem dessas histórias) era Nina Pereira Nunes, do Instituto de Medicina Social, uma figura sensacional que também atuou no apoio aos exilados, estamos aí entre 76 e 79. Arouca dizia: “Nina erra administrativamente, mas politicamente não se equivoca nunca.” Todo meu contato de conseguir empregos era Nina Pereira Nunes por aqui e Arouca por lá.

Guilherme: Uma curiosidade: você depois conseguiu nacionalidade brasileira, em termos concretos...

Mário: Em termos concretos: minha residência eu consegui no ano de 76, início de 77. Eu contei que o governo argentino se opôs, então eu fui trabalhar em Montes Claros. Em maio de 76 teve uma reunião na OMS, mais uma Assembléia Mundial, vai o ministro Paulo de Almeida Machado, o Seixas não vai, vai o Juarez que era secretário de epidemiologia em São Paulo, que morreu...

Guilherme: O Juarez que depois foi presidente da FUNASA...

Mário: Exatamente. O Juarez volta de Genebra, da reunião da OMS, e fala para Seixas que a delegação argentina tinha ido falar com ele como representante da delegação brasileira, que tinha um cara que era marxista, guevarista, que estava trabalhando em Montes Claros – que era... eu. Disse: “Seixas, faz uma coisa”, ligaram pra minha mulher, que estava morando na casa de João Yunnes, no apartamento funcional dele: “onde está Mário?” “Mário está em Montes Claros.” “Quando chega?” “Vem passar o final de semana aqui.” “Que não viaje segunda-feira e venha me ver aqui no Ministério.” Me disse: “Mário, você tem que pegar residência no Brasil.” “Não, a ditadura vai demorar pouco, e tal...” Essa coisa que a gente tem na cabeça, de fantasias, que era uma coisa passageira. Ele insiste: “Mário, te consigo a residência.” Começam os trâmites da residência em Brasília, e o simpático é que eles mandam uma carta do Ministério do Interior, cujo ministro era um dos “falcões” do Governo Geisel, e um dos secretários dele (eu não me esqueço nunca) se chamava Cabral. Veio o pedido meu, elogiando minhas atividades no Ministério da Saúde, e vinha uma ficha de Cabral dizendo “trâmite urgente, prioridade”. Consegui a residência em sete meses, sem despachante nem nada, só porque me fizeram o favor de me fazer uma denúncia contra mim que teve um efeito bumerangue: em lugar de demitir-me, me conseguiram a residência...

Guilherme: Em plena ditadura... [risos]

Mário: Em plena ditadura. Existiam essas contradições. Arouca estava no PESES aqui, eu estava no PAPES em Brasília, Chicão estava em Montes Claros. A partir disso, numa segunda fase, Arouca na ENSP, no PESES/PEPPE, eu em Montes Claros, não fica mais uma relação menos pessoal, cotidiana. Quando eu entro no PESES em 78, o PESES passa em 79, todo funcionário passa a integrar a Escola de Saúde Pública, aí entramos com Arouca no Departamento de Planejamento. Aí passamos a compartilhar de fato a mesma sala, e durante uns seis ou sete anos ficamos juntos aí. O que aconteceu com a entrada da equipe de Arouca do PESES na Escola? A Escola de Saúde Pública era uma escola das práticas, uma escola da Fundação SESP (Serviços Especiais de Saúde Pública, que tinha um centro do interior do país), e a prática era de lecionar enfermagem, vacinas, mais atenção primária que qualquer outra coisa, eram as práticas, digamos, mais elementares. A chegada de Arouca gerou um movimento na ENSP, que passa a ter uma face ideológico-política, vai caindo o setor da prática e vai entrando mais o componente ideológico-político. E o instrumento foi a criação do curso de Planejamento, que eu coordenava, e lecionavam Arouca e (?). Montamos um curso, e os primeiros que entraram foram Ary, (?) Werneck, Pedro Barbosa, eram caras ligados ao PC, que buscavam uma formação político-técnica no campo da saúde. Isso que eu estava falando da capacidade de Arouca, nesse curso...

Vídeo 2

Mário: Estávamos falando dessa capacidade de Arouca de teoria, e de pensar a prática como uma coisa mais geral, como era o caso de Montes Claros, e de transformar em progressista um projeto quando sua lógica era conservadora, no espaço institucional. A ENSP também era um espaço institucional, transformar não no braço institucional de um partido político ou de um movimento popular, mas ocupar um espaço institucional, apontando para a democracia e a forma diferente de pensar as instituições públicas. A

escola de prática foi se transformando em ideológico-política. Começamos a criar instrumentos de planejamento, começamos a formar gente, o pessoal técnico interno. Começamos a criar hegemonia do grupo novo, Arouca naturalmente chefe de Departamento dois anos depois. Então iniciou-se um movimento, estávamos isolados na ENSP em relação ao restante da organização. Naquela época estavam criando as ANDES nas universidades. A Anamaria (que era mulher de Arouca naquela época) estava trabalhando na universidade, e falou: “por que vocês não fazem...” Arouca imediatamente pegou a idéia, e começamos a visitar os outros institutos, que nunca tinham sido visitado antes, eram espaços totalmente alheios, começamos a visitar para formar associações de profissionais – de pesquisadores e docentes. Por razões, digamos, a Escola era muito visada por motivos ideológicos e políticos, demos a Morel (que também tinha uma história progressista em Brasília) a presidência dessa associação, da qual eu era secretário-geral. Então montamos essa associação, que não teve nem muita vida nem muito peso. Mas geramos um movimento interno que acompanhava todo o movimento de transformação ideológico-política que ocorria na própria Fundação, em outras partes, foi criando vínculos. E na cabeça do Arouca, sempre era “como articular, como montar, como juntar”. Mas nesses anos, além dessa coisa de professor de Planejamento, era molecagem, picardia, humor, prazer de Arouca. Arouca era um cara caótico! Não tinha agenda, a agenda dele era um espanto, marcava cinco entrevistas ao mesmo tempo. Sempre careca, com a bolsa a tiracolo, de óculos, magrinho naquela época, pulava de um lugar a outro: “marquei com Belo Horizonte, Mário, tenho três coisas juntas!” Tinha uma secretária, a Dona Elza, que era a protetora universal de Arouca. Arouca dormia tarde, não vinha trabalhar: “ah, Arouca viajou a Belo Horizonte.” Dali a pouco aparecia ele, dez minutos depois. Ela sempre dava cobertura a ele. Arouca não sabia dizer “não”, isso na presidência da FIOCRUZ também. Ele tinha muita dificuldade. Eu brincava muito, dizia para ele: “Arouca, se você fosse mulher, seria a rainha das prostitutas.” Porque dizia sim pra todo mundo. De vez em quando, brilhavam os olhinhos dele, a gente muito cansado, ele falava: “Mário, corrupção?”. Brilhavam os olhinhos dele, essa coisa meio moleque, sedutora de Arouca, quando *mirava* uma mulher também brilhavam os olhinhos dele... “Corrupção” era o que? Era sair, era almoçar, como ninguém estava fazendo na FIOCRUZ nesse momento. Por exemplo, íamos ao nosso restaurante em Bonsucesso numa terça-feira à uma hora da tarde, e pedíamos *lagosta ao termidor*. Quem de nossos companheiros, que de todos que estão trabalhando estão numa terça-feira comendo *lagosta ao termidor* em Bonsucesso. Ele sempre escapava, sempre fugia da rotina, pelo prazer de comer. Para Arouca, fundamental era camarão e arroz, sempre com uísque – eu dizia que ele era um bárbaro, comendo tudo com uísque, nunca com um bom vinho.

Na Nicarágua (ele esteve um ano e meio, quase dois anos na Nicarágua)...

Regina: Você foi com ele?

Mário: Não, não fui com ele. Ele pediu, depois de seis meses lá, ele me pediu ajuda de como montar a área de planejamento, essa parceria, “mecanismos de relojoaria”, como montamos o relógio pra que isso funcione e venda. Tinha uma coisa: Nicarágua estava com uma consultoria cubana. Era pelo menos uma hegemonia cubana na área de saúde – não só de médicos, *sino* que técnicos. Queriam implantar o “livro vermelho de saúde de Cuba” – e o sistema de informação de Cuba, o sistema de atendimento de Cuba... Em um país que não queria nada dessa disciplina cubana, da revolução cubana... E Arouca dizia: “Mário, é uma burocracia infernal!” Estava sozinho, não sabia como enfrentar, me chamou pra ir lá... Queria contar histórias mais pessoais, mais divertidas, mas não

quero me desviar... Fiquei um mês com ele. Montamos um esquema que era de descentralizar pelas regiões sanitárias e retirar o poder da burocracia do Ministério. Em Nicarágua, 1981, havia duas formas de progredir nesse meio: ou você forma parte do partido ou na burocracia. Então era uma luta pelo poder no partido (na Frente Sandinista), uma luta pelo poder burocrático. Vou contar uma história: eu fui visitar o interior. Queriam que eu ficasse no Ministério, e eu: “Ministério não”, queria prestar assistência lá na ponta, passar uma semana, me colocaram um cara do partido e um carro... “Escolhem duas regiões, e eu vou visitar todos os hospitais e conhecer”. E eu lembro que eu falei: “até agora vim aqui porque sou a favor da Frente Sandinista, mas a partir de agora vou pra lá pra ser técnico.” Depois que saímos, o Arouca falou: “você tá louco?” Me colocaram um cara do partido e um carro. Tocava o telefone, o cara atendia assim: “*Sandino o muerte!*” Outro falava: “*revolución o muerte!*” Outro: “*Sandino vive!*” Mas em saúde não estava acontecendo nada. O que sustentava o atendimento eram duzentos médicos cubanos que trabalhavam feito condenados. Caos total. Aí falei: “vamos reformar o Ministério, vamos tirar todo o poder do Ministério e mandar para as regiões sanitárias, senão isso vai ser um desastre.” Aí Arouca começou a mandar gente da Nicarágua pra fazer Curso de Planejamento na Escola. Curso de Planejamento da Escola era Argentina, Chile, cara do Brasil que era marginalizado, e depois da Nicarágua. A maioria ia se formar em quadros porque não tinha possibilidades na Argentina. Vinham dois ou três caras da Argentina, dois ou três do Chile, da Nicarágua... Era também a montagem da solidariedade internacional, da qual Arouca era também um pouco cabeça. Aí foram os caras (Guillermo Gonzalez) que eram das regiões sanitárias.

Estive um mês lá, morando com ele. Arouca sempre fumava como um condenado, sempre a *Stolichnaya* e cigarro na boca, era a característica de Arouca naquela época. Estava na casa dele, morava fora da cidade, num terreno alto, e eu estava fazendo um pouco de ginástica e corria pela manhã. Um dia ele me disse: “Mário, vou correr com você. Acordo às sete horas e vou correr um pouco.” Aí corremos os primeiros duzentos metros, o Arouca [imita] quase a morrer de falta de ar... Eu disse: “Arouca, aconteceu alguma coisa?” “Mário, tomei um choque de ar puro!” [risos] Essa era a característica moleque de Arouca. Fumava feito um condenado, não fazia nada, nunca recebeu ar puro nos pulmões...

Aí tinha nascido Lara, fui padrinho de Lara, o que me levou a ser compadre de Arouca. Voltou para a ENSP, e depois em 1985 voltei para a Argentina, se redemocratizava o país, e eu não tinha mais justificativa para ficar no Brasil. Então resolvi voltar para lá com a minha família. Arouca assumiu a FIOCRUZ em maio de 1985. Me mando em fevereiro de 1985, mando a demissão. Conseguí um emprego lá, mando a demissão pela minha mulher: “não, não aceitamos a demissão de Mário. Fale pra ele que mande um pedido de afastamento por um ano.” Não aceitaram a demissão, Arouca, Arlindo, não aceitaram. Mas eu vou para a Argentina, fico lá e continuo recebendo salário por doze meses? E também queria deixar o espaço aberto para outro professor. “Não importa, fale para Mário que lhe pagamos o salário, que não se preocupe.” Isso me salvou depois, porque em 1986 voltei para o Brasil. Aí em Buenos Aires a situação estava complicada, quatro filhos querendo voltar, a família reclamava... E no mês de setembro Arouca liga para a minha casa e diz: “Mário, por que não vem para aqui?”

Guilherme: Isso é que eu não entendi. A sua família não foi toda?

Mário: Foi toda. Mas meu filho voltou porque estava namorando, em abril. Minha filha voltou em julho, e sobraram dois irmãos. No fim do ano, voltamos também. Minha mulher: “Mário, você está louco!” Um projeto meio melancólico, e a família estava desagregada. Aí estava nessa discussão com a minha mulher, e o Arouca liga pro telefone: “Mário, por que você não vem para aqui? O que é preciso?” “Não, mas...” E ele falou uma frase que eu nunca mais esqueci: “Mário, você e a Suzana foram parte da conquista da redemocratização do Brasil, agora merecem usufruir aqui conosco da redemocratização, merecem desfrutar isso que estamos vivendo agora aqui.” Isso era a cabeça de Arouca, de uma generosidade...

Guilherme: Isso aí quando foi chamado pra ser presidente?

Mário: Já tinha dois meses de presidência. E eu voltei em 1986, pra trabalhar com Arouca na presidência. Estava envolvido com a VIII Conferência, e eu cheguei (como sempre): “Mário, isto está um caos! Tenta colocar um pouco de ordem nessa loucura!” Aconteceu a VIII Conferência (foi no mês de março), eu ficava aqui, fiquei tratando de reestruturar, de reorganizar o... Porque Arouca se reunia com cinquenta e quatro pessoas. E eu discutia com ele, dizia que ele tinha assaltado o Castelo, que o comunismo tinha assaltado o Castelo. Tinha antes um cara corrupto que era ditador, antigo, que centralizava tudo. E aí se controlava a corrupção assim: toda licitação que tinha, se assinava um papel... Então eu me lembro de um dia falando com Arouca, e uma pilha dessa altura assim de papéis [sinaliza]. Eu perguntei: “Arouca, o que está assinando aí?” “Mário, deixa eu ver: ‘compra de bucho para o IFF’. Porra! Eu não comi o bucho, não vi o bucho, por que eu tenho que assinar?!” “Vou cuidar toda essa papelada”. Então eu fiquei cuidando de tudo... Quando Arouca voltou no mês de abril, nos juntamos, Ary, Morel, Arlindo, Luiz Fernando e Arouca, na Semana Santa, quatro dias, fizemos setenta e cinco atos da Presidência, se mudou toda a estrutura de organização da FIOCRUZ. Outra característica de Arouca: uma espécie de sabedoria sacana. Porque tinha que tirar um cara da Diretoria de Administração. “Pronto, Mário, tiramos. Quem vai ser nomeado no lugar do cara?” “Não sei.” “Vou tirar o cara e não sabem, se não tem eu não tiro!” Aí o que aconteceu: eu assumi a Diretoria de Administração por um ano. Depois saí. Foi por um ano. Arouca dizia: “Mário, assuma a Diretoria, é o único cara em quem eu tenho confiança. Bote pra quebrar, mude essa porcaria aí, se você não topa, eu não mudo.” Bom, topei, não tinha opção, tive que topa. Lá na administração antes era um “ninho da direita”...

Regina: O Morel estava falando hoje, acho que é nesse período que vocês fazem uma discussão interna, que era o “núcleo central da Presidência”.

Mário: Esse “núcleo central da Presidência” se reunia toda segunda-feira, nove horas da manhã, na residência oficial. Era Ary, Morel, eu, Arlindo, Luiz Fernando, e Arouca, obviamente.

Guilherme: Sergipe não participava não?

Mário: Não, não. Projeto político, “pra onde vai”, “quem demite”, “o que você faz”, “como está indo”, “quem faz aquilo”. Cada um assumia a responsabilidade, e depois se parava e íamos comer em algum lugar, alguma churrascaria, e se beber.

Guilherme: Já começava assim a semana?

Mário: Não, não... Tem uma coisa (Arlindo vai falar disso): muitas das coisas que se fazia na FIOCRUZ, se decidia num restaurante, quando já estávamos, como Arouca dizia, na alucinação. Eu me lembro que, numa churrascaria de Bonsucesso, perto da via do trem, se decidiu ali a criação do Centro de Saúde do Trabalhador e do Politécnico. E Arlindo (que tem muito humor) escreveu uma ata de fundação num guardanapo... Ele vai contar se perguntarem pra ele. Muitas das coisas que aconteceram na FIOCRUZ foram assim. Tudo era criativo. Arouca criou um novo modelo de congresso, do qual eu fui o coordenador, novo modelo de participação, na cabeça dele já surgia como aumentar a participação na eleição, como tornar mais democrática a Fundação, foi pensado por Arouca. Além de outras obras: o Bio Manguinhos, o Centro de Saúde do Trabalhador, o Politécnico, novos projetos de dinamização de áreas, a Biblioteca também. Mas fora da constituição física, a mudança do modelo, da lógica de operação da organização, essa foi a coisa mais importante que fez Arouca. Porque construir, qualquer um pode construir uma biblioteca, o problema é como mudar a lógica política interna de uma organização. Isso era a cabeça de Arouca.

Regina: Foi nesse momento que vocês fizeram os congressos internos?

Mário: Aconteceu o primeiro congresso interno. Eu participava de todas as instâncias internas, coordenava toda a parte de construção do congresso, e Gadelha era coordenador da plenária – ele tinha experiência nessas coisas. Que mais que posso falar?

Regina: E a idéia desse congresso interno da FIOCRUZ era mudar a estrutura de trabalho, a organização aqui?

Mário: Formas coletivas de participação, tirar o poder individual, o Conselho Deliberativo, as assembléias de funcionários, as eleições de dirigentes, todo esse conjunto funcionou. Hoje continua, continua e está provado o Estatuto. Nunca tivemos estatuto, o Arouca falava: “uma coisa é legalidade, outra coisa é legitimidade, montamos um projeto que angariou a legitimidade interna. Nenhum ministro se animou a mudar. Não temos a legalidade, mas temos a legitimidade.” *Adelante* com o projeto, não importa a coisa burocrática, se vão aprovar, se não vão aprovar. Veja como era a cabeça do Sérgio, uma cabeça alucinante...

Aí ele foi a Brasília. Acho que foi um período dele (eu falo aqui como amigo pessoal), como deputado, de não muita felicidade para Arouca. Quando ele vinha para o Rio, obviamente nos encontrávamos sempre para almoçar. Me ligava: “Mário, vem aqui, vamos almoçar juntos.” Era um pouco deprimido. Ele gostava da gente, gostava de trabalhar com amigos, com gente de confiança, criar o debate, a discussão geral – e isso em Brasília ele não tinha, era mais solitário. Eu te diria que Arouca teve a experiência mais rica da vida dele provavelmente no tempo em que esteve aqui na FIOCRUZ. A coisa de juntar todas as coisas que Arouca gostava: afeto, humor, companheirismo, criatividade, alucinação, capacidade para teorizar...

Regina: Você permaneceu até quando na FIOCRUZ? Nesse período em que ele se tornou deputado você ainda estava aqui?

Mário: Continuei aqui... Eu estava no Departamento da Escola de Saúde Pública. Aí teve uma crise, saiu o Collor, entrou o Itamar, saiu aquele do Paraná, Alcení Guerra,

entrou aquele socialista, o velho, Jamil Haddad. Então nós também pressionamos pela mudança interna da FIOCRUZ. Então demitiu-se o Herman Schatzmayr que era o presidente, e voltaram de novo a aparecer Akira, Morel e Arlindo – que eram os caras que haviam sido eleitos mas não empossados anteriormente. E Arouca era um pouco o juiz disso. Alguns amigos de Arouca apoiavam um candidato, outros apoiavam outro. Por fim, Arouca se decidiu pelo candidato que eu apoiava. Eu dizia: “apoio tal candidato”. E Arouca se mantinha fora. O cara que perdeu falou que havia um acordo entre Mário e Arouca, que anteriormente a tudo isso já havia um acordo, e que no fim se decidiu-se pelo candidato de Mário porque isso já estava acordado antes. Um dia na casa de Arouca falei: “Arouca, esses caras são paranóicos! Nunca falamos de quem apoiar, agora você está numa enrascada, está complicado, você vai ter que decidir.” E ele falou uma coisa que é bem característica da personalidade de Arouca: “Mário, eles têm razão, não precisamos explicitar o candidato, entre nós acontecem coisas que são implícitas.” Nunca tínhamos falado de candidato. “Eles são paranóicos!” “Não, eles têm razão. Temos uma relação em que não se precisa explicitar as coisas, já está implícito, fizemos um acordo, um acordo não-formal de como operar.” Tive que dar razão a Arouca, havia mesmo. [mostra que está arrepiado] Não posso deixar de me emocionar quando falo de Arouca.

Nos últimos momentos da vida dele, eu passava duas vezes por semana na casa dele em horários que não tinha ninguém. Os cariocas têm uma característica: não sabem lidar com a dor, com a morte, com o sofrimento. Cariocas em geral. Aí vão em grupo, fazem visita em grupo. E eu não queria, porque queria me sentar com meu irmão que está morrendo. Arouca era meu irmão. Aí ia sozinho, duas, três horas da tarde, e ficava batendo um papo com ele. Falava sobre o que ele queria falar. Porque Arouca inclusive, sem ser um cara religioso, tinha fé em algumas coisas esotéricas e estranhas – “mandracarias”. Acreditava em “mandracarias”! “Tem que limpar a casa aqui, fazer uma ‘mandracaria’, porque têm efeitos negativos!” “Porra, irmão!” E ele acreditava: “Mário, as ‘mandracarias’...” [risos] Então sem ser um cara religioso, ele tinha fé na sua capacidade, tinha fé em alguma coisa sobrenatural, e isso era em parte, ele pensava um pouco na possibilidade de... E eu queria falar uma coisa também que alguns não gostam: eu acho que Lúcia Souto foi uma grande companheira nos últimos momentos de Arouca. Há gente de saúde pública que não gosta muito de ouvir isso, porque (como se diz) há uma propriedade da memória de Arouca. E acho que ninguém é proprietário da memória de Arouca. Arouca é universal. Muita gente tem alguma coisa a ver com a vida de Arouca. É isso que tenho a dizer. Vivi com ele, era praticamente meu irmão, minha vida está totalmente ligada com a dele durante vinte e cinco anos. Trabalhei com ele. A última foi no município, foi ser secretário Municipal e me chama (a mesma coisa): “Mário, vem aqui para manejar. Foi a pior experiência... [bufa] A pior experiência da vida dele, política, técnico-administrativa, foi essa. Ainda bem que ficamos apenas cinco meses. Impossível trabalhar com um louco! O César Maia tomava decisões, desrespeitava tudo, autoritário, centralizador... A pior experiência administrativa dele e minha, terminal, nos últimos anos. Nunca tive uma experiência tão ruim, nem no pior momento da ditadura.

Além disso, posso contar muitas histórias mais. Tentei juntar um pouco uma faceta de Arouca...

Guilherme: Seu depoimento está sendo fantástico! Tem uma coisa que me impressiona muito, é que o Arouca conseguia fazer de uma questão complexa, quase atemporal, ele conseguia botar isso no tempo político. [pausa por problemas com a câmera] Conseguia trazer questões complexas pro tempo político, fazia a agenda política e a transformação.

Acho que essa foi sempre a maior característica dele. Mas evidentemente que, até pela maneira de conduzir, ele tinha um grupo (que era quase que uma legião de pessoas) que mais ou menos faziam parte. Mas pra mim fica claro que havia pessoas-chave no funcionamento da coisa. Acho que particularmente você e o Ary eram, cada um da sua forma, meio que botaram isso pra funcionar. A pergunta que eu queria fazer tem a ver com essa proximidade tão grande que você fala que você tem como irmão, como companheiro (também na dimensão do afeto), porque pra que você conseguisse compreender, na velocidade que era e na dimensão que era também o projeto, você tinha que ter uma capacidade de acompanhar muito rapidamente...

Mário: Mas Arouca tinha uma coisa que era anticomplexidade. Arouca sempre tinha capacidade de sintetizar em uma frase... Por exemplo, quando se discutia nessa última conferência (a anterior) a reforma sanitária, ele falava: “temos que fazer a ‘reforma da reforma’.” Isso era a genialidade de Arouca! Era capaz de, em uma frase simples, colocar toda a complexidade do problema. E transformava isso numa idéia-força. Abria espaço para pensar a “reforma da reforma”. Ele tinha essa capacidade de sintetizar o que era uma idéia complexa. E era uma liderança carismática. Um cara sedutor, e de uma capacidade de articulação...

Guilherme: Sedutor no concreto, não é?

Mário: Sedutor no concreto.

Guilherme: “Você vai sair de Buenos Aires e vai voltar pra cá.” Sedutor a esse ponto. Tinha um grau de convencimento. Mas é nisso que eu quero entrar. Nisso que você fala, quando ele estava aqui na FIOCRUZ, presidente já, tinha toda a questão econômica, o Bresser dizia que o Brasil precisava de um choque econômico. Aí saiu no jornal dois dias depois: “além de um choque econômico, precisa de um choque na saúde também.” Já ia pra defesa da reforma, colocava a agenda dele lá em cima.

Mário: Arouca tinha essa capacidade, colocava a agenda dele lá em cima, mas era a síntese, a idéia-força, não era discurso confuso: “o que fala esse cara?” Arouca tinha uma capacidade de sintetizar, de criar uma idéia-força. Era a grande cabeça de Arouca!

Guilherme: Mas o que eu quero comentar é exatamente isso. Quando você fala dessas histórias todas, desde Montes Claros, todo esse caminho, a sensação que me dá é que pra vocês conseguissem fazer essa conexão, possivelmente era necessário um grau de cumplicidade monstruosa! E eu queria que você falasse um pouco mais disso. Como é que se dava isso, quase enigmático, tinha mágica nisso, como acontecia?

Mário: Quando Arouca não estava na Escola ainda (e depois quando já estava na Escola), estava no Partidão, e tinha: “onde montava um projeto, onde montar?” Aí montava Alagoas (tinha aquele menino, que hoje está no Ministério), Recife, colocamos gente progressista, se abriu o curso de saúde pública, depois veio o SNI, parou com o curso, ficaram um ano sem sair, a trabalhar fora...

Guilherme: Alagoas era o Dário, não era?

Mário: Não. Como se chamava? Aquele que foi pra FUNASA também...

Guilherme: Aquele que é do PC do B?

Mário: Sim.

Guilherme: Sei quem é. O... Ubiratan.

Mário: Ubiratan. Aí montamos um projeto em Alagoas. O que eu ia falar? Ah! Então viajamos juntos. Viajamos para a Bahia, para Alagoas, Recife, vários lugares. Se reunia com gente do... O jogo era o seguinte: “eu jogo como o policial mal, você joga como o policial bom.” O Arouca era um cara... Eu enfrentava, meu estilo era muito mais crítico, o Arouca se reservava para finalizar. Nossa cumplicidade surgiu daí: eu podia criticar, enfrentar, e depois Arouca mediava, e ficava todo mundo mais ou menos... Tinha também outra... Vindo de avião de uma viagem, eu disse: “Arouca, há vários anos trabalhamos juntos, e o único cara que você não convenceu pra entrar no partido foi a mim.” “Mário, não faz falta. Você é muito melhor fora do que dentro.” [risos] Essa era a cabeça de Arouca. Vejam vocês: na última viagem que fizemos, tinha um cara aí que queria um cargo, que queria fazer um projeto, e era do partido. E eu questioneei o projeto e liquidei o cara. E ele: “eu me sinto incapaz de liquidar o cara. Você me fez um grande favor. Fique sempre fora do partido, nunca entre.” [risos] Então a cumplicidade se dava na forma de operar. Nós nos olhávamos pela cara, um cara falava uma babaquice, nós nos olhávamos e... pela cara já dava pra sentir... Aí eu entro e: pá! Dou cacete. O Arouca depois vinha e temporizava... Éramos cúmplices. Um irmão que, com um grau de cumplicidade, de olhar... O olhar da cumplicidade, você vê a cara e já sabe o que está pensando. O que eu falei do caso da escolha do presidente da FIOCRUZ, era a cumplicidade implícita. “Mário, não precisamos falar, eles têm razão, não são paranóicos”.

Minha vida está aqui, ligada a todas as ocasiões com ele. Salvo quando ele foi pra Brasília eu fui ser vice-presidente com Morel, que foi o período em que eu menos vi o Arouca. Mas nos encontrávamos sempre pra almoçar juntos. Inclusive me propôs ser assessor, me pagavam mil reais por mês. “Mário, seja meu assessor!” Me pagaram dois meses. “Arouca, para vir aqui (no Rio de Janeiro) almoçar com você, falar de política e mais alguma coisa, você não precisa pagar-me. Para trabalhar mais, fazer muito mais, é pouco para pagar-me, e é muito para almoçar com você. Então é melhor me deixar de lado, contrata outro cara, e seguimos almoçando juntos e batendo papo.” Sempre queria juntar, juntar para fazer. Mas também se encontrava muito isolado em Brasília. Isso que eu estava falando, meio depressivo, é que ele passou um período meio ruim em Brasília. Mas é isso, é a vida. Um grande irmão. Eu não falei do Arouca político... Pra mim Arouca é isso: um afeto muito grande, com uma razão pessoal, tive uma sorte de encontrar *em* Brasil um cara irmão pra vida inteira, e com uma cabeça brilhante, que foi Sérgio Arouca. Aprendi, dessa relação eu saí muito mais beneficiado que Arouca.

Guilherme: Tem alguma coisa mais ligada ao folclore que você queira comentar pra enriquecer, como você fala, das sacanagens?

Mário: Aí entram coisas da vida pessoal que é melhor não falar. Mas Arouca era um sedutor. Mulher bonita, sensual, com sensualidade, precisava ver: os olhos dele brilhavam, parecia luz... Três ou quatro matrimônios, e alguns romances, uns namoros compridos. Acompanhei todos eles, toda a vida de Arouca, vinte e cinco anos, vários namoros. Positivos alguns, outros conflitivos, problemas familiares... Era meu

companheiro, somos irmãos, somos irmãos. Uma espécie de confiança mútua. É isso.
Eu não sei se...

Regina: Foi ótimo, foi ótimo...

Depoimento de Rivaldo Venâncio da Cunha (Sergipe)
(Rio de Janeiro - 16.04.2005)

Vídeo 1

Sergipe: Meu nome é Rivaldo Venâncio da Cunha, depois eu explico o porquê de Sergipe (foi um apelido da época de estudante no Rio Grande do Sul, um dos vários nomes que eu já tive, alguns na clandestinidade e outros legais). Sou médico, e conheci o Arouca (não me lembro exatamente em que ano) no ECEM. Tava ele e, salvo engano, Mário Vítor de Assis Pacheco numa mesa debatendo, ele com aquele rabo-de-cavalo, aquela eloquência assim... Nessa época, devia ser 1978, 1979, por aí, eu já militava no Partidão, e me impressionou muito a presença do Arouca, a eloquência com que ele falava. Anos depois eu vim morar no Rio de Janeiro, vim continuar meus estudos aqui, e então acabamos nos cruzando na Fundação Oswaldo Cruz, e antes disso no Partido Comunista aqui no Rio de Janeiro.

Regina: Só explica assim pra gente que é leigo, ECEM é o que?

Sergipe: ECEM é Encontro Científico dos Estudantes de Medicina – que, cá pra nós, de “científico” não tinha nada, aquilo ali era um encontro político e de muitas festas muitas noitadas, não tinha nada de ECEM...

Guilherme: Qual foi esse ECEM, você lembra o estado?

Sergipe: Não sei se foi em Florianópolis, Curitiba, não me lembro mais. Eu fiz a Faculdade de 1977 a 1982.

Regina: Onde?

Sergipe: Em Caxias do Sul. Eu entrei em 1977 na Faculdade, e também no Partido Comunista. E fui até essa divisão aí de 1990, 1991. 1993, por aí, foi quando eu saí.

Regina: Aí você veio pro Rio?

Sergipe: A minha trajetória qual foi? Foi sair do Mato Grosso do Sul e ir pro Rio Grande do Sul, Caxias do Sul. Depois eu vim pro Rio de Janeiro. Aqui eu fiz um curso de Especialização em Doenças Infecto-contagiosas. Mais tarde eu fiz o Mestrado e o Doutorado também, em Medicina Tropical. Porque foi aí uma das coisas interessantes na convivência com o Arouca, e eu sendo comunista, eu acho que em todo o Instituto Oswaldo Cruz era o único assim que mais militava – tinha até aquele pessoal da velha guarda, tipo Luiz Rey, que tinha uma proximidade muito grande com o partido, mas não militava, os ex-cassados, que foram readmitidos depois. Mas então eu fazia uma ponte muito interessante. O Morel também foi uma pessoa que militou muito na época na esquerda, e no partido também na época de estudante em Pernambuco. Aquele baiano também, o Bernardo Galvão. Então eu trabalhava no Departamento (pasmem!) de Medicina Tropical.

Regina: Isso em que ano?

Sergipe: A partir de 1983, por aí, até 1985. E o chefe do Departamento de Medicina Tropical era o ex-vice-presidente de Pesquisa da gestão anterior ao Arouca, do Guillard, que era o Professor Corah (?), que apesar de ser uma pessoa extremamente conservadora que nunca teve nada de comunista ou de esquerda, nunca tive problema com ele, nunca tive que negar ao Professor Corah qual era a minha posição política. Nunca tive problema nenhum, nas campanhas eleitorais sempre assumi os candidatos abertamente. Nunca me tolheu, embora tenha demarcado assim, ele de um lado, eu de outro, mas ele tinha um respeito (e tem até hoje) muito forte por essa opção das pessoas.

Regina: Quando você conheceu o Arouca, o que te chamou atenção, de início?

Guilherme: Já agora no Rio, né? O ECEM...

Sergipe: O ECEM foi uma palestra que ele deu lá... Já no Rio de Janeiro foi a rapidez... O Arouca era um turbilhão, a capacidade de formulação dele era... No dia que ele tava inspirado, pra você acompanhar o raciocínio dele... Confesso que eu levei um certo tempo do convívio pra entender as coisas que ele falava, eu pensava: “esse cara tá pirado!” Mas aquela velocidade de pensamento dele era muito grande, isso me impressionou muito. A generosidade dele também era impressionante, uma pessoa que nasceu pra perdoar. Quantas vezes a gente presenciou problemas na administração, problemas assim que eram sacanagens mesmo, e o Arouca dizia (ele tinha uma expressão, como era?): “não, isso é acidente de percurso, deixa pra lá...” Foi uma pessoa assim muito generosa nesse sentido, eu confesso que eu não era tão generoso não, mas o Arouca era uma figura muito generosa.

Regina: Quer dizer, você trabalhou com o Arouca na FIOCRUZ naquele período, foi assessor...

Sergipe: Eu assessorava o gabinete. Mas fui assessor também na Secretaria de Saúde, tem dois períodos...

Guilherme: Mas antes disso, Sergipe, tem uma coisa que, se a minha memória não tá errada, liga muito pra vocês terem um convívio mais próximo, que foi quando o Arouca é lançado pra presidente da FIOCRUZ, e aí ele passa a ter um papel mais importante nos foros internos do partido no Rio de Janeiro, chamado também a um papel diferenciado lá. E eu acho que foi muito por aí que deu o gancho pra te conhecer melhor. Você podia falar um pouco mais disso...

Sergipe: Eu fui da Executiva do Partido Comunista aqui no Rio de Janeiro. Eu era tido como um... eu *era* sectário, cá entre nós, a gente fica rememorando o passado... Eu era extremamente sectário, era durão nessas questões partidárias. Fui da Executiva do partido por uns 8 anos mais ou menos.

Regina: De que ano a que ano mais ou menos?

Sergipe: De 1983, 1984, até quando teve a divisão do partido naquele congresso, 1991, por aí... Então a gente discutia muito lá aquele processo da legalidade do partido em 1985, e pouco antes o Colégio Eleitoral e a posse do Sarney – e as perspectivas políticas que se abriam. No Rio de Janeiro nós tínhamos essa discussão no Rio de Janeiro que, pela representação que o PCB tinha na área da saúde, era mais que justo que com o

processo de fim da ditadura, o partido ocupasse um espaço ainda maior. Pra que se tenha uma idéia: em 1984, 1985, o presidente da Associação dos Médicos Residentes do Rio de Janeiro era do PCB, que era o Medronho; o presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro era o Crescêncio que era filiado ao PCB; o presidente do Conselho Regional de Medicina era filiado ao PCB, o Laerte Vaz; na Federação Nacional dos Médicos tinha o Bigú Bulhões e o Chabo que era o presidente, que eram muito próximos do partido; o Sindicato das Enfermeiras tinha a Regina Trinta, o Namares, aquele pessoal; tinha o CEBES que o Arouca participava. Então onde se pensava saúde, tava o Partidão ali. Então foi mais ou menos natural, entre aspas, a ida do Arouca pra Fundação. Teve toda a movimentação política, interna na Fundação que a meu ver foi decisiva, e o produto que se oferecia. Se tivesse só a articulação social nesses diversos fóruns e sindicatos, sem o produto pra oferecer pro governo que era o Arouca, acho que dificilmente a gente teria um companheiro naquele momento na presidência da Fundação Oswaldo Cruz. Então essa articulação rolou muito dentro do partido, embora... O Arouca era uma pessoa extremamente disciplinada, eu ontem lembrava com o Guilherme, eu me lembro de várias situações do partido tomar uma decisão e levar pro Arouca, e ele: “resolve, tem que resolver então resolve...” Às vezes contratação de pessoas perseguidas, que o pai tinha sido assassinado... Agora, ele não tinha saco (cá entre nós, né, porra) praquelas reuniões intermináveis de sábado, de domingo. Então tinha um grupo dentro do partido que o considerava indisciplinado porque não ia àquelas reuniões formais, que ele não tinha absolutamente saco! Eu me lembro que na Executiva Estadual participava também o Stepan Necessian (que era outro também que não tinha saco praquelas reuniões), o João Saldanha (fez parte também da Executiva naquele período), o Dias Gomes... Mas são pessoas que estão em outra fase da vida, mas eu não! Eu era um garoto... Bom, nem tão garoto assim, mas que tinha disponibilidade de estar lá nos sábados, nos domingos, naquela movimentação com os estudantes, eu atuei muito tempo com os estudantes, com os residentes. E o Arouca não tinha saco absolutamente pra isso. Mas era uma figura extremamente disciplinada, extremamente leal ao partido. Não me lembro de ter tido em algum momento algum encaminhamento ou da Direção Municipal, ou da Estadual, ou do Comitê Central do partido, pra ele dizer “não vou fazer, não concordo”. Até podia discordar, mas ele sempre encaminhou.

Regina: E essa relação então da FIOCRUZ com o partido?

Sergipe: Era muito interessante, nós chegamos a ter dentro da FIOCRUZ mais ou menos 1 ou 2% dos funcionários da FIOCRUZ filiados ao partido. Então lá dentro a gente teve plenárias de 35 pessoas, 40, naquela época, 1985, 1987. Tinha uma presença muito forte na ASFOC, tinha aquele pessoal, o Pedro, um grupo grande de pessoas, lá na ENSP, e no IOC um ou outro, era pouquíssimo. A maior parte era na ENSP, os que circulavam pela ASFOC e na INCQS. A FIOCRUZ com o Arouca (é chover no molhado) renasceu, passou a ter uma visibilidade, uma instituição quase secular naquele momento, e não tinha visibilidade quase nenhuma. E o Arouca, a gestão dele trouxe isso pra sociedade como um todo. As pessoas sabiam que ele era do PCB, os aliados políticos, do governo, enfim. Essa gestão foi possível no meu entender porque, além dele ser uma pessoa extremamente competente, de uma formulação ágil e consistente, ele era extremamente amplo. A primeira composição da FIOCRUZ é interessante, porque tinha o Akira, que não era nada, não era de esquerda, é um técnico extremamente competente e, salvo engano, já era da administração anterior; tinha o Bermudes, que era ligado ao PC do B; tinha o Gadelha, que já era ligado ao PT, tinha o Morel, que é uma pessoa de esquerda, progressista... Então a gestão representou o que

era a FIOCRUZ naquele momento, que tinha um pólo mais progressista, como a Escola de Saúde Pública; mas que tinha o IOC, que não tinha o mesmo ritmo; ou que tinha a Biomanguinhos. Então ele conseguiu juntar isso muito bem, e talvez por isso tenha sido uma gestão extremamente consolidada. Tinha aquelas coisinhas internas, na fase inicial o superintendente lá, da SAG, o Vanildo não me lembro do que, era ligado ao Marco Maciel, que na época (se eu não me engano, vocês vêem que eu já tô com os neurônios meio...) era presidente do Senado. Ele era da gestão anterior e o Arouca o deixou lá na Superintendência, mas o tempo todo quando podia ele tentava boicotar. Teve um episódio que eu acho que foi a gota d'água. Com o Arouca presidente da VIII Conferência Nacional de Saúde, várias daquelas figuras ligadas a ele eram relatores de temas específicos na reforma da saúde: Arlindo, Ary, várias pessoas. Então faltando uma semana mais ou menos eles foram pra Brasília, e não iriam à Conferência o Morel (que ficou substituindo o Arouca) e eu. Do resto foram todos, os vice-presidentes, o Ary que era chefe de gabinete, o Paulo, enfim, todo mundo foi pra Brasília. Na véspera da saída pra Brasília, o Vanildo numa tarde assim, o ônibus saía naquele dia, ele chegou pra mim e falou: “olha, Dr. Sergipe, eu quero lhe comunicar que não tem ônibus pra ir pra Brasília.” “Mas por que não vai ter ônibus?” “Porque não teve licitação, então não pode ter contratação direta de ônibus assim.” “Bom, isso é um problema seu!” Porque os ônibus foram requisitados, iriam todos os estudantes da pós-graduação, da residência, dos cursos do Politécnico, os delegados da FIOCRUZ... Eram 3 ou 4 ônibus, não me lembro. Aí se criou uma crise muito grande. Eu procurei o Morel e falei: “olha, tá acontecendo, isso, isso e isso, e a gente não pode deixar porque seria uma desmoralização muito grande pro Arouca!” Imagina, o presidente da VIII Conferência, a instituição que está sendo o carro-chefe da Conferência, onde está a maioria dos formuladores dessa proposta, deixar de comparecer seus delegados por falta de ônibus... Eu sei que foi assim aquele stress muito intenso e foi batido o martelo: “não, o senhor dê um jeito, esses ônibus têm que estar na hora marcada pra levar os delegados.” Aí depois de muita confusão os ônibus acabaram levando os delegados. O Morel me chamou: “Sergipe, a gente precisa dizer uma coisa pro Arouca.” “O que é?” “Ou fico eu ou o Vanildo na FIOCRUZ, não dá mais pra ter esse tipo de situação.” Aí no dia que ele encerrou a VIII Conferência, o Arouca ligou pra Presidência: “e aí, Sergipe, como estão as coisas aí?” “Olha, mais ou menos, tem um problema, a gente tem que conversar mas só pode ser pessoalmente.” “É urgente?” “Extremamente urgente.” “É grave?” Eu falei: “extremamente grave”. Aí eles chegaram, nós ficamos de nos encontrar no Bar do Arnaldo. Acabou que a gente se desencontrou, e eu fui na casa dele. Chegando lá, eu coloquei a situação: “olha, aconteceu isso, isso e isso (até então ele não sabia do que tinha acontecido), e você tem que escolher entre o Morel e o Vanildo. Não dá pra ficarem os dois ali, e a posição do Morel é taxativa. E você sabe que o IOC é uma peça fundamental na sustentação política da administração.” Aí um ou dois dias depois, o Vanildo foi demitido, e salvo engano entrou o Joaquim Moreira Nunes, na Superintendência de Administração.

Fita 1 – Lado A

Guilherme: Só pra comentar um pouco essa questão que você colocou da disciplina do Arouca e da lealdade dele, mas ele nos absurdos colocava limites. Eu me lembro bem, não sei quem foi, mas alguma voz de comando do Comitê Estadual, do Comitê Central, queria botar um “quadro” do PCB dentro da FIOCRUZ. Aí ele falou: “não, a administração aqui é minha, tem que ter autonomia, tem que saber administrar essas coisas”. Não sei se você lembra desse episódio...

Sergipe: A questão da competência: o partido não tinha ninguém fora que podia entrar lá na Fundação... Outra coisa (que foi um dos poucos momentos em que teve briga mesmo) foi na campanha pra deputado federal. O Arouca tinha 28 segundos, dia sim dia não na televisão – um dia era um deputado estadual, outro dia o federal e no dia seguinte o outro estadual (eram dois estaduais, o Juliano [Siqueira] e a Lúcia Souto). O diretor de televisão do Arouca era nada mais nada menos que o Francisco Milani, que então era vereador (o Arouca tinha sido um dos coordenadores de campanha do Milani pra vereador). O Milani dirigia na época o Chico Anísio, o “Gordo” [Jô Soares]... Então o Milani fez uma abertura (muito bonita por sinal) que era a foice e martelo que vinha chegando, vinha chegando, e tomava mais ou menos 15 segundos que ele tinha... “Não, não pode!” Então foi unanimidade no estado de que o programa estava muito ruim. Então teve uma discussão um pouco acalorada e o Milani falou: “tá bom, eu não sou mais diretor do programa de televisão, não vou mais pra porra nenhuma!”. O Milani era turrão, deve ser ainda, mas uma grande alma também. E ficou aquele impasse: “como é que faz?” O candidato a deputado federal sem diretor de televisão. Aí ele dava aquelas cofiadas na barba assim [gesticulando como Arouca]: “Sergipe vai ser meu diretor de televisão”. “Você tá brincando?” “Não, tô falando sério! Você vai ser diretor do meu programa de televisão da campanha.” “Não, nunca entrei numa ilha de edição, etc. e tal, como eu vou ser diretor do programa?” Ele acabou me convencendo, aí eu substituí o Francisco Milani, imagina, né...

Então era a coisa do bom senso, quer dizer: “olha, isso aqui tá bom, isso aqui não...” Tinha horas em que: “olha, vê se você se convence se ouvindo falar”, e ele “não, realmente não tô me convencendo”. “Então vamos gravar de novo”. Ele fez o primeiro programa sobre a questão da paz, eu não se já havia tido a primeira invasão do Iraque, ou se estava pra ter... A Lúcia também fez o primeiro programa dela falando da paz, da guerra no Iraque. Aí no segundo programa ele ia ao Iraque de novo, já tava gravado quando eu tava entrando, aí eu disse: “Não, você é candidato a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, não é candidato a delegado das Nações Unidas, pra ficar falando do problema do Iraque”. Ele ficou assim... “Você tem razão, tem razão”. Foi um programa muito bom, a campanha cresceu, a outra coordenação da campanha, de mobilização, que era o Ari, Antônio Ivo, Pedro Barbosa, foi um “show”! Fizeram um show apoteótico do Lô Borges, ou do Beto Guedes, um dos dois, no Circo Voador, pra arrecadar fundos pra campanha do Arouca pra deputado federal. E ele foi chamado ao palco num dos intervalos, era pra falar assim um minuto, acho que nem isso... Dar um abraço no artista (não sei se era o Beto Guedes ou o Lô Borges), falar “Então vamos pegar o trem azul”, como era essa música, *O Trem Azul?*

Guilherme: Então era o Lô Borges...

Sergipe: O Lô Borges... “Então vamos pegar esse trem azul”, não sei o que, um beijo e saía de cena. Agora todos que estavam no Circo Voador estavam pra contribuir pra campanha dele. Se fosse outra pessoa com menos sensibilidade fazia um discurso de pelo menos 15, 20 minutos... Ele, com uma sensibilidade absurda, notou que não era hora de discurso, chegou no palco, abraçou, saiu de cena e o show continuou, a campanha foi um sucesso...

Regina: Você acha que, se não tivesse conhecido o Arouca, sua vida teria sido diferente?

Sergipe: É, eu sou uma pessoa de sorte, não tenho do que me queixar da vida. No meu primeiro trabalho (eu sempre conto isso) eu fui engraxate, dos 6 aos 9, 10 anos de idade, era engraxate numa cidade que na época tinha 5 mil, 6 mil habitantes. Brigava todo dia porque aqueles engraxates maiores queriam tomar meu dinheiro, saía na porrada... Se eu morasse no Rio de Janeiro provavelmente seria um moleque de rua, não sei. E nessa trajetória tive pessoas maravilhosas. Indiscutivelmente o que mudou a minha vida foi o Partido Comunista. O que eu tenho de caráter hoje, de solidariedade humana tem a ver com a vida que eu tive na infância, as dificuldades que eu vivi, a extrema pobreza dos meus pais, papai e mamãe, duas pessoas maravilhosas... Mas teve a questão ideológica que foi muito forte. E dentro do partido eu conheci pessoas que deram o “a mais”, e o Arouca foi uma dessas pessoas indiscutivelmente. O Ari também, o Guilherme... Não tem uma pessoa assim que eu diga: “eu tenho um inimigo, o fulano”. Mas o Arouca marcou profundamente a minha vida, a relação com ele, aqueles momentos de tensão, que não tem o que falar, lá na presidência, eu tinha uma clássica frase que era: “amanhã a gente resolve, hoje tá todo mundo nervoso, nós não vamos chegar a lugar nenhum nessa reunião, a manhã a gente continua”. O pessoal gritava, o Ari, a Sarah, o Arouca, que o Sergipe era o psicanalista da presidência, que eu tinha o bom senso de falar: “olha, essa reunião não vai dar em nada, estamos todos cansados” (aquelas agendas todas muito prolongadas, puxadas). E ele me ouvia...

Regina: E você, Guilherme, a sua vida seria diferente se não tivesse conhecido o Sérgio Arouca?

Guilherme: Tem algumas coisas que são um pouco semelhantes com a trajetória do Sergipe. Eu não vivi essa dificuldade mais econômica na minha infância como ele, mas também muito jovem, com 17, 18 anos, eu comecei a fazer o rumo de buscar uma utopia, um sonho que pudesse ser transformado em realidade do ponto de vista de fazer a transformação social. Nesse caminho então, quase no comecinho dele, eu conheci o Sergipe, em 1976, se não me engano na Paraíba, naquela passeata em João Pessoa...

Sergipe: Eu entrei na comissão de segurança [risos]...

Guilherme: Houve assim uma empatia muito grande, a vinda dele pro Rio só facilitou toda a amizade que a gente foi construir mais adiante, que marcou muito aí o período entre os meus vinte e tantos anos até hoje. E, no caso, conheci o Arouca também mais ou menos nessa época, 1977, quando eu estava no segundo semestre da faculdade. A UFF tinha um esquema um pouco diferente das outras federais, que entrava por semestre, não por ano. Eu entrei no segundo semestre de 76, e em 77 houve uma movimentação (não só na UFF) de se fazer a “semana de direitos humanos” – isso ocorreu na UFRJ, na UERJ e também lá na UFF. O esquema da UFF... houve primeiro uma movimentação nossa pra recuperar o espaço físico do DCE, controlado por um cara do DOPS, que estava lá o tempo todo verificando que estava se aproximando, chegando, saindo, etc. A gente abriu aquele prédio, que hoje em dia é o prédio do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal Fluminense, e fizemos (principalmente o PCB e algumas outras forças lá do movimento estudantil) a “semana de direitos humanos” na Fluminense, que na verdade foi mais amplo que a própria universidade, pegou a intelectualidade, parte dos trabalhadores organizados, em seminários, mesas redondas por temas. Tinha uma que era mais geral, tinha o Carlos Lessa, a Maria da Conceição Tavares, da economia da macropolítica... E tiveram várias mesas, sobre educação... Saúde foi uma conferência do Arouca que, se a gente já tinha alguma sensibilidade pelo

trabalho da saúde pública... Porque lá em Niterói já existia o *Saúde Niterói*, o Moreira Franco havia sido eleito com o apoio da esquerda, particularmente do PCB, e houve na saúde uma composição com “quadros” do PCB, Mário (?), o próprio Ari foi fazer parte do grupo de sanitaristas que naquela época foi estruturar a Secretaria de Saúde, então já tinha alguma sensibilidade interna na universidade, porque o Departamento de Medicina Comunitária tinha pessoas desse projeto *Saúde Niterói* e também na administração de Niterói. O Arouca conseguiu, com essas características que já foram colocadas por muitos aqui, de ser muito arguto, muito preciso, muito denso nas suas colocações, fazendo aquele quadro da crise sanitária brasileira, e o quadro que a população vivia, ainda um descontrole completo da questão da dengue, malária, doença de chagas, os bolsões de pobreza, e o quadro que também já se apresentava de desarranjos nas próprias cidades grandes... Tocou vários temas, e ele já discutia naquela época a necessidade de se ter um modelo alternativo ao que era quadro totalmente fragmentado e penetrar nos interesses privados na saúde brasileira, particularmente na previdência. E aquilo ali evidentemente foi meio um choque pra mim, ele conseguiu me sacudir e eu falei: “bom, que Medicina eu vou fazer?” E eu também tive sorte porque eu tive lá na Fluminense entre os meus colegas o Ary Miranda, o Danilo Costa, pessoas que... E (eu acho que já comentei aqui) depois disso não teve um dia que eu não tivesse uma chamada da saúde pública, essa que a gente vem tentando fazer diferenciada, na minha vida. Naquele mesmo ano eu fui pra um estágio fazer um inquérito de tuberculose no município de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, todos os anos tinha atividades durante as férias, não parava, tinha ECEM, CESAC, atividades durante todo o ano, depois no ano seguinte eu fiz um estágio com o David Capistrano no Vale da Ribeira (que ele era o gerente da área de saúde lá), fiquei quarenta e poucos dias lá, eu, o Danilo Costa e outras pessoas contemporâneas nossas lá. Enfim, depois segui meu caminhar. Então esse momento do encontro do Arouca... Ele conseguia fazer muito bem o casamento da política com a questão da saúde, dentro das dificuldades imensas que a gente tinha naquela época, da repressão, da compreensão das questões mais teóricas das coisas... Porque muitas vezes a gente ia pra uma arena de dias e dias de discussão, e saía mais atrapalhado do que entrava, tentava misturar alhos com bugalhos... E o Arouca com a capacidade de buscar as coisas e encontrar caminhos de afunilamento pro concreto, deixava muito claro que era possível fazer as duas coisas dentro do contexto real, e isso facilitava muito a nossa vida, a gente se metia na nossa encrenca, mas de vez em quando ia lá perguntar pra ele como é que a gente conseguia caminhar melhor. Então essa participação do Arouca (que não é só na minha vida, é na de cada um de nós)... Não é só o Arouca pessoa (que é muito agradável de lidar, muito brincalhão, de certa maneira sacana, muito aproximador também), mas também o que ele representava, porque às vezes a pessoa pode ter esse semblante todo e as pessoas tinham que ficar seguindo ele, mas não, pelo contrário: eu acho que se hoje nós pudermos pegar as pessoas que estão discutindo aí nessas redes colaborativas que estão sendo montadas, Fórum Social Mundial e outros movimentos que existem aí, certamente o Arouca intimamente já colocava essas coisas na década de 70. Ele era capaz de pegar um tema, explorar aquele tema teórico-conceitual, e quando ia pra prática, dava autonomia completa pra que as experiências locais pudessem se desenvolver e fazer sua própria crítica. Então acho que esse aspecto da dinâmica que a gente criou (e o Arouca simbolizou tudo isso) tem um peso muito grande. Mas tem uma coisa do Sergipe que eu acho que pode talvez penetrar um pouco mais aí... Porque a gente tem procurado, principalmente no campo da saúde pública, entender o que se passava naquela conjuntura política, e como as pessoas vêm esse processo da chegada à presidência da FIOCRUZ, e depois o próprio caminho que o Arouca foi representar mais adiante, como

deputado federal, candidato à vice-presidente... Queria ver se você colocava um pouco mais, retomava aquela conjuntura da época, fizesse uma análise e dissesse como esse movimento de construção da gestão da FIOCRUZ se inseriu nesse contexto.

Sergipe: A questão da gestão na FIOCRUZ... O Arouca tinha uma característica muito interessante que... Primeiro: ele era uma pessoa de um humor muito grande. Eu me lembro de um dia que nós fizemos uma solenidade lá, salvo engano, de despedida do Waldir Pires que ia ser candidato a governador [da Bahia]... O Waldir Pires era ministro da Previdência e tá lá aquela imprensa toda, era um ato pra dizer que o Arouca tava com o Waldir Pires, que desejava sucesso pra ele. O Waldir Pires tava discursando, o Arouca meteu a mão no bolso e saiu procurando o Ari. Dali a pouco o Arouca volta cheio de palito de dente [risos]. Em uma outra circunstância, o cara ia ficar muito puto, mas ele já imaginou: “isso é coisa do Ari”. Então ele tinha esse humor de extrema seriedade, e o ministro, que talvez estivesse na última atividade no cargo... Então ele tinha esse humor muito grande. Agora, eu acho que o sucesso da administração do Arouca foi a amplitude da formação. Se nós olharmos mesmo o Lula presidente: a esquerda não tem nem de longe a hegemonia desse processo que está acontecendo no Brasil. Imagina em 86... Então poderia, se ele usasse o grupo que tava ali naquele momento e montasse uma gestão puro-sangue, certamente não teria sido o que foi. Então a sapiência tida ali naquele momento... Eu acho até que no primeiro momento o Vanildo não sei se foi errado não, até pra deixar o cara fazer burrada pra poder tirá-lo então. O Bermudes, ligado ao PC do B, aquelas pessoas do IOC com as quais ele acabou tendo uma excelente relação, aquele pessoal do Fernandes Figueira... Então foi uma gestão extremamente ampla, embora sem o caráter partidário que tem hoje: “tal partido fica com tal unidade, tal partido com outra”, que a gente vê lá na composição de ministérios. Mas naquela época foi uma composição que dentre outras questões garantiu a sustentação e o espaço da administração. A outra questão que naquele momento eu acho que teve uma conjuntura propícia foi a canalização proporcionada por uma discussão que vinha se acumulando já há muito tempo que chegou na VIII Conferência. Foi uma “casualidade”, entre aspas porque foi construído aquele processo, que foi extremamente importante. Provavelmente sem a VIII Conferência (digamos que ela já tivesse sido organizada, ou fosse ser organizada depois) o impacto social não teria sido tão grande, no meu entendimento.

Um fato interessante que marcou também a minha convivência com o Arouca foi a Secretaria Estadual de Saúde, num segundo momento, quando eu fui chamado lá pra coordenar a campanha contra o *Aedes Aegypti*, como era? “Campanha de Prevenção da Reurbanização da Febre Amarela”, um núcleo imenso. Eu tive uma primeira conversa com o Antônio Ivo, no Colégio São Bento, e aí fui conversar com a minha companheira, que eu sabia que ia ser um processo muito estressante, muito corre-corre, muita atividade; e depois com o Arouca. A sensibilidade de entender o que foi colocado...

[Interrupção da entrevista por problemas técnicos]

Fita 1 – Lado B

Sergipe:... Em 85, 86, e o Arouca ficou muito curioso, eu já estava lá com eles na presidência, e quando eu retornei, ele perguntou: “E aí, Sergipe, me conta”. Na sala dele

tava ele, o Morel... E eu comecei a relatar: “Olha, Arouca, eu vi lá filas em restaurantes, mas vi filas também em livrarias, as pessoas comprando livros, nunca imaginei na minha vida ver filas em livrarias.” Ele falou: “bom, então a coisa não está tão complicada lá...” E eu falei: “Não, tá. É um nível de desintegração, de corrupção naquele partido que não tem solução.” “Mas como assim?!” “Deixa eu te contar o que aconteceu comigo”... No dia que eu cheguei, aquele frio absurdo, aquela tensão (e eu sempre gostei da ‘malvada’), levei dois litros de *Ypioca*, por causa do frio, pra abrir o apetite [risos]. A gente tava numa roda, tinha outros brasileiros, o pessoal da América do Sul aqui, eu falei: “vou subir pra tomar uma cachacinha, alguém quer?” Um pouquinho antes do almoço. Aí o intérprete (falava português) começou: “camarada, tá cometendo um grande equívoco, um desvio ideológico, o último congresso do nosso partido identificou o alcoolismo como um grande problema de saúde pública...” Me passou um sermão, cara... E eu saí assim, não sabia se eu chorava: “Que merda que eu fiz, eu vim pra União Soviética, e o dirigente do partido...” E subi no elevador me sentindo extremamente mal: “Bom, agora vou tomar o dobro do que eu ia tomar, pra ver se passa essa angústia!” Aí tô lá no quarto, toca a campainha, eu olho, quem era? O intérprete. “Abri a porta, e ele com um litro de Stolichnaya pra trocar com a minha cachaça...” [risos] Você imagina, na frente de todo mundo ele dava um sermão desgraçado, mas gostava de cachaça também, aí arranja um litro de vodka, aí foi trocar pelo meu litro de cachaça... Aí pensei: “isso aqui não tem mais solução”.

Guilherme: Sergipe, fala aí um pouco da sua chegada na SES [Secretaria Estadual de Saúde] na gestão do Arouca...

Sergipe: Eu tive dois momentos na Secretaria de Saúde com o Arouca. No primeiro momento junto com ele, quando ele foi ser secretário de saúde, foi um momento assim muito intenso muito rico, conturbado, porque ele tava muito na mídia. Eu me lembro que certa vez ele foi encontrar o Moreira Franco, e voltou comentando comigo, com o Ivo, que ele foi chamado à atenção pra não sair tanto na mídia, que aquela secretária de comunicação, a Belisa Ribeiro, monitorava os secretários, quantas inserções eles tinham nos meios de comunicação por semana, por mês, e de longe o Arouca tava aparecendo mais do que o próprio governador. Aí falaram: “sai um pouco da mídia porque você está ofuscando o próprio governador”. Eu lembro bem disso, ele comentando e a gente brincando: “bom, então tá na hora de intensificar, é sinal de que tá dando certo.” Mas foi um momento muito difícil, porque tinha um grupo na FIOCRUZ que não queria que ele fosse ser secretário, porque a condição dele na articulação que o levou à Secretaria era de que ele não abandonaria a Fundação Oswaldo Cruz, o compromisso maior e primeiro dele era com a FIOCRUZ. Então ele acumulou a presidência da FIOCRUZ com a Secretaria Estadual de Saúde. Isso foi num crescendo, e chegou um tempo em que estava impossível, porque o Ari tinha que levar processo da FIOCRUZ lá na Secretaria, porque ela absorvia muito mais, é uma dinâmica muito mais intensa... Aí ele tomou posse em março, ou janeiro...

Guilherme: Naquela época era março, mas ele relutou muito, o governador ficou procurando ele, acho que ele aceitou uns dois meses depois...

Sergipe: É. Aí eu fiquei um período lá, quando chegou julho, agosto de 87, eu retornei pra Presidência da FIOCRUZ, pra ajudar lá o Ari que tava conturbado, aquele negócio de deputado aqui, deputado ali, eu confesso que não tinha jogo de cintura, o Antônio Ivo era mais jeitoso, tinha uma flexibilidade, uma maturidade inclusive, aí voltei e fiquei lá

na FIOCRUZ. E a gente tentando conciliar as duas coisas, ele na Secretaria e na FIOCRUZ também. No final do ano foi lançada a tal campanha de controle do *Aedes Aegypti*, na “Campanha de Prevenção da Reurbanização da Febre Amarela”, ou algo parecido. Foi quando o Antônio Ivo me chamou, conversou comigo: “Sergipe, por que você não vai lá pra coordenação da campanha?”. O Guilherme já tava na SUCAM, “você vão fazer uma dobradinha boa, o Márcio Dias em Niterói, vai ficar uma coisa mais próxima da gente...” Aí eu falei: “tem que conversar, vou conversar com a minha companheira porque isso muda a minha vida, ia ser um pique assim (tava chegando o verão), e ia ficar uns 4, 5 meses assim, sem sábado nem domingo... Ela tem que concordar”. Aí conversei, “tudo bem”, aí depois fui conversar com você [Guilherme] e com o Arouca”. E o Arouca: “o que você quer, baixinho?” Eu falei: “primeiro, tem que ter infra-estrutura, isso significa o que? Dinheiro. Não tem campanha de prevenção ao *Aedes Aegypti* sem dinheiro”. “Isso a gente tenta viabilizar. Mais o que?” “Tudo o que for comprado, o que for gasto, o que for pago, tem que ter a minha assinatura, não vou coordenar uma campanha com recurso financeiro substancial sem saber o que está acontecendo com esse recurso.” “Não tem problema. O que mais?” “Eu acho que a gente tem que ter uma assessoria. Nós não temos experiência em epidemia de dengue” (tinha um ano que tinha retornado ao Brasil, tinha tido em 81 lá em Roraima, e nós tínhamos que pegar alguém com experiência pra nos ajudar). Eu falei: “a maior experiência de controle de dengue nas Américas é dos cubanos, que enfrentaram em 81 uma grande epidemia de dengue hemorrágica”. Tínhamos uma relação muito boa com o Bolaños (embaixador de Cuba no Brasil), e se viabilizou a vinda dos cubanos. Um epidemiologista e clínico que ajudou a dar palestra de como tratar dengue, e um outro médico que era especialista em organizar movimento social, que deu um curso intensivo (eles ficaram uns 3, 4 meses aqui), a habilidade do homem em organizar as coisas foi muito interessante... Nós começamos uma atividade que eu considero o embrião dos agentes comunitários de saúde, que não tinha até então. Nós contratamos umas 300 pessoas que eram lideranças comunitárias, pra mobilizar a associação de moradores, o movimento de bairro, todas aquelas escolas, enfim... Tinha uma rede, a gente fez não sei quantas mil reuniões nos bairros, em comunidades, ia dentro da igreja, mostrava onde estava o criadouro. E essas reuniões sempre articuladas por um líder que recebia uma bolsa (um salário mínimo mais ou menos) pra fazer esse movimento, e o cubano no meu ouvido... O cubano não tinha uma integração muito com esse pessoal, ficava... Então foi um processo extremamente rico, que levou a uns dos grandes “micos” que eu paguei nessa época. Tinha as reuniões de massa e outras menores. Num sábado tava agendada uma reunião em Itaguaí. O secretário de Itaguaí, que era muito nosso amigo, ficava insistindo: “não, vocês têm que ir, vão ter umas 500 pessoas”. E eu pro Arouca: “você tem que ir, tem que faturar politicamente, quem tem que captar politicamente isso é você, não sou eu, a imagem da Secretaria tem que ser você, não eu”. E ele: “pô, Sergipe, mas sábado?!” Uma “lua” desgraçada, verão, devia ser janeiro, por aí... E eu insisti muito com ele, e ele: “tá bom”. Nós chegamos lá, acho que tinha umas 30 pessoas [risos]. E Ele só me olhava com uma cara... e aquela reunião durou umas 3, 4 horas. Aí sempre que eu o convidava pra ir a uma reunião no interior, ele perguntava: “é igual a Itaguaí?” Mas eu passei a tomar outros cuidados.

Mas esse processo lá na Secretaria da campanha, e a honestidade dele... Que a gente tinha claro que não estava tendo epidemia em 87 (claro que os índices do *Aedes Aegypti* tinham diminuído) porque tinha a barreira imunitária. Por quê? Em 86 tinha sido muito grande. Em algumas regiões do estado não tinham tantos susceptíveis pra poder se infectar. Mas a gente dizia (até por uma questão política) que a ação do governo estava impedindo que não houvesse epidemia de novo. Aí de vez em quando

ele dizia: “não esquece de falar da barreira imunitária”. E eu: “não, vamos falar que a gente tá controlando o mosquito”, naquele maniqueísmo danado... Mas ele extremamente honesto. Ele falava: “os índices estão reduzidos, a nossa ação está tendo efeito, o povo está participando desse processo de destruição dos criadouros domésticos, mas também a questão da barreira imunitária está funcionando pra impedir que haja uma nova epidemia”. E foi o embrião dos agentes comunitários de saúde. Paralelamente, nós contratamos mil duzentos e alguma coisa de mata-mosquitos. Foi feito um concurso no Maracanã, não sei quantos mil compareceram ao concurso, uma seleção simplificada, não era bem um concurso... E foram os mata-mosquitos que dez anos depois fizeram toda essa movimentação que vocês viram, que faziam passeata na Candelária, o oficial de justiça quase dez anos depois ia em cima do meu amigo Guilherme com intimidação... Fomos nós que começamos naquela época, quem contratou os primeiros foi o Arouca... Tinha os agentes pra mobilização social e os mata-mosquitos.

Guilherme: Ali tinha uma coisa importante: quando o Arouca deixa a Secretaria, primeiro vem o Noronha, depois vêm outras pessoas, essa questão passa a ser menos prioritária, o interesse em continuar isso tudo cai. Evidentemente que esse pessoal, por exemplo, é um exemplo concreto disso: eles tinham contrato com o Vital Brasil, que não tinha recurso específico pra esse tipo de coisa.

Sergipe: O recurso inicial foi daquela verba, que era muito grande... Eu lembro de um episódio (que não foi divulgado por motivos óbvios). A gente estava licitando, estava comprando aquelas roupas que os mata-mosquitos usam. Ali tem uns 20 apetrechos: lanterna, pilha, luva, colheres... e era um valor grande. A Secretaria de Saúde pediu a algumas pessoas da SUCAM informações: “de quem vocês compram, quais são as empresas?” Tava certo, estava um processo de compra caminhando, era um valor muito alto. E um dia estava no supermercado fazendo compras e vi um tipo de colher desse conjunto, e três colheres eram menos da metade de uma colher que eles tavam vendendo: “opa, aí tem, nessa licitação tem!” Aí foram checar item por item, era uma coisa escorchante! E nós falamos: “não vamos comprar nada!” Vamos fazer uma licitação aberta. Mas tinha a imprensa pressionando: “quando é que esse povo vai pra rua, quando vai estar trabalhando?” Aí uma pessoa me procurou lá na Secretaria de Saúde, onde tinha a sala da coordenação, por sinal uma moça muito bonita, me oferecendo 10% da compra (isso na época era um apartamento de dois quartos como o que eu morava alugado), era 10% e ela também... E era bonita, por sinal... Eu contei esse episódio pro Arouca, e ele: “não denuncia porque isso pode causar problema pra você, é uma menina que foi lá, não tem nada escrito, nada gravado...” Então nós compramos com outra empresa, atrasamos a entrada do pessoal, foi esse o episódio, muito dinheiro rolando. Então o Vital Brasil num primeiro momento tinha dinheiro pra contratar esses guardas.

Guilherme: Você podia explorar um pouco como foi a chegada do Arouca à vice-presidência na campanha do Freire, qual é a análise que você faz desse processo, que eu acho que você teve uma participação importante.

Sergipe: O Arouca era na época, dos quadros do partido, o mais conhecido da população, embora não identificado enquanto membro do PCB – mas era a figura pública que mais tava na mídia, esse episódio que eu citei do Moreira foi bem marcante, ele tinha uma capacidade de produzir fatos muito grandes. E aí tava aquele impasse,

quem seria o vice do Freire, articulação daqui, um outro partindo dali, não conseguia... Um dia nós conversando (em mesa de bar, essas coisas só saíam em mesa de bar) e eu: “ô, cara, por que você não topa ser o vice do Freire” “Você acha?” “Acho, você ia dar bem”. Aí eu conversei com o Ari, conversei de novo com ele e eu senti que ele “balançou”... Insisti de novo: “posso falar com o pessoal do partido?” “Pode”. Aí eu fui lá no Comitê Central (eu tinha inclusive esquecido desse episódio, quem me lembrou foi o próprio Freire e o Givaldo Siqueira no velório do Arouca). Aí cheguei no escritório do Comitê Central que funcionava ali na Pedro Lessa, conversei com o Givaldo e ele achou ótima a idéia: “mas o Arouca topa?” “Claro, topa, tô falando com você porque já falei com ele, tem que aceitar”. E o Freire tava viajando, não sei se foi pro México, pra algum lugar, e foi consultado se topava. O Freire disse: “Opa, uma maravilha!” Aí o Arouca foi ser candidato a vice do Roberto Freire e eu fiquei como o cara pra pegar finanças dentro da FIOCRUZ, em algumas áreas aí na cidade, doações financeiras... É uma coisa interessante, que tinha pesquisadores extremamente reacionários que tinham uma veneração muito grande pelo Arouca, que davam dinheiro. Não vem ao caso, mas se eu contar você não imaginam... Gente dentro da FIOCRUZ que deu dinheiro pra campanha do Arouca e do Roberto Freire sem pôr o nome no livro de ouro que a gente corria: “não faço questão”. E muitos deram dinheiro dizendo: “você sabe que a minha é outra e não vou votar nele, mas acho que ele merece”. Muito interessante, gente dentro da esquerda e à direita na FIOCRUZ que vocês nem imaginam que pudesse um dia ter contribuído pra campanha do candidato do Partido Comunista à Presidência da República. E ele foi muito bem, porque no início o Arouca era um sujeito brilhante mas era saúde no início, saúde no meio e saúde no fim! Ele falava da saúde muito bem, daquela questão da reforma sanitária, da pulverização das instituições na área da saúde, depois já alinhavado da VIII Conferência de Saúde.

Regina: E as propostas eram quais, você lembra?

Sergipe: Ele repetia mais ou menos assim, ele centralizava dentro da VIII, que isso já era 89, VIII tinha sido em 86, já tinha sido aprovada a Constituição em outubro de 88, então eram os princípios do SUS, ele falava da equidade, da universalidade, ele transava muito bem isso.

Regina: Mas explica melhor isso, que as pessoas que vão ver esse trabalho não sabem o que é equidade, explica um pouquinho isso...

Sergipe: Eu vou deixar isso mais pro Santini (ele participou até da VIII, eu não fui), mas vou dizer só o seguinte: o ápice do movimento já tinha sido a VIII Conferência, e foi o Arouca que apresentou e fez a defesa no plenário da Constituinte do projeto da reforma sanitária, da criação do SUS, já tava inclusive muito mais elaborado que aquele discurso de 8, 9 anos antes, da época do encontro científico dos estudantes. Era um discurso muito bem coadunado, mas um discurso da saúde. A campanha com o Freire fez com que ele entrasse em debates, em contatos com outras áreas, e eu me lembro que no final da campanha teve um ato na Câmara dos Vereadores no qual o Arouca discursou muito bem! Ele falou da educação, da economia, da reforma agrária, da infraestrutura... Então era outro Arouca! Nesse sentido, a campanha foi brilhante pra ele, porque ele incorporou e também nunca mais perdeu! Mesmo que ele não tivesse sido deputado, ele ampliou a verbalização de uma coisa que ele tinha conhecimento pela leitura, mas raramente verbalizava. Então ele começou a ter um discurso infinitamente mais amplo depois disso aí.

Nas eleições seguintes veio aquela campanha de deputado que eu acho que foi um equívoco. Foi bonito, foi interessante, a gente achava que ele teria um espaço muito maior, a gente não conhecia (e se duvidar eu ainda não conheço) a Câmara dos Deputados. Um episódio paradoxal: uma das pessoas que mais trabalhou na formulação das questões de saúde, acho que ele ameaçou renunciar, não foi isso? Senão ele não seria da Comissão de Saúde do Congresso, imagina! “Se eu não for, vou ter que renunciar.” Por que? Porque o partido, o PCB, tinha 3 deputados federais [Freire, Arouca e Augusto Carvalho], aí não tinha força pra indicar alguém praquelas comissões permanentes da Câmara. Aí ele ameaçou, disse: “não, vou ficar aqui na Câmara pra que?” Foi uma coisa muito angustiante a ida dele. Ele não gostava, literalmente não tinha saco praquela coisa. A primeira experiência foi boa. Eu lembro que eu conversei com ele, tentando demovê-lo da idéia de ser candidato pela segunda vez, mas aí veio a questão partidária, aí já é outro departamento. Ele se tivesse tido condições de optar, seguramente ele diria “não”, porque ele não gostava. Não sei se o Guilherme teve muito contato com ele nessa fase, ele não gostava daquela vida parlamentar de Brasília, não gostava.

Guilherme: Ele por três vezes explicitou claramente que era uma atividade que não agradava a ele, era um desgaste muito grande. Agora é interessante isso, porque de certa forma ele se conduziu pra isso. Acho que inclusive a campanha dele pra vice-presidente da República acelerou esse processo. O Arouca ganhou uma dimensão imensa! Foi muito bem eleito no primeiro mandato sem muita força, vamos dizer assim... A situação dele era (eu participei da campanha) paupérrima... Ajudou inclusive a eleger a Lúcia [Souto].

Regina: Alguém já comentou da importância que o Arouca dava à construção de um processo democrático. Então na gestão da FIOCRUZ houve todo um esforço de construir um mecanismo de gestão democrática interna, institucional, foi feito um congresso interno, num momento em que o país estava vivendo a redemocratização, fazer isso na prática. Isso é uma questão importante num momento em que a gente vê a política sendo usada de uma forma tão instrumental, na busca de determinados objetivos não importando o meio, a forma.

Sergipe: Nesse processo a gente nunca pode esquecer que a formação do Arouca é marxista. Sempre tem que entender esse processo de uma forma dialética, como um processo que estava em construção permanente. É interessante como ele entendia... A gente se angustiava e ele dizia: “isso é um processo, vai devagar”. Ele tinha dentro dessa visão, primeiro: a descentralização da administração. Não sei se hoje está assim, mas eu me lembro de um período na FIOCRUZ onde as unidades tinham orçamentos próprios. O orçamento da Fundação era dividido entre as unidades e cada diretor efetivamente tinha poder, tinha recursos pra atuar dentro da FIOCRUZ – coisa que não tinha antes e depois começou a ratear. Outra coisa: sempre que necessário ele ia lá na unidade fazer a discussão direta. Talvez a passagem dele pela Nicarágua, alguma coisa assim, deu esse espírito nele. Eu lembro de uma assembléia que teve com o pessoal da garagem, os motoristas ali, naquele barracão coberto de zinco (um calor absurdo), tinha uns 100 funcionários. Ele discutindo, acho que a pauta de reivindicação do pessoal, entra em greve, não entra, e ele discutindo com o pessoal. O Congresso Interno é uma coisa brilhante que marcou a vida da FIOCRUZ, e hoje ela é uma instituição progressista (não diria de esquerda, mas progressista) que tem mecanismos que dificilmente os personagens que sejam ministros consigam fazer retroceder tanto – vide

o Alcení Guerra, ministro do Collor, que tentou vergar a Fundação e não conseguiu, mesmo com o Arouca fora de cena. Por que? Porque esse processo de organização se enraizou ali dentro. Aí a Associação de Funcionários teve um papel muito importante. E uma coisa dentro dessa visão do Arouca que era interessante: de vez em quando ele fazia reuniões de um “grupão”. Ele pegava pessoas que eram ou não dirigentes e chamava pra casa dele aqui em Santa Teresa pra discutir, quando ele estava em dúvida em algum processo, se fazia, se não fazia... E outra coisa: o bom senso dele, e a humildade. Por exemplo, hipoteticamente, se viesse uma doença nova, uma gripe asiática dessa, ou o caldo de cana da doença de chagas, ele chamava os principais pesquisadores da FIOCRUZ naquela área e dizia: “me digam o que é isso, me dêem uma aula sobre isso”. Tinha alguma questão da malária, ele chamava o Leônidas, o Dimas... E aí na cabeça dele brilhante, com a capacidade de expressão que ele tinha, ele viajava. Tinha o componente ideológico, a formação que ele tinha, a capacidade dele de levar o pensamento – e essa retaguarda. Quando surgiu dengue aqui, foram não sei quantas reuniões com os principais pesquisadores da FIOCRUZ, o pessoal especializado, da área de epidemiologia, que entendia da doença, tinha estudado aquilo, e ele dizia: “me expliquem isso aqui”.

Regina: Ontem até o Morel estava comentando dessa articulação da pesquisa básica com a questão social, ele fazia essa articulação.

Sergipe: Até porque ele respeitava o pessoal, sem nenhum detrimento de ninguém... Eu tive uma trajetória interessante. Meu chefe de departamento por 10 anos era o Moura, e o meu orientador no Mestrado e no Doutorado foi o Herman Schatzmayer, o cara que o Alcení colocou lá, o interventor. Havia tido a eleição, o Akira [Homma] (salvo engano) tinha ganhado, era o Akira, o Arlindo e o Morel, nessa sequência... E o Collor, o Alcení Guerra, colocou um interventor que era meu orientador e sabia que eu era do “Partidão”. Me respeita e é um grande amigo até hoje – mas com diferenças. Um grande admirador do Arouca... Então essa junção de uma coisa com a outra ele fazia muito bem, ele respeitava esse orientador. Aí pegando um gancho é interessante que quem participou de muitas dessas reuniões era o Ari. Até hoje eu recebo e-mail de pesquisadores (hoje em dia não dá mais pra dizer o que é esquerda e direita, ficou tão confuso), mas pesquisadores...

Fita 2 – Lado A

Sergipe: Hoje se tivesse lá uma eleição entre os pesquisadores do IOC pra ver quem eles queriam como presidente, provavelmente seria o Ari. Ele é extremamente respeitado entre aquela “elite” (elite científica, que produz), no Brasil e no mundo, e veio daquela época...

Guilherme: O que você está dizendo é o seguinte: essa construção da presidência do Arouca de certa maneira não só apaziguou internamente a FIOCRUZ como também permitiu que esse tipo de respeito às diferenças e a defesa da instituição em si aconteça na prática mesmo.

Sergipe: Eu me lembro de um episódio, lá à tarde (essas coisas aconteciam sexta-feira à tarde): apagou a luz de um pavilhão, aquele que fica ali entre a ASFOC e o Castelo (eu

não me lembro mais qual era), e subiram os pesquisadores irados, irados, a Maria Diniz, o Galvão, o Ricardo, aquele pessoal todo ali. Foram à Presidência se queixar, o Arouca tava viajando, o Ari também não tava lá, tava numa reunião na cidade. O pessoal chegou naquela sala enorme do Castelo, e uma pessoa lá da Presidência começou a dizer que aquilo era boicote, que tavam boicotando a Presidência, etc. e tal... Quando o Arouca chegou de viagem eu relatei esse fato e ele: “não é boicote coisíssima nenhuma, é um pessoal que tá do nosso lado, mas que tá de saco cheio, não respondem, não resolvem o problema deles. Tem que ter um gerador ali. Acabou a luz da cidade, do bairro ou dentro da Fundação, não tem problema nenhum.” Por que? Porque os pesquisadores tavam perdendo pesquisa, que às vezes tinha 5, 6, 10 anos que tava fazendo uma cultura e corria o risco disso ir por água abaixo. Ele chamou o pessoal e pediu desculpas: “pode deixar que a gente dá um jeito.”

Regina: Em todos os depoimentos é unânime a opinião sobre as conquistas do Arouca na FIOCRUZ, e de todo esse movimento do “partido sanitário” no campo da saúde. Agora a gente está vivendo um momento muito difícil nessa área. Inclusive numa das últimas entrevistas do Arouca ele fala que era necessária a “reforma da reforma” – tinha havido algumas mudanças, mas que... a gente vive um momento difícil. Como você vê isso, tendo uma trajetória de médico sanitário?

Sergipe: Nós tivemos no Brasil uma grande conquista que foi o SUS: as formulações, os princípios, a 8080 (apesar dos vetos do ministro), a 9142, foram grandes conquistas que tivemos. Do ponto de vista de formulação, está dada a questão, não tem mais muito que (no meu entendimento) mudar. Só que na prática, em alguns aspectos, a coisa não aconteceu. Tivemos avanços passados, eu acho, desde a criação do SUS até hoje o Brasil avançou. Só que nós não mexemos numa questão que tá na cabeça das pessoas. Outro dia eu tava participando de um debate num assentamento, discutindo, e a gente tava falando justamente isso. Vamos ver: a Revolução Cubana, num primeiro momento (e hoje ainda, que eu fui a Cuba ver) é um país extremamente machista. Melhorou, mas ainda é um país extremamente machista. Então a Revolução não deu conta de acabar com o machismo. O SUS não deu conta de acabar com uma formulação, com uma concepção de que a saúde, primeiro é sinônimo de médico (o que não é verdade, é algo muito mais complexo pra ser responsabilidade de uma única categoria profissional); segundo, de que o hospital é o esteio desse processo (continua a mesma visão, se é hospital então é cura, não é prevenção). Então hoje nós temos facilidade de fazer, por exemplo, um cateterismo, mas não operamos uma próstata, ou uma varise, ou não fazemos uma endoscopia digestiva. Nós temos facilidades para ter acesso a algumas áreas hospitalares, mas não temos um ambulatório, aí acaba dentro dos hospitais tendo os pacientes de ambulatório. Se você pegar a fila do Souza Aguiar (eu sei como é, eu fiz plantão muito tempo no Souza Aguiar) 60% do que chega ali não é paciente de pronto-socorro. A não ser que o Rio tenha mudado nos dez anos que eu não tô aqui. O que é? É o paciente com febre que não tem aonde ir, vai pro hospital. No Brasil poucos postos que tem atenção primária funcionam hoje, que não sejam dentro do hospital. Então o nó nosso qual é? É superar essa contradição. Reforçar a questão da promoção da saúde, da prevenção, em detrimento da cura, e, portanto, o principal tem que ser o ambulatório, a unidade básica de saúde. Aquela visão contra a qual o Arouca falava, uma coisa “hospitalcêntrica”, não muda de um dia pro outro, não muda!

Regina: Mas você acha que os movimentos sociais estão discutindo essas questões?

Sergipe: Olha, eu participei de um debate num acampamento do MST, discuti isso daí, lá sempre que pode a gente discute. Mas me parece que tá meio longe, né? Tem uma demanda muito reprimida e a população quer discutir o seu imediato, sua cirurgia, não quer saber de concepção entre cura e prevenção, não quer saber dessa contradição, quer resolver o seu problema de saúde naquele momento e ponto. Nem nos diretórios acadêmicos, onde antes se existiram muitos desses debates... aparentemente isso deu uma amainada. Mas acho que já tem história pra contar, o SUS é vitorioso. Tem às vezes umas visões: “ah, o SUS é bonito no papel...” Conversa, conversa! O SUS incorporou uma legião de excluídos no acesso, que se não fosse ele estaria como antes: “você tem carteira assinada, é atendido; você não tem...”

Uma questão interessante aí que foi marcante, foi polêmica na vida do Arouca (principalmente pelas críticas que ele tinha por fora) foi a extinção do INAMPS, ele foi o relator lá na Câmara. Outra coisa muito marcante na vida do Arouca, que eu considero um erro dele: aquela votação, transmitida pro Brasil inteiro ouvir, do fim da estabilidade do funcionalismo, aquele voto que encerrava a votação, porque a partir dali não se precisava mais votar, chegava no quantitativo necessário (acho que dois terços pra uma Emenda Constitucional), que foi o voto do Arouca... Aquilo foi desnecessário... Embora ele nunca tenha enganado ninguém, ele sempre disse: “não sou favorável à estabilidade do servidor público.”

Guilherme: Fazia parte do programa dele.

Sergipe: Em debate interno no partido, quando tinha esses debates, ele nunca negou isso. Mas do ponto de vista de imaginário social, foi uma coisa desnecessária. Não tinha porque ele marcar aquela posição, e começou o descenso do Arouca do ponto de vista de parlamentar. Ele perdeu com aquela votação, com aquela transmissão ao vivo, algumas dezenas de milhares de votos, não só perdeu os eleitores como passou a ter um conjunto de pessoas trabalhando contra a eleição dele. Conversei várias vezes com ele sobre isso e ele explicava, dizia que não... Uma hora eu achava que aquilo tinha sido a ordem normal, mas não, não foi chamada nominal, “seu nome é Antônio Sérgio, não Sérgio...” Não lembro mais como foi a discussão, mas não foi chamada nominal... No meu entendimento aquele voto foi aleatório, então aquilo foi desnecessário! Deixa pro Severino Cavalcanti dar aquele voto!

Fabricio: Sergipe, eu acho que você é a pessoa mais indicada pra falar sobre o Arouca nesse processo da crise final do PCB, da transição pro PPS, ele teve um papel muito importante nesse momento, não é?

Sergipe: Aí é difícil falar porque, nem tanto o conteúdo, mas a forma como se deu aquele processo foi muito dolorosa. Eu lembro que um dia, numa dessas cachaçadas que eu tomava com o Guilherme, a gente conversando, eu falei: “pô, Guilherme, eu tô chateado”. Eu tinha uma simpatia mais pelo grupo que tava com o PPS, mas eu tinha (tenho) verdadeiros irmãos que ficaram no PCB: o Ivan Pinheiro (eu adoro), a Zuleide, eu sempre tive uma ligação muito forte... Então a gente tava se tratando quase como inimigos, mas ou menos como a gente vê dentro do PT do Rio de Janeiro. Uma suposta divergência ideológica, que quando nós botamos no liquidificador e depuramos, nós vemos que o que nos diferencia são 5%, 3% no máximo – o resto é vaidade pessoal mesmo, consciente ou inconsciente. Então esse processo foi muito doloroso, e ao ser doloroso dessa forma deu no que deu! Dois grupos se tratando quase como inimigos, num partido que já não tinha mais grandes inserções. O PPS desde o início com uma

confusão de querer disputar a hegemonia com o PT, mas numa disputa que o aproximava muito mais do PSDB que de qualquer outra coisa. Então foi um processo muito difícil. Eu lembro que um dia (acho que o Guilherme tava junto) tava tendo uma convenção ali na Assembléia Legislativa e eles me chamaram pra fazer parte do Diretório Estadual, em 92, a primeira conferência do PPS. Na época achava que teve um inchaço assim absurdo no partido assim de uma hora pra outra, pessoas que não tinham nada a ver com nada iam lá. Aí eu falei: “você vai me perdoar, mas eu não vou, não dá”. E acabei não ficando. Tava o Arouca, a Lúcia, o Guilherme... Achei desde o início que o processo foi mal conduzido e que o PPS não se encontrou ideologicamente. O PCB por outro lado tá com um discurso como se o mundo não tivesse mudado. Alguns aspectos já estão muito ultrapassados. Tenho muitos amigos ali, não tô querendo também defender o PT (é um caso à parte). Quando eu falo da vaidade pessoal, a derrota do Greenhalgh pro Severino Cavalcanti, vai comparar a trajetória dele, foi defensor de preso político, não sei o que... Mas é um pavão! Eu tenho amigos deputados lá do Mato Grosso do Sul, vocês pensam que o João Paulo cumprimentava os deputados assim no corredor? Conversa! Só falavam com os líderes e acabou! Tipo o Mercadante. Foi preciso levarem essa porrada pra acordarem. Em São Paulo, a Marta... E isso que eu acho é um amadurecimento da população, não um retrocesso. Eu acho que a população percebeu que aquele tipo de administração... A mulher sai da favela e vai jantar com todo o seu secretariado no restaurante mais caro da América Latina! É isso. Tá brincando! Nunca gostou de pobre, burguesia!! Intelectual bem formada, boa pessoa, etc., mas a forma como foi conduzida aquela administração não podia dar muita coisa. Então acho que a população tá procurando... Não tô dizendo que o Serra é o caminho, pelo amor de Deus, gente, vê lá como vão entender isso. A população tá em busca, ela tá identificando: “não é bem isso que eu quero”. Então voltando à questão: pode até ser que o PPS se viabilize enquanto partido daqui a mais ou menos 15 a 20 anos. Agora, se não acordarem vão pra uma aventura, os poucos deputados que têm vão perder, em alguns estados eu os vejo falando em chapa pura, quer dizer, é um auto-isolamento.

Guilherme: Agora acho que tá indo mesmo porque o Freire se lançar candidato a presidente pra mim é o isolamento absoluto. Você mostra que você não tem nenhuma alternativa a ser construída, é meio complicado, um partido que é majoritariamente agora de centro-direita...

Sergipe: Mas se o Ciro sair leva a direita e o centro, ou o Ciro é de esquerda agora? Mas é isso, gente, acho que o Arouca era essa grande figura, uma figura ímpar. Ele deixou saudades, agora deixou o legado dele. Sempre cercado de pessoas muito interessantes, era uma característica do Arouca - na Secretaria, no Laboratório Central, Na FIOCRUZ. Eu devo muito a ele e às pessoas em torno dele. Me lembro agora, só pra encerrar, que eu tinha sido um dos coordenadores da campanha do Milani pra vereador em 88, e tinha participado da campanha dele com o Freire. E um dia, a gente conversando lá na Presidência da FIOCRUZ, o Luiz Fernando me puxou num canto e falou assim: “cara, você tá bem, agora você tinha que estudar, tinha que fazer um Mestrado. Essa coisa de política não...” No mesmo dia o Moreira Nunes me falou a mesma coisa, um de manhã e o outro à tarde...

Guilherme: Eles combinaram isso.

Sergipe: E o gozado é que foi um período em que eu já tava me incomodando. Que alguns dias antes, eu (que trabalhei muito com doença de chagas) tava no bar tomando

café, cerveja, sei lá, na Rua das Laranjeiras, e chegou um funcionário de um daqueles prédios e me mostrou um eletrocardiograma, eu devia tá dormindo, e eu olhei aquilo e rateei... “Hum, tem que estudar.” Então a partir do toque do Luiz Fernando e do Moreira Nunes eu não aceitei ser chefe de gabinete do Milani lá na Câmara dos Vereadores e fui estudar. Me lembro assim (um último episódio), nunca vi defesa de tese ser interrompida, eu tava apresentando a minha tese de doutorado, entrou o Arouca e a Lúcia e o professor interrompeu pra agradecer a presença do deputado Arouca e da Lúcia.

Depoimento de Luiz Antônio Santini (Rio de Janeiro - 16.04.2005)

Fita 1 – Lado A

Santini: Meu nome é Luiz Antônio Santini. Sou médico e professor da Universidade Federal Fluminense.

Regina: Eu acho que a primeira pergunta importante pra gente seria que você falasse dessa sua relação com o Arouca.

Guilherme: Eu acho que pro grupo todo contextualizar: tem a ligação ideológica, todo um projeto, o Santini também foi militante do PCB, quer dizer, essa retaguarda que permite uma aproximação. E é muito importante que eu acho que o Santini se diferencia da grande maioria das pessoas que a gente está entrevistando até agora, porque ele é um profundo envolvido, do ponto de vista da formulação de um modelo diferenciado da saúde, muito no campo institucional, mas com o olhar fora da FIOCRUZ – o que é interessante. Até agora a gente tem tido muito o entendimento da crise, da construção do projeto, muito sob a ótica dos pesquisadores. Sem o menor demérito, mas só pra entender, o Santini pode dar uma explorada e nos dar um entendimento muito bom nessa compreensão de quem tem um olhar diferenciado, mas formulador também do projeto de transformação. Depois ele vai explicitar: foi membro da Comissão da Reforma Sanitária, foi dirigente da estrutura do INAMPS no Rio já num processo de mudança de perspectivas, então eu acho que dá pra falar bastante disso... O Santini entrou muito nessa formulação. Antes não tinha nada de AIDS, de SUS, tinha um Ministério fragmentado, e ele se junta a um grupo que vai estruturar uma idéia e operar os mecanismos que permitiram chegar no SUS...

Santini: A primeira coisa é que um depoimento sobre o Arouca me emociona muito. Não é fácil. Mexe com muita coisa afetiva, um sentimento muito profundo, então é difícil dar um depoimento envolvendo a figura do Arouca sem mexer muito emocionalmente. Mas isso não é ruim, isso é bom. Eu estou emocionado e tenho certeza que vou ficar várias vezes, mas eu não considero isso nada de ruim – pelo contrário. É uma forma de eu sentir um pouco a presença dele, e a emoção traz de certa forma essa possibilidade: uma presença no coração da gente. Eu fico muito feliz de poder falar aqui, é uma coisa que me dá muita satisfação.

Eu conheci o Arouca numa circunstância muito curiosa... Aliás, o Guilherme foi meu aluno, e num momento muito especial. A minha formação básica na Medicina é de cirurgião, eu era cirurgião, aliás, eu sou cirurgião ainda, sanitarista e cirurgião, é igual a crisma, uma marca que você não deixa de ter nunca mais. Você pode até não operar nunca mais, mas a marca fica, tem um espírito, um temperamento, eu ainda tenho isso, não opero mais, mas ainda tenho... Trabalhando como cirurgião, no Hospital Universitário, sem nenhuma formação de saúde pública, mas com inteligência e percepção das coisas, comecei a ver que estava tudo errado! É isso que o Guilherme falou agora a pouco aqui sobre a questão dos hospitais de emergência. Um hospital de emergência no qual 80% dos casos atendidos não tinha nada de emergência! As coisas de emergência, mais difíceis, ficavam às vezes submetidas a uma postergação, a um atendimento mais difícil. Começando a perceber isso, começando a perceber de outro lado uma falta de técnica na gerência do hospital, dirigido muito intuitivamente, comecei a perceber um monte de coisas e aquilo estava tudo errado! Uma outra coisa,

essa a mais grave de todas, era a percepção que eu tinha desde estudante de que a formação médica era totalmente equivocada. Eu já tinha lido alguma coisa a respeito porque quando eu entrei pra universidade comecei a ler sobre o tema, comecei a ver que eu não estava sozinho nisso, muitos autores importantes estavam falando nisso, e eu estava apenas concordando com eles. Inclusive um grande companheiro nosso, que depois a gente veio a conhecer e trabalhar com ele (inclusive o Arouca me apresentou pra ele), que foi o Juan César Garcia, que trabalhou com toda a questão da reforma curricular na década de 60. Eu comecei a pensar sobre essa questão da educação médica, que aquilo era um negócio totalmente equivocada – ela tinha uma premissa equivocada. Os alunos eram submetidos primeiro a um massacre de informações teóricas, e depois inauguravam uma atividade prática aparentemente sem nenhuma conexão com aquilo, pra incorporar atividades práticas para as quais ele não tinha os fundamentos teóricos adequados, enfim, era uma confusão! Comecei a trabalhar um pouco nessa idéia de mexer no currículo da escola médica, de olhar que aquele negócio tinha que ter uma outra concepção. O cara antes de aprender o fenômeno biológico da doença, tinha que trabalhar um pouco os aspectos mais globais do processo saúde/doença. Era uma novidade falar sobre isso, eu tinha um pouco isso intuitivamente, depois eu estudei mais profundamente. Comecei a imaginar que a melhor coisa que eu tinha a fazer era criar uma forma de tirar os alunos do Hospital Universitário e trabalhar com o sistema, mas não existia esse sistema. Podia-se trabalhar fora do Hospital Universitário, mas não havia uma unidade escola, porque a cultura acadêmica daquele momento era tão forte que quando você criava uma unidade ligada à escola, ela reproduzia lá tudo exatamente igualzinho ao que era no Hospital. Não renovava em nada! Ela levava uma cultura de hospital universitário pra ponta, e não produzia nenhuma mudança na cultura dos alunos e muito menos dos professores. Em função disso, eu comecei a discutir uma utopia (eu trabalhava na UFF): articular a rede de saúde de Niterói, que tinha uma rede interessante, trabalhar esse serviço de saúde de uma forma articulada. Isso coincidiu com um momento em que o INAMPS estava vivendo uma crise grave já naquela época, uma crise grave por conta, por conta dos financiamentos...

Regina: Isso em que ano?

Santini: Isso foi início da década de 80, 81, por aí. Então começamos a trabalhar essa idéia de articular os serviços de saúde. Criamos um espaço de discussão, um espaço mais ou menos formal inicialmente, reunimos as várias instituições, demos a isso o nome genérico de Programa de Integração e Regionalização das Ações de Saúde, e começamos a introduzir esses caras aqui nas discussões, os estudantes... Ao mesmo tempo, eles (o grupo que o Guilherme participava e outras pessoas) já tiveram a percepção, por um aprofundamento da percepção deles, mérito deles (além do engajamento político e ideológico com uma mudança do processo de formação): construíram um espaço próprio, autônomo, de trabalhar com saúde popular, com movimentos populares, buscando a construção de um sistema de saúde. Nesse projeto trabalhei muito com eles. Dei um apoio não só institucional, pela Faculdade de Medicina, mas até presencial, tive presente participação, estava em todos os eventos. Não era um momento fácil de fazer isso, tinha muitas resistências, ainda era ditadura. Aliás, tem até um aspecto curioso: eu era diretor da Faculdade de Medicina, tinha 33 anos. Como é que um cara com 33 anos chega a diretor de uma Faculdade de Medicina da Universidade Federal? É porque a Faculdade de Medicina da UFF não tinha a menor importância. [risos] Ninguém deu a menor bola pra quem foi o diretor nomeado. A

reforma universitária tinha tirado da Faculdade de Medicina qualquer conteúdo. Era um título honorífico. Se eu quisesse ter ficado lá três anos sem fazer nada eu ficava. Mas como eu já tava trabalhando num projeto de mudança, eu fui eleito na lista sêxtupla de diretor da faculdade e fui nomeado, pelo ministro Eduardo Portella. E chegamos a esse negócio...

Como foi então que eu conheci o Arouca? Eu comecei a chamar o Arouca lá na Escola de Saúde Pública pra discutir esse assunto. Me apresentaram, a ele num debate de saúde no CEBES (acho que foi no CEBES, não sei bem), mas foi um debate no Sindicato dos Médicos, eu fui até lá, e o convidei pra ir a Niterói conhecer essa história. Foi a primeira vez que eu tive contato com ele. Eu já conhecia o Arouca de referências, sabia dele, era uma pessoa importante, mas eu não tinha contato pessoal. Foi um encontro assim muito agradável – de primeira, parece um cara que você já conhece há duzentos anos... A gente rapidamente afinou uma porção de coisas do nosso pensamento, a gente era muito afinado em relação a muitos pontos de vista: práticos (em relação a tudo isso que eu estava falando, reorganização do modelo de saúde), mas muito também afinados no campo afetivo, pessoal. Eu acho que a grande característica do Arouca como ser humano era a generosidade, ele era das pessoas mais generosas que eu conheci. E essa generosidade se expressava na política, na ação gerencial, quer dizer, a generosidade era um elemento central pra explicar uma série de movimentos que ele fazia em todas as áreas de atuação dele. A capacidade de ouvir, de prestar atenção ao que as outras pessoas estavam falando, e ele era um intelectual muito diferenciado. Se ele fosse paciente com um pensamento um pouco menos elaborado, seria compreensível. Tinha uma enorme capacidade de ouvir e de perceber no meio de alguns lugares-comuns uma coisa importante: ele tinha uma grande capacidade de fazer isso. A característica intelectual dele mais importante era a universalidade. Embora ele tivesse uma formação marxista, fosse um teórico marxista (porque a formação não era apenas uma passagem, era profundamente refletida), apesar disso, ou até talvez por isso, ele tinha uma grande capacidade de pensar universalmente, incorporar o diferente. A capacidade que o Arouca tinha de incorporar o pensamento diferente e de transformar esse pensamento diferente numa outra coisa, nova, foi no meu modo de ver o que tornou capaz todo esse processo de articulação da mudança do Sistema Único de Saúde no Brasil. Se não tivesse a liderança dele, não apenas com a capacidade de fazer isso, mas de induzir isso, transmitir isso, dificilmente a gente teria chegado ao que chegamos. Por quê? Por exemplo, em relação a essa questão do movimento da reforma sanitária. No início da década de 80 havia uma polarização, onde uma grande parte do PCB tinha uma posição mais... hoje eu chamaria de burocrática, mas na época não chamaria de burocrática pois seria injusto. Hoje eu estou falando à luz da História. Que pensava que o sistema de saúde no Brasil tinha que ser um sistema nacional, e um sistema nacional de saúde significa um sistema centralizado, onde a ação local é resultado de uma organização a partir do nível central, nacional. Essa era uma visão muito forte no interior do Partido. Mas de outro lado havia uma outra discussão, havia um outro grupo de trabalho, um outro pensamento já se formando, que já estava trabalhando dentro da idéia da luta pela democracia no país. Não que a outra estivesse fora da luta pela democracia, também estava, claro! Mas era uma visão um pouco de cima pra baixo. De outro lado havia uma outra frente de discussão de luta pela democracia que passava pelo fortalecimento do estado, do município, pela descentralização. Todo o processo de construção da VIII Conferência, por exemplo, teve como eixo político a questão dos estados. A Comissão Nacional de Reforma Sanitária viajou por todos os estados. Viajou para vários dos principais municípios. E começou a reforçar a idéia da municipalização como uma estratégia de construção do Sistema Único de Saúde. Essa não era a tese

principal no interior do Partido. E o Arouca foi muito pressionado politicamente no interior do Partido para se contrapor a essa tese da municipalização. Porque ela era uma tese menos controlável, menos bolchevique. Mas ela politicamente, estrategicamente (principalmente considerando o momento que vivia a sociedade brasileira, onde iam acontecer as primeiras eleições estaduais pós-ditadura) era o caminho correto, embora o cânone do pensamento marxista, “soviético” da época, não indicasse esse caminho. A preferência teria sido um sistema nacional de saúde, uma coisa mais orgânica. E, no entanto, a figura do Arouca foi fundamental na negociação desse pacto. Porque havia muita confusão nessa história, no meio dessa confusão havia crise do INAMPS, do sistema previdenciário. [interrupção]

Estava falando da importância da figura do Arouca na construção da unidade do movimento sanitário, principalmente na definição da tese da reforma sanitária, da tese da descentralização, da municipalização. Esse foi um momento marcante e a presença dele foi fundamental. Esse processo estava muito tensionado, havia figuras importantes, como o Nelsão, Cordoni, Hésio, várias pessoas (alguns até do Partido, como o Cordoni e o Nelsão) que defendiam a posição da municipalização, o processo de construção via estado e município. Havia alguns setores dentro do Partido (acho que o Temporão estava um pouco nessa posição, o Eleotério, embora trabalhassem na Previdência Social) tinham uma visão, pensando do ponto de vista ideológico, de que o modelo ideal fosse o modelo do sistema nacional de saúde. Essa discussão se continuasse como estava, seria completamente estéril, não levaria a lugar nenhum. Existia uma realidade política acontecendo no país, o país fazendo eleição direta pra governador, a luta pela democracia, pela eleição direta, a descentralização como um projeto estratégico para a democracia, e a gente ia ficar discutindo a vida inteira se devia ser sistema único, nacional, local?!

Guilherme: E a sensação que eu tenho é que você está dizendo que era o Arouca que fazia isso, não é?

Santini: O Arouca fez essa ponte.

Guilherme: Sem botar ninguém perdendo...

Santini: Sem botar ninguém perdendo, exatamente isso. Quer dizer, talvez ele fosse o cara que ideologicamente mais tivesse capacidade em engendrar, elaborar e defender o modelo do sistema nacional, e, no entanto, ele foi capaz de absorver pela política, pela capacidade de ouvir, pela competência de análise política, pela generosidade... Porque ninguém faz isso se não for generoso. Se ele fosse um cara auto-suficiente da capacidade que ele tinha, tinha saído na porrada com todo mundo tentando convencer a todo mundo que a idéia dele era correta! Porque teoricamente ela era perfeitamente defensável, não havia nenhum obstáculo teórico pra defender a posição dele. No entanto, podia ser uma ótima posição e não ter nenhum resultado. Uma coisa que ele costumava falar (não sei se essa frase é dele ou não, se não for não importa, é uma coisa importante): “a verdade fora da hora não é verdade”. Não tem nenhum sentido, não tem impacto nenhum! Então isso é uma coisa importante. Aí deu uma virada, houve uma reunião em Curitiba, que reuniu algumas dessas lideranças envolvidas nessa discussão. Eu fui convidado pra participar, não por ser uma liderança, mas por ser uma pessoa que estava envolvida na discussão também. Era uma reunião de avaliação, reunião onde você juntava as diversas posições. O chamado “movimento sanitário” não era um movimento do Partido Comunista, isso é uma coisa importante. O movimento sanitário

era amplo. As reuniões não eram exclusivistas, fechadas, partidárias. As reuniões partidárias eram outra coisa, tinham também. O “partido sanitário” tinha por característica a pluralidade, e não tinha reunião preliminar pra fechar tudo e levar pros caras aceitarem, não era assim! Reunião partidária era uma coisa, reunião do movimento era outra coisa, e isso é muito importante, esse exercício democrático, também é uma outra forte característica do Arouca.

Guilherme: Importante também porque mudou, na verdade, a regra do jogo. Antes o que era o comum? “Vamos fechar a posição e levar”. Isso acabou fortalecendo esse outro mecanismo, e as reuniões do Partido passavam a ser então reuniões estratégicas. Estratégia de conquista.

Santini: Exatamente. Então essa coisa foi uma novidade na política, na prática política, ele foi um inovador nesse sentido. Então era muito generoso, era um cara universal, um intelectual da pesada (um sujeito que tinha profunda bagagem de conhecimento, não era uma coisa superficial, o tratamento dele com as coisas era muito responsável no sentido do conhecimento e de tratar a questão do conhecimento). Uma coisa que foi falada um pouco pelo Sergipe... Como o Arouca transformou o pensamento dele... Claro que ele foi aglutinando muitos pensamentos, mas ele foi formulando algumas coisas muito originais. O Arouca foi absolutamente original na definição da questão da saúde pública – o Arouca recolocou a questão da saúde pública, do ponto de vista não só de objeto de estudo, de pesquisa clínica, de pesquisa epidemiológica, mas como estrutura organizacional. Quer dizer, a saúde pública era um problema, uma disciplina, uma organização (seja lá o que seja), que cuidava de um determinado nicho de problemas: de doenças infecciosas e parasitárias, transmissíveis... Isso era a saúde pública. A outra coisa era Medicina, era clínica. E o pensamento original do Arouca (não porque só ele tenha pensado nisso, mas porque ele deu um formato a isso, uma organização a esse pensamento) foi o processo saúde/doença como uma questão de saúde pública. Não tem como dividir entre saúde pública e saúde não pública. O problema é o *processo*. O que, dentro da linha de determinação do processo de saúde/doença, isso é objeto da saúde pública? Então isso é um pensamento original. Repôs uma série de problemas...

Regina: Ontem o [Carlos] Morel colocou assim uma certa linhagem entre o Oswaldo Cruz e o Arouca: como que o Oswaldo Cruz pensava também nesses vários setores, na Medicina de uma forma mais ampla...

Santini: É verdade, o Arouca tem um traço de ligação com o Oswaldo Cruz sim, nesse aspecto. O que o Oswaldo Cruz fez? Ele basicamente foi pioneiro (pelo menos certamente no Brasil) mundialmente em formular a questão das doenças transmissíveis com a questão da pesquisa básica. Mas o Arouca foi mais longe, ele pegou isso e foi mais longe, porque ele botou dentro disso também todo o processo de saúde/doença. É uma mudança de paradigma, não é uma incorporação de um conhecimento de uma área em uma outra área – isso é consequência. É uma mudança do paradigma mesmo, é o modelo que é outro. Então isso é uma coisa revolucionária! E o SUS... a essência dele é isso, essa essência não pode perder, agora a organização, a estrutura, essa tem que mudar! O Arouca falava, pouco antes de morrer na entrevista que ele deu na rádio, dizendo que tinha que fazer a “reforma da reforma”, é por causa disso. Essa experiência tem nos mostrado a necessidade de mudar várias coisas no campo da aplicação! E como não poderia ter?! Nós estamos tratando de uma atividade extremamente complexa, de culturas... A gente estava falando no início da questão da formação médica, quer dizer, a

mudança cultural, pra mudar o modelo, é muito forte. Sair de um modelo cartesiano para um modelo mais globalizante, mais holístico e até mais samaritano, mais humanista, é muito difícil. É uma trajetória extremamente complexa. Por exemplo, hoje... Isso é uma coisa que eu discuti com o Arouca quando ele tava na Secretaria Municipal de Saúde, no pouco tempo que ele ficou lá, sobre o problema de saúde da família – que de fato é a principal estratégia hoje de mudar o modelo de atenção. Mas sozinho o programa de saúde da família não faz nada, o médico de família é um negócio que está pensado desde a década de 60 pelos americanos, como um modelo de redução de custos. É completamente diferente disso que está sendo feito chamado programa de saúde da família – esse está propondo uma mudança estrutural.

Fita 1 – Lado B

Santini: Então é uma mudança fundamental. Eu estava conversando com ele, ele estava propondo desenvolver esse modelo de saúde da família no Rio, implementar isso, implantar 600 equipes. A discussão que eu estava tendo era da necessidade (e ele concordou comigo) de mudar também a lógica e o perfil desses profissionais. O que acontece? A escola médica forma o especialista, ela não forma ninguém pra ser médico de família. Não tem essa cultura.

Guilherme: Desculpa interromper você, mas tem coisas que você coloca aí que me remontam a toda a discussão que inclusive a gente teve na Fluminense, que você trouxe pro Brasil que é muito rica, que é a questão de que na verdade a formação médica no Brasil está ainda predominantemente determinada pelo mercado. Isso é uma coisa que determina todo o processo de formação do médico. Acho que é legal você falar um pouco disso.

Santini: Na verdade ela de alguma maneira sempre será determinada pelo mercado. O problema é qual é a característica que tem esse mercado. A característica hoje é o mercado mercantilista, de venda de equipamento e medicamento. Na medida em que você muda a estrutura, a organização do serviço, você está mudando o mercado, você está criando possibilidade de absorver esforço (?). Só que isso não basta – e essa era a discussão que eu estava tendo com ele. Tem que haver alguma coisa que vá mais fundo na questão da capacitação desse pessoal. O processo de formação, o processo de interferência na escola médica, eu sou testemunha vivida nisso, eu comecei a minha vida (como eu disse aqui no depoimento) trabalhando nisso. Há 35 anos que eu trabalho nisso, e aconteceu muito pouca coisa! As mudanças foram muito pequenas. Mesmo lá na minha faculdade onde o currículo foi todo modificado, ele foi modificado na aparência, a estrutura não muda. É cultura, isso é cultural. Então a proposta que eu estava falando com o Arouca é a seguinte: tem que introduzir alguns conceitos novos na capacitação desse pessoal de saúde de família. E são conceitos mais ou menos revolucionários pro modelo atual. O primeiro é o seguinte: o profissional de saúde da família não é o cara que tem que ser formado pra fazer as coisas mais simples, ele é o cara que tem que ser formado pra fazer as coisas mais frequentes. As coisas mais frequentes não são as mais simples, muitas vezes são muito complexas, aliás, a atividade do profissional de saúde da família é muito complexa, porque ela envolve relacionamento humano, psicológico, conhecimento da questão social, humanismo, capacidade de gerenciar a saúde de uma população. Isso é altamente complexo! É um

equivoco inclusive na hierarquização dos procedimentos de saúde do próprio Ministério da Saúde, que chama atendimento básico, de média complexidade e alta complexidade que eu teoricamente discordo desse modelo. Alta complexidade é o atendimento básico. O que se chama alta complexidade eu chamaria alto custo e baixa resolutividade. Esse paradigma é novo: eu estava discutindo isso com o Arouca. Quando ele falava da “reforma da reforma”, um pouco era isso: era mudança nesse modelo. Isso foi uma grande frustração que ele teve na Secretaria Municipal de Saúde, ele tinha a expectativa de poder fazer. A gente está falando das boas características do Arouca e são todas muito boas, mas ele tinha uma que traía ele às vezes: dentro da generosidade dele ele tinha esse negócio visionário, ele acreditava (ele tinha tanta vontade de fazer as coisas, achava tão importante) no César Maia, porra! Sabe?! Não é porque era o César Maia, é porque ele vislumbrou... Nisso do César Maia tem duas coisas importantes: uma é a ausência de sectarismo (aquilo que eu falei antes), é a capacidade de ver e absorver o outro; a outra é uma certa ingenuidade pra tratar com filhos da puta, que usam as pessoas que tem essa capacidade, se utilizam da generosidade do outro. No caso do César Maia com o Arouca isso aconteceu de uma maneira escandalosa, trágica! Porque foi trágico pra ele, ele sofreu muito com isso.

Regina: Pra ele e todo um grupo, porque na verdade ele expressava um coletivo.

Santini: Pra nós todos, claro. Olha, eu sofri muito com isso, todos sofreram, e na época que ele foi ele me convidou pra participar e eu não aceitei, porque eu tive essa percepção diferentemente dele naquele momento, que isso não ia dar certo. Eu disse isso com toda a lealdade pra ele. Senti que ele ficou triste, porque ele gostaria que eu fosse, foi uma decisão difícil pra mim também, mas eu não aceitei. Eu já tinha trabalhado com ele antes, na época que ele foi secretário Estadual de Saúde eu fui subsecretário, foi um outro período muito rico nessa história toda. Ele acumulava a presidência da FIOCRUZ e a Secretaria Estadual, então o Antônio Ivo e eu tínhamos que dar conta às vezes de tarefas mais do que as nossas específicas, tarefas políticas dentro da Secretaria, organizativa – a Secretaria era muito desestruturada. Lidar com essas diversidades todas... A gente estava lembrando agora há pouco de um grande amigo e companheiro nosso, um militante de uma dedicação, de um carinho extraordinário, mas também era um “espalha-merda” total! O nosso comandante Padilha. [risos] O Padilha era o nosso chefe da Vigilância Sanitária da Secretaria. Tudo aquilo que ele achava (e era verdade) que não podia acontecer, ele partia com o poder de polícia que a Vigilância Sanitária tem pra resolver imediatamente! Então ele fechou inúmeras casas de saúde psiquiátricas, ele chegava lá (e era verdade) e encontrava condições desumanas... Mas aquilo tinha que ter uma maneira de resolver... Imagina sexta-feira às 6 horas da tarde, eu recebo um telefonema no gabinete da Subsecretaria, e aquele sotaque: “Santini, aqui é Padilha, fechei o Hospital Psiquiátrico de Rio Bonito, tem 1600 doentes aqui, o que eu faço?” [risos] Era uma coisa... Fechou a Clínica São Vicente, da Gávea, uma das mais importantes... Não é que não tivesse alguma razão do ponto de vista da legislação sanitária pra que ele tomasse esse tipo de decisão: ele tava calcado... Tanto que nunca aconteceu nada com ele, ele fazia isso e no fim tinha que resolver. Mas eu tô falando isso com o maior carinho pelo Padilha. Essa experiência fazia parte do Padilha, ele devia ter vinte e poucos anos, um jovem extremamente generoso, entusiasmado, competente, sério... Agora, nesse processo que a gente viveu ali... Eu tô contando isso porque tem que ter alguma coisa pitoresca nessa história. Essa é uma delas.

Regina: Você foi do Partido também?

Santini: Também, também, eu fui do Partido duas vezes. Primeiro quando eu era estudante, na década de 60, antes do golpe. A minha origem é a seguinte (rapidamente): eu fui de colégio católico, primeiro da Ação Católica, na qual eu passei 6 meses, e depois fui pro Partido. Foi uma trajetória rápida, que me levou direto pra uma coisa mais certa, que aquele negócio de Ação Católica era muito complicado! [risos] Mas foi bom. Era a JEC [Juventude Estudantil Católica], estudante secundário. Aquilo me acentuou alguns valores na política, distorceu outros, valores morais, eram distorcidos, porque era um negócio ameaçador, e tal. Tive que conviver muito tempo com psicanálise pra resolver isso. Mas essa acentuação em relação a determinados valores, a formação humanista, foi muito importante. Depois eu fui pro Partido e foi muito interessante... Quando eu entrei pra universidade, na UFF, eu continuei no Partido até que surgiu no Partido o movimento da dissidência, e a primeira dissidência no Partido no caminho da luta armada foi a Dissidência de Niterói – que deu origem depois ao MR-8. Nesse momento eu participei intensamente dessa discussão. Exatamente a dissidência surgiu no meio universitário. O Mário Alves era a liderança intelectual desse processo, mas no meio intelectual é que a discussão foi muito grande. E eu participei muito intensamente dessa discussão, e sofri muito, muito, eu passei muitos anos sem saber se eu não tinha ido pra luta armada por convicção ou por covardia. Até hoje eu não sei. Eu tenho certeza que eu tenho convicção suficiente pra não ter ido. Isso eu tenho! Não tenho dúvida sobre isso. Mas naquela época o que mobilizava os outros caras, vamos dizer assim, eles tiveram mais “coragem” do que eu. Eu tô fazendo assim uma imagem forte só pra dizer como a gente sofreu. Aconteceram reuniões onde o processo da dissidência tava se materializando. A discussão teórica era baseada naquele francês, o Régis Debray, teoria foquista, e depois o Guevara até acabou entrando naquilo e foi pra Bolívia. Esses eram os caras teóricos desse movimento, e era uma teoria importante naquele momento. Você vislumbrava em toda a América Latina um panorama trágico, no mundo inteiro! Então a luta armada era uma possibilidade concreta. A avaliação política que a gente pudesse ter pra saber se isso era uma coisa correta ou não era uma avaliação, a gente tinha elementos pra fazer esse tipo de análise. Na verdade existia uma juventude, existia um desejo, uma porção de coisa e, por que não? Então eu vivi esse momento no Partido. E nessa época eu me afastei do Partido. Na verdade eu me afastei, mas não foi uma coisa... O Partido acabou em Niterói! Foi uma diáspora, algumas pessoas foram para a luta armada, outras foram pra diversos movimentos, e o Partido como referência ali de movimento desapareceu, desarticulou. E eu nessa época estava terminando a faculdade, estava fazendo cirurgia, então eu me envolvi muito na profissão, no trabalho profissional, e tive muito pouca militância partidária daí pra frente. Daí pra frente eu tava de linha auxiliar. Eu era uma pessoa que todos do Partido conheciam, e tudo que as pessoas precisavam pra apoiar o pessoal da clandestinidade, e tal, de apoio logístico, de qualquer tipo de apoio que eu pudesse dar, eu era acionado para isso. Mas eu fiquei afastado do Partido por muito tempo. Retomei o contato com o Partido nessa época, 79, 80, foi por aí que eu retomei. E foi por intermédio do pessoal da faculdade, dos alunos, não foi nem na área profissional nem nada disso, foi ali pelos alunos ali...

Regina: Você nunca foi da FIOCRUZ, foi sempre da universidade...

Santini: Sempre fui da UFF. Muitas vezes eu estive na FIOCRUZ por projetos que fossem comuns. Por exemplo, no tempo do movimento da reforma sanitária, tinha um

grupo de apoio à Comissão Nacional da Reforma Sanitária (que viajou o país todo, eu fiz parte desse processo). Depois na preparação da VIII Conferência, na própria realização da VIII, eu participei com o pessoal...

Regina: E você era muito ligado ao Hésio Cordeiro também...

Santini: Com o Hésio eu tive uma relação mais profissional, ele foi presidente do INAMPS e eu trabalhei com ele, fui superintendente no estado do Rio. Tive uma ótima relação pessoal com o Hésio, nós trabalhamos juntos nesse período de uma maneira muito harmônica. Não foi muito prazerosa porque foi um momento muito difícil, a época da superintendência do INAMPS foi um dos momentos mais difíceis...

Regina: Como foi esse fim do INAMPS?

Santini: O fim do INAMPS já tá dentro desse processo da consolidação do Sistema Único de Saúde, e aí houve uma série de questões que não foram suficientemente aprofundadas. Não que eu acho que o fim do INAMPS fosse uma coisa errada, eu acho que não. Com o Sistema Único de Saúde, não tinha sentido manter uma estrutura que era muito carregada culturalmente da origem previdenciária que ela tinha, e, portanto, de uma resistência à universalização. A estrutura original do INAMPS, a tendência do INAMPS era ter sempre uma clientela cativa. Mesmo com todo o processo, com todo o movimento, a cultura do INAMPS era tentar segmentar uma parte da clientela. Então terminar com o INAMPS, do ponto de vista até simbólico, era uma coisa importante. O problema não foi terminar o INAMPS, o problema foi que a estruturação necessária da operação do Sistema Único de Saúde, sem uma estrutura que tivesse esse papel forte, tem sido um dos problemas. Essa crise do Rio hoje mostra isso. O Rio é peculiar, nesse aspecto. Mas a gente pode pinçar da crise do Rio algumas questões pra entender a crise nacional. O Rio tinha 17 hospitais do INAMPS aqui, na cidade do Rio de Janeiro. Qual era a característica deles? Eles eram hospitais, ou um grupo deles, ligados a institutos de previdência. Por exemplo, Instituto dos Bancários, dos Comerciários, dos Industriários, Ferroviários, etc., cada hospital era de um desses grupos. Então a clientela deles era essa. Quando unificou o INAMPS, já começou a complicar um pouco, a identidade já ficou um pouco perdida, e ele só não se perdeu completamente porque o que sustentou a identidade do hospital foi o perfil do corpo clínico. Quem trabalhava no hospital sustentou a identidade do hospital, e não a demanda. Quando esses hospitais foram municipalizados, o que foi feito uma troca de guarda. Não houve um projeto de municipalização, não houve uma definição de qual era o perfil desses hospitais, qual era a abrangência e responsabilidade local que ele tinha, regional, nada disso! Foi feita uma transferência. Pegou-se não sei quantos hospitais e não sei quantos postos de saúde e transferiu-se pro gestor local – que na verdade nem gestor era, porque ainda não tinha assumido a gestão plena. Então isso foi uma coisa muito ruim, muito complicada, e que é a origem dessa crise toda que tá aqui, tem outros componentes, mas a origem vem disso. Na verdade, faltou e ainda está faltando (e esse é um outro componente da “reforma da reforma”) a discussão do sistema de gestão. Quer dizer, o que é o real papel dos municípios e principalmente do estado. Nesse processo todo, como houve uma ênfase na municipalização, o estado ficou sem papel. Os municípios têm papel mais definido, a União tem papel mais definido, mas os estados não têm. E o que tem não é por força de lei, é por normas operacionais, que na verdade se não for cumprida não acontece nada. Então esse é um outro elemento da “reforma da reforma”. Dos elementos da “reforma da reforma” que o Arouca falava, dois pelo menos eram esses: um era a

mudança cultural, mudar *profundamente* o modelo, alterar a cultura profissional de quem trabalha no nível de atenção primária, mudar o conceito do que é atenção básica (não é a coisa mais *fácil*, é a coisa mais *freqüente*). Isso tem um impacto fantástico, se essa coisa for feita. O Brasil é o país que tem o maior índice de incidência de câncer de colo do útero. Câncer de colo do útero é uma doença curável e antes de tudo evitável.

Sergipe: Eu queria que o Santini depois falasse, que ele viveu uma característica muito interessante do Arouca naquelas “viagens”, que era uma época em que vocês trouxeram o Sócrates, e tinha uma história de “Circo da Saúde”. Como era o “Circo da Saúde” pra difundir a proposta da reforma sanitária?

Santini: Aí entra toda essa coisa criativa, essa idéia abrangente do processo, essa mudança de concepção com o paradigma saúde/doença que não é a questão de quando o cara entrou no sistema, mas de quando o cara tá na vida! O problema de saúde dele começa com isso. O Arouca tinha uma percepção, uma inteligência capaz de absorver isso, sem precisar elaborar muito, sem muito formalismo, sem muita discussão, que era de dar visibilidade ao pensamento sem tentar explicar. Essa é uma coisa, por exemplo, que eu tenho inveja dele: eu sou muito explicativo, ele não precisava explicar muita coisa. Demonstrava o pensamento sem explicar nada, fazia um gesto, fazia uma ação. E isso era uma delas: ele inventou um negócio chamado “Circo da Saúde”. Convidava personalidades, como na época o Sócrates. Artistas, pessoal da música, o Marcos Frota, que depois veio a montar a Escola de Circo, uma das origens da Escola de Circo do Marcos Frota foi esse trabalho, ele se encantou com essa história! Fazia movimentos com artistas populares, pessoal da cultura popular, o Amir Haddad, o Grupo Tá na Rua. Eles faziam performances no ambiente do circo. Era uma reunião pra tratar de saúde, só que era uma reunião... Tratar a saúde de uma forma que não era dar uma aula. Seria uma tragédia (imagine) se você reunisse em São João de Meriti, debaixo de uma lona de circo, 150 graus de temperatura, pra começar alguém a falar de saúde, dar aula, falar que “a saúde trata de não sei que...” Se fosse isso não iria ninguém, óbvio! Como é que mobiliza, como você torna realidade a questão (que é um princípio) da participação? As pessoas não podem participar de uma coisa chata, sua participação não pode ser uma coisa aborrecida. Nem só uma coisa militante, porque também enche o saco. Nem todo mundo gosta de ser militante de uma causa, ficar... E, no entanto, a participação é uma coisa importante, então é preciso ter alguns elementos da vida (e não elementos artificiais) que possam atrair as pessoas pra ter diversas maneiras de participar. Essa é uma linha que ele tinha muito clara, dessa questão: que a mudança na saúde não é um problema da esfera da técnica, é um problema da esfera da cultura. Uma mudança cultural – com várias mudanças de ordem técnica. A importância que ele dava à questão do desenvolvimento científico e tecnológico da FIOCRUZ... Os caras no início tinham medo do Arouca assumir, porque eles achavam o seguinte: “pô, o cara é professor de planejamento, foi pra Nicarágua, anda de botina, cabelo comprido, camisa vermelha, esse cara vai ser presidente da FIOCRUZ?! Isso aqui vai ser o maior desastre!!” Os caras achavam isso, os pesquisadores, não eram os caras reacionários, eram os caras bons! Eles tinham medo! O Arouca era uma figura completamente *out* desses parâmetros dos caras lá! Pra eles era difícil entender a idéia de que pudesse haver um pesquisador que não fosse um cara enfiado num laboratório... “Pesquisador social, pesquisa epidemiológica, que diabo é isso, pô?! Pesquisa é um negócio que você tem que fazer, provar e ter possibilidade de fazer uma contraprova, senão não é pesquisa, senão é uma invenção, é um negócio social...” Isso era a premissa dos caras. Pega um sujeito com esse *ethos*, os caras reagiram! Só que o Arouca tinha esse *ethos*, mas era

extremamente cativante também! Ele tinha uma capacidade, ele cativou a maioria desses caras. E sinalizou... ele tinha a capacidade de demonstrar. Por exemplo, ele entrou pra FIOCRUZ, o que ele fez? Reabilitação dos cassados da ditadura. Se o Arouca tivesse seguido o parecer jurídico, a opinião de não sei quem, os cuidados das pessoas que “olha, porra, não sei que”... Se tivesse seguido todo esse bom senso, aquilo não tinha acontecido. Aquilo era um troço...

Sergipe: O papel que teve o Arouca... Hoje quem toma uma transfusão de sangue, tem uma certa “segurança”. Normalmente a gente lembra só do Betinho. Foi um processo mais amplo: foi no momento em que o Arouca era secretário, você era subsecretário que teve aquela “guerra”! O comandante Padilha, dentro da loucura dele, deu uma grande contribuição a isso. Alguém já tinha falado nisso, gente [dirigindo-se à equipe]?

Santini: A questão do sangue é muito importante. Quando surgiram as primeiras evidências de contaminação de AIDS por transfusão de sangue, o Brasil de modo geral (e o Rio de Janeiro) não dispunha de uma legislação sanitária em relação a essa questão de banco de sangue, absolutamente. Era uma legislação extremamente atrasada, na verdade o que existia no Brasil, no Rio particularmente, era um comércio de sangue. Houve até um filme do Sérgio Resende sobre esse comércio de sangue, principalmente na Baixada Fluminense, que era uma tragédia! As pessoas vendiam sangue a troco de alguns cruzeiros pra poder comer, ou às vezes até em troca do próprio lanche que o sujeito dava ali no banco de sangue.

Guilherme: Eu acho que nem sequer o número de doações era regulamentado.

Santini: Não era nada regulamentado, não tinha regulamentação nenhuma!

Guilherme: Tinha pessoas que doavam mais sangue do que podiam!

Santini: Muito mais! Ninguém media o hematopo do sujeito pra saber se o cara podia doar o sangue ou não, o cara doava sangue em dois, três bancos de sangue, passava uma vez por semana em cada um... Era um comércio bárbaro! E por trás desse comércio bárbaro, tinha uma exploração industrial disso aí, que depois teve até um escândalo, havia uma fábrica de derivados de sangue em Teresópolis, eu acho, que tinha como área de captação esses bancos de sangue da Baixada. A primeira medida de obrigatoriedade de implantação do teste de HIV em banco de sangue no Brasil foi tomada no estado por ocasião da gestão do Arouca. O que foi uma brutal confusão! Eram todas instituições privadas, que faziam a coleta e não tinham nenhum tipo de controle. Então, de repente, se tornou o teste obrigatório... Tornar o teste obrigatório desencadeia uma profunda mudança na estrutura e na organização do banco de sangue, claro! Você tem que ter tecnologia, tem que ter equipamento, aquele negócio deixa de ser uma “baiuca” lá roubando o sangue dos outros e passa...

Fita 2 – Lado A

Santini: (...) a falta de estrutura que a Secretaria contava na época, a dificuldade toda, era freqüente encontrar-se o comandante Padilha a bordo de seu próprio veículo fazendo inspeção em banco de sangue da Baixada Fluminense, correndo risco de ser morto,

atropelado, assassinado, qualquer coisa! Era uma coisa absolutamente irresponsável da parte dele fazer isso, irresponsável por ele mesmo! Mas enfim, é essa a nossa história cruzada com a do Arouca. É como eu falei no início, seguramente ele foi não só um pensador (embora tenha sido um dos mais importantes), mas ele foi também isso: a grande capacidade de articular... A palavra “articular” não é muito apropriada porque ela não é suficiente pra conter o que era essa capacidade que o Arouca tinha. Não era uma articulação do ponto de vista pragmático, era uma articulação da capacidade de perceber o outro, de dar importância ao que o outro tá falando e ao que o outro pensamento significa. A importância dele (entre outras) era dar espaço vital tanto pras coisas que ele via, vivia e pensava, quanto ao que o outro via, vivia e pensava. Isso é uma capacidade humana muito rara! Muito rara. Eu acho que é por isso que ele teve esse reconhecimento. A gente tenta fazer uma explicação, mas realmente não é muito necessário. Eu acho que é necessário fazer isso aqui porque é importante ter um registro, a História precisa disso (é fundamental). Mas pras pessoas que tão aqui, que conviveram com o Arouca (como eu e todos aqui), isso que eu estou falando é quase um truísmo, porque isso era óbvio no comportamento dele.

Guilherme: Cada um de nós que fala um pouquinho faz o outro ficar matutando, matutando, é impressionante!

Sergipe: Isso, e eu tô matutando aqui! Então eu digo o seguinte: a impressão que eu tive nas conversas com o Arouca, a saída dele da Secretaria de Saúde foi um alívio pra ele, por conta das pressões internas que tinham na FIOCRUZ (que não queriam ele na Secretaria, porque “ele não estava se dedicando, abandonou a Fundação”, aquela coisa), mas um alívio pessoal, porque ele achou que fosse mais fácil mudar a saúde. Isso que você tava falando, o processo organizacional todo, pensou que fosse mais fácil! Ia lá e mudava, era o sonhador, visionário... Então quando ele viu que não era aquilo, que o buraco era mais embaixo, que não tinha recursos... O SUS na realidade não é de 88, é de 2001, porque agora é que definiu de onde vem a grana! Como é que vocês conversavam isso? A impressão que eu tive quando ele voltou pra Fundação foi: “pô, me livre, achei que ia dar certo, não deu, que bom que eu tô de volta!” A impressão que eu tive. O que você acha, você que conviveu ali tão próximo dele?

Santini: Ali aconteceram pelo menos dois níveis de coisas que eu acho importante registrar, falando dessa passagem pela Secretaria. O contexto é importante. A eleição do Moreira Franco naquela época foi num contexto da eleição de 86, onde o PMDB ganhou em quase todos os estados. Foi a primeira derrota ao nível de Executivo, na verdade foi a primeira eleição depois da ditadura, e o Moreira foi eleito nesse contexto. E a proposta dele, inclusive ao convidar o Arouca pra ser secretário, convidando-o pra ser secretário, mas trabalhando pra que ele não saísse da Fundação – o Moreira entendeu a importância dessa coisa – criou um secretariado que ele queria (ele chamava assim na época) que fosse visto como um ministério. Ele colocou na Secretaria pessoas de muita representação. Ele tinha essa ambição, de ter um secretariado/ministério. Ele tinha a expectativa de que ele iria sair do Rio de Janeiro e ser candidato a presidente da República. Era um estado que dava todas as condições pra isso. Acontece que no primeiro ano do Governo Moreira ele próprio frustrou essa expectativa, ele não conseguiu implementar uma série de coisas que ele imaginava que fosse fazer. E na área da Saúde foi igual. O nível de dificuldades, de obstáculos era muito grande! Aí manter esse patamar de expectativa de realização sem recursos e num mundo político real onde o processo que vale é a troca de interesses, favorecimento, discussão de cargos, não sei

mais o que... Manter esse élan é muito complicado, é muito difícil. Pro Arouca esse processo foi extremamente desgastante pessoalmente, porque ele tinha que viver essa situação lá e cá, ele tinha uma forte cobrança do pessoal da Fundação pra que ele permanecesse mais lá. Porque era importante realmente, naquilo ainda tinha muitas coisas consolidadas, mas ainda tinha fragilidades, era importante consolidar ainda muita coisa lá dentro, tinha muita coisa ainda pra fazer (e quanto terá ainda, não é verdade?). E tinha a questão da Secretaria Estadual que não oferecia as condições pra que o que a gente imaginava que pudesse fazer fosse feito. As pressões políticas por parte do governo em relação à própria gestão da Secretaria (mudanças de rumos, de pessoas, influir na estrutura que ele tinha lá, mexer naquela estrutura), ele acabou não aceitando isso, acabou preferindo sair, foi um alívio pessoal pra ele do ponto de vista de ter que deixar aquela situação da Secretaria. Mas entre nós, entre eu e ele, nesse momento teve uma situação muito... Eu saí também, deixei também de ser subsecretário. E teve uma coisa muito pessoal, um sentimento que a gente compartilhou muito fortemente. Nós tínhamos tido (apesar daquilo tudo ali) uma presença colaborativa muito forte na Secretaria, ele como secretário, eu como subsecretário, o Manuel, o Antônio Ivo... Então ele suportou mais tempo do que ele gostaria permanecer na Secretaria tentando viabilizar a sucessão, tentando viabilizar que eu o sucedesse na Secretaria. Mas ele não conseguiu. E isso foi um momento muito... ele ficou muito abatido com essa história, foi uma coisa triste pra ele...

Guilherme: Aí não sei se foi sacação dele, mas nesse contexto aí (eu estava lá presente, eu não freqüentava muito a Secretaria porque eu não fazia parte da estrutura) eu me lembro dele voltar de uma reunião com o Moreira Franco em que ele meio que já estava começando... Porque o Arouca fazia isso: quando ele sentia que ia sair, ele começava a botar as cartas um pouco mais aceleradas na mesa, botar agenda e o outro perceber que não vai dar conta. Tem a ver com isso que você está falando, porque ele voltou colocando assim: “o Moreira disse que esse negócio do SUS nosso é muito complicado, ele não entende.” Como quem diz: “tá na hora de tirar o time”.

Santini: Não é por aí, tem que tirar o nosso time... [risos]

Sergipe: A gente tem idéia do Arouca de que ele era uma unanimidade. E a única vaia que eu me lembro que o Arouca levou foi numa greve da Saúde, quando ele era secretário Estadual da Saúde, e você subsecretário. Eu fui na frente à assembléia (não lembro onde foi), e de lá eu telefonei: “olha, não vem que você vai ser vaiado.”

Santini: Foi naquele clube lá na Tijuca, Clube Municipal...

Sergipe: Isso!! E ele acabou indo... Como é que foi aquela história? Era aumento salarial? E quem comandava a assembléia eram aliados ou companheiros, era o Bigú, Jandira [Feghali] e tal...

Santini: Esse negócio da greve é muito interessante, tem esse episódio e tem um outro, que eu acho que vou falar um pouco dele porque os dois são muito semelhantes. Quando eu assumi a Superintendência do INAMPS (foi antes, em 85, nós assumimos a Secretaria em 87), também estava em crise, tinha greve, essa história toda. Quem liderava o movimento sindical era o [Roberto] Chabo, mas com influência forte do Partido na condução do movimento, e a gente não tinha nenhuma experiência de lidar com essa situação – como você hoje está aqui ocupando o poder, o cargo, portanto é sua

responsabilidade, e lida ao mesmo tempo com a justeza da reivindicação do movimento. Eu e o Hésio (porque o INAMPS era aqui no Rio e o Hésio acabou vivendo também essa experiência, desse tipo de embate), o que a gente fez? A ação foi ampliar a discussão do campo sindical (mesmo que reconhecendo a importância do sindicato e a presença dos companheiros do Partido lá), a gente tinha que ampliar a discussão com outros atores de fora do movimento sindical pra poder fazer a discussão do movimento, porque senão você ficava num impasse. E aí a estratégia que a gente fez foi essa: ampliar a discussão pra outras forças, criar uma espécie de “conselho gestor” da greve. Primeiro reconhecer a greve, e segundo criar uma instância que pudesse tratar da greve que não fosse só diretamente o sindicato. Essa experiência que a gente desenvolveu lá no INAMPS foi muito favorável, essa experiência desse momento de greve avançou pra um movimento (que a gente depois chamou de “humanização do atendimento”) muito interessante que a gente fez no Rio de Janeiro, que foi o seguinte: nós colocamos todas as sessenta e tantas unidades do INAMPS no Rio num dia só pra discutir junto com a comunidade, os profissionais, a população, as prioridades. Foi uma ação de “planejamento estratégico”, discutindo todo mundo prioridades pra cada uma daquelas unidades. Isso foi resultado da negociação da própria greve. O fórum que foi criado... Porque não existia Conselho Estadual de Saúde, essas coisas não existiam. Então foi criado um fórum (à semelhança dele vieram depois os conselhos) que permitiu... Aquela greve do estado foi uma coisa semelhante.

Sergipe: Mas ele comentou contigo sobre a vaia? Porque eu me lembro que foi uma vaia estrondosa! No final acabou contornando, conseguiu falar na assembléia. Como foi essa conversa de vocês depois?

Santini: A vaia não foi...

Sergipe: Não foi tão ruidosa?

Santini: Ela foi muito ruidosa, mas ela não bateu pro Arouca como uma coisa pessoal. Ele não assimilou aquilo como se tivesse sido uma coisa pessoalmente dirigida a ele. Ele era o cara que tava ali. Eu me lembro bem disso, eu tava lá também, fui junto. Estava eu, o Mário Rodrigues (que era o coordenador de Administração), aliás, grande Mário! [risos] Tentando articular, ônibus, não sei que, pra tentar fazer o contraponto da coisa... [gargalhada] E o Arouca falou: “não, vamos lá, vamos chamar todo mundo, chama as unidades e vamos pra lá ouvir...” Mas a vaia realmente foi estrondosa, mas não atingiu muito, ele não ficou muito atingido, aliás, nós não ficamos, não foi uma coisa... A gente identificava naquela greve nitidamente justeza das reivindicações, o pessoal estava correto, tinha que ter um plano de cargos e salários mesmo, quer dizer, aquilo era justo.

Guilherme: Só como folclore: você não entra como secretário e depois entra o Noronha. Que foi candidato a deputado estadual pelo PSDB e teve muito pouco voto, o PSDB ainda era daquele tamaninho naquela época...

Santini: Quem entrou foi o Noronha, mas eu não me lembro muito bem...

Guilherme: Foi uma outra articulação, via Marcelo Alencar.

Temporão: Ele saiu da ADG do INAMPS e virou secretário indicado pelo Renato Archer. Era um grupo do PMDB na época...

Guilherme: Mas ele foi candidato pelo PSDB que tinha 6 militantes no Rio naquela época...

Santini: Mas era uma outra composição. O Partido também não tinha sustentação pra garantir a Secretaria pro Partido, o Arouca ser o secretário e representar o Partido era uma coisa, outra coisa era o Partido ter sustentação pra... Tanto que do ponto de vista pessoal, ele gostaria que eu tivesse permanecido, com certeza, mas do ponto de vista...

Guilherme: Sinceramente: a sensação que eu tive é que o Moreira não fez resistência dele sair não.

Santini: Não, não fez porque já estava numa outra articulação. Ele já tinha desistido da secretaria ministerial, ele já estava numa linha de compor, de partir pra outra...

Sergipe: Pro pragmatismo partidário... [risos]

Santini: Exatamente, pro pragmatismo...

***Depoimento de Paulo Gadelha
(Rio de Janeiro - 16.04.2005)***

LEGENDAS

E – Entrevistadores (e outras pessoas que estão participando da entrevista, mas não são os entrevistados)

G – Gadelha

() Silêncio do(s) participante(s)

{ } Interrupção na fala do participante para expor algo a mais

... Uma pausa para continuar a falar (pensamento para responder)

(...) Palavra ou frase inaudível

[] Risos e falas simultâneas

Palavras em itálico – Narração de falas de outras pessoas pelo participante ou até mesmo fala do próprio participante em conversas com outras pessoas narradas por ele em sua fala

G: Depois mestrado na Medicina Social e depois o doutorado na ENSP. E a minha trajetória foi muito associada, principalmente no início, à construção do movimento de residentes. Foi aí que eu ingressei mais pelo campo da política do movimento estudantil, mas que adquiriu uma outra...

E: Que ano foi isso, Gadelha?

G: Isso foi em 77, 78. Era um momento também que estava começando o processo de redemocratização, via o movimento do ABC, e o movimento de residentes representou o primeiro movimento mais profissional de áreas liberais do campo da Medicina e que, num certo sentido, acabou sendo uma base de atuação importante para todo o processo, depois, de renovação da oposição sindical. Então essa experiência, acho que ela foi assim central para muita gente daquela geração. É muito comum a gente reencontrar esse pessoal e mostrar que aquele foi um momento formador de um processo de participação política. Mas, o que eu acho interessante aí, talvez pra gente começar a puxar algumas questões, é que o meu primeiro contato com o Arouca foi um contato no meio de uma assembleia. O João Carlos Severo era o presidente do sindicato aquele primeiro período. Estava havendo um processo de mobilização com uma possibilidade de uma greve. E numa assembleia na ABI, nós estávamos discutindo os encaminhamentos, quando a proposta de greve estava vingando, e daqui a pouco, alguém lá de trás da assembleia pede pra falar, e as pessoas perguntam se vai falar no microfone. *Não, não, falo daqui*. E era o Arouca com um carisma enorme! E o Arouca, então, começa a fazer um discurso chamando à responsabilidade o movimento, porque era uma assembleia relativamente esvaziada e que assumia a proposta de uma greve, era uma irresponsabilidade em função da conjuntura e de todo aquele processo. E o Arouca é ovacionado! Ele tem aquela capacidade enorme de... Quando o Arouca faz isso, eu que estava na assembleia, eu não peço a palavra, saio correndo para o microfone e aí faço um discurso inflamadíssimo! Dizendo que de fato era uma assembleia que não era muito cheia, mas que nós tínhamos percorrido todos os hospitais, que nós tínhamos uma compreensão muito grande do que aconteceu em cada local, que nós estávamos representando ali essa visão que era importante. E aí fiz um discurso extremamente emocionado! E eu tinha também uma presença muito forte naquele movimento, e aí a

coisa reverteu e saiu a greve. Então, quando acabou aquela assembléia, eu fiquei imaginando: *Como é que agora...*

E: Só uma curiosidade. Por que o Arouca estava lá?

G: Era uma questão partidária. Você tinha... Na verdade, a área de Saúde era dominada basicamente pelo partidão.

E: Eu sei, mas era uma assembléia de residentes?

G: Não.

E: Desculpe.

G: Não era uma assembléia de residentes, era uma assembléia de médicos. Eu estou passando... Já era parte do movimento médico, que era um pouco o segundo momento, e o Arouca estava ali trazendo a visão do partido e chamando a atenção sobre os riscos, sobre a forma de conduzir um movimento pouco sustentável. E a gente já estava fora... Oposição sindical que era a constituição do REMI. Então, quando eu fiz aquela fala, eu disse: *Poxa, agora criei um problema*. Porque o Arouca eu já conhecia como uma figura quase mítica e uma pessoa... *Criei um problema e como é que vai ser isso agora?* Aí eu saio da assembléia. Quando eu chego lá fora, no saguão da ABI, o Arouca vem na maior simpatia e comenta alguma coisa assim: *Poxa, rapaz, você reverteu a coisa!* E aí, essa característica eu depois reencontrei outras vezes no Arouca. Ele não sentiu nem derrotado. Não era uma questão ali de dizer: *Esse menino aqui, xiita! Vai lá e incendia e faz uma coisa irresponsável!* Apesar de não ter vingado aquela proposta, ele me acolheu de uma maneira muito simpática, e aí eu disse assim: *Esse cara é um cara legal!* E depois eu passei muito tempo sem um contato muito próximo com o Arouca. Eu tenho a impressão, se eu não estou enganado, foi depois, quando ele mais tarde vai para a Nicarágua, tem todo um processo. E um outro momento, que eu vou ter um contato com ele, é o momento mais ligado ao meu processo de defesa de tese. Aí, já lá na Medicina Social, e o Arouca era suplente da banca, o Arlindo era da banca, várias pessoas. E nesse processo da tese eu estava fazendo...

E: Possivelmente, ele faz isso sem nunca ter pagado o CRM. Acho que ele morreu sem ter pagado um dia o CRM.

G: Nem era registrado. [] Era um momento muito interessante, porque o movimento de residentes, ele começou como primeira quebra da hegemonia do partido no movimento médico. Porque até então, a formação nossa e os ex-presidentes do movimento dos residentes, eles eram... Mário José de Almeida, que foi o presidente da EMINER num período em que formou muita gente. Aí a primeira quebra, no caso da EMERJ que teve um peso muito grande, e eu tinha uma trajetória mais independente, eu não era organizado partidariamente, mas o pessoal me identificava como oposição ao partido. Então, num certo sentido, muitas vezes o pessoal achava que eu era aliado ao MEP ou aliado ao PC do B, e era mais um movimento de massa, eu estava ali naquele processo de construção. E a gente tinha uma visão, que depois, foi se identificando com a construção do PT. Nesse processo do movimento de residentes, que abriu um leque muito amplo, e depois foi todo um processo de negociação com a questão do Damiar e depois o movimento do REMI, a gente foi criando outras alternativas, até que o

momento que o REMIMAS se constituiu e não conseguiu mais vingar, do ponto de vista da condição do Sindicato dos médicos. Esses embates estavam representando os embates no momento de relações muito significativas de ampliação de base, por um lado, e por outro lado, de entrada de novos grupos, novos atores que tinham uma presença, ainda, muito incipiente no movimento médico. Bom, passa-se o tempo, eu reencontro o Arouca numa outra dimensão, que era uma dimensão mais da minha participação na tese. Eu estava fazendo uma tese sobre a história da ciência médica, e Arouca faz uma série de comentários. Por que eu estou contando isso? Porque essa vertente da tese, ela me fez entrar em contato com outra dimensão. O Arouca gostou muito da tese. Ele dizia que era uma, enfim... E me levou a uma dimensão que depois, foi a ponte central para a questão do meu ingresso na FIOCRUZ. Porque a partir desse trabalho, e principalmente, depois de um trabalho que ele estava organizando, que era todo um projeto da Memória da ciência médica no Rio de Janeiro, nós formulamos um projeto bastante amplo, que tinha em torno da história do Rio de Janeiro tinha vários aspectos: sobre a história sindical, sobre a história da construção urbana do Rio, e eu era responsável pela área da assistência médica. E nós propusemos, fomos até à Escola de Saúde Pública daquela época, e o Arlindo, que já estava trabalhando muito com projeto de Memória, o Arlindo, o Arouca, Luís Fernando e o Ernani Braga, nós propusemos um grande projeto que o Arouca nos levou, junto com esse grupo, ao Guillard. E nesse projeto, na verdade, era um pouco o embrião que, tempos depois já com o Arouca na presidência, viria a ser um pouco a idéia da Casa Oswaldo Cruz. Esse momento da referência da tese, ele é recuperado quando o Arouca assume a presidência da Fundação. Eu tinha sempre uma relação um pouco... Não digo referencial, não tinha uma intimidade com o Arouca. Eu via o Arouca como uma figura política e intelectual de muito porte e tinha uma certa timidez, era uma coisa meio... Mas, Arouca tinha a idéia de construir, aí pensando também já a experiência do EMSP, alguma área ligada ao campo da Memória, da História dentro da FIOCRUZ. E num dia, eu estou lá num parque ali no Flamengo, e o Arouca estava lá e me encontra e diz assim: *Você não quer ir lá na Fundação Oswaldo Cruz?* E pra mim, aquele castelo. Eu estava trabalhando com a área de História, aquilo era a grande oportunidade, e essa coisa acabou vingando por aí. À época, essa idéia de que o Arouca estava chamando alguém que tinha tido uma trajetória muito marcada como de oposição ao partido, eu sei que ela criou uma tensão muito grande! No sentido de que algumas pessoas alertaram: *Arouca, você vai trazer o Gadelha que é um cara complicado, que é um cara que amanhã ou depois pode estar fazendo oposição aqui dentro? É um cara que traz já uma história do movimento sindical onde tem muita oposição com o partido.* E o Arouca bancou isso numa boa! E de novo, era aquilo que você estava comentando, era a capacidade que o Arouca tinha, não só de identificar o que ele considerava que tinha potencial, abria esses espaços, e bancar e trabalhar com uma pluralidade muito grande! E aí começou minha trajetória na FIOCRUZ.

E: Mas, a impressão que eu tenho, que foi no momento lá da ABI, quando ele te recebe.

E: Gadelha, ele chegava a discutir, que eu vivenciei isso, conversei com ele várias vezes. Ouvi críticas de muitas pessoas, principalmente, oriundas do movimento sindical, isso que você acabou de falar: *Vocês vão levar esse cara pra lá? Você chegou a conversar... Porque comigo ele conversou. Ele chegou a discutir isso contigo?*

G: Chegou, e era um pouco essa idéia... Porque eu tinha consciência disso também. Aquela trajetória, o movimento, tanto por características do movimento, por processo

mesmo de maturidade, o momento era muito radicalizado, ainda se tinha muito sectarismo, então, essa coisa muito aguda. E a gente tinha também aquele embevecimento de movimento de massa, de estar... Eu acho que, muitas vezes, o reconhecimento da importância dos acúmulos da produção intelectual, da produção organizativa que o partido tinha, à época, eu não valorizava. E muitas vezes, você quebrava e criava situações que eram pouco respeitadas com aquele acúmulo que tinha um sentido tão significativo na história política, principalmente, na área da saúde. E aquilo gerava resistência muito grande. O Arouca deixou claro pra mim: *Olha, tem áreas de resistência aqui na FIOCRUZ ao teu nome. O pessoal diz: Você é maluco! Você vai trazer o Gadelha, o Gadelha vai te dar problema aqui. Mas, fica tranqüilo, você vem aqui e vamos em frente!* Então eu me senti muito à vontade.

E: Ele tinha uma característica, que nós comentamos antes, que ele sempre se cercou por pessoas competentes. Ele fez uma gestão altamente ampla, extremamente ampla a administração dele, sem ser partidarizada. No teu caso, houve uma negociação com o PT ou foi a tua competência? Acho que isso é um documento muito importante. Era aquela pessoa que tinha um acúmulo naquela área e que eu vou buscar aquela competência pra cá. E ampliava a articulação social dele.

G: Eu acho que era totalmente direcionada a essa relação, que ele reconhecia livre com condição de puxar um projeto que ele achava importante. Não foi uma negociação partidária. Agora, implícito nisso, acho que também estava a condição de saber que estava trazendo uma oxigenação e uma visão que era...

E: Gadelha, eu fiquei curioso. O que te levou a pensar em fazer esse Mestrado? O que na tua história faz essa...? Porque muitos poucos médicos pensam isso.

G: Na verdade, eu tive uma coisa muito errática. Eu entrei na Medicina, comecei a fazer pesquisa básica, fui até estagiário do Euzemir. Montamos um novo departamento lá, que era no edifício de Patologia. Não estava me identificando com a questão clínica, aí procurei... Num certo momento pensei em fazer Antropologia, depois da Antropologia entrei na Psiquiatria. Eu fui meio gravitando, buscando coisas que tivesse um sentido mais coletivo, no fundo. A própria Psiquiatria, chegou um momento, eu percebi que era uma relação muito rica, mas muito individualizada, muito exaustiva nas relações mais pessoais. Aí eu comecei a procurar alternativas, e alternativa com a presença da Medicina Social, que estava sendo construída e que eu acompanhei ali com o Ézio, todo o pessoal começando a montar, dentro da Faculdade, eu acabei percebendo que aquilo era uma área profissional que me interessava. E comecei a fazer o Mestrado já no 2º ano de residência, então eu estava em plena atuação política, da presidência da EMERJ, da presidência da EMER, e ao mesmo tempo fazendo Mestrado na Medicina Social. Isso foi uma coisa muito rica também, porque uma série de questões que a gente estava debatendo na Medicina Social, e depois todas as primeiras questões de também debater o que seria depois o modelo do SUS. A gente começou a poder associar dentro do campo acadêmico, ainda obviamente, muito incipiente para quem estava *verde* na coisa, mas, também o pessoal percebendo que a base de atuação do movimento de médicos residentes, e depois do meio médico, era fundamental para também se integrar e dar solidez...

E: Na verdade você, politicamente, fez também essa ponte.

G: Eu fiz essa ponte.

E: O livro da Sarah, eu fiquei tentando identificar os elos. Como é que o movimento dos médicos residentes se vincula a essa visão um pouco mais ampla? Porque os médicos não são fáceis.

G: Foi um movimento que conseguiu se constituir de uma maneira menos corporativa, e com uma tentativa de pensar, não só bases teóricas (a gente fazia muito esse trabalho) e ao mesmo tempo ampliar a inserção e a base social do movimento. A gente debatia muito qual era a função de um movimento corporativo sindical num movimento democrático mais amplo. Então, o momento de residência... O Congresso que a gente fez em Olinda, as teses e os debates ali, ele já era no nascedouro, até porque ele tinha uma proximidade muito grande, embora fosse diferenciado profissionalmente, com o movimento estudantil. Muita gente migra do movimento estudantil para o movimento de residentes, alguns entram pela primeira vez na experiência política no movimento de residentes, mas ele está naquele momento intermediário, entre todo afluxo do movimento estudantil e aquele pessoal mais antigo que tinha na área sindical, que representava um a coisa já parada, resistente, que a gente conhecia muito bem.

E: Talvez a expressão maior disso seja a Jandira.

G: Sem dúvida. A Jandira foi... A trajetória toda dela foi construída a partir dessa... Ali eu acho que o movimento foi um celeiro de muita formação, muita gente que surgiu dali. E como o movimento de residência, ele tinha uma coisa difícil pra ditadura, no momento um pouco da abertura lidar, que eram médicos...

E: Parava o hospital.

G: Parava o hospital, era quem segurava os hospitais. Ao mesmo tempo uma situação difícil de reprimir médicos, a coisa do jaleco branco. Têm várias situações do movimento de residentes muito dramáticas nesse sentido. A primeira manifestação na frente da Assembléia Legislativa em que a gente resolve ir lá, eu não vou me alongar muito porque aí é mais história minha do que na relação com o Arouca...

E: Não, mas tem a ver.

G: Tem a ver. Ali, por exemplo, foi outro momento em que a gente teve uma tensão muito grande com o partido, porque o movimento, que tinha essa tendência mais de radicalização, ele resolveu fazer uma manifestação em frente à Assembléia. E o partido foi contra essa manifestação. Achava que era uma provocação e que o pessoal ia ser reprimido. E aí tinha aquela coisa meio quase ingênua, heróica, sei lá, que as pessoas também entravam e iam fazendo. Eu lembro assim, pegando um bando panfleto, um cara passando em frente da Assembléia e me deixando lá, um colega meu, e eu subi as escadas da Assembléia e não tinha ninguém. Eu estava lá sozinho naquela escadaria, e daqui a pouco tinha uma tropa já começando a chegar ali, cercando a Assembléia. Aí daqui a pouco começou a chegar gente, e no que estava chegando gente, a tropa começou a dizer pra gente sair dali. Só que havia um conflito entre o pessoal que era da repressão, que tinha um capitão e um coronel que era mais ligado a polícia ali da... Aí o coronel e o capitão começam a discutir entre eles. O cara dizendo... E o Cláudio Moacir que era o presidente da Assembléia... E a gente conseguiu fazer a manifestação. Juntou

gente, eles ficaram meio paralisados sem saber como trabalhar. Aí começamos a falar, distribuir panfleto, e o cara: *Não pode, não pode!* O Cláudio Moacir saiu e começou a falar com... Isso tem gravado pelo JB. Aí o capitão dizia: *Atenção, tropa! Preparar para o combate!* E o coronel: *Não, não, tropa. Volta!* Naquele momento ali...

E: Isso era 70 e...

G: Isso era 77 mais ou menos. Aquilo ali foi abrindo espaços que não existiam antes. Tem uma foto ali, por exemplo, que você vê a tensão no rosto do Renato Veras, a tensão no rosto do pessoal, era uma foto que expressa todo... Um bando de garoto meio ainda, entre... E ao mesmo tempo numa situação que podia ser complicada, mas que os caras ficavam paralisados. Os caras estão todos de branco, os caras são médicos. Como é que a gente vai fazer? Já não era tão fácil reprimir porque o momento não permitia. Eu acho que com isso, ele foi abrindo espaços que permitiram... Mais comum entre as visões, de tanto de estratégia como de encaminhamentos, conflitantes com o partido. E depois disso foi sendo recomposto e... Bom, na FIOCRUZ o que...

E: É o mergulho no projeto.

G: Foi o mergulho no projeto. Acho que têm várias coisas ali que foram muito significativas. Primeira era a visão do Arouca de ampliar para campos totalmente novos que não faziam parte da ortodoxia daquela instituição. Têm depoimentos, vocês vão estar pegando aí, todo pessoal ligado a forma dinâmica... E a Casa Oswaldo Cruz era algo totalmente fora da tradição de uma instituição... Estar sempre voltada à pesquisa, como há muitos setores ainda resistentes a inovações, você de uma hora pra outra dizer que ia construir uma unidade técnico-científica cuja finalidade central era fazer História, documentação, etc... Isso foi bancado, Arouca, Arlindo, Luís Fernando, Morel. E a gente começou esse projeto, que eu acho que foi muito rico no ponto de vista das suas matrizes e dar uma dimensão mais ampla à maneira como ela projetava, do ponto de vista estratégico, mas também, criar novas formas de sensibilidade dentro da instituição. Porque a Casa Oswaldo Cruz trouxe também, não só essa reflexão histórica, mas também uma forma de expressar, do ponto de vista estético, uma outra maneira de falar da instituição. Mas, eu acho também, que teve aí uma coisa que, pela minha trajetória e pela forma como o Arouca também via a minha presença lá, que certamente ele não fechou a participação na coisa profissional específica da Casa. O Arouca abriu espaço para que eu começasse a me incorporar ao próprio debate da condução institucional. Está claro? Quer dizer, não era só o trabalho profissional da Casa, mas era também incorporar alguém que tinha experiência...

E: Fazer parte do projeto político.

G: Fazer parte do projeto político, ele me incorporou com parte de um projeto político. E aí tem alguns momentos que são momentos muito significativos. O primeiro deles foi a decisão de criar e convocar o congresso interno. Essa decisão acho que foi uma decisão fundamental no processo da gestão do Arouca, ela...

E: Você foi da comissão que fez o anteprojeto e regimento do congresso, não foi?

G: Exato. Na verdade, o congresso foi pensado no momento em que a gestão do Arouca estava começando a ter sinais de perda de coesão interna. A gente começou a perceber,

eu não sei se... Isso cada um vai analisar e lembrar algumas coisas. Mas, tinha tido sinais, por exemplo...

E: Isso nunca foi dito, essa é a primeira vez.

G: O Arouca tem o primeiro momento que ele chega com aquela grande renovação. O processo de escolha tinha resistência, era complicado. Mas, tem o primeiro momento que era apoteótico! Depois, as dificuldades gerenciais eram enormes. Estava herdando a instituição extremamente centralizada, uma instituição que, na verdade, o estatuto, o presidente tinha todo o poder para constituir e instituir unidades. Você não tinha nenhuma instância, obviamente, de cunho democrático, e você tinha uma instituição lenta. E você tinha também, eu acho, ainda pouca experiência de gestão do grupo que chegou. Apesar de toda passagem por outras instâncias...

E: De um modelo novo.

G: De um modelo novo. Aquilo ali começou a criar processos, e aqueles processos muito desorganizados, é quase um assembleísmo. Todo mundo chegava, todo mundo discutia tudo, e era muito criativo, muita coisa surgia, mas, você tinha muito pouca eficácia gerencial. E isso começou a se refletir também em algumas coisas na ponta lá. Um dado, que eu posso estar confundindo as datas, por exemplo, a eleição da ASFOC, num certo momento, ela foi uma eleição difícil. Não foi fácil o grupo chegar naquele...

E: ASFOC é Associação dos Servidores da Fundação Oswaldo Cruz?

G: É. Porque a ASFOC antes era, na verdade, quase uma extensão da...

E: O presidente era nomeado, a diretoria era nomeada pelo presidente da FIOCRUZ, não é isso?

G: Era o caso da primeira dama que fazia um pouco essa, uma atividade mais social, e aí se mudou para uma associação. Mas, o processo da... Só começou a perceber que tinha também algumas tensões... E naquele momento a gente se reuniu e começou a dizer: *O que agente pode fazer? Precisa recuperar e agregar.* E aí uma série de idéias foram sendo feitas, e uma delas... Tinha havido na UERJ, na época do Ézio, a gente tinha montado um congresso interno da UERJ, que tinha outras características. Era um congresso mais... Com mesas, mas era um congresso pensando na idéia de um estatuinte da UERJ. Então, você tinha desde as discussões sobre a natureza dos departamentos, tinha Mesas, Seminários, mas com um sentido também congressual para envolver toda a Universidade. Aí a gente pensou: *Por que não fazer um congresso interno da FIOCRUZ?* No sentido de ampliar esse grau de participação, institucionalizar isso, beber um pouco da experiência da UERJ, mas com outra característica. E a característica era um pouco a semelhança do processo que estava se vivendo com a questão da constituída, era imaginar esse congresso como um estatuinte de um novo momento da instituição. E aí foi montado, a gente participou da comissão e começou a construir todo um processo que veio depois configurar o estatuto da FIOCRUZ, configurar todo esse modelo democrático implantado com o Arouca. Aí tem um episódio mais pessoal, que eu lembrei agora, porque eu estava em casa à véspera do congresso começar acontecer... [Interrupção: mudaram de local] A assembléia, os trabalhos, porque você já tem uma experiência no movimento de residentes. E aí eu

entrei nisso, e esse congresso o resultado foi fantástico! Tudo que a gente estruturou na FIOCRUZ, nesse período do Arouca, ele se materializou ali, no sentido das concepções de conselhos, processo eleitoral para diretores de unidade, processo eleitoral... Num momento, por exemplo, que o Arouca está no meio da assembléia, a gente discutindo... Antes tinha um conselho técnico-administrativo, era o mais burocrático, e a gente pensou: *Tem que ter um conselho agora*. Aí ficou aquilo assim *cheio de dedos*. *Conselho como? Conselho Consultivo?* Aí o Arouca: *Não, não. Vamos chamar de Conselho Deliberativo. Vai ser um Conselho Deliberativo, ele vai ter o poder maior do que a própria presidência*. Aí cravou ali Conselho Deliberativo. Cada momento desse era um processo de construção ali, na hora, e que ao final, quando saímos daquele congresso, a gente saiu com todo o norte desenhado. O mais interessante é que, esse norte desenhado é quando o Arouca se candidata a vice do Freire e houve um grande momento que se diz: *E aí? Está desenhado, mas não está implementado claramente*. Quer dizer, o projeto vai refluir, vai regredir? Mas, eu acho que foi a habilidade do pessoal. Justamente isso que você falou, o Arouca agrega não só gente que tinha uma trajetória política, inclusive de oposição, mas agrega Akira, que era uma pessoa considerada não politizada no sentido... Era uma pessoa que não podia ser considerada de esquerda, era um técnico extremamente competente, extremamente institucional na forma como ele trabalha. E esse cara é puxado pelo Arouca, e quando a gente estava numa situação extremamente difícil, que era *Como vai se suceder o Arouca?* Porque não tinha ainda processo eleitoral constituído, não tinha tempo pra isso, não tinha nenhuma legitimidade, nenhuma institucionalidade que garantisse aquilo, a gente está no meio de uma reunião e o ministro era o Shigiaki, era o japonês. A gente começa a perceber, num certo momento, que o Akira, até pelas raízes nipônicas, tinha sido sondado e que não estava querendo assumir a presidência. Numa reunião, todo mundo junto, o Arlindo, etc... O pessoal: *Akira, não tem jeito, você tem que assumir!* Quando o Akira assume, ele assume com o compromisso que foi gerado ali por aquele processo E o Akira, imediatamente, começa implantar aquilo que estava previsto no estatuto. Cria o Conselho Deliberativo, e aí a coisa vai!

E: A impressão que eu tenho é que criou um rumo que nenhuma presidência até agora deu contra. Você pode ter até uma empolgação maior ou menor, mas não houve nunca uma tentativa de volta...

G: Foi construída de uma maneira tão sólida e tão ampla que as pessoas se identificaram tanto com o desenho, com o processo, e menos com as figuras carismáticas que estavam puxando o processo. Porque um processo que tem ancorado numa figura carismática, ele pode ruir no dia seguinte. O Arouca conseguiu, com o carisma dele, galvanizar muita gente, mas ele conseguiu passar para a fase seguinte que é institucionalizar. Ele conseguiu dar uma institucionalidade a alguma coisa que amanhã... Não tinha mais o carisma do Arouca. A seqüência de presidentes: Akira, Herman Schatzmayr. Você imaginar que aquilo sustentou com toda essa trajetória, é porque tinha uma base de concepção que convencia ao conjunto da instituição que se via naquele processo, porque senão tinha acabado na mesma hora.

E: Eu acho que também tem uma coisa, e eu queria que você falasse disso, que eu acho que é a ponte, a realização desse projeto. Vocês foram lá na concepção e está aí a Casa Oswaldo Cruz, e também tem o Museu que derivou daí desse caminho...

G: Em meio a certas crises que ameaçaram a FIOCRUZ, havia uma capacidade muito grande de perceber, se antecipar e criar fatos políticos e simbólicos que conseguiam fazer com que se tornasse muito difícil uma intervenção na FIOCRUZ. Um dos exemplos, que já foi dado, foi a questão lá do Galvão, a questão da AIDS. Outros momentos, a idéia dos abraços ao Castelo. Tinha uma capacidade de perceber o momento que você tinha que gerar fatos. Agora, um dado que me remonta também àquele primeiro período do meu encontro com o Arouca, e depois, esse lado afetivo e esse lado amplo que a gente está chamando a atenção, é que eu acabei tendo uma proximidade muito mais afetiva com o Arouca, depois dele sair da presidência da FIOCRUZ, num outro período, do que naquele período que ele estava na presidência da FIOCRUZ, muito, muito mais! Porque ali, ainda tinha uma relação meio verde, de conhecimento e de construção, já de muita coisa próxima. Mas depois, têm alguns fatos que são interessantes, eu participei depois de todas as campanhas do Arouca como candidato. E quando você via as pessoas que estavam em torno da campanha, muitos tinham filiação partidária, eram pessoas que estavam associadas ao PT, a outros partidos, que estavam ali pelo significado do Arouca e a expressão que ele tinha. E era gente... Nas idas também à Brasília, em vários momentos, eu participei de reuniões que estava lá Gabeira, estava o Artur Virgílio do PSDB, e o esforço do Arouca de tentar construir uma ponte, no sentido de uma ampliação mais da esquerda para eu angariar esse grupo. E num certo sentido, ele me puxava um pouco pra isso. Dentro do PT, muitas vezes, o pessoal achava que a gente fazia concessão demais à figura do Arouca, aí era o contrário. [] Você recebia pancada antes, porque o Arouca era criticado por estar me chamando lá, e depois, em outros momentos, o pessoal mais próximo a mim dizia: *Mas, como é que vocês estão dando tanta trela ao Arouca!* Enfim, a dimensão dele era muito maior do que qualquer questão partidária.

E: Em que você passou a ter um vínculo maior? A partir dessa experiência concreta?

G: A partir dessas experiências. E acho que teve alguns momentos, que vocês viveram também, o Arouca teve períodos que ele ficou muito isolado, muito solitário. Teve momentos muito duros, da coisa de Brasília, daquela solidão. Eu ia muito lá, e a gente acabava se encontrando muito no *Carpe Diem*, às vezes no apartamento, e ali a gente começou gerando um tipo de relação política e pessoal. A minha proximidade maior, fui gravitando ali, havia muita proximidade dentro da FIOCRUZ, mas do ponto de vista pessoal, o aprofundamento dessa relação, se deu muito mais numa etapa posterior. E aí, já não estava mais aquela coisa... Embora todo processo da FIOCRUZ que a gente debatia, eu tinha no Arouca o interlocutor central. Alguém me perguntou sobre a questão do Museu da Vida. O Museu da Vida foi construído já na época do Morel, no entanto as discussões, sustentação da idéia, o significado daquilo, a gente conversou muito com o Arouca. Eu tinha, passei a ter nele um interlocutor, independente do fato se ele está ou não vinculado a uma situação de gestão da FIOCRUZ.

E: Naquele momento, eu já estava no Mato Grosso do Sul, o pessoal sempre me abastece de informação. Eu lembro que eu vi no Mato Grosso do Sul, pela internet, que estava tendo uma resistência muito grande em relação ao Museu da Vida, em relação a abrir a FIOCRUZ. *Isso aqui vai virar um parque de recreação. Isso é uma instituição de pesquisa.* Como que o Arouca verbalizava isso? Porque ele não era mais presidente. Como que ele verbalizava isso com os pares?

G: Ali teve uma coisa muito resistente, teve panfletos. Pra você ter uma idéia, o Leinzer que é um amigo, que tinha uma relação respeitosa comigo, me respeitava por outras razões, mas ao mesmo tempo, o pessoal era capaz numa assembléia, e depois escrever coisas, dizendo que eu *era um câncer na instituição!* A expressão que *era um câncer* porque era a imagem do patologista. O Leinzer é um patologista e a idéia dele era aquela coisa que estava se infiltrando, e que os cientistas iam virar vitrine, que os cientistas iam ser expostos em vitrine. Outros diziam que aquilo ali era um *parque da Disney*. A resistência a abrir, e olha que o Arouca foi dos que fez com que aquele Castelo se abrisse...

E: E a ciência começou nos museus.

G: Pois é. Nesse momento, o Arouca deu um suporte muito grande, bancando com o Morel...

E: Mas, você sentia assim: era significativo isso ou era um incômodo só interno?

G: O quê? A resistência?

E: Sim.

G: A resistência era pesadíssima! As pessoas iam quase ao nível da agressão pessoal. O problema era que a gente tinha acumulado um peso grande com uma série de outras iniciativas de participação política, e o Morel também foi uma pessoa muito importante nesse momento, que o pessoal não conseguia levar às últimas conseqüências porque a gente tinha acúmulo em outras áreas. Dentro do CD eu tinha uma influência muito grande, não pelo projeto da Casa, mas pela situação política, então ficava meio empatado, mas...

E: Você conversava com o Arouca nessa época do Museu da Vida ainda na gestão dele?

G: Não era na gestão dele. O que eu estou dizendo é que o Arouca virou um interlocutor, e a visão que ele tinha de que aquela instituição tinha que abrir, ela sustentou muito essa...

E: Porque eu acho que é uma questão Gadelha, sinceramente, que faz parte dessa questão que o Santini colocou, é cultural. A ciência, particularmente, a ciência biomédica no Brasil, ela acha que ela pode muito sozinha. Ela não quer conversar com a sociedade, saber as opiniões da sociedade. Então, quando você coloca esse projeto, você quebra um pilar de sustentação deles que é um troço muito pesado.

G: O mais interessante é que hoje você tem, não digo uma adesão...

E: É quase unanimidade.

G: É quase unanimidade.

E: Eu ouvi de um pesquisador, sexta-feira à tarde, me deixou emocionado, que era dessas figuras que mais combatiam esse projeto: *O que está agitando, o que está dando vida pra Fundação é o Museu. Está uma pasmaceira só isso aqui!* Claro que aí tinha

uma crítica contra a atual presidência, etc e tal. Mas, é interessante que essa pessoa, com oito, dez anos atrás, era radical.

G: Mas, eu acho que era uma revolução cultural.

E: Aí eu acho que tem essa micro-revolução, porque na minha visão, foi o que o Arouca conseguiu trazer. A capacidade nessa coisa muito confusa no Brasil, das relações de poder e tudo muito centralizado. Você não se basta nada aqui, você pode ser Secretário Municipal, Secretário Estadual, mas o negócio é ser ministro ou assessor do presidente, aí você tem valor! É a maneira como as pessoas se relacionam.

G: Eu acho que tem uma revolução grande em tudo isso. A FIOCRUZ, eu vou tentar fechar, tem uma coisa interessante. A maneira como ela se constituiu em 70, ela na verdade, deixou totalmente partido o campo social e o campo da área biomédica. Tinha tanto o reducionismo biomédico, como tinha também o reducionismo sociológico. E as tradições, de um lado a Escola, do outro lado o IOC, elas eram tradições que tinham histórias próprias, que tinham... O grande desafio que havia, era justamente conseguir criar uma visão incorporada dessas dimensões, desde o biológico até o social. E isso foi uma conquista enorme desse processo que começou com o Arouca. Hoje, você consegue tornar respeitável, desde o diálogo do cara que está na bancada até quem está trabalhando com questão de violência. A instituição conseguiu incorporar isso de uma maneira exemplar!

E: E mais do que isso! Você quando fala em participação/sociedade em qualquer projeto lá, hoje, você tem que para pra pensar: *Isso não é uma bobagem qualquer não. Isso não é coisa de comunista!*

E: Falando a questão da violência, o Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e aquele centro da Minaio, para ver a violência como um problema de saúde pública, é uma coisa nova no nosso processo aqui. Porque a gente... Saúde é muito a hipertensão, o dengue, e aí entra a violência como um problema da saúde pública e ele estimulando esse processo.

G: E tem um dado hoje, que está acontecendo na FIOCRUZ que é, claro que não é sem resistência, a constituição da presidência da FIOCRUZ, ela é toda constituída de pessoas oriundas da saúde pública: Paulo Buss, Reinaldo, Ari, eu, o Duca, a presidência inteira é oriunda do campo da saúde pública, e respeitado pelo campo. Eles dizem: *É como nós conseguimos agora melhor trabalhar, porque vocês estão sendo competentes em dar as condições que a gente precisa.* Você imaginar, tempos atrás, o que foi o Arouca, um sanitarista, chegar a presidência da FIOCRUZ, já foi uma revolução. Mas, era tudo negociado, você tinha que ter... Hoje, você imaginar que os sanitaristas estão dando a direção da instituição toda, sendo respeitados, não estou dizendo que você tem que manter essa situação, mas é um produto dessa mudança de mentalidade que a gente está falando.

E: Gadelha, uma coisa que eu tenho curiosidade, tentei abordar com o Arouca diversas vezes e não consegui. Qual foi a reação do Arouca quando o resultado das eleições de 89, que era o esperado, o Freire não iria ganhar e o Arouca não seria o vice-presidente, naquela questão do Akira?

G: Eu fui marcado a ferro e fogo por duas questões. Uma era a minha origem petista no primeiro momento, e aí eu fui absolvido, comecei a entrar e aí o pessoal começou a me receber.

E: O Gadelha é um cara que é condenado e absolvido permanentemente. []

G: Permanentemente, não adianta está na minha vida.

E: O mais interessante é que eu era um dos mais sectários, em todo esse processo, e eu entendia a proposta do Arouca. Eu era tipo uma *capa preta*, mas eu entendia a proposta dele.

G: O outro momento, que aí foi uma marca muito forte, foi quando na saída do Arouca, primeiro a chegada do Akira. A chegada do Akira, apesar de ter sido a solução que permitiu continuidade, ela não foi bem absorvida por vários setores do pessoal que estava mais próximo ao Arouca. Tanto que muita gente refluíu.

E: O Akira disputa a eleição pra sucessão do Arouca, porque o Arouca saiu e ficou...

G: Primeiro ele vem nomeado. O Akira, quando o Arouca sai, não tem tempo pra eleição.

E: Ficou o Luís Fernando um período.

G: Não, aí foi no Collor. É assim: o Arouca sai pra se candidatar, surpresa absoluta! Todo mundo: *O que aconteceu?* Aí sim tem um vácuo. E esse vácuo, a gente identifica que o Akira tinha passagem com o ministro. Aí o Akira é nomeado. Nomeado com o aval de todo mundo. Mas, as pessoas não se identificavam com o Akira.

E: Mas na realidade, o Morel, o Arlindo achavam que ele seria nomeado e que não seria candidato.

G: Exato. Quando o Akira assume, o pessoal refluí e se prepara... [] O Akira vem e começa... O Akira entra, quando ele entra aí vem a candidatura, a eleição...

E: O Arouca, depois da eleição da vice-presidência, ele não volta mais?

G: Não, ele se afasta.

E: Então ele foi presidente de 86 a...

E: De 86 ao início de 89.

E: Quando ele se licencia.

G: Quando ele se licencia, ele não volta mais. Aí tem um episódio que é traumático pra todo mundo, e que até hoje ainda está nos fantasmas dessas recuperações de história. É porque depois da gestão *tampão* que o Akira faz, então se monta o que seria uma eleição, e a gente faz uma engenharia complicadíssima pra evitar que o Cora entrasse

na lista. Porque o Cora, a gente tinha o receio que o Cara viesse a ser alçado à presidência e tivesse na lista.

E: Enquanto expressão da coisa que era o anterior.

G: Que era o anterior. Aí teve que se fazer uma construção que ela chegava a seis turnos de eleição, porque a gente queria assim: *Só entra na lista quem tem votação majoritária*. E aí começa um processo porque os quatro candidatos eram o Cora, Morel, Arlindo e Akira. Morel, Arlindo e Akira tinham uma história comum e, no primeiro momento, eu propus que eles fizessem uma espécie de chapa, que a gente trabalhasse com os três juntos. O pessoal não topou porque a avaliação tinha que identificar melhor, e o Morel era o candidato que o pessoal – eu não sei mais se era partido – apoiava. Isso criou uma tensão muito grande com o Arlindo. Quando o pessoal diz que não quer: *A gente vai construir isso no processo*. Eu tomei uma decisão que foi extremamente, quase intuitiva, porque eu disse: *O Akira é o cara que é do projeto. O Akira é o cara que segurou a peteca no momento crítico. Por que agora o pessoal está tirando o tapete do Akira?* Me deu uma revolta, e não tinha grande proximidade com o Akira. Eu disse: *Eu vou fazer a campanha do Akira*. Aí eu fui coordenador da campanha do Akira. Aí o pessoal disse: *Ele está maluco! Ou o Morel vai ganhar disparado, ou o Morel ou o Arlindo*. Só que o Akira tinha acumulado e tinha passado a imagem de um bom gestor, de um gerente. E até por contraste, naquele momento em que a gestão do Arouca... O Arouca tinha a gestão muito assim de politização e, as vezes, com algumas falhas gerenciais, o Akira, meio que consolidou aquilo e virou um gerentão e foi muito bem recebido. Aí o que aconteceu? O Akira acabou ganhando o 1º turno com a maioria absoluta, contra o Morel e o Arlindo, que foram duas expressões fortes, um do IOC e o outro do BAISC, e contra o Cora. Aí a gente fez um movimento para recuperar o Arlindo, colocamos o Arlindo no 2º turno e foi o Morel. Essa situação é uma situação que virou um trauma...

E: Mas, você não acha... Eu conversei isso com o Arouca uma vez: *Poxa, Serginho, não dá!* Não tinha *time* pra fazer isso. Eu não participei do processo porque meu pai estava aqui pra operar, lembra? Eu não participei, praticamente nada, dessa eleição, mas a impressão que dá é que a saída do Arouca, nesse processo, foi intempestiva! Porque teria condições de negociar essa saída. Aquilo que eu falei antes, o que nos divide são algo em torno de 5 a 3%. Se você fechar mesmo, discutir o que dividia na época, PCB, de PT, 2 ou 3%...

G: Eu acho que se tivesse tido um processo um pouco mais cuidadoso, não teria havido nada disso. Tanto que, logo depois, em situações mais adversas, ele consegue recompor o processo político.

E: Isso, claro que foi imaturidade. Lembro que quando eu participei daquele processo de conversar com o comitê central de o Arouca ser visto frio e tal, e em seguida eu me afastei, porque o meu pai veio para se operar aqui. Então, ficou visível que não tinha porque ter tido aquela disputa naquela intensidade...

E: Para fechar a entrevista, eu acho que talvez, você pudesse só falar um pouquinho... Hoje você tem um processo novo aí, o Museu da Vida, acho que novas propostas na FIOCRUZ. Como é que você veria, por exemplo, se o Arouca estivesse aqui entre nós, como é que ele estaria vendo toda essa?

G: Tudo que eu queria é o Arouca estar naquela zorra do Riocentro, porque eu acho que aquilo ali é a cara dele. Essa coisa que ele falava: *Vamos alucinar!* Aquilo ali é a visão que ele tinha de abrir pra sociedade...

E: Você está falando do Circo?

G: Circo, formas de expressão totalmente diferentes. Ele tinha isso no sangue.

E: Quer dizer, de algum modo, o Museu da Vida é um pouco esse legado...

G: O Arouca era capaz de ser um cara que escreve o *Dilema Preventivista*, que é aquela coisa árida, extremamente rigorosa e, ao mesmo tempo, era um cara que era capaz de ter a conversa com a cultura, com o sambista. E saber que isso era um componente fundamental para o projeto que ele tinha. Acho que o Arouca ia estar vibrando hoje lá!

E: Está bom!

Depoimento de Francisco Campos (Brasília - 19.05.2005)

Assuntos abordados: primeiros contatos com a Medicina Comunitária em Belo Horizonte; importância de Juan Cesar Garcia para a Medicina Social na América Latina; organização da primeira SESAC e primeiro contato com Arouca; ida do entrevistado para Campinas como residente, integrado ao grupo de Arouca (1975); “expulsão” do grupo de Arouca por Zeferino Vaz; ida para a FIOCRUZ e comentários sobre o PESES/PEPPE; organização da segunda SESAC (em Campinas) e sua influência na “expulsão” do grupo de Arouca por Zeferino Vaz; encontros com Arouca na Nicarágua; entrada no Ministério da Saúde (1985) e participação na organização do VIII Conferência Nacional de Saúde; a perda de Arouca e críticas à atual gestão no Ministério da Saúde.

Fita 1 – Lado A

[Guilherme apresenta em linhas gerais o Projeto Memória Sérgio Arouca para Francisco]

Francisco: Obrigado pela oportunidade de falar dessa pessoa que foi tão importante, que na minha formação foi provavelmente a pessoa mais importante que existiu. Meu nome é Francisco Campos, eu sou coordenador do NESCON [Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva] da Universidade Federal de Minas Gerais. Como você disse, nesses três momentos em que você dividiu a biografia do Arouca, eu estive presente em muitos momentos desses. Vou contar um pouco desordenado, porque é difícil... Se eu tivesse feito uma tentativa de classificar isso talvez fosse um pouco mais fácil, mas vai ser meio desordenado e acho que vocês...

Guilherme: É melhor assim, dá mais riqueza e espontaneidade. Se tiver algum caso também, folclore...

Francisco: Não, não. Eu não conhecia o Arouca até 74. 74 na verdade foi um ano que marcou um pouco a História. Eu estava no curso de Medicina, as dificuldades grandes, os anos duros, a gente com toda essa questão de uma perseguição política muito grande. Minas talvez tenha sido o local onde o movimento estudantil tenha chegado com mais integridade ao final... Na verdade a perseguição que houve em Belo Horizonte não foi tão marcada quanto em outros lugares até um pouco por uma questão de “matreirice” política dos dirigentes da UFMG. No auge da repressão, quando muitos de nossos colegas foram presos, torturados, alguns desapareceram, a UFMG (quase uma coisa casual) passa a ser dirigida por um parasitologista pernambucano, que é um indivíduo que é posto na UFMG porque ele era sobrinho, genro do General Muricy, que era comandante do III Exército e uma das pessoas mais duras da ditadura militar naquele momento. Por incrível que pareça, esse indivíduo é um sujeito com um diálogo muito grande na universidade – Marcelo de Vasconcelos Coelho, falecido recentemente. É uma pessoa que, por ser parasitologista da Escola ali de Minas Gerais de Amílcar Viana Martins (um professor do qual Arouca foi sempre absoluto respeitador e que sempre admirou muito, o Lúcio Mauro Pessoa era alguém por quem o Arouca também tinha muita admiração, de São Paulo). O Marcelo foi uma pessoa que tentou conduzir a universidade mais brandamente, mais civilizadamente que em outros locais. Então a UFMG foi uma universidade que não teve uma solução de continuidade como outras

tiveram, intervenção militar direta, etc. Na verdade a gente nunca teve o DCE, os DA's fechados. Isso de certa maneira deu uma... com toda a dureza, foi muito dura a história. Eu especificamente, na minha família tinha... Eu tive minha casa invadida algumas vezes na madrugada porque um primo meu estava naquele momento preso, foi muito torturado. Mas de qualquer forma, no geral a universidade não foi aquela experiência pesada que teve em outros locais. Com toda a paranóia, com toda a confusão que se teve. Tinha um teatro lá, um jornal que era baseado nas idéias libertárias do Augusto Boal. Tinha gente que, eu mesmo fui à Polícia Federal não sei quantas vezes prestar depoimento, essas coisas todas. Mas enfim. A gente estava chegando em 74, eu tava me formando, e a idéia era de como a gente preservava essa nossa política, como a gente preservava essa idéia que a gente tinha de manter essa coisa acesa. A idéia que surgiu em Minas era um pouco... Naquele momento era muito difícil, pelas vias do arcabouço institucional dos partidos políticos, você manter estudantes agregados em torno de idéias. Se você dava um texto do Lênin pras pessoas lerem todo mundo saía correndo, porque todo mundo morria de medo. Você estava num momento extremamente difícil. Então o que aconteceu foi que a gente começou a perceber que tinha uma idéia que era a da medicina comunitária – eu vou chegar na SESAC, onde você diz que a gente se conheceu. Começou a discutir essa idéia da medicina comunitária, naquele momento estava começando a surgir Gramsci pra gente, que não era bem a idéia do “quanto pior melhor”, podia eventualmente pensar na atuação política, e que existiam contradições dentro do próprio Estado – toda essa idéia. E a gente começou mais ou menos em 74 (um pouco antes) a promover discussões sobre o que a gente chamava de saúde comunitária. E a gente percebeu que, ao contrário das discussões tradicionais que se fazia mais na vertente política do diretório acadêmico, que nessas discussões de saúde comunitária vinha muita gente! Começou a encher de novo, coisa que a gente não via há muito tempo, todo mundo morrendo de medo, todo mundo exaurido da repressão. Aí começou a aparecer gente, começou: “que que é isso?”, “que idéia é essa?” E a gente usando várias coisas que naquele momento eram importantes, por exemplo a experiência do Frederico Simões Barbosa aqui em Brasília com a medicina comunitária, o projeto de Sobradinho. Discutir outras experiências que existiam no Brasil, e naquele momento outra experiência que era importante pra nós lá em Minas, de um companheiro nosso, o Chicão, Francisco Machado, que dirigia o centro de Montes Claros, um militante antigo do Partidão naquele momento. Na verdade Diamantina era um pouco isso: tinha muitos elementos da participação comunitária, da mobilização popular. Muita gente se entusiasmou por isso. Em meados de 74, um pouco mais pro fim do ano, a gente lançou duas idéias muito importantes – que pra mim marcaram os próximos trinta anos da minha vida, ou seja, até aqui – da reformulação de currículo da Medicina da UFMG. É uma idéia muito importante, e foi o Arouca que me jogou nessa história, na realidade eu sempre brigava com o Arouca que a minha vida hoje seria muito melhor resolvida se ele não tivesse me jogado nessa história, muito depois, 5 anos depois. E a outra idéia foi a questão da saúde comunitária através da SESAC. A SESAC é um pouco essa idéia que a gente começou a fazer a Semana de Estudos sobre Saúde Comunitária, que quase se opunha naquele momento ao único evento estudantil que os estudantes de Medicina tinham que era o ECEM, de caráter muito mais oficialista. Pegava dinheiro do MEC, era muito mais voltado pra pesquisa científica, tinha muito essa questão de atividade esportiva, “Brasil forte”, e a gente que era comunista não gostava, não tinha jeito de entrar nessa história. Nós queríamos fazer alguma coisa alternativa a isso e começamos a pensar na medicina comunitária, na SESAC. Foi tudo junto. A questão da reforma de currículo (a minha tese de Mestrado, orientada pelo

Arouca, alguns anos depois foi exatamente sobre a questão da reforma na Faculdade de Medicina), e por outro lado a questão da SESAC.

As pessoas que o Arouca considerava como as pessoas que formaram ele (essa outra geração) que são o Juan Cesar Garcia (sociólogo argentino que escreveu um livro sobre a educação médica na América, foi o primeiro marxista real que foi contratado pela OPAS em Washington, um cara brilhante) e Miguel Marquez (que até hoje está vivo, teve um câncer também, foi a pessoa que chamou o Arouca pra ir pra Nicarágua, era o representante lá, é equatoriano de Cuenca, uma pessoa com uma formação marxista muito séria). Então esse movimento que existiu na OPAS causado pelo Juan Cesar Garcia na verdade é a matriz de tudo. Eu acho que o Juan Cesar Garcia, pra entender o Arouca tem que entender um pouco quem foi Juan Cesar Garcia. Quem foi? Ele fez um movimento na América Latina que foi um pouco isso de lançar a base do que eu chamo (essa é a minha tese) o movimento de Medicina Social. Por exemplo, o Juan Cesar Garcia criou três nichos grandes na América Latina (quatro se eu considerar a Argentina também). No México basicamente que era a figura de Asa Cristina Laurell (que o representava no México), que hoje se transformou numa referência muito forte na Medicina Social como secretária, como teórica, é a pessoa que a Ana Tambellini tinha como maior referência na área de saúde do trabalhador, essa leitura do arдил do trabalho, um pouco a leitura de Marx para a questão do trabalho, como isso deveria ser estudado pela Medicina Social. Você tem uma escola equatoriana, que é muito próxima de Juan Cesar Garcia, que forma Jaime Breilh, Edmundo Granda. Você tem a Argentina, onde tem o Hugo Mercer, o próprio contato que Juan Cesar Garcia teve naquele momento com Mário Testa (um sujeito que era muito mais militante, mas que na redemocratização da Argentina teve um papel importante. E no Brasil, na verdade o Brasil era o mais importante em termos de número de pessoas (até pelo tamanho do Brasil em referência aos demais). Mas aqui no Brasil o Juan Cesar Garcia formou por sua vez também quatro subagências do que era o novo pensamento da Medicina Social, que foi basicamente naquele momento a Cecília Donangelo em São Paulo (socióloga, uma referência também, nenhum de nós pode pensar em Medicina Social na América Latina sem pensar em Cecília Donangelo); o Sérgio Arouca e a Ana Tambellini que estavam na Unicamp (já tinha havido outras pessoas, o Teruel em Ribeirão Preto, mas naquele momento se concentra mais na presença de Sérgio Arouca, Ana Tambellini e uma série de outras pessoas, eu também fiz Campinas, Célia Leitão Ramos, Joaquim Alberto Cardoso de Melo e uma série de pessoas que estavam metidas nessa história); e o outro grupo é o do Hésio Cordeiro no Rio que toma o Instituto de Medicina Social. Então na verdade esses três movimentos são articulados. Havia uma quarta pessoa no Brasil, que na verdade é muito importante pra mim pessoalmente, que é o Domingos Gandra (?) (que morreu pouco tempo depois lá em Minas). Essas pessoas foram mobilizadas, participaram de seminários na América Latina, sob o patrocínio do Juan Cesar Garcia, mas que formou a meu ver no Brasil esse movimento da Medicina Social. Então o Arouca pra mim está colocado dentro disso.

Meu primeiro encontro com o Arouca se dá muito em cima disso, porque na verdade quando a gente foi discutir com o Domingos Gandra sobre o que era essa história de Saúde Comunitária. Desde logo a esquerda tinha muita resistência quando se falava nisso porque Medicina Comunitária podia ser considerada naquele momento uma coisa muito racionalizadora: “como é que você melhora as condições através de pequenas melhorias tópicas”. Mas não era bem isso. A gente pensava em fazer um evento de nível nacional (ninguém sabia como fazer isso) que se contrapusesse ao ECEM, que era o evento de estudantes de medicina oficial, patrocinado pela ditadura. O Domingos Gandra então identifica algumas pessoas no Brasil que são exatamente os

colegas dele de militância lá do Juan Cesar Garcia. Eu pego o ônibus pra São Paulo então, com o nome de algumas pessoas. Eu não citei nessa lista o professor Guilherme Rodrigues da Silva, que era chefe do Departamento de Medicina Preventiva da USP, porque o Guilherme não era bem o cara que se formou a partir do Juan Cesar Garcia. Não verdade ele era até mais antigo que isso, mas aderiu perfeitamente à essa idéia e deu guarida, deu abrigo à Cecília Donangelo no Departamento de Medicina Preventiva, etc. Eu chego a São Paulo com o nome da professora Cecília e do professor Guilherme, pra ir no dia seguinte a Campinas conversar com o Sérgio e a Ana Tambellini, e no dia seguinte ir ao Rio conversar com o Hésio Cordeiro. Por um acaso muito grande, nesse dia eu me encontro lá na Doutor Arnaldo, na sede da Faculdade de Medicina da USP, com a Cecília Donangelo, e estava lá também o Arouca. Estava lá por acaso. Então a gente começa a conversar, e a primeira coisa era identificar: “olha, nós não somos aqueles alunos da direita que querem pensar que a Medicina Comunitária é uma forma de paliativo, nós queremos discutir essa história”, etc., etc., etc. Convenci essas pessoas, e as convidei para em julho de 74 participarem dessa primeira Semana de Saúde Comunitária lá em Belo Horizonte.

Eu tinha te dito antes (acho que é importante ressaltar isso) que a administração da UFMG, era um reitor novo naquele momento... Quer dizer, em qualquer outra universidade seria impensável, era completamente avessa a isso. Mas o reitor novo, Eduardo Cisalpino (que era uma pessoa que não tinha nada de progressista, pelo contrário) banca a idéia, dá pra gente a grana, paga as passagens. Foi uma coisa absolutamente impensável naquele momento. E a gente então organiza aquele evento lá em Belo Horizonte. É um evento (eu não vou falar pra vocês em detalhes) que, por exemplo, já começa até uma briga pesada que aconteceu muitos anos depois a tensão em torno de quem era reformista, quem não era, “quem estava no aparelho de Estado é reformismo” – essa briga começa a surgir já daí. Eu me lembro muito bem que uma das pessoas que era do mesmo ano de formação que eu... [interrupção devido ao toque do celular do entrevistado]. Mas um dos grupos que estava lá era o grupo aqui de Brasília, que tinha uma posição muito mais radical (o Gastão Wagner foi uma das pessoas que apareceram lá), e a idéia deles, por exemplo, era uma coisa maluca (o Guilherme nem deve se lembrar mais disso): “da mesma forma que o povo brasileiro saiu às ruas pelo “Petróleo é Nosso”, pela Petrobrás, agora vamos ao “O Remédio é Nosso”, “Remédiobras”... Então eram umas histórias assim meio... Era muito folclore evidentemente, mas já começa uma discussão muito interessante ali, e pra mim em termos pessoais foi uma coisa muito importante porque até aquele momento eu não sabia bem o que fazer. Eu pensava em ser clínico, ser cirurgião, não tinha muito idéia. Mas ao ouvir o discurso do Arouca na SESAC... E pra nós era um discurso meio complicado, porque basicamente o Arouca estava trabalhando com o que depois ele escreveu na tese dele (que eu acho que provavelmente se tem uma pessoa que tenha lido aquela tese do Arouca de frente pra trás, de trás pra frente, provavelmente tenha sido eu, escrevi muito sobre ela, *Dilema Preventivista*). Mas por exemplo toda a leitura que ele está fazendo ali de Luc Boltanski, a questão de George Canguilhem, e principalmente a questão (que depois se tornou a maior polêmica da tese dele de Campinas) de pegar pelo Michel Foucault. Os marxistas não aceitavam que um sujeito começasse a tese com o Foucault, que naquele momento era considerado o antimarxismo. Naquele momento eu estava começando a ler Michel Foucault, Luc Boltanski, George Canguilhem, e ele traz algumas discussões que são muito novas, muito interessantes. Eu confesso a você que me fascinaram muito essas discussões. Eu achava uma coisa extremamente interessante, eu começava a pensar coisas que nessa formação tradicional nossa de estudante de Medicina a gente não pensava usualmente. Então de certa maneira ele me ganhou pra

idéia, falei: “bom, eu já sei pra onde é que eu vou”. Eu terminei esse ano, nesse ano eu terminava Medicina mesmo, e me tornei amigo pessoal mesmo do Hésio Cordeiro, convivo com o Hésio nesses próximos anos tanto quanto com o Arouca. Eu falei: vou pra UERJ, vou pra Campinas (que era o meu preferido) ou vou pra São Paulo, um desses três que estão aqui presentes é onde eu vou fazer. Continuei em contato com o Arouca, com a Ana Tambellini, com a Célia Leitão, com as pessoas de Campinas que tinham estado presentes em Belo Horizonte. Por sorte... Você nem me pergunte porque eu te daria mais uma hora de entrevista, o pau que foi essa entrevista lá. Foi uma seleção de residentes. Campinas era muito engraçado porque tinha o grupo do Arouca (que era o grupo maior do Departamento), tinha o grupo claramente vinculado ao que era considerado “a direita” naquele momento, que era o pessoal que depois roeu ele por trás, especialmente o Manildo [Fávero] no final, mas no final das contas o Tomás da Costa, mas era basicamente o grupo que tinha Reginaldo Zaccaro, enfim, eu mapeio até hoje razoavelmente bem o que era isso aí. E tinha um terceiro grupo que ia mais por um lado, mais por outro – o Everardo, a Ana Canesci, alguns estão lá até hoje. Mas deu uma tensão muito grande nessa entrevista. Por exemplo, eu era o candidato 1 do grupo do Arouca. O Eduardo Frizi, por exemplo (provavelmente o melhor amigo que eu tenho na vida até hoje), entrou na cota do Arouca mas não era tanto assim... Então o terceiro grupo começou a... O Eduardo por exemplo só foi aprovado na residência alguns meses depois, quando uma pessoa desistiu. A Beth Moreira (que era daqui de Brasília, agora está no Rio) também foi aprovada nesse grupo. Se formou um grupo lá em Campinas que era bem interessante. O primeiro ano de residência de Campinas eram pessoas que são marcantes nessa área de Medicina Social. O Davi Capistrano, que é uma referência (hoje ninguém tem dúvidas) na Saúde Coletiva brasileira, na residência o Davi era R2, o Zé Rubem (que é uma pessoa que tem uma atuação muito grande no (?)), o Zé Augusto Cabral de Barros e a Rosaly. Eram as quatro pessoas do primeiro grupo de residência. No segundo grupo as duas Elisabeths, eu e Eduardo éramos os quatro residentes. Era uma coisa muito diferente pra nós, porque todo mundo esperava uma prática clínica e a gente não tinha isso. Na verdade a gente estudou muito, eu não... Tinha muita gente que se dizia comunista e nunca tinha lido *O Capital*. A gente tinha lido tudo, a gente lia tudo – e não só pelo lado do Arouca, que era estudar Althusser, mas era pelo outro lado também. O pessoal do terceiro grupo, que era mais pro lado da Antropologia era Canguilhem em cima, era Radcliffe-Brown. A gente estudou muito, foi um ano de *muita* leitura. Émile Durkheim a gente sabia do início ao fim. Então a gente estudou muito nesse período. E foi o período no qual se caracterizou a chamada “crise de Campinas”. Na verdade eu fiquei em Campinas apenas seis meses, mas esses seis meses foram muito importantes exatamente pra crise. A administração do Zeferino Vaz, que fez aquela universidade (ninguém tem dúvida hoje que é um sujeito importantíssimo pra construção da própria Unicamp), chegou um momento em que ela não conseguiu conviver com essa efervescência que era aquele Departamento. Então o pessoal até diz em tom de pilhéria que num determinado momento teve que fazer uma opção: ou bem se mantinha comunista ou bem... Então o que se fazia, do que se abria mão. De certa maneira entregaram a cabeça do Arouca, foi provavelmente das cenas mais patéticas que eu conheço na minha vida o dia em que houve a determinação real de que todos (os residentes e os preceptores) tínhamos que voltar a fazer clínica. Eu me lembro muito bem lá na garagem da casa onde moravam o Sérgio Arouca e a Ana Tambellini (o Pedro era um menino de dois anos), o Arouca se lembrou que tinha um estetoscópio, então todo mundo na casa procurando o estetoscópio. Quando acha o estetoscópio... Ele tinha um fusquinha, que era o único fusquinha que eu conhecia vinho (não sei se você lembra, um modelo que tinha duas janelinhas atrás, velho), então o Arouca encontra naquele

bagageiro da frente do fusquinha, em baixo do pneu, o estetoscópio – que todos nós tínhamos que voltar a fazer clínica, nós que já éramos considerados o pessoal que não mexia com clínica, éramos os desgarrados. Só que (uma das coisas mais engraçadas que eu vi na vida) ele pega o estetoscópio, aquela borrachinha já está completamente pregando, a borracha do estetoscópio fica completamente deteriorada, não sei por que. Então teve que arranjar outra borracha pra poder usar... Bom, a gente foi lá pra maio, pro meio desse ano de 75, a gente voltou pra Paulínia, fizemos clínica, alguns de nós sabíamos fazer. Tinha gente muito boa nisso, o Caniço, baiano, morreu com 32 anos depois no Rio. Também era lá do projeto do Arouca. Da trupe a gente tinha que andar junto. Então o que aconteceu? O próprio Arouca ia voltar pro consultório, imagina o próprio Arouca vestido de roupa branca no consultório. A gente ia voltar, mas no final das contas resolve-se: “olha, a gente quer não só se livrar dos chefes, mas do pacote inteiro.” Então foi oferecido à gente pelo então chefe do Departamento uma história que era: “vocês se resolvam, façam qualquer coisa que quiserem, mas a gente não quer vocês aqui mais.” Nenhuma das pessoas. O Arouca e a Ana Tambellini acabaram ficando um tempo adicional porque eles tinham adquirido o direito de defender as teses de Doutorado, os dois – o que foi feito exatamente esse ano. O que foi feito? O pessoal do segundo ano de residência (Davi, Zé Augusto, Zé Rubem), eles foram pra São Paulo fazer o curso de Saúde Pública da USP, e nós que éramos do primeiro ano não tínhamos muito o que fazer, porque tinha ainda um ano e meio pela frente na residência. Então o que aconteceu naquele momento foi que a Ana Tambellini e o Arouca eram amigos do Eduardo Costa no Rio, estavam se abrindo (depois do Massacre de Manguinhos) o primeiro curso público de Saúde Pública no Rio (de julho a dezembro de 75). Então o que se fez foi uma manobra meio marota de matricular a gente como residente, a gente já era residente em Campinas, mas aceitaram a matrícula da gente nesse curso de Saúde Pública, onde a gente encontrou com muita gente que até hoje está presente aí. Só pra você saber, a (última esposa do Arouca) Lúcia, Antônio Ivo de Carvalho, Ana Rita, uma série de pessoas com as quais nós militamos juntos algum tempo depois. Dessas 70 pessoas tem umas 30 que foram pessoas importantes no movimento de reformulação do setor saúde no Brasil. A gente fez esse curso e depois não voltou mais pra Campinas. Mas era exatamente nesse momento que o Arouca já tava vindo pro Rio pra constituir o PESES (eu poderia falar também uma hora sobre o que foi o PESES mas não...)

Fita 1 – Lado B

Francisco:... e que na verdade tinha 5 ou 6 projetos de grande importância, PESES/PEPPE, Programa de Estudos Sócio Econômicos de Saúde e Programa de Estudos Sociais e Epidemiológicos na área de Saúde. Um deles com seis milhões de unidades monetárias usadas na época, não lembro se era cruzeiro, cruzado, e o outro com trinta (o PEPPE, que era maior do que o PESES porque era da área de epidemiologia). O grupo de Campinas quase que se translada por inteiro pro Rio pra trabalhar nesses programas. No programa PESES o maior projeto de investigação (que era o projeto 3 do PESES) tentava retomar a idéia da tese do Arouca que na verdade era o momento 2 da tese dele: o “dilema preventivista”, por que tinha se estabelecido a Medicina Preventiva da forma que se estabeleceu na América Latina. Não vou também recapitular a tese inteira, mas era um pouco por que a Medicina Preventiva, que era uma coisa extremamente conservadora nos Estados Unidos, passa a ser uma coisa libertária no Brasil? Uma das coisas que estão presentes na tese do Arouca, e que depois ele até orienta na tese da Sarah Escorel (depois esposa dele), sobre a origem da reforma do setor saúde no Brasil, é que uma de suas raízes está colocada dentro do movimento de

Medicina Preventiva. Porque a tese do Arouca era muito rapidamente essa: que a Medicina Preventiva, que nos Estados Unidos era uma forma de fazer liberar a resolução dos problemas (ou seja, jogar em cima dos indivíduos, da prevenção, do cuidado da pessoa mesma, culpabilizar o indivíduo pela questão da prevenção, fazer com que a pessoa pudesse ao se conscientizar resolver os seus problemas de saúde), quando ela chega na realidade latino-americana (que é uma realidade totalmente depauperada, onde as pessoas não têm dinheiro, não tem o que fazer) ela não tem como levar isso pro individual, ela tem que levar pro coletivo mesmo. Isso faz com que a idéia da Medicina Preventiva (que nos Estados Unidos é conservadora) torne-se uma idéia “libertária” no Brasil e na América Latina (o desenvolvimento na Argentina, Equador, México, indicava um pouco nessa direção). Então o terceiro projeto do PESES, chamado *Investigação Nacional sobre o Ensino da Medicina Preventiva*, era de certa maneira a prova de campo se essa tese do Arouca era correta. Esse estudo passa a ser coordenado pelo Caniço (Raimundo Haroldo Santos) que por infelicidade de todos nós, um ano depois, 9 de dezembro... Eu lembro, é uma coisa até traumática pra mim pessoalmente, porque meu aniversário é 8 de dezembro e nesse dia o Caniço sai pra comprar um presente pra mim, e foi a última vez que se viu ele, nessa noite de 8 pra 9 de dezembro ele morre, com 32 anos. E o maior projeto do PESES...

Guilherme: Qual foi a causa da morte?

Francisco: Ele teve uma ruptura de um aneurisma cerebral, uma coisa muito complicada, fazendo 32 anos. Então foi uma coisa muito dolorosa pra todos nós que vivemos esse processo. Então ficou o maior projeto do PESES, o Arouca coordenando aquele projeto inteiro (muita gente importante, Ana Tambellini, Lúbia, Sérgio Góes de Paula), e o principal projeto sem coordenador. Então foi uma loucura completa (eu penso nisso hoje), nesse momento eu tinha 26 anos, uma pessoa com 26 anos de idade ser coordenadora e pesquisadora da FIOCRUZ junto do maior projeto de investigação que tinha no PESES, que no final era no Brasil, porque na Medicina Social brasileira esse era o maior projeto que tinha. Mas eu acho que o Arouca confiou nisso, tentou, e foi um negócio bem interessante, tivemos resultados interessantes. Nesse projeto a gente tentou ganhar uma notoriedade no MEC, o Arouca fez todo o possível pra poder fazer isso, mas nas condições ainda da ditadura era meio difícil levar uma história como essa adiante. O PESES também ia passar por um processo similar, que era um projeto que já estava de certa maneira acabando, mas o grupo já estava instalado na FIOCRUZ. Aí tem um terceiro momento, que estava instalado talvez o principal projeto de recursos humanos que tenha havido na América Latina, o grande projeto da OPAS no Brasil, que é o chamado PREPS (Programa Estratégico de Pessoal de Saúde), tinha três componentes: um componente de institucionalizar a administração de recursos humanos das secretarias; tinha um segundo projeto (era o projeto mais importante no Brasil, e hoje conhecendo mais o mundo eu acho que é difícil encontrar alguma coisa parecida) na área de escala, com a liderança de uma das pessoas mais brilhantes que o Brasil já teve até hoje na área da execução, que é a enfermeira Isabel dos Santos; e o terceiro projeto de integração da ação assistencial. Esse projeto estava se desenvolvendo na Paraíba e a Célia Almeida tinha decidido voltar pro Rio (não se sabe por que, você pode perguntar pra ela), e nesse momento eu tava acabando o Mestrado, acabando o projeto da FIOCRUZ, e o Arouca decide (pela cabeça dele, era essa história da militância, “você tem que ir”): “você vai pra Paraíba”. Mas apesar disso aconteceu uma coisa nesse momento que foi a seguinte: Minas Gerais estava organizando o (?), que era um negócio que era (?) pra todos nós, e eu resolvo ir pra lá, enfim, não vou contar essa história

inteira pra vocês porque talvez não interesse aqui. Mas o que eu acho que é muito importante durante esse período (e foi aí que você [Guilherme] me conheceu), que com a organização da SESAC o Arouca se tornou de fato uma referência. A segunda SESAC foi organizada em Campinas no ano seguinte, 75, e provavelmente foi o momento em que de fato o corte de Campinas foi dado, em cima da realização da SESAC. Esse também é um episódio interessante factualmente. O secretário de Saúde do Paulo Egídio Martins, o Walter Lezer, ficou conhecido porque era um secretário de um governo da ditadura (o Paulo Egídio tinha apoiado o Ednardo d'Ávila Melo, o sujeito que tinha comandado a morte do Vladimir Herzog e outras lá em São Paulo), e fez um trabalho que foi um marco na Medicina Social brasileira, mostrando a evolução da mortalidade infantil em São Paulo. E de certa maneira era um trabalho considerado... Como é que um secretário da ditadura vai demonstrar que más condições sociais elevam a mortalidade infantil? Era uma coisa considerada muito revolucionária, digamos assim. Exatamente esse pessoal mais à esquerda da SESAC começa a levantar (diante do Zeferino Vaz na platéia, aliás na mesa, estava o Arouca, Ana, Célia, eu), levantam algumas pessoas (eu não me lembro quem foi) e começam a falar: “como é que o senhor vem falar isso aqui?! O senhor é secretário dessa ditadura assassina!” E diante disso evidentemente o Zeferino Vaz considera uma descortesia a um secretário de estado que tinha saído de São Paulo pra vir abrilhantar de certa forma... Enfim, um eventos de estudantes de Medicina, naquele salão vermelho da prefeitura de Campinas. De certa maneira algumas pessoas acham que isso daí teria sido o início da... A situação já tava preta, ainda chega um sujeito e começa a botar o dedo no nariz do secretário e dizer pra ele: “como é que um sujeito que serve à ditadura militar...” Evidentemente que isso na frente do Zeferino Vaz é uma coisa muito complicada.

Bom, voltando... Fui pra Belo Horizonte nessa época. Houve uma insistência muito grande do Arouca pra eu ficar no Rio, mas eu sentia que não era bem o que eu queria, eu estava querendo mexer com educação médica. Mas fiquei a vida inteira... Tive um encontro com o Arouca dois ou três anos depois disso, já quando ele estava na Nicarágua. Provavelmente fui uma das pessoas que visitaram ele na Nicarágua com alguma frequência, por causa dessa forte amizade que a gente tinha. Estava com a Sarah Escorel, foi pra Nicarágua. Um episódio interessante é que eu consigo em Minas Gerais duas garrafas de Havana (que é considerado o néctar dos deuses em Minas) e levo dentro de uma mala (quebra uma no meio do caminho), chega lá em Manágua e o Arouca resolve fazer caipirinha com Havana. Todo mundo achou: “mas o Arouca fazer caipirinha com Havana?” Mas Havana é considerada hoje a grande cachaça... Ele falou: “eu tô com tanta saudade de uma caipirinha, que eu não sei como é que...” Estivemos lá pro Congresso de Medicina Social que fundou a ALAMES. Estive algumas vezes depois com o Arouca lá em Manágua, era muito ligado, tinha uma ligação muito forte com essa coisa de formar as pessoas. E depois disso, eu acho que essa ligação volta depois do retorno dele aqui na constituição da Nova República. Naquele momento, quando começa a constituição do Governo Tancredo, a outra pessoa com quem eu tinha uma ligação muito forte, e infelizmente pra mim muito difícil... O Davi eu digo também que foi uma perda muito grande, porque ele era um colega muito querido de residência, que fazia a gente sofrer muito porque na verdade essa história da militância do partido tem uma relação muito complicada. Tinha um prefeito ex-comunista de Americana que resolveu socorrer a gente (que era comunista também), dar uma certa solidariedade. Então ele resolveu dar os plantões pra gente, que era a forma que a gente tinha de se virar. Eu dava plantão de segunda pra terça, sei lá, o Eduardo dava de terça pra quarta... O Davi dava dois, porque já tinha filha, já tava casado. Mas aí era o seguinte: “hoje o Davi tem uma tarefa partidária importantíssima!” Então quem dava o plantão? Os

“bagrinhos”, a gente. Então várias vezes seguidas, tinha quinta noite seguida de plantão em Americana, evidentemente pra resolver... Mas era uma coisa muito solidária, muito interessante, a gente fazia isso... Mas eu tô dizendo isso pra que? Pra dizer que tem a perda do Davi, que eu acho muito importante, mas eu acho que tem outra perda pra mim que ainda não aconteceu de fato, mas que também é tão dolorosa quanto, que é a do Eleotério, que é a outra pessoa que quando se começou a organizar o Governo Tancredo (depois o Governo Sarney), toda a articulação via Ministério da Saúde estava no Arouca, no Eleotério... O Arouca, por indicação dele, porque quem deveria estar na área de recursos humanos era eu. E vim pra Secretaria de Recursos Humanos do Eleotério, apesar de naquele momento existir uma... Muita gente pensava: “você está em Belo Horizonte, é mais perto do Rio. O Hésio tá lá no INAMPS, então por que você não vai pra lá?” Mas eu acho que eu era mais, eu era considerado naquele momento (em termos do espectro político) muito mais próximo do grupo do Arouca e do Eleotério do que... Tivemos até uma troca meio esquisita, porque falaram: “por que o Paranaguá não fica aqui e você vai pro Rio?” Eu e o Paranaguá também somos muito amigos, mas o Paranaguá foi pro Recursos Humanos do ESP, também insistia que eu fosse pra lá, e o Arouca insistindo com o Eleotério pra que eu ficasse aqui. Fiquei aqui durante esse tempo inteiro. E acho que a experiência mais interessante desses anos todos é a questão da organização da VIII Conferência. Quem esteve na organização da VIII Conferência, quem conviveu no dia-a-dia... Haja fígado pra suportar aquilo que foi suportado por nós na organização da VIII Conferência! Alguém certamente vai falar disso de uma maneira mais própria, mas eu acho que foi uma experiência muito interessante essa questão política (que a Márgara [entrevistada anterior] colocava aqui agora a pouco). Como é que você introduz um agente no debate, como é que você amplia o debate na saúde. Meu segundo momento com o Arouca foi esse aqui do Ministério, da FIOCRUZ e posteriormente da realização da VIII Conferência. Esse eu acho que é um momento muito importante na vida da gente também. Finalmente eu acho que... [suspiro] Uma convivência de trinta anos, muito próxima, é muito difícil você fazer esse tipo de... O Arouca mesmo me ligou pra dizer da doença dele, então pra mim foi uma coisa muito dolorosa, muito difícil. Mas esses aspectos que foram ressaltados aqui são muito importantes. Eu não tenho dúvida nenhuma que o Arouca foi o maior formulador que a gente teve na área da política de saúde no Brasil, acho que todas as homenagens que são feitas são absolutamente devidas, e nos últimos tempos um pouco esse papel... Eu não segui muito o Arouca no gabinete de deputado. Convivi muito assim nessa questão de estar presente, de ir pra algum lugar, de estar junto ali com o Mário Hamilton, com os amigos do Rio. Mas não tive essa militância muito por esse lado mais da... Apesar de eu achar que tenha continuado pra ele como uma referência muito forte pra ele na área de recursos humanos. Você se lembra daquela reunião que eu vim da formação do programa do Ciro Gomes? Porque eu cheguei meio atrasado na reunião, não sabia direito o que era, e o Arouca chega de repente. A primeira pessoa à qual ele deu a palavra fui eu, pediu que eu falasse sobre a questão dos recursos humanos. Então a gente continuou com esse respeito, essa admiração muito forte em comum.

Tem uns episódios muito engraçados. Por exemplo, no dia em que ele foi indicado pra vice-presidente na chapa do Roberto Freire, no Pavilhão da Gameleira em Belo Horizonte, imediatamente ao sair dali (a primeira vez que nós, PCB, tínhamos um candidato a presidente e a vice-presidente) eu me lembro disso como se fosse hoje, ele foi lá pra casa, eu morava no alto da Barroca em Belo Horizonte. Minha casa tinha uma visão muito bonita do pôr do sol (era alta). Vimos o pôr do sol ouvindo a *Internacional* altíssima e bebendo vodka russa! Nesse dia eu tenho uma foto dele com os meus meninos pequenos ainda, naquela casa – naquele dia ele foi indicado candidato, essa

foto nem a Chris tem. Nesse dia foi muita gente da área da saúde, saiu da Gameleira, lá da convenção do partido, pra minha casa.

No geral, o que eu poderia dizer é que foi uma grande perda que a gente teve. Eu fico pensando o que seria de muitos desses conflitos que a gente vive aí hoje se fosse o Arouca. Eu acho (e estou dizendo isso pra você como uma pessoa que eu considero muito próxima em termos de visão política) que com o Arouca nós não teríamos um Ministério, de um governo pelo qual muitos de nós lutamos, que é a meu ver o mais excludente dos ministérios da saúde que nós tivemos desde que eu comecei no Ministério. Nunca no Brasil (do meu ponto de vista, eu falo isso sempre e repito) nós tivemos um Ministério exclusão pela questão de ser subárea, subsetor, de tendência. Eu acho o Arouca um sujeito que poderia ter *contrarrestado* essa tendência facciosa que você tem dentro do Ministério, ele faz uma falta enorme nesse momento, porque nós estamos... Você é da estrutura do Ministério, mas eu acho que o Ministério no geral, com as coisas que estão acontecendo nesse momento, tem perdido muitas daquelas oportunidades daquela reforma pela qual a gente lutou naquele momento, e que a gente pensou que se poderia fazer uma articulação suprapartidária... Quando eu vejo nesse momento, por exemplo, na minha área específica, que tudo que é considerado antigo é ruim. Já vi até gente (isso *off the records*) considerando que o próprio Arouca era “uma mala que essa avançada gestão teve que carregar”. Eu acho que pelo contrário, era um cara que dava extrema importância, valorização a isso. A perda dele é muito ruim nesse momento no qual a gente poderia ter eventualmente uma coisa muito mais de composição, de tolerância – que na verdade eu acho que falta um pouco... Muito. Quando a gente vê essa briga de foice aí que se armou.

Guilherme: A tua área é o pior exemplo, é um caso especial, recursos humanos hoje no Ministério...

Francisco: Eu nunca vivi nesses anos... Eu entrei no Ministério em 85, o Eleotério entrou numa semana, nessa semana eu vim pra cá. Ainda que eu tenha sido nomeado um pouco depois, já são 20 anos. Todo momento foi de conversa, de diálogo. E a gente está vivendo um momento agora que é exatamente o contrário, de se desentender, de achar que tudo que é antigo é ruim... Então eu acho que o Arouca poderia ter evitado que esse tipo de coisa tivesse acontecido, ou fazer com que isso fosse menos radical. É uma perda. Eu acho que a grande tristeza que eu tenho com isso é a gente demorou na contratendência, na clandestinidade (clandestinidade nunca foi na verdade, apesar de que tinha uma piada que a gente tava quase caindo na clandestinidade, mas na saúde eu acho que não), a gente demorou tanto tempo pra construir isso e quando chega no momento de fazer você tem um aparelhamento da mesma forma com a qual você terminou. Então eu acho isso lastimável! É uma pena que o Arouca não esteja aí pra se ter uma visão um pouco mais abrangente. Ele tinha essa capacidade de construção maior. Esses três momentos que eu estou dizendo: esse momento inicial da construção da Medicina Social (construção mais acadêmica); o posterior que é a de colocar isso no governo, construir essa proposta conjunta que foi o Hésio na Previdência, o Arouca na FIOCRUZ, o Eleotério na Secretaria Geral; e até esse momento posterior, mais político. Eu acho que a gente fez uma coisa no Brasil muito importante. Nos últimos tempos (você sabe disso) eu estive mais em Genebra, tive sete anos em Washington (foi até um tempo em que eu me afastei um pouco mais do Arouca por causa disso). Mas eu estou cada vez mais convencido de que essa obra que nós fizemos no Brasil de construir esse SUS da forma como foi feito é uma coisa que ninguém fez no mundo. Eu acho que a quem isso mais se deve é ao Arouca. Em termos de obra de engenharia social que a

gente tem no mundo, provavelmente a gente não tem nenhuma do tamanho dessa. É evidente que não foi construída só pelo Arouca. O grupo do Hésio é importantíssimo, e é interessante que grupos que não tiveram em todos os momentos exatamente a mesma fala política, uma mesma perspectiva de possibilidades políticas. Isso até mesmo persistiu ao longo do tempo quando dialogamos, por exemplo, com o grupo do Davi Capistrano depois que ele já tinha se colocado dentro do PT, essa capacidade de continuar dialogando com esses grupos se configurou numa coisa muito importante. E eu acho que infelizmente algumas das visões sectárias que nós estamos tendo dentro da condução desse processo hoje tendem a promover uma desagregação que não teria acontecido caso você tivesse tido essa voz de comando mais forte. O Arouca era uma pessoa que todo mundo respeitava, e eu acho que muitas das pessoas que estão colocadas hoje agem nesse sectarismo muito por moto próprio mesmo – isso na minha área é muito... A sua área pra mim é o exemplo mais... Eu até fiz uma carta pra um aluno que está querendo fazer a residência no Programa de Saúde Internacional em Washington, nessa área de meio ambiente... Eu acho que quando você parte pra uma visão integral de saúde, vê a importância que essa área está tendo no momento. É muito diferente de coisas que estão acontecendo em outras partes do mundo. Eu acho que o que poderia marcar esse Ministério como um “evento-sentinela” era isso: como a área ambiental passa a ser importante. (...)

Espero que tenha ajudado. Tem assim o “paleo-Arouca”, o “meso-Arouca” e o “arqueo-Arouca”. Eu falei mais do “arqueo-Arouca”.

Depoimento de Nelson Rodrigues (Brasília - 20.05.2005)

Assuntos abordados: importância de Arouca; esforços dos sanitaristas a nível municipal para atuar com autonomia em relação à ditadura; surgimento de pólos municipais de saúde comunitária nos anos 1970; participação de Arouca; surgimento do movimento da reforma sanitária nos anos 1970; comentários sobre o clandestino *Projeto Andrômeda*; conferências municipais de saúde no início dos anos 1980 e seu papel na VIII Conferência Nacional de Saúde; criação do SUS e lutas nos anos 1990; importância de Arouca.

Fita 1 – Lado A

Introdução:

Nelson: Eu e o Arouca nos anos 70 nos voltamos, graças a nossa liderança intelectual e estratégica, para a sobrevivência de uma militância antiditadura, nós fomos conquistando os espaços locais, os espaços comunitários, os espaços municipais lá embaixo buscando a flexibilidade de uma militância agregadora contra a ditadura. Os espaços estaduais e federais estão totalmente tomados pelo sistema autoritário. As propostas de políticas públicas de direito da população encontraram em baixo o poder municipal e as possibilidades já haviam se esgotado. Nos anos 70 eu em Londrina, sem combinar nada com o Arouca, cultivei um espaço comunitário de bairros e vilas rurais, e o Arouca cultivava exatamente nos mesmos anos de 74, 75, 76, ele controlava o espaço da bolsa de verduras mineiras, que ia até as cidades de Campinas e Paulínia. Aí não era só o Arouca e eu, tinha naquela época tinha uma outra dezena que tentava cultivar outros espaços no Brasil. Então nós da saúde pública, nós éramos mais ou menos tangidos pelos pedregulhos que existiam no espaço local que era desmobilizado, segregado... Esse é o veio que eu procurei pegar porque o da produção intelectual eu não sou capaz de falar. Mas o que eu acompanhei mesmo como testemunha foram esses anos 70. Foi nessa época que eu e o Arouca participamos do Projeto Andrômeda, que era um projeto completamente clandestino que era composta por algumas pessoas da saúde, de instituições federais... nossos encontros eram em saguão de aeroporto. A última coisa é a coisa mais humanista. O terceiro ponto é a grandeza do Arouca enquanto estrutura de Estado, era um fabricante de utopias. Então ele, a Cecília Donangelo, um Mário Magalhães, um Samuel Pessoa, um Gentile de Mello, isso na saúde... mas na área de educação, um Anísio Teixeira... é o educador, não é qualquer educador... e na sociologia um Florestan Fernandes, não é qualquer um... um Celso Furtado, um Caio Prado... são nomes que vieram para contribuir no processo civilizatório da sociedade-Estado... não é apenas uma contribuição a mais. Esses sim são os fabricantes de utopias. Eu vejo o Arouca como portador de formulação e adesão de utopias de futuro para a civilização brasileira e para a humanidade.

Entrevista:

Nelson: Meu nome é Nelson Rodrigues dos Santos, médico sanitário. Falar do Arouca pra nós que continuamos uma militância a favor da concretização dos direitos de cidadania na saúde que era a grande proposta do Arouca, nós tivemos a sorte de continuar essa militância do Arouca, então falar do Arouca nessa militância é meio que improvisar e me lembrar de alguns testemunhos, alguns momentos da História que nós estamos vivendo e que é dividido em décadas porque faz décadas que nós conhecemos o Arouca... então vamos nos lembrar de alguns aspectos enquanto testemunha. O primeiro momento ficou lá atrás, ainda na época da ditadura militar, nos anos 70, quando o Arouca e eu mal nos conhecíamos, para a formação daquele tempo nós éramos um número muito menor de profissionais de saúde na área de saúde pública que estávamos podendo ter espaços e visões de esperança de lutar pelo desencantamento da saúde pública e dos sistemas de saúde para que reconhecessem aquele direito como um direito de cidadania nos anos duros da ditadura. Era um momento no qual todas as pessoas e grupos com propostas de libertação, de democracia e principalmente de direitos de cidadania a serem atendidos pelo conjunto da sociedade e pelo Estado, essas pessoas iam ficando cada vez mais restritas naqueles tempos por causa da própria repressão. Então você tinha tanto a repressão truculenta através de prisões, e a prisão ideológica, emocional de desemprego, de perseguições... e sempre no processo humano da sociedade dos que conseguiam desenvolver a arte e a malícia de evitar ser completamente cortado dessa militância, e recriar novas circunstâncias a favor de mudanças para a sociedade. Então nesse momento em que os sanitários vinham sendo bastante restringidos por causa das velhas formas de repressão, uma parte dos sanitários ia sempre tendo a arte de encontrar esses espaços e, quando uma parte dessa parte era impossibilitada, surgia outra parte dessa parte que substituía. Quer dizer, nos momentos mais repressivos sempre existia uma minoria que rodeava os eventos para manter acesa essa chama do processo formando novos patamares crescentes para etapas futuras. Então, essa visão não só de estratégia, mas de grande crença na utopia, numa forma de vida mais social, mais humana, essa luz no final do túnel que não poderia ser apagada em nenhum momento. Então nesses anos cinzentos dos anos 70, em que os espaços federais, e estaduais e de entidades civis, eram espaços quase zerados, os sanitários foram se localizando nos espaços do poder municipal para acumular essas experiências. Foi muito interessante porque esse espaço municipal dos anos 70, ele teve uma injunção por fora dos nossos movimentos que a própria repressão, a própria ditadura favoreceu o lado econômico da sociedade e não o social. Assim a concentração da renda passou a ser uma das maiores do mundo e a pauperização da população uma grande migração do interior para as cidades. Isso criou, nos anos 70, uma circunstância extremamente... Tensão social das grandes periferias das cidades médias, talvez de todas as regiões do Brasil, e também das cidades grandes se encharcou, se encheu demais. Houve nos anos 70 cidades médias que dobraram de população praticando o subemprego. Então, esse fenômeno demográfico e social que foi conseqüente da concentração de renda no regime ditatorial, esse fenômeno também criou espaços políticos criando possibilidades maiores de buscas de saídas para diminuir essa grande tensão social que eram as periferias das cidades grandes e médias desertadas de qualquer contemplação de direitos sociais, não só na saúde, mas de emprego, educação... e os prefeitos dos anos 70, independentemente de partido políticos em que eles assumiam para ser eleitos, eles no dia seguinte tinham essa batata quente nas mãos. Era uma situação extremamente tensa pra poder descobrir uma forma de diminuir as tensões sociais. Principalmente com os prefeitos de cidades médias e grandes. Então,

sem ter esse estudo pronto, grande parte dos sanitaristas utilizando-se do seu bom senso procuraram se localizar nesses espaços principais tentando criar propostas de concretização de projetos de saúde pública para essas periferias urbanas que às vezes não tinham possibilidades financeiras para programas mais completos e maiores de saúde para as suas periferias. Aí, os cuidados com a saúde primária cresceram muito. Eu tive a possibilidade de participar desse fenômeno, dessa busca. Eu estava em Londrina nos anos 70, com vários colegas, na Prefeitura de Londrina, e nós criamos as primeiras unidades de saúde básica na periferia urbana e em vilas rurais. Nesse mesmo momento, sem saber, nós ficamos sabendo que isso estava acontecendo em outras cidades médias. Estava acontecendo em Campinas, em Joinville, em João Pessoa, em Uberlândia... E o Arouca estava em Campinas nessa mesma etapa, trabalhando inicialmente com uma equipe no bairro de Jardim das Oliveiras e que depois vieram a trabalhar num município vizinho de Campinas, que era Paulínia, dentro dessa mesma perspectiva estratégica de mobilizar vereadores, lideranças da população e, se possível, secretários e prefeitos, buscando apoio para experiências de atenção à saúde das populações dessas periferias. Foi aí que praticamente nasceu no Brasil a proposta de atenção integral na saúde. Essas crises urbanas não precisavam só de medicamentos, ou consultas, ou internações, e não podiam ficar satisfeitos apenas com programas de prevenção. A atenção social forçava os sanitaristas naquele momento a criarem projetos de atenção integral, incluindo a cura e a prevenção, ações preventivas e ações curativas simultaneamente, com os recursos financeiros disponíveis naquela época. Pra compensar esses baixos custos financeiros, também muita criatividade foi usada, com mobilização da comunidade, com auxílio de agentes comunitários na saúde, que na época já eram identificados e faziam parte desses projetos, e a própria atenção básica da saúde ela nascia de uma maneira mais sistemática. O primeiro encontro que o Arouca e eu tivemos foi um pouco à distância, mas extremamente íntimo, muito identificado. Mais à frente houve os intercâmbios de cidade para cidade quando os grupos já haviam crescido. Os grupos de sanitaristas que viviam nessas cidades, rapidamente, as experiências que eles acumulavam localmente não bastavam, a pressão continuava pra prosseguir esses projetos, mas os recursos locais já não bastavam. Então os intercâmbios de cidade com cidade começaram a crescer em fins dos anos 70.

Fita 1 – Lado B

Nelson: Nesse momento, do encontro de 78 no Nordeste e no encontro de 79 em Campinas, o Arouca já não estava em Campinas que o próprio processo da repressão da ditadura cortou os espaços que o Arouca e o grupo todo do Arouca que já eram dezenas de sindicalistas que estavam ali em Campinas naquela experiência - cortou o caminho campineiro deles e eles tiveram que buscar outros caminhos em outros lugares, principalmente no Rio de Janeiro, na Fundação Oswaldo Cruz e em outros locais. E aí Campinas teve um vácuo, como eu também e meu grupo, e eu pessoalmente em Londrina eu fui cortado também em 75. Mas os colegas do grupo que permaneceram em Londrina puderam dar uma continuidade em Londrina. Os colegas do Arouca que permaneceram em Campinas foram insuficientes para dar uma continuidade em Campinas e o fenômeno da própria ditadura e da própria repressão na época que tiraram o Arouca de Campinas e me tiraram de Londrina, no meu caso eu vim pra Brasília, por solidariedade de colegas que estavam na Organização Pan-americana de Saúde e no Ministério da Saúde, eu vim trabalhar num programa de interiorização das ações de saúde e saneamento que era o PIAS e em 76, 77 e quando voltei em 78 pra Campinas eu já voltei convidado por um secretário municipal de Campinas no final de 77 começo de

78 que já tinha tido a influência do trabalho do Arouca em Campinas e os ex-alunos do Arouca e os colegas do Arouca que se estabeleceram em Campinas. Já tinha evoluído o seu trabalho na Secretaria Municipal de Saúde de Campinas, pra onde eu fui convidado e tive essa circunstância também de poder dar continuidade ao trabalho que o Arouca vinha fazendo em Campinas, que já estava dois anos de interstício, dois anos de baixa de trabalho, o próprio centro de saúde de Paulínia que foi uma (...) muito importante porque o Arouca sediou ali o trabalho comunitário dele em Paulínia, já tava há dois anos semiparalisado e nós fomos convidados para assumir esse centro de saúde e retomar uma linha de trabalho muito parecida com a linha que o Arouca tava tomando. Então, esse surgimento de espaços e criação desses espaços a nível local e a nível municipal, a nível comunitário foi o meu primeiro encontro com o Arouca e com essas circunstâncias quando ele saiu de Campinas eu mal o conhecia pessoalmente, talvez nem me lembre de ter conhecido pessoalmente. Quando voltei de Brasília para Campinas para retomar o trabalho do Arouca também não combinei nada disso com o Arouca nem ele combinou comigo, mas ele e eu estávamos inseridos num movimento coletivo, dezenas e dezenas de sindicalistas no país todo. Nessa altura, no final dos anos 70, já era movimento caracterizado, movimento já conhecido, palpável, que era o movimento de reforma sanitária brasileira. Então a gente não precisava se conhecer pessoalmente. Nós nos conhecemos através do rastro que cada um deixava e um verdadeiro rodízio não desejado por nós, mas imposto pela ditadura, já era um conhecimento e um respeito muito grande.

Guilherme: Mas vocês foram pessoalmente, em que circunstâncias vocês acabaram se encontrando?

Nelson: Essa pergunta veio a calhar no segundo momento da minha identificação do Arouca e do meu testemunho que eu dou da trajetória do Arouca que foi o momento desse movimento da reforma sanitária brasileira que no final dos anos 70 já tinha gerado a criação do CEBES e depois da criação do CEBES gerou a criação da ABRASCO - Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Então a reforma sanitária brasileira tava gerando, quase semiclandestinamente, entidades da sociedade civil para conduzir esse movimento da reforma sanitária brasileira que nada mais pretendia que a busca e a conquista e concretização gradativa da utopia do direito de cidadania e saúde. E no final dos anos 70 esse movimento da reforma sanitária com base no CEBES e na ABRASCO já tinha núcleos enraizados em várias capitais brasileiras e em vários centros urbanos do país, das várias regiões, Nordeste, Sudeste e Sul, principalmente, mas ganhando já todo o território nacional, as lideranças desse movimento já tinham necessidade de intercâmbios um pouco mais pretensiosos, os intercâmbios de poucos anos atrás de dirigentes e lideranças dos movimentos municipais de saúde se fortalecerem foram dando lugar ao movimento, ou foram sendo acrescentados ao movimento de reforma sanitária, outros tipos de intercâmbio de mais qualidade política e estratégica. Então esses intercâmbios seqüenciais, depois de 78, 79, 80 e 81, no finalzinho dos anos 70 e início dos anos 80, já várias lideranças, vários formuladores de estratégia da área da reforma sanitária e da saúde pública já estavam fazendo encontros interestaduais, a nível nacional, trocando idéias e experiências já ao nível da condução nacional desse fenômeno da reforma sanitária. E aí já tínhamos um grupo numericamente menos, mas muito expressivo com capacidade de condução e conquistas. Estrategistas estaduais ou regionais, ou universitários, ou no antigo Ministério da Previdência, no INAMPS, do antigo Ministério da Saúde desta época. Então lideranças do antigo Ministério da Saúde, Ministério da Previdência, várias

universidades, da organização Pan-americana da Saúde, de prefeituras municipais, não éramos mais que uns 15 a 20, não éramos mais que uns 15 a 20, tínhamos uma possibilidade de mobilidade vívida, porque na contagem desses 15 a 20 participavam de congressos, participavam de mesas redondas, participavam de projetos de pesquisa que financiavam viagens. Então nos fizemos vários encontros clandestinos, dois deles no Rio Grande, em saguões de aeroporto, nós conseguimos pegar nossa viagem ali do técnico de administração pública, conduzíamos os horários das viagens para ir fazer encontros em aeroportos ou em residências de algumas capitais, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em São Paulo, e esses 10 a 15 se encontravam com uma certa frequência e foi até gozado porque nos chamamos na época de projeto Andrômeda, era uma gozação em cima de um projeto verdadeiramente clandestino que nós éramos acobertados por viagens oficiais explícitas com objetivos claros e cumpríamos os objetivos institucionais, mas garantindo nessas viagens alguns esparsos momentos para trocarmos idéias pessoais. Esse projeto Andrômeda, eu acho que nunca poderia ser escrito e descrito nos seus detalhes por não poder ter toda essa informação, mas ele foi muito importante, ainda que dentro da sua clandestinidade, porque foi gerado, tinha alguns deputados do antigo MDB da época também nesse projeto e esse projeto não foi a causa principal, mas ele em muito contribuiu pra um primeiro Simpósio de Políticas Nacional de Saúde de 79 na Câmara dos Deputados Federais da Comissão de Saúde e esse simpósio, a ditadura já tava começando a enfraquecer naquela lenta e gradual, em 79, e essa lenta e gradual começou em 75, com o assassinato do Manoel Fiel Filho e do Herzog em São Paulo, aquilo sacudiu um pouco, reaglutinou as forças democráticas e em 79 nesse clima lento e gradual, de desmanche lento e gradual da ditadura, em 79 houve então um espaço conquistado pelo Poder Legislativo, pelo Poder Judiciário, junto com entidades da sociedade civil e essas entidades eram as entidades da reforma sanitária e esse simpósio na Câmara dos Deputados teve uma importância muito grande porque em 79 acontecia a grande crise da Previdência no país e essa crise da Previdência extrapolava a saúde, todo o sistema previdenciário do país estava em crise de financiamento, e isso repercutia na saúde, esse simpósio foi uma discussão muito aberta aonde todo o movimento da reforma sanitária contribuiu muito para busca de saídas, nesse simpósio. E esse simpósio deu algumas orientações que geraram no ano seguinte, em 80, o decreto do presidente Figueiredo, da ditadura, que era o CONASP, Conselho Nacional de Administração da Saúde Previdenciária que era o reflexo da saída da crise na área da saúde. Desse CONASP nasceram as ações integradas da saúde que foram o patamar seguinte, fundamental para a constituição do sistema de saúde que foi gerado já nos anos 90.

Guilherme: Então, esse projeto então de que você fala aí, ele na verdade era uma articulação política estratégica, né?

Nelson: Política e estratégica que já tinha um vislumbre, porque aí já era um pessoal mais politizado, estrategista.

Guilherme: Você pode falar um pouco sobre quem eram as pessoas?

Nelson: Eu não sei, eu ainda estou com um peso da ditadura, passados tantos anos, o Arouca era um deles, eu era outro, o Eleotério era novinho na época ainda, recém-saído da universidade, tava entrando, mas posso citar nomes que eles não vão achar ruim hoje, mas o Guilherme, o Baiano, da Universidade de Medicina (...), que tinha acabado de assumir concurso de medicina preventiva da faculdade de medicina da USP, em São

Paulo, Carlyle Guerra Macedo, da OPAS, o dois que estão (...) ainda hoje (...) Daqui a pouco eu lembro, tem um nome de origem espanhola, de Ribeirão Preto, da medicina de Ribeirão Preto, tá na OPAS até hoje, ele voltou pros EUA, daqui a pouco eu lembro o nome dele, e o outro era do nosso grupo aqui da OPAS, o Carlyle Guerra de Macedo, tinha um em Brasília, depois eu acabo lembrando, depois eu digo no finalzinho.

Guilherme: Você falou que tinha deputado também...

Nelson: Nessa época, tinha um deputado, que foi até deputado da ARENA, aquele partido que era o Mauro Dantas, o Max Mauro, do MDB do Espírito Santo, eles não iam a todas as reuniões, mas estavam tabelados, que gerou esses encontros. Então (...) se esvaiu, porque que ele se esvaiu? Porque a clandestinidade foi sendo menos necessária nos anos 80, foi nos anos 80 que aconteceu, a ditadura foi enfraquecendo, a reforma sanitária foi avançando, as ações integradas de saúde que eram apenas convênios do antigo INAMPS dos estados e municípios onde apenas os estados e municípios eram novos devedores de serviços do INAMPS, o INAMPS comprava os mesmos serviços que ele comprava sempre no setor privado ele passou a comprar pela metade do preço dos estados e municípios, mas a metade do preço que o INAMPS comprava dos serviços assistenciais do setor privado, essa metade do preço era um dinheiro novo muito importante pros estados e municípios, que tinham orçamento extremamente pequeno e com isso as ações integradas de saúde permitiram aos estados e municípios, principalmente municípios, darem um salto para o espaço que nunca mais foi diminuído, o espaço de vanguarda dos municípios, do comprimento municipal de saúde, que era um comprimento quase quixotesco com base nessa tensão social de (...) urbanas, até então, a partir de 83 os municípios assumem definitivamente uma posição de destaque crescente na saúde. Esses municípios nos anos 80, primeira metade dos anos 80, aqueles encontros municipais de saúde sucedem numa frequência muito maior e os secretários municipais começam a formar colegiados de secretários municipais de cada estado. O estado de São Paulo formou um colegiado que eu me lembro - que eu pertencia a esse colegiado, eu era secretário municipal de Campinas a partir de 83 - nós tivemos secretários de 17 secretários municipais que eram as 17 cidades pólo de São Paulo, da cidade de São Paulo. (...) Formou esse colegiado, esse colegiado se reunindo quase que mensalmente para buscar uma descentralização do estado para os municípios, a luta pela municipalização dos serviços estaduais e federais já era uma bandeira desses colegiados, nós ficamos sabendo que o estado vizinho de Minas Gerais tinha acabado de formar um colegiado também, coordenado pelo Flavio Goulart, que era secretário de Uberlândia. Aí eu conheci o Flavio Goulart, eu coordenava o colegiado de São Paulo e ele coordenava o colegiado de Uberlândia. Ficamos sabendo depois que Santa Catarina tava formando o seu colegiado. Ficamos sabendo depois que Paraíba tava formando seu colegiado. Então esse fenômeno dos secretários municipais, a formação dos colegiados foi um fenômeno de intercâmbio, de sistematizar um intercâmbio permanente entre cada estado e experiências municipais, então esses colegiados começaram a se encontrar entre si. E esse grande encontro dos colegiados aconteceu na 8ª Conferência Nacional de Saúde, que houve até um fenômeno muito interessante que foi o avanço do papel do município na saúde com as ações integradas, que começaram em 83, três anos depois em 86, na convocação da 8ª Conferência, os próprios colegas que estavam convocando na organização da 8ª e o Arouca coordenava essa comissão, eles ainda não estavam acreditando na informação recente dos três últimos anos de como tinha avançado os municípios e eu me lembro de que a comissão organizadora que era extremamente democrática, a 8ª Conferência foi toda extremamente democrática, a comissão

organizadora tinha, reservou 12 vagas pros secretários municipais e quando eles perceberam, os secretários municipais dos colegiados de vários estados pressionaram rapidamente a comissão organizadora e essas 12 vagas iniciais se transformaram em mais de 80 vagas. Que a própria comissão organizadora ela foi superada pela realidade municipal. E rapidamente a comissão organizadora da 8ª dilatou, ampliou as vagas e gostou muito. E o grande encontro dos colegiados e secretários municipais de todo o país se deu na 8ª Conferência e a idéia do CONASEM nasceu na 8ª Conferência. Foi muito democrática. Então, esses colegiados dos secretários municipais a partir da 8ª Conferência, em 86, eles já foram se organizando cada vez mais e viraram os COSEMES, os Conselhos dos Secretários Municipais dos Estados. Os COSEMES nasceram antes do CONASEM, o CONASEM foi só criado em 89. Então o fenômeno da organização dos secretários municipais dentro da reforma sanitária brasileira foi um fenômeno extremamente democrático, que se organizou de baixo pra cima e foi a 8ª Conferência que (...) tantos avanços que ela deu, a 8ª Conferência albergou o fenômeno municipal de saúde e reconheceu na 8ª Conferência o movimento municipal de saúde que hoje tá simbolizado pelo CONASEM. E aí a autoridade do Arouca já estava deslanchada. O Arouca nesse momento, ele não era só um teórico, um grande produtor de conhecimentos novos na área de saúde, na secretaria de (...) Mas o Arouca já estava testado na carreira da Fundação Oswaldo Cruz, foi presidente da Fundação Oswaldo Cruz, e foi também o coordenador e presidente da 8ª Conferência e nesse momento, as várias lideranças do movimento da reforma sanitária já estavam pressionando o poder, todo o poder, para ir além das ações integradas. Os governos das ações integradas já eram outro, já era uma (...) pra ser superada. Aí surgiu um outro convênio, muito mais pretensioso, que era o dos Sistemas Unificados e Descentralizados de Saúde, onde o Ministério da Previdência e não mais o INAMPS - nas ações integradas o INAMPS fazia convênios comprando serviços dos antigos estados - no SUDS, que eram os Sistemas Unificados de Descentralização, o Ministério da Previdência conveniava com os estados pra descentralizar, estadualizar o que era monopólio federal na saúde previdenciária. E esses convênios SUDS avançaram rapidamente e já conviveram com o grande salto de qualidade que o movimento da reforma sanitária deu, o movimento da reforma sanitária já estava inserido bem no começo dos anos 80 num outro movimento maior que teve no final da ditadura. Então o movimento de toda a sociedade pelas liberdades democráticas, pra sair da ditadura, esse movimento trazia no bojo dele um movimento da reforma sanitária brasileira. E quando as marchas (...) de 84 pra 85, a marcha pelas diretas culminou com o final da ditadura e aí a sociedade brasileira, por toda a sociedade civil organizada, saindo da ditadura, já não se contentava também só com a saída da ditadura, a sociedade pressionava para formular ou uma nova sociedade ou um novo estado, e a sociedade civil muito mobilizada na época, saindo da ditadura, a sociedade formulou a proposta e conduziu e pressionou a proposta de uma Assembléia Nacional Constituinte, aonde os constituintes eleitos pela sociedade deveriam formular ou nova sociedade ou um novo estado, e o movimento de reforma sanitária estava no bojo desse movimento maior. Aí que o movimento de reforma sanitária com as experiências das ações integradas e com as experiências dos SUDS não teve muita dificuldade de trazer a discussão do que viria a ser o Sistema Único de Saúde, uma proposta popular, mais de 100 mil assinaturas que chegou na Assembléia Nacional Constituinte e o Arouca.

Guilherme: Só pra pontuar isso que é importante. (...) Em função de ter trabalhado com um projeto setorial, tecnicamente fundamentado, ele se vinculou ao processo mais geral da política brasileira, isso é muito importante porque poderia ser uma coisa até.

Nelson: Não só foi muito importante como foi decisivo, se ele ficasse estritamente setorial ele não teria podido evoluir de mobilização da sociedade para obter do estado a conquista de um novo espaço dentro do estado para se (...) Foi o lado intersetorial, foi a saúde vista do ângulo da produção social da doença como a doença é socialmente produzida por falhas no saneamento, falhas na alimentação, falhas na educação, falhas na moradia, falhas nas relações de trabalho, e todas as falhas da qualidade de vida de direito e cidadania somadas são falhas do ponto de vista intersetorial e foi na 8ª Conferência que foi a luta pela (...) da Constituinte, foi uma luta tipicamente intersetorial. Foi uma luta que o Arouca fala, (...) Era uma luta civilizatória. A reforma sanitária brasileira não era uma reforma do setor de saúde, era uma reforma do setor de saúde puxando e pressionando por reforma nos demais setores, numa visão de processo civilizatório. Essa é uma frase antológica do Arouca. E isso deu a força política suficiente para a aprovação do SUS, que trazia já nos primeiros artigos da constituição e depois da futura, do que depois viria a ser Lei orgânica de saúde, os primeiros artigos a definição de saúde mostra toda a intersetorialidade dela já no texto legal, do texto constitucional. Então, essa visão do Arouca de processo civilizatório, do intersetorial foi fundamental durante todo os anos 80 até ao final dos anos 80 ainda, os conservadores, a elite brasileira, com segmentos conservadores, que estavam perdendo terreno nessas conquistas constitucionais, retomaram as suas estratégias de dominância, as suas estratégias de elite brasileira, já ligadas a um processo internacional conservador, que estava sentindo um avanço muito além de elites, dentro do processo da constituição brasileira, no ano de 89, houve uma pressão conservadora para que o presidente da república não enviasse ao Congresso Nacional um projeto de lei orgânica da saúde que foi uma obrigação constitucional, da constituição obrigou seis meses de prazo para que o governo da república enviasse o projeto de lei orgânica da saúde, e passaram quase um ano e meio que o Governo Federal não enviava. Aí, todos os protagonistas da reforma sanitária e o Arouca extremamente envolvido nisso, como todos nós, e os CONASEN's sendo criados na época também, então toda a liderança da reforma sanitária, eu diria até mesmo todas aquelas lideranças que participaram do chamado projeto Andrômeda - o projeto Andrômeda já não existia agora mais, estávamos já numa democracia, em plena luz do dia, voltamos para o legislativo e foi no congresso nacional que convocou u outro simpósio de políticas nacionais de saúde em 89, que era o deputado Raimundo Bezerra, que foi o coordenador, que ele era o presidente da Comissão de saúde da Câmara Federal e esse segundo simpósio de políticas nacionais de saúde em 89 é que conseguiu promover congregação das forças políticas da sociedade civil organizada e do congresso nacional pra pressionar o governo executivo a cumprir a constituição. E foi assim que o presidente da época foi obrigado a mandar o projeto de lei orgânica de saúde. E esse projeto de lei orgânica de saúde foi mais ou menos cópia do próprio relatório desse segundo simpósio, em 89. E a, isso foi no decorrer dos anos 80, em relação ao testemunho que nós estamos dando dessa trajetória do Arouca, que foi o símbolo dessa trajetória toda dentro da UNICAMP, onde nós nos identificamos lá trás pela busca de espaços locais permitidos ou menos reprimidos pela ditadura na época e por todo o crescimento dos anos 80, do final da ditadura, da 8ª Conferência, do papel do Arouca na Fundação Oswaldo Cruz, depois da Assembléia Nacional Constituinte o Arouca conduziu toda essa discussão pra produzir a influência nos constituintes pela aprovação do SUS, o simpósio de 89 que veio a obrigar o poder a enviar o projeto da lei orgânica de saúde para a sua aprovação em 1990 no Congresso Nacional. E nos anos 90 nos lutamos (...) O acompanhamento do Arouca já no poder legislativo como deputado federal e nos desdobramentos. Mas esse depoimento meu eu

gostaria de fechar esse depoimento lembrando que a figura do Arouca, aí eu to colocando só como testemunha da figura do Arouca – ele é uma figura que eu to colocando em pé de igualdade com algumas figuras do processo sócio-político brasileiro. O processo sócio-político de qualquer sociedade ele é um processo marcado por sístoles e diástoles, momentos de explosão democrática e momentos de muita retração democrática, em sociedades menos desenvolvidas que é o caso da sociedade brasileira. Então nós tivemos verdadeiros espasmos democráticos, como foi o espasmo de 58 a 63, quando a sociedade gerou o projeto de desenvolvimento socioeconômico, que foi cortado em certo sentido pela ditadura, depois a sociedade brasileira gerou um outro espasmo, outra sístole democrática nos anos de 84 a 89, gerando a constituição, em torno de uma sociedade cidadã, então, de uma maneira permanente tanto na sístole quanto na diástole, tanto nos momentos de mais euforia e construção democrática quanto nos momentos repressivos, a acumulação dos espaços possíveis, o Arouca, ao lado de outras pessoas, são emblemas dessa luta democrática. Então eu hoje, eu comparo o Arouca, eu coloco o Arouca em pé de igualdade nas ciências sociais na formulação de conceitos e doutrinas de grande inspiração para a mobilização social como foi o Florestan Fernandes nas Ciências Sociais, Ciências Políticas do nosso país, como foi Celso Furtado nas políticas, Ciências Sociais e principalmente nas Ciências Econômicas, como foi Caio Prado Junior nessa área das Ciências Políticas, Ciências Sociais e Ciências Econômicas, são nomes que não emergiram dos conflitos sócias como formuladores e portadores, porta-vozes das culturas pequenas, foram formuladores e portadores de propósitos de sociedade (...) de Estado pra prazos muito longos, nomes que ficam cravados na história, o Arouca hoje ele tá ao lado de Florestan Fernandes, de um Caio Prado Junior, de um Celso Furtado, numa presença maior de idéias, o Arouca está ao lado de, na área de educação, de um Anísio Teixeira, como educador, como grande formulador de diretrizes e doutrinas na área da educação pública do nosso país, na área da saúde o Arouca á também ao lado de eminências e personalidades que pelas circunstâncias em que viveram, nas conjunturas em que viveram, e também pelo papel pessoal que desempenharam, ao lado de um Mario Magalhães, na história da saúde pública brasileira, ao lado de um Samuel Pessoa na área da saúde pública brasileira, ao lado de um Gentille de Melo na história da saúde pública brasileira.

Fita 2 – Lado A

Nelson: De liderança política, de integração e adesão de vários seguimentos da sociedade em busca da sua libertação, em busca dos seus direitos de cidadania, o Arouca (...) é nesses moldes. E eu me lembro que Helder Câmara, até diria que Helder Câmara também é um desses nomes, arcebispo de Olinda e Recife, Helder Câmara, ele quando escreve seu livrinho, pequenininho, mas muito interessante (...) Helder Câmara empregava essa expressão da família abraãica que eu até, nada mais é do que esses nomes que eu tô exemplificando aqui, que é a consideração a que pertence o Arouca. Bom.

Guilherme: Se deixar a gente fica seis horas...

Nelson: Chega acho que... Esse depoimento, eu tenho um CD (...) o próprio testemunho do Arouca é uma contribuição para que o resgate dos momentos históricos das últimas décadas seja atualizado e seja presente (...) Então não é só uma homenagem ao Arouca, é uma contribuição para a reflexão do processo.

Guilherme: Aí quando você fala isso daí pra mim multiplica muito porque ele não foi ministro, porque se ele pudesse ser, ele teria sido, e não foi deputado, não fez carreira parlamentar, ele podia ter feito também. Ele tinha essa coisa mais forte. Quer dizer o projeto pessoal nunca (...) quer dizer foi aos solavancos.

Nelson: (...) Aí a vida política, deixou várias (...)

Guilherme: Também é emblemático, né?

Nelson: é uma coisa antológica. O significado, não só de certos grupos, mas independente deles, o papel de protagonista do mesmo processo (...)

Guilherme: na verdade era um companheiro de projetos. E o sentimento da posição de líder acadêmico (...). Você quer almoçar com a gente aqui?

***Depoimento de Arlindo Fábio Gómez de Sousa e
Christina Tavares
(Rio de Janeiro - 28.06.2005)***

LEGENDAS

E – Entrevistadores (e outras pessoas que estão participando da entrevista, mas não são os entrevistados)

A – Arlindo

C – Christina

() Silêncio do(s) participante(s)

{ } Interrupção na fala do participante para expor algo a mais

... Uma pausa para continuar a falar (pensamento para responder)

(...) ou [...] Palavra ou frase inaudível

[] Risos e falas simultâneas

Palavras em itálico – Narração de falas de outras pessoas pelo participante ou até mesmo fala do próprio participante em conversas com outras pessoas narradas por ele em sua fala

E:... Não, inclusive você falou uma coisa que eu achei muito interessante quando a gente veio aqui conversar, que ele não era de conflito, era uma pessoa que harmonizava, ele deixava os conflitos assim para as mulheres. Então [] eu achei curioso que as mulheres que carregavam o lado conflituoso, o lado conflituado, né?

C: Porque ele era de alma feminina, ele sempre buscava mulher de alma machona para trabalhar com ele.

E: Então, vamos lá, vamos começar. Acho que a Cris podia se apresentar, né?

C: Eu sou Christina Tavares, hoje sou chefe da comunicação social da FIOCRUZ, eu entrei na FIOCRUZ em 79 para criar a Comunicação Social, passei vários períodos no exílio político também interno e estou de volta com esse grupo de sanitaristas que estão juntos com o Arouca a não sei quantos anos. Aí eu acho legal o Arlindo começar porque até logicamente o Arlindo conhece o Arouca antes de mim nessa historinha.

A: Tudo bem. Arlindo Fábio Gómez de Sousa; Gómez com z e acento agudo no o, Sousa com s no final. Hoje eu estou na chefia de gabinete da presidência da Fundação Oswaldo Cruz e na superintendência da saúde e vim para essa casa na Escola Nacional da Saúde Pública em 1967 no dia primeiro de julho, se não me falha a memória vai fazer 38 anos nos próximos dias.

E: Para fazer o que aqui?

A: Eu vim como professor da Escola Nacional de Saúde Pública. Eu tinha acabado de me formar em Sociologia e Política na PUC no Rio em 66 e um dia andando pelos corredores da PUC, onde me ensinaram, na época era sociólogo em termos de mercado de trabalho o que a gente tinha era formar novos sociólogos. E o Manuel era sociólogo e

antropólogo. Ele me chamou e disse que estava precisando de alguém, de um professor aqui na Escola Nacional de Saúde Pública porque não tinha ninguém. Aí me deu o endereço na Rua Leopoldo Bulhões 1.450, e eu vim para cá e fui para o Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública no dia primeiro de julho de 67.

E: Arlindo, como se dá esse encontro com o Arouca?

A: O Arouca (...) a escola tinha passado por uma situação (...) na década de 70, quando eu vim para cá em 67, a escola tinha mais ou menos um quadro de oitenta e poucos professores e foi havendo um esvaziamento progressivo por várias e inúmeras razões, os salários [...] pra você ter uma idéia o que eu recebia de salário em 1970 e 71 era suficiente exclusivamente para pagar o aluguel, minha mulher trabalhava e eu fazia consultoria de férias para poder dar conta do resto. Por que? Porque a idéia era essa, o regulamento era esse de ter uma instituição que discutisse alguma coisa que na época era um período mais duro da Ditadura Militar naquele momento. Então, nós tínhamos, quer dizer, uma dificuldade [...] nós fazíamos um paralelo mais ou menos [...] acho que ali nós não teríamos permanecido na escola naquele momento. Então, a intenção era nossa e era um grupo muito unido ainda com diferenças políticas, mas essa não era a questão, tínhamos a vontade de termos a manutenção da Escola Nacional de Saúde, esse era o nosso propósito na intenção de tudo isso. Então, nós fomos buscar meios e modos de poder orgulhar os nossos quadros, e aí nas nossas negociações e em todas articulações que nós fomos fazendo nesses primeiros anos de 70 a gente conseguiu apesar de todos os pesares conquistar algum prestígio interno. Nessa turma já tínhamos a Fundação Oswaldo Cruz, ela já tinha herdado a Fundação do Instituto de Especialização Pública que era da diretora da escola, então já tinha esse juntado nisso tudo que era a Fundação Oswaldo Cruz. E nessa época então, junto com a presidência da Fundação a gente foi conquistando espaço e conquistamos possibilidades de trazer novas pessoas. Então, a proposta era uma figura central nessa história toda porque o Eduardo é que vai identificar o grupo de Campinas, ele que vai manter os contatos com o Arouca. Porque nesse período Sérgio Góes que é outra figura central também nessa história da vida do Arouca para cá, o Sérgio estava na FINEP e ele coordenava pela FINEP a área de saúde. Eduardo na escola e eu e Sérgio na FINEP e Oswaldo Campos que tinha sido professor da escola e também tinha sido da diretoria de saúde da FINEP, nós organizamos, mas particularmente o Eduardo e Sérgio Góes eles tiveram participação mais ativa nos programas técnicos e teses, são dois marcos dentro da instituição. Então, estou contando um pouco que houve esvaziamento na instituição, internamente acho que se trabalhou com habilidade política para conquistar parte do diálogo com a presidência ligada a Fundação Oswaldo Cruz, se estabeleceu um espaço do diálogo com a FINEP e a presença do Sérgio lá foi facilitadora nisso, e daí que saiu esses projetos técnicos e teses, que são todos projetos que vão [...] digamos assim trazer um pouco de incentivo na possibilidade de trazer pessoas para Escola Nacional de Saúde.

E: O que quer dizer PEPPE e PESES?

A: Programas de Estudos Populacionais e Epidemiológicos e PESES, Programa de Estudo Sócio-econômico de Saúde. Então, é... as duas áreas para gente trabalhar a parte de Ciências Sociais e a parte da Epidemiologia. É... as áreas onde você tinha a presença

e a articulação política maior nos dois Departamentos de Epidemiologia e no Departamento de Ciências Sociais, aí eles saem junto nos projetos.

E: Isso aí no período [...] dos anos 70? 72, 73?

A: 74. E aí que tem [...] já contei várias vezes apenas sintetizo para vocês um fato interessante é que os projetos da FINEP nessa época, o diretor da FINEP como diretor do CNPq como presidente, eles tinham um despacho direto com o Presidente da República e projetos com uma envergadura maior eles iam para o Presidente da República. Então, a Granja do Torto ao redor da piscina conta história que ali se lia aos finais de semana esses projetos. O projeto... Federal tinha vinte e um projetos. Tínhamos vinte um projetos organizados tal qual a FINEP exigia era um “catatal” de orçamentos para esses projetos e nós colocamos um último parágrafo nesse projeto que diz assim: “seria interessante se reservasse recurso também para um programa sócio-econômico de saúde, o PESES... em torno de vinte três milhões e quatrocentos, mas houve uma soma de seis milhões e seiscentos, ou seja, para fechar em trinta redondo e assim foi feito. Eu contei a história do Geisel porque no meio dessa andança ele leu também o último parágrafo do projeto e colocou uma flechinha que diz assim: “de acordo, autorizo”. E autorizou a criação de um PESES e a liberação dos recursos do PESES... então nessa área nós tínhamos que viajar e buscar pessoas para colocar ali dentro. Na área da epidemiologia nós tínhamos ainda um grupo maior aqui no próprio Rio de Janeiro. Então, foi nessa que saí à busca e o Eduardo vai nessa articulação de Campinas e vai trazer então esse grupo, praticamente o grupo inteiro na incidência de Campinas em participar ...

E: Grupo de médicos, de sanitaristas, sociólogos?

A: É, sanitaristas e sociólogos, pessoal que trazia experiências, quer dizer, que estava com novas experiências, veio o pessoal de Belo Horizonte um pessoal na área de estudos de formação de recursos humanos, um conjunto enorme de pessoas que foram arrebanhados do país inteiro. Alguns como o caso pessoal de Campinas, por exemplo, teve dificuldades inclusive internas de manutenção da própria instituição, foi um momento da crise, então eles foram chamados para Escola Nacional de Saúde Pública. Então, para mim é... a instituição Nacional de Saúde Pública era extremamente receptiva porque é muito complicado você ter uma instituição que foi esvaziada, que foi limitada. Em termos de médicos era dezoito, não lembro mais de cabeça, simbolicamente era dezoito e de um momento para outro você ganha trinta a quarenta pessoas que são inclusive expoentes nas suas instituições, que vem de São Paulo ou que vem de Pernambuco, que vem da Bahia, que vem de Minas Gerais, que vem do Rio Grande do Sul. Quer dizer expoentes às vezes sem espaços inclusive de trabalho com dificuldade de poder...

E: Quer dizer eles vieram para o projeto?

A: Eles vieram para os dois programas.

E: Eles vieram para os dois projetos. Agora a vinda do Arouca já é um pouco diferente porque ele faz um concurso para [...]? Conta isso para mim?

A: Não, ele vai fazer o concurso depois, ele vem para o PESES que era coordenado na parte de epidemiologia pelo Eduardo Costa e na parte de Ciências Sociais pelo Sérgio Góes. Aí é que o Arouca veio fazer parte da coordenação do conjunto de projetos, ele vai coordenar essa parte de Ciências Sociais. Só mais tarde, depois já quase no término dos dois programas que ele vai assumir a coordenação geral desses dois programas, né. Então, é assim que ele vem para cá. Depois que ele vai fazer então o concurso público para articular a cadeira de planejamento.

E: Que ano mais ou menos?

A: Isso é em 1974, 1976. É 76. Em 74, 75 os cursos são centralizados, em 1976 os concursos públicos... é exatamente isso. Nessa época a escola também estava em movimento extremamente interessante que é o movimento de articular para os Estados Brasileiros. Então, começa um curso em Belém, começa um curso no Rio Grande do Sul, então ela começa se abrir, começa expandir. Então, há um tempo que ela incorpora novos quadros, ela expande também o seu campo de ação para além do Campus aqui de Manguinhos, ela vai organizar os cursos especializados em vários cursos subsequentes de um conjunto de Escolas de Saúde Pública e Centro de Informação de Pessoal, Comparecimento de Departamento de Medicina Coletiva e etc., etc. etc. onde o PEPPE e PESES também joga um papel importante nessa história, onde o Arouca evidentemente joga um papel importante também nessa história, enquanto liderança intelectual, enquanto liderança política. Ele agora não é mais um que vem, ele é um que vem e traz junto com ele também um grupo de pessoas de expressão nas suas áreas de...

E: Ele já exercia uma liderança no grupo?

A: Já, já evidente, essa história quer dizer... já, já, essa é exatamente uma das características maiores dele, essa capacidade de articular e de congregar ao redor dele, pessoas. Tanto como uma questão de qualidades pessoais, individuais, digamos assim da mansidão, da docilidade, mas ao mesmo tempo da indignação, na não compactuação com que ele não considerasse hábil, nesse ponto de vista é muito forte. Uma das coisas muito claras no Arouca é o fato de que ele tinha uma postura, digamos assim que o entendimento do ponto de vista ideológico da visão e da perspectiva de mundo e da perspectiva de cultura muito claros na cabeça não é? Ele é dessas pessoas que você vê qualquer que for o tema ele coloca, ele mantém, entende, uma coisa “burra” fixa, mas tem alguma coisa que processa com uma grande abertura o tema que você colocasse, ele tinha a capacidade de processamento em cima de uma determinada linha. Então, a mansidão se juntava a indignação com determinadas coisas que fosse acontecer no meio do caminho e isso que ficou na Assembléia Nacional Constituinte [...]

E: Arlindo, é...

E: Eu só queria, não sei se você vai mudar o assunto, mas eu só queria que ele contasse a história da vida do concurso?

A: O concurso público, e aí a gente tem que identificar algumas pessoas, tanto nesse processo. Acho que a pessoa que você viu [...] o Sérgio foi extremamente receptivo, era chefe do Departamento de Planejamento, aliás, eu sempre lembrei [...] como o Arouca, o Maia Milton, com uma rapaziada da pesada em termos de compensação e inclusive da própria técnica e das metodologias de planejamento, né? E aí a escola

resolveu fazer concurso público [...] e entra a capacidade de articulação interna que se tinha criado com a presidência da Fundação Oswaldo Cruz, se conseguiu um espaço para conquistar o concurso público. Foram várias regras e boa parte daquelas pessoas que vieram para PEPPE e PESES acabaram se incorporando à escola a partir inclusive desse concurso público. Outros ficaram para o PEPPE e o PESES, mas a maior parte de professores e pesquisadores fez o concurso. Eliane Leitão que tinha vindo de lá fez para Ciências Sociais [...] e o Arouca fez para professor titular de planejamento e a banca era Paulo, Vargas que era professor externo e eu. Entre os pretendentes [...] Acontece que neste cartão você tinha uma prova escrita e você tinha uma prova oral de livre escolha do candidato e você tinha uma sorteada. Então, quando a gente foi dar a prova oral de livre escolha a primeira prova, quando nós entramos na sala, a banca entrou na sala [...] ela estava completamente verde, era um contingente totalmente expressivo, eles encheram a sala de oficiais das forças armadas, então não era difícil [...] digo isso [...] aí começa a prova e ele pede licença à banca e executa o hino nacional e logo depois disso ele pediu então que um rapaz do CPOR colocasse no quadro negro as anotações para ele poder dar aula [...] então, o rapaz começou a fazer as anotações como hoje você faz em colunas; ele foi fazer em colunas assim das partes principais para depois o candidato fazer a sua dissertação [...] então, a sala foi deixando de ser densamente verde porque era tão óbvio o escândalo que as pessoas foram saindo, quer dizer, eu não tinha a mínima idéia do que fosse aquilo [...] Então, foi assim que o Arouca entrou numa competição que em 1974 era muito complicado já pela história dele e digamos assim, pela própria história da Escola Nacional de Saúde Pública e pela presença marcante ainda de um competidor das Forças Armadas [...]

E: Então o Arouca entrou para Escola...

A: Então, o Arouca entrou como professor titular de Planejamento na Escola Nacional de Saúde Pública.

E: É que o Morel fez uma observação muito interessante que ele fala que o movimento de vocês resgata uma proposta de uma [...] a impressão que... Isso a gente tem até registrado é de que o processo de mapeamento da FIOCRUZ passou inclusive por uma profunda pavimentação, das três grandes coisas que se fazem aqui que é a questão da Medicina, da Pesquisa e da Produção Tecnológica. Isso no processo de construção da candidatura do Arouca como Presidente ou da maneira que for, isso chegou a ser objeto de debate de vocês? Da construção dessa alternativa?

C: Posso eu falar antes dele? Antes dessa questão da indicação do Ensino e Pesquisa do Desenvolvimento Tecnológico, dessa candidatura porque eu tenho certeza que o Arlindo não vai falar por modéstia. Então, essa eu faço questão. Começou aqueles ares da Nova República aí eles começam com... morre Tancredo e tal e tem o Carlos Santana que era uma cabeça absolutamente direita, porém do ponto de vista da saúde pública era mais esquerda do que nós dois. Que tinha uma mulher que foi revolucionária, foi para Nicarágua e aí veio aquela esperança e surge o nome do Arouca no PMDB do Rio de Janeiro, surge para ser Presidente da FIOCRUZ que sempre foi um cargo absolutamente cobiçado por gregos e troianos do Oiapoque ao Chuí. E sempre vinha aquela: "Veronese vem aí", que era aquele cara de São Paulo, né? Era ele que sempre era candidato; e vinha como se fosse uma facada e aí começa o movimento. No momento que começa o movimento PMDB Rio nós começamos nos articular, o nosso grupo. Eu acho até que não era um grupo que poderia ser tachado de esquerda, na época era, mas era um grupo

que começa a questão do partido sanitário que também já existia, mas ele fica em evidência. Aí um articula para cá, o Arlindo fica de coordenador da campanha e “chovia” de telegrama no gabinete do Arouca, o Santana pedindo a nomeação do Arouca, aí regredia. A gente sabia que o Guillardo estava lá no diário oficial tentando impedir a nomeação do Arouca. Ele ia para o diário oficial... quando dizia assim: *já chegou no D.O, o Palácio já mandou para lá, Sarney não vai admitir*, aí ele ia. No meio daquele sofrimento o PMDB recuava o apoio. Então a gente vivia naquela corda bamba assim... uns dois meses né Arlindo viveu? Não lembro se foi em novembro que começou, passamos o natal na articulação, eu fui a Minas pedir apoio de deputado inclusive do PDS e eu tinha um tio que era também do partido sanitário, que era secretário de saúde e deu apoio ao Arouca total, mas falou *não use meu nome para falar com fulano, cicrano*. Era o que eu usava, eu falava que era sobrinha do Dari Tavares. Aí eu chegava no Tobias e falava: *tio Dari está pedindo para o senhor mandar um telegrama de apoio ao nome do Arouca* e isso foi uma coisa que a gente fazia e chegava no Santana e eu não entendia como ele recebia apoio, sabe de todo mundo [...] aí chama e Sarney fala *me disseram que é comunista, o que eu faço? Ele é comunista, o senhor não vai ter surpresa, não vou mentir, ele é comunista mesmo filiado, mas vai montar uma FIOCRUZ competente*. E nesse meio do caminho... eu pulei essa parte. Aí o PMDB do Rio (antes dessa história do Sarney) recua aí... a gente fica sabendo que eles vão fazer uma reunião no Centro da Cidade, aí o partido está lá, o nosso grupo que está na foto que a gente tem horrorosa, não adianta ninguém inventar moda que chegou junto, não chegou não, está registrado lá quem estava junto sabe. O Arlindo pediu licença para falar e ele fez um discurso mais bonito que eu já ouvi na minha vida, nem Santiago Dantas chegou aos pés... Tive que chamar o PMDB e falar: *olha, nós somos responsáveis, nós somos dignos, nós fomos atrás de vocês nesse apoio*, “pereré, pereré”, três dias depois o Arouca foi nomeado já para ir com essa conversa com o Santana e com o Sarney. Então, eu acho assim toda história do Arouca, as pessoas têm um pouco a tendência de esquecer alguns fatos, né? Até por próprios caminhos políticos que os companheiros tomaram. Cada um tomou o seu lá na frente, quer dizer esse fato eu não posso esquecer, não esqueço um minuto da minha vida. Como eu não esqueço que foi o Carlos Santana que não queria nomear o Arouca não, pelo contrário ele já estava ficando louco de tanta pressão que ele recebia do Brasil inteiro só que... o Sarney também recebendo pressão daquele Senador Baiano Orlando Júnior.

A: Mas ele tinha que ter o apoio do PMDB do Rio de Janeiro [...]

C: [...] porque a Dona Antônia estava no ouvido do Sarney.

A: Isso, a Dona Antônia supostamente tinha um caderninho com as anotações que o Tancredo tinha feito com os compromissos dele. E o Sarney dizia que iria honrar os compromissos ou ia fazer aquilo que o Tancredo gostaria de ter feito. Então, era aquele negócio Dona Antônia que sabe que Santana vai ser e o Arouca pode entrar... então você tinha que ter um apoio político. E o PMDB, algumas figuras do PMDB era sinceramente volúveis digamos assim, porque era muito complicado. Então, quando você conseguia apoio e chegava para o Santana em Brasília, *temos apoio da bancada* ele dizia assim: *ué, mas o deputado [...]* Mas como a gente acabou de sair de uma reunião com eles no Rio de Janeiro. *Ah! Mas, enquanto vocês estavam voando eles ligaram para cá dizendo que não apóiam*. Quer dizer na nossa presença na articulação eles diziam que sim, quando a gente estava voando para Brasília para dar a notícia para o Santana eles recuavam e volta e meia isso acontecia. Então, [...]

C: De novembro a abril agora que eu me lembrei.

A: Foi muito longo por isso, entende, porque era uma indefinição e a gente não conseguia, não tinha essa base, havia interesse como ela estava colocando, de todas as ordens. Tinha o [...] e aí vai... Independente de ser sociólogo ou não é, importantíssimo aqui de Bonsucesso. Como ele morava em Bonsucesso ele achava que ele podia [...] porque ficava pertinho da casa e ele tinha boa articulação com o deputado. Esse deputado deu uma dor de cabeça enorme porque ele apoiava esse Evaldo [...] então quando a gente fechava toda a bancada do Rio dizia que sim, quando a gente chegava no aeroporto esse... e um dia num final de semana no meio dessa confusão toda ele conversando com um amigo dele e diz[...] dizendo que o amigo estava pleiteando a Fundação Oswaldo Cruz. O amigo, isso a gente soube através de um amigo que disse a ele o seguinte: *eu se fosse você não me metia nessa história. Eles são todos cientistas; “cientista é tudo maluco” e depois eles param com as palavras, eles têm uns termos todos arrevesados,* [] [...] e aí eles desistiram e com essa desistência nós fechamos a bancada do PMDB no Rio de Janeiro. A última resistência foi aqui em Bonsucesso. Então, a gente conseguiu vencer essa última resistência e aí então saiu a Dona Sandra e tal.

E: Eu queria estar perguntando sobre essa unidade?

A: A gente tem que lembrar que isso está acontecendo depois da unificação de 1970, com a ampliação da Fundação... no começo Instituto Oswaldo Cruz e depois Fundação Oswaldo Cruz [...] Então, nessa época essa unificação na verdade ela é basicamente territorial, quer dizer o Instituto Oswaldo Cruz ficava aqui a escola lá embaixo, não tinha nada a ver uma coisa com a outra. A escola já tinha sido em outros lugares completamente independente, a de Manguinhos era o Instituto Nacional de Endemias Rurais, em Manguinhos tinha sido um convênio na época com a Fundação Rockefeller que tinha sido financiado pela Fundação. Então, isso tudo foi agregado [...] Laboratório Central de Medicamentos e Alimentos [...] então, isso não compunha a unidade, então nos primeiros anos a Fundação era muito isolada e independente. Quem participava mais desse conjunto é a Escola Nacional de saúde Pública, inclusive cedeu seus quadros [...] cedeu parte dos seus quadros para outras unidades. Filologia veio da [...] a Bacteriologia veio o Jarbas [...] Luiz Fernando veio para [...], mais dois ou três do departamento de Ciências Biológicas [...]. Então, quem mantinha articulações com a Fundação foi a Escola de Saúde Pública [...]

E: Arlindo, naquele dia que a gente conversou você falou muito desse sucesso da administração do Arouca, pode ser considerado um marco dentro da FIOCRUZ a extrema plasticidade com que ele administrava, essa capacidade de congregar e inventar coisas. E você até contou o caso do apiário, né? Então vamos fazer um apiário, quer dizer de inventar coisas. Fala um pouquinho disso?

A: Mesmo que a coisa... a designação não houvesse processo eleitoral [...] porque o presidente da Fundação era o Arouca, nós resolvemos fazer um debate interno, então se produziu naquela época foi o debate com as unidades. Algumas unidades havia dificuldade, eu lembro que o Akira era diretor de Manguinhos, ele foi suavemente, instável ou não, realizar o debate do Arouca com os funcionários de Manguinhos. O

Akira subiu e disse *não eu assumo a responsabilidade* e fez. O Akira fez assim. Então, nós fomos...

E: Eduardo Peixoto?

A: Eduardo Peixoto que também era candidato também à presidência. Então, não era só o Arouca, o [...] Eduardo Peixoto, mas havia outras pretensões, então o que nós fizemos foi enigmático. Então por isso nós fomos indo a cada uma delas, fomos em Manguinhos, enquanto podia dentro dos espaços que a gente conseguia alguma possibilidade a gente fazia. Essas eram as unidades maiores, depois fora daqui a gente tinha o Instituto Fernandes Figueira que até hoje faz parte da Fundação, Pascoal [...] não existia, Casa de Oswaldo Cruz também ainda não existia, também não existia, quer dizer, uma série de lugares que foram criados depois da administração já com o Arouca. Então, isso foi... se é que posso sintetizar tão largamente e dizer que começa o momento que se faz o debate até que já o Arouca pretendendo uma presidência e aí então... e aí tem coisas muito [...] que ele tinha acabado de chegar da Nicarágua, fazia muito pouco tempo que ele tinha chegado e não estava muito a [...] não só pela inteligência mas pela capacidade, aquilo que eu fiz referência no início, entende? Dessa articulação política numa cabeça efervescente. Nós estávamos indo para Farmanguinhos e os mais velhos dessa turma eram o Luiz Fernando e eu, que nós já vínhamos da escola, Luiz Fernando desde 1966 e eu de 67. Então, nós estávamos indo Cris, eu, Arouca e Luiz Fernando, [...] me pegou pelo o braço e falou assim: *agora me fala aqui baixinho o que é Farmanguinhos?* E lá ele fez um discurso sobre a importância da política de mapeamento sobre o Brasil, entende? Ele tinha essa capacidade, quer dizer não só tinha a informação, tinha isso processado que era o substantivo para ser discutido. Então, em Farmanguinhos ele fez a proposta onde que a Fundação ia tocar a sua produção de medicamentos, de que política? Isso estaria dentro de uma política. Agora a realidade de Farmanguinhos [...] só para dar uma idéia esse é um exemplo muito característico dessa capacidade...

E: Dessa agilidade né?

A: Agilidade e dessa coisa sedimentada prévia, porque na hora você não inventa coisas.

E: Eu posso falar uma coisa? Eu acho que isso é muito interessante Arlindo, porque a gente [...] no período que a gente mexeu em Ribeirão Preto isso fica muito evidente... até mesmo a história do Arouca e do ambiente político que ele teve. Ele se formou mesmo, ele fez opção ali de ser um quadro do Estado, lutou claramente por isso e claro que com toda habilidade e genialidade dele. O próprio Nelsão, o Nelson Rodrigues, ele colocou uma coisa muito interessante que na visão dele o Arouca não era apenas um camarada que fazia bem aquilo que se propunha fazer, ele [...] ele classifica o Arouca um dos nomes que consegue engrandecer o papel do... da coisa pública brasileira. Isso é muito interessante porque para nós é uma oportunidade muito grande de ter experimentado...

A: Certamente é a opção clara... em nenhum momento desse grupo... o que a Cris passou, o que a gente teve que enfrentar na escola, o que eles tiveram que enfrentar em Campinas, etc., etc. essa foi uma opção, entende? Porque em qualquer lugar você tem um conjunto de pessoas que não conseguiu se dar bem lá e tenta em outro lugar; ele é... se você quer um protótipo de uma opção pela coisa pública, é aquilo que dizia para você

ser além da mansidão... porque a mansidão dele se convertia em total vitalidade. Toda vez que a coisa pública fosse agrupada [...] fosse desvirtuada, a mesma mansidão se convertia na intolerância.

E: [...] que ele já vinha gestando lá em Ribeirão Preto né?

A: Tinha essa questão sedimentada que ele chamava... acabou-se o trono, quer dizer, cabeça efervescente...

E: Qual a última gracinha?

A: O que a gente estava comentando é... era essa capacidade na opção socialista dele e na opção pelo homem público.

E: Quer dizer, havia um projeto político?

A: É um projeto pessoal e ainda um projeto coletivo.

C: Mas essa história... É sempre bom a gente enfatizar, o Arouca tinha consciência do que ele queria que era sempre ser servidor público, sabe? Não adianta se oferecesse para ele cargos fora não, ele quer sempre ser Servidor Público, isso é muito claro nele como deputado, como secretário, ou mesmo qualquer coisa, mas Servidor Público.

E: Nessa questão que você está trabalhando a imagem, claro, da FIOCRUZ, mas fortemente na figura do Arouca. Como que era isso? Como era esse fazer?

C: Eu fui contratada pelo Major Guillardo, contratada para montar uma comunicação na FIOCRUZ. Nessa época ninguém sabia, mas eu pichava os muros porque eu era do comitê brasileiro da anistia. À noite eu pichava muro e de dia eu trabalhava institucionalmente divulgando Doença de Chagas, as coisas que podiam ser divulgadas, porque você não podia mexer em várias doenças do ponto de vista da comunicação. E namorava o povo da ENSP, sabe? Eu tinha... meu Deus do Céu! Eu quero ir para o lado de lá. E eu tinha ordem que as coisas da ENSP eu não podia divulgar.

E: Isso foi que ano?

C: 79.

E: Você ainda não conhecia o Arouca?

C: Não conhecia. No dia que eu conheci o Arouca eu fiquei horrorizada com a aparência. Como uma boa virginiana eu gosto sempre do cabelinho arrumadinho, essas coisas, ele estava um desastre! Sandália que na época não era essa havaiana da Gisele Bündchen, era uma feia, um resto de cabelo em rabo, um desastre! Mas eu tinha referência, imagina eu, jornalista de esquerda louca para conhecer ele. Aí tinha um restaurante aqui em Bonsucesso, um belo dia eu vou com outras pessoas e dou de cara com o Arouca, aí eu falei *é hoje*. Aí fui me ofereci, me apresentei, sentei perto dele e pedi para ele uma pauta de matérias que a gente pudesse fazer clandestina. Aí montamos mais de vinte assuntos, um amigo meu que era do JB que hoje está no Globo, montamos várias entrevistas para o Arouca dar. E isso nem se pensava na presidência da

FIOCRUZ e fomos fazendo as matérias. De repente saiu grandes matérias do Arouca na TVE denunciando meningite não sei onde; que falta de investimento na saúde pública. [...] de Chagas a gente “deitou e rolou” por causa da falta de saneamento básico, falta da casa, enfim, aí foi uma paixão assim louca...

E: Nessa época ele já estava como presidente da FIOCRUZ?

C: Não, ele era da ENSP assim como o Arlindo. O Arlindo nem era... o Arlindo não dava a menor confiança para mim porque eu acho que ele pensava que eu era direita porque estava na assessoria né? Uma época eu também pensava, mas só que tem a pobrezinha trabalhava a noite inteira, trabalhava de olho fundo... “Abaixo a Ditadura Militar”, pichava tudo, às cinco da manhã eu ia para o aeroporto esperar [...]

A: A campanha inclusive nessa época na escola [...] a gente gostava de ficar bebendo, gostava e gosta até hoje, né? Então, tem um botequim aqui que chama-se Garota de Bonsucesso, tem Garota de Ipanema, Garota do Leblon e aqui tem o Garota de Bonsucesso e ali era o nosso final de tarde, acabava aqui o que a gente tinha que fazer e íamos lá para o Garota de Bonsucesso. E a nossa idéia era a “tomada do Castelo” e a gente fazia assim mesmo tanto que isso está escrito, o Luiz Fernando Rocha Pereira da Silva ele tem mais um livro contando essas histórias todas da montagem e da conquista do Castelo. Então, é nesse momento também que abre espaço para os outros de outras áreas da Fundação, Cris [...] e também se agregasse o pessoal [...] que se agregasse nesse grupo da escola para tomar o Castelo.

E: O próprio Luiz Fernando disse que você tem um guardanapinho guardado até hoje...

A: Isso é mais tarde, é quando nós vamos criar a Casa de Oswaldo Cruz, é o nosso restaurante que não existe mais hoje e que ficava aqui na Praça das Nações. No nosso restaurante nós estávamos almoçando e no meio do almoço... eu tenho mania até hoje de rabiscar, e as toalhas de papel e está rabiscando as toalhas de papel, está lá a Casa de Oswaldo Cruz. E comendo e bebendo nesse dia no Nosso Restaurante acabou mais ou menos assim, o Luiz Fernando segurando a porta do banheiro, o Arouca segurando a minha testa e eu...

E: Fazendo xixi?

A: Fazendo xixi nada, devolvendo tudo que tínhamos comido e bebido [].

C: Você está esquecendo do notório.

A: Do que?

C: Carlos Chagas, coitadinho.

A: Sim, porque a gente levava o Dr. Carlos Chagas porque ele era muito solitário e foi uma figura importante nessa história toda [...]. Então, você chamou a atenção do negócio da toalha como a gente fazia, foi assim. Então, isso tinha muito do lúdico também nessa história e evidentemente uma capacidade de articulação na política grande. E essa articulação... você vai acabar me perguntando para quê e como era essa coisa do ponto de vista da divulgação da figura do Arouca. Eu sempre disse e repetirei

que... parece até que [...] mas sinto muito, vocês pegaram duas pessoas que podem testemunhar sobre isso. Eu sempre disse ao Arouca que a metade do mandato dele era Cris, *you respect Cris*, é lógico porque quem faz e quem produz a imagem política é a Cris, ou seja, isso não é falso você não consegue fazer uma figura pública e política do Arouca se ele é falso, se isso não corresponde à realidade. Quer dizer o que a Cris fez no trabalho acho que exemplar foi da visibilidade dessa figura, isso que foi feito. Não foi criado artificialmente, mas foi dado à visibilidade, né? Ela foi feita assim porque qualquer coisa... já o Arouca na presidência qualquer coisa que acontecesse, a capacidade da equipe e particularmente da Cris era de converter matéria administrativa em matéria política e não deixar qualquer matéria política escapar e se converter em matéria administrativa. Por que eu quero dizer isso? Se você vai assinar um convênio, entende com o laboratório não sei das quantas que vai fazer um repasse de tecnologia para Fundação, se você vai fazer um convênio com uma universidade... tudo isso é transformar num fato político. Ou você tinha uma coletiva ou você tinha uma exclusiva para um jornal, para uma televisão numa distribuição muito bem feita, até quer dizer não era exclusivo de único jornal, numa única televisão, mas como essa coisa era distribuída de acordo inclusive com as linhas, digamos assim, de mais interesse de um jornal que tem mais interesse na coisa no desenvolvimento científico, tecnológico, outro tem mais na área de ensino e assim por diante. Então, esse direcionamento que a Cris fazia, além das outras coisas dessa imagem. Primeira vez que o Arouca foi dar uma entrevista onde é que foi? A primeira vez que ele trouxe uma coletiva aqui pela Fundação...

E: Como presidente?

A: Como presidente já. A primeira coletiva do Arouca tudo pronto quando vai começar a gravação, quando vai começar a coisa “pára, pára, pára” [...]

C: Era um brilho que vinha [...]

A: [...] sim era um brilho...

C: [...] era um rasgado na roupa, o brilho era a barriga dele.

A: Essa coisa que ela estava falando do desleixo, etc., etc., o Akira estava participando também disso, tira o jaleco do Akira bota no Arouca e acabou o programa [...] você vê, até que ponto a coisa ia do cuidado com a imagem e também eu vou voltar a insistir, não é de fazer nem mais, mas pelo cuidado com a pessoa e a forma como isso repercute. Na Rede Globo também a gente recorreu porque ele estava com um buraco no sapato desse tamanho [...] logo depois era aniversário do Arouca ele recebeu um sapatão grande de presente de todo mundo para a próxima entrevista ele poder ter um sapato [...].

E: Vocês podiam também contar... quando foi isolado o vírus da AIDS pela primeira vez?

A: Junto com a Christina... já estou atropelando tudo de novo. [...] junto com a Christina esses 50%, chama-se Dr. Bernardo Galvão que no dia de hoje está comemorando 25 anos do Departamento de Neurologia do Instituto de Oswaldo Cruz. E acho que aí é outra ficção que a Cris desenvolveu isso de você conseguir que um pesquisador, um

cientista fale com os meios de comunicação e particularmente com a televisão. É muito difícil e complicado e a gente entende, quer dizer, você tem que traduzir para uma linguagem que os teus pares vão te criticar. Você não vai falar de germes, aquelas coisas de causadores de doença [...] porque teu colega de academia vai dizer: *você está chamando germe àquelas coisas que causam doença?* Não, você tem que ser mais específico, ou seja, exigindo que a linguagem das pessoas seja a mesma linguagem do último texto que ele publicou numa revista científica, o seu último nível, tá? O que a Cris fez literalmente? Neste período todo trabalho com alguns pesquisadores [...] para que eles saíssem à rua contando suas coisas. E quando se isolou pela primeira vez, o HIV no Brasil, aqui na Fundação foi o Bernardo Galvão. A Cris podia contar um pouco dessa figura que é importante pela sustentação que isso vai dar política inclusive para a administração do Arouca.

C: Eu quero até resgatar antes um pouquinho o que eu estava falando, né dessa minha parceria com o Perinho porque eu tenho muita preocupação em não esquecer as pessoas que foram importantes no processo. Então, por exemplo, agora que fez anos que nós tomamos posse da FIOCRUZ eu mandei a foto para vários jornalistas que participaram dessa luta com a gente, lembrando e agradecendo a eles esse momento de parceria. Então, numa dessas matérias com o Perinho faltou ele fazer uma entrevista com o Guillard do sucesso pela administração dele e ele era candidatíssimo... o Guillard era o maior candidato com o apoio do Hiolando da Bahia. Ele fazia a matéria super correta só que ele botava entre aspas o Major Guillard Martins Alves, disse isso, o Major... e o Sarney estava com horror de militar e isso foi o golpe final para a decisão de tudo. Bom, isso os jornalistas amigos meus acreditam que isso aí foi mortal para o Guillard. Bom, aí essa história do HIV né, então aí... uma coisa que eu acho importante é que o Arouca me deixou fazer coisas na comunicação que eu acreditava e o Arouca nunca me faltou, assim estou com interesse de publicar não sei o que o Guilherme me fez, uma gracinha que o amigo tivesse feito, ele não me contava de jeito nenhum, eu contava, sabe? Eu dizia assim: *isso aqui é pauta* e ele ia na onda, *isso aqui não é, vamos ficar quieto não sei o que*. Aí o Galvão cochichou no ouvido dele que tinha isolado o vírus da AIDS, morrendo de medo de alguém ficar sabendo antes que a comunidade científica soubesse. E a gente tinha uma reivindicação salarial aqui no momento muito séria e estávamos precisando mesmo de fatos importantes. Olha para FIOCRUZ, a FIOCRUZ é super importante, ela faz isso, faz aquilo. Aí o Galvão chega lá bem quietinho, na hora que acaba de falar, o Arouca: *chama a Cris, poderosa!* Que era a Hermínia uma super secretária, hoje ela está com o Temporão, foi secretária do Galvão e aí o negócio foi convencer o Galvão a chamar a imprensa toda para participar ao Brasil, participar todo mundo, que o Brasil tinha isolado o vírus da AIDS. No entender de Galvão é muito atrasado porque já tinha quatro anos que já tinha sido isolado fora, mas ainda tinha dificuldade na importação dos kits; o vírus ele veio até clandestino, veio escondido no Brasil para poder fazer o trabalho. Aí o Galvão veio ainda cientista...

A: O que a Cris contou acho que é extremamente ilustrativo que foi... a confissão dessa imagem em cima de situações reais, mas uma capacidade de converter matéria científica em matéria crítica. Quer dizer se você converte isso... ela fazia referência que nós estávamos em plena negociação salarial em Brasília. E nessas negociações a partir dessa e tantas outras com a notícia e o impacto mesmo que isso tinha sobre a ação do Arouca, a gente avançou.

E: Tem uma coisa muito interessante que vocês estão trazendo que é essa capacidade de estabelecer parcerias, né que eu acho que hoje é uma coisa que se fala muito, mas naquela época era o início de exercício político de democracia, quer dizer, quando ela está falando assim que ele não contava, mas ele tinha sensibilidade para perceber que aquilo era interessante e mandava te chamar *olha, isolou o vírus da AIDS, isso pode ser convertido em matéria e tal*, quer dizer eu acho que essa capacidade de congregar que você está falando né?

A: É, isso é muito característico dele. E aí desse grupo que estava mesmo... e isso o Arouca sempre falou, isso foi não só dentro da Fundação, mas como toda essa construção, como aquela conferência nacional [...] então havia esse tipo de indisposição, mas quando você têm o Presidente, digamos a figura maior dentro de uma instituição... é o que a gente dizia ninguém recua para parede com medo da traição, como um jogo de futebol em levar uma bola nas costas, não. E a partir dele, é como a Cris diz assim isso aqui é falta, você vai fazer, não tinha discussão e ele fazia. Teve um dia que o Luiz Fernando disse: *nós vamos criar uma Escola Politécnica porque o Nível Médio na saúde é grave, não teve discussão*, quando ele disse: *vamos fazer uma Casa de Oswaldo Cruz, não tem discussão*. Além das inúmeras coisas que ele falou que ele trouxe e da mesma forma também não se discutia, mas não se discutia nesse sentido. Quer dizer porque que o desejo, o que a visão do outro [...] ele sempre teve essa técnica. Isso a gente até hoje utiliza. Nós somos intrinsecamente a favor, entende? Se você me propuser qualquer coisa agora para Fundação a gente vai dizer assim: isso é viável? Você não vai dar continuidade a ela, você não vai conseguir realizar e se ela é viável ela vai acontecer. Entre hoje você ter uma Escola Politécnica, um Centro de Estudo de Saúde [...], você ter uma Casa de Oswaldo Cruz, os laboratórios que vieram para cá de genéticas que foi buscar pessoal em São Paulo que se incorporou...

C: Aquela patologia moderna que veio da Argentina.

A: Quer dizer toda uma série de outras coisas que foram incorporadas... então essa capacidade de incorporar, essa capacidade de agregar é muito característico dele, tanto que a Cris sempre se referiu ao Arouca... e quando estava se discutindo a estátua que vai ser feita do Arouca, uma das possibilidades era essa, ele com a mão assim, mas como a estátua [...] porque esse é o gesto mais característico dele que é o gesto de incorporação, se você quer lembrar o Arouca além desse... daquele casaco grandão que o bolso parece de médico [...] e fazendo esse gesto. Ele estava sempre incorporando, nunca tem um não. Mas porquê? Não deixa. Agora convence, porque também não é assim, eu quero fazer, vou fazer. Você vai fazer então você vai fazer, agora convence o que tem que ser feito. Isso aqui tem essa história, isso aqui não foi assim, o lugar onde cada um foi fazendo a estupidez que quisesse. A Cris falou no tal do Apiário. Por que a gente criou? Porque um belo dia a gente sabia que tinha uma colméia de abelha que entrava na [...] que vinha no controle de qualidade, andava na Escola de Saúde Pública, dentro de sala de aula, isso era um saco! Estava em sala de aula com um enxame de abelha passando... quer dizer, criei um apiário, boa idéia, criei um apiário, entendeu? Quando isso tem uma utilidade. A gente não usou a Instituição Oswaldo Cruz, a gente explorou o máximo a potencialidade dela enquanto instituição e isso...

E: Eu acho que um outro evento que vocês podiam comentar um pouco foi o evento da volta dos cassados...

C: Esse aí foi engraçado. Porque o Arouca era uma pessoa apaixonante mesmo, nada de sexualidade. Eu tenho uma paixão pelo Arouca igual a que você tem. Porque ele era um sedutor, ele nos seduzia, ele seduzia homens e mulheres. A sedução dele era dirigida pras pessoas que ele gostava. Então tinha a integração dos cassados com data marcada. E o Ari apresentou uma proposta de uma festa burocrática, uma solenidade como exigia a ocasião dos cassados. Aí eu fui para Brasília com Arouca e ele estava me ensinando a beber, porque eu não bebia. Ele falava: *vai, bebe...* e eu falei: *Arouca, eu não estou satisfeita com a reintegração dos cassados.* Ele falou: *você tem até amanhã ao meio-dia para me oferecer uma proposta.* Faltavam umas três semanas para a data. Aí foi isso, ele me deixou fazer tudo o que eu quis. O Arlindo me botou em contato com Paulo José pra ser o mestre de cerimônia que me botou o Antônio Pedro e o Cláudio... a gente escolheu qual era o ato que ia ser encenado, saímos feito loucos pra Brasília pra amarrar a agenda de Darci Ribeiro... de Grande Otelo a Ulisses Guimarães, passando por Chico Buarque, cantando o Sabiá. O Gadelha recém chegado a FIOCRUZ não tinha nem inaugurado a casa de Oswaldo Cruz, ele estava tomando pé. Quem forrou a mesa de verde pra mim com um feltro verde foi o Gadelha... a gente não tinha pernas para essas coisas. Então a gente escutava assim: *olha, Cláudio Correia e Castro, você vai fazer isso pra nós porque é político, porque é FIOCRUZ.* Nós nunca pagamos um artista, nós nunca fizemos uma publicidade e sou contra até hoje. Eu acho que uma instituição que tem essa credibilidade não precisa, a gente trabalha com gancho jornalístico e eu acho que é suficiente pra nós, eu acho que é por aí que tem que ser. (...) Quando eu peguei o telefone e o Paulo José falou: *eu topo*, aí eu falei: *vai ser possível o oitavo ato de Galileu, vai ser possível...* aí a gente já foi junto pra casa do Paulo. Aí pronto, aí veio a convocação para a Oitava Conferência. Eu falei: *Arouca, vamos colocar a Oitava Conferência em Roque Santeiro.* Aí ele: *você ficou louca.* Aí não tinha grana... em tudo ele me apoiava, porque era uma pessoa generosa do ponto de vista público. Eu acho que aprendi tudo de comunicação com ele, na medida em que ele confiava em mim e as coisas então desabrochavam. Uma coisa que o Arlindo falou e eu também insisto é que ele sempre seria essa liderança que foi em qualquer lugar que ele estivesse. Agora naquele momento da presidência da FIOCRUZ se ele não tivesse aqueles parceiros que ele tinha mais próximos que eram Arlindo, Luiz Fernando, Morel, Hermínia, sabe? Teria sido devagar. Ele marcava coisas assim inacreditáveis e desaparecia. O ministro ligava e ele: *ministro, vou te arrancar o siso.* Na história do Arouca ele arrancou 26 sisos. Ela era aquela pessoa educadíssima e chique e inteligente pra poder ser secretária de uma pessoa imprevisível.

A: Agora nessas histórias que a gente está contando... porque às vezes fica assim... estávamos eu e o Arouca e o Arouca concordou... outra coisa que eu queria colocar é a parte do presidente. E o Arouca nunca foi um executivo, ele nunca foi um executivo. No dia em que ele assumiu a Câmara dos Deputados e a gente conversou e eu disse assim: *Arouca o teu problema agora é que Deputado não tem vice.* Isso porque ele sempre teve um grupo. A coisa dele foi sempre a capacidade de elaboração de proposição. Essa coisa mais burocrática e administrativa nunca fechou. E nisso era radical também do ponto de vista da condução política... Cassados por exemplo... Cassados, isso estava lá no início, quer dizer, nós lutamos hoje, isso já passou pelo Tribunal Superior de Justiça, já foi no Supremo Tribunal... e o que ele fez? Qual foi a lógica dele para a reintegração dos cassados? Ele disse o seguinte: *vamos fazer, vamos fazer e pronto.* E a gente: *Arouca, mas como...* e ele dizia: *eu boto eles pra dentro e eu quero ver quem bota eles pra fora.* Então quer dizer, é você assumir todo o papel político de como está o processo. Então eu vou pegar aquelas pessoas que foram cassadas pela Ditadura e vou colocar pra dentro

da instituição a qual eles pertencem. Agora eu quero ver quem é que vai expulsá-los daqui de novo. Tinha aquele castelinho que era o símbolo deles com uma das torres caidinhas (...) O primeiro ato administrativo foi extinguir o Serviço Nacional de Informação (...) ele ligou pro Santana e avisou: *ministro, estou devolvendo pra Brasília o Coronel de Segurança da Fundação Oswaldo Cruz*. Então é esse tipo de comissão, de segurança que a gente tinha... tinha um respaldo político ... e o prestígio e o respeito. O Arouca quando assumiu a Câmara dos Deputados, ele no primeiro ano de mandato foi eleito pelos pares da comissão de saúde, seguridade e família... ele foi eleito o presidente da subcomissão de saúde, da comissão geral... quer dizer, no primeiro ano de exercício, de mandato ele já ... [] Quer dizer pra você pegar a presidência de uma comissão era porque tinha um prestígio, tinha alguma coisa extremamente forte na imagem dele, no carisma dele. Na Oitava Conferência... nós estávamos lá e ele chegou com uma Senadora do Chile. E ele chegou e falou: olha, vamos dar uma chance para ela falar. E a Conferência já toda organizada, pares estabelecidos, horários... aí ela vem e fala.

E: Até um pouco pra fechar, né. Eu acho que seria interessante que vocês falassem qual é o legado do Sérgio Arouca? Quer dizer, uma pessoa que deu toda uma contribuição, teve essa importância toda que vocês falaram pensando assim no país, nas novas gerações. A gente está fazendo um trabalho pra quem não conheceu o Sérgio Arouca, então qual é o legado dele?

A: De bens materiais, muito pouco... mulheres, filhos e muitos amigos (...)

C: Eu me lembro da festa dos cassados que tinha uma fala que a gente mudou: *eu sei o que eu faço adiante como um bêbado, como um namorado, como um traidor*. Como nós não gostamos da palavra “traidor”, nós dois colocamos como vagabundo e ficou vagabundo até hoje e a gente pensa que é vagabundo. Então eu procuro assim... eu trabalho com muitas jornalistas jovens e eu procura passar pra eles exatamente isso que eu recebi do Arouca, do ponto de vista institucional, ideológico e político. Essa generosidade de você não ter... esconder minha fonte pra não dar pro outro. Agora, do outro ponto de vista é um legado muito forte de afeto. Eu nunca cheguei a conclusão se eu era mãe dele, se eu era irmã dele, sei lá... o Arouca pra mim sempre foi. Na quarta-feira antes dele morrer ele falou pra mim: *tem horas que eu penso que você é minha mãe*. Então eu acho que o amor é esse, é uma saudade tão grande. Até hoje eu não chorei a morte do Arouca porque eu estou trabalhando ainda com a imagem dele. Eu acho que na hora que virar estátua eu vou ter uma baque. Eu me sinto absolutamente órfã dessa pessoa, então o legado é esse. É um legado desgraçado, né?

A: (...) essa pergunta vem do ponto de vista político, do ponto de vista, do ponto de vista de contribuição do processo da saúde. Aí eu acho que a Oitava Conferência é um ponto de reflexão extremamente importante no momento em que você tem crise. Em 1986, um ano... de um governo ainda tateando, com dificuldades de organização interna, você tinha uma providência social para um lado, você tinha a saúde pra um outro, a educação pra um outro. Você articular politicamente pra colocar esses três parceiros dentro de uma mesma conferência como foi chamada pelos três ministérios, saúde, previdência social e educação, dali tirar uma comissão nacional de Reforma Sanitária, dali você avançar em direção a uma Assembléia Nacional Constituinte, dali você fazer um discurso de apresentação como ele fez (...) quem já entrou naquele plenário sabe o quão difícil é.

C: O legado desse ponto de vista político eu deixo pra vocês doutores. Os outros políticos... porque se vocês conseguirem o Roberto (...) por favor me avisem porque ele não quis dar nenhum pra nós e nem escrever nada sobre o Arouca até agora. Depois do velório a participação dele foi péssima, quando eu dei quinze dias pra um depoimento. Quer dizer, o PPS pra mim foi quem afundou o Arouca. É onde só usufruiu da imagem dele e não deu retorno nenhum e a morte dele começa no PPS. Você pode fazer a marcação de quando ele começa adoecer. Eu não sou médica nem nada, mas eu sei direitinho. O primeiro desmaio do Arouca foi na morte do Albino Pinheiro, foi quando começam todas aquelas decisões políticas que o PPS caminhou...

A: Ele poderia ter se retirado porque ele já tinha o nome dele consagrado. Então nesse caso só pra dizer que você pode se retirar, você pode deixar de refletir. Vocês vão ter acesso a um vídeo que o Canal saúde fez pegando a fala do Arouca na VIII Conferência e a fala dele aqui em Belo Horizonte. É só pra você ver como é impressionante porque você está pegando 1986 e você está jogando pra 2003... nesse período depois o que você tem? Sobre o mesmo tema você tem o avanço. Quer dizer, ele não pára na reprodução. Tanto que o slogan dele nesse último período é realmente a organização do SUS, tirar o SUS das amarras anteriores e das amarras que ele mesmo produziu. Quer dizer, um movimento de humanizar, ou seja, ele vai se referir a reforma da reforma, a reforma da reforma sanitária. Uma retomada da reforma sanitária, para recuperar as bases inclusive do Sistema Único de Saúde, o Sistema Único de Saúde como parte integrante dessa reforma sanitária brasileira. Ele tinha essa capacidade pensante de efervescência, de inquietude e de indignação... O dia em que ele veio dar essa aula de abertura dos cursos aqui da Fundação, quando a gente fez um primeiro vídeo... ele foi ali pra frente, ficou com o grupo, mais próximo. Nessas duas dimensões. Essa dimensão do afeto, extremamente presente sempre e a dimensão dessa... do político, dessa capacidade de gestar e de refletir sobre as coisas que estavam acontecendo. Ele nunca foi de falar: ah, isso é meu, eu que pensei... ele era calmo e tranqüilo, refletindo e consolidando... mesmo numa situação complicada, ele já estava com a doença bastante avançada, mesmo assim, em momento algum ele abdicou do ser político e do afetivo.

C: Não sei se você já tem o depoimento que conta essa história da Arouca ser candidato a vice do Roberto. Descobre-se nesse momento que ele não era filiado ao PCB, disseram que ele não tinha carteira do Conselho de Medicina, não tinha nada, o que ele tinha na carteira era patuá, fita do Bonfim, era comunista desde que nasceu, mas ele não tinha o sentido de estar correndo pra ter que se filiar ao partido, pra dar tempo dele ser candidato...

A: A carteira de identidade, toda vez que (...) Como ele passou a ficar conhecido então...

C: Não precisava da identidade.

A: Era complicado saber quem era, isso era complicado. Eu acho que é um pouco isso.

***Depoimento de Reinaldo Guimarães
(Rio de Janeiro - 28.06.2005)***

LEGENDA:

E – Entrevistador

R – Reinaldo Guimarães

() Silêncio do(s) participante(s)

(...) Palavra ou frase inaudível

{ } Interrupção na fala do participante para expor algo a mais

... Uma pausa para continuar a falar (pensamento para responder)

[] Risos e falas simultâneas

Palavras em itálico – Narração de falas de outras pessoas pelo participante ou até mesmo fala do próprio participante em conversas com outras pessoas narradas por ele em sua fala

E: Então começa se apresentando e aí a gente engrena.

R: Bem, meu nome é Reinaldo Guimarães, eu sou médico, me formei em 1971 na UFRJ e fiz minha pós-graduação no Instituto de Medicina Social na área de Saúde Pública e Tecnologia e a partir do final da década de 70 eu comecei a me interessar menos por (...) e por saúde pública e mais pela questão de política científica e tecnológica, essa divisão permaneceu e só muito recentemente já nos anos 2000 que eu pude então fazer essa junção de novo dirigindo o Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde, (...) e atualmente sou vice-presidente de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico daqui da Fiocruz, há poucos meses.

E: E como você conheceu o Sérgio Arouca?

R: Eu conheci Arouca no início da década de 70, quando o Arouca vinha de São Paulo para o Rio procurando uma alternativa de atuação do profissional, na minha medida em que se tornou inviável pela percepção da Ditadura a sua permanência no campo (...), conheci Arouca mais especificamente nas primeiras ou na primeira visita que ele fez ao Instituto de Medicina Social, que então tinha 3 anos de vida (Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da UERJ) e hoje, e que ele Arouca considerava uma das possibilidades, uma das alternativas que eles estavam estudando o sentido de se fixar no Rio de Janeiro. Arouca vinha com uma... digamos, já com um prestígio acadêmico bastante consolidado em São Paulo e naquela época o Instituto tentava convencê-lo a ficar por lá, houve inclusive, digamos um compromisso de certa maneira até firme de que isso aconteceria mas depois houve uma série de circunstâncias que eu creio que não, e eu até não as conheço com detalhe, portanto não falarei delas, mas Arouca optou digamos por uma inserção na Escola de Saúde Pública na Fiocruz; ambas as instituições, tanto a (...) quanto o Instituto de Medicina Social da UERJ naquele momento eram foco de uma atenção importante da organização pan-americana da saúde e essa tenção pra falar dela é indispensável mencionar o nome de um argentino já falecido, um homem brilhante, avançado, um marxista chamado Juan César Garcia que naquele momento tentava no Brasil escolher um lugar para que se pudesse desenvolver uma nova proposta de política sanitária e política de saúde e de formar recursos humanos pra essa nova alternativa. E as duas instituições aqui no Rio que

foram escolhidas foi a Fiocruz (a ENSP) e o Instituto de Medicina Social. A vinda de Arouca pro Rio um pouco foi digamos acabou-se articulando com essa iniciativa toda e Arouca acabou por ser o autor muito relevante na construção desse projeto todo.

E: Só uma curiosidade... já tendo o Rio a ENSP por que surgiu a ANS, qual é a razão desse projeto que vinha (...).

R: Veja bem, quando a gente olha a ENSP hoje, o Instituto de Medicina Social hoje, se vê que haja muitas semelhanças, mas é preciso contextualizar isso na época; no início dos anos 70 a ENSP era uma instituição onde se tinha a Epidemiologia chama de Epidemiologia clássica, a gente tinha Arlindo Gomes de Souza trabalhando com Ciências Sociais, sociologia da saúde, alguma coisa de planejamento, mas toda uma proposta, digamos, articulada com a política sanitária existente, quer dizer, a ENSP naquele momento a meu juízo não tinha uma proposta renovadora do ponto de vista digamos da formação de recursos humanos, e de termos de política sanitária, em termos da reforma sanitária que era um assunto que ainda não existia de maneira mais consolidada naquela época, o Instituto de Medicina Social, ele se formou pelo contrário, não houve uma proposta muito renovadora nesse sentido, não é de uma pós-graduação diferente, a verdade embora ele se chamasse, se chame até hoje Instituto de Medicina Social. Isso foi uma contingência da aprovação, da tramitação do processo da pós-graduação no governo Federal, quer dizer exigia, que fosse... era mais fácil que fosse Medicina Social, mas era já muito mais interdisciplinar, multi-profissional e com uma proposta bastante renovadora, a partir desse momento em que o Instituto já está criado, primeiro dentro de uma faculdade de medicina e depois sai em que a (...) vem com esse olhar renovar a ENSP passa também a se reestruturar e a se estabelecer como digamos uma escola digamos laica, da reforma sanitária, digamos um braço acadêmico na vanguarda da reforma sanitária.

E: Mas pra isso acontecer houve o projeto (...) eu acho que esse projeto foi fundamental.

R: Fase do PESES foi à segunda metade dos anos 70, esse período que eu estava me referindo quando o eu conhecia, primeira metade dos anos 70. PESES / PEPPE foi um colorário importante disso, eu acho que foi a ferramenta, digamos, financeira, de fomento, no sentido de ajustar esse novo projeto da escola nacional de saúde pública, o PEPPE no campo da epidemiologia e o PESES jogando com as ciências sociais, na constituição do PESES, além das Ciências Sociais, mas já existia outra escola de saúde pública, aí então a presença de Arouca foi decisiva.

E: Agora a gente debateu um pouco naquele primeiro ponto, senti muito aquela colocação, que é aparentemente contraditória, você está no regime militar e você tem esse tipo de fomento particularmente público, só estão importante e até hoje o aviso que deu uma deixa mais interessante, parece que alguns projetos, o Geisel, ele caso ele apagava pessoalmente, e esse, avaliou pessoalmente e quando se sugeria, quer dizer, era o PEPPE que sugeria no texto final que o PESES acontecesse, aí ele circula e diz que aprova e pretende providências imediatas e tal. Então eu queria que você comentasse mais um pouco, você falou um pouco, mas como é ser o impedimento?

R: Isso enfim, na verdade esse era o período Geisel ao qual é preciso se vincular a figura de Reis Veloso.

E: Só um minuto, desculpa Reinaldo, mas é que teve um probleminha.

R: Essa questão de PESES e do PEPPE se deu num momento em que o governo era o governo Geisel, neste governo existia uma secretaria de planejamento ligada diretamente à Presidência da República muito forte que era comandada pelo ministro Reis Veloso e como o secretário adjunto do Reis Veloso do planejamento tem uma figura muito importante na minha opinião para o desenvolvimento da ciência brasileira, não só na área de saúde, mas em geral, inclusive nas ciências sociais, que é José Pelúcio Ferreira, Pelúcio Ferreira ao longo dos anos 70 ele foi muitas coisas, quer dizer, isso era próprio do regime autoritário, foi presidente da (...) a década quase inteira, ele foi vice-presidente do CNPq, ele era subsecretário de planejamento, enfim, era um homem que detinha um poder muito grande, e a abundância de recursos que havia naquela época permitia que se fizesse muita coisa, isso explica muito, mas não explica tudo, porque com muito dinheiro se você tem poucas idéias você pode fazer muito mal, as coisas que devem ser feitas, mas Pelúcio tinha uma visão muito, digamos consolidada do que teve um projeto de país, que eu acho que o impacto do projeto no governo Geisel, eu estou deixando de lado toda a questão política, de direitos humanos, durante a ditadura o presidente Geisel continuou matando, perseguindo, não é disso que se trata, se trata por exemplo, pra fazer uma comparação aqui de imediato entendimento que a diferença entre os militares brasileiros e os militares argentino; ambos torturam e mataram, os argentinos mataram muito mais do que a gente e além disso destruíram a ciência argentina, os nossos ao menos principalmente nesse período Geisel tiveram a possibilidade de não destruir tanto, foi até construir como foi o caso pelas mãos de Pelúcio Ferreira. Bom, o que é curioso é que uma parte importante do espírito crítico do país estava nas universidades, nos institutos de pesquisa e esses institutos de pesquisas e essas universidades, este espírito crítico, portanto era um espírito crítico que tinha que ser usado pra aqueles que acreditavam em ciência, em tecnologia, tivessem um papel na construção do projeto do país, então eu fico imaginando o dilema na cabeça do ditador. Aqui eu acho importante é que houve uma compreensão de que era necessário inclusive lançar mão desses críticos do regime, muitas vezes críticos radicais do regime pra colocar recursos, pra construir instituições, pra construir projetos. Isso era o que acontecia especificamente nessa questão que você mencionou que o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico que era planejado com verbas pela FINEP, os grandes projetos, os grandes projetos iam até a Presidência da República através da secretaria do planejamento da Presidência da República, e bem disse e provavelmente é verdade que o presidente da República lia alguns projetos, ele lia os projetos, diz que o Geisel lia tudo, não deixava ninguém, ele queria ler, e o que se conta exatamente, a nossa preocupação, a preocupação dos que fizeram o (...) a minha participação foi muito periférica, eu participei da construção do PEPPE, mas de uma maneira bastante periférica que naquele momento embora no Instituto de Medicina Social da UERJ eu estava me aproximando da Escola Nacional de Saúde Pública, onde eu acabei fazendo um concurso, passando num concurso, mas fui vetado pelo SNI, então eu vim pra cá por causa disso, mas quando se construiu o PESES e o PEPPE, exatamente como as Ciências Sociais, um mínimo de espírito crítico a gente (...) o PEPPE, o PEPPE era supostamente mais neutro, a ideologia, enfim, mais coisas técnicas e tal, em teses que (...) em relação ao PESES. E aí a história que se conta é que foi isso, “que o Geisel teria lido”, essa notícia nos veio da FINEP, porque na época um dos diretores da FINEP que era o Celso Macedo Soares Guimarães, ele tinha muito contato com a gente, foi uma pessoa que ajudou muito na montagem desse projeto todo, e contou: “olha, o projeto foi

ao Presidente da República, não só ele aprovou como ele achou mais importante botar pra frente o PESES, o projeto na área das ciências sociais”. Foi uma surpresa muito grande, mas eu acho que esse episódio pode ter um pouco de folclore. Eu não sei até que ponto isso aconteceu assim, mas é bem provável. Se não é verdadeiro inteiramente, eu acho que reflete esse momento na História do Brasil onde houve um projeto nacional e de potência regional. Claro que teve um monte de defeitos, mas que tinha imensas qualidades principalmente analisando de hoje retrospectivamente, depois de ter vivido até a década de 90, onde a idéia do projeto nacional se espatifou no Brasil como em muitos outros países, por conta do processo de globalização.

E: De qualquer modo eu acho que também é um marco no sentido dessa passagem da medicina preventiva pra medicina social, quer dizer, essa entrada das ciências sociais com muita força na discussão desse campo de uma medicina sanitária.

R: Certamente, certamente, quer dizer, foi numa expressão mais conceitual, você o aparecimento daquilo que se chamava, chamamos epidemiologia social, daquilo que foi digamos uma visão marxista de uma sociologia da saúde até então das ciências sociais, quer dizer que era hegemônica, no profissionalismo, ou a sociologia funcionalista norte-americana, e naquele momento então bastante em voga uma medicina sanitária, digamos, marxista, tudo isso então se conformou nesse caldeirão de idéias que acabou digamos desenhando a reforma sanitária brasileira, algumas experiências práticas internacionais importantes. Lembro-me imediatamente da reforma psiquiátrica, enfim, mas esse era o momento que também internacionalmente tinha coisas acontecendo e tal.

E: Dessa efervescência, e os resultados dessa pesquisa assim, estão arquivados em algum lugar esses dois projetos.

R: Do PESES e do PEPPE, não sei, o problema é que na verdade esse não era um projeto no sentido, algo que tenha início, meio e fim. A FINEP e o FNDCT tinham uma modalidade de apoio financeiro que chamavam de projetos institucionais, que eram projetos que construía; um do ponto de vista inaugural outro do ponto de vista de consolidação de instituições, quer dizer que se tratava, se tratava em dar condições à Escola Nacional de Saúde Pública, condições físicas, materiais, gente que pagava salário também, para fazer frente a uma nova concepção, fazer frente há uma nova concepção, fazer frente, então o sujeito dava um projeto, eu não me lembro o valor do PESES e do PEPPE hoje em dia. A lei não sugere 30 milhões, é por aí, alguma coisa dessas de reais, pra você ver então, 10, 12 milhões de dólares assim voando. Isso hoje em dia não existe mais no Brasil, se existe é muito pouco, mas você acha que as teses centrais ou produtos mais importantes foram incorporados.

E: Quer dizer, eles cumpriram o seu papel.

R: Sem dúvida nenhuma, eles cumpriram, isso foi um papel pra fora, mas eles transformaram a Escola Nacional de Saúde Pública numa escola exemplar, hoje em dia a escola é de longe o principal centro formador de recursos humanos e de digamos em termo de avanço do conhecimento em boa parte das áreas da saúde coletiva. E eu acho que o PESES e o PEPPE, eu acho que essa movida de meados da década de 70 tem um papel decisivo nisso, e aí que entra Arouca, porque Arouca foi uma liderança, uma das

lideranças capitais nesse processo, claro que há outras instituições que também participaram disso, mas aí não teve um papel importante para o processo da reforma.

E: Reinaldo, eu tenho uma impressão assim, de que esse movimento da década de 70, da saúde, ele foi muito bem construído no Brasil, do ponto de vista da articulação política, da agenda técnica e etc, e a sensação que eu tenho é de que diferentemente de muitas outras áreas se a gente colocar isso na arena inclusive internacional o Brasil tem uma coisa muita bem consolidada nessa área, a produção da saúde nossa, o Estado enquanto realmente um produtor de projetos e tal, e eu acho que tudo isso que a gente está conversando, esse resgate da esmola da roupa, esse período que se passa; a sensação que eu tenho é que teve a capacidade de construir um projeto mesmo de Estado. Eu queria que você comentasse um pouco isso, esse trabalho aqui nosso tem um aspecto (...) a questão pro Arouca ser como pessoa, os valores dele, etc, mas a principal contribuição sem dúvida é a gente tentar entender melhor aonde é que a gente está vendo, a onde a gente está pisando e quais os caminhos que podem ser traçados e ilhados eu gostaria que você comentasse um pouco isso, por que essa é a sensação que eu tenho, de que a gente consegue saldar uma agenda de um povo, e em termos da saúde e fazer essa relação entre os cursos produzidos que já estavam nesse período, e se tem algo a ver.

R: Olha só, é tão fácil; no governo passado, a gente arrumar as férias pra tentar construir um caminho real, uma história da época, não é assim, quer dizer, primeiro eu acho que não havia, havia um projeto de Estado na cabeça de cada um, a grande maioria dos atores era composta de militantes de esquerda dos mais variados matizes e a esquerda tinha um apelo tão forte que até ele (...) a esquerda do Brasil, até Lacan era esquerda, porque na Europa Lacan se considerava mirim (...), então digamos que o projeto de estado entra como uma coisa difusa, nós vivíamos uma ditadura, que todos os campos da esquerda e aquilo que achava que era esquerda, mas não era, ele se unia dentro de um campo digamos de luta pelas liberdades democráticas. Mundos liberais tiveram também nesse processo e eram todos também amalgamados numa perspectiva de esquerda, enfim, o projeto de Estado era uma coisa que menos na prática profissional, ou político profissional ia mais na prática partidária da mudança de cada um, o que eu acho que existia mais estruturado como, Brasil como atuação político profissional, era... não era uma proposta de Estado mas era uma proposta de política de saúde, reforma sanitária, que é um aspecto, um componente de política de estado, projeto de política de estado, isso realmente existia, bem, o aprendizado foi longo, porque se desenvolveu muita coisa boa em termos de idéias, em termos de coisas novas que apareceram, no campo do planejamento, no campo das ciências sociais, e se desenvolveu muita coisa que acabou ficando, foi pra lixeira deles, veja só um exemplo na minha área, então a área, a coisa da epidemiologia, nós tínhamos uma visão extremamente digamos crítica em relação aos métodos, creio que da epidemiologia que a gente chamava clássica utilizava e se desenvolveu pouco na Europa, nada nos Estados Unidos, alguma coisa na América Latina, muito no Brasil, de uma chamada epidemiologia crítica social e assim por diante, o único disco, simplesmente sumiu, desapareceu, os dois sequer se incorporavam no corpo da reforma sanitária, então quer dizer, seria fácil dizer que houve um caminho real, toda a postura crítica desembocou numa proposta acabada de política de estado, mas não é verdade isso, muita bobagem, muita infantilidade, muita inseqüência, agora um núcleo de idéias pisadas, um núcleo generoso também em termos de postura política geral, de conceitos como universalização, a hierarquização, essas coisas, isso é o que ficou, e não é pouco não, eu quero deixar uma idéia de que não era um bando de

tontos e que era isso, não, boa tarde, agora eu não olhar pra boneca, se desenvolveu num momento de resistência ao regime autoritário, mas que a partir de meados dos anos 70, já começou a dar, sinais de decomposição, ao menos em a sua fase mais repressiva, e na década de 80, e em 85 fizemos um desabrochar democrático então de, depois de construir, pode transformar em política pública aquilo que foi pensado durante um ano de tempo. Tem que dizer, essas coincidências, digamos assim, essas coisas que a ciência arruma e desarruma; arruma e desarruma, sem a gente mesmo nem saber porque inteiramente, sem uma pré-determinação quer dizer, isso é muito bom pra gente isso é muito importante pra gente analisar.

E: Reinaldo, como era esse seu contato com o Arouca, sua relação com o Arouca todo esse tempo desde...

R: Eu tive contato mais próximo com Arouca nesse início dos anos 70, depois eu passei a ter contato com o Arouca, deixa ver... Aí já foi mais tranquilo o movimento sanitário, mas em 71 eu me formei, em torno de 75, 76, eu não me recordo mais, e eu fiz parte do comitê de intelectuais do estado da Guanabara, aí voltei a fazer contato com o Arouca que eu não sei se o Arouca teve uma militância linear no partido da (...) eu acho que ele deve ter tido um cunho de maior militância, mas ainda eu acho que há outros ferimentos mais críticos, mas tem um momento em que a gente se encontrou na área de políticas intelectuais e tal, depois disso também se acabou no final dos anos 70, eu me desliguei (...) transformação social, Arouca continuou e aí o meu contato com Arouca foi um contato mais ou menos esporádico, enfim, amigos, mas não... nós sempre nos projetos, como o Arouca estava aqui, eu estava no Instituto de Medicina Social esse período todo, até a Nova República, na Nova República tivemos de novo um contato importante, Arouca veio ser presidente da Fiocruz, eu era presidente da FINEP, e a gente em 86 ou 87 fez um grande como se fosse um novo PESES / PEPPE mas aí não pra Escola de Saúde Pública, foi um apoio institucional para o conjunto da Fiocruz e muito dirigida à pesquisa biomédica da Fiocruz, e naquele momento eu atravessava uma crise de algumas proporções, aí houve de novo aproximação, eu diria esses 3 momentos, mais recentemente infelizmente agora no governo Lula a gente se reencontrou, eu lamento muito que tenha sido por um tempo tão curto no Ministério da Saúde, ele como Secretário de gestão participativa e eu como diretor lá do (...).

E: Você participou da construção do CEBES.

R: Eu participei da construção do CEBES, não tive um papel também central nisso, mas eu, se não me engano, a primeira diretoria do CEBES eu acho que o Arouca era o presidente, se não me engano.

E: Eu acho que a segunda.

R: Segunda?

E: A primeira foi que ele (...) em São Paulo... foi o Rubem.

E: José Rubem.

R: Eu acho que foi o contrário, gente.

E: Não. O Arouca saiu e foi pra Nicarágua, aí passou uma carta, Temporão.

R: Eu fiz parte da diretoria, eu acho que da primeira ou da segunda direção do CEBES, eu não me lembro mais (...) mas não é nada que mereça grandes registros. O legado do Arouca é um legado muito grande, e aí é grande por causa da reforma sanitária, da construção do SUS (...). Eu curiosamente onde eu pude acompanhar com mais atenção, embora não necessariamente com mais proximidade atuação do Arouca foi aqui na Fiocruz a partir de 1985, porque aí Arouca pegou uma instituição, era uma instituição em crise, não tenho nenhuma dúvida disso, quer dizer, existia mesmo, ele tinha que se fortalecer no processo de construção da reforma sanitária, agora o Instituto Oswaldo Cruz, outras unidades da Fiocruz vinham muito complicadas, foi que sofreu muito massacre de (...), 70, nunca se recuperou direito da figura e tal. O Arouca ele não pode, ele não tinha apenas digamos, manejava a instituição que já vinha navegando, eu acho que ele tem que re-formatar a instituição, ele re-formatou, ele reinventou a Fundação Oswaldo Cruz, eu acho isso importante de registrar; o que eu chamo de reinventar? Primeiro no sentido de reformar a Federação, fazer com que a presidência da Fiocruz fosse um ente, quer dizer, a Fiocruz fosse uma instituição e não um aglomerado...

Fita 1 – Lado B

R: E aí também tem que citar outras pessoas que tiveram no meio do processo como Carlos Morel, como Erlon Chaves, enfim, são quase todos daí mesmo. Terceiro que eu acho admirável foi estabelecer com a Fiocruz um pacto de gestão democrática que é muito original, muito curioso, muito trabalhoso não ter nenhuma dúvida disso hoje, ver mais de perto, digamos trabalhando com o Ministério daqui, mas extremamente original e digamos de positivo, de construtivo do ponto de vista institucional, eu costumo dizer – eu que vivi a maior parte da minha vida numa universidade – que eu conheci o sindicalismo universitário da UERJ, e quando a gente compara o nível do sindicalismo da UERJ com o sindicalismo da Fiocruz é uma diferença radical, radical, radical, em termos de compromisso institucional, em termos de digamos de tensão, sinergia com a direção da Fiocruz, e eu acho que este pacto foi Arouca quem construiu, aí ele teve um papel absolutamente central e curiosamente, agora de maneira muito recente já no governo Lula quando o Arouca... quando foi criada a Secretaria de Gestão Participativa pra dar pro Arouca eu primeiro fui logo que eu soube que ele iria ser de outra Secretaria e ia pra Secretaria que eu refleti comigo mesmo e olha, “não vai dar”, essa Secretaria foi criada só para uma pessoa, pois é, se essa pessoa não existia eu não tinha nenhuma idéia que o Arouca ia deixar de existir, de nós, mas uma coisa que foi criada pra uma pessoa só, porque só tinha uma pessoa pra tomar conta daquilo (...) eu fiquei muito limitativo com isso, mas certamente a Secretaria de Gestão Participativa foi criada para que ele pudesse tentar em nível nacional reproduzir, replicar, quer dizer, essa estruturação que e lê conseguiu fazer na Fiocruz que é admirável. Eu acho que a pessoa, as pessoas aqui que mais absorveram isso é Paulo Gadelha, eu diria que ele é um fiador perpétuo desse pacto, é a montagem de congresso, é um ataque nos planos quadrienais, essa coisa toda, tudo isso demos um método institucional onde Arouca tem a mão dele em cada coisa que se faz...

E: Quer dizer, ele mexeu com a cultura?

R: Ele mexeu com a cultura institucional e olha, pra mexer com a cultura institucional numa instituição com 10 ou 15 anos de idade, era naquele momento uma instituição

quase centenária já, e mexeu positivamente, mexeu sem quebrar, não foi um macaco em loja de louça, essa é a construção que eu acho admirável ver.

E: E você diz assim, quer dizer, só tentando exemplificar um pouco o que você está colocando no sentido de parcerias, no sentido de visibilidade da instituição você estão me lembrando uma conversa que nós tivemos com Gadelha, que ele muito animado com o aquele trabalho que eles fizeram lá no Riocentro na Exposição da Ciência; que teve essa idéia de levar à Ciência pra população, por exemplo, essa fala que está prescrita, o cientista se abrir, todo cidadão merece.

R: Também, também, esse é um pedaço de Gadelha, de divulgação da Ciência, de popularização da Ciência, é um pedaço dele, que aí eu acho que a contribuição maior é dele, da Casa de Oswaldo Cruz que foi uma coisa que Gadelha deixou no papel fundamental, mas eu estou falando mais é da organização de tudo isso, não é, é pegar uma instituição completa como a Fiocruz e enfim, dar um lugar pras coisas; as fábricas têm lugar, uma Casa de Oswaldo Cruz tem lugar, um instituto centenário como o Instituto Oswaldo Cruz tem lugar, descentralizar Bahia, Pernambuco, Brasília, enfim, Arouca foi uma re-formatação da instituição.

E: Reinaldo, e é interessante que até mesmo a escolha dos pares faz parte disso, duas pessoas que a gente entrevistou (...) que vieram a trabalhar sem dúvida com a outra parte da contradição, a Sônia Fleury diz que quando o Arouca foi a ANS falar do resultado da tese dele, em que lembra a discussão do marxismo, ela levanta e diz pra ele que discordava interiormente ou então não sei que, pouco tempo depois eu vejo chamar ela pra se integrar ao PESES, a partir inclusive das colocações que ela faz, e o outro é o Gadelha, que eles se conhecem no movimento sindical; o Gadelha está organizando uma greve se eu não me engano de residentes.

R: Mas ele era PT.

E: É, o Arouca faz uma assembléia em que ele faz uma série de argumentações, consegue virar Assembléia, mas depois deprime.

R: Se eu puder dar um depoimento pessoal do Arouca e aí eu vou tomar emprestado algo que Lúcia Souto é quem diz: o Arouca era um cidadão capaz de extrair o melhor de cada indivíduo, isso é uma expressão pra mim absolutamente precisa, ele se dava com Deus e o mundo, conversava com Deus e o mundo, não arredava pé das coisas que pensava, mas tinha uma capacidade de tentar extrair do interlocutor aquilo que ele achava (...) que é também uma coisa fantástica, então pra dar um exemplo, não sei quando isso vai sair, se vai sair, mas de repente se vocês acham que é exagerado pra ser vendido então corta. Mas uma outra premonição que eu tive, na realidade não foi uma premonição, mas foi uma interpretação depois que as coisas ocorreram, aí vai a organização do Ministério da Saúde, quer dizer, porque que o Humberto Costa e o Gastão brigaram? Pode ter 10 interpretações: eu acho que eles brigariam necessariamente se Arouca não estivesse lá, e se Arouca tivesse estado lá, eles não brigariam, Arouca nesse sentido teria sido capaz de fazer esse amalvon, porque Arouca tinha um pé na academia, está certo que era um pé perto do Gastão, o Arouca tinha um pé na política parlamentar, a política dura que é o lado Humberto, e Arouca sabia tirar dessas duas pessoas, que são pessoas importantes, aquilo que elas tinham de melhor, Arouca aceitou e eu participei apenas uma vez, mas tive relato de outras pessoas que

participavam, quer dizer, enquanto Arouca estava no Ministério à reunião do colegiado tinha um nível de qualidade, colegiado de dirigente, ministro com seu secretário, tinha um nível, Arouca desaparecendo parece que baixou um pouco... se ficar muito perto.

E: E você está falando a verdade, e me remete a outra coisa, interessante nós na trajetória da outra procurar entender esse teu caso de por que ele não foi ministro, porque o perfil dele era pra ser ministro.

R: Ele não foi ministro porque ele não era do PT, por isso que ele não foi ministro, naquele momento era impossível o PT entregar o Ministério da Saúde a alguém que não fosse do PT, não dava pra entender.

E: Mas você conhece como (...) que tiveram outras?

R: Outras conjunturas como?

E: Eu digo, eu acho que a partir particularmente da passagem dele pela presidência de (...) ele já se coloca no primeiro time da opção de chegada.

R: Claro que era. Mas é o que eu estou te falando; no meu ponto de vista ele era amplamente ministeriável, ele não vi grande estatura intelectual, política, poderia ser deputado federal, carismática, liderando tudo porque (...) para um Ministério tão importante quanto o Ministério da Saúde, aí o Arouca ficou como um elefante, ali plantado naquela roda de louça, aí criaram essa secretaria pra ele. Conta-se, e eu não sei se é verdade, que o Humberto o convidou imediatamente para ser seu assessor especial, Arouca não quis, e o interesse do presidente Lula que determinou que Arouca tinha que estar no ministério, aí então se criou, creio que até tenha negociado com ele e ele adorou, imagina eu não tenho informação, estou só interpretando que a Secretaria de Gestão Participativa. E aí a gente poderia repactuar, fazer o que ele fez na Fiocruz, digamos num cenário macro, mas infelizmente o destino não quis. Tá bom?

E: Está ótimo. Será que é possível fazer o que ele fez aqui assim no macro?

R: Ah, eu acho que sim, não é tarefa pra uma só pessoa.

***Depoimento de Ary Carvalho de Miranda
(Rio de Janeiro - 05.10.2005)***

Fita 1 – Lado A

Ary: Eu sou Ary Miranda, sou médico, sanitarista, me formei na Universidade Federal Fluminense. Trabalhei na Secretaria Municipal de Saúde de Niterói (quando o Tomasini era o secretário). Depois passei um tempo no Instituto Nacional do Câncer, e desde 85 estou aqui na Fundação Oswaldo Cruz.

Regina: Você estava contando lá no Fernandes Figueira que você se formou novo...

Ary: Não, me formei com a idade normal...

Regina: Você contou que tinha uma ligação com o partido, e contou essa história da Secretaria.

Ary: Eu entrei pro partido (o PCB) em 72, e tive uma militância política durante a universidade. Em 77, eu era presidente do Diretório de Estudantes Medicina da Universidade Federal Fluminense. Nós estávamos naquela época com aquele movimento todo pela redemocratização, e organizamos uma série de debates – e na discussão sobre saúde a gente convidou o Arouca. Eu não conhecia o Arouca na verdade, nunca tinha encontrado o Arouca. Eu o conhecia de nome, mas não tinha contato pessoal com ele – foi um convite que nós fizemos para um debate na universidade. Aí a gente se conheceu, mas não tinha muito contato, porque eu estava na universidade e ele era da FIOCRUZ.

Regina: Nessa época, só pra entender, você era do partido?

Ary: Era. Mas a minha militância política não cruzava com a dele, digamos assim... Minha política era dentro da universidade. A ação política do partido era feita dentro do próprio movimento estudantil. Eu estou colocando esse dado porque foi o momento onde nós começamos uma convivência, eu era do diretório acadêmico e resolvemos convidá-lo para uma entrevista.

Regina: Você ouvia falar dele...

Ary: Ele tinha um nome já na época. Depois veio a ser muito maior. Eu estava terminando a universidade, e o Dr. Tomasini quando assumiu a Secretaria de Saúde de Niterói (e a administração de cemitérios da cidade), ele então concebe um trabalho que na verdade muda aquilo tudo, no sentido de estruturar um conjunto de centros e postos de saúde na periferia, a partir de um diagnóstico que tinha sido feito das necessidades de saúde do município de Niterói. Aquilo ali ainda era muito impulsionado pelo que tinha sido a Conferência de Alma Ata, em 78, quando se discutiu exatamente a atenção primária à saúde. Ele me convida para ser o diretor de um dos centros de saúde, que ia ser construído ainda. Já havia alguns funcionando, nos que estavam funcionando o prédio tinha sido feito em comodato, ora com igrejas, ora com outras instituições, e outros iam ser construídos. E ele me chama pra ser diretor, coordenar um desses

centros. Eu estava saindo da universidade, era menino, enfim, não tinha nenhuma experiência em relação a isso, e na época eu pensei: “o que eu vou fazer?” Era uma oportunidade profissional que se abria, eu saindo da universidade – eu saí da universidade em novembro ou dezembro de 77. Aí eu aceitei. Vim aqui na FIOCRUZ na época discutir com o pessoal aqui de planejamento, para que eles pudessem me ajudar um pouco. Para assumir aquilo lá, tinha que ter alguma noção de como organizar, algum modelo, etc. Aceitei o desafio. Mas eu tive um tempo de montagem da equipe, os agentes de saúde, identificar outros médicos que pudessem trabalhar, e na verdade em janeiro eu recebi o convite, e até setembro a gente fez isso. Nós começamos a fazer um trabalho. Na época havia uma discussão no Brasil, alguns municípios estavam com essa proposta, Campinas (estava com uma proposta interessante de participação social), Montes Claros (o Saraiva, que é o atual ministro da Saúde, é oriundo de Montes Claros, participou desse processo), Londrina... Começou então um movimento, por dentro das instituições também, fundamentalmente através de municípios, de desenvolver esse trabalho de atenção primária, que buscava de alguma maneira uma participação social na organização dos serviços de saúde, e foi aí que eu comecei minha vida profissional. Na verdade eu tinha feito meu internato em clínica médica, doenças infecto-contagiosas (o chamado DIP), e mesmo como diretor do centro de saúde eu continuei fazendo clínica – eu gostava muito. Mas foi meio inevitável, esse negócio foi um empuxo para a saúde pública. Depois eu fiz a residência na FIOCRUZ, fiz especialização em planejamento.

Regina: Esse primeiro momento em que você encontra o Arouca, quando ele foi na Fluminense, era um convite do diretório acadêmico. Você era colega do Guilherme...

Ary: A gente militou junto na universidade, apesar de ser de outro partido: ele era do MR-8, eu do PCB. Mas a gente tinha uma relação afetiva muito grande, então a gente teve um período em que militou junto na universidade, conheço o Guilherme desde aquela época.

Regina: Quando vocês trouxeram o Arouca, como foi?

Ary: Nós estávamos organizando uma série de palestras na universidade, sobre vários temas, e no tema de saúde convidou ele, pra fazer uma discussão. Ele tinha uma posição de destaque, tinha defendido a tese de doutorado dele em 76, fazendo uma crítica ao modelo preventivista brasileiro, e recolocando (já naquela época, veja bem) o modelo da saúde coletiva como alternativa a esse modelo da saúde pública. Interessante, porque naquela época, 76, ele já tinha feito tese de doutorado discutindo isso – *O Dilema Preventivista*. Enfim, ele já era um nome, era um intelectual que estava pensando, e ao mesmo tempo ele tinha uma militância no partido, e atuava de uma maneira geral. Tinha uma projeção, e a gente o convidou para esse debate. Mas como eu tinha dito antes, isso não se traduziu numa convivência cotidiana com ele, até porque eu estava na universidade, depois estava na Secretaria, já como médico, sanitarista. Eu vim fazer curso aqui na Escola Nacional de Saúde Pública, ele era professor da ENSP, na área de planejamento, aí a gente passou a ter alguma convivência, como eu tive com outros professores aqui na FIOCRUZ. A Anamaria Tambellini foi a pessoa que coordenou o primeiro curso que eu fiz quando entrei aqui na FIOCRUZ para fazer a residência, chamava-se Treinamento Avançado em Serviço – depois passou a ser residência no meio do caminho. Então foi nesse período que se iniciou essa convivência.

Regina: Eu acho interessante, você estava contando pra gente no Fernandes Figueira, o clima desse momento, ainda do final da ditadura, Você foi fazer o Mestrado em Medicina Social...

Ary: Isso foi depois. O trabalho que a gente estava fazendo na Secretaria de Saúde de Niterói foi um trabalho... O Moreira Franco era o prefeito de Niterói, tem um dado importante nessa conjuntura: ele tinha sido eleito prefeito em 76 com o apoio da esquerda, era do MDB, não era o Moreira Franco de hoje – é importante localizar isso... [risos] E enfrentando duas candidaturas importantes: uma do Chagas Freitas, e uma da ARENA. Então ele é eleito num arco de alianças que ia do centro pra esquerda. O projeto de saúde do município de Niterói era algo partícipe dessa grande frente política. Quando há a reforma partidária em 79, ele faz opção pelo PDS (a ARENA vira PDS), e recompõe todo o arco de alianças dele dentro do município. Começou a boicotar o trabalho que já estava sendo feito em função daquela aliança política. Vai exonerando todo mundo – inclusive o próprio Tomasini. Todos os diretores, os chefes de unidade – eu inclusive. E a partir daí meio que deixou as pessoas na geladeira, quem ficou foi pra geladeira. Então na época fui fazer o Mestrado em Medicina Social da UERJ, em 82. Naquela época o Mestrado eram 4 anos. Eu fiz as disciplinas, fiz tudo. Em 84 eu fui trabalhar no INCA. Naquele momento a sociedade brasileira estava vivendo o momento do processo de redemocratização, a luta pela Constituinte, pelas eleições diretas. Não conseguimos, mas veio a eleição do Tancredo no Colégio Eleitoral. Isso já significou um realinhamento das forças políticas nacionais. O Tancredo morre antes de assumir, o Sarney assume, mas mantém o que o Tancredo tinha construído enquanto frente para estruturar o governo dele. Naquele mesmo momento, naquele clamor pela redemocratização, várias pessoas importantes assumiram cargos no governo: o ministro da Previdência era o Waldir Pires, o Écio assumiu a Presidência do INAMPS. Internamente, aqui na FIOCRUZ, não tinha eleição pra presidente, mas houve um enorme movimento no sentido de questionar a gestão que estava estabelecida aqui dentro, e o Arouca surge como um nome. Discussão em toda a FIOCRUZ, abaixo-assinado, um apoio vigoroso interno da FIOCRUZ, ao mesmo tempo em que o movimento da reforma sanitária se propagava nacionalmente. Então ele vem também com enorme apoio nacional pra assumir a Presidência da FIOCRUZ. Isso significou não só a luta política ou a expressão política do chamado partido sanitário, que discutia desde a época da fundação do CEBES (meados da década de 70) uma nova organização do sistema de saúde brasileiro – um sistema que tem uma capacidade de exclusão enorme. Pra você ter uma idéia, pra você ter acesso ao serviço público de saúde, tinha que ter carteira assinada, enfim, era uma coisa monstruosa do ponto de vista da exclusão. Já se discutia naquela época uma nova concepção, um novo modelo de saúde pública, antes de tudo, você incorporar a população mais pobre, ter uma racionalidade, é isso que a gente vai ver depois colocado no texto constitucional e na Lei Orgânica de 1990. Bom, esse processo então extrapolou o campo da saúde pública, ganhou os partidos políticos, a sociedade. O Arouca na verdade quando é nomeado, é nesse processo todo, com uma forte legitimação interna, com um forte movimento por parte dos funcionários da FIOCRUZ, e ao mesmo tempo tinha uma forte legitimação dentro do chamado partido sanitário e do movimento da saúde pública, e dentro também dos partidos políticos que estavam compondo o governo. E o Carlos Santana tinha sido nomeado ministro da Saúde. Ainda assim não foi uma coisa fácil, veio aquela coisa: “ah, é comunista, vai nomear um comunista pra presidente da FIOCRUZ?” Então esse processo também nos aproximou bastante, aí já no processo da redemocratização, da Constituinte, da reforma sanitária. Desde aquele momento em que eu o conheci

pessoalmente em 77 até 85, a trajetória nos aproximou mais um pouco por conta de tudo isso. Da experiência que eu tive em Niterói, o trabalho que eu estava fazendo lá, luta pela Constituinte, pelas eleições diretas, tudo nos aproximou. Aí tem um dado interessante: quando eu fui exonerado da Secretaria de Saúde de Niterói, a minha militância política no partido que era em Niterói, o partido tinha essa lógica... Eu saí e vim pro Rio. Eu passei a me organizar na base do partido no Rio, aí eu passei a militar com ele, com o Arouca.

A vida seguiu. Quando ele assumiu a Presidência da FIOCRUZ, ele me convida pra vir trabalhar com ele. Foi uma coisa interessante, porque eu me lembro que a gente estava no Amarelinho, aquela coisa fogosa, discutindo democratização... E o Amarelinho era um ponto importante de referência, nós tínhamos o nosso “Chopp Democrático” toda sexta-feira, não precisava marcar, toda sexta-feira a galera saía e ia tomar um chopp no Amarelinho. E ali se discutia tudo, na gandaia, se discutia tudo. E uma vez o Arouca me dá uma carona (me lembro disso), ele morava em Santa Teresa, eu morava na Santo Amaro ali na Glória, me deu uma carona, a gente foi conversando e eu falei uma coisa pra ele (estava já amadurecendo a idéia da Presidência da FIOCRUZ): “Arouca, podia pensar a Presidência da FIOCRUZ com uma perspectiva outra, de amanhã ou depois você assumir uma vaga no Parlamento. Não usar a FIOCRUZ como trampolim pra isso, absolutamente, mas se conseguir fazer um trabalho bem feito, consolidado, com visibilidade social, acho que vai ser bom...” Era um desses papos que rolavam na mesa de botequim... Bom, moral da história: quando ele assumiu, eu não sei por que razão ele me convidou pra ser chefe de gabinete, eu nunca soube [risos]. Ele nunca falou assim: “olha, te convidei pra ser chefe de gabinete por essas e essas razões”. Ele ligou pra minha casa (tinha saído a nomeação): “oh, quero te convidar pra ser chefe de gabinete da FIOCRUZ”. Primeiro que eu não conhecia a FIOCRUZ, eu conhecia a ENSP, onde eu tinha feito os cursos, eu entrei pra FIOCRUZ pelas portas da ENSP. Aí eu mandei a clássica: pedi 24 horas pra pensar [risos]. A mesma coisa que eu tinha feito com o Tomasini na época. Porque eu fiquei um pouco assustado mesmo, eu não conhecia a instituição. Depois tudo bem, eu aceitei, e começamos um processo de preparação pra entrada aqui. A equipe da Presidência era o Arouca (evidentemente), também tinha o Arlindo, Morel, Luís Fernando (na época eram três vice-presidentes) e eu como chefe de gabinete foi a equipe que ele montou pra começar. O Arlindo teve um papel importante nesse processo, tanto interno quanto externo, na luta pelo Arouca ser presidente da FIOCRUZ. Enfim, um conjunto de pessoas da instituição.

Regina: Quer dizer, você era o único...

Ary: Que não era daqui, que era de fora. E a gente começou. E foi interessante porque eu é que tinha que chegar um pouco “piano”, tinha que me localizar aqui primeiro, conhecer as pessoas. E foi ao mesmo tempo um processo profundamente transformador da lógica da gestão institucional. Era uma instituição profundamente centralizada, tudo se decidia no gabinete, as unidades técnico-científicas não tinham autonomia gerencial. E com o Arouca era exatamente a idéia da concepção de um novo modelo de gestão, que depois veio a amadurecer, a forma democrática pela qual se nomeia o presidente, os diretores de departamento, que hoje está consolidado no Estatuto da FIOCRUZ, com participação de todos os funcionários. Mas também a participação no processo de gestão, que impulsionou tudo isso. E que era uma coisa meio incerta: como é que você vai pensar que uma instituição “meritocrática”, do campo de ciência e tecnologia da saúde, que trabalha pela “meritocracia” (a excelência de seus funcionários, de seus quadros, o compromisso que têm com a instituição), você pensar essa coisa de

democratizar tudo, discutir tudo, estabelecer discussões coletivas pra poder colocar... Era uma coisa meio... Era um assombro isso!

Regina: E esse era um projeto de vocês?

Ary: Era um projeto de gestão democrática, mas não tinha uma formatação clara. Tinha-se, vamos dizer assim, esse ímpeto de poder trabalhar assim uma instituição dessa envergadura, histórica (com 80, 85 anos), e que pudesse revolucionar o seu processo de gestão a esse ponto. E foi. No início foi criado na época o Conselho Deliberativo. Não havia como hoje um conselho legalmente estabelecido, com diretores das instituições técnico-administrativas, e com representantes da associação de funcionários. Até porque nesse caso particular a Associação de Funcionários da FIOCRUZ era como se fosse um departamento social da Presidência. Quem era diretor da associação recebia uma gratificação, uma coisa totalmente instituída como uma perna da Presidência num trabalho social.

Regina: Esse modelo de gestão, eu tô pensando aqui agora, mas na época se discutia muito Gramsci, aquelas discussões sobre a base se expressar no líder. Vocês tinham esse tipo de discussão?

Ary: Na verdade não tinha uma referência tão definida, de você pensar: “o modelo de gestão está fundado em que concepção teórica?” Tinha um clamor enorme por democracia, depois de tantos anos de ditadura militar... Não só de ditadura militar, o Brasil teve sua História Política fundamentalmente centrada no autoritarismo, tivemos um espasmo de democracia depois da Segunda Guerra Mundial e só. A História Política brasileira é das oligarquias no poder, profundamente autoritária. Na verdade a gente começa a construir uma democracia mais estruturada, mais sólida, a partir da década de 80.

Regina: Quer dizer, como se esse clamor da democracia contaminasse...

Ary: Vinha um pouco nisso. Mas é claro que a instituição tem uma lógica, ela não é a sociedade como um todo, se você pegar as normas, a legislação, a lógica que vai orientar a organização econômico-social e colocar dentro, não é isso. Mas de alguma maneira você está trabalhando com esse espírito. E aí os processos vão se dando. Constituiu-se primeiro o conselho técnico-administrativo, que reunia os diretores, mas também todo mundo que tinha participado do processo e queria até discutir. Era uma coisa meio doida, porque na reunião do conselho participavam diretores, mas também aliados que não eram diretores. E esse processo foi amadurecendo assim. Quando você estava falando da associação de funcionários: ela era isso, era um apêndice da Presidência pra um trabalho social. Houve uma intervenção, nomeamos uma diretoria provisória, ela convocou assembléias subseqüentes dos funcionários, definiu um estatuto e se desvinculou totalmente, passou a ser independente como é até hoje. Hoje em dia a associação de funcionários elege seus diretores com independência, é o processo natural de enfrentamento, ao mesmo tempo de defesa da instituição e de enfrentamento com a Presidência, como o Ministério, com o governo, dentro do processo democrático. Eu acho que a gente vive aqui uma experiência ímpar nesse sentido, muito interessante do ponto de vista dos conflitos naturais que existem entre a direção da instituição e a federação dos funcionários com um grau de maturidade fantástico! Isso tem que ficar claro. A história da ASFOC desde esse período tem sido

essa: tem se pautado pela defesa da instituição... Não só da instituição, pela defesa da saúde pública brasileira, sem interesses corporativos, pela defesa da instituição, pela defesa dos funcionários, quando tem que polarizar polariza, quando tem que defender defende. Isso é uma experiência fantástica! Mas foi o processo...

Regina: Você estava me dizendo na outra ocasião também sobre não ser partidário...

Ary: Isso, sempre suprapartidário, exatamente. O que é interessante é que, do ponto de vista da instituição, isso foi amadurecendo. Foi criada essa figura (acho que outras pessoas devem ter falado em entrevistas) do congresso interno da FIOCRUZ, que é um momento em que você reúne a representação de toda a instituição, com teses pré-pensadas, discutidas, amadurecidas, e isso na verdade é a instância maior de decisão estratégica da Fundação. Constituiu-se o conselho deliberativo, como eu havia falado, com os diretores das unidades mais integrantes da associação de funcionários – como uma instância maior de direção. Tudo isso acabou sendo consubstanciado no próprio Estatuto da FIOCRUZ, hoje consolidado, aprovado, o Lula assinou esse estatuto, foi uma briga desde que o Arouca entrou, em 85, 86 a gente formulou a primeira proposta, definido problema de cargos, uma série de questões que orientam a vida institucional, e a gente conseguiu a aprovação agora, em 2003. Foram quase 20 anos de luta para conseguir. Hoje a instituição tem uma estrutura consolidada do ponto de vista de normas claras, um processo democrático de gestão, e o que tem sido interessante é que tudo isso tem se dado de maneira geral num ambiente muito saudável em minha opinião. Felizmente nós não tivemos nenhuma fratura institucional nesse processo de disputa política interna, como se tem visto em algumas universidades. Ou seja, o processo de eleição de presidente da FIOCRUZ, de decisão de direção de unidade ela se dá num processo de discussão, de apresentação de plataformas. Acabou, é claro que tem uma rusga ou outra aqui e ali, mas a integridade do tecido institucional é preservada, quer dizer, há um compromisso de todo mundo com o trabalho. Essa é uma experiência que tem que ser talvez ainda olhada com mais cuidado, com mais carinho. E saiu da cabeça do Arouca tudo isso! Claro que tinha uma equipe trabalhando, mas saiu da cabeça dele! Tinha um pouco essa visão... Falar dele não precisa, não é? Da capacidade. Mas ele reunia, naquele sentido do intelectual orgânico, uma capacidade técnica com uma enorme competência, com capacidade de reflexão e ação política. Esses dois ingredientes dão uma formatação de um intelectual, necessário às transformações – o Arouca tinha isso. Como dirigente ele antevia as coisas. Era uma figuraça!

Regina: Tinha essa capacidade de congregar.

Ary: Mas aí ele tinha muitas capacidades [risos]. O que eu acho que era mais interessante nele era uma enorme... Ele tinha muitas qualidades e muitos defeitos, como todos nós. Mas o que é mais fantástico é que ele trabalhava a questão política, a ação institucional, com uma enorme carga de afetividade. Isso é uma coisa ímpar. É difícil ver nas pessoas de maneira geral, até porque a política gera a competição, a disputa pela hegemonia, é um fator um pouco de endurecimento de algumas pessoas, muitas vezes leva a práticas condenáveis. A carga de afetividade que ele colocava na prática, no processo de consolidação da luta política, ele trazia com ele essa característica. Mas tinha também problemas [risos], porque ele... Mas tinha um outro dado interessante, que eu aprendi muito com ele: eu tive a minha formação dentro do PCB, aliás, se faz muita crítica ao PCB. Todos os partidos comunistas de uma maneira geral muito alinhados à antiga União Soviética tinham naturalmente a influência forte da lógica stalinista, sem

dúvida nenhuma. Mas o partido também foi uma bela escola. Acho que pra minha vida ele foi fundamental, pra uma série de coisas. A capacidade de disciplina, de organização, da reflexão coletiva, tudo isso tinha no partido, com um viés, uma influência stalinista. [pausa] Então essa prática, a nossa história, leva muitas vezes a uma competição desenfreada... [pausa] Então, a característica do Arouca era essa, ele sempre via nas pessoas alguma coisa de positivo, de competente. Todo mundo tem, e a nossa tendência de uma maneira geral (ainda mais quando você é hegemônico em algum lugar) é você não aceitar muito isso. É difícil trabalhar com a diferença, principalmente quando a diferença choca com uma série de coisas. O Arouca era um sujeito agregador por excelência, ele era “mãezona”, reunia todo mundo em torno dele acho que por conta dessa percepção, dessa valorização. Todo mundo tem alguma coisa pra oferecer, ele tinha esse lado. Às vezes a gente estava discutindo, aquela confusão... Naquele processo inicial, a expectativa era enorme, porque você estava rompendo com uma cultura, rompendo com norma estabelecida, uma loucura, a gente trabalhava muito todos os dias, era sábado, domingo, e ao mesmo tempo tinha também uma pressão grande de tudo quanto era lado, pra fazer assim ou fazer assado, porque fulano de tal não pode participar que trabalhou na época da ditadura aqui dentro... Quer dizer, tinha um patrulhamento ideológico, e o Arouca conseguia um pouco agregar todo mundo, nessa lógica de que as pessoas têm alguma coisa pra contribuir. Tem mesmo! Era uma coisa fantástica, com aquele jeitinho dele, assediava todo mundo, com a sua capacidade de reflexão, de direção, com as propostas que trazia e com esse ingrediente afetivo, ele ia dobrando todo mundo com esse assédio dele... Ele tinha, isso é uma coisa que eu aprendi muito.

Regina: A questão da inclusão era fundamental pra ele, tanto no local de trabalho, quanto o projeto dele de saúde...

Ary: Isso! Quando você pensa a questão da inclusão, o movimento sanitário era um movimento suprapartidário. Ele é vitorioso (e eu acho que ele é vitorioso, até agora tem sido vitorioso), porque tem essa característica. Isso passa muito pela característica das pessoas, não é nem muito ideológico não, é característica das pessoas, porque você é melhor, mais competente... Todos nós temos nossas idiossincrasias, algumas são mais desagradáveis que agradáveis, e isso tudo acaba interferindo em quem decide se inclui ou não. E o Arouca não tinha isso, era interessante, ele colocava pra dentro. Era isso. E tinha outra coisa interessante, que era (nós pensamos muito isso naquele dia), ele tinha uma segurança tamanha da capacidade dele que ele... Essa capacidade de incorporação é isso, era em função dele não se sentir ameaçado. Porque às vezes tem um pouco isso, as pessoas não incorporam o outro porque se sentem ameaçadas. Nessa lógica dele de incluir, eu acho que é isso: ele era tão seguro da capacidade de reflexão, que não tinha ameaça pra ele. Não to endeusando não, mas acho que tinha esse elemento. E outra coisa: ouvia as pessoas. Hoje eu tô como vice-presidente da FIOCRUZ, claro que se você vai assumindo cargo de direção, e cada vez a tendência é ter mais certezas na vida, muitas vezes você sem perceber não ouve as pessoas. O Arouca ouvia as pessoas, isso era uma capacidade, uma característica importante dele. Ele dava atenção ao que se ouvia. Essa agregação era multifacetada do ponto de vista da característica dele. Além do que era um sujeito bem-humorado, também trabalhava com certa leveza, porque ninguém é de ferro! Não é todo mundo que trabalha assim – ainda mais sendo presidente da instituição.

Regina: Você ia falar também que esse temperamento dele também trazia umas coisas difíceis.

Ary: Muitas vezes não dava! Tudo tem limite. A gente falava: “olha, com essa daqui não dá...” “Ah, então vamos resolver...” E no final não conseguia resolver. Fragilizava-se diante daquilo: “pô, vou ter que tirar o sujeito daqui, vai significar uma perda pra pessoa”. Então esse ingrediente afetivo falava mais alto. [risos] Demitir era difícil. A não ser que houvesse uma coisa muito grave...

Regina: Contam uma história que a diretoria decidiu que alguém ia ser demitido, ele foi conversar com a pessoa, tava todo mundo esperando do lado de fora...

Ary: Era o cara da procuradoria, ele contou uma história uma história dramática, na verdade não era nem demitir, era tirar o cara da função dele, ele continuaria. Mas aí o sujeito conta a história de uma morte que teve na família, a mãe dele, uma coisa assim. Aí quando sai: “tinha demitido?” Não, tinha promovido o cara! [risos] Aconteciam essas coisas, era esse o jeito dele. Acho que tinha uns momentos em que a afetividade falava mais alto que qualquer outra coisa – até pautava decisões institucionais. Isso é bom ou ruim? Sei lá... Essa vida tão individualizada, mesquinha, tão pautada pelo consumismo, por essa desagregação toda que a gente está vivendo, esse é um ingrediente que tem que ser cada vez mais valorizado. Talvez não se valorizasse tanto na época. Depois que se acentuam todos esses problemas que a gente está vivendo, dramáticos na nossa sociedade, cada vez mais essa falta de solidariedade, o individualismo, a violência, essas coisas são fundamentais...

Regina: Havia um espírito de corpo, não é? A partir do Arouca...

Ary: É, ele era o elemento agregador disso tudo sim. Mas claro, não era só, era o conjunto das pessoas que estavam nesse projeto. É necessário registrar que, não só na concepção do projeto, mas também na implementação dele, na forma... Eu tava falando o negócio da leveza do trabalho, a gente cansava de dizer: “Arouca, hoje...” Uma pilha de processo pra despachar, tava atrasado. “Vamos fazer uma coisa? Vambora?” Pegava as coisas e íamos lá pra Niterói, pra Jurujuba, tinha um restaurantezinho lá de peixe. Aí passava de 1 da tarde até 8 da noite resolvendo as coisas de trabalho, despachando lá no restaurante, tomando chopp. Acabava aquilo, claro que continuava tomando mais. Pensando coisas de trabalho. Então a coisa fluía também desse jeito: “não tá dando, tá pesado aqui”, era uma retaguarda fundamental. O Arouca gostava de tomar *Old Eight*, aquele uísque horrroso! Ele tomava aquilo.

Helena: Ia pra Laranjeiras jogar sinuca.

Ary: A sinuca também... São coisas pequenas, mas dá idéia de como se trabalha com outro tipo de ambiente com essa característica. Eu tava me lembrando quando tinha lá o *Estação Laranjeiras*, era um barzinho que tinha na parte da frente mesas de sinuca oficiais, e tinha uma mesa reservada lá toda quarta-feira a partir das 6 horas da tarde. Aquilo era sagrado – a não ser que tivesse compromisso de trabalho, alguma viagem. A gente saía daqui, eu, ele, Mário Hamilton, (?) e algumas outras pessoas que eventualmente iam também, e era toda quarta-feira de 6 da tarde até a galera não conseguirmos mais acertar a bola porque tinha tomado muito! [risos] É um pouco isso,

na verdade você sai do trabalho e leva um pouco o trabalho pra uma situação dessas. Ali na discussão da sinuca lembrava: “ah, e aquele negócio...”

Regina: A gente está até tocando num ponto que o Guilherme está trazendo muito aí pro nosso trabalho que é a questão da amizade. Esse tema da amizade nas relações de vocês. Até o que inspirou esse trabalho que a gente está fazendo foi a amizade do Guilherme com o Arouca. Então me parece assim que não era só uma relação de trabalho *stricto sensu*, mas essa relação se extrapola...

Ary: Veja bem: todos nós viemos ao trabalho todo dia, às 8 horas da manhã, e tem uma relação com muita gente. Nem sempre isso se traduz em relação afetiva, em amizade. Ao contrário, às vezes gera inimizade. Esse processo talvez, por todas essas características, foi nos consolidando uma enorme amizade. Eu batizei a última filha dele, a Luna, a mais novinha. Mas isso leva também a um processo de convivência fora do trabalho, fora do partido, que a gente tinha bastante, de fim de semana encontrar, ir à casa de um, na casa de outro, fazer churrasquinho, tomar cerveja. E a cumplicidade, você acaba tendo um grau de intimidade, de revelar a sua vida mutuamente, e isso vai consolidando a amizade dessa maneira. Eu acho que a minha relação de amizade com ele veio em função desse processo: eu não era amigo dele antes. Ela se construiu, se estabeleceu, se desenvolveu a partir desse processo, da convivência, do trabalho no partido, mas com essas características. Porque eu tive ao longo da minha vida no partido quinhentas mil pessoas que eu convivi, mas nem todos eles se transformaram em meus amigos, não fiquei amigo deles nem eles meus. Vários ficamos, felizmente, mas a maior parte não, como é no trabalho também. Então eu acho que esses ingredientes todos da característica deles, da leveza, do respeito, do ouvir, da afetividade, eu acho que ela vai cultuando uma forma de vida que... Ainda bem que aconteceu.

Helena: E a gente tem percebido assim depois de mais de 50 depoimentos, que essa fala é recorrente: “o Arouca mudou minha vida”. [pausa]

Regina: Esse ponto que a Helena está falando é interessante. Muitas trajetórias pessoais foram profundamente afetadas pela trajetória do Arouca. O próprio Guilherme, a idéia de ele fazer essa memória do Arouca é porque com isso está construindo a memória dele. Ele foi afetado, o rumo da vida dele foi definido pela história do Arouca. Então a sensação que eu tenho falando assim com as pessoas é que era uma pessoa que... [pausa]

Ary: É. Por exemplo, eu vim pra FIOCRUZ pelas mãos dele, e tô aqui desde 85, há 20 anos. Realmente é uma instituição invejável pra se trabalhar, ao longo desses 100 ela se consolidou como uma instituição compromissada com a saúde pública brasileira, com uma capacidade de respostas, dentro das suas atribuições, indiscutíveis. E com tudo isso, com esse grau de agregação, de participação democrática, de participação coletiva, é muito bom trabalhar aqui. Muito bom. De vez em quando nós falamos isso. No dia-a-dia, claro, tem mil problemas, você se aborrece como em qualquer lugar, mas é fantástico, é um privilégio! Principalmente quando você olha o serviço público brasileiro de uma maneira geral. Mas é claro que essa trajetória da minha vida se dá em função de ter vindo pra cá convidado por ele, e o processo todo que se deu, a discussão, a consolidação, isso continuou depois dele, mas sempre de alguma maneira com a participação dele, mesmo depois que ele sai pra ser candidato à Vice-presidência da República com o Roberto Freire, e depois ele é eleito deputado federal em 90. Foi outra... Eu coordenei a campanha dele em 90, quando ele saiu pela primeira vez

candidato a deputado federal, na época eu tinha saído do PCB e ido pro PT. Em 1990, e eu fiz pressão também pra que ele fosse pro PT, mas ele... Ele fez uma trajetória dentro do PCB interessante. Ele nunca foi muito assim orgânico do PCB, era um sujeito que tinha notoriedade, que tinha militância, mas na vida dele como parlamentar, depois que ele assume a candidatura dele como vice-presidente e depois como deputado, ele passa a ter compromissos orgânicos com o partido muito mais fortes do que ele tinha antes! Na discussão que se tinha, que eu saí do PCB por discordar de uma série de coisas e achava que era o PT a alternativa que tinha pela esquerda, nós brigamos muito por causa disso e ele disse: “não, de jeito nenhum, eu vou ficar.” Eu falei: “tá bom, eu coordeno sua campanha assim mesmo.” Pra você ver como são as coisas... Eu estava dentro do PT, mas não era muito revelado isso. E a campanha era uma loucura, porque o Arouca era muito indisciplinado, ele deixava a gente muitas vezes em polvorosa naquela loucura dele! Furar coisas... Tinha reunião não sei aonde: “uma reunião em Macaé, em função da campanha”... Aí surgia um troço qualquer, e ele furava às vezes. E era uma loucura, porque eu ficava com a agenda aí eu chamava ele: “Arouca, olha, não dá mais pra furar! Quando você furar mais uma vez...” Porque quando o cara está em campanha, não adianta ir alguém representando. As pessoas querem discutir com o candidato, não é com a sua representação, não adianta o cara organizar um debate lá não sei aonde e o Arouca não pôde ir e mandou alguém que está na organização da campanha. Não existe isso: é o candidato ou não é nada! “Só pode furar compromisso se tiver uma justificativa muito convincente, aí eu vou lá explico, tudo bem. Senão, eu vou dar o troco...” Aí coçava aquela barba dele: “tá certo” [risos]. Aí furava! Quando furava, o cara ligava, e eu: “oh, o negócio é o seguinte, o Arouca pediu pra você ligar pra casa dele, mas você liga entre meia noite e 5 da manhã, porque nesse negócio de campanha, o cara tem que chegar tarde, sair cedo. O telefone vai tocar, se entrar secretária você tenta de novo...” Aí o cara ligava pra casa dele. No dia seguinte ele vinha: “pô!” E eu: “se furar outra vez, vou fazer isso! Vou falar pra ligar pra sua casa de novo!” [risos] E ele coçava aquela barba: “é...” Então tinha um pouco disso: ao mesmo tempo em que deixava a gente doído com essa coisa dele também, da informalidade, muitas vezes dos devaneios dele, quem tava na organização da campanha se arrebetava e ele quando levava o troco ele “encaixava” numa boa... A mesma coisa aí em cima no gabinete: marcava uma reunião, tomava uma decisão, daqui a pouco entravam na minha sala: “pô, se decidi isso, o Arouca disse que ia fazer isso, nada disso aconteceu!” Eu dizia: “olha, ele pediu pra você ir rápido lá na sala dele, vai lá, entra direto.” Aí o cara entrava, e daqui a pouco vinha o Arouca. E eu: “mas o acordo não é esse?” Então tinha essa coisa, essa convivência pactuada, e ele “encaixava” todas, não tinha essa... Ele exercia a autoridade dele como presidente pela competência dele, pela característica dele de agregar, de pensar, de conduzir. E quando ele estava errado ele “encaixava” todas sem nenhum problema.

Regina: Você se lembra de algum momento em que ele tenha ficado muito bravo, alguma situação de conflito...

Ary: Com ele? Nós estávamos uma vez numa reunião, não me lembro qual era o problema, com o diretor do Fernandes Figueira, e aí tava eu, o Sergipe, discutindo, a crise lá, eu não lembro qual era. Aí tava quase terminando a reunião, entra o Arouca (a reunião tava sendo na sala dele, eu me lembro disso), aí de repente começa a dar palpite e a conduzir o negócio pra um outro lado que não tinha nada a ver. Quer dizer, a gente já tava acertando o esquema, e ele ia desmontar tudo isso. Qual foi o esquema? Sai, fala com a Hermínia (a secretária) pra ela ir lá, tirar o Arouca de dentro da sala, dizer: “tem

alguém chamando lá fora”. Aí ele realmente sai: “peraí que eu vou lá fora e já volto”. E eu: “você vai ficar calado, cara!” [risos] Nós estávamos ali resolvendo aquele negócio a tarde inteira, já tava tudo acertado... Ele coçava aquela barbinha dele... Numa boa, sabe como é que é? Incorporava aquilo, assumia, depois falava: “é, tava fazendo merda mesmo!” [risos] Então ele tinha essa coisa – e era presidente! Então a pactuação, da coisa coletiva, não tinha nenhum problema, ele reconhecia o erro. Por que (eu acho)? Porque ele tinha essa firmeza, entendeu? A firmeza da capacidade de reflexão, de condução, muito inteligente. E ao mesmo tempo essa coisa afetiva, que permitia tudo isso, que dava pra...

Regina: Ary, o que você acha que tenha sido o maior legado do Arouca? O que ficou como legado?

Ary: É difícil falar num legado. É o que eu falei pra você: a gente tem ainda que estudar, não está feito isso...

Fita 1 – Lado B

Ary: ...depois ele se elegeu deputado federal na primeira, na segunda e ele não gostava daquilo. Não sei por quê. Acho que o Congresso é difícil, não é? Distanciava das pessoas, esse ingrediente afetivo aí não podia pulsar, acho que era por isso. Aquela vida cotidiana de parlamentar, enfiado dentro daquele Congresso, não permitia a ele trabalhar com esse grau de afetividade. Eu acho que ele era infeliz por causa disso no Congresso. Ele falava isso. Aquela frase que está estampada aqui em alguns pôsteres: “me sinto melhor como sanitarista da FIOCRUZ do que como político”. Esse “me sinto bem” na verdade queria dizer que ele não gostava dessa vida parlamentar. Eu estou convencido de que ele não se reelegeu... Aquela política estreita de alianças eleitorais que eles arranjaram que não deu coeficiente (acho que ele teve uns 50 mil votos), porque ele não queria mais ser deputado. Ele não gostava – apesar de ter feito uma bela gestão. Na questão do sangue... Ele brigou ali o tempo todo pra fazer avançar o Sistema Único de Saúde. Como parlamentar, colado na luta política maior, da democratização, das questões fundamentais da cidadania, da saúde pública e da FIOCRUZ (nunca deixou a FIOCRUZ).

Regina: O que eu queria dizer com legado não era a atuação política, era algo mais amplo...

Helena: Eu queria que o Ary comentasse um pouco sobre aquela votação da estabilidade do funcionalismo público, que teve outdoor falando mal do Arouca.

Regina: Quando ele votou pelo fim da estabilidade do funcionalismo...

Ary: Ahhhh...

Helena: Ele entrou numa discussão com idéias da cabeça dele, pensando algumas coisas. Mas na verdade, o efeito dessa votação foi que as pessoas se sentiram traídas, pessoas da geração dele...

Ary: O que aconteceu? Essa coisa da estabilidade tem que ver num contexto pra entender melhor. Havia dentro do serviço público, com o autoritarismo, às vezes o

sujeito era demitido por perseguição ideológica. Então todo esse clamor da sociedade que leva à busca da estabilidade foi pautado por isso: preservar as pessoas contra qualquer tipo de perseguição, seja ela racial, religiosa, ideológica, política, partidária. Então aquilo tomou uma dimensão no espírito de corpo do funcionalismo público muito grande! E tinha uma razão: pela escola autoritária. Só que depois você começa a pensar: não pode ser assim! Porque uma porção de vezes você tem uma porção de pessoas incompetentes, pessoas que não têm compromisso, pessoas com condutas éticas condenáveis, têm que ter uma flexibilidade pra não ter essas pessoas no serviço público. E aí a estabilidade acaba protegendo tudo isso. Então como você trabalha? Ao mesmo tempo em que preserva as pessoas independente de sua coloração ideológica, política, racial, você preserva a instituição – no sentido em que você tem que ter dentro dela pessoas comprometidas. Essa votação estava muito polarizada por essas duas coisas. Aí fica difícil! Quando você sai de um processo histórico onde a luta pela estabilidade se dava para preservar a coisa contra o autoritarismo, e você faz uma opção como essa, parece que você está traindo. Mas não é!

Helena: Aí ele foi recebido aqui no Rio de Janeiro com outdoor...

Ary: Pois é, mas aí não tem jeito! Quando você está na política tem essas coisas, e você tem que ter clareza em relação a isso. Essa opção se dá nesse processo. Hoje, se essa discussão fosse recolocada, talvez não tivesse um outdoor desses. Com a mesma opção, provavelmente não teria. Discute-se isso de outro jeito. Você tem um pouco a reconfiguração da discussão no corpo do funcionalismo público.

Helena: A gente pegou algumas opiniões nos depoimentos como se fosse um pouco um equívoco do Arouca.

Ary: Eu não diria assim não. Talvez o choque seja esse que eu estou colocando. Não necessariamente ela foi assimilada como essa opção. Aí tudo bem, faz parte.

Outro episódio interessante foi o negócio dos cassados. Na época da ditadura ela cassou aqui (todo mundo sabe) 10 pesquisadores, vários saíram do país, fecharam laboratórios: ficou conhecido como o *Massacre de Manguinhos*. Quando a gente fez a discussão interna aqui para a Presidência da FIOCRUZ, um dos compromissos que a gente colocou foi a reintegração dos cassados, como uma questão de honra. Estavam todos vivos na época, alguns foram contatados no exterior, vieram. Só não tinha como contratar! Porque não tinha vaga, não tinha concurso. O governo federal tinha disponibilizado um recurso em caráter excepcional pras pessoas que iriam trabalhar na campanha do dengue. Estava retornando – o *Aedes* tinha sido erradicado nas décadas de 50, 60. Era um contrato temporário, de um ano. Aí foi feita aquela articulação política enorme, Darcy Ribeiro, Chico Buarque, teve representação de peça do Brecht aqui na escadaria, uma arquibancada montada, milhares de pessoas, mídia nacional, televisão, jornal... Reintegrou-se os cassados com esse dinheiro, com esse recurso. Mas e aí? Depois de 11 meses... Qual foi a lógica? Você faz um evento com essa envergadura, assume a ousadia correspondendo a um compromisso assumido, e “agora quero ver quem vai cassar eles outra vez daqui a 11 meses”. Moral da história: ficaram todos aqui.

Regina: Quer dizer, dá uma visibilidade...

Ary: O que é interessante é a ousadia. Se poderia dizer: “isso é uma incoseqüência!” Podia ser visto assim. Como é que você remobiliza a vida dessas pessoas, algumas fora

do país em outras funções, vêm pra cá com esse compromisso assumido, e com um contrato tão frágil como esse? O dinheiro tinha sido liderado pro pessoal do combate à dengue por 11 meses...

Helena: Vai que dá errado?

Ary: Vai que dá errado? A “sacação” no sentido de transformar aquilo num grande ato político, no sentido da ressonância que teve, se colocando como parte da redemocratização da sociedade brasileira, como parte da reconstrução de uma discussão de ciência e tecnologia, da história da saúde pública... Com tudo isso, e o apoio político que teve, colocava sem dúvida uma questão irreversível – apesar da fragilidade do contrato.

Regina: O peso simbólico do ato...

Ary: Isso. Mas que tinha que se efetivar. Não podia “pagar um mico”, vamos dizer assim. Mobilizou tudo isso, as pessoas voltaram, e 11 meses depois “não tem mais dinheiro pra te pagar”. Então tem essas coisas.

Regina: Ary, eu acho que a gente poderia mais como uma finalização mesmo... Quando eu penso é que o Arouca vai formulando um projeto, desde os tempos de faculdade, com a sua tese, ele começa a gestar as suas idéias lá na juventude dele. E essas idéias vão ganhando força, como se ele tivesse um projeto que vai crescendo, e vem aquele momento áureo de fortalecimento das idéias dele, quando ele consegue congrega mais gente. Depois passa para a fase parlamentar, passa pela Constituinte, implantando a idéia de que “a saúde é dever do Estado e direito de todos”. Isso deságua no SUS. Eu fico pensando (não sei como você vê isso de dentro) até que ponto esse projeto é realmente vencedor? Ele consegue se institucionalizar, se firmar? E como você vê a perspectiva desse projeto hoje, no Estado brasileiro hoje?

[pausa por problemas técnicos na filmagem, comentários sobre a gravação e o projeto]

Regina: É que tem pessoas que vão pra lá, vem pra cá, e na trajetória do Arouca eu sinto que tinha assim um caminho...

Ary: É difícil isso, não é?

[Regina repete a pergunta anterior]

Ary: Deixa eu colocar algumas coisas também do próprio processo. É um “projeto vencedor”, esse fatalismo assim... É claro que teve conquistas fundamentais! Se você pensar que ele saiu de uma sociedade...

[pausa por problemas técnicos na filmagem, realocação das pessoas na sala]

Ary: Você havia perguntado se ao final desse processo todo, significou um projeto vencedor ou não. Claro que teve conquistas fundamentais, mas eu acho que tem que pensar como um processo mesmo, que um processo não termina nunca. Se a gente pensar que essa trajetória começa num momento em que o país está vivendo pesada ditadura militar, com todas as características que conhecemos, e ainda com um sistema

de saúde (como havia me referido antes) com um tom de exclusão perverso, o processo, se pegar do princípio da década de 70 pra cá (quando o Arouca termina a universidade, começa a vida profissional dele), as conquistas foram muitas! O Brasil se democratizou, ou seja, essa luta é parte desse processo. Ela não está centrada só na saúde pública, ela está colada entre poder construir um projeto de saúde pública que pudesse ser inclusivo, justo, democrático, e ao mesmo tempo uma sociedade que pudesse avançar também quanto à desigualdade, em direção ao socialismo. Isso estava colocado no ideário claramente. Atingir o socialismo. Nossas mazelas são muitas? São. Nós acentuamos em alguns aspectos a desigualdade? Sim. Mas também tivemos avanços importantes. A democratização do país está aí, é indiscutível. Do ponto de vista do projeto de saúde foi um processo interessante, que desde a época do CEBES, quando se construiu o primeiro documento, “Saúde e Democracia”, que fazia essa dobradinha, de que a gente só vai conseguir alcançar um sistema de saúde que supere os problemas que tem numa sociedade democrática: tanto é que o primeiro documento era “Saúde e Democracia”. A democracia é que é a base fundamental aonde vai se construir esse projeto. E aí nessa trajetória, depois que o Arouca assume a Presidência da FIOCRUZ e assume a Presidência da VIII Conferência Nacional de Saúde, que foi um momento, um marco referencial desse processo. As conferências de saúde eram feitas todas burocraticamente, dentro do aparelho de Estado, e aquela conferência inaugura uma nova forma de construir o projeto, que foi com a participação da sociedade organizada de uma maneira geral. Desde os profissionais em instituições representativas de categorias, como o CRM, o Conselho Regional de Farmácia e Enfermagem, todas as categorias da área de saúde, sindicatos de uma maneira geral, participação de CUT, todas as centrais. Enfim, tudo aquilo que existia de vivo na sociedade organizada e trabalhava pela saúde, movimento de reintegração dos hansenianos, enfim... A VIII Conferência foi um processo de mobilização da sociedade brasileira do qual todos os estados participaram, uma quantidade enorme de municípios, com o qual a sociedade organizada de maneira geral se envolveu. Se você pensar que está discutindo um projeto de saúde público... Sindicatos rurais do interior do Maranhão participaram! Na época eu fiquei três dias enfiado num convento lá discutindo com mais de 38 sindicatos rurais, naquele processo de preparação da VIII Conferência. Enfim, de tudo isso nasceu uma proposta que se consubstanciou claramente na Constituição brasileira de 88, depois reafirmada na Lei Orgânica de dezembro de 90, durante o governo do Collor. E um sistema que coloca princípios indiscutivelmente avançadíssimos em relação ao que a gente tinha: “saúde como direito de todos e dever do Estado”, a questão da universalidade, da superação da iniquidade, da descentralização, da participação social. A descentralização foi importante, uma nova racionalização na oferta. O que não significa que resolveu todas as mazelas, ao contrário! Já depois do processo de redemocratização, na XII, que o Arouca tava, ele discutia que era preciso fazer a “reforma da reforma”! Ou seja, a gente conseguiu avançar muito nesse sentido de superar a exclusão, você não tem mais um sistema com essa característica, mas ele tem ainda muita coisa que precisa ser superada! Ainda tem muita exclusão, ainda tem muita desumanização do serviço, tem ainda uma iniquidade grande com relação à oferta, com relação às regiões do Brasil. E é interessante que, nessa inquietação, ele colocava isso: “a gente tem que discutir a ‘reforma da reforma’”. Apesar de estar seriamente doente, ele assume a condução da XII como uma proposta de antecipação – porque era pra ele ter se realizado no ano seguinte. Decidiu se antecipar. E o que foi interessante também nesse processo é a coisa da inquietação do Arouca. Eu me lembro que já bastante doente, a gente visitando ele ficava fazendo sacanagem com ele tentando ajudar, aliviar aquela situação, fazendo piada, falando de sacanagem, lembrando da vida. Eu falei:

“Arouca, levanta daí, vamos sair, vou te levar pra *Outback*, você vai comer a carne que quiser. Vamos fazer isso?” “Vamos!” Aí num dia eu tava sozinho com ele, perguntando assim: “o que você mais gostaria?” A morte era uma coisa iminente, estava clara, é difícil, não é? “Qual era o seu desejo, nessa situação que você está vivendo?” Que impossibilitava de sair... Você espera que ele vá dar uma resposta assim de caráter de satisfação pessoal, naquele sofrimento horroroso que ele estava vivendo ali. E ele falou: “eu só queria mesmo organizar a XII Conferência.” É incrível! Ele naquela situação, a gente tomado por aquela angústia junto com ele, ele já sofrendo muito no final, tentando atenuar aquela coisa, e ele manda essa! A coisa do imprescindível, que está colocada na orelha do livro. Então isso aí é uma coisa impressionante, me lembro disso.

Noilton: Pode repetir isso?

Ary: Quando eu perguntava a ele: “nessa situação que você tá vivendo, o que você queria fazer? Qual é a sacanagem que você quer fazer? A gente sai, vamos fazer o que você quiser.” E ele: “o que eu queria mesmo era estar organizando a XII Conferência.” É impressionante. Era isso... [entrevistado se emociona]

Regina: É muito forte, porque é muito visceral. Eu acho interessante que a gente está tendo esse depoimento dos dois lados: do lado das meninas que contaram essa história, e o Ary contando. Porque a sensação que eu tenho é de uma pessoa que está realmente integrada àquele trabalho, tudo muito junto.

Ary: Parecia que não estava preocupado com o sofrimento, que era óbvio! Parecia que estava com o projeto na cabeça.

Regina: Uma coisa muito altruísta também.

Ary: Aquela coisa da idealização, o ideário está colocado sempre, sustenta as pessoas – se você tem uma utopia a ser perseguida.

Regina: Eu acho que você falou a palavra certa: “utopia”. Marca o Arouca e essa geração. Hoje se fala tanto: “é o fim das utopias”. Certo pragmatismo no ar, especialmente as novas gerações. Na universidade eu vejo muito os meninos assim. É a coisa da tecnologia, e acho que essa geração que lutou contra a ditadura, que construiu isso que está aí hoje, conseguiu a conquista democrática, que na verdade vai se fazendo todo dia, e ainda tem muito que fazer. Mas eu acho que era uma geração que acreditava muito nas utopias.

Ary: É verdade. E isso ficou presente até o final da vida dele. Mesmo depois da queda do muro, a década de 90 foi terrível! O esfacelamento de tudo, dos projetos socialistas, a recolocação com força do capitalismo. Ao mesmo tempo em que se recoloca com força traz as mazelas mais fortes também, mas a desesperança ficou muito grande! Você vê a juventude de hoje, é mais difícil você ter um elemento agregador, a busca pela utopia, e o Arouca conseguiu sustentar isso esse tempo todo, até o final da vida.

Regina: Ontem mesmo eu estava conversando com meu filho que está fazendo Geografia na PUC. Ele tem um professor marxista, e comentou que estava havendo um debate enorme com um grupo de alunos defendendo o capitalismo veementemente! Isso era impensável na época que a gente estudou, pelo menos nessa área de Humanas.

Ary: Os formadores de opinião, o pessoal que estava na luta política tinha a mesma posição. Não que todos os estudantes tivessem a mesma posição, mas aqueles que estavam mais engajados, que tinham mais vigor na participação política, trabalhavam na busca de uma sociedade alternativa a essa. Isso é indiscutível! Hoje eu acho que tem uma pasteurização maior, uma dificuldade de se compreender para onde se quer ir.

Regina: Eu acho que esse projeto aponta pra isso, continua apontando pra uma outra sociedade, pra uma outra organização social.

Ary: Eu acho também! [risos] Mesmo no campo da esquerda muita gente se desiludiu, muita gente mudou de posição. O sonho do socialismo, com todos os problemas da queda do muro, da denúncia do stalinismo, o malogro dos países socialistas, isso trouxe uma desesperança muito grande! Mas eu continuo acreditando nesse projeto.

Depoimento de Sebastião Loureiro em 03.2005

S: Eu sou o Sebastião Loureiro, sou professor da Universidade da Bahia, comecei no departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina, me formei aqui em Salvador, e conheci o Arouca quando fui fazer a residência em Medicina Preventiva em Ribeirão Preto. Eu fui um dos primeiros a residentes em Medicina Preventiva, existiam poucos cursos em Medicina Preventiva, existia um curso de Saúde Pública em São Paulo, mas nós achávamos que a orientação de Ribeirão Preto era melhor e aí eu resolvi fazer a residência lá ao invés do Mestrado em Saúde Pública. Bom, nessa época eu já estava envolvido com política estudantil, tinha sido o vice-presidente da União Nacional dos Estudantes de Medicina, já tinha vários contatos com militantes do partido comunista, porque nessa época desde a época de estudante que eu era filiado ao Partido Comunista Brasileiro, e tinha esses contatos através do Partido com pessoas de outros Estados, mas não conhecia ainda, não tinha nenhum contato com as pessoas de Ribeirão Preto, quando eu fui fazer residência lá em Ribeirão Preto eu fui indicado pra encontrar uma pessoa ligado ao Partido, e que através dele eu conheci todos os militantes do Partido de Ribeirão Preto além do meu trabalho lá como residente, quer dizer, tinha esse lado político também.

E: Vou só verificar se está gravando ou não.

S: Bom, desse tempo então em 65, eu cheguei em Ribeirão Preto em janeiro de 65, e conheci o grupo, mas digamos, era bem politizado, existiam pessoas bem politizadas em Ribeirão Preto; conheci não somente as que estavam na área da Medicina Preventiva, mas da Psiquiatria também, na Clínica Médica, da Pediatria, então tinha um grupo que a gente se encontrava, discutia, era uma época, 65 era uma época importante também, tinha acabado de entrar nesse Golpe Militar, e tinha todo um processo de mobilização ... foi importante esse encontro, quer dizer, a minha residência em Ribeirão Preto foi importante porque começou a fortalecer esses laços acadêmicos e políticos e que foi se conformando posteriormente com as pessoas que iam chegando, que iam se qualificando nessa área de se criar Núcleos de Medicina Preventiva em várias Faculdades de Medicina na realidade. Bom, esse ... eu creio que nesse processo, uma das pessoas mais importantes desse grupo que digamos afinava mais com as idéias políticas e com as perspectivas, digamos as estratégias de como avançar o Movimento na área da Saúde Pública, naquele tempo nós não usávamos muito o termo Saúde Coletiva, era o Sérgio Arouca, ele foi importante nesse momento lá dessa relação, ele ainda como estudante e eu como residente, mas havia um excelente entendimento, além do mais como amigo, eu acho que foi importante, ele, Ana, éramos ... tínhamos relações pessoais de amizade também que continuou durante muitos anos. Mas esse estabelecimento dessa rede foi uma coisa pensada, porque nós vivíamos numa situação de muita insegurança quanto à continuidade desse Movimento, e a estruturação desses Núcleos de Medicina Preventiva – pare um pouquinho aí, []. Então, eu falava de que essa estratégia que nós discutíamos, de certo modo, de criar esses Núcleos, fortalecer esses Núcleos, preparar gente pra ocupar posições, dentro das Faculdades de Medicina, porque corresponde a essa época um Movimento que na realidade surge nos Estados Unidos no momento da Medicina Preventiva, e que aqui no Brasil nós temos a Escola de Ribeirão Preto que foi um ponto importante nisso, Campinas, e aqui na Bahia existia um Núcleo inicial que era coordenado por Guilherme Rodrigues da Silva, então essa

idéia de preparar pessoas pra ir fortalecendo e estruturando esses Núcleos era muito ... uma defesa de possibilidade de intervenções, nesses da direita nesse processo e que se pudesse eventualmente as pessoas serem deslocadas para outros Centros, em que realmente aconteceu, inicialmente até com grupos ... quer dizer, tanto do Brasil como do exterior, como da Argentina, do Chile, do Uruguai, e muitos foram digamos acolhidos aqui nesse processo ... no Rio, na Bahia também, então isso eu hoje observando o desenvolvimento que o estudo de saúde coletiva hoje tem e buscando as origens porque digamos esse processo foi um processo positivo, crescente, estruturação, se tornou um Núcleo forte, academicamente, uma visão estratégica, eu acho que tem essa origem dessa rede política que se acoplou, quer dizer para integrar paralelamente à esse processo acadêmico (...)

E: Pode dar uma pausa.

S: Bom, então eu disse que a importância que tinha essa rede que está na moda agora, naquele tempo a gente não falava nesses termos, mas foi uma estratégia importante, aqui, eu acho que pra Bahia foi extremamente importante porque nós estávamos de certo modo um pouco isolados, devido ... se sabe que até hoje os Centros Acadêmicos, Centros de Pesquisa ainda tem dificuldades, eu acho até que agora tem um pouco mais do que naquela época, eu acho que essa coisa da competição que hoje torna até um pouco mais esses relacionamentos até mais difíceis, naquela época não era assim, havia uma solidariedade muito grande entre os Centros, nós éramos todos digamos, ainda, muito frágeis, muito vulneráveis, então todos nós era um apoiando o outro, e foi assim que nós crescemos aqui, o Departamento se firmou, passou uma época muito difícil que foi desde a saída de Guilherme pra São Paulo, ficaram poucas pessoas, depois da saída de Guilherme teve a questão lá com a saída de Duarte também, de José Duarte que foi o chefe do Departamento, por questões políticas com a Reitoria saiu pra Brasília e ficamos aqui um grupo de jovens, meninos, digamos, ainda a maioria estudantes que tinham feito, terminado o curso de Epidemiologia e talvez ainda pelo 4º, 5º período de Medicina que foram graças a um ... grande que nós tínhamos da Fundação Kellogg que eu consegui chamar esse grupo de pessoas dando bolsa de monitores e ...

E: Eu quero dizer que o Sebastião durante esse período era um resistente criativo, ele efetivamente assumiu a liderança nesse momento difícil do processo e durante todo esse tempo ele foi um batalhador pela sobrevivência do grupo e pelo desenvolvimento desse. Eu estou falando porque possa ser que as pessoas não saibam disso, então tem que ficar patente esse testemunho.

S: Então esse ... e a grande estratégia aqui foi trazer as pessoas que já estavam em outros Centros mais, um pouco mais avançados, um pouco mais estruturados eu diria e que tivemos um intercâmbio muito grande, e esse intercâmbio só foi possível, isso eu tenho certeza porque existiu esse processo político, o processo acadêmico e o processo da solidariedade que era dado pelas relações entre as pessoas que eram relações mais de afeto, eram relações mais de amizade mesmo, eu acho que essa é importante, então as pessoas vinham pra fazer uma, dar um curso aqui como o Arouca, a Cecília, Mandel, o Ézio, vinham todos aqui mais era por que? Porque existiam esses três pilares dessa rede, eu acho que o interesse acadêmico, se via que eram jovens interessados em aprender, em avançar a questão do planejamento, da Epidemiologia, da Sociologia; eram ao mesmo tempo pessoas engajadas politicamente, pessoas que participavam de movimentos sociais, como Sebes inicialmente, depois Abrasco, e tinha essa relação

afetuosa entre as pessoas, que eu acho que valia muito a pena. Então nesse ponto eu queria ressaltar essa generosidade do Sérgio nisso, era uma pessoa muito generosa no sentido de que ele reforçava muito esse aspecto “nós temos que fazer”, ao lado do aspecto digamos político, estratégico da coisa, mas tinha esse lado também, não, somos pessoas amigas, são pessoas que precisam, e nós temos que apoiar no desenvolvimento disso. Então a estratégia aqui foi com esse apoio e também botar aqueles meninos pra fazer curso fora, no Exterior, pra se formar, se capacitar e voltarem pra assumirem posições, disciplinas, ensino do Departamento de Medicina Preventiva.

E: Bom, uma pausa aí [].

S: Também é importante salientar que aqui a contribuição que o Sérgio teve muito foi na concepção mesmo, desde o início, nas discussões do próprio programa de pós-graduação aqui, que nós chamávamos de Pós-graduação em Saúde Coletiva, esse programa, ele teve, tinha uma repercussão e tinha uma importância do ponto de vista acadêmico, do ponto de vista político maior do que o Departamento de Medicina Preventiva onde formalmente, institucionalmente todos nós pertencíamos na Faculdade de Medicina. Nessa questão da Pós-graduação é importante colocar que era um espaço mais livre pra um pensamento, livre para novas experiências, era o espaço onde pessoas de outras, de outros países vinham com frequência fazer Seminário porque o espaço do Departamento era um espaço mais institucionalizado, esse, como nós organizamos aqui o Programa de Pós-graduação ele era um espaço mais aberto, inclusive nós dizíamos que a gente tinha um processo formal junto a Pós-graduação e tinha o real que era aonde nós fazíamos as nossas inovações do ponto de vista pedagógico, do ponto de vista de, até o processo seletivo mesmo para os estudantes, nós tínhamos critérios que não eram aqueles mais formais, mais que tinham alguns outros princípios, outras razões que muitas vezes não eram tão objetivas, mas que no final eu acho que produziram um bom resultado, e essas questões eram discutidas também, não eram só a decisão de uma pessoa, era discutido assim com várias pessoas que faziam parte desse movimento a nível nacional, porque nós, a nossa estratégia era selecionar pessoas, selecionar quadros para ocupar essas posições nos Departamentos das Universidades e que ela aliasse o seu bom conhecimento científico ao lado de uma militância política, então é claro que não era nenhum sectarismo, mas existia todo um processo de critérios que iam puramente, iam além do mérito acadêmico, então esse, todos os grupos que estavam envolvidos nesse processo isso era um princípio aceito eticamente, não existia nenhuma discussão se essa era uma prática era uma prática não ética, justificável do ponto de vista político, então houve com isso uma abertura grande e houve a possibilidade de crescimento desse Programa de Pós-graduação. É importante também salientar a participação de pessoas de outras Universidades, acho que nesse processo essa integração latino-americana digamos, ela é muito mais importante, mais presente do que é no momento, quer dizer, nós tínhamos relações muito fortes com países como México, Argentina, Chile, e talvez pelo fato de que todos esses países na América Latina também viviam situações políticas muitas vezes desfavoráveis e que procuravam apoiar diversos Programas e também vale salientar que tiveram pessoas que fizeram o papel de integradores desse movimento, e aí valeria a pena falar em Juan César Garcia que teve um papel importante nessa articulação do movimento a nível da América Latina. Nós participamos desse processo, participamos da Associação Latino-Americana, fui Presidente da Associação Latino-Americana de Medicina Social e de certo modo impulsionamos também esse processo e buscamos essa integração e nesse ponto o Sérgio também tinha um papel muito importante, era uma pessoa que participava de

todas essas discussões estratégicas nesse processo, era uma pessoa muito ouvida e era, dava uma colaboração importante nesse, para encontrar direcionamento, políticas, estratégias, de modo a fortalecer o conjunto desse Movimento na América Latina. Também internamente eu já falei um pouco do Sebes, a importância que teve o Sebes, que o Sebes não se aglutinava com esse momento político – quer ver a fita?

E: Eu fico com medo dessa coisa ... meu Deus, que coisa mais difícil.

S: Você já botou pra parar?

E: Botei, botei.

S: Agora pra abrir você tem que ...

Discurso de Paulo Marchiori Buss na inauguração da estátua de Arouca na FIOCRUZ em 26.08.2005

Paulo Buss: Bom dia a todos, Ministro Saraiva, Lúcia Souto (companheira do Arouca), Pedro, meninas, a netinha. Criança tem uma intuição, ela veio logo brincar na perna do avô. Eu vou dizer muito poucas coisas, porque eu já começo a ficar mal aqui [emocionado]... Vai ser uma alegria muito grande para mim (e para todos nós, podem ter certeza) subir essa rampa para chegar ao Castelo e me deparar com o Arouca todas as vezes que subir. Com a estátua do Arouca e com esse pé de jabuticaba que foi plantado aqui e que ele tanto gostava, no dia em que o Sérgio se foi, logo depois da morte dele. Eu não tenho palavras para dizer que o caminho aberto pelo Arouca de uma visão democrática e participativa em 1985, logo com a redemocratização desse país, criou um modelo de gestão que é absolutamente contemporâneo. Vinte anos depois nós encontramos grandes corporações privadas e poucos órgãos públicos fazendo exatamente isso, desenvolvendo o modelo que o Arouca, com a ajuda do Luís Fernando, do Arlindo, de todo um conjunto de pessoas que estava próximo a ele, trouxe como um modelo de gestão aqui para a FIOCRUZ. Uma gestão que deu certo, porque eu olhava nessa semana o número de órgãos públicos em greve, as dificuldades que os órgãos públicos estão passando, as enormes dificuldades que a gente verifica no Estado, no governo hoje, e a FIOCRUZ graças a esse modelo participativo, a um esforço que deu continuidade ao processo que a gente aprendeu aqui com o Arouca, depois continuado por Morel, etc.... Esse modelo mostrou que nós tínhamos no Arouca um visionário, um grande gestor, porque um grande gestor não é aquele que faz as contas certinhas, soma, multiplica, divide. É quem tem uma grande visão de futuro, é quem consegue vislumbrar os caminhos que uma instituição deve trilhar e que saiba mobilizar, saiba carregar todas as pessoas de uma forma apaixonada como o Arouca fazia, para essa senda de líder que o Arouca foi, especialmente naquele momento. Então eu me sinto hoje na Presidência da FIOCRUZ com uma alegria extraordinária de poder homenagear o meu professor, meu amigo Sérgio Arouca e, sobretudo, um exemplo para nós de uma administração íntegra, ética, comprometida com a saúde dos brasileiros, comprometida com os servidores, acreditando que servidor público vale a pena, é importante. São essas mensagens. E mais: a forma afetuosa, carinhosa, acolhedora com a qual o Arouca fazia as coisas aqui na FIOCRUZ, com a qual ele se relacionava com as pessoas. Eu não esqueço a forma com a qual ele tratava todas as pessoas que ele encontrava pelo caminho até chegar aqui. Aquele sorriso maroto que o Sérgio sempre tinha... Eu tenho muito pouca coisa para dizer, além disso, só gostaria de dizer: “Sérgio, vai ser pra mim uma coisa muito feliz eu poder subir pra ocupar a cadeira que você ocupou com tanto brilho, e poder encontrar você nos acenando com esse jeito magnífico que você sempre teve.” Muito obrigado.

Cronologia da Trajetória de Sérgio Arouca

A seguir apresentamos a cronologia desenvolvida pelo Projeto, relacionada à trajetória de Sérgio Arouca. A partir dela, que divide a trajetória de Arouca em fases, pautamos a metodologia empregada no trabalho. Assim, o período deste relatório compreende as fases 4 e 5 (“Mudança para o Rio de Janeiro e Nicarágua” e “FIOCRUZ e Secretaria Estadual de Saúde”). É necessário ressaltar que a cronologia apresentada está em constante atualização, tratando-se de uma “obra aberta”.

PROJETO MEMÓRIA SÉRGIO AROUCA

CRONOLOGIA (EM CONSTRUÇÃO):

Atualizada em 14.09.05

FASE I: Infância e Adolescência em Ribeirão Preto.	1941	Em 20 de agosto, nasce, em Ribeirão Preto (SP), Antônio Sérgio da Silva Arouca, filho de José Pereira Arouca (funcionário da Caixa Econômica estadual) e de Alzira da Silva Arouca (dona de casa), e irmão mais novo de José Carlos da Silva Arouca.
	1956	Primeiros pronunciamentos no “parlamento estudantil”, prática organizada por um professor do ensino secundário que organizava os alunos em uma espécie de tribunal que debatia e julgava a trajetória de personagens históricos brasileiros. Filia-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). <i>O encontro do estudante com a política partidária ocorreu por conta do “parlamento estudantil”, que em uma de suas edições teve como convidado um jornalista que militava no Partido Comunista de Ribeirão Preto e discorreu sobre as tensões provocadas pelas mudanças nas relações de trabalho no campo. (...) O relacionamento o levou a entrar para o PCB aos 15 anos e a desenvolver, para o partido, um trabalho de militância na área rural do município [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca. P. 6 da matéria].</i>
	1959	Presta vestibular para o curso de graduação em Medicina da Universidade de São Paulo (USP), no <i>campus</i> de Ribeirão Preto (SP). É aprovado.

<p style="text-align: center;">FASE II: Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto</p>	1960	Ingressa no curso de graduação em Medicina da Universidade de São Paulo (USP), no <i>campus</i> de Ribeirão Preto (SP). <i>A faculdade de medicina da Universidade de São Paulo (USP), sonhada e criada por Zeferino Vaz em 1952, causou um grande impacto em Ribeirão Preto e passou a seduzir os jovens ainda no ginásio. Em 1960, quando Arouca passou a freqüentar as suas aulas, ela era a única possibilidade de fazer um curso de nível superior na cidade (...). Militante comunista, sentindo-se m corpo estranho na faculdade, tomou enfim uma decisão: trancou matrícula e se dirigiu para São Paulo, onde o irmão cursava direito. “E com o que vi no curso de direito voltei para Ribeirão”, contou Arouca, rindo com a lembrança” [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca. pp. 6-7 da matéria].</i>
	1961	Começa a atuar no Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto, e também no Centro Popular de Cultura (CPC) da USP.
	1962	Junto com Anamaria Tambellini disputa e ganha as eleições para a diretoria do centro acadêmico, estando seus projetos vinculados ao PCB.
	1965	Torna-se secretário municipal de Organização do PCB. Nos anos seguintes, se manteria alinhado às posições políticas do partido: enfrentamento pacífico à ditadura, através de ampla política de alianças.
	1966	Conclui o curso de graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP).

FASE III: Campinas	1967	<p>Torna-se professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade de Campinas (UNICAMP) onde foi um dos fundadores do Grupo de Ciências Sociais de Saúde.</p> <p>Integra a Liga Brasileira de Combate à Doença de Chagas na UNICAMP. <i>Torna-se professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Unicamp, a convite de Zeferino Vaz – os caminhos de ambos voltaram a se cruzar. O construtor de universidades [Zeferino Vaz] fazia nascer mais uma, agora em Campinas. Ainda naquela década Arouca participaria da criação da Liga Brasileira de Combate à Doença de Chagas e fundaria o Grupo de Ciências Sociais da Saúde da Unicamp. (...) O departamento ganha dimensão nacional pela abordagem da medicina preventiva e da questão do coletivo, fazendo uma análise marxista da saúde [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca. P. 8 da matéria].</i></p> <p>Ingressa no curso de doutorado em Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP).</p>
	1968	Arouca e Anamaria Tambellini se casam.
	1969	Arouca faz um curso de especialização em Saúde Pública na USP.
	1971	<p>Torna-se consultor da Organização Panamericana de Saúde (OPAS). Nos anos seguintes, representaria o Brasil no Comitê Assessor de Investigações para a América Latina da entidade. Nesta condição, desempenharia funções no México, Estados Unidos e Colômbia (1972), e no Peru, Honduras e Costa Rica (1973).</p> <p>Participa da organização de um centro de medicina comunitária em Paulínea (SP), ligado à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP). Esse centro tornou-se mais tarde uma das referências para a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).</p>
	1974	<p>Ingressa no curso de pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (UNICAMP).</p> <p>Arouca e seu grupo começam a enfrentar dificuldades com a direção da UNICAMP encabeçada por Zeferino Vaz.</p> <p>Conclui sua tese de doutorado intitulada <i>O Dilema Preventivista: Contribuição para a Compreensão e Crítica da Medicina Preventiva</i>.</p> <p>Arouca é proibido de defender sua tese na universidade.</p>
1975	<p>Perseguido pela ditadura militar, deixa suas atividades na universidade e sai de Campinas.</p> <p>A tese de Sérgio Arouca é defendida no dia 23 de Julho deste ano.</p>	

FASE IV:

Mudança para o Rio de Janeiro e Nicarágua

1976	<p>Vai para o Rio de Janeiro com a proposta de integrar-se ao instituto de Medicina Social da UERJ. Ao chegar ao Rio, desiste do projeto IMS e ingressa no Programa de Estudos Socioeconômicos em Saúde (PESES), financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), e ligado à Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Com financiamento da FINEP, Sérgio Góes e Eduardo Costa criam o PEPPE — Programa de Estudos de Pesquisas Populacionais e Epidemiológicas e o PESES. Arouca assume a liderança do PESES e Eduardo Costa do PEPPE.</p> <p>Fundação do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES) como instituição de coordenação dos eventos médico-sociais (mesas-redondas, debates, reuniões) realizados em todo o país sobre o setor saúde e como meio de divulgação de suas conclusões através da revista <i>Saúde em Debate</i>.</p> <p>Separa-se de Anamaria Tambellini.</p>
1978	<p>Quando o PESES vai se aproximando do final, Arouca presta concurso e consegue uma vaga de professor titular de Planejamento na ENSP.</p> <p>Os “altos escalões intelectuais” do CEBES formam o “Projeto Andrômeda”. Em suas reuniões, definiam estratégias de atuação e de consolidação nos espaços institucionais. Nenhum projeto foi formulado, embora tenha havido concordâncias quanto a algumas estratégias. No mesmo ano, vem ao Brasil o médico e político italiano Giovanni Berlinguer para falar sobre o processo de construção da Reforma Sanitária italiana. Surge no Brasil o conceito de Reforma Sanitária.</p>
1979	<p>Casa-se com Sarah Escorel.</p> <p>É um dos fundadores da Associação Internacional de Políticas de Saúde.</p> <p>Torna-se presidente do CEBES.</p> <p>O núcleo do CEBES em Brasília destaca-se por sua atuação parlamentar. Em virtude de sua localização, especializa-se nesse espaço e fortalece-se quando uma série de quadros técnicos se desloca para o Distrito Federal para trabalhar no PIASS, no PPREPS e, a partir de 1979, nos ministérios. Assessora parlamentares progressistas da Comissão de Saúde, que se revitaliza, iniciando uma fase mais combativa e presente no cenário nacional. O resultado é o I Simpósio sobre Política Nacional de Saúde, organizado pela Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados e realizado entre 9 e 12 de outubro de 1979. Nele, o CEBES apresenta o documento “A Questão Democrática na Área da Saúde”, que se tornou resolução oficial do encontro.</p>

	1980	Transfere-se para a Nicarágua, onde trabalha como consultor da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) no programa de governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), visando à reorganização do sistema de saúde do país.
	1982	De volta ao Brasil, retorna ao Departamento de Administração e Planejamento em Saúde (DAPS) da ENSP da FIOCRUZ, e torna-se chefe do departamento.

FASE V: FIOCRUZ, Secretaria Estadual de Saúde	1985	<p><i>Sérgio Arouca foi indicado à Presidência da FIOCRUZ por um movimento da comunidade de Manguinhos, por uma frente suprapartidária, reforçada pelo então secretário-geral do Ministério da Saúde, Eleutério Rodriguez Neto, e pela médica sanitária Fabíola Aguiar Nunes. Esse movimento ultrapassou as fronteiras da Fundação e tornou-se um movimento nacional, conseguindo a nomeação para presidente da instituição em 3 de maio de 1985 (...) Durante a sua gestão, Arouca preocupou-se com a democratização da FIOCRUZ, recuperando a associação de funcionários e promovendo eleições diretas para a sua diretoria. Modernizou a administração, estabelecendo mecanismos de gestão colegiada e participativa e nomeando diretores eleitos pelas unidades. Criou o Conselho Deliberativo da FIOCRUZ como instância máxima de poder [Fonte: Revista de Manguinhos especial Sérgio Arouca, p. 4 da matéria].</i></p> <p>No princípio de sua gestão como presidente da FIOCRUZ, promove o retorno dos 11 cientistas que haviam sido expulsos da instituição durante a ditadura. Inicia diversas transformações na FIOCRUZ, como a instituição de seu congresso interno, a criação do Politécnico, da Casa de Oswaldo Cruz, entre outras.</p>
	1986	<p>Preside, em Brasília, a 8ª Conferência Nacional de Saúde que, pela primeira vez, contou com a participação dos usuários dos serviços de saúde.</p> <p>Exerce o cargo de consultor da Organização Mundial de Saúde (OMS).</p>
	1987	<p>Com a eleição de Moreira Franco para o Governo do Estado do Rio de Janeiro, é nomeado secretário Estadual de Saúde. É pressionado a deixar a presidência da FIOCRUZ por conta disso, mas permanece exercendo as duas funções.</p> <p>Arouca recebe a visita do Presidente de Portugal, Mario Soares, à Fundação Oswaldo Cruz, selando o acordo de cooperação científica entre Brasil e Portugal.</p>

	1988	<p>Afasta-se da administração estadual.</p> <p>Na Constituinte, Arouca participa ativamente como representante da sociedade civil, intervindo na confecção do capítulo de saúde da Constituição. As propostas expostas na VIII Conferência Nacional de Saúde, tendo Sérgio Arouca como uma das lideranças desejosas de uma ampla reforma sanitária, acabam por serem contempladas pela Assembléia Nacional Constituinte e, assim, garantem a criação do Sistema Único de Saúde (SUS).</p>
--	------	---

FASE VI: Parlamentar, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde	1989	Afasta-se da presidência da FIOCRUZ para candidatar-se a vice-presidente da República na chapa do PCB encabeçada por Roberto Freire.
	1990	<p>É eleito deputado federal do Estado do Rio de Janeiro pelo PCB, com cerca de 94.000 votos.</p> <p>Arouca recebe a visita do Presidente de Cuba, Fidel Castro, à Fundação Oswaldo Cruz, para uma palestra sobre as transformações do sistema de saúde depois da revolução cubana.</p>
	1991	<p>Empossado no cargo de deputado federal, torna-se membro da Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados.</p> <p>Participa do Fórum Socialista, realizado no Rio de Janeiro, como discussão preparatória ao IX Congresso Nacional do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Neste Congresso, torna-se vice-presidente do PCB.</p>
	1992	<p>É um dos fundadores do Partido Popular Socialista (PPS). Torna-se seu presidente regional (RJ), e vice-presidente nacional do partido.</p> <p>Vota a favor do <i>impeachment</i> do presidente Fernando Collor.</p> <p>Candidata-se à vice-prefeito da cidade do Rio de Janeiro em chapa encabeçada por Benedita da Silva (PT). Foram derrotados no segundo turno pelo candidato do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), César Maia.</p>

1994	<p>Vota a favor da criação do Fundo Social de Emergência (FSE) instituído como fonte de financiamento para o projeto de estabilização econômica do governo Itamar Franco (1992-1994) que ficou conhecido como Plano Real.</p> <p>Ainda em seu mandato como deputado federal, requer ao Tribunal de Contas da União (TCU) uma auditoria para apurar o suposto desvio de 49,8% nas despesas do Fundo Social de Emergência (FSE), que deveria ser destinado exclusivamente à área social. Além disso, foi contrário ao fim do voto obrigatório e a favor da instituição do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF), que também veio a servir no financiamento ao Plano Real.</p> <p>Em novembro é reeleito deputado federal do Rio de Janeiro pelo PPS, com 42.717 votos.</p>
1995	<p>Reeleito, passa a integrar a Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara. Como líder do seu partido na Câmara foi novamente indicado para integrar a Comissão de Seguridade Social e Família.</p> <p>Mesmo sendo contrário a paralisação, apresenta na Câmara dos Deputados um projeto de anistia a todos os trabalhadores que haviam sido demitidos pela participação na greve nacional dos petroleiros que exigiam reajuste salarial e manutenção do monopólio estatal no setor. Essa greve não atinge os seus objetivos.</p> <p>Propõe uma emenda constitucional autorizando as universidades e os institutos de pesquisa brasileiros a contratar professores estrangeiros mediante concurso público. Com apoio quase unânime do Congresso Nacional, o projeto também concedeu às instituições o direito de elegerem dirigentes e de administrar seus próprios recursos.</p> <p>Nas votações das emendas constitucionais propostas pelo governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), vota a favor da quebra do monopólio dos governos estaduais na distribuição de gás canalizado, da abertura da navegação de cabotagem às embarcações estrangeiras, da revisão do conceito de empresa nacional e da prorrogação do Fundo de Estabilização Fiscal (FEF), substituto do antigo Fundo Social de Emergência (FSE). Foi contrário, no entanto, ao fim do monopólio estatal sobre as telecomunicações e na exploração do petróleo pela Petrobrás.</p>

1996	<p>Com a desistência do ex-deputado Marcelo Cerqueira, é escolhido para ser o candidato do Partido Popular Socialista (PPS) à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, contou com o apoio do Partido Verde (PV).</p> <p>Apresenta requerimento à Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados solicitando uma auditoria financeira em todas as entidades de saúde do país financiadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e especializadas no tratamento de idosos e de portadores de doenças crônicas e mentais. O pedido foi feito em consequência da morte de 98 pacientes na clínica geriátrica Santa Genoveva, no Rio de Janeiro.</p> <p>Vota a favor da instituição da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), imposto que veio a substituir o Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF).</p> <p>Obteve votação inexpressiva na disputa pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. No segundo turno, manifestou apoio à candidatura de Luís Paulo Conde, do Partido da Frente Liberal (PFL).</p>
1997	<p>Vota a favor da emenda do governo que institui o direito de reeleição para prefeitos, governadores e presidente da República.</p> <p>Vota contra o projeto do governo que previa o fim da estabilidade no funcionalismo público e contra a adoção de um limite máximo para as aposentadorias do setor público e a instituição da idade mínima e do tempo de contribuição como critérios de cálculo na concessão de aposentadorias do setor privado.</p>
1998	<p>Candidata-se à reeleição para deputado federal pelo Partido Popular Socialista (PPS), mas não obtém êxito, apesar dos 31.531 votos recebidos.</p>
2000	<p>É convidado pelo prefeito eleito do Rio de Janeiro, César Maia, para assumir a Secretaria Municipal de Saúde.</p>
2001	<p>Assume a Secretaria Municipal da cidade do Rio de Janeiro na administração César Maia.</p> <p>É afastado da Secretaria Municipal da cidade do Rio de Janeiro.</p>
2002	<p>Descobre que sofre de uma metástase hepática no cólon do intestino.</p> <p>Arouca coordena o programa de saúde de Ciro Gomes (PPS) nas eleições deste ano e no segundo turno, se incorpora na campanha de Lula.</p>

	2003	<p>Assume em janeiro a Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde. É nomeado para a coordenação-geral da 12ª Conferência Nacional de Saúde e para ser representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 2 de agosto, aos 62 anos incompletos, morre Antônio Sérgio da Silva Arouca. Em homenagem pelo falecimento de Sérgio Arouca, a 12ª Conferência Nacional de Saúde passou a chamar-se Conferência Sérgio Arouca.</p>
--	------	--